

IV CICLO DE DEBATES EM ESTUDOS OLÍMPICOS E PARAOLÍMPICOS

*Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016:
a mídia, os profissionais e os espectadores*

VOLUME 1

PORTUGUESE AND ENGLISH CHAPTERS

AILTON FERNANDO SANTANA DE OLIVEIRA
MARCELO DE CASTRO HAIACHI
(ORGANIZADORES)



EDISE

IV CICLO DE DEBATES EM ESTUDOS OLÍMPICOS E PARAOLÍMPICOS

Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016:
a mídia, os profissionais e os espectadores

VOLUME 1



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Jackson Barreto de Lima

Vice-Governador

Belivaldo Chagas

Secretário de Estado do Governo

Benedito de Figueiredo



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Administrativo-Financeiro

Filadelfo Alexandre Silva Costa

Diretor Industrial

Milton Alves



Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Antônio Amaral Cavalcante

Cristiano de Jesus Ferronato

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

Ailton Fernando Santana de Oliveira
Marcelo de Castro Haiachi
(Organizadores)

IV CICLO DE DEBATES EM
ESTUDOS OLÍMPICOS
E PARAOLÍMPICOS

Diferentes olhares sobre os Jogos Rio
2016: a mídia, os profissionais e os
espectadores

Copyright©2018 by Ailton Fernando Santana de Oliveira & Marcelo de Castro Haiachi

CAPA

Liz Carolina Carvalho Barros

DIAGRAMAÇÃO

Cícero Guimarães

REVISÃO

Randeanthony da Conceição do Nascimento

PRÉ-IMPRESSÃO

Marcos Nascimento

Catálogo na publicação elaborada pela Bibliotecária

Neide Maria J. Zaninelli - CRB-9/ 884

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C568d Ciclo de Debates em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos (4.: 2018: Aracaju- SE).

Diferentes olhares sobre os jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. / Organização Ailton Fernando Santana de Oliveira e Marcelo de Castro Haiachi. / – Aracaju : Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2018. 474p.:il.; 22 cm.
v.1

ISBN : 978-85-63318-96-1

1. Jogos Olímpicos. 2. Jogos Paraolímpicos. 3. Megaeventos esportivos. 4. Mídia. 5. Profissionais. I. Oliveira, Ailton Fernando Santana de. II. Haiachi, Marcelo de Castro. III. Título.

CDU 796.032.2

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE

Rua Propriá, 227 - Centro
49010-020 - Aracaju - Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7400 / 3205 7421
edise@segrase.se.gov.br



**SECRETARIA DO ESTADO DE ESPORTE, LAZER
E DA JUVENTUDE**

Governador
Jackson Barreto de Lima

Vice-Governador
Belivaldo Chagas

Secretário de Estado do Governo
Benedito de Figueiredo

Secretario do Estado de Esporte, Lazer e Juventude
Antônio Hora Filho

Diretoria Administrativa e Financeira
Diego de Almeida Matos

Diretoria da Juventude (DIJUV)
Fredson Santos Santana

Diretoria de Esporte e Lazer
Mariana Dantas Mendonça Góis

Diretoria de Praças Esportivas
José Glenysson Mendonça Cruz

Comissão Científica

Prof. Dr. Antonio Mussino (UNIROMA/ITA)

Prof. Dr. Ailton Fernando Santana de Oliveira (UFS/BRA)

Prof. Dr. Décio Roberto Calegari (UEM/BRA)

Prof. Dr. Gylton Brandão DaMatta (DWS/USA)

Prof. Dr. Jim Perry (CUNI/CZE)

Prof. Dr. Lamartine Pereira da Costa (UERJ/BRA)

Prof. Dr. Silvestre Cirilo dos Santos Neto (GPEOP/BRA)

Prof. Dr. Marcos Bezerra de Almeida (UFS/BRA)

Prof. Dr. Afranio de Andrade Bastos (UFS/BRA)

Equipe de Revisores

Coordenação: Randeantony da Conceição do Nascimento

Revisores: Júlio Brugnara de Mello; Sarah Cristina Monte Canuto;

Polama Yara da Silva Pereira

NORMAS DE SUBMISSÃO DOS TRABALHOS

Todos os capítulos submetidos foram avaliados por ao menos dois revisores com experiência e competência profissional na respectiva área do trabalho e que emitiram parecer fundamentado, os quais serão utilizados pelos organizadores para decidir sobre a aceitação do mesmo. Os critérios de avaliação dos capítulos incluem: originalidade, contribuição para o conhecimento na área, adequação metodológica, clareza e atualidade. Os capítulos aceitos para publicação poderão sofrer revisões editoriais para facilitar sua clareza e entendimento sem alterar seu conteúdo. Os artigos foram entregues em fev/2017.

O conteúdo dos capítulos é de responsabilidade dos autores, não tendo os organizadores, nem a editora nenhuma responsabilidade sobre os mesmos.

Este livro ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita da Editora. Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1090, adotado no Brasil em 2009.

APRESENTAÇÃO

O esporte é desde tempos remotos uma atração mágica que provoca a explosão dos mais diversos sentimentos tanto em quem o pratica, quanto em seus espectadores e fãs. Ele dá sentido à vida de milhões de pessoas em todo o mundo e, ao mesmo tempo, provoca sentimentos sem explicações racionais, pela magia que consegue exercer na vida das pessoas e, o maior desses sentimentos é o amor.

Amor por uma modalidade esportiva, por um time, por uma equipe que mexe e lhe vira do avesso, mudando do amor à intolerância, das lágrimas à explosão, dos sorrisos e gritos de euforia à tristeza, enfim, o esporte é uma paixão nacional que independe de classes sociais, de crenças religiosas, cultura, de profissão ou de qualquer outra diferença das que fazem a diversidade cultural. E como funciona essa engenhosa máquina esportiva capaz de hipnotizar o mundo em frente de seus televisores, por horas e ainda provocar diálogos infinitos sobre todas as jogadas e lances?

O que chega a população é o grande espetáculo, sempre o resultado de um trabalho minucioso, cuidadoso feito nos bastidores que, envolve uma gama de técnicos e profissionais de todas as áreas, considerando a grandeza, proporções e metas a serem atingidas. Entender como funciona a construção de um evento esportivo, ou de um megaevento como foram os Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016, realizados no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, requer um olhar mais atento que observe e perceba a relevância do trabalho desenvolvido pelo mais simples ao mais qualificado profissional nele envolvido, para assim, ser possível entender toda a engrenagem que faz funcionar a grande e fantástica máquina esportiva, no cenário brasileiro e mundial.

O Governo do Estado de Sergipe, através da Secretaria do Estado de Esporte, Lazer e Juventude – SEEL, entendendo a relevância e imprescindibilidade do apoio ao desenvolvimento, incentivo e a prática do esporte no Estado e, não menos importante, o incentivo à produção científica, viu na proposta do Ciclo de Debates em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos - CDEOP, da Universidade Federal de Sergipe - UFS, uma possibilidade de levar à população o entendimento mais amplo do

que realmente são os eventos e megaeventos esportivos, partindo do relato das experiências dos mais diversos profissionais que lançaram sobre o evento –concepção, construção e execução – um olhar diferenciado e dedicaram-se para alcançar um objetivo maior.

Esta obra dividida em dois volumes, é composta por trinta e seis (36) capítulos, apresentados por novos e experientes autores que abordam as mais variadas questões referentes a construção e execução dos megaeventos esportivos, olímpicos e paraolímpicos- Rio 2016, passando pela história, evolução, mudanças, doping, participação das emissoras de rádio e comunicação, bem como das novas tecnologias, a participação do governo e todos os aspectos possíveis que envolvem a realização de um evento esportivo. Uma obra rica e significativa para a historiografia e história do esporte nacional.

Em ampla parceria com o Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer de Sergipe-CDPPEL/SE, do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe-DEF/UFS (ligado à Rede CEDES do Ministério do Esporte), o Centro de Pesquisa em Políticas Públicas de Educação Física, Esporte, Lazer e Esporte Adaptado do Estado de Sergipe - O SCENARIOS, o Governo do Estado de Sergipe, através da SEEL, viu na proposta do CDEOP uma parceria fundamental para a organização, construção e desenvolvimento de políticas públicas para o esporte sergipano, pois é de sua natureza apoiar ações que engrandecem as questões relativas ao esporte, consequentemente proporcionando à população um maior entendimento dos processos e acesso às práticas esportivas, aos eventos e megaeventos locais, regionais, nacionais e internacionais.

Apoiar a produção acadêmico científica que se volta ao esporte, lazer e juventude, bem como as discussões acerca de políticas públicas é para esta Secretaria tão importante quanto o incentivo e acessibilidade à pratica esportiva. A SEEL apoia não apenas a publicação desta obra, mas também o IV CDEOP, por entender a importância e contribuição da Universidade Federal de Sergipe para o desenvolvimento da sociedade sergipana.

Antônio Hora Filho

Secretário do Estado de Esporte, Lazer e da Juventude

PRESENTATION

Sport has been a magical attraction since ancient times that provokes the explosion of the most diverse feelings in the practitioner, as well as in their spectators and fans. It gives meaning to the lives of millions of people all over the world and at the same time causes feelings without rational explanations, the magic that manages to exercise in people's lives, and the greatest of these feelings is love.

Love for a sport, for a team, for a team that moves and turns inside out, changing from love to intolerance, from tears to explosion, from smiles and cries of euphoria to sadness, in short, sport is a national passion that independent of social classes, religious beliefs, culture, profession or any other difference from those that make cultural diversity. And how does this ingenious sports machine able to hypnotize the world in front of your televisions for hours and still provoke endless dialogues on all the plays and bids?

What comes to the population is the great spectacle, always the result of a meticulous, careful work done behind the scenes that involves a range of technicians and professionals from all areas, considering the greatness, proportions and goals to be achieved. Understanding how the construction of a sporting event, or a mega event such as the 2016 Olympic and Paralympic Games, held in Brazil in the city of Rio de Janeiro, requires a closer look that observes and perceives the relevance of the work developed by the simpler to the most qualified professional involved in it, so that it is possible to understand all the gear that makes the great and fantastic sports machine work in the Brazilian and world scene.

The Government of the State of Sergipe, through the Secretary of State for Sport, Leisure and Youth - SEEL, understanding the relevance and indispensability of the support to the development, incentive and practice of sports in the State and, not least, the incentive to scientific production, saw in the proposal of the Cycle of Debates in Olympic and Paralympic Studies - CDEOP, Federal University of Sergipe - UFS, a possibility to bring to the population a broader understanding of what

sport events and mega events really are, starting from the experiences more diverse professionals who launched on the event - conception, construction and execution - a different look and dedicated themselves to reach a greater goal.

This work, divided into two volumes, is composed of thirty-six (36) chapters, presented by new and experienced authors that address the most varied issues related to the construction and execution of the mega-events, Olympic and Paralympic - Rio 2016, evolution, changes, doping, participation of radio and communication stations, as well as new technologies, government participation and all possible aspects involving the holding of a sporting event. A rich and significant work for the historiography and history of the national sport.

In partnership with the Sergipe-CDPPEL / SE Center for the Development of Sports and Leisure Policies Research, Department of Physical Education, Federal University of Sergipe-DEF / UFS (linked to the CEDES Network of the Ministry of Sports), the Center Research in Public Policies of Physical Education, Sport. Leisure and Sports Adapted from the State of Sergipe - SCENARIOS, the State Government of Sergipe, through SEEL, saw in the CDEOP proposal a fundamental partnership for the organization, construction and development of public policies for the Sergipe sport, as it is theirs. nature to support actions that enhance sport issues, thereby providing the population with a greater understanding of processes and access to sporting practices, local, regional, national and international events and mega-events.

Supporting academic scientific production that focuses on sports, leisure and youth, as well as discussions about public policies is for this Secretariat as important as the incentive and accessibility to sports. SEEL supports not only the publication of this work, but also the IV CDEOP, for understanding the importance and contribution of the Federal University of Sergipe for the development of Sergipe society.

Antônio Hora Filho

Secretary of State for Sport, Leisure and Youth

APRESENTAÇÃO DOS AUTORES

Essa obra dá continuidade ao debate iniciado em 2011 com a realização do I Ciclo de Debates em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos - CDEOP, ocorrido no âmbito da Universidade Federal de Sergipe - UFS, tendo como objetivo debater as políticas de esporte adotadas a partir da orientação política do governo brasileiro em sediar megaeventos esportivos. Ao longo dos anos o evento ganhou força dentro do Departamento de Educação Física (DEF/UFS), e importância na sociedade, em especial, com a aproximação dos jogos olímpicos e paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Assim, temas relevantes para construção de políticas de esporte, tanto para o Estado de Sergipe como para o Brasil, foram debatidos nesses últimos anos.

A primeira edição de Jogos Olímpicos na América do Sul trouxe a partir de 2009 um mix de emoções, alegria, orgulho e expectativa, por estar recebendo os maiores atletas do planeta no seleto grupo de esportes que fazem parte do programa olímpico e paralímpico. Mas o sentimento de incerteza, insegurança, instabilidade política e a desconfiança internacional quanto à capacidade de organização e gerenciamento de um evento desta magnitude no Brasil ganhou os principais veículos de comunicação do mundo.

Essa evidência pode ser confirmada pelas propagandas e programas promovidos pelos grandes meios de comunicações, de entidades esportivas e de setores do governo, que, além de buscar estimular à prática esportiva propriamente dita, divulgaram a preparação para a realização deste megaevento que impulsionou, diferentes setores da economia, como indústria, transporte, turismo, etc, vinculados à venda do esporte, direta e indiretamente.

Nesse sentido, a obra procura dar voz aos diferentes atores que atuaram de forma direta ou indireta nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, sejam eles profissionais que atuaram na produção de material e conteúdo das emissoras de televisão, pesquisadores que acompanharam a produção de material pelos veículos de comunicação (jornais, portais eletrônicos de notícias e redes sociais); profissionais que atuaram diretamente no gerenciamento de modalidades, arenas e sistema de logística; de voluntários que dedicaram seu tempo e força de trabalho e não menos importantes, os espectadores que viveram de forma mais intensa o outro lado do espetáculo esportivo tendo que

navegar por esta complexa estrutura por dias, semanas ou meses, respirando o espírito olímpico e paraolímpico.

Deixar registrada estes momentos especiais só foi possível pela parceria entre o Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer de Sergipe – CDPPEL/SE, do DEF/UFS, ligado à REDE CEDES, do Ministério do Esporte; O GPEOP – O Grupo de Estudos Olímpicos e Paraolímpicos do DEF/UFS; O SCENARIOS - Centro de Pesquisa em Políticas Públicas de Educação Física, Esporte, Lazer e Esporte Adaptado do Estado de Sergipe, com o Governo do Estado de Sergipe, através da Secretaria de Estado do Esporte, Lazer e Juventude, na pessoa do Secretário Antônio Hora Filho e a Empresa Pública de Serviços Gráficos de Sergipe – SEGRASE, na pessoa do Presidente Ricardo Roriz.

Nesta obra contamos com a presença de 63 autores com diferentes formações (professores, jornalistas, profissionais da área do marketing, administradores de empresas, engenheiros de produção, militares) de renome nacional e internacional, que dedicaram seu tempo, na perspectiva de relatar através de 36 capítulos como foi sua experiência com os Jogos Rio 2016. Nesse sentido, a obra foi dividida em dois volumes e seus capítulos apresentados por áreas temáticas assim intituladas:

VOLUME 1:

Constitui-se de capítulos introdutórios, com questões gerais sobre os jogos e megaeventos esportivos; o olhar da mídia; diferentes experiências profissionais.

1. Lamartine DaCosta levanta uma discussão sobre o novo formato dos Jogos Olímpicos estabelecidos a partir do Rio de Janeiro com a presença das casas de hospitalidade aumentando a conectividade da cidade (Smart City) levantando a discussão sobre esta nova dimensão cultural dos Jogos, muito próximo as Feiras Internacionais;
2. Cássia Damiani e Alberto Reppold Filho narram às ações do Governo Federal na década dos megaeventos esportivos, estabelecidas no período de 2007 até 2016, sendo estes megaeventos indutores do desenvolvimento esportivo nacional;
3. Marcelo Haiachi, Vinícius Cardoso, Laís Gerzson, Antônio Conde, Alberto Reppold Filho e Carla Almeida abordam a temática do esporte paraolímpico de alto rendimento a partir do seu

movimento histórico, da implantação da classificação funcional, da estrutura organizacional, da iniciação esportiva e das ações que favorecem seu desenvolvimento, assim como das suas perspectivas futuras;

4. Sergio Dorenski, Cristiano Mezzaroba e Giovani Pires apresentam uma síntese dos caminhos teórico-metodológicos desenvolvidos pelos LaboMídia na perspectiva de ler e interpretar a mídia em seus diversos segmentos de transmissão, comunicação e circularidade no tocante aos megaeventos esportivos a partir de 2007 até 2016 culminando com os Jogos Rio 2016;

5. Randeantony Nascimento, Juan Romero e Sarah Canuto, apresentam uma síntese sobre o doping nos jogos olímpicos, a partir dos relatórios de órgãos oficiais e disponibilizados, e o papel dos laboratórios antidopagem.

6. Gylton da Matta apresenta um debate que tem como objetivo refletir criticamente as consequências dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio 2016, seus legados esportivos e financeiros, a partir de uma olhar externo.

7. Marcos Malafaia no seu papel de jornalista e empresário de esportes analisa os Jogos Rio 2016 pelo ponto de vista do marketing e da comunicação, principalmente o impacto causado nas modalidades pequenas do esporte olímpico e em todas as modalidades do esporte paraolímpico brasileiro;

8. Maria Reis aprofunda o debate sobre o olhar da mídia em relação às competições e os atletas paraolímpicos assim como os efeitos produzidos para a visibilidade do movimento paraolímpico, em que a mudança no foco da deficiência para a eficiência esportiva tem um papel determinante para o combate de visões estereotipadas e irreais sobre estes atletas

9. Rafael Barros trata da evolução da cobertura da televisão desde os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, até os dias de hoje, além de expor e analisar sua audiência, fato este que levou a ser o principal produto do esporte, aponta também os desafios, as semelhanças e as diferenças da cobertura dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos além de propor reflexões para uma melhor cobertura;

10. Clayton Carvalho apresenta a transição e as diferenças da locução entre o rádio e a televisão, incluindo os bastidores da nar-

ração de esporte olímpicos a partir da sua experiência pessoal na transmissão dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016;

11. Janice Mazo, Tuany Begossi e Beatriz Schmitt investigaram como ocorreu a veiculação de reportagens sobre os Jogos Paralímpicos Rio 2016 pelo caderno especial ZH Paraolímpica editado pelo jornal Zero Hora de Porto Alegre/RS, no período de sete de agosto a 19 de setembro de 2016;

12. Silvan Santos, Diego dos Anjos e Doralice Sousa apresentam uma breve revisão de literatura sobre como o esporte paralímpico têm sido retratado pela mídia e verificam algumas características da cobertura do jornal Gazeta do Povo, mídia impressa local do estado do Paraná, no período compreendido entre 31 de agosto a 25 de setembro de 2016;

13. Caroline Silva, Mayara Carneiro e Jaqueline Marinho analisam como os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 foram retratados no jornal O Tempo de Minas Gerais, no período de 01 de agosto a 30 de setembro de 2016 a partir do seu portal eletrônico;

14. Paulo Silva, Luciano Loureiro e Adriana Lemes investigam as notícias online sobre o doping publicadas pela Radio Difusão Brasileira que inclui a rede de televisão Rede Globo, Rede Record e Rede Bandeirantes durante o período de realização dos Jogos Paralímpicos Rio 2016;

15. Leonardo Mataruna dos Santos, Andressa Guimarães Mataruna e Bianca Pena apresentam diferentes perspectivas em relação aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos da cidade do Rio de Janeiro baseado na experiência relatada de uma voluntária, uma produtora de arena e um treinador desportivo, informando pontos positivos e outros a serem melhorados;

16. Virgílio Franceschi Neto apresenta sua experiência profissional enquanto Apresentação do Esporte durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 e esclarece como é complexo este trabalho e evidencia as exigências necessárias para proporcionar a melhor experiência para o espectador do esporte seja in loco ou através de uma transmissão pelos veículos habilitados;

17. Erik Avila e Fernanda Guedes apresentam sua percepção in loco da preparação e entrega dos Jogos Olímpicos como uma missão de extrema complexidade, sendo o momento da premiação

e a entrega da medalha, juntamente com o hasteamento da bandeira nacional dos países vencedores, a coroação de toda essa preparação, momento este vivenciado diretamente pelos autores;

18. Gladston Menezes apresenta de forma sucinta o processo de descoberta da modalidade Badminton e os caminhos que o levaram a participar dos Jogos Rio 2016 como membro da equipe de arbitragem passando pela sua formação e participação como árbitro de linha da modalidade durante os Jogos Olímpicos;

19. Diego Gomes apresenta sua experiência enquanto guardião da chama olímpica expondo as histórias que cercam a chama e a tocha olímpica, como ocorreu sua seleção enquanto guardião e um pouco do que aconteceu na passagem pelas 329 cidades do Brasil;

20. Ivo Rodrigues Neto, apresenta um relato da sua experiência, enquanto membro da Força Aérea Brasileira, nas cerimônias de premiações dos Jogos Olímpicos do Rio 2016.

VOLUME 2

Nessa Obra apresentamos a temática relativa aos profissionais envolvidos (voluntários, gestores e os treinadores); e o olhar dos espectadores.

1. Silvestre Santos Neto apresenta um relato de experiência referente aos 15 dias de atuação como voluntário no Centro Principal de Imprensa com atuação no escritório de mídia e comunicação do International Paralympic Committee, atuando mais especificamente no Media Press Center localizado no Parque Olímpico da Barra da Tijuca;

2. Mariane Rocha apresenta um relato de experiência a partir da sua atuação como voluntária nos principais megaeventos esportivos sediados no país: Copa das Confederações em Salvador / Bahia (2013), Sorteio da Copa do Mundo em Sauípe / Bahia (2013), Copa do Mundo no Rio de Janeiro (2014) e Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro (2016);

3. Rosely Kumakura versa sobre as experiências vividas por uma voluntária carioca que trabalhou nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 relatando suas experiências, sua percepção à parte de sua personalidade, à partir do seu conceito de vida e da

sua ética pessoal

4. Roberta Kumakura narra a participação de uma voluntária nos Jogos Rio 2016, desde o processo seletivo para tornar-se oficialmente uma voluntária, a inesperada seleção para ser condutora da tocha olímpica, a participação nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos até o que se pode ter como legado de toda esta experiência;

5. Martha Bragança, narra sua participação e percepção como voluntária na Ginástica Rítmica nos Jogos Olímpicos Rio de 2016, e também sua experiência profissional nessa área.

6. Simone Gomes, apresenta um relato do trabalho voluntariado na área da odontologia desenvolvida na Policlínica que ficou localizada na vila olímpica.

7. José Melo e Carlos Marinho apresentam uma visão geral das operações de Ticketing nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 a partir das perspectivas dos autores, diretamente envolvidos com os processos de planejamento e execução do projeto de Ingressos do Comitê Organizador local em uma das quatro zonas de competição, a Barra da Tijuca, entre os anos de 2014 e 2016;

8. José Werner e Sílvia Telles apresentam os pontos-chaves da gestão do polo aquático nos Jogos Olímpicos Rio 2016 passando pelas suas instalações, a força de trabalho envolvida, o evento teste, os oficiais de arbitragem, os equipamentos, a participação da Federação Internacional de Natação, as áreas funcionais diretas e indiretamente ligadas a modalidade, o Time Brasil e os resultados do torneio;

9. Luiz Nóbrega e Gustavo Berton abordam o processo de preparação e colaboração da Escola de Educação Física do Exército e demais organizações militares que integram o Centro de Capacitação Física do Exército para os Jogos Rio 2016 em particular na direção do Centro de Treinamento de Alta Performance do Time Brasil detalhando sua estrutura, atividades, organização e funcionamento;

10. Denis Terezani analisa os preparativos da modalidade canoagem slalom, a partir das suas características, particularidades, as edificações das corredeiras artificiais, a formação da equipe responsável pela organização da competição, o recrutamento do voluntariado, a realização do evento teste, o período de treinamento dos países classificados e por fim a entrega dos Jogos Olímpicos;

11. Luiz Santos, Leonardo Maiola e Edison Duarte resgatam

documentos históricos referente ao caminho percorrido pela Paracanoagem até a data da estreia da modalidade no dia 14 de setembro de 2016, nos Jogos Paralímpicos e apresentam as principais ações promovidas para o crescimento da modalidade no país, permitindo uma relevante oportunidade de reflexão para continuar o fomento do Paracanoagem no Brasil;

12. Luis Pena mostra o processo de desenvolvimento do Rugby em cadeira de rodas no Brasil no período de 2003 a 2016, apresentando a modalidade (história, regras e classificação funcional) e a preparação da seleção brasileira visando os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro (competições internacionais, desenvolvimento da modalidade, treinamento e clínicas de fomento e formação);

13. Márcia Campeão, Darlan Ciesielski Junior e José Gorla, apresentam o plano de ação estabelecido pela Bocha brasileira para o ciclo 2012/2016 assim como os desafios para preparação dos atletas brasileiros frente aos Jogos Paralímpicos de 2016;

14. José Dantas apresenta a trajetória desde a popularização do Voleibol Sentado feminino passando pela organização da modalidade, os resultados internacionais e os desafios frente às armadilhas impostas pela participação nos Jogos Paralímpicos de 2016;

15. Marcos Almeida apresenta a visão do espectador in loco na perspectiva de identificar como o grande consumidor dos Jogos percebeu a oferta de produtos e serviços relacionados ao evento Olímpico, sua opinião mudou diversas vezes, sempre em decorrência das notícias publicadas e pela vivência em si;

16. Patricia Fontana e Alberto Reppold Filho relatam sua experiência enquanto espectadores da Ginástica Rítmica e versam ainda sobre as expectativas e resultados do Brasil, o incentivo e a preparação das atletas para os Jogos Olímpicos do Rio;

Ter a possibilidade de contribuir para preservação da memória destes megaeventos e poder contar com a contribuição de diversos profissionais de diferentes áreas é motivo de grande orgulho. Como organizadores da obra também vivenciamos momentos distintos destes megaeventos.

Aracaju, Janeiro de 2018.

Prof. Dr. Ailton Fernando Santana de Oliveira

Prof. Dr. Marcelo de Castro Haiachi

AUTHORS' PRESENTATION

This work gives continuity to the debate initiated in 2011 with the I Cicle of Debates in Olympic and Paralympic studies- CDEOP, occurred in São Cristóvão/Sergipe. The aim of that time was discuss the sports policies adopted from the Brazilian Government in host mega Sporting events. Over the years, the event gained strength in Physical Education Departament (DEF) of Federal University of Sergipe, and important in society, especially with an approach to the Olympic and Paralympic Games of Rio de Janeiro in 2016. Thus, relevant issues for sport policies construction both for the Sergipe State and for Brazil, have been debated in recent years.

The first edition of the Olympic Games in South America brought from 2009 a mix of emotions, joy, pride and expectation to be receiving the greatest athletes of the planet in the select group of sports that are part of the Olympic and Paralympic program. But the feeling of uncertainty, insecurity, political instability and international mistrust regarding the capacity to organize and manage an event of this magnitude in Brazil has won the major media outlets in the world.

This evidence can be confirmed by advertisements and programs promoted by the major communications media, sports entities and government sectors, which, in addition to stimulating the practice of sport itself, disclosed the preparation for this mega event, which boosted different sectors of the economy, such as industry, transportation, tourism, etc., linked to the sale of sports, directly and indirectly.

In this sense, the work seeks to give voice to the different actors who acted directly or indirectly in the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games, whether professionals who worked in the production of material and content of television stations, researchers that accompanied the production of material By the media (newspapers, electronic news portals and social networks); Professionals who worked directly in modal management, arenas and logistics system; Volunteers who dedicated their time and workforce and not least important, spectators who lived more intensely the other side of the sporting spectacle having to navigate this complex structure for days, weeks or months, breathing the Olympic and Paralympic spirit.

To register these special moments was only possible through the partnership between the Center for the Development of Research on Sports and Leisure Policies of Sergipe - CDPPEL / SE, DEF / UFS, linked to the CEDES NETWORK, of the Ministry of Sports; The GPEOP – Research Group in Olympic and Paralympic Studies DEF/UFS; The SCENARIOS - Research Center on Public Policies for Physical Education, Sport, Leisure and Sport Adapted from the State of Sergipe, with the Government of the State of Sergipe, through the Secretary of State for Sports and Leisure and Youth, in the person of Secretary Antônio Hora Filho and the Sergipe Public Services Graphics Company - SEG-RASE, in the person of President Ricardo Roriz.

In this work we have 65 authors with different national and international backgrounds (professors, journalists, marketing professionals, business managers, production engineers), who dedicated their time, in the perspective of reporting through 36 chapters as was his experience with the Rio 2016 Games. In this sense, the work was divided into two volumes and its chapters presented by thematic areas thus titled:

VOLUME 1:

It consists of introductory chapters, with general questions about sports games and mega-events; the look of the media; different professional experiences:

1. Lamartine DaCosta raises a discussion about the new format of the Olympic Games established from Rio de Janeiro with the presence of hospitality houses increasing the connectivity of the city (Smart City) raising the discussion about this new cultural dimension of the Games, Very close to the International Fairs;
2. Cássia Damiani and Alberto Reppold Filho describe the actions of the Federal Government in the decade of the mega-sport events, established between 2007 and 2016, these megaevents being inducers of national sports development;
3. Marcelo Haiachi, Vinícius Cardoso, Laís Gerzson, Antônio Conde, Alberto Reppold Filho and Carla Almeida discuss the theme of high-performance para-Olympic sport based on its his-

torical movement, the implantation of functional classification, organizational structure, sports initiation and the actions that favor its development, as well as its future prospects;

4. Sergio Dorenski, Cristiano Mezzaroba and Giovani Pires present a synthesis of the theoretical-methodological paths developed by LaboMídia in the perspective of reading and interpreting the media in its various segments of transmission, communication and circularity in relation to sports mega events from 2007 to 2016 Culminating with the Rio 2016 Games;

5. Randeantony Nascimento, Juan Romero and Sarah Canuto present an analysis of the situation of anti-doping control at the Rio 2016 Olympic Games and the performance of the laboratories, based on reports from official agencies, classified as the worst antidoping in history;

6. Gylton da Matta presents a debate that aims to critically reflect the consequences of the 2016 Olympics and Paralympics games, their sports and financial legacies, from an external look;

7. Marcos Malafaia in his role as journalist and sports entrepreneur analyzes the Rio 2016 Games from the point of view of marketing and communication, especially the impact caused by the small modalities of Olympic sport and all modalities of the Brazilian Paralympic sport;

8. Maria Reis deepens the debate about the media's view of Paralympic competitions and athletes as well as the effects produced for the visibility of the Paralympic movement, in which the change in focus from disability to sports efficiency has a determining role for the Combat of stereotyped and unreal visions on these athletes;

9. Rafael Barros deals with the evolution of television coverage from the first Olympic Games of the Modern Era to the present day, as well as exposing and analyzing its audience, a fact that has become the main product of the sport, also points out the challenges, the similarities and differences in coverage of the Olympic and Paralympic Games and propose reflections on bet-

ter coverage;

10. Clayton Carvalho presents the transition and the differences between radio and television, including the backstage of Olympic sports narration from his personal experience in broadcasting the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games;

11. Janice Mazo, Tuany Begossi and Beatriz Schmitt investigated how the publication of reports on the Rio 2016 Paralympic Games took place through the special ZH Paraolímpica newspaper edited by Zero Hora newspaper in Porto Alegre / RS, from August 7 to September 19, 2016;

12. Silvan Santos, Diego dos Anjos and Doralice Sousa present a brief review of the literature on how the Paralympic sport has been portrayed by the media and verify some characteristics of the coverage of the newspaper Gazeta do Povo, printed local media of the state of Paraná, in the period understood Between August 31 and September 25, 2016;

13. Caroline Silva, Mayara Carneiro and Jaqueline Marinho analyze how the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games were portrayed in the newspaper O Tempo de Minas Gerais, from August 1 to September 30, 2016 from its electronic portal;

14. Paulo Silva, Luciano Loureiro and Adriana Lemes investigate the online news on doping published by Radio Diffusion Brasileira that includes Rede Globo, Rede Record and Rede Bandeirantes television network during the period of the Rio 2016 Paralympic Games;

15. Leonardo Mataruna dos Santos, Andressa Guimarães Mataruna and Bianca Pena present different perspectives regarding the Olympic and Paralympic Games of the city of Rio de Janeiro based on the reported experience of a volunteer, an arena producer and a sports coach, informing positive points and Others to be improved;

16. Virgílio Franceschi Neto presents his professional experience as a Sport Presentation during the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games and clarifies how complex this work is and shows the necessary requirements to provide the best experience for the spectator of the sport either in loco or through a Transmission by authorized vehicles;

17. Erik Avila and Fernanda Guedes present their in loco perception of the preparation and delivery of the Olympic Games as a mission of extreme complexity, being the moment of the award and the delivery of the medal, together with the hoisting of the national flag of the winning countries, the coronation Of all this preparation, a moment experienced directly by the authors;

18. Gladston Menezes presents in a succinct way the process of discovering the Badminton modality and the ways that led him to participate in the Rio 2016 Games as a member of the refereeing team passing through his formation and participation as referee of the line during the Olympic Games;

19. Diego Gomes presents his experience as a guardian of the Olympic flame exposing the stories surrounding the flame and the Olympic torch, as did his selection as a guardian and a little of what happened in the passage through the 329 cities of Brazil;

20. Ivo Lourenço Rodrigues Neto presents an account of his experience, as a member of the Brazilian Air Force, at the awards ceremonies of the Rio 2016 Games.

VOLUME 2

In this work we present the theme related to the professionals involved (volunteers, managers and coaches); And the look of the spectators.

1. Silvestre Santos Neto presents an experience report regarding the 15 days of volunteering at the Main Press Center, working in the media and communication office of the International Paralympic Committee, working more specifically in the Media Press Center located in the Olympic Park of Barra da Tijuca;

2. Mariane Rocha presents an experience report from her role as a volunteer in the main mega-sport events hosted in the country: Confederations Cup in Salvador / Bahia (2013), World Cup Draw in Sauípe / Bahia (2013), Cup World in Rio de Janeiro (2014) and Olympic Games in Rio de Janeiro (2016);

3. Rosely Kumakura talks about the experiences of a Rio de Janeiro volunteer who worked at the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games, reporting her experiences, her perception apart from her personality, from her concept of life and her personal ethics;

4. Roberta Kumakura recounts the participation of a volunteer at the Rio 2016 Games, from the selection process to officially becoming a volunteer, the unexpected selection to be the conductor of the Olympic torch, participation in the Olympic and Paralympic Games to what can be as a legacy of all this experience;

5. Martha Bragança, recounts her participation and perception as a volunteer in Rhythmic Gymnastics at the Rio 2016 Olympic Games, as well as her professional experience in this area;

6. Simone Gomes presents a report of the voluntary work in the area of dentistry developed at Policlinica, which was located in the Olympic village.

7. José Melo and Carlos Marinho presents an overview of Ticketing operations at the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games based on the perspectives of the authors, directly involved with the planning and execution processes of the Local Organizing Committee Tickets project in one of the four Barra da Tijuca, between the years 2014 and 2016;

8. José Werner and Sílvia Telles present the key points of water polo management at the Rio 2016 Olympic Games through their facilities, the workforce involved, the test event, the refereeing officials, the equipment, the participation of the International Federation of Swimming, the functional areas directly and indirectly linked to the modality, Time Brazil and the results of the tournament;

9. Luiz Nóbrega and Gustavo Berton discuss the preparation and collaboration process of the Army Physical Education School and other military organizations that are part of the Army's Physical Training Center for the Rio 2016 Games, particularly in the direction of the High-Performance Training Center of Time Brazil detailing its structure, activities, organization and functioning;

10. Denis Terezani analyzes the preparations for the canoeing slalom modality, based on its characteristics, particularities, the edification of the artificial rapids, the formation of the team responsible for the organization of the competition, the recruitment of volunteers, the test event, the Training of the classified countries and finally the delivery of the Olympic Games;

11. Luiz Santos, Leonardo Maiola and Edison Duarte recover historical documents referring to the route taken by Paracanoeing until the date of the premiere of the sport on September 14, 2016, at the Paralympic Games and present the main actions promoted for the growth of the modality in the country, allowing a relevant opportunity for reflection to continue the promotion of Para canoeing in Brazil;

12. Luis Pena shows the process of development of wheelchair Rugby in Brazil from 2003 to 2016, presenting the modality (history, rules and functional classification) and preparation of the Brazilian team for the Paralympic Games of Rio de Janeiro (international competitions, Development of the modality, training and promotion and training clinics);

13. Márcia Campeão, Darlan Ciesielski Junior and José Gorla presents the action plan established by the Brazilian Boccia for the 2012/2016 cycle as well as the challenges for the preparation of the Brazilian athletes in front of the Paralympic Games of 2016;

14. José Dantas presents the trajectory from the popularization of female Satellites to the organization of the sport, the international results and the challenges facing the pitfalls imposed by the participation in the Paralympic Games of 2016;

15. Marcos Almeida presents the vision of the spectator in loco in the perspective of identifying how the great consumer of the Games perceived the offer of products and services related to the Olympic event, his opinion changed several times, always as a result of the published news and the experience itself;

16. Patricia Fontana and Alberto Reppold Filho report their experience as spectators of the Rhythmic Gymnastics and are also about the expectations and results of Brazil, the encouragement and preparation of athletes for the Olympic Games in Rio;

Being able to contribute to preserving the memory of these mega-events and being able to count on the contribution of several professionals from different areas is a source of great pride. As organizers of the work we also experience different moments of these mega events of which we will briefly make some brief comments.

Aracaju, January 2018

Ailton Fernando Santana de Oliveira, Professor Ph.D.

Marcelo de Castro Haiachi, Professor Ph.D.

SUMÁRIO

CAPÍTULOS INTRODUTÓRIOS.....	35
RELATO INTRODUTÓRIO.....	37
Marcelo de Castro HAIACHI :	
RELATOS DE EXPERIÊNCIAS COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A GES- TÃO DO CONHECIMENTO EM MEGAEVENTOS ESPORTIVOS.....	41
Ailton Fernando Santana de OLIVEIRA	
REVISITANDO RIO 2016, PERGUNTA-SE O QUE REALMENTE ACONTECEU: JOGOS OLÍMPICOS OU FEIRA INTERNACIONAL OLÍMPICA?.....	48
Lamartine Pereira da COSTA	
DÉCADAS DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL: UMA NAR- RATIVA DAS AÇÕES DO GOVERNO FEDERAL.....	61
Cassia DAMIANI Alberto Reinaldo REPPOLD FILHO	
O ESPORTE PARA OLÍMPICO DE ALTO RENDIMENTO.....	103
Marcelo de Castro HAIACHI Vinícius Denardim CARDOSO Laís Rodrigues GERZSON Antônio Menescal CONDE Alberto Reinaldo REPPOLD FILHO Carla Skilhan de ALMEIDA	
ESTUDOS DE MÍDIA E MEGAEVENTOS ESPORTIVOS.....	138
Sérgio DORENSKI Cristiano MEZZAROBÀ Giovani De Lorenzi PIRES	
O DOPPING NOS ESPORTES OLÍMPICOS E OS JOGOS RIO 2016.	157

Randeanthony C. NASCIMENTO
Juan José Fernández ROMERO
Sarah Cristina Montes CANUTO

JOGOS OLÍMPICOS DO RIO: UMA REVISÃO CRÍTICA A PARTIR DE UM OLHAR EXTERNO.....	181
Gylton Brandão DA MATTA	

O OLHAR DA MÍDIA.....	205

A MÍDIA E AQUILO QUE NÃO VIMOS NOS JOGOS OLÍMPICOS E PARAOLÍMPICOS NO RIO DE JANEIRO.....	207
Marcos MALAFAIA	

A COBERTURA DA MÍDIA TELEVISIVA NOS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016: DO FOCO NA DEFICIÊNCIA AO FOCO DA EFICIÊNCIA ESPORTIVA.....	221
Maria Carolina Ferreira REIS	

OS DESAFIOS DA MÍDIA TELEVISIVA NA COBERTURA DE MEGA-EVENTOS ESPORTIVOS: EM FOCO OS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS.....	246
Rafael Francisco Timóteo BARROS	

NARRAÇÃO A PARTIR DE NOVAS EXPERIÊNCIAS: A IMPORTÂNCIA DE APURAR O OLHAR SOBRE O EVENTO ESPORTIVO.....	255
Clayton Oliveira CARVALHO	

JORNALISMO IMPRESSO GAÚCHO E A COBERTURA DOS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016.....	263
Janice Zarpellon MAZO	
Tuany Defaveri BEGOSSI	
Beatriz Dittrich SCHMITT	

OS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016 E A (NÃO) MOBILIZAÇÃO DA DIALÉTICA GLOBAL - LOCAL: UM ESTUDO COM O JORNAL GAZETA DO POVO DO ESTADO DO PARANÁ.....	289
Silvan Menezes dos SANTOS	
Diego Polhmann dos ANJOS	
Doralice Lange de SOUSA	

**A COBERTURA DOS PORTAIS ELETRÔNICOS DE NOTÍCIAS MINEIROS
SOBRE OS JOGOS OLÍMPICOS E PARAOLÍMPICOS RIO 2016.....318**

Carolina Fernandes da SILVA

Mayara CARNEIRO

Jaqueline MARINHO

**DOPING NO ESPORTE PARAOLÍMPICO: A COBERTURA DA MÍDIA
ONLINE DURANTE OS JOGOS RIO 2016.....350**

Paulo Rodrigo Pedroso da SILVA

Luciano Leal LOUREIRO

Adriana LEMES

DIFERENTES EXPERIÊNCIAS.....365

**PERCEPÇÕES SOBRE MEGAEVENTOS: O CASO DOS JOGOS
OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS RIO 2016 NA ÓTICA DE DIFEREN-
TES ATORES.....367**

Leonardo José MATARUNA DOS SANTOS

Andressa Fontes GUIMARAES MATARUNA

Bianca Gama PENA

**A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COMO SPORT PRESENTATION
NOS JOGOS RIO 2016.....397**

Virgílio FRANCESCHI NETO

**PARTICIPAÇÃO DA MARINHA DO BRASIL NAS CERIMÔNIAS DE PRE-
MIAÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS - RIO 2016....409**

Erik AVILA

Fernanda dos Santos GUEDES

SER OLÍMPICO.....420

Gladston Lisboa MENEZES

REVEZAMENTO DA TOCHA OLÍMPICA.....434

Diego Viana GOMES

**JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA CERI-
MÔNIA DE PREMIAÇÃO.....460**

Ivo Lourenço Rodrigues NETO

SUMMARY

INTRODUCTORY CHAPTERS.....	35
INTRODUCTORY STORY.....	37
Marcelo de Castro HAIACHI	
REPORTS OF EXPERIENCES AS A CONTRIBUTION TO THE MAN- AGEMENT OF KNOWLEDGE IN SPORT MEGA-EVENTOS.....	41
Ailton Fernando Santana de OLIVEIRA	
LOOKING BACK TO RIO 2016, WHAT REALLY HAPPENED: OLYMPIC OR WORLD FAIR GAME.....	48
Lamartine Pereira da COSTA	
DECADE OF SPORTING MEGAVENTOS IN BRAZIL: A NARRATIVE OF THE FEDERAL GOVERNMENT ACTION.....	61
Cassia DAMIANI	
Alberto Reinaldo REPPOLD FILHO	
HIGH PERFORMANCE PARALYMPIC SPORT.....	103
Marcelo de Castro HAIACHI	
Vinícius Denardim CARDOSO	
Laís Rodrigues GERZSON	
Antônio Menescal CONDE	
Alberto Reinaldo REPPOLD FILHO	
Carla Skilhan de ALMEIDA	
MEDIA STUDIES AND MEGA SPORTING EVENTS.....	138
Sérgio DORENSKI	
Cristiano MEZZAROBÀ	
Giovani De Lorenzi PIRES	
DOPING IN OLYMPIC SPORTS AND RIO 2016 GAMES.....	157
Randea Antony C. NASCIMENTO	
Juan José Fernández ROMERO	

Sarah Cristina Montes CANUTO

RIO OLYMPIC GAMES: A CRITICAL REVIEW FROM AN EXTERNAL PERSPECTIVE.....181

Gylton Brandão DA MATTA

THE LOOK OF MEDIA.....205

THE MEDIA PRESS AND WHAT WE HAVE NOT SEEN FROM THE OLYMPIC AND PARALYMPIC GAMES IN RIO DE JANEIRO.....207

Marcos MALAFAIA

TV MEDIA COVERAGE AT THE RIO 2016 PARALYMPICS: FROM FOCUS ON DISABILITY TO FOCUS ON SPORTS EFFICIENCY...221

Maria Carolina Ferreira REIS

THE TELEVISION MEDIA CHALLENGES IN COVERING SPORTS MEGA-EVENTS: THE OLYMPIC AND PARALYMPIC GAMES IN FOCUS.....246

Rafael Francisco Timóteo BARROS

NARRATIVE FROM NEW EXPERIENCES: THE IMPORTANCE OF LOOKING INTO THE SPORTING EVENT.....255

Clayton Oliveira CARVALHO

THE PRINT JOURNALISM OF RIO GRANDE DO SUL AND THE COVERAGE OF RIO 2016 PARALYMPIC GAMES.....263

Janice Zarpellon MAZO

Tuany Defaveri BEGOSSI

Beatriz Dittrich SCHMITT

PARALYMPIC GAMES RIO 2016 AND THE (NO) GLOBAL-LOCAL DIALECTIC MOBILIZATION: A STUDY WITH THE NEWSPAPER GAZETA DO POVO OF THE STATE OF PARANÁ.....289

Silvan Menezes dos SANTOS

Diego Polhmann dos ANJOS

Doralice Lange de SOUSA

THE COVERAGE OF THE ELECTRONIC NEWS PORTALS OF MINAS ON THE RIO 2016 OLYMPIC AND PARALYMPIC GAMES...318

Carolina Fernandes da SILVA

Mayara CARNEIRO
Jaqueline MARINHO

DOPING IN PARALYMPIC SPORT: THE MEDIA COVERAGE IN RIO 2016 PARALYMPIC GAMES.....350

Paulo Rodrigo Pedroso da SILVA
Luciano Leal LOUREIRO
Adriana LEMES
Jaqueline MARINHO

DIFFERENT EXPERIENCES.....365

MEGA-SPORTING EVENTS PERCEPTIONS: OLYMPIC AND PARALYMPIC RIO 2016 CASE FROM THE PERSPECTIVE OF DIFFERENT ACTORS.....367

Leonardo José MATARUNA DOS SANTOS
Andressa Fontes GUIMARAES MATARUNA
Bianca Gama PENA

PROFESSIONAL EXPERIENCE AS SPORT PRESENTATION AT RIO 2016 GAMES.....397

Virgílio FRANCESCHI NETO

BRAZILIAN NAVY PARTICIPATION IN OLYMPIC AND PARALYMPIC GAMES - RIO 2016 AWARDS CEREMONIES.....409

Erik AVILA
Fernanda dos Santos GUEDES

BE OLYMPIC.....420

Gladston Lisboa MENEZES

OLYMPIC TORCH RELAY.....434

Diego Viana GOMES

RIO 2016 OLYMPIC GAMES: EXPERIENCE REPORT AT THE AWARD CEREMONY.....460

Ivo Lourenço Rodrigues NETO

CAPÍTULOS INTRODUTÓRIOS

RELATO INTRODUTÓRIO

Marcelo de Castro Haiachi¹

haiachi@ufs.br

Como natural do Rio de Janeiro vivenciei grandes eventos esportivos, mas nada comparado aos Jogos Rio 2016. Acompanhei as tentativas anteriores (2000, 2004 e 2012) do país sediar os Jogos Olímpicos. Por um lado achava o máximo poder vivenciar de perto este megaevento, mas por outro, achava impossível o Brasil ter condições de sediar um evento desta magnitude. A realização dos Jogos Pan-Americanos e Para Pan-Americanos em 2007, trouxe muitos ensinamentos que não foram levados em consideração.

O conturbado momento político que o país vivia e a realização da Copa do Mundo antes dos Jogos Rio 2016, confirmando não a competência do Brasil em sediar grandes eventos, mas o descaso em relação ao futuro do esporte brasileiro deixou-me cético em participar como voluntário ou exercer qualquer outra função relacionada diretamente aos Jogos. Com a sua aproximação, fui surpreendido com a minha seleção para ser um dos 12 mil condutores da tocha olímpica. Um filme passou pela minha cabeça sobre toda minha aproximação e interesse pelo esporte. Foi um momento indescritível. A partir deste dia, de posse da tocha olímpica pude observar a mística por trás deste evento. Passei a ser um dos guardiões deste símbolo que realmente une povos e nações.

Minha esposa estava eufórica com os Jogos e já tínhamos decidido comprar ingressos, mas não fomos sorteados para os eventos que tínhamos interesse. Decidimos então comprar somente para os Jogos Paralímpicos, que estavam mais acessíveis e que tínhamos bastante interesse em acompanhar de perto. Chegamos ao Rio de Janeiro um mês antes e toda aquela atmosfera de incerteza se confirmou com o elevado número de obras inacabadas com nos depara-

¹ Prof. Dr. da Universidade Federal de Sergipe e líder do grupo de pesquisa em estudos olímpicos e paraolímpicos, e membro do SCENARIOS.

mos ainda no aeroporto.

Apesar deste clima desfavorável, embarquei em minha tradicional posição de telespectador olímpico. Foram 16 dias de loucura total, pela primeira vez tínhamos disponíveis 16 canais com transmissão ao vivo de uma série de esportes que nunca imaginei assistir, sem contar com as reprises que aconteciam no período da noite / madrugada. Não tinha como assistir apenas um canal, era o tempo todo trocando os canais na tentativa de assistir o maior número de eventos esportivos. Interrompi minha experiência televisa para verificar de perto toda esta euforia descrita na televisão. Fui assistir in locu as partidas de Badminton. Pude presenciar uma partida sensacional do mito Lin Dan (bi-campeão olímpico) contra Lee Chong Wei na semi-final da partida de simples. Presenciei as arquibancadas e o público vibrando a cada ponto dos atletas brasileiros que pela primeira vez estavam representando o país em uma disputa olímpica.

Incentivado pelos amigos, acabei comprando mais ingressos e visitando o Parque Olímpico da Barra, realmente fiquei impressionado com o tamanho das arenas. Comprei um ingresso para duas partidas de polo aquático, mas o que mais me interessava era dar conta de visitar ao máximo aquele complexo esportivo. Acabei entrando para assistir a partida que já estava no final, me restou apenas assistir a disputa de pênaltis. Fui ao Boulevard Olímpico, andei de BRT, VLT, visitei o museu do Amanhã, comprei ingresso e comprei diversos pins. Não me contive ao consumismo dos Jogos e adquiri diversos souvenirs (copos personalizados, moedas, camisas, chinelos, canecas, etc). Entrei em todas as lojas oficiais na tentativa de buscar alguns itens com preços mais acessíveis, fato este que só ocorreu somente nos dias finais.

Terminado os Jogos Olímpicos crescia a expectativa e as incertezas em relação aos Jogos Paraolímpicos. Sempre fui um entusiasta do esporte paraolímpico e queria muito acompanhar de perto. Comprei ingresso para abertura e realmente foi indescritível. Estava animado com o evento, mas este sentimento foi interrompido com um convite irrecusável de trabalhar como comentarista de um canal fechado de televisão. Já tinha vivido esta experiência em 2012 e ela se repetia agora em 2016. Para minha surpresa a transmissão era no estúdio, desta forma não teríamos acesso às instalações esportivas. Para piorar a

situação estávamos sujeitos à liberação do sinal da rede Olympic Broadcast Services (OBS) detentora dos direitos de transmissão. Mesmo assim consegui circular pelo Parque Olímpico, rever alguns amigos e assistir algumas partidas: final do futebol de 5, algumas provas do atletismo no Engenhão, alguns instantes da Bocha. Participei de algumas mesas de debates durante os Jogos Paraolímpicos e pude conhecer outros profissionais do esporte paraolímpico. Esta troca de experiências realmente foi importante, principalmente para conhecer o universo por trás das câmeras.

Circulei pela cidade olímpica e por que não dizer também paraolímpica, um mês antes do início dos Jogos e fiquei na cidade até o início de outubro, ou seja, um mês depois. Presenciei pessoas animadas por estar vivendo este momento esportivo indescritível. Testemunhei uma multidão saindo do Maracanã após a cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos na maior tranquilidade, momento em que o sistema de transporte (metrô) funcionou perfeitamente assim como a segurança. Durante este período todo sistema de transporte funcionou e não identifiquei ou presenciei nenhum incidente. Foi possível ver uma grande quantidade de pessoas nas ruas próximas aos locais de competição. Observei alguns atletas paraolímpicos circulando pelo Parque Olímpico no dia de seu maior público, 167 mil pessoas. Minha surpresa maior foi ver crianças com e sem deficiência correndo para tirar fotos com os atletas paraolímpicos.

Não tem como negar que este talvez possa ter sido o maior legado dos Jogos Rio 2016, mas como tudo na vida tem dois lados, é preciso apurar o olhar e trazer a tona diferentes aspectos que não foram possíveis de serem observados. Estas lentes diferentes sobre estes megaeventos é que procuramos através desta obra, trazer para vocês, na perspectiva de promover uma reflexão sobre o que realmente aconteceu neste período emblemático de realização dos Jogos Rio 2016.

Assim como meu breve relato aponta fatos curiosos e positivos outros autores apresentam visões diferentes e bem particulares. Desta forma desejamos a você uma boa leitura, certos de estarmos compartilhando um momento importante da história esportiva do país e com certeza uma oportunidade de aprender a partir da experiência vivenciada pelos autores.

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO EM MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

REPORTS OF EXPERIENCES AS A CONTRIBUTION TO THE MANAGEMENT OF KNOWLEDGE IN SPORT MEGA-EVENTOS

Ailton Fernando Santana de OLIVEIRA¹
ailtonufs@gmail.com

Introdução

Sou professor de Educação Física formado a quase 30 anos, dos quais os últimos 10 anos, me dedico aos estudos de políticas de esporte e lazer. Assim, participei direta e indiretamente dos debates acadêmicos sobre os novos direcionamentos da política de esporte no Brasil em sediar megaeventos esportivos. Organizei e participei de debates e avaliações do pós Pan e Parapanamericano 2007, da Copa do Mundo de futebol 2014 e dos jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio 2016.

Embora estivesse presente nos debates científicos e nas análises de políticas públicas desses eventos, não tinha assistido a nenhum dos jogos dos eventos antes dos jogos Rio 2016. Como uma exceção, fui a um jogo das copas das confederações, que ocorreu na cidade do Recife-PE.

Assim, para os jogos Rio 2016, inicialmente não me entusiasmei, mesmo estando envolvido nos estudos e pesquisas sobre o assunto, não me organizei para assistir a esse espetáculo esportivo. Porém, os ventos mudaram, fui convidado para uma palestra sobre instrumentos de avaliação em políticas de esporte, em um evento na Casa Brasil², que ocorreria na primeira semana das Olimpíadas, somado ao fato que grande parte dos amigos e colegas de debates nessa temática, estavam de malas prontas para embarcar para os jogos, e que minha

1 Professor Doutor da Universidade Federal de Sergipe; Coordenador do Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer de Sergipe e líder do SCENARIOS.

2 Espaço Localizada no Pier Mauá, no centro do Rio de Janeiro, a Casa ofereceu ao público um espaço interativo com programação diária diversificada. A estrutura contou com auditórios, lounge, varanda, palco e sala de imprensa.

esposa Giselle Machado e filha Lavínia Machado, me cobravam o fato de não termos ido assistir nenhum jogo da copa do mundo de futebol. Essa Conjuntura fez mudar os rumos e resolvi ir ao jogos, já que estaria no Rio, aproveitaria.

Isto posto, decidi ir ao jogos, me organizei para passar 15 dias. Providenciei passagens, para mim, esposa e filha. Entrei no site de compra de ingressos, verifiquei algumas disponibilidades, e comprei ingressos para alguns jogos da fase de classificação, com jogos da seleção brasileira, das quartas e semifinal e final, de algumas modalidades.

Bela Surpresa! A aparência

Jamais imaginei o que meus olhos iriam presenciar, que me encheu de orgulho, pois a grande mídia brasileira, por mais de meses apontavam erros, desastres na organização dos jogos, aparentava que nada ia funcionar. Porém, para minha surpresa, os jogos revelaram outra realidade, pois o que percebíamos era que as coisas estavam funcionando perfeitamente.

Circulei durante esse tempo pelo Rio de Janeiro, fui ao centro, no Boulevard, no maracanã, Copacabana (local do voleibol de praia) e especialmente no parque olímpico, conversei com turistas, cariocas, fiz observações, peguei metro, BRT, etc, me encantei com o clima de satisfação e alegria que tomou conta da cidade.

Minha esposa e filha ficaram encantadas com a estrutura e organização como relatado por minha filha de 15 anos abaixo:

“O que eu tenho para dizer sobre os Jogos Olímpicos de 2016 é que foram maravilhosos. Lembro que na época da Copa do Mundo que ocorreu aqui no Brasil, eu quis muito ir e não tive a oportunidade. Então, fiquei muito feliz quando pude participar desse momento tão especial que foi o Rio 2016. Já tinha visitado o Rio outras vezes, mas dessa vez foi mais especial, a cidade tinha um clima diferente, tudo estava mais bonito e mais organizado.

Ao entrarmos no metrô, já sentíamos a atmosfera da olimpíada. As pessoas felizes, vestidas com a camisa do Brasil, orgulhosas de seu país e daquele evento que estávamos sedindo. O caminho foi animado e tranquilo.

Ao entrar no parque olímpico, me deparei com um outro universo. O sistema de segurança era eficiente e a organização era de outro mundo. Lá dentro, me senti muito segura e feliz. Eu amei aquele lugar e queria que todos tivessem a experiência que eu pude ter naquele dia.

O primeiro jogo que assisti foi de Handebol, Brasil x Ângola. Foi simplesmente incrível poder torcer pelo Brasil, no Brasil, ao vivo e à cores, fiquei tão orgulhosa. Foi tão bom ver que, apesar de todos os problemas, meu país tinha conseguido fazer tudo aquilo, e que estava tudo tão lindo, me veio um sentimento de patriotismo tão forte, que muitas vezes nos falta no dia a dia.

Após o jogo de Handebol, no qual o Brasil foi vitorioso para minha imensa alegria, fomos dar uma volta pelo parque. Atividades não faltavam, tinham vários stands de empresas que ofereciam interações e brindes, a loja oficial da olimpíada, vários telões para assistirmos alguns jogos, área de gramado enorme para descansar e conversar, tinha de tudo um pouco. A área de alimentação também era muito boa, tinham mesinhas e bancos para acomodar as pessoas e as barracas vendiam diversas comidas para agradar a todos. A sensação do momento eram os copos colecionáveis das olimpíadas que vinham com os esportes e um desenho, acho que temos uns 10 ou mais aqui em casa.

Enfim, só tenho elogios a fazer aos Jogos Olímpicos rio 2016, foi uma experiência fantástica.

Lavinia Machado

Um relato como esse representa o sentimento da grande parte dos participantes. Porém, como estudioso e pesquisador de políticas de esporte, sabia da realidade que estava por trás daquela aparência, os problemas ante e pós jogos, especialmente o pós, ou seja, quais legados de políticas adviriam pós jogos.

Figura 1 : Momentos no Parque Olímpico da Barra



FONTE: Arquivo do Proprio autor

Realidade Concreta

Como líder do grupo de pesquisa SCENARIOS, já vinha debatendo com os colegas pesquisadores do grupo, inclusive com a realização de três ciclos de debates sobre as consequências e caminhos da políticas de esporte no Brasil pós megaeventos.

Nesse sentido, diante do quadro que presenciamos durante a realização dos jogos, reforçamos o desejo de organizar uma obra que reunisse diversos olhares/experiências de diversos participantes, sobre os jogos Rio 2016.

Isso se justifica, quando adotamos a gestão do conhecimento como uma ferramenta que possibilita compreender possíveis hiatos a serem resolvidos para uma efetiva avaliação do sucesso na implementação de tais empreendimentos gigantes, quer por planejamento antes e durante o evento ou sobretudo depois de sua realização (legados).

Essa lógica, proposta pelo grupo SCENARIOS, está ancorada nos estudos de Bitencourt (2005), quando cita que na atualidade o capital humano é o maior ativo das organizações contemporâneas e o aprendizado produto do conhecimento, assim, o grande desafio das orga-

nizações está em saber gerir o aprendizado, a fim de construir e reter os conhecimentos aplicados na prática organizacional e que possa ser útil a práticas posteriores.

A gestão do conhecimento, aqui adotada, é justificada no conceito de Valentim (2003), como “um conjunto de estratégias que permite criar, adquirir, compartilhar e utilizar ativos de conhecimento, bem como estabelecer fluxos que garantam a informação necessária no tempo e formato adequados. E reforçada em DaCosta (2005), na apresentação do “Atlas do Esporte no Brasil”, a gestão de conhecimento favorece à criação, ao uso e ao compartilhamento de informações reunindo e integrando pessoas e/ou organizações que compartilham dados e saberes, construindo conhecimentos por meio de suas interações ou desenvolvimento individual e coletivo

Assim, passado o os jogos Rio 2016, os setores responsáveis pela sua organização, bem como pesquisadores e estudiosos da área, precisam oferecer dados técnicos, estudos científicos, etc, que possibilitem análise de curto e médio e longo prazo sobre os legados e as consequências para a política de esporte no Brasil, demonstrando uma cultura organizacional baseada na coleta e armazenamento de dados tão necessária para a boa gestão de futuros eventos do mesmo porte ou até mesmo maiores.

Este procedimento tem se revelado essencial na construção de cenários futuros ex ante (anterior ao evento) e na avaliação de seus impactos ex post (posterior ao evento) como tem demonstrado DaCosta (2008) em estudos no tema aqui em questão.

A construção de uma cultura organizacional, para gestão do conhecimento em coleta de dados para a organização de megaeventos esportivos, que crie um capital social confiável, passa a ser urgente, pois na nossa interpretação, a partir da segunda década do século XXI, esses eventos internacionais serão organizados em condições de grandes incertezas e seus resultados analisados contra os mais diversificados e desafiadores critérios

Nesse sentido as instituições que lidam com o esporte em especial o poder público deveriam caminhar na busca da gestão do conhecimento estimulando e produzindo mecanismos que permitam a compilação, armazenamento e difusão de informações, que gerem conhecimento no setor do esporte bem e que contribua para avaliar, acompanhar, monitorar ou até mesmo para organizar eventos esportivos.

Assim, durante o evento na casa Brasil, em pleno realização dos jogos e entusiasmo, eu e o prof. Marcelo Haiachi, junto com o grupo SCENARIOS, decidimos assumir a materialização de uma obra que reunisse e compartilhasse saberes e experiências de diversos atores envolvidos nos jogos Rio 2016, e dessa forma pudesse contribuir na gestão do conhecimento para análise sobre os jogos Rio 2016.

Figura 2; Pola Aquático no Parque Olímpico



FONTE: Arquivo do próprio autor

Referencias

BITENCOURT, Valéria da Silva. A Gestão do Surfe no Brasil segundo o Modelo das Organizações de Aprendizagem: Uma Proposta Empreendedora. (Dissertação de Mestrado Educação Física e Cultura) Universidade Gama Filho: Rio de Janeiro, 2005.

CHOO, Chuan Wei. Gestão da informação para a organização inteligente: a arte de explorar o meio ambiente. Lisboa, Portugal: Ed. Caminho S.A, 2003.

DACOSTA, Lamartine Pereira. Atlas do esporte no Brasil - Atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DACOSTA, Lamartine Pereira. O Modelo 3D de Interpretação de Mega-eventos e Legados Esportivos. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho (paper para discussão), 2007.

DRUCKER, Peter F. 10 Gurus: e suas lições sobre trabalho, emprego e sucesso. VOCÊ S.A. Edição Especial.. Ano 1. Edição 3. Dezembro, 2002. São Paulo: Abril.

OLIVEIRA, A.F.S. Diagnóstico Esportivo no Brasil: Desenvolvendo Métodos e Técnicas. Tese Doutoral. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

OLIVIERA, Ailton Fernando Santana de. Gestão do Conhecimento em diagnósticos esportivos no Brasil. São Cristovão:editora UFS, 2012.

VALENTIM, Marta Ligia Pomim. Cultura organizacional e gestão do conhecimento. mar. 2003. [http://www.ofaj.com.br/colunaicgc_mv_0303.html].

REVISITANDO RIO 2016, PERGUNTA-SE O QUE REALMENTE ACONTECEU: JOGOS OLÍMPICOS OU FEIRA INTERNACIONAL OLÍMPICA?

LOOKING BACK TO RIO 2016, WHAT REALLY HAPPENED: OLYMPIC OR WORLD FAIR GAMES?

Lamartine DaCOSTA¹
dacosta8@terra.com.br

Briefing

Post event reports from IOC highlighted the 2016 Olympics as the most consumed Games ever, taking into consideration broadcast coverage viewed on television and digital platforms, as well as engagement on social media. Broadcasters around the world made more television coverage and more digital coverage available than ever before: over 350,000 hours total for Rio 2016 compared to almost 200,000 hours for London 2012. Moreover, half the world's population watched coverage of Rio's Games which also brought up over 7 billion video views of official content on social media platforms. According to Burnett (2016) these data suggested that the 2016 Games might be considered a landmark in terms of visibility and awareness of the Olympics. These worldwide impacts had naturally the local audiences as leverage which was previously enhanced by DaCosta (2016) in a public preview of the 2016 Games promoted by Soudoesporte movement. Indeed, the city of Rio de Janeiro since 1922 has been showcasing supportive connections with sport mega-events, as experienced by the later extinguished Latin American Olympic Games, an event shared by most part of local population. More recently, the 2007 Pan American Games also hosted by Rio de Janeiro were a great successful enterprise in terms of shareholders despite its management pitfalls. Furthermore, DaCosta in his historical predictive analysis suggested that the long-time sport audience-based tradition of Rio's could be comparable with the "aspiration", the civic self-valorization that emerged from the 2012 London Olympic Games' local

audiences. This soft patriotism in the case of 2016 Rio Olympics apparently stood up as a scenario for local citizenship's symbolic actions. On the other hand, this text aims to analyze far-reaching overviews from the civic aspiration thesis taking into account the disruptive digital event here previously raised from IOC sources. In another words, Rio 2016 Olympics became a multimedia platform in response to outside innovative pressures with a digital step-change that now requires a major reset in mind-sets from scholars dedicated to Olympic Studies. Actually, this turnaround was partially and previously detected by Susan Brownell (University of Missouri) examining new business-related forces of the Olympic Games. Overall, this researcher focused on the Hospitality Houses which have been a parallel and autonomous activity in past Games' environments but becoming a large-scale structure of meeting-points for commercialization and entertainment during the Rio 2016 mega-event. As a result, a work-in-progress debate on the Hospitality Houses 'turn' came forth during Rio Olympics' academic events joining S. Brownell to L. DaCosta with contributions from Beatriz Garcia (University of Liverpool) who embarked on the interpretation of a cultural spin-off provoked by the Hospitality Houses besides the detected digital volatile effects. Also Philippe Bovy (Swiss Federal Institute of Technology) gave innovative directions to the debate linking the effects of the new transportation system of Rio into the general connectivity of urban life of the city. Regardless of why these disruptions emerged in Rio's Olympics without participation from the Games' or local government's decision-makers, the exchange of thoughts agreed in a conception of the 2016 Olympic Games mixed with a World Fair-like promotion mostly created by the Hospitality Houses associated to an amplified digital connectivity of the city's life. In short, Rio de Janeiro became a non planned 'smart city' during the 2016 Olympic Games on account of a technological 'invasion' in addition to 'off-Rio 2016' events mostly carried on by Hospitality Houses. Symptomatically, data collected post Rio Games revealed that four million people accessed those participation opportunities while eight million shared the sport competitions. Thus far, a key question posed by the work-in-progress theoretical debates along the duration of the Olympics focused on what extension the Tokyo 2020 Olympic Games would turn to be a combined event with digital fair-like promotions. A last question but not least would then be whether the

digital dominance experienced by Rio 2016 signaled changes in the cultural dimensions of the Olympics

Introdução

Em dezembro de 2016, o Comitê Olímpico Internacional-COI deu conhecimento de suas versões de resultados de destaque dos Jogos Olímpico de 2016, quando da realização na cidade do Rio de Janeiro (Burnett, 2016). Houve então confirmações oficiais e detalhes das interpretações do grande sucesso já perceptível no Brasil e no exterior quanto aos megaeventos olímpicos e paraolímpicos no período agosto-setembro daquele ano. Em resumo, a comunicação institucional do COI identificou na atuação da Rio 2016 o alcance das tão perseguidas buscas de “universalidade e inclusão” (sic) dos Jogos Olímpicos, pon-do em relevo suas seguintes caracterizações mediáticas e sociais:

- As coberturas dos Jogos de 2016 por TV e meios digitais foram os de maior público na história sendo compartilhadas por metade da população do planeta, totalizando 350 mil horas e superando a cifra de 200 mil horas registradas em Londres 2012;
- As plataformas de mídia social – Facebook, Twitter etc – que incorporaram vídeos dos Jogos totalizaram sete bilhões de acessos no período dos Jogos;
- 45% dos onze mil atletas presentes nas competições eram mulheres uma cifra recorde na história do Jogos e pela segunda vez – depois de Londres 2012 – o grupo feminino competiu em todas as modalidades;
- As pesquisas independentes em escala mundial comissionadas pelo COI revelaram que 82% dos expectadores entrevistados revelaram uma melhor experiência do que as de suas expectativas nas transmissões dos Jogos do Rio de Janeiro;
- No Brasil, nove em cada dez pessoas com acesso à TV assistiram transmissões das competições; nos EE.UU., a rede NBC registrou 2.71 bilhões de minutos de transmissão ao vivo, 1.2 bi-

lhões além de todos os Jogos Olímpicos anteriores combinados; na China, a competição final de Badminton atraiu uma audiência maior do que todas as outras anteriormente registradas nos Jogos de Londres; no Japão, a audiência da Rio 2016 superou as de Londres 2012 para as competições com atletas mulheres.

Em conclusão, o relatório post hoc do COI sobre os resultados de Rio 2016 realçou os avanços de “visibilidade e de conscientização (awareness)” assumidos pelos Jogos Olímpicos, os quais se tornaram o evento de maior “consumo” na comunicação de massa da história da humanidade. Tal sucesso, focalizando-se a cidade do Rio de Janeiro em particular, foi previsto pelo autor deste texto um mês antes da realização dos Jogos de 2016 (DaCosta, 2016). Ou seja: numa entrevista de acesso público, assinala a existência de uma sintonia histórica da população da cidade com grandes eventos esportivos como já se verificara nos Jogos Olímpicos Latino-americanos realizados em 1922 (evento extinto pelo COI posteriormente), na Copa do Mundo de Futebol de 1950 e nos Jogos Pan e ParaPan de 2007, quando houve sucesso de público em que pese graves entraves na preparação de tais eventos.

Essa compreensão do público do Rio de Janeiro à luz da interpretação “consumidores” de megaeventos pautados pelo COI – o que tem se repetido no Carnaval, no Réveillon, no Rock in Rio etc, citando-se exemplos não esportivos – foi analisado com nuances pós evento diante do impacto de grande adesão popular confirmado por várias fontes nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos ocorridos em 2016 (DaCosta, 2017):

Em outras palavras, os sentidos de preservação e de desenvolvimento gerados tradicionalmente pelas propostas de legados olímpicos e paralímpicos, estariam agora sendo associados a um sentimento de pertencimento, típico de reações de adesão massiva e compartilhada local – ou mesmo nacional - a uma determinada crença coletiva. Portanto, os legados preliminarmente cogitados tornaram-se vinculados à

cidadania brasileira em geral e não somente a instituições específicas (governo e entidades esportivas privadas). Antes, nos Jogos de Londres 2012, fenômeno similar foi detectado, ganhando a denominação de “inspiration”, algo relacionado a um nacionalismo “soft” e de valorização positivas das coisas e realizações do Reino Unido, com o esporte operando como meio de intermediação. Mas a experiência brasileira aparentemente foi além da observada com base em Londres 2012 desde que os Jogos 2016 confundiram-se com a própria identidade da cidadania, como se comprovou frequentemente com os discursos dos atletas e do públicos assistentes veiculados na ocasião pela mídia. Assim sendo, os atos esportivos se transformaram em festividades cívicas, exibindo um consenso popular raramente encontrado no Brasil. Em resumo, a competição esportiva tornou-se sobretudo um cenário e um motivo para as manifestações de patriotismo em que a bandeira nacional tornou-se um símbolo dominante.

Sobreposição de jogos olímpicos com feira internacional durante Rio 2016

Assim disposto, a concepção de “consumo” divulgada pelo COI teve como contraponto uma versão tradicional de audiência marcada por motivações de cunho localista de viés patriótico. Entretanto, a meu ver, ambas as visões são pertinentes embora sejam incompletas, pois a experiência Rio 2016 consistiu basicamente - mas não de modo exclusivo - em compartilhamento multimídia dominado e orientado por conexões digitais. Tal compreensão foi construída progressivamente com contribuições de vários pesquisadores antes, durante e depois dos Jogos de 2016, constituindo, portanto um típico “work in progress” ao se adotar um jargão de pesquisa. Neste contexto de desenvolvimento, a presente contribuição propõe-se a construir um primeiro esboço da tese do compartilhamento popular e digital dos Jogos de 2016 ocorrido pretensamente em conjugação com as modificações estrutu-

rais da localidade que hospedou o megaevento em questão, a cidade do Rio de Janeiro.

A hipótese de situar o tecido e a mobilidade urbana da cidade hóspede dos Jogos 2016 como “framework” (estrutura básica) do comportamento receptivo da população local ao megaevento, deveu-se a Susan Brownell, antropóloga da Universidade de Missouri, em Saint Louis, EEUU, minha colega no Conselho de Pesquisas do COI, durante os períodos das Olimpíadas de Atenas 2004 e de Beijing 2008. Para Susan, a observação comparativa dos Jogos Olímpicos em suas versões recentes sugeria uma crescente ênfase na comercialização distinta dos casos de patrocínio, o que seria demonstrado pela atuação das Casas de Hospitalidade (Hospitality Houses) operando como espaços de promoção e convívio ao estilo de “show room” e de feira de negócios. Nessas condições, a audiência dos Jogos incorporaria também clientes além de meros assistentes, cujos espaços de contato dos primeiros teriam localizações ajustadas às estruturas urbanas, diferentes portanto das instalações esportivas com acesso para assistência das competições.

Prevendo-se que a cidade do Rio de Janeiro se conformaria às tendências identificadas por Susan, veio dela a solicitação de se coletar dados de comprovações por parte de meus alunos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, todos doutorandos e especializados em Gestão do Esporte, o que não foi possível implementar dada a sobreposição de tarefas durante a realização dos Jogos Olímpicos. Tivemos então encontros face-a-face durante a programação da Rio 2016 para debatermos o notável impacto das Casas de Hospitalidade, então já tornado evidente pelos noticiários das mídias e pela simples convivência com as ocorrências dos Jogos.

Em particular, discutimos o tema das “Casas” no transcorrer do 2º. Simpósio Internacional Pierre de Coubertin, localizado na Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro – um dos dez eventos acadêmicos que participei ou auxiliei na organização durante os Jogos no Rio de Janeiro – quando incorporamos no debate Beatriz Garcia. Esta

pesquisadora da área de sociologia urbana com foco em políticas culturais dos Jogos Olímpicos, vinculada à Universidade de Liverpool no Reino Unido, também tinha sido minha ocasional interlocutora em temas culturais dos Estudos Olímpicos e estava presente aos Jogos de 2016 dada a sua condição de consultora do Programa Cultural da Rio 2016. Coincidentemente, Beatriz também foi surpreendida com a inusitada adesão da população do Rio de Janeiro às Casas de Hospitalidade, então levantando a hipótese dessas instalações operarem como um “spin-off” cultural em meio aos efeitos da digitalização na sociedade local.

Beatriz Garcia, Susan Brownell e eu tentamos então encontrar explicações teóricas para o sucesso do dispositivo promocional de empresas e países do dispositivo “Casas” no ambiente do Rio de Janeiro e concluímos afinal que teríamos de obter dados post hoc sobre o fenômeno para alcançar posturas mais consistentes. Contudo, concordamos preliminarmente que os Jogos do Rio de Janeiro tinham se tornado uma mistura de “Olympic Games” com “World Fair” em condições semelhantes aos Jogos Olímpicos do início do século 20, i.e. Paris 1900, Saint Louis 1904 e Londres 1908. Até mesmo o Rio de Janeiro com seus Jogos Olímpicos Latino-americanos de 1922, segundo lembrei na ocasião, teria experimentado tal mistura (ver inter alia Torres, 2012).

Outra concordância entre Brownell, Garcia e DaCosta ainda durante o Simpósio da Universidade Santa Úrsula, incidiu na inexistência de qualquer intervenção quer do governo local, das autoridades federais ou das entidades líderes esportivas, para a geração e expansão do fenômeno “Hospitality House” durante os Jogos 2016. Estávamos então diante de um dispositivo de geração espontânea nitidamente importante mas de causas e efeitos não ainda monitoradas por pesquisas.

Rio 2016: conectividade orientada por eventos

Adiadas as interpretações teóricas do grupo gerado a partir de insights de Susan Brownell (ver Brownell, 2016, para interpretações do

Bovy como consultor do COI visitara o Rio várias vezes durante os preparativos para o Rio 2016, habitualmente constatando a desarticulação entre modais do transporte urbano da cidade. Mas finalmente admitindo uma mudança fundamental quando da inauguração da Linha 4 do Metrô já nas vésperas da abertura dos Jogos Olímpicos. Para este expert suíço surgira finalmente uma articulação efetiva com a conjugação dos novos modais com as múltiplas ligações de de ônibus tradicionais e de transporte individual. O avanço neste caso, segundo Bovy, residia na lógica de conexões entre os modais, agora posta ao alcance físico e às decisões dos usuários por informações a eles disponibilizadas.

Fonte: Cloud Technology Network, 2016

A contribuição de Bovy iluminou o caminho para se chegar à abordagem da conectividade como meio de interpretação do que ocorreu durante Rio 2016 tanto com o transporte público e privado como em relação ao sucesso das Hospitality Houses. Isto porque em um centro urbano com múltiplos e abrangentes acessos aos meios digitais de comunicação, a integração dos meios de transporte e de outros serviços locais torna-se mais viável e eficiente vis-à-vis decisões descentralizadas, autônomas e operacionais dos usuários (Mansury & Shin, 2015); tal tipo de articulação tem sido geralmente relacionadas às “smart cities” (cidades inteligentes) que se tornaram correntes pelo uso da tecnologia para melhorar a infraestrutura urbana e tornar os centros urbanos mais eficientes na convivência social.

Neste contexto de conceituações as Casas de Hospitalidade Rio 2016 podem ser inseridas como serviço e também como tecnologia pois intermediaram conteúdos na intensa e ampla digitalização da cidade durante os Jogos. Além disso, elas pressupostamente participaram no que também se tornou corrente nos estudos de conectividade sob a denominação de “event-oriented connectivity” (conectividade com base em eventos) ora admitindo-se os Jogos Olímpicos como evento focal.

Em contas finais o Rio de Janeiro tornou-se na prática uma cidade de vida urbana conectada durante os Jogos Olímpicos 2016, embora não tenha havido um planejamento abrangente neste sentido. Ou seja, a conectividade originada dos Jogos Olímpicos com suas demandas globais e advinda da digitalização pode ser sobretudo considerada como um efeito unificado e amplo de causas diversificadas e muitas vezes independentes entre si como sugere a figura 1, captada de anúncios promocionais de dados em nuvem. Nesta disposição a conectividade apresenta-se em posição de convergência e produto comum diante de uma diversidade de processos e de instrumentos de intervenção urbana.

Em adendo a essa interpretação teórica ainda inicial pretende-se que os Jogos Olímpicos do Rio não somente atuaram como catalizadores das diversas novas, reabilitadas e tradicionais intervenções urbanas como também criaram a convergência necessária para uma experiência com sentido e significado de compartilhamento coletivo. É

compreensível outrossim que tal experimentação tenha durado apenas no período dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos levados a efeito em agosto-setembro de 2016, pois logo após estes megaeventos houve uma desmobilização das intervenções geradas a partir de tais conjuntos de competições, incluindo naturalmente as Casas de Hospitalidade. Portanto, a experiência de conectividade urbana orientado por aqueles grandes eventos esportivos deve ser observada post hoc como um teste de viabilidade na perspectiva do projetos de desenvolvimento futuro da cidade.

Identificando o cinturão de conectividade do rio de janeiro

Estabelecido o procedimento de trabalho em progresso (work in progress) para o desdobramento do presente estudo, apresenta-se a seguir uma apreciação preliminar dos dados até agora organizados à luz do marco teórico da conectividade. Com este objetivo foi produzido o mapa da figura 2 em que se destacam os quatro polos de competições dos Jogos 2016 referidos à cidade do Rio de Janeiro, aduzindo-se a localização predominante das 60 Casas de Hospitalidade como também dos dez eventos acadêmicos em que houve participação do autor deste texto.

Figura 2 Cinturão de conectividade



Fonte: produção do autor

Esse primeiro exercício de localização foi esboçado a fim de se observar adaptações das Casas de Hospitalidade e dos eventos acadêmicos aos modais de transporte operados durante os Jogos 2016, apontados por Philippe Bovy como reveladores da estrutura lógica da mobilidade urbana e portanto do próprio sentido de conectividade. Como apontam as convenções gráficas de ambos os tipos de intervenção, houve uma localização predominante ao longo das áreas urbanas do centro da cidade – incluindo a área reabilitada do “Porto maravilha” –, passando pelos bairros do Flamengo e Botafogo, alcançando a Zona Sul e estendendo-se até a Barra da Tijuca. Este percurso naturalmente se ajustou aos modais renovados e novos de transporte, permitindo assim reforçar a conectividade já ambientada na cidade pelos meios digitais relacionados aos Jogos.

Em síntese, as Casas de Hospitalidade e os eventos acadêmicos localizaram-se em formato de cunha seguindo as margens da Baía de Gunabara e do Oceano Atlântico, no sentido do Centro para a Zona Sul da cidade. A partir deste roteiro constatou-se que houve uma outra cunha no sentido Barra – Deodoro em que se localizaram os novos hotéis da cidade construídos para atender a demanda dos Jogos – o número de quartos da hotelaria da cidade dobrou com esses adendos – e de certa forma para participar das novas ofertas turísticas criadas em função do Parque Olímpico na margem oeste da Barra da Tijuca. Uma terceira cunha foi identificada pela localização dos novos parques de grande porte para atividades esportivas das Zonas Norte e Oeste da cidade, isto é, Madureira e Deodoro, que se somaram a dois parques antigos de porte semelhante das mesmas Zonas: Quinta da Boa Vista e Miécimo. Uma quarta cunha é perceptível pelo eixo formado pelos estádios Engenheiro-Maracanã que se completa pelo centro da cidade e praia de Copacabana com suas adaptações de espaços de competição para os Jogos.

Isto posto, os quatro aglomerados identificados esboçaram uma conformação oval para a cidade, operando efetivamente como um cinturão de conectividade cogitando-se dos quatro polos dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos e seus adendos, até então mais perceptíveis e funcionais com relação às novas localizações e funções mapeadas. Por conseguinte, a renovação dos modais de transporte deve ter tido influ-

ência nas escolhas de localização das novas intervenções das Casas de Hospitalidade e dos eventos acadêmicos tanto quanto o ambiente urbano que se preparou previamente para ampla digitalização. De outro modo não seria possível para essas operações “Off - Rio 2016” alcançar os quatro milhões de participantes estimados pela Prefeitura do Rio de Janeiro para eventos não incorporados aos Jogos em áreas de concentração de Casas de Hospitalidade. Note-se que as competições dos Jogos Olímpicos teve oito milhões de assistentes, quantitativo cujo contraste com participantes dos eventos Off-Rio 2016 traz evidente importância para estes últimos.

Os dados quantitativos não relacionados diretamente às competições correspondem a um levantamento realizado durante os Jogos Olímpicos 2016 dado a público pela Associação Comercial do Rio de Janeiro - ACRio e que abrangeu a área Porto Maravilha – Boulevard Olímpico onde funcionaram Casas de Hospitalidade de destaque durante os 17 dias dos Jogos em adição aos frequentadores dos parques Madureira e Miécimo no mesmo período (ACRio, 2016). Numa única entidade de frequência controlada, a “Casa Brasil” – a de maior porte – houve 450 mil visitantes no período olímpico, o que oferece uma idéia do sucesso de adesão aos eventos de hospitalidade no ambiente de compartilhamento gerado na cidade.

Diante dessas revelações entendo que está aberta a temporada de novas pesquisas e estudos sobre a fusão Jogos Olímpicos – Feira Internacional bem como sobre a emergente cidade do Rio de Janeiro como um centro urbano de conectividade orietada por eventos esportivos, culturais e de promoção comercial. E na conformidade destas expectativas importa levar em conta duas perguntas correntes nos debates da Universidade Santa Úrsula: em que medida a Olimpíada Tokyo 2020 pode se tornar uma também uma combinação de Jogos Olímpicos com Feira Internacional? E neste contexto cabe por outro lado questionar: o domínio digital experimentado pela Rio 2016 sinalizou mudanças nos significados culturais dos Jogos Olímpicos?

Referências

- ACRio (2016) Rio de Janeiro: Creating a Shared Future. Candidacy for the 11th World Chambers Congress 2019. Rio de Janeiro, p. 70
- BROWNELL, S.(2016) What is the difference between the Olympic Games and a Chocolate bar? Commercialism, values, and education in the Olympic Movement today. Simposio Internacional Pierre de Coubertin – Rio de Janeiro.
- BURNETT, D.(2016) How do we know that Rio 2016 was a success: <https://www.olympic.org/news/how-do-we-know-that-rio-2016-was-a-success>.
- CHAPPELET, J.L. (2016) Conferência na Universidade Santa Úrsula: <http://blogosfero.cc/correiodobrasil/cdb/palestra-debate-impactos-e-legados-dos-jogos-olimpicos>
- DaCOSTA, L. (2016) Entrevista com Fabiana Bentes sobre Rio 2016. Facebook com acesso em <https://www.facebook.com/SouDoEsporte/videos>
- DaCOSTA, L. (2017) O Dia Seguinte dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos – Experiências e novas Previsões. Anuário Soudoesporte. Bentes, F. (ed), Rio de Janeiro, p. 166 – 171.
- MANSURY, Y. & SHIN, J.K. (2015) Size, connectivity, and tipping in spatial networks: Theory and empirics. Computers, Environment and Urban Systems 54 (2015) 428–437
- TORRES, C. R. (2012) Jogos Olímpicos Latino-Americanos - Rio de Janeiro 1922. CBAat – Caixa Econômica.

DÉCADA DE MEGAVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL: UMA NARRATIVA DAS AÇÕES DO GOVERNO FEDERAL

DECADE OF SPORTING MEGAVENTOS IN BRAZIL: A NARRATIVE OF THE FEDERAL GOVERNMENT ACTIONS

Cassia DAMIANI¹
Alberto Reinaldo REPPOLD FILHO²
cassiadamiani@hotmail.com

Briefing

During the period from 2007 to 2016, Brazil hosted a number of major sporting events, including the World Football Cup and the Olympic Games. This period became known in the country as the decade of sports mega events. The planning and organization of these sporting events, from the bidding to the monitoring of the legacy, required and continues to require a great involvement of the federal government. The purpose of this study was to describe and to some extent interpret the actions of the federal government in relation to these events. The research work involved consultation of a wide variety of government documents, in particular those produced by the Ministry of Sport. In addition, the personal records of the researchers, both public managers, working in different areas of government, and therefore active subjects in the process of performing these events, were used. The results were organized in three parts. The first presents a retrospective of the actions of the federal government in the period in question.

The second deals with sports mega events as inductors of national development. In the third part, the sports mega events are examined in their relation with the sports policies of the federal government. The

1 Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Licenciada em Educação Física e Especialista em Fundamentos Filosóficos da Educação Física pela Universidade Federal Mato Grosso; Professora Adjunta do IEFES/UFC, atualmente em exercício na ESEFID/UFRGS, onde é membro do Centro de Estudos Olímpicos e atua nos cursos de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

2 Doutor em Educação pela Universidade de Leeds, Reino Unido; Mestre em Educação e Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professor Associado da ESEFID/UFRGS, onde coordena o Centro de Estudos Olímpicos e atua nos cursos de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

results indicated that the organization of sports mega events in Brazil, besides the specific aspects of sport, appears integrated and articulated to the more general policy of the federal government, thus not being characterized as an end in itself, but as inducing a policy that the focus was on national development.

Introdução

Os grandes eventos esportivos que aconteceram no Brasil de 2007 a 2016, em especial a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, despertaram a atenção e o interesse de diferentes segmentos da sociedade brasileira e do exterior. Análises e interpretações dos impactos e legados destes eventos foram levadas a efeito por acadêmicos e profissionais de várias áreas. A comunidade esportiva, o setor empresarial, as associações comunitárias, entre outros grupos e setores organizados, examinaram e debateram as implicações destes eventos nas suas esferas de interesses. Representantes e lideranças políticas, do governo e fora dele, também expressaram suas posições. A mídia nacional e internacional acompanhou e repercutiu os acontecimentos quase que diariamente. Portanto, não é exagerado afirmar que abundam estudos e opiniões, dos mais aos menos embasados, sobre praticamente tudo que se possa pensar e imaginar sobre estes eventos. Neste relato, o que nos propomos realizar soma-se a este esforço de entender o significado destes eventos para o país.

O propósito foi construir uma narrativa com foco no Governo Federal. Mais especificamente, procuramos a partir da consulta a documentos e da nossa experiência pessoal de gestores públicos, com atuação em diferentes âmbitos do governo – em que uma atuara por 12 anos diretamente na gestão do Ministério do Esporte e, o outro, no Projeto Referências para o Desenvolvimento do Plano Nacional de Esporte de Alto Rendimento, uma parceria do Ministério do Esporte com Centro de Estudos Olímpicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – portanto, sujeitos ativos no processo de realização destes eventos, descrever e em certa medida interpretar, as ações do Governo Federal, protagonista principal dos acontecimentos que escolhemos narrar.

A decisão foi de, sob o ponto de vista da gestão das políticas públicas, dar ênfase às ações do Ministério do Esporte, extrapolando, no entanto, os aspectos organizativos dos eventos esportivos, para apontar como as ações do Ministério se inseriam e articulavam com o plano de desenvolvimento econômico e social do Governo Federal. Os grandes eixos estratégicos da Política Nacional do Esporte – políticas sociais do esporte e lazer, políticas de futebol e políticas do esporte de alto rendimento – constituem parte da narrativa, por estarem imbricados à realização dos grandes eventos esportivos.

Retrospectiva dos Megaeventos Esportivos no Brasil

Em princípio, vale considerar que os Jogos Pan e Parapan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro, eram vistos com desconfiança. Poucos apostaram que o país seria capaz de realizar um evento de tamanha envergadura. O Brasil não tinha tradição de organizar eventos esportivos deste porte, os serviços urbanos necessários para sediar tais eventos eram quase sempre de baixa qualidade, as obras públicas raramente eram concluídas no prazo e a valores praticados no mercado, além de prevalecer a falta de planejamento e a densa burocracia, no país. Os Jogos, entretanto, eram um compromisso assumido pelo Brasil e também, na visão de muitos, uma oportunidade para promover mudanças na cidade do Rio de Janeiro.

Tendo, por um lado, uma concepção de cidade e de planejamento urbano que remonta os anos de 1993 e 1994, quando da elaboração do Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro (VAINER, 2013), e por outro, o entendimento de que os megaeventos esportivos são propulsores de mudanças urbanas, o poder público tomou medidas, umas com maior resolutividade outras nem tanto, para criar condições que assegurassem a realização destes eventos esportivos na cidade do Rio de Janeiro.

Em termos de resultados esportivos e de acolhida junto à população, os Jogos se revelaram um sucesso. Os atletas brasileiros conquistaram 157 medalhas no Pan, atingindo a terceira posição no quadro geral. No Para Pan, foram 228 medalhas, obtendo a primeira colocação. Logo após o Pan, uma pesquisa do Ibope revelou uma visão favorável

do evento entre a população brasileira com mais de 16 anos: 81% consideraram os Jogos “bem organizados” e, 73%, que os recursos para promovê-los foram “bem aplicados”. O Comitê Olímpico Brasileiro (COB) qualificou o Pan como um sucesso, posição compartilhada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), com relação ao Para Pan. O governo brasileiro também classificou os eventos com bem-sucedidos, embora reconhecendo que ocorreram problemas em algumas áreas – o que serviu para balizar o planejamento de futuros empreendimentos dessa magnitude. Tais avaliações não tiveram acolhidas em outros setores e segmentos da sociedade brasileira, que apontaram problemas de planejamento e organização. De qualquer forma, a realização destes eventos criou um ambiente favorável junto às organizações esportivas internacionais para a candidatura brasileira aos Jogos Olímpicos de 2016. O entendimento do governo brasileiro de que o Pan de 2007 trouxe resultados positivos também reforçou os argumentos a favor das pretensões do país sediar a Copa do Mundo de Futebol.

A partir da experiência do Pan, mesmo os membros do governo brasileiro mais refratários a ideia de realizar megaeventos esportivos no país, estavam cientes de que as cidades e os países que se candidatam a sediar tais eventos são movidos por interesses que extrapolam o esporte: projetar sua imagem para o mundo, atrair novos nichos de mercado, dinamizar cadeias produtivas, promover mudanças urbanas, entre outros. Havia assim uma concordância maior em nível governamental de que, se bem planejados e executados, estes eventos poderiam gerar benefícios para o Brasil. Ao se analisar a agenda estratégica da Presidência da República, observa-se que, a partir dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, o esporte passou a figurar como um dos fatores centrais de desenvolvimento social e econômico do Brasil (BRASIL, 2008, 2010, 2016).

A pretensão de sediar grandes eventos esportivos esteve presente, desde então, entre os principais objetivos estruturantes e de longo prazo do Governo Federal. O Ministério do Esporte recebeu a incumbência de levar em frente tal intento, uma vez que, na esfera governamental, havia sido o principal envolvido na realização dos Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos de 2007, tendo acumulado conhecimento e experiência no assunto.

Com a conquista do direito de sediar a Copa do Mundo de Futebol, anunciada pela Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), em 30 de outubro de 2007, o país começou a se preparar para o evento, planejando investimentos e tendo como ponto de partida o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Para o Governo Federal, a Copa significava muito mais que a disputa de 64 partidas de futebol por seleções de 32 países. Tratava-se de um evento que produziria oportunidades e que serviria como indutor para o desenvolvimento nacional, e uma excelente plataforma para a promoção do Brasil, em âmbito global.

Ao mesmo tempo em que se desenvolviam os preparativos para a Copa do Mundo de Futebol, o Governo Federal estava envolvido com a candidatura e depois com a organização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016.

Estudos realizados por instituições brasileiras e do exterior auxiliaram na tomada de decisão dos gestores públicos federais a respeito do modelo a ser adotado. Diante das propostas examinadas, o Governo Federal optou pelo utilizado por Barcelona, nos Jogos Olímpicos de 1992. Assim, diferente de países que se valem de infraestrutura e serviços já montados em fases anteriores do seu desenvolvimento para servir aos grandes eventos esportivos, para o governo brasileiro a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos significavam uma oportunidade para acelerar a montagem de infraestrutura crucial para o desenvolvimento do país, bem como fortalecer e expandir políticas públicas garantidoras de direitos de cidadania e alavancar cadeias produtivas e inovadoras, tanto no âmbito nacional quanto regional.

Em 2 de outubro de 2009, em Copenhague, na Dinamarca, a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida como sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. A conquista foi emocionante e alvissareira, em especial para aqueles que atuaram na candidatura, processo que envolveu elevado número de pessoas e recursos, planejamento detalhado e incontáveis ações do Governo Federal e de outras entidades públicas e privadas envolvidas nesta etapa.

O sucesso na candidatura redobrou as responsabilidades do país para transformar em realidade os compromissos assumidos fren-

te à população brasileira e à comunidade esportiva internacional. Ao longo da preparação para estes eventos, havia expectativas otimistas quanto a sua realização, mas havia também muitas dúvidas e críticas. Alguns setores da sociedade brasileira resistiram e mesmo se opuseram às exigências do Comitê Olímpico Internacional (COI) e do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) e organizações esportivas detentores dos direitos sobre estes eventos, e não viam com bons olhos os volumosos recursos públicos a serem colocados na sua realização. Inúmeros encontros, estudos e publicações foram financiados pelo Ministério do Esporte e outros setores do Governo Federal (REPPOLD FILHO, 2016, p. 24), com o intuito de compreender os aspectos positivos e negativos destes eventos, dos ganhos e perdas que acarretam, dos segmentos que lucram e dos que são prejudicados, e fundamentalmente, dos mecanismos de organização adotados pelos países que sediaram megaeventos esportivos.

Um desafio dessa magnitude exigia um grande esforço governamental. No momento da preparação desses dois megaeventos, resurgiu a necessidade de enfrentar de forma contundente as limitações que o país se deparara quando da realização dos Jogos Pan e Parapan-americanos. Para isso, o Governo Federal propôs mudanças na legislação, implementou o planejamento e o monitoramento das ações dos eventos e da construção de infraestrutura, instituiu novos modelos de contratação com acompanhamento gerencial e dos órgãos de controle, mobilizou capacidades e expertises para que se debelassem obstáculos passíveis de solução. Para dar agilidade às contratações, por exemplo, adotou-se o Regime Diferenciado de Contratações públicas, o RDC – após intenso debate no Congresso Nacional – previsto para aperfeiçoar licitações de obras e serviços relacionados à Copa do Mundo de 2014 e aos Jogos Olímpicos de 2016. Posteriormente, o RDC foi estendido para outras áreas da administração pública. Essas medidas foram consideradas pelo Governo Federal um legado dos megaeventos esportivos à gestão pública e ao esporte do país.

A estrutura de governança para os megaeventos esportivos ganhou relevância nos anos de 2011 e 2012. Neste período, o Governo Federal concebeu um modelo de gestão integrada entre os três níveis de governo, os parceiros privados e a sociedade civil. Para a concre-

tização desta ideia, sob a coordenação executiva do Ministério do Esporte, foram criados comitês de governança da Copa do Mundo da FIFA e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, organizados em câmaras temáticas que reuniam todos os órgãos dos governos federal, estaduais e municipais que estivessem envolvidos nos respectivos eventos, tendo a corresponsabilidade de acompanhar e executar, em cada instância, os compromissos governamentais e projetos cabíveis na matriz de responsabilidade dos eventos.

Desde a fase de postulação, o Governo Federal juntamente com o Governo do Estado do Rio de Janeiro e a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro se comprometeu em assegurar as garantias e exigências do Comitê Olímpico Internacional e do Comitê Paralímpico Internacional para a realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016.

Essas garantias motivaram a constituição do Consórcio Público denominado Autoridade Pública Olímpica (APO), que teve por objetivo coordenar a participação das três esferas de governo na preparação e realização dos Jogos de 2016, congregar e divulgar os principais compromissos por elas assumidos por meio da Matriz de Responsabilidade e no Plano de Aceleração de Políticas Públicas.

Os governos federal, estadual e municipal, a APO e o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 integram uma estrutura de governança criada exclusivamente para atendimento dos Jogos, cuja tarefa principal era coordenar e gerenciar as diversas ações requeridas para uma adequada realização dos eventos.

No âmbito do Governo Federal, foi criado o Comitê Gestor dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 – CGOlimpíadas que, auxiliado pelo Grupo Executivo dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 – GEOlimpíadas, teve por competência aprovar e coordenar as atividades desenvolvidas por órgãos e entidades da administração pública federal ou financiadas com recursos da União referentes aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

O CGOlimpíadas foi formado pelo Ministério do Esporte (coordenador), pela Casa Civil/Presidência da República, pelo Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão, pelo Ministério da Fazenda, pela Controladoria Geral da União, pelo Ministério da

Defesa e pelo Ministério da Justiça.

Foram criadas 15 Câmaras Temáticas para tratarem da: Acessibilidade, Cidades do Futebol; Comunicação; Cultura, Turismo e Imagem do Brasil com Casa Brasil e Cerimônias; Energia; Legado Estratégico; Controle de Dopagem; Meteorologia; Políticas Sociais; Revezamento da Tocha; Saúde; Segurança, Defesa e Inteligência; Sustentabilidade; Telecomunicações; Transporte e Mobilidade com Chegadas e Partidas, mais Saúde Animal.

Para assegurar a memória e embasar futuras experiências e estudos, as informações oriundas do monitoramento realizado pelo Ministério do Esporte, em assessoramento ao CGOlimpíadas e ao GEOlimpíadas foram sistematizadas em plataformas digitais desenvolvidas para esta finalidade.

Essa modelagem de gestão integrada, prevista e realizada para maior alinhamento, agilização e economia na execução dos processos, no intuito de se obter maior efetividade nas entregas dos eventos, foi considerada pelo Ministério do Esporte uma inovação e um legado importante para a gestão pública.

Em 2013, ocorreu a Copa das Confederações, competição preparatória para a Copa do Mundo de Futebol, que aconteceria no ano seguinte. O evento envolveu seis cidades brasileiras: Belo Horizonte, Brasília, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e Salvador. No gramado, a seleção brasileira saiu vitoriosa. Fora do campo, a FIFA e o governo brasileiro festejaram o recorde de público nos estádios (média de 50 mil pessoas por partida) e o sucesso financeiro do evento. A Copa das Confederações, entretanto, foi marcada por manifestações populares nas principais cidades do país, que reivindicavam redução da tarifa e melhoria do transporte público, segurança para a população, combate à corrupção, e maiores investimentos em educação e saúde. Os manifestantes criticavam também os elevados gastos com a Copa do Mundo de Futebol e com os Jogos Olímpicos de 2016.

A opinião emitida pelo Secretário Executivo do Ministério do Esporte, à época, ilustra o pensamento do Governo Federal sobre as manifestações que ocorrem em junho de 2013, enquanto era disputada a Copa das Confederações, em especial no que diz respeito aos

eventos esportivos estarem absorvendo recursos que deveriam ser investidos em outras áreas consideradas prioritárias. A asseverar que a mensagem transmitida ao Estado é de que os indubitáveis avanços econômicos e sociais conquistados pelo Brasil nos últimos dez anos precisam ser acompanhados por melhorias na infraestrutura urbana e nos serviços oferecidos à população, concluiu que

O legado construído por todos os entes públicos e privados envolvidos no planejamento da Copa e das Olimpíadas contempla, justamente, os anseios da população brasileira, ecoados pelos manifestantes. Integram este legado o rigoroso controle e fiscalização dos empreendimentos associados a esses eventos, para evitar e combater gastos excessivos, bem como o mau uso de recursos públicos (FERNANDES, 2013, p. 22).

O período que se seguiu a Copa das Confederações, para os setores de opinião foi de incertezas com relação à conclusão de estádios e outras obras previstas para a Copa do Mundo. A preparação para este evento exigiu grande aporte de recursos públicos. Na construção e reforma dos estádios, foram gastos 8,38 bilhões de reais, sendo 3,81 bilhões financiados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) – sob-regras praticadas no mercado – 3,95 bilhões de reais de investimentos dos governos locais, e 611 milhões de investimentos privados. Os investimentos para o evento totalizaram 27,1 bilhões de reais. No valor estão incluídas obras de mobilidade urbana, portos, aeroportos, segurança, telecomunicações, infraestrutura de turismo e instalações complementares para o evento (BRASIL, 2015).

Em 2014, nos meses de junho e julho, o país recebeu a Copa do Mundo de Futebol. Estiveram presentes no evento cerca de 1 milhão de estrangeiros de mais de 200 países, superando as expectativas, que estimavam uma presença inferior a 600 mil turistas. Desses, mais de 85% declararam pretender retornar o Brasil. Cerca de 16,7 milhões de passageiros circularam nos aeroportos do país, 3.429.873 adquiriram ingressos e estiveram nos 12 estádios.

A Copa de 2014 foi transmitida por 375 emissoras de TV de todo o mundo, envolvendo 19 mil profissionais de mídia de 204 países, atin-

gindo um público acumulado de mais de 30 bilhões de pessoas, ou seja, cerca de 500 milhões de expectadores por jogo. Duas das principais redes sociais do mundo divulgaram suas estatísticas de 2014 e confirmaram a Copa do Mundo no Brasil como o maior evento da história em números de interações. Somente no Twitter, foram 672 milhões de mensagens sobre o Mundial, transformando o torneio no evento mais “tuitado” de todos os tempos. Foram 3 bilhões de interações no Facebook, durante o evento, com mais 350 milhões de pessoas envolvidas. Na internet, como ilustração, o Google registrou mais de 2,1 bilhões de buscas relacionadas ao Mundial. (BRASIL, 2015b).

A presença desses profissionais de comunicação, muitos deles elogiando o evento, sinaliza um ganho de projeção de imagem do país para o mundo. Porém, o legado de imagem ainda é difícil de mensurar. Nos próximos anos, as agências governamentais e os setores privados dedicados à questão, poderão nos fornecer uma visão mais bem definida, ao contabilizarem o fluxo turístico e o retorno sob forma de novos negócios e investimentos estrangeiros no país.

A Presidente Dilma Rousseff afirmou que o sucesso da realização da Copa do Mundo foi uma conquista do povo e do governo brasileiro, que ensejaram a realização da chamada “Copa das Copas”, embora reconhecendo que foi preciso atravessar um momento delicado de preparação deste megaevento, ante a uma atmosfera, artificializada, de desconfiança e pessimismo. Para setores estratégicos do Governo Federal, esta atmosfera de que a Copa não seria bem-sucedida foi uma criação de setores da grande imprensa, com apoio das elites inconformadas com um possível êxito governamental, e o estímulo daqueles que se apresentaram como adversários políticos eleitorais.

Com a superação desses e outros problemas relacionados ao cronograma das entregas, às mudanças do marco legal, somadas à pressão sofrida pela mídia, o Governo Federal entendeu que, ao realizar esse evento, o país ganhou a Copa fora de campo, com investimentos em aeroportos, portos, mobilidade urbana e arenas multiuso que ficaram para a sociedade brasileira como dividendos perenes e legado institucional do evento – passo importante para o desafio do governo brasileiro de transformar esses legados em elevação da qualidade dos serviços públicos essenciais prestados a toda população.

Assim, com exceção do fracasso da equipe brasileira em campo e de episódios e contratempos considerados pouco relevantes fora do campo, a Copa do Mundo de Futebol foi qualificada como um sucesso pela FIFA e pelo governo brasileiro. Esta posição foi compartilhada por setores da mídia nacional e internacional, por turistas estrangeiros e por segmentos da população brasileira. É importante destacar, contudo, que muitas obras de melhorias urbanas previstas inicialmente nas matrizes de responsabilidade ligadas à Copa, não foram entregues a tempo. Em algumas cidades, ainda existem obras não concluídas.

Nos anos seguintes à Copa do Mundo, as atenções se voltaram para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, desafios finais do período que ficou conhecido como: a década dos megaeventos esportivos, no Brasil.

Megaeventos Esportivos como Indutores do Desenvolvimento Nacional

O Governo Federal considerou os megaeventos esportivos como oportunidades para as grandes mudanças que intencionava para o país, tendo na discussão dos legados um ponto central na sua estratégia geral de desenvolvimento e não apenas na preparação para os grandes eventos esportivos.

Sob o olhar da gestão pública federal, os legados foram entendidos como “resultados produzidos, direta ou indiretamente, pela realização de grandes eventos esportivos, em nível nacional e regional, tangíveis ou intangíveis, planejados ou não, que transformam de forma positiva e duradoura a sociedade que os sedia” (FERNANDES, 2013, p.19).

Por decisão do Governo Federal, buscou-se implantar um programa de desenvolvimento que, sob o conceito de “nacionalização” dos benefícios dos grandes eventos esportivos, previu a disseminação de investimentos na construção e modernização da infraestrutura esportiva, para além do Rio de Janeiro, no caso dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, e para 12 capitais, na Copa do Mundo de Futebol. A visão adotada previa que os benefícios planejados para as cidades-sede da Copa, em todas as regiões do país, se ramificariam para as cidades circunvizinhas em efeito dinamizador da economia local e regional, potencializando-se as oportunidades, tanto do desenvolvimento

econômico, quanto do despertar para a prática esportiva e para a formação de valores advindos do esporte para a população.

Com base neste entendimento, foram feitos os projetos setoriais dos megaeventos que, embora interligados, destacava-se na economia. O foco era o estímulo ao crescimento econômico ligado à diminuição das desigualdades e à geração de empregos com novos negócios e produtos. Aqui, além dos legados, durante a preparação e realização dos eventos, o Governo Federal visualizou – em um ciclo virtuoso –, que novos empregos e rendas seriam gerados e oportunidades de negócios surgiriam.

No âmbito urbano e da logística, as iniciativas geradoras de legado para os megaeventos esportivos deveriam elevar as condições de vida nas cidades, com projetos estruturantes nas áreas de mobilidade urbana, em particular transporte público, saneamento e habitação. Além de modernizar e ampliar equipamentos e serviços garantidores da realização dos eventos, seria preciso perdurarem para a sociedade depois de sua conclusão.

A segurança pública, projetada a novo patamar de articulação – adquiridas com a experiência do Pan 2007 – e com equipamentos sofisticados, haveria de se constituir numa inteligência que integraria as várias corporações civil e militar, em nível federal e estadual, dirigida a ações mais preventivas e abordagens menos repressivas, que evitassem conflitos violentos, pautados pelo envolvimento das comunidades.

No aspecto social, pensou-se a ampliação dos direitos de cidadania e da qualidade dos serviços públicos nas áreas de educação, saúde, acessibilidade, segurança e defesa. Inclusive, para a cultura, foi prevista a valorização da identidade e da autoestima nacionais, nas suas múltiplas e variadas expressões.

Quanto ao meio-ambiente, os quesitos de sustentabilidade deveriam ser empregados ao conjunto de empreendimentos e iniciativas associados aos megaeventos esportivos. Esse seria, na intenção governamental, um dos grandes diferenciais nos projetos de mobilidade urbana e dos equipamentos esportivos.

Na dimensão esportiva, a proposta consistia em realizar a construção e modernização das instalações que sedariam os eventos, bem

como a ampliação da infraestrutura e das políticas de fomento para a atividade esportiva em todo o país. A visão foi de alavancar o Brasil ao patamar de potência esportiva, de forma sustentável e perene. E para isso, seria necessário dotar o país de capacidade social e logística compatível com os padrões de desenvolvimento sustentável, de uma economia, que figurava entre as dez maiores do planeta.

Uma das razões que mobilizam os países a disputarem e se empenharem para conquistar o direito de realizar grandes competições esportivas, é que tais eventos são acontecimentos únicos de exposição dos países para o mundo. Isso é ainda mais relevante no caso dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo de Futebol, que reúnem grande número de países e atraem a atenção do público e da mídia internacional. Como mostrado, são bilhões de espectadores que assistem as cerimônias de abertura e encerramento e as competições. Os governos envolvidos nestes eventos têm consciência de que se trata de um espaço peculiar para modificar e projetar a imagem de seus países internacionalmente e fazer crescer sua influência no mundo: o chamado *soft-power* ou poder brando. (NYE, 2004). O governo brasileiro também seguiu este caminho.

O *soft-power* é um instrumento essencial para a diplomacia pública, que objetiva proporcionar a comunicação de um determinado país diretamente com o público de outros países, com o propósito de divulgar e tornar aceitos seus valores, sua cultura, atrair investimentos, abrir mercados para suas empresas e, sobretudo, tornar aceito seu poder econômico e militar. As grandes potências econômicas valem-se do uso da diplomacia pública, que de forma intencional, pautam os mega-eventos esportivos (FOREIGN AFFAIRS COMMITTEE, 2011).

Desta forma, os governos dos países que sediaram grandes eventos esportivos utilizaram-se da realização de tais eventos como instrumentos de diplomacia pública visando a melhorar a reputação e a imagem internacional dos seus respectivos países, aumentar sua influência no mundo e criar oportunidades de negócios para suas empresas.

Isto foi visto nos Jogos Olímpicos de 1992 que impulsionaram a transformação de Barcelona, de insignificante centro industrial em

uma das mais importantes cidades globais. Nos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000, trouxeram grandes benefícios de longo prazo para a cidade e para a reputação internacional da Austrália. Na Alemanha, a Copa do Mundo de 2006, foi bem planejada e executada, com foco em preservar a imagem de um país confiável e produtor de bens de alta qualidade, desfazendo a imagem de um povo “formal”. Na República Popular da China, com os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, que teve um imenso palco para expor suas realizações e o seu potencial futuro para uma audiência global, o que foi um grande sucesso, por todas as dimensões e projetou Pequim como uma cidade de classe mundial.

E, no caso emblemático do Reino Unido, nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012 que com a estratégia de promover a cultura e os valores do seu povo, colocando-se como centro global em um mundo interconectado para ampliar os negócios em países-alvo (o Brasil entre eles) e aumentar a segurança do Reino Unido, reforçando, particularmente entre os jovens, os valores de tolerância, moderação e abertura (PAULINO, 2015).

No caso do Brasil, houve uma preocupação com a imagem do país e sua projeção econômica. Embora o conceito de soft-power não estivesse ainda bem estabelecido em nível governamental na época das candidaturas da Copa do Mundo 2014 e dos Jogos Olímpicos 2016, havia um conjunto claro de intencionalidades, por parte do governo federal, que sustentava a diplomacia pública. Em 2014, esse conceito foi adquirindo força, a partir de lições extraídas de países que realizaram grandes eventos. A intenção era mostrar ao mundo uma nação, que à época, com sólida democracia, moderna e inovadora; em paz com suas fronteiras; marcado pela diversidade e tolerância étnica e religiosa; com uma economia dinâmica e pujante, estável e diversificada; preocupada com a sustentabilidade e com uma forte política de inclusão social e distribuição de renda.

Assim, a visão estratégica do Governo Federal quando concebeu esses grandes eventos considerou os projetos estruturantes como meios para modernizar setores da economia brasileira, como foram os aeroportos que, devido a demanda crescente, necessitavam de ampliação e aprimoramento da gestão, independentemente da realização

dos grandes eventos esportivos. Os portos também receberam atenção, ganhando espaço e estrutura para receber cruzeiros internacionais e intensificar o turismo interno. No entendimento governamental, esses e outros investimentos ligados aos grandes eventos esportivos propiciariam uma oportunidade única para ampliar os investimentos em saúde, educação e outros serviços públicos e direitos de cidadania, impulsionando o país para superar a histórica e pesada dívida social que marcava a sociedade brasileira.

Os Megaeventos e as Políticas de Esporte do Governo Federal

A agenda estratégica do Governo Federal, ao longo da década dos megaeventos, manteve e ampliou programas importantes criados na primeira gestão do Ministério do Esporte, visando a fortalecer e ampliar o acesso da população ao esporte e lazer como elemento importante para o desenvolvimento humano, a inclusão social, a formação integral e da identidade nacional.

Pela relevância e significado no enfrentamento da exclusão social, essa temática tornou-se um dos eixos norteadores principais do legado social, quando o Brasil postulou a candidatura dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016, o eixo inclusão social, juventude, esporte e educação constava nos Cadernos de Legado, que compuseram o Dossiê de Candidatura.

Nos projetos voltados ao legado socioesportivo restava a intenção de disseminar o programa Segundo Tempo, do Ministério do Esporte, com a meta de atingir, em 2016, três milhões de jovens beneficiados ao ano em todo o Brasil, sendo que um milhão seria na cidade do Rio. Enquanto que o programa Mais Educação, desenvolvido pelo Ministério da Educação, se comprometera a reduzir o déficit de infraestrutura esportiva na rede pública de ensino brasileira para propiciar a prática de esporte pelos estudantes. Assim previsto, o Mais Educação reformaria e construiria equipamentos esportivos nas escolas e o Segundo Tempo proporcionaria a prática de esportes nesses espaços.

Dessa forma, em 2015, catalisados pela ambiência de realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, foram destinados cerca de R\$ 1,1 bilhão, para a modernização, ampliação e construção de espaços

destinados à prática de esporte, dos quais, R\$ 801,4 milhões foram aplicados em equipamentos na área de esporte educacional, recreativo e de lazer.

Os programas desenvolvidos pelo Ministério do Esporte receberam investimentos continuados, aperfeiçoaram seus conceitos, seus controles e implementaram arranjos intersetoriais com outros ministérios que promoveram um salto quantitativo e qualitativo em direção à democratização do acesso ao conhecimento e às práticas esportivas de esporte e lazer para os escolares e para a população.

Políticas Sociais do Esporte e Lazer

A criação do Ministério do Esporte foi um marco significativo para os avanços apresentados pelo Governo Federal, frente às políticas públicas de esporte e lazer, seja pela sua visão estruturante, seja pelos recursos a elas destinados. Se comparados os investimentos nos cinco anos que antecederam sua criação, com os cinco que a sucederam, pode-se verificar que, no primeiro caso, houve investimentos de cerca de R\$ 1,1 milhão, (1998-2002 – Cf. OGU/SIAFI). Porém, nos primeiros cinco anos de gestão do Ministério do Esporte, este investimento foi duplicado chegando à margem de R\$ 2,1 milhões (2003-2007. Cf. OGU/SIAFI). O investimento total feito nos 12 primeiros anos após a criação do Ministério do Esporte, no âmbito dessas políticas sociais, incluindo a infraestrutura de esporte e lazer, foi de R\$ 10,2 bilhões, sem computar os gastos administrativos.

a) Programa Segundo Tempo - PST

Criado em 2003, pelo Ministério do Esporte, o PST compõe o conjunto das políticas sociais do Governo Federal, destinado a promover a inclusão social à população que historicamente esteve à margem de seus direitos de cidadania. Destinado a crianças e jovens, oferece acesso à prática e à cultura do esporte educacional e do esporte escolar com múltiplas modalidades esportivas, da vivência ao aprendizado. Seus núcleos funcionam em turnos opostos aos das aulas nas escolas. Segundo descritor, sua finalidade é “democratizar o acesso, promovendo o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida,

podendo contribuir para ampliar as potencialidades para a prática do esporte de rendimento e de lazer, prioritariamente daqueles que se encontram em áreas de vulnerabilidade social e regularmente matriculadas na rede pública de ensino” (BRASIL, 2016b).

Desde a criação, o PST perseguiu a universalização do acesso à prática esportiva para crianças e jovens que vivem em regiões pobres e periféricas, enfrentou entreves burocráticos, ao longo dos anos foi se aperfeiçoando e, por meio de parcerias prioritárias com instituições públicas, tornou-se importante ferramenta de inclusão social no país.

Uma das parcerias de destaque foi com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio do “Projeto Capacitação e Acompanhamento Pedagógico dos Núcleos de Esporte Educacional do Programa Segundo Tempo no Brasil” que, junto com as universidades estaduais de Maringá e Londrina, contribuíram com a qualificação pedagógica e metodológica do programa, fazendo o acompanhamento pedagógico, o controle e a formação presencial e à distância dos quadros envolvidos. Contribuiu para o cumprimento, na esfera federal, de uma das metas deliberadas na III Conferência Nacional do Esporte, em 2010, que indicou a premência de se formar, em 10 anos, todos os sujeitos que atuam nos programas esportivos.

Iniciado em 2009, mas com o impulso dado pelo projeto de legados dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio, em 2012, o Ministério do Esporte firmou parcerias com o Ministério da Educação, para a implantação do Mais Educação/Esporte da Escola, e com o Ministério da Defesa, na realização do Programa Forças no Esporte. Estas iniciativas centradas na experiência do PST, imprimiram um salto na escala na ordem de 3 milhões de beneficiados, em 2015, cerca de 4,5 milhões de crianças e jovens tiveram acesso ao programa, em 20 mil escolas públicas, 131 organizações militares, distribuídas em mais de três mil municípios de todos os estados brasileiros e em outros núcleos em prefeituras, governos estaduais e instituições de ensino superior públicas que implementaram as diversas modalidades do PST como o Padrão, Universitário, Navegar e Adaptado.

Numa visão mais integrada, o PST tem sido espaço peculiar também para a formação esportiva de atletas que seguem suas carreiras no esporte de alto rendimento, como foi o caso dos atletas do Isaquias

e do Erlon que iniciaram sua prática no PST e foram medalhistas da canoagem nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

b) Programa Atleta na Escola

Realizado em parceria com o Ministério da Educação, esse programa teve por objetivo incentivar à prática esportiva por meio de competições em três modalidades olímpicas e 10 paralímpicas. O Programa contou com a adesão de 23 mil escolas, com mais 2 milhões de atletas escolares participando das competições, sendo 42% do sexo feminino. Em 2014, a adesão superou 40 mil escolas, com a meta de dobrar o número de atletas em competições escolares. A intenção do Governo Federal ao criar esse programa foi de fomentar a participação de estudantes das escolas públicas nas competições estudantis, com destaque, nas fases preparatórias dos Jogos Escolares Brasileiros.

c) Programa Esporte e Lazer da Cidade – PELC e o Programa Vida Saudável

Esses dois programas foram desenvolvidos com a intenção de promover o acesso às práticas corporais diversas, como o esporte recreativo e de lazer, para crianças, jovens e adultos, contemplando idosos e pessoas com deficiência. Sua abrangência alcança todos os estados brasileiros. Os núcleos implantados em cidades e comunidades oferecem atividades esportivas lúdicas que, de forma autônoma, resgatam as práticas com identidades próprias de cada local, e formam gestores públicos de esporte e lazer. Destaca-se ainda a valorização das atividades próprias de populações com tradições culturais particulares, como quilombolas, indígenas e comunidades rurais. Foi no campo desses programas sociais com apoio e fomento do Governo Federal, que se realizaram os Jogos dos Povos Indígenas, os Jogos Quilombolas e os Jogos Rurais.

O PELC trouxe um conceito inovador ao esporte e lazer no âmbito do Governo Federal, o trato com a diversidade humana, abordando as peculiaridades das populações e dos territórios e envolvendo a comunidade na montagem e execução dos núcleos. Apresentou também um novo campo para atuação dos agentes comunitários de esporte e lazer que atuam diretamente nas atividades. Essa abordagem de auto-gestão, teve na formação dos agentes e gestores do esporte,

fator preponderante. O conceito intergeracional empregado as atividades do PELC, trouxe novas perspectivas para as políticas públicas do setor, influenciando pesquisas e determinando conteúdos para formação, inclusive nas universidades. Esse programa foi concebido em articulação direta com a Rede CEDES (Centro de Desenvolvimento do Esporte e Lazer) que realiza pesquisas à luz das experiências reais das políticas públicas de esporte e lazer e retorna à campo com novos conhecimentos para contribuir com uma nova prática.

O PELC beneficiou, em 2015, cerca de 372 crianças, jovens e adultos, tanto em áreas urbanas quanto em comunidades tradicionais (povos indígenas, quilombolas, populações ribeirinhas, populações rurais, entre outras). O Programa Vida Saudável (VS), que promove acesso de idosos acima de 60 anos à prática de atividades físicas, culturais e de lazer, beneficiou cerca de 39,9 mil pessoas em 2015. Os dois programas juntos geraram mais de 30 mil postos de emprego, proporcionando um programa de formação continuada presencial e a distância, sendo que grande parte dos monitores e dos agentes sociais de lazer eram de jovens com até 24 anos. No caso do PELC, as equipes colaboradoras atuam sob a parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, que coordena as atividades de monitoramento e formação de todos os agentes do programa, bem como dos gestores públicos de todo o país.

Em termos de escala, o programa é tímido, mas conceitualmente sólido com grande potencial de expansão, que pode contribuir com o anseio de ampliação do acesso ao esporte e lazer para toda a população, ao longo da vida.

Copa do Mundo e Políticas para o Futebol

Um dos principais legados oportunizados pela conquista da Copa do Mundial de Futebol foi o fortalecimento da infraestrutura esportiva, construída como parte das obrigações assumidas pelo governo brasileiro junto a FIFA. Os doze estádios novos ou reformados, os investimentos em Centros de Treinamentos de Seleções – CTS e Campos Oficiais de Treinamentos – COT eram, na visão governamental, indicadores do novo patamar que o futebol brasileiro alcançaria nos anos

vindouros. Foram planejados como legados da Copa, para além dos compromissos governamentais para com a FIFA, a modernização e construção de equipamentos esportivos adequados à prática do futebol, em várias localidades próximas às 12 cidades-sede oficiais do evento, com contratos efetivados entre o Governo Federal e municípios envolvidos. Muitos desses equipamentos foram utilizados durante a Copa para aclimatação de equipes estrangeiras e outros tornaram-se espaços qualificados para aprendizagem e treinamento de equipes de futebol, e alguns ainda estão em construção. Essa iniciativa significou a materialização do conceito de nacionalização dos benefícios da Copa, promovendo o fomento do futebol, modalidade mais popular e praticada, por homens e mulheres, no Brasil, segundo o DIESPORTE. (BRASIL, 2015c).

O grande desafio que incide sobre esse âmbito do esporte é de prover modelos de gestão das instalações, que garantam sustentabilidade, manutenção, uma elevada taxa de ocupação, atividades coordenadas e de qualidade que visem à formação esportiva, o treinamento ou fruição da população adjacente, com segurança, sob arranjos adequados à cada realidade local, seja pelo poder público, por meio de parcerias público-privadas ou organizações sociais – OS, desde que equacionem a relação custo efetividade e assegurem os interesses dos esportistas, da comunidade e do estado.

A vinda da Copa do Mundo de Futebol para o Brasil parece ter dado um novo ímpeto às dúvidas e inquietações já existentes no país, quanto ao papel do Governo Federal nos assuntos do futebol. Não investido da responsabilidade constitucional de intervir na gestão da Confederação Brasileira Futebol, das federações estaduais e dos clubes de futebol, o governo acaba por ser apenas um fiscalizador das obrigações fiscais destas entidades.

Há quase um consenso nacional que pugnou e ainda o faz, por uma reformulação estrutural do modelo de gestão do futebol brasileiro, ainda que permaneçam divergências entre o que orienta os interesses dos dirigentes, clubes, atletas, árbitros e técnicos de futebol. Pode-se incluir própria sociedade brasileira neste grupo de interessado, se considerarmos o grande número de torcedores e pessoas que têm no futebol uma forma de entretenimento e de trabalho.

Se somarmos a isso a importância deste esporte para a formação de crianças e jovens, em especial na escola e em projetos sociais, cujo objetivo da prática do futebol, para além da aprendizagem e do domínio dos conteúdos específicos da modalidade, é também promover valores e atitudes positivas, o mau exemplo de dirigentes e gestores do futebol brasileiro, envolvidos em corrupção, compra de votos, lavagem de dinheiro etc., assume proporções significativas, e a discussão sobre a situação atual deste esporte no país ganha relevância social ainda maior.

Deste modo, surgiu a premência de se buscar a democratização das estruturas de tais instituições esportivas, com a participação de atletas, treinadores, árbitros, concedendo o direito à participação ampla a estes protagonistas, nas gestões destas instituições.

Para o Governo Federal, seu compromisso era com a construção de um Plano Nacional de Desenvolvimento do Futebol, elaborado após um minucioso diagnóstico do futebol brasileiro, feito pela Fundação Getúlio Vargas, e proposto um programa de formação profissional aos que atuam nesse segmento, levando em conta os debates realizados nas três conferências nacionais.

Em 2015, foi publicada a Lei nº 13.155, considerada pelo Governo Federal como um marco para o esporte brasileiro, no tocante ao futebol. Ela estabeleceu princípios de práticas de responsabilidade fiscal e financeira e de gestão transparente e democrática para entidades esportivas profissionais de futebol. Além disso, instituiu parcelamentos especiais para recuperação de dívidas pela União, criou a Autoridade Pública de Governança de Futebol – APFUT e, por fim, dispôs sobre a gestão temerária no âmbito das entidades esportivas profissionais. Cabe a esta lei, disciplinar o cumprimento das condições de manutenção no Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro - PROFUT. Esperava-se, com estas ações, atingir um novo patamar de gestão das entidades de administração esportiva profissionais do futebol.

Outro aspecto relevante da realização da Copa do Mundo de Futebol, foi que o evento aperfeiçoamento de novas iniciativas no combate à violência, surgidas na Copa, tais como o Grito de Paz que reúne

ações para valorizar o espetáculo do futebol e conscientizar torcedores de que os estádios são ambientes de celebração e não de violência. Iniciada nos Campeonatos Estaduais de 2015 e mantida no Brasileirão, o Governo Federal realizou uma campanha de grandes proporções, estimulando torcidas mistas nos clássicos de futebol, com vistas a unir torcedores de Norte a Sul do Brasil. Outra iniciativa foi a atuação da Comissão Nacional de Prevenção e Segurança nos Espetáculos Esportivos (Consegue), que promoveu encontros específicos para a prevenção da violência atrelada às torcidas organizadas em todo o território nacional.

A forma de obter controle sobre esse âmbito, prevista pelo Governo Federal, é a implementação do Canal do Torcedor, que tem o objetivo de acompanhar a vigência e acesso dos laudos de cada estádio, e a validade do Sistema Brasileiro de Classificação de Estádios de Futebol (SBCE). A proposta é amparada no Estatuto do Torcedor, Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003, pactuada entre os Ministérios do Esporte e da Justiça, a Confederação Brasileira de Futebol, o Conselho Nacional de Justiça e o Conselho Nacional dos Procuradores Gerais do Ministério Público dos Estados e da União.

Por fim, merece destaque a importância na Copa do Mundo de Futebol como estímulo ao futebol feminino. Várias iniciativas foram deflagradas, desde a construção Parque Tecnológico Itaipu Brasil, em Foz do Iguaçu – projeto aprovado pela Lei de Incentivo ao Esporte – e desenvolvido para ser uma referência para o futebol feminino no país, a intermediação junto aos clubes e federações para o desenvolvimento dessa modalidade e o apoio a realização de competições nacionais e internacionais, como o III Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino – Brasileirão, com a participação de 20 equipes esportivas, que contou com o patrocínio da Caixa Econômica Federal e da Confederação Brasileira de Futebol. Foi realizada a II Copa Brasil Universitária de Futebol Feminino, em parceria com a Confederação Brasileira de Desporto Universitário (CBDU), envolvendo todas as unidades da Federação, além da II Copa Brasil Escolar de Futebol Feminino, com a participação de equipes de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal, num total de 27 delegações.

No entanto, com essas políticas é preciso ir além, e superar al-

guns desafios que assolam a questão de gênero no esporte. A maior parte dos recursos públicos, bem como dos patrocínios e espaços na mídia, é destinado à participação dos homens, “na profissionalização, as diferenças salariais ainda persistem e são de grande proporção, as mulheres enfrentam o assédio moral e sexual e enfrentam barreiras para atuar como atletas, árbitras, assistentes, técnicas, preparadoras físicas ou na própria gestão esportiva”. São óbices postos pelo mundo esporte às mulheres, espaço tido historicamente como masculino. (DAMIANI, 2014).

Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 e Política de Esporte de Alto Rendimento

Invertendo a lógica do pensamento que presumia que o Brasil poderia sediar os Jogos Olímpicos e Jogos Paraolímpicos, somente quando tivesse um nível de desenvolvimento esportivo compatível com o evento, o Governo Federal entendeu que os Jogos do Rio 2016 trariam benefícios para todas as unidades da federação e contribuiriam para reduzir as desigualdades regionais na prática do esporte, tanto na iniciação esportiva, quanto no desenvolvimento de atletas e equipes de ponta.

Tal intento foi embasado em um diagnóstico realizado no processo de planejamento estratégico da Secretaria Nacional do Esporte de Alto Rendimento - SNEAR, em 2009, que identificou as dificuldades e definiu os desafios a serem enfrentados para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento de forma perene. Dentre eles figuraram: dispersão de projetos e programas esportivos, devido a dimensão geográfica do país; desarticulação dos entes que constituem o sistema nacional de esporte (União, Estados, Municípios, Comitês Olímpico e Paralímpico, Confederações, Federações e clubes); desvalorização dos clubes na formação de atletas; ausência de uma base forte para o desenvolvimento do esporte na escola, trazendo dificuldade para a formação de novos atletas; subaproveitamento dos recursos financeiros disponíveis para o esporte; inexistência de metas e controle de resultados esportivos; dificuldade de atletas e equipes viajarem para as principais competições; incipiência de programas de treinamento;

obsolescência dos equipamentos e materiais esportivos.

Tais desafios foram a base para a elaboração de um plano de desenvolvimento do esporte com perspectivas de longo prazo, considerando que havia um horizonte posto para o setor que requeria um esforço conjunto de diversos segmentos do esporte.

A III Conferência Nacional de Esporte, em 2010, propôs projetar o Brasil entre as dez principais potências esportivas do mundo no âmbito dos Jogos Olímpicos e entre os cinco primeiros nos Jogos Paralímpicos. Os atletas receberam apoio do Governo para fazer sua preparação em condições de igualdade com seus principais concorrentes. O objetivo era manter o investimento para que o desempenho das equipes continuasse melhorando e alcançasse as metas definidas na Conferência. Além disso, a intenção foi de promover o esporte paralímpico, no qual o Brasil já vinha obtendo resultados expressivos em competições mundiais.

No entanto, o que se destaca nessa abordagem, é o entendimento que o Ministério do Esporte adotou sobre o propósito de alçar o Brasil a condição de potência esportiva, que supera a questão da obtenção de medalhas no ranking dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, como aludido anteriormente, esse conceito apontou desafios importantes a serem potencializados com a preparação e realização desses megaeventos.

Para ser potência esportiva, portanto, seria necessário realizar um conjunto de ações, que englobasse a quantidade de medalhas olímpicas e paralímpicas (ouro, prata, bronze) e quantidade de finalistas (1º ao 8º lugares) conquistadas, a quantidade de títulos mundiais e continentais, a pluralidade de esportes e modalidades, a alta qualificação de treinadores, árbitros e equipes multidisciplinares, a profissionalização da administração das entidades esportivas, o amplo trabalho de base esportiva e os centros de treinamento nacionais, estaduais, municipais e privados em alinhamento e bem estruturados.

Em síntese, para materializar esses pontos e prover o desenvolvimento do esporte brasileiro era preciso implementar melhorias no setor que buscassem o aumento contínuo do orçamento do Ministério do Esporte, em particular, do esporte de alto rendimento – neste caso

particular os grandes eventos contribuíram para assegurar expansão orçamentária, quando da correlação de forças internas, junto ao Ministério da Fazenda e ao Ministério do Planejamento -, também era preciso atrair maior interesse de prefeituras, governos estaduais, clubes e entidades por programas e financiamento para o setor do esporte, incrementando diversificando a capacidade de execução da política pública esportiva, de forma sistêmica. Foi considerado fundamente, promover a expansão da infraestrutura esportiva que assegurasse a ampliação do alcance do esporte educacional, e a implementação de novos projetos de iniciação ao esporte, bem como garantir o incremento e a permanência do apoio direto ao atleta e a melhoria do desempenho das modalidades.

Diante de tamanho desafio foi apresentado e teve início o Plano Nacional do Esporte de Alto Rendimento sob três âmbitos articulados: 1) estruturação das modalidades olímpicas e paraolímpicas, 2) formação da Rede Nacional de Treinamento e 3) ampliação da prática de esporte no país.

Como visto, a busca pela projeção do país como potência esportiva orientou as ações da gestão federal 2010 – 2014, e traçou caminhos para o esporte de rendimento, embora sob uma visão de unidade com as demais dimensões, posto que, a perspectiva empregada previa um impulso ao esporte como um todo. A Nova Lei do Esporte (12.395/11), alteração da Lei Pelé (Lei 9.615/98), atuou sobre o Programa Bolsa Atleta e criou novos programas, a saber, o Programa Atleta Pódio, o Programa Cidade Esportiva e a Rede Nacional de Treinamento para fazer a ligação entre a formação esportiva e a entrada no esporte de alto rendimento, sob uma abordagem sistêmica.

1) Estruturação das modalidades olímpicas e paralímpicas

Embora a visão fosse de longo prazo, para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, havia uma meta a ser alcançada, lembremos: ficar entre os dez e cinco primeiros, respectivamente. Evidentemente, que para alcançar essa meta seria necessário um grande salto em relação ao retrospecto. Entretanto, o que se analisava eram os efeitos resultantes da política que estava sendo implementada pelo Governo Federal, sobre o desempenho dos atletas nos ciclos olímpicos vividos.

Então vejamos, quando se analisou pelo total de medalhas obtidas, o Brasil saiu do 21º em Atenas para o 17º em Pequim e 14º em Londres. Constatou-se avanços nessa trajetória, o que veio a se confirmar com a 13º colocação no Rio 2016, tendo disputado 50 finais, contra 36 em Londres, embora a meta não tenha sido alcançada para esta edição dos jogos, tal evolução foi considerada pelos dirigentes um passo importante para o intento de fazer do Brasil uma potência esportiva, o que deveria ser perseguido para os próximos ciclos olímpicos.

No entanto, o propósito que moveu o Ministério do Esporte, à preparar e executar suas ações no âmbito do alto rendimento, foi uma visão de política duradora para o esporte o que implicou em propiciar a melhor preparação que nossos atletas poderiam ter, oferecendo-lhes bolsas, materiais e equipamentos da melhor qualidade, intercâmbios com equipes de ponta, técnicos e equipes multidisciplinares altamente qualificadas, períodos de treinamento no exterior e participação nas principais competições de cada prova, o que demandou do governo e das entidades maior esforço conjunto, com apoio das empresas estatais e de patrocinadores privados, para incrementar programas e ações existente e criar novos.

O Programa Bolsa-Atleta completou dez anos em 2015, investindo diretamente no atleta para formar, manter e renovar periodicamente gerações com potencial para representar o Brasil. No primeiro ano do Programa, foram contemplados 975 atletas. Em 2015, o atendimento alcançou a 6.131 atletas de esportes olímpicos e paralímpicos, distribuídos em cinco das seis categorias de bolsa, beneficiando desde a base até o alto rendimento. Adicionalmente, foram contemplados 1.001 atletas de esportes não olímpicos e não paralímpicos, distribuídos em duas categorias de bolsa, a nacional e a internacional.

Na categoria Atleta Pódio, destinada aos atletas de modalidades individuais com chances de disputar medalhas e que é uma das ações do Plano Brasil Medalhas, foram beneficiados, até 2016, 261 atletas distribuídos entre 36 modalidades apoiadas integra o Plano Brasil Medalhas.

Nesses dez anos de Bolsa Atleta, foram concedidas mais de 44 mil bolsas, para mais de 17 mil atletas, sendo a maioria das bolsas destinadas para atletas iniciantes ou de categorias intermediárias que

se destacaram em diferentes esportes e categorias, em mais de 100 modalidades olímpicas, paralímpicas e não-olímpicas com investimento superior a R\$ 600 milhões no período.

Pode se depreender pelos resultados que esse programa federal teve repercussão direta nos resultados das delegações de atletas nas principais competições nacionais e internacionais, em especial em Jogos Pan e Parapan-americanos e nos Jogos Olímpicos. Como exemplo mais candente, na delegação de 465 atletas que representou o Brasil nos Jogos Olímpicos do Rio, 358 (77%) tinham ou têm bolsa, e com exceção do Futebol Masculino, todas as medalhas foram conquistadas por atletas bolsistas, indicando um aproveitamento de, praticamente, 100% - conforme declarou o Coordenador Nacional do Bolsa Atleta, Mosiah Rodrigues, à Agência Brasil, em 21 de agosto de 2016. No caso dos Jogos Paralímpicos, dos 289 atletas da delegação, 262 (90,6%) tinham ou têm bolsa, todas as medalhas foram conquistadas por atletas bolsistas.

O Plano Brasil Medalhas foi constituído sob três vertentes: a) construir, reformar e equipar centros de treinamento espalhados pelo país, não só no Rio de Janeiro, b) garantir a melhor preparação possível aos atletas defenderiam o país nos Jogos do Rio, assegurando igualdade de condições com os concorrentes, e c) assegurar que, simultaneamente, houvesse formação de novos atletas nas modalidades, entendendo-se que isso permitiria a renovação e o crescimento do esporte, no país.

Dessa forma, o programa contemplou ações imediatas para 2016 e procurou projetar o legado esportivo das modalidades, injetando R\$ 1 bilhão adicional entre 2013 e 2016 para construção de centros de treinamento e incremento de dezenas de modalidades com chance de bom desempenho nos Jogos do Rio – bom desempenho entendido pelo Governo Federal ultrapassa conquistar medalhas, significando melhorar de posição ao se comparar com resultados anteriores.

A parte dos recursos destinada à preparação de atletas se somou ao orçamento regular do Ministério do Esporte para participação em competições e treinos no exterior, contratação de técnicos e outros profissionais, compra de materiais e equipamentos de alta qualidade, acesso a métodos científicos e tecnológicos avançados e desenvol-

vimento de categorias de base. Com esse programa os atletas – os novatos e os já consagrados – puderam se dedicar exclusivamente à performance esportiva, e os resultados apareceram nos campeonatos mundiais, copas do mundo, seletivas e eventos-teste e como resultado dos esforços empregados durante o ciclo, houve avanços nos Jogos Rio do 2016, chegando-se bem próximos a meta.

A parte física que compõe o Plano Brasil Medalhas abarcou construções, reformas e equipamentos das instalações de todo tipo, desde centros de treinamento de ponta para as modalidades, até locais de treinamentos regionais, abrangendo todos os estados, dentre eles o Centro de Atletismo, Handebol e Ginástica em São Bernardo do Campo, o Centro Pan-americano de Judô, na Bahia, 56 pistas espalhadas em todo o país, o Centro de Formação Olímpica, em Fortaleza com 26 modalidades olímpicas e paralímpicas, e o Centro Paralímpico Brasileiro, em São Paulo, erguido para abrigar 15 modalidades de esportes adaptados, seguindo modelos de países bem-sucedidos nos esportes paralímpicos. O Governo Federal, desta feita, combinou investimentos em infraestrutura com a preparação das equipes que disputaram os Jogos no Brasil, porém, em sua execução foi além da preparação das equipes principais e abarcou também as seleções de base, visando ao crescimento sustentável do país.

2) Formação da Rede Nacional de Treinamento

O Brasil ficou mais de 50 anos sem renovar sua infraestrutura esportiva, o que provocou defasagem tanto na quantidade de espaços disponíveis quanto na qualidade das instalações. Nos últimos anos, porém, o esforço conjunto do governo federal com estados, municípios, clubes, confederações, federações, entidades esportivas e universidades vêm recuperando e ampliando essa infraestrutura, resultado da oportunidade que os Jogos Pan-americanos e Parapan-americanos de 2007 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio em 2016 proporcionam ao esporte, com aumento considerável de investimentos de diversas fontes.

Considerando a diretriz estratégica de “nacionalizar” o legado olímpico, seria preciso levar benefícios para todo o Brasil, ir além do que se fazia regularmente. Uma das formas que o ME optou foi cons-

tituir a Rede Nacional de Treinamento, que tinha sido aprovada em 2011, na reformulação da Lei Pelé.

A Rede Nacional de Treinamento foi pensada pelo Ministério do Esporte com a pretensão de interligar as diversas instalações existentes ou em construção em todo o país, porém articuladas com os planejamentos das modalidades que estavam em andamentos pelas entidades de administração e prática do esporte, e os comitês, que contaria com a expertise dos técnicos e treinadores dos diversos esportes e modalidades e com a atuação decisiva das universidades e centros de pesquisas aplicadas ao esporte, para desenvolver jovens atletas nas modalidades olímpicas e paralímpicas, desde a base até a elite esportiva.

Devido ao volume de recursos envolvidos e as fragilidades que apresentavam os instrumentos de convênios, ensejou que o ministério aperfeiçoasse os mecanismos de desembolso e controle dos recursos públicos repassados a entidades privadas. Uma das medidas tornou mais rigorosa e técnica a aprovação de projetos. Para obter apoio, os interessados precisariam demonstrar claramente objetivos de desenvolvimento do esporte, investimento concomitante no topo e na base, valorização de modalidades menos conhecidas do grande público e apoio a esportes para pessoas com deficiências.

E assim, a Rede Nacional de Treinamento foi sendo constituída por modalidades, o atletismo passou a ter sua Rede, formada principalmente pela parceria com as universidades federais e a confederação brasileira. Na ginástica, também, foram estruturados 16 centros de treinamento de padrão internacional em 13 estados. A luta olímpica montou 50 núcleos de base distribuídos nos estados. Foi reformado o Centro de Treinamento da seleção, na Tijuca, no Rio. O judô recebeu tatames e outros materiais em todos os estados e o Centro Pan-Americano de Judô na Bahia. O basquete teve a estrutura dos seus ginásios modernizadas, onde tem realizado os seus campeonatos.

Fazem parte da Rede, os clubes esportivos – Esporte Clube Pinheiros, Grêmio Náutico União, Sogipa, Tijuca Tênis Clube, Minas Tênis Clube e vários outros – receberam grande soma de recursos federais para investir na estrutura e preparação dos seus atletas.

Portanto, a Rede Nacional foi pensada como ação a longo prazo que, articulada com outros programas federais, em parceria com os entes públicos e privados, passou a ser considerada o principal legado esportivo dos Jogos Rio 2016.

3) Ampliação da prática de esporte no país

Há de se notar, aqui também, a abordagem sistêmica da política empregada pelo Governo Federal, que associou melhorias à infraestrutura com obras do Programa de Aceleração do Crescimento - PAC 2, com ações para a ampliação do acesso à prática esportiva. Em 2014 foi iniciado o processo de execução dos Centros de Iniciação ao Esporte – CIE, compostos por ginásios multiesportivos com dimensões oficiais que possibilitam a prática de até 13 modalidades olímpicas, seis paralímpicas e uma não olímpica. Foram contratadas 285 unidades em 263 municípios de 27 estados da federação que, conjugados com a construção e cobertura de quadras em escolas públicas, contribuem para a formação esportiva. Entre 2011 e 2014 foram aprovadas obras para construção e cobertura de 9.817 quadras em 3.807 municípios nas 27 unidades da Federação, totalizando R\$ 3,8 bilhões em investimentos.

O conceito dos CIE é o de ampliar a oferta de infraestrutura de equipamento público esportivo qualificado, incentivando a iniciação ao esporte em territórios de alta vulnerabilidade social das cidades brasileiras. O propósito anunciado pelo Governo Federal foi que tais equipamentos possibilitariam a democratização do acesso ao esporte as crianças e jovens que poderiam aprender e praticar, incrementando o seu repertório em novos esporte e modalidades, o que supriria a lacuna existente no sistema nacional sobre os caminhos que deveriam trilhar aqueles esportistas que desejassem continuar a sua prática para além do espaço escolar ou do clube, bem como para aqueles que quisessem seguir a carreira de atleta.

Com esse entendimento, seria possível um encadeamento da prática esportiva em sucessivos níveis de aprendizado e treinamento, sendo que o acesso à base do esporte de rendimento, se daria nos CIE. Isso propiciaria melhores resultados das escolas participantes, tanto dos jogos escolares quanto no Programa Atleta na Escola, uma vez que esse Município teria atletas de base que treinariam regularmente o esporte. Aqueles que se destacassem migrariam seu treina-

mento para os Centros Regionais de Treinamento e os melhores ainda aos Centros Nacionais de Treinamento, dentro da Rede Nacional de Treinamento. Este foi considerado como um legado prévio dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016.

Esse conjunto de programas exigiu planejamento conjunto e integração dos investimentos de diversas fontes como o Orçamento Geral da União (convênios para a preparação de atletas, Bolsa-Atleta, Plano Brasil Medalha, infraestrutura esportiva), a Lei de Incentivo ao Esporte; o Patrocínio de empresas estatais e privadas e a Lei Agnelo/Piva (arrecadação das loterias).

Os investimentos do Governo Federal, no âmbito do esporte de alto rendimento, tiveram significativa melhoria com a criação do Ministério do Esporte, se comparados os orçamentos executados nos cinco anos do governo anterior a criação da pasta, que foram de R\$ 450 milhões, (1998-2002 Cf. OGU/SIAFI), pode-se verificar que, somente, nos primeiros cinco anos de gestão do recém-criado Ministério do Esporte (2003-2007 – Cf. OGU/SIAFI), foram investidos R\$ 613 milhões. Ao se incluir os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos e o PAC no esporte, a soma dos investimentos totais feitos nos anos anteriores aos Jogos Olímpicos, essas cifras superam R\$ 6 bilhões. Isso inclui toda a cadeia do esporte de alto rendimento, que vai da base ao altíssimo desempenho, para atletas e equipe técnica, com treinamentos e viagens, infraestrutura e equipamentos, incluindo o Plano Brasil Medalhas, foram investimentos governamentais, entendidos como uma forma de impulsionar o esporte como fator de desenvolvimento nacional.

Houve análises adversas a essa tomada de decisão por parte do Governo Federal e dos governos estaduais que seguiram essa visão, seja por parte dos acadêmicos que estudam as políticas públicas de esporte, ou por parte de setores mais críticos do mundo esportivo, por entenderem que o volume de recursos aplicados pelo Governo Federal, nos grandes eventos são de grande monta e que estariam concentrados na dimensão do esporte de alto rendimento, preterindo a garantia do acesso ao esporte educacional e de participação para a sociedade, em geral.

No entanto, o governo advoga que o conjunto de benefícios que tais eventos trazem a população, extrapolam o próprio esporte, são mais

amplos como demonstrado até aqui. E, em particular, sobre o orçamento exclusivo do esporte, pode-se aludir, sob o raciocínio empregado, que o maior volume de investimentos cabe a construção e reforma de infraestrutura esportiva que pode ser utilizada para o desenvolvimento do esporte em todas as suas formas de organização e acesso, inclusive, se alinhadas como uma rede e articuladas no sistema esportivo.

Outra parte desses recursos atribuídos aos atletas e sua preparação, e às entidades esportivas, a visão imprimida pelo Ministério do Esporte foi que, tais recursos ao atenderem as equipes multidisciplinares das modalidades, se espraariam para todas categorias, irrigando o sistema como um todo. É correto analisar a aplicação de recursos no orçamento do Ministério do Esporte, desde que se separando os recursos destinados, especificamente, para ações dos grandes eventos, para que não haja distorções na interpretação. Mesmo ao se comparar os orçamentos por manifestação esportiva, deve-se separar os recursos destinados à infraestrutura esportiva. Quando feito esse esforço, as discrepâncias observadas entre os volumes destinados às dimensões, ao longo da existência do Ministério do Esporte, acabam sendo menores do que se pode supor.

A insígnia “Os Jogos Olímpicos são no Rio, mas o legado é para todo o Brasil” sintetiza objetivamente as intenções do Governo Federal para o esporte, com o advento dos Jogos do Rio 2016. Nessa esteira, o ex-ministro do esporte, Ricardo Leyser, que também foi Secretário Executivo e Secretário Nacional do Esporte de Alto Rendimento, principal responsável pela preparação da candidatura até a realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, afirmou que se não fossem os grandes eventos esportivos, o país não estaria no centro das atenções do mundo, não teria potencializado o orçamento do esporte, não teria ampliado a infraestrutura e não teria investido na formação de novos talentos. “No Brasil, os grandes eventos propiciaram orçamento governamental para desenvolver o esporte. A presidenta Dilma determinou que o legado olímpico fosse amplo (para todas as modalidades), democrático (da base ao alto rendimento), nacional (para todas as unidades da Federação) e de longo prazo (para além dos Jogos em 2016). E assim o fizemos” (LEYSER, 2017). Para ele, as bases para a sustentação duradoura do esporte brasileiro foram lançadas.

Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem

Como benefícios que permanecem no Brasil no campo do esporte, pode-se ressaltar a criação da Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem (ABCD), que segue trabalhando para consolidar a sua atuação para desenvolver e implantar a política para o Combate à Dopagem no Esporte e a proteção dos atletas limpos, atuar na informação, educação, prevenção, inteligência e ação antidopagem; e disponibilizar os mais avançados recursos para o Plano de Testes e para a definição conjunto de análises a serem feitas e na educação de atletas.

A ABCD realizou o controle de dopagem nos eventos-teste e atuou durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, treinou e certificou, em 2015, 80 agentes de controle de dopagem, instituiu a Comissão de Autorização de Uso Terapêutico (CAUT), assegurando aos atletas o direito ao uso de medicamentos que possam conter substâncias proibidas, se houver necessidade e deu acesso público a tais informações. Promoveu ações educativas em sete importantes eventos esportivos, com entrega de 33 mil exemplares de materiais diversos, enviados aos atletas da Bolsa Pódio e do Plano Medalhas.

A luta contra a dopagem no esporte no Brasil teve grandes avanços, a partir de 2015, com a reacreditação do Laboratório Brasileiro de Controle de Dopagem – LBKD, por parte da Agência Mundial Antidopagem (WADA), construído na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e com a aprovação pelo Conselho Nacional do Esporte da Resolução nº 42 que trata da harmonização do Código Mundial Antidopagem com o Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD).

Gestão e Produção do Conhecimento

Na área da gestão e produção do conhecimento, os grandes eventos esportivos impulsionaram importantes estudos (REPPOLD, 2014), cujos resultados estão contribuindo para uma maior compreensão das práticas esportivas no Brasil e para a tomada de decisão do governo federal. A partir destes estudos, espera-se: identificar e apontar as estratégias possíveis para solução dos principais problemas detectados, visando consolidar a Política Nacional de Esporte; produzir indicadores e estatísticas básicas no setor do esporte; construir um

sistema de avaliação permanente das políticas de esporte; e contribuir na estrutura de um novo Sistema Nacional de Esporte.

a) Diagnóstico Nacional do Esporte - DIESPORTE

O Ministério do Esporte, com o apoio do CNPq e da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), realizou o Diagnóstico Nacional do Esporte - DIESPORTE. O projeto foi implementado por uma rede de universidades federais, coordenado pela Universidade Federal da Bahia, visou à atender uma demanda da comunidade esportiva brasileira apresentada nas três edições da Conferência Nacional do Esporte, ocorridas em 2004, 2006, 2010.

O DIESPORTE teve por objetivo expor o grau de desenvolvimento do esporte no Brasil, a partir de quatro variáveis: a legislação esportiva nas três esferas federativas que levantou, catalogou e analisou mais de 3 mil dispositivos legais e normativos do esporte, desde 1857; o financiamento público e privado do esporte que redundou em uma modelagem estruturante das finanças do setor; o mapeamento da infraestrutura esportiva que localiza e tipifica os equipamentos esportivos públicos ou de uso público; e o perfil do praticante de esporte e atividade física no país, que organizado por sexo, faixa etária, escolaridade, nível socioeconômico, entre outros quesitos, fornece um conjunto de informações sobre os tipos de atividades esportivas mais praticadas e sobre os motivos, a frequência e os locais dessas práticas. Este estudo abrangeu também o não-praticante, com o propósito de identificar os fatores que inibem a sua participação em atividades esportivas.

Em 2015, o Ministério do Esporte divulgou os resultados do estudo sobre essa última variável. Ao todo, foram realizadas 8.902 entrevistas. O estudo apontou, entre outras informações relevantes, que 45,9% dos brasileiros não praticaram nenhuma atividade física ou esporte em 2013. Tal resultado indica que ainda há muito por fazer para que a universalização da prática esportiva seja uma realidade no país (BRASIL, 2015c). Os resultados consolidados das demais variáveis requerem divulgação por parte do Ministério do Esporte ou pela academia, considerando que a ciência e os conhecimentos produzidos devem transpor barreiras impostas pela institucionalidade, para servir à solução de problemas reais que a sociedade apresenta, sobremaneira,

no campo do esporte. Se for considerado que essa pesquisa ganhou impulso com o advento da realização dos grandes eventos esportivos, no Brasil.

A partir da metodologia do DIESPORTE, estão em curso outras pesquisas em parceria com o IBGE que contribuirão para a atualização do diagnóstico do esporte nacional. São elas:

1) Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD): que tem por objetivo a produção de informações básicas para o estudo do desenvolvimento social e econômico do País. Investiga diversas características socioeconômicas, algumas de modo permanente como as características gerais da população, educação, trabalho, rendimento e habitação e outras com periodicidade variável como as características de migração, fecundidade, nupcialidade, saúde e outros, de acordo com as necessidades de informação identificadas. Em 2015, foi acordada a inclusão de um suplemento de esporte junto à PNAD, que trata do perfil do praticante em escala vultosa, que agregará insumos para o acompanhamento e avaliação da efetividade das políticas do Ministério do Esporte, inclusive em nível municipal. A divulgação dos resultados está prevista para maio de 2017.

2) Pesquisa de Informações Básicas Estaduais (ESTADIC) e Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC): são pesquisas realizadas pelo IBGE em todos os estados e municípios brasileiros que buscam obter informações relacionadas à gestão dos governos estaduais e administrações municipais. Após acordo realizado em 2015 com o IBGE, essas pesquisas também contemplarão suplementos visando o levantamento de informações sobre o esporte no âmbito das esferas municipais e estaduais sobre a identificação, localização e tipo da infraestrutura esportiva pública, bem como dados sobre a gestão esportiva nessas esferas governamentais. Tais pesquisas contribuirão para a geração de subsídios à criação de uma metodologia capaz de avaliar as políticas públicas no setor.

b) Projeto Referências

O Ministério do Esporte, por meio da Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento - SNEAR, em parceria com o Centro de Estudos Olímpicos da Escola de Educação Física da Universidade Federal

do Rio Grande do Sul, desenvolve, desde o ano de 2013, o mapeamento situacional das modalidades olímpicas e paralímpicas no país. O denominado Projeto Referências tem o propósito de subsidiar a elaboração do Plano Nacional do Esporte de Alto Rendimento. Além de procurar um novo patamar em gestão esportiva no país, o projeto visa a promoção do esporte como um todo, deixando um legado à sociedade brasileira e às futuras gerações de atletas olímpicos e paralímpicos.

Em 2017, quando finalizado, o Referências disponibilizará para os diferentes segmentos da comunidade esportiva nacional um conjunto de dados e informações que permitirá a articulação entre as dimensões e modalidades esportivas analisadas, dentro de uma abordagem integrada, proporcionando, assim, uma base eficiente para o desenvolvimento do Esporte de Alto Rendimento no Brasil.

Para o mapeamento das modalidades esportivas são consideradas dez dimensões: legislação, recursos financeiros, instalações e materiais esportivos, recursos humanos, suporte ao atleta, participação de atletas em competições, organização de competições, identificação e desenvolvimento de talentos esportivos, apoio científico e tecnológico para o desenvolvimento esportivo e governança.

O trabalho de mapeamento situacional das modalidades olímpicas e paralímpicas, no contexto do Esporte de Alto Rendimento, é realizado por meio de uma pesquisa cobrindo o período de 2008 a 2016, equivalente a dois ciclos olímpicos/paralímpicos. A equipe do Projeto Referências coleta informações junto aos agentes e entidades do esporte, sejam eles atletas, treinadores, árbitros, dirigentes e gestores, além de comitês, confederações, federações, clubes e do próprio Ministério do Esporte. A coleta de dados é realizada por meio de questionários, entrevistas, análise de documentos, bem como saídas de campo nacionais e internacionais. Em todas as dimensões pesquisadas, os dados mapeados e coletados são catalogados de forma padronizada em um banco de dados, modelado com o objetivo de permitir a articulação entre as dimensões e modalidades, o que permite uma abordagem integrada do Esporte de Alto Rendimento no Brasil.

c) Inteligência Esportiva

O Inteligência Esportiva é um projeto do Ministério do Esporte,

em parceria com Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) da Universidade Federal do Paraná. O objetivo do projeto é produzir, sistematizar, analisar e difundir informações sobre as políticas para o esporte de alto rendimento no Brasil. Entre as metas a serem atingidas destacam-se: a construção de um banco de informações sobre o esporte de alto rendimento no Brasil, com ênfase nos esportes olímpicos e paralímpicos; o levantamento da história das modalidades esportivas no Brasil; a interação com organizações internacionais na área da informação esportiva; o levantamento e a análise da produção científica sobre o esporte olímpico e paraolímpico; e a análise da efetividade da política de gestão do esporte de alto rendimento. Além disso, o projeto visa disponibilizar as informações produzidas pela sua equipe de trabalho para diferentes segmentos acadêmicos, profissionais e esportivos. Os procedimentos metodológicos empregados no estudo são do tipo documental e fazem uso de diferentes fontes: relatórios e planos do Ministério do Esporte, portarias publicadas no Diário Oficial, relatórios dos Jogos Escolares da Juventude (JEJs); sites de confederações esportivas; bases de dados científicas nacionais e internacionais (LILACS, MEDLINE, SCIELO e Portal de Periódicos Capes), entre outros. Em 2016, o Inteligência Esportiva lançou uma publicação com os resultados dos estudos até então realizados. A obra apresenta dados e análises sobre os programas Bolsa-Atleta e Bolsa Atleta Pódio, a Rede Nacional de Treinamento, os Jogos Escolares da Juventude, e além da produção científica e dos grupos de pesquisa brasileiros na área do esporte, com destaque para os esportes olímpicos e paralímpicos. O documento apresenta também informações sobre o banco de dados e a gestão da informação no âmbito do projeto (MEZZADRI, 2016).

d) Rede Cedex

A Rede CEDES – Centro de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer, visa a estimular grupos de pesquisa a produzir e difundir conhecimentos voltados para o aperfeiçoamento e a qualificação de projetos, programas e políticas públicas de esporte recreativo e de lazer, por meio da produção e difusão de conhecimentos em diferentes instâncias, contribuir na melhoria dos programas e da qualificação dos gestores e pesquisadores que integram tais grupos. Ao mesmo tempo em que estimula esses grupos já existentes, ela atende a uma neces-

cidade governamental.

As publicações que tratam do balanço da Rede CEDES demonstram que houve várias fases, desde a sua criação em 2004, quando foi se aperfeiçoando e buscando mecanismos mais seguros para a sua estruturação. Porém, apoiou nesse período, 149 pesquisas de 90 grupos com 59 pesquisadores envolvidos. Buscou mecanismos para incentivar e reconhecer iniciativas científicas, tecnológicas e pedagógicas, voltadas à qualificação de políticas públicas, criando o Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, que nas edições de 2008 e 2010, em diversas categorias, premiou 209 pesquisadores. (SCHWARTZ, 2010).

Mas vale destaque, o passo que foi dado, em 2015, para a consolidação desse programa enquanto política de longo prazo: o lançamento do edital que – após longo e intenso debate com os pesquisadores que a compõe – permitiu a implantação, em todas as unidades federativas, de 27 Centros de Desenvolvimento de Pesquisas da Rede CEDES, como polos aglutinadores de grupos de pesquisas e instituições de ensino superior. Isso foi considerado, pelos pesquisadores da área, um marco para consolidação e estruturação da Rede, tanto na organização, quanto no financiamento que passou a ser estipulado pelos editais. Com isso, passaram a integrar a Rede CEDES, 243 pesquisadores de 112 grupos de pesquisa, distribuídos no país, avançando sobre as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores, frente às desigualdades regionais.

Investiu-se em vasta publicação com mais de 320 títulos voltados para disseminação dos resultados das pesquisas e estudos realizados por seus pesquisadores. Ademais, a Rede possibilitou a viabilização de muitos eventos científicos nacionais e internacionais, somente, entre 2014 a 2016, foram apoiados 16 eventos, estimulados pela ambiência da realização dos grandes eventos esportivos.

Considerações Finais

A narrativa dos acontecimentos aqui apresentada, antes de isenta e exaustiva, está eivada pelos pensamentos, valores e interpretações dos seus autores que, como já dito, estiveram envolvidos – com graus e lócus diferentes – na realização dos Jogos Olímpicos

e Paralímpicos Rio 2016 e no processo de concepção, acompanhamento e execução das políticas de esporte e lazer do Ministério do Esporte. Entretanto, buscou-se rigor e máxima aproximação com os conteúdos dos documentos, planos e declarações institucionais, para aclarar a intencionalidade que guiou o Governo Federal nas tomadas de decisão sobre os eventos em questão e das ações levadas a efeito na sua realização.

Por tudo que foi exposto, podemos admitir que houve um saldo positivo sobre o que foi planejado e realizado, em relação aos grandes eventos esportivos e seus legados, nessa década de intenso fulgor para o esporte brasileiro. Porém, diante dos limites e possibilidades aqui postos, destacamos os principais desafios a serem enfrentados para que o esporte se torne uma política de Estado:

1) instituir o Sistema Nacional do Esporte, com clareza das competências e responsabilidades dos entes públicos e privados, os mecanismos de ampliação da prática esportiva, democratização do acesso, do controle social, perenidade das políticas e transparência na gestão em todos os âmbitos e esferas, atividade que estava em fase conclusiva no final de 2015;

2) ampliar e diversificar fontes de financiamento e mobilizar novas, especialmente na iniciativa privada e criando o fundo nacional do esporte, atividade com trabalhos encaminhados desde o final 2015;

3) implementar os contratos de desempenho, com base no Plano Nacional do Desporto, com o processo iniciado em 2014, para estipular obrigações, metas e avaliação de resultado dos projetos executados com recursos públicos;

4) consolidar a Rede Nacional de Treinamento, o que depende da definição do modelo de gestão em articulação com as diversas parcerias locais, que parte das instalações olímpicas no Rio de Janeiro com elevado padrão de qualidade, construídas e modernizadas para os Jogos Olímpicos de 2016, integra os centros de treinamento das modalidades, envolvendo os CIEs que serão inaugurados; e

5) fortalecer os 27 centros de pesquisa da Rede CEDES, implementados em 2015, para tornar perene o fomento à ciência e tecnologia voltadas ao esporte. Ademais, publicar os resultados e continuar a

pesquisa do Diagnóstico Nacional do Esporte - DIESPORTE.

Por fim, o que procuramos evidenciar nesse relato, com a devida relevância, foi a visão de totalidade em que se assentou o Governo Federal, quando da formulação e implementação da política de esporte e lazer. A realização dos grandes eventos esportivos aparece assim integrada e articulada aos diferentes elementos desta política, não se caracterizando como um fim em si mesmo, mas como indutor do desenvolvimento da política nacional do esporte. Com limites e adversidades, em que pese as críticas emitidas, o Governo Federal por mais de uma década intencionou e agiu no sentido de impulsionar, qualificar e promover o esporte enquanto um direito de cidadania, e torná-lo política de Estado, participe no processo de desenvolvimento humano, social e econômico do país, obtendo significativos avanços nessa empreitada, pelo que se pode constatar.

Referências

BRASIL (2008). Presidente Luís Inácio da Silva (2007). Mensagem ao Congresso, 2008. Recurso eletrônico. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/mensagem-ao-congresso> (consultado em 10/março/2017).

_____. (2009). Ministério do Esporte. Caderno de Legados dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos Rio 2016. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/rio2016/default.jsp> (consultado em 13/março/2017).

_____. (2010). Presidente Luís Inácio da Silva (2007). Mensagem ao Congresso, 2010. Recurso eletrônico. Brasília: Presidência da República, 2010. <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/mensagem-ao-congresso> (consultado em 10/março/2017).

_____. (2015). Ministério do Esporte. Matriz de Responsabilidade Consolidada. Disponível em: http://www.esporte.gov.br/arquivos/assessoriaEspecialFutebol/copa2014/Matriz_consolidada_dez_2014.pdf (acessado em: 04/abril/2015).

_____. (2015b). Ministério do Esporte. Copa do Mundo lidera estatísticas de 2014 do Twitter e do Facebook disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/copa-do-mundolidera-estatisticas->

-de-2014-do-twitter-e-do-facebook (consultado em 05/fevereiro/2015).

_____. (2015c). Ministério do Esporte. Diagnóstico Nacional do Esporte. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/diesporte/> (Consultado em 13/março/2017).

_____. (2016). Presidenta Dilma Vana Rousseff (2011). Mensagem ao Congresso, 2016. Recurso eletrônico. Brasília: Presidência da República, 2016. Disponível em <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/mensagem-ao-congresso> (consultado em 10/março/2017).

_____. (2016b). Segundo Tempo. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/segundo-tempo> (consultado em 13/março/2017).

DAMIANI, Cássia. Avanço da participação das mulheres nas políticas públicas de esporte. Revista do Observatório Brasil de Igualdade de Gênero. Ano IV, nº 6: SPM: Brasília, 2014.

FERNANDES, Luís. Copa e olimpíadas para quem? O legado dos grandes eventos para o desenvolvimento do Brasil. Revista Princípios, n. 127, p.17-22, 2013.

FOREIGN AFFAIRS COMMITTEE. FCO Public Diplomacy: The Olympic and Paralympic Games 2012. Second Report of Session 2010-2011. London: House of Commons, 2011.

IBGE. Perfil dos municípios brasileiros: esporte 2003 (MUNIC). Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

_____. Perfil dos municípios brasileiros: esporte 2009 (MUNIC). Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

_____. Perfil dos estados brasileiros: esporte 2009 (ESTADIC). Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LEYSER, Ricardo Gonçalves. Que o legado olímpico faça o esporte brasileiro seguir em frente! Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/281811-1> (consultado em 8/março/2017).

MEZZADRI, Fernando Marinho (org.) Inteligência esportiva. Curitiba: UFPR, 2016.

NYE, Joseph. Soft Power: the means to success in world politics. Pu-

blic Affairs, 2004.

PAULINO, Luís Antônio. Esportes, megaeventos esportivos e relações internacionais. *Brasilian Journal of International Relations*, Vol. 4, edição n. 1. UNESP: SP, 2015.

REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo. Megaeventos esportivos e ciências do esporte no Brasil. In: TONDIN, Gilmar; VIDAL, José Rogério; FEIX, Eneida (org.) *Esporte e lazer no Brasil: divisão de responsabilidades entre os entes federativos*. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 2014.

_____. Jogos Olímpicos Rio de Janeiro 2016. *Ciência e Cultura*, vol. 68, n. 2, p. 22-26, 2016.

SCHWARTZ, Gisele Maria. Gestão da informação sobre esporte recreativo e lazer: balanço da rede CEDES. Disponível em <http://www.cedes.ufsc.br:8080/xmlui/handle/123456789/287>

VAINER, Carlos. Cidade de exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro. In: MACHADO, Carlos R.S.; SANTOS, Caio F.; ARAUJO, Claudionor F.; PASSOS, Wagner Valente. *Conflitos ambientais e urbanos: debates, lutas e desafios*. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

SCHWARTZ, Gisele Maria. Gestão da informação sobre esporte recreativo e lazer: balanço da rede CEDES. Disponível em <http://www.cedes.ufsc.br:8080/xmlui/handle/123456789/287>

VAINER, Carlos. Cidade de exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro. In: MACHADO, Carlos R.S.; SANTOS, Caio F.; ARAUJO, Claudionor F.; PASSOS, Wagner Valente. *Conflitos ambientais e urbanos: debates, lutas e desafios*. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

O ESPORTE PARAOLÍMPICO DE ALTO RENDIMENTO

HIGH PERFORMANCE PARALYMPIC SPORT

Marcelo de Castro HAIACHI^{1,2,3}

Vinícius Denardin CARDOSO^{2,3,4}

Laís Rodrigues GERZSON^{3,5}

Antônio Menescal CONDE³

Alberto Reinaldo REPPOLD FILHO^{2,3}

Carla Skilhan de ALMEIDA^{3,6}

carlaskilhan@gmail.com

Briefing

This chapter will discuss the high-performance Paralympic sport and discuss themes that help you understand its entire movement. Its division begins with the presentation of history and the definitions in the international and national scope; the sports classification; the organizational structure of the Paralympic sports; Sports initiation and the actions that favor the Paralympic initiation in Brazil and the future prospects. The path traveled by the national and international Paralympic movement was divided into so-called periods: birth, Broadcast, Structuring and Consolidation. To ensure fair and equal competition for athletes with disabilities, the Paralympic sports have a classification system which ensures that the victory is determined by the same factors that explain success in sports for athletes without any disability. The structure of the Paralympic sport has been going through constant changes to try and promote increasingly its athletes and its modalities.

Currently its management is divided by type of disability (IOSDs) by sports federations (International Sports Federations - IFs) and, for some embodiments, the CPI assumes the role of sports federation. This model

1 Universidade Federal de Sergipe; SCENARIOS DEF/UFS

2 Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

3 Projeto Referências para o Esporte Nacional de Alto Rendimento

4 Universidade Estadual de Roraima - UERR

5 Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI

6 Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

allows the development of 23 modalities of summer and 05 of winter and promotes a greater participation of all the agents involved in favor of their development. The regulation of Law No. 10.264 (Agnelo-Piva) gave the CPB the mission of promote the discovery of Paralympic talents in Brazil, through school games, regional and national championships, programs and projects for initiation of Paralympic sports; Thus, provided for the renewal of sports generations in the country. Much of their costs were and are covered by public funds resulting from Federal Laws favoring these initiatives. The 301 medals won in these 48 years of Brazilian participations in Paralympic Games should serve as an example for more and more athletes are inspired by these results, and serving as a reference to expand their perspectives for the future.

Introdução

As pessoas com deficiência estão cada vez mais participativas na sociedade e em busca de alternativas para melhorar o seu estilo de vida. A atividade esportiva é uma forma de estimular suas potencialidades e um convite para superar seus limites, prevenir as enfermidades secundárias e promover a integração social (CARDOSO, 2011). No Brasil, o Censo de 2010 apontou que aproximadamente 24% da população em geral declararam algum tipo de deficiência (IBGE, 2012), um número elevado de acordo com a estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS), em que cerca de um bilhão de pessoas (15% da população mundial) possuem deficiência. Grande parte desta população (80%) encontra-se nos países em desenvolvimento (WHO, 2011).

Ao confrontarmos as estimativas em relação aos países desenvolvidos, como nos Estados Unidos - 19% da população (BRAULT, 2012) e no Reino Unido - 24% da população (PAPWORTH, 2012), ratificamos a elevada estimativa brasileira. Os números assustam porque grande parte da população ainda não se acostumou com esta realidade. Como solucionar os problemas relacionados à acessibilidade, à saúde, à educação, ao trabalho, ao lazer e à prática esportiva? Por conta das leis ou por mobilização social, os programas esportivos passam a ser vistos como ferramenta de reabilitação tanto física como social para as pessoas com deficiência (HAIACHI; KUMAKURA, 2013).

Adaptações e modificações nos materiais utilizados, nas suas re-

gras e nos locais em que as atividades acontecem são essenciais para o sucesso das ações promovidas para este público (DUARTE; WERNER, 1995). O esporte modificado vai ao encontro das necessidades únicas de pessoas com deficiência (GORGATTI; GORGATTI, 2005).

Este capítulo tratará do esporte paraolímpico⁷ de alto rendimento e abordará temáticas que auxiliam no entendimento de todo o seu movimento. Sua divisão inicia-se com a apresentação da história e suas definições no âmbito internacional e nacional; da classificação esportiva funcional; da estrutura organizacional do esporte paraolímpico; da iniciação esportiva e as ações que favorecem a iniciação paraolímpica brasileira e as suas perspectivas futuras.

Avanço Histórico

Para facilitar a compreensão de toda a trajetória percorrida pelo movimento paraolímpico internacional ao longo destes 68 anos de história (1948-2016), dividiremos os principais fatos históricos em períodos: Nascimento, Difusão, Estruturação e Consolidação.

Nascimento

As primeiras manifestações envolvendo a prática esportiva para pessoas com deficiência trazem como foco ações terapêuticas ou educacionais. Os primeiros relatos surgem com as pessoas surdas em 1870, através da prática do beisebol organizado na School of Deaf de Ohio nos Estados Unidos (WINNICK, 2004, ARAÚJO, 1997). Ao final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, alguns programas de reabilitação iniciaram o trabalho com atividades recreativas e de destreza em

⁷ Em novembro de 2011, o termo “paraolímpico” foi alterado para “paralímpico”. Essa mudança, oficializada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) ocorreu a pedido do International Paralympic Committee cujo objetivo é alcançar a universalização do termo e suas derivações. Posteriormente aos Jogos Paralímpicos de 2012, a Presidenta da República na época, Dilma Rousseff decidiu vetar o uso do termo “paralímpico” em documentos oficiais. Por orientação da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM), o Portal Brasil adotará o mesmo padrão usado em textos governamentais. Usa-se “paralímpico” quando nos referimos ao Comitê Brasileiro e às competições internacionais. Exemplo: Comitê Paralímpico Brasileiro, Jogos Paralímpicos. Já o termo “paraolímpico” será adotado sempre quando nos referimos genericamente ao tema. Exemplo: atleta paraolímpico, competição paraolímpica, modalidade paraolímpica (BRASIL, 2012; CPB, 2016).

cadeira de rodas para os soldados lesionados em combate. Estas atividades foram desenvolvidas principalmente no norte da Europa. O tiro e o arco e flecha foram às primeiras modalidades a serem efetivamente trabalhadas pelos alemães (GONZALEZ; SILVA, 2014), seguida pelo golfe para amputados unilaterais de membros superiores, desenvolvido na cidade de Glasgow em 1932, no Reino Unido (MAUERBERG-DE-CASTRO, 2005).

A primeira competição internacional ocorreu em 1924, na cidade de Paris (França), com os “Jogos do Silêncio”, reunindo 148 esportistas de nove países europeus (Bélgica, Hungria, Holanda, França, Itália, Polônia, Reino Unido, Romênia e Latvia) em seis esportes (atletismo, ciclismo, futebol, tiro, natação e tênis) (ICSD, 2014, SENATORE, 2006, WINNICK, 2004). Na concepção de Costa; Souza (2004), a história do esporte para pessoas com deficiência iniciou na cidade de Aylesbury, sede do condado de Buckinghamshire no sudoeste do Reino Unido. No ano de 1944, o Dr. Ludwig Guttman⁸, insere a prática esportiva em seu programa de reabilitação de militares e civis que sofreram lesões na II Grande Guerra Mundial no Centro Nacional de Lesionados Medulares do Hospital de Stoke Mandeville. Esta ação reforçou a necessidade de novas táticas para assistência de pessoas com deficiência, já que seu contingente atingiu um número considerável e os veteranos de guerra foram recebidos como heróis (FERNANDES, 2007). A luta naquele momento era para obter um retorno à sociedade, às suas famílias e ao mercado de trabalho. O esporte competitivo potencializou a reinserção social e a condição desta parcela da população de participar pela luta dos seus direitos (CONDE, 2014). A primeira modalidade no Programa de Stoke Mandeville foi o hóquei, uma modalidade híbrida que unia o hóquei e o pólo (Mandevillelegacy.org.uk). Seguiram-se o tiro com arco e o netball (basquete com ausência de tabela) (BAILEY, 2008).

Difusão

O enfoque médico da reabilitação apresentado por Guttman,

⁸ Neurologista alemão de origem judaica que, fugindo do nazismo, foi convidado para assumir o Centro de Reabilitação do Hospital de Stoke Mandeville, em Aylesbury no Reino Unido. Guttman nasceu na cidade de Toszek, em 1899, hoje região pertencente à Polônia, vindo a falecer em 18 de março de 1980, no Reino Unido (CONDE, 2014).

ao envolver a prática esportiva aos seus pacientes, teve como objetivo amenizar os problemas psicológicos causados pelo confinamento nos centros de reabilitação e retomar sua autoestima ao mostrar sua eficiência no esporte (COSTA; SOUZA, 2004, SILVA; VITAL; MELLO, 2016). Nos Estados Unidos, o esporte se apresentou como uma forma de inserção social, dando uma conotação competitiva a sua prática (COSTA; SOUZA, 2004). Corroborando com esta ideia, Mattos (1994) afirma que, enquanto no Reino Unido o objetivo era a reabilitação, nos Estados Unidos era a competição. No decorrer da história, essas correntes cruzaram-se, formando a mesma linha de pensamento, procurando a integração do atleta e sua reabilitação social.

Guttmann foi o precursor da reabilitação pelo esporte das pessoas com deficiência, pois obteve sucessos com a reabilitação de ex-combatentes através de jogos desportivos com cadeira de rodas (GORGATTI; GORGATTI, 2005, MAUERBERG-DE-CASTRO, 2005; MATTOS, 1990). Diante disso, o jornal SuperAção (1988) ressalta que o Dr. Guttmann conseguiu preparar seis paraplégicos para o mercado de trabalho em um ano e reconheceu que as atividades desportivas eram essenciais para a reabilitação psicossocial das pessoas com deficiências como medida terapêutica (CARDOSO, 2011).

Estruturação

Esta fase também foi chamada de Era do desenvolvimento (BAILEY, 2008). Embora já se promovessem atividades esportivas para pessoas com deficiência, principalmente no Reino Unido, nos Estados Unidos e na Alemanha. Foi em 1948 que este conceito ganhou caráter oficial, com a realização dos Jogos de Stoke Mandeville. Os médicos de Aylesbury começaram a adotar, definitivamente, a prática sistemática do esporte como parte essencial da reabilitação médica e social dos pacientes. Para isto, naquela época, houve a necessidade da criação de uma classificação entre os atletas para que eles pudessem competir de igual para igual. Foi quando apareceu a classificação esportiva pela primeira vez. A classificação era baseada na avaliação médica exclusivamente. Os atletas apresentavam as mesmas deficiências funcionais, mas não competiam juntos por terem diagnósticos médicos diferentes (VANLANDEWIJCK; THOMPSON, 2011, FREITAS, 2005,

DEPAUW; GAVRON, 1995).

Os Jogos de Stoke Mandeville aconteceram em 29 de julho de 1948, mesma data de realização dos Jogos Olímpicos de Verão, em Londres onde Gutmann aproveita a solenidade e cria paralelamente os primeiros Jogos de Stoke Mandeville para paraplégicos. Nestes jogos, participaram 16 atletas ingleses (14 homens e duas mulheres) nas modalidades de arco e flecha, tiro ao alvo e dardo ou dartchery (une o tiro com arco e o dardo, jogo comum nos pubs ingleses, permanecendo no Programa dos Jogos Paralímpicos até 1980) (DARTCHERY, 2014, GORGATTI; GORGATTI, 2005, WINNICK, 2004, CIDADE; FREITAS, 2002, ARAÚJO, 1997, LANDRY, 1995). Em 1952, os jogos desenvolveram-se para a primeira competição internacional de esporte em cadeira de rodas com 130 participantes, equipes da Inglaterra e Holanda, sendo que ingleses e holandeses fundaram a International Stoke Mandeville Games Federation (ISMGF)⁹, dando início ao movimento esportivo internacional que viria a ser base para a criação do que hoje é conhecido como Esporte Paraolímpico (SENATORE, 2006, WINNICK, 2004, CIDADE; FREITAS, 2002, ARAÚJO, 1997). Em 1955, aumenta a necessidade de classificar os atletas com deficiência e com critérios, principalmente no atletismo, onde os atletas apresentavam diferentes tipos de lesões (DOLL-TEPPER et al., 2001).

O 9º Jogos de Stoke Mandeville (1960), em Roma (Itália), considerado historicamente como o grande marco paraolímpico, embora ainda não tivesse a nomenclatura de Jogos Paralímpicos. O evento contou com a participação de aproximadamente 400 atletas de 23 países, juntamente com o apoio do Comitê Olímpico Nacional Italiano (CONI). Logo após o encerramento dos Jogos Olímpicos, o diretor do centro de lesionados medulares de Ostia, Antonio Maglia, propôs ao governo italiano que os jogos fossem realizados nos mesmos espaços esportivos e tivesse o mesmo formato das Olimpíadas, duas semanas após os Jogos Olímpicos, deixando de ser chamado Jogos

9 A ISMGF foi modificada para ISMWSF (International Stoke Mandeville Wheelchair Sports Federation) para permitir que outros atletas, além da lesão medular pudessem fazer parte de competições sancionadas. Em 1964, foi fundada ISOD: International Sports Organization for Disabled, que criou um sistema de classificação para amputados, (VANLANDEWIJCK, CHAPPEL, 1996). A ISMWSF e ISOD fundiram-se na International Wellchair and Amputtee Sports Federation (IWAS).

de Stoke Mandeville para se chamar Jogos Paralímpicos (o termo “para” vem do grego e significa “junto a”, paralelo às olimpíadas), o que passou a vigorar a partir de 1964, nos Jogos de Tóquio, no Japão (PEREIRA, 2013).

Alice Hunter, paciente paraplégica do Stoke Mandeville Hospital, escreveu seu relato intitulado “Alice of the Paralympiad” (“Alice das Paraolimpíadas”), para a revista de desportos “The Cord Journal of the Paraplegics”. Na época, o termo foi associado à paraplegia e posteriormente foi utilizado para batizar os Jogos Paralímpicos (MAUERBERG-DE-CASTRO, 2005). Assim, marca-se o envolvimento político e social do mundo com os jogos para as pessoas com deficiência (CARDOSO, 2011, MARQUES et al., 2009). Neste mesmo ano (1964), foi criada a Organização Internacional de Esporte para pessoas com deficiência. Eles criaram o primeiro sistema de classificação formal com 27 classes. Este valor foi reduzido para 12 e nove classes para os Jogos Paralímpicos de Verão de 1976 e 1992 (VERNON et al., 2010) respectivamente. Durante a década de 1960 e início de 1970, o sistema de classificação configurado como uma série de “handicaps” (pequenas diferenças nas deficiências físicas de competidores que os deixavam em vantagem nas provas) foi visto como problemático porque deixava um número pequeno de pessoas em uma classificação podendo ter muitos vencedores (FREITAS, 2005, DOLL-TEPPER et al., 2001).

Em 1976, o professor de educação física Horst Strohkendl, com a colaboração de Bernard Coubariaux e Phillip Craven desenvolveu uma nova forma de classificação: a classificação funcional. A classificação colocava em evidência a potencialidade dos resíduos musculares provenientes de sequelas que o atleta teria e de seus músculos não lesados. Ele categorizava o atleta pelo volume de sua capacidade muscular na função (FREITAS, 2005). O esporte para pessoas com deficiência começava a se consolidar.

Consolidação

O fato dos Jogos Paralímpicos de Verão e de Inverno serem sempre realizados no mesmo ano dos Jogos Olímpicos, mas nem sempre nos mesmos locais, em períodos próximos (logo em seguida)

e utilizando as mesmas instalações, foi ocorrer de forma oficial a partir de 2012, mas desde 1988, em Seul (Coréia do Sul) que os jogos são realizados nas mesmas cidades sede e nas mesmas instalações esportivas. Em Atenas (Grécia), em 2004, celebrou-se a XII Paraolimpíada de verão, com participação de 3.806 atletas de 136 países (IPC, 2008).

Os Jogos Paralímpicos, que começaram como um evento com fortes implicações sociais e fins terapêuticos, tornaram-se o evento esportivo essencial para as pessoas com deficiência em âmbito internacional. Um marco importante para a história paraolímpica e unificação do Movimento Paralímpico Internacional foi a criação do Comitê Paralímpico Internacional (IPC), em 22 de setembro de 1989, na cidade de Düsseldorf, Alemanha (MELLO; WINCKLER, 2012).

O esporte para pessoas com deficiência ganha um novo olhar na história da humanidade ao proporcionar um nicho de conhecimentos científicos, de novas competições, modalidades, espectadores e, conseqüentemente, um melhor entendimento e reconhecimento do processo contínuo de desenvolvimento, das melhorias na qualidade de vida e na oportunidade de poder testar seus próprios limites e potencialidades.

A fase de consolidação aconteceu também para a classificação esportiva no cenário mundial. Em 1983, a Associação Internacional de Paralisia Cerebral Esporte e Recreação (CP-ISRA) definiram regras de elegibilidade para a classificação. Eles definiram a paralisia cerebral como uma lesão cerebral não progressiva que resultava em prejuízo para a pessoa e eram elegíveis para a classificação. A organização também lidou com a classificação para as pessoas com deficiências semelhantes. A esclerose múltipla, distrofia muscular e artrogripose não eram elegíveis para a classificação da CP-ISRA, mas eram elegíveis para classificação da Organização Desportiva Internacional das Pessoas com Deficiência para os Jogos de Les Autres¹⁰ (CP-ISRA, 1983).

10 Segundo Veríssimo e Ravache (2006) Les Autres é referente a “os outros”. Inclui todos as deficiências com limitações mínimas, atletas das classes de paralisia cerebral e atletas das classes de lesões na medula espinhal.

Durante os anos de 1980, havia oito classes para as pessoas com paralisia cerebral, três classes para atletas com deficiência visual, nove classes para os atletas com problemas físicos e seis classes para atletas Les Autres (DEPAUW; GAVRON, 1995). Em alguns casos, uma classe de pessoas com deficiência intelectual existia em eventos discriminados por idade, a fim de permitir a igualdade de concorrência para os atletas. Algumas destas provas foram realizadas no Canadá e as classes de deficiência competiram durante os eventos com atletas fisicamente capazes (AUSTRALIAN SPORTS COMMISSION, 1990).

Em 1989, discutiu-se que os órgãos responsáveis pela classificação esportiva deveriam ser da Comissão Coordenadora Internacional e da Comissão Técnica do Comitê Paralímpico Internacional, onde já passaria a valer nos Jogos Paralímpicos de Verão de 1992. Um estudo realizado pela comissão organizadora e da Universidade Politécnica da Catalunha, na liderança até a reunião, verificou os resultados dos jogos da Stoke Mandeville (1984 e 1987), de Nova York (1984), de Bruxelas (1985), de Roma (1985), de Porto Rico (1986), de Paris (1987), de Seul (1988) e de Nottingham (1989).

O estudo propôs uma série de classes, com base nos resultados competitivos para uso em Barcelona. O comitê organizador local foi insistente para que o tal sistema garantisse a seriedade e o caráter competitivo nos Jogos Paralímpicos, em vez de recreativo. As propostas de classificação foram então implementadas para a natação e atletismo (BAILEY, 2008). Em 1988, a nova forma de classificação foi testada (FREITAS, 2005).

Assim, a tendência irreversível da classificação esportiva foi afastar a classificação médica e criar outros sistemas de classificação. Durante a década de 1990, houve uma decisão para tentar corrigir a classificação do atleta para que os competidores pudessem ter mais certeza em qual classificação ele iria competir, antes mesmo de participar do evento. Esta foi uma grande mudança, como anteriormente, os atletas eram classificados imediatamente antes e durante a prova (DOL-TEPPER et al., 2001).

Histórico Nacional

As primeiras manifestações nacionais voltadas para o esporte paraolímpico surgem a partir da criação das duas primeiras instituições esportivas especialmente para atender a pessoa com deficiência. Adotaremos a mesma periodização do movimento internacional para descrever a trajetória nacional englobando o Nascimento, a Difusão, a Estruturação e a Consolidação do esporte paraolímpico brasileiro.

Nascimento

Ao falarmos de esporte paraolímpico em âmbito nacional, iniciamos nossa trajetória em 1958 com a fundação do Clube do Otimismo, 1º clube esportivo para paraplégicos no Rio de Janeiro por iniciativa de Robson Sampaio de Almeida. No mesmo ano, só que em São Paulo, por iniciativa de Sérgio Seraphim Del Grande, nasce o Clube dos Paraplégicos de São Paulo (CPSP) (PEREIRA, 2013, GORGATTI; GORGATTI, 2005, MAUERBERG-DE-CASTRO, 2005, CIDADE; FREITAS, 2002, ARAÚJO, 1997).

Os fundadores das duas instituições esportivas trouxeram a ideia do esporte para pessoas com deficiência para o Brasil após retornarem de tratamentos de reabilitação em hospitais americanos, onde adquiriram a prática do esporte em cadeira de rodas (GORGATTI; GORGATTI, 2005, MAUERBERG-DE-CASTRO, 2005, CIDADE; FREITAS, 2002).

Em 1959 o ginásio do Maracanãzinho (Rio de Janeiro) recebe o primeiro jogo de basquetebol em cadeira de rodas (BCR) no país¹¹, sendo considerado o primeiro confronto do esporte paraolímpico (CONDE, 2014, MAUERBERG-DE-CASTRO, 2005).

Difusão

A década de 1960 foi marcada por diversos confrontos entre as duas equipes de BCR como estratégia de treinamento das equipes, divulgação da modalidade e aumento do número de adeptos, principalmente

¹¹ O basquetebol em cadeira de rodas é considerada a primeira modalidade paraolímpica a ser introduzida no país tendo como marco oficial este jogo entre os cariocas do Clube do Otimismo contra os paulistas do CPSP.

de outros estados. O compromisso de aprender o jogo e levar para outros estados ganhou força, assim como as excursões e os jogos de demonstração por todo o país. O professor Aldo Miccolis, técnico do Clube do Otimismo, inicia sua trajetória no movimento paraolímpico nacional, vindo a se tornar figura de destaque, prestando um excepcional serviço por mais de 50 anos (CONDE, 2014).

A primeira participação internacional ocorreu nos Jogos Parapan-Americanos (1969) realizado na cidade de Buenos Aires (Argentina) onde o atleta Walter Lemos Sales (Clube do Otimismo) conquistou a medalha de prata nos 800 metros rasos, sendo esta a primeira medalha internacional conquistada pelo esporte paraolímpico brasileiro (CONDE, 2014, ARAÚJO, 1997). O Brasil ainda se fez presente em 1971 na Jamaica e 1973 no Peru.

Em 1972, o país participa pela primeira vez de uma Paraolimpíada, realizada na cidade de Heidelberg (Alemanha). A delegação foi composta por 20 atletas que participaram de 04 modalidades: atletismo, natação, tiro com arco e BCR. Já em 1974, Robson Sampaio de Almeida e Luiz Carlos Silva, ambos do Clube do Otimismo, conquistaram a medalha de prata em duplas de tiro com arco, nos Jogos Mundiais de Stoke Mandeville Games, no Reino Unido. Nesse mesmo evento, a seleção brasileira masculina de BCR conquistou medalha de prata na competição (CONDE, 2014). Na edição de Toronto (Canadá), em 1976, com o Lawns Balls (modalidade precursora da bocha e com os mesmos princípios, contudo era jogada na grama e por atletas paraplégicos), Robson Sampaio de Almeida e Luis Carlos Coutinho conquistam nossas duas primeiras medalhas paraolímpicas (prata) (MAUERBERG-DE-CASTRO, 2005, ARAÚJO, 1997).

Em 1975, uma falha de comunicação entre as entidades paraolímpicas de São Paulo e Rio de Janeiro fez com que o Brasil levasse duas delegações aos jogos Pan-Americanos em Cadeira de Rodas da Cidade do México. Essa situação fez com que a Federação Internacional de Stoke Mandeville exigisse a fundação de uma associação nacional única e representativa do nosso país. Assim, ainda no avião que retornava do México, foi criada, extraoficialmente, a Associação Nacional de Desporto de Excepcionais, atual Associação Nacional de Desporto de Deficientes (ANDE). A ANDE, depois de criada oficialmente e reconhecida pelo Con-

selho Nacional do Desporto (CND), agregou, até 1984, todos os esportes praticados por atletas com todos os tipos de deficiência, exceto o esporte de surdos (CONDE, 2014, MELLO; WINCKLER, 2012).

Estruturação

O Ano Internacional das Pessoas com deficiência, 1981, marca o início de uma década voltada ao atendimento das necessidades dessa população. Esse período foi essencial no envolvimento de diversos segmentos que tinham como objetivos atender as propostas desenvolvidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e, assim, ampliar as oportunidades para os indivíduos que apresentavam algum tipo de deficiência (MIRANDA, 2008).

No Brasil, com a criação das entidades de e para as pessoas com deficiência, nas diversas áreas, cujo objetivo maior era a união de pares e a luta pelos seus direitos, a inserção das atividades esportivas, no seu âmbito, foi uma consequência natural e uma demanda expressiva. Por muito tempo essas entidades espalhadas pelo país formaram a base do esporte paraolímpico brasileiro, ampliando as suas possibilidades de acesso e difundindo as diversas modalidades. Até hoje essas entidades têm um papel absolutamente relevante no fomento e no desenvolvimento do esporte paraolímpico.

Em conjunto com o movimento social, várias associações de cunho esportivo foram surgindo com a intenção de regular o esporte paraolímpico como: a Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas¹² - ABRADECAR (31 de março de 1984), a Associação Brasileira de Desporto para Cegos – ABDC¹³ (19 de janeiro de 1984). A Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Mentais - ABDEM (1989) e a Associação Brasileira de Desporto para Amputados - ABDA

¹² Já extinta hoje.

¹³ ABDC foi criada em Assembléia na Cidade do Rio de Janeiro e tinha como filiadas associações que visavam o desenvolvimento do desporto para pessoas com deficiência visual. Ela dava ao esporte de cegos o ineditismo na fundação de entidades nacionais de gestão do esporte paraolímpico por área de deficiência. Em assembleia geral da entidade em 2006, decidiu-se pela mudança do nome para Confederação Brasileira de Desportos para Cegos – CBDC e definitivamente ficou a Confederação Brasileira de Desporto de Deficientes Visuais (CBDV), responsável pelo esporte na área da deficiência visual (CONDE; SOBRINHO; SENATORE, 2006, ROSADAS, 2000).

(1990) (CONDE; SOBRINHO; SENATORE, 2006).

Este movimento de estruturação ganha mais força com a fundação do Comitê Paraolímpico Internacional (1989) indo de encontro com as ações promovidas nacionalmente. Mas somente a partir da Lei nº 8672, de 6 de julho de 1993 (Lei Zico) que foi possível a criação do Comitê Paraolímpico Brasileiro ¹⁴ (CPB) que a partir da sua criação em 9 de fevereiro de 1995 eleva o status do esporte paraolímpico no cenário internacional (PEREIRA, 2013).

Quanto a Classificação Esportiva, no Brasil, o método foi usado extraoficialmente pela primeira vez em 1984, no Campeonato de Basquete sobre Cadeira de Rodas, realizado pela ABRADCAR. O Prof. Dr. Horst Strohkendl apresentou oficialmente a classificação funcional em 1989, no 1º Seminário Internacional de Basquetebol sobre Rodas (FREITAS, 2005). A seguir, houve também propostas de mudança no atletismo.

Consolidação

O aumento no número de participantes em algumas modalidades aliado a estrutura diferenciada das competições gerou a necessidade de uma estruturação no modelo de gestão em relação às modalidades paraolímpicas. Esse modelo de gestão levou as organizações nacionais de esporte para deficientes a se responsabilizar por modalidades específicas: ANDE (futebol de 7 e bocha), CBDV (futebol de 5, goalball e judô), ABDEM (atletismo e natação). Algumas Confederações esportivas assumem o esporte paraolímpico como o badminton, a canoagem, o ciclismo, o hipismo, o remo, o tênis, o tênis de mesa, tiro com

14 Até a fundação do CPB, a participação das missões paraolímpicas brasileira nos Jogos Paraolímpicos era chefiada por uma Comissão Paradesportiva Brasileira composta por: dois representantes do Governo Federal, um representante da Secretaria de Educação Física e Desportos / Ministério da Educação (SEED/MEC), um representante da Coordenadoria para a Integração das Pessoas Portadoras de Deficiência (em 1988 vinculada à Presidência de República e em 1992 ao Ministério da Justiça - CORDE), e pelos presidentes da ABDC, ABRADCAR e ANDE (MARQUES, 2015). Em 1992, a Associação Brasileira de Desportos de Amputado ABDA também fazia parte dessa Comissão. Esta estrutura da Comissão Paraolímpica Brasileira valeu para a participação brasileira nos Jogos Paraolímpicos de Seul, em 1988. Já para Barcelona 1992, não existindo mais estrutura no Ministério da Educação que tivesse o seu foco no desporto, a composição da Comissão foi capitaneada pela Secretaria de Esportes da Presidência da República (CONDE, 2014).

arco e o triatlon, enquanto outras são criadas como a de basquete em cadeira de rodas, a de vela adaptada e a de voleibol para deficientes. O CPB assumiu a administração direta de modalidades como o atletismo, a esgrima em cadeira de rodas, o halterofilismo, a natação, o rúgbi em cadeira de rodas e o tiro esportivo.

Este modelo diferenciado de gestão de modalidades esportivas mostra o quanto o esporte paraolímpico cresceu e vem conquistando seu espaço no cenário esportivo, fato este que leva o CPB, em 1996, a constituir uma equipe de avaliação médica, laboratorial e da condição física para os atletas paraolímpicos com vista à sua participação nos Jogos de Atlanta (EUA).

Esta iniciativa trouxe resultados positivos como a 37ª colocação no quadro de medalhas com 21 medalhas sendo duas de ouro, seis de prata e treze de bronze. Em Sydney (Austrália), no ano de 2000, com 128 países, 4.000 atletas e 20 modalidades esportivas (COSTA; SANTOS, 2002) a estratégia inovadora foi mantida o que fez o país saltar 13 posições atingindo a 24ª posição no quadro geral com 22 medalhas (06 ouros, 10 pratas e 06 bronzes) (VITAL et al., 2007). Foi um excelente desempenho se considerado o número de modalidades individuais e o número total de medalhas obtidas nessas modalidades, média de três medalhas por modalidade (GONZALEZ; SILVA, 2014).

A cada edição, o esporte paraolímpico nacional ganha espaço no cenário internacional como foi comprovado em Atenas (Grécia), em 2004, ao conquistar 33 medalhas no quadro geral de medalhas (14 de ouro, 12 de prata e sete de bronze) o que elevou o Brasil a 14ª colocação. Dentre os destaques do Brasil foi Clodoaldo Silva que conquistou seis ouros e uma prata e a atleta Ádria Santos, no atletismo, que ganhou um ouro e duas pratas. Vale ressaltar que o atletismo tem sido a principal modalidade brasileira nos Jogos Paralímpicos, conquistando um total de 76 medalhas (21 de ouro, 35 de prata e 20 de bronze) (GONZALEZ; SILVA, 2014).

No ano de 2008, em Beijing (China), com a 4ª maior delegação com 319 integrantes e 188 atletas o país entra para o seletor grupo das dez maiores potências do mundo paraolímpico. Participando de 17 das 20 modalidades do programa o resultado de 47 medalhas (16 de

ouro, 14 de prata e 17 de bronze) é motivo de orgulho. Os destaques foram os atletas Daniel Dias (nove medalhas, sendo quatro de ouro) e André Brasil (quatro ouros e uma prata), ambos da natação. No atletismo, Lucas Prado (três ouros), no Judô Antônio Tenório (um ouro). Esses dados ratificam o crescimento e desenvolvimento do esporte paraolímpico brasileiro. A nona colocação conquistada no quadro de medalhas, definitivamente posiciona o país entre as maiores potências do mundo e consolida o movimento do esporte paraolímpico no Brasil (SIQUEIRA, 2008).

Os Jogos Paralímpicos de Londres (Reino Unido), em 2012, entraram para a história com maior recorde de atletas e países, sendo 4.200 competidores de 165 nações de todo o mundo, que disputaram 20 esportes. A participação do Brasil em Londres levou o país ao sétimo lugar no quadro geral de medalhas, subindo duas posições em relação aos Jogos de Pequim, em 2008. Foram 21 medalhas de ouro, 14 de prata e oito de bronze, totalizando, assim, 43 subidas ao pódio (IPC, 2014).

Os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, o Brasil apostou na diversificação e no aumento do número de competidores em categorias diferentes. A meta do CPB foi figurar entre os cinco melhores no quadro de medalhas do mundo. Sua classificação geral foi na 8ª colocação, com 14 medalhas de ouro, 29 de prata e 29 de bronze. O desempenho dos atletas foi maior em 2016, pois o Brasil disputou 50 finais contra 36 em Londres.

A Classificação Esportiva

Para garantir uma concorrência justa e igualitária para os atletas com deficiência, os esportes paraolímpicos adotam um sistema de classificação que garante que a vitória seja determinada pela habilidade, aptidão, força, resistência, capacidade tática e concentração mental, os mesmos fatores que explicam o sucesso no esporte para os atletas sem nenhuma deficiência. Para garantir esta concorrência justa, os atletas são colocados em categorias de competição com base em sua deficiência, estas são chamadas de classes desportivas. A capacidade do atleta e o impacto sobre o esporte devem ser colocados à prova (IPC, 2010).

O sistema de classificação do IPC determina quais atletas são elegíveis para competir em um esporte e como os atletas são agrupados para a competição. A classificação é específica do esporte e um atleta pode cumprir os critérios em um esporte, mas pode não satisfazer os critérios de elegibilidade em outro e, também, um atleta pode competir em mais de um esporte, recebendo uma classificação diferenciada para cada modalidade (CARDOSO, GAYA, 2014).

Ao avaliar um atleta, os painéis de classificação consideram sempre três questões, que são respondidas através do processo de avaliação do atleta: 1. O atleta tem uma deficiência elegível para este esporte? 2. A deficiência qualificada do atleta atende aos critérios mínimos de deficiência do esporte? 3. Qual a classe de esporte que descreve a limitação de atividade do atleta com mais precisão? Se na opinião do Comitê de Classificação, o competidor tiver uma sequela que não é reconhecida, ou se faltar cooperação do atleta no processo de classificação, então, o mesmo, pode ser declarado inelegível para competir, pois a cooperação no processo de classificação e o reconhecimento da sequela são essenciais (IPC, 2015).

A classificação possui números (indicam o grau de comprometimento, em geral, quanto menor o número, mais grave a deficiência) e letras (indicam o tipo de esporte e o tipo de deficiência). Cada esporte tem o seu critério de divisão por categoria.

Em 2004, a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) da Organização Mundial de Saúde (OMS) foi relacionada com a classificação paraolímpica, propondo-se a aplicação da mesma linguagem e estrutura (TWEEDY; VANLANDEWIJCK, 2011).

A classificação esportiva é dividida em: funcional (para atletas com deficiência física) com oito itens avaliados: 1. Deficiência muscular; 2. Deficiência de amplitude de movimento; 3. Perda ou deficiência em um membro; 4. Diferença do comprimento das pernas; 5. Baixa estatura; 6. Hipertonia; 7. Ataxia e 8. Atetose (FREITAS, 2005); oftalmológica (para deficientes visuais), normatizada pela Federação Internacional de Esporte para Cegos (IBSA) e realizada em consultórios

designados pelas Confederações; e psicológica (para atletas com deficiência intelectual), regida pela Federação Internacional de Desporto para Deficiência Intelectual (INAS-FID) (MELLO; WICKLER, 2012). No Brasil, a organização é de responsabilidade da CBDV e do CPB para a deficiência visual e pela Associação Brasileira de Deficiência Mental (ABDEM) para as pessoas com deficiência intelectual.

Atualmente, a classificação esportiva tem o seguinte número de classes:

Tabela 1: Modalidades, tipos de deficiências e o número de classes esportivas apresentadas nos Jogos Paralímpicos de Londres- 2012.

MODALIDADE	NUMERO DE CLASSES			TOTAL
	DF	DV	DI	
Atletismo	61	3	1	65
Basquete em Cadeira de Rodas	8	-	-	8
Bocha	4	-	-	4
Ciclismo	11	1	-	12
Esgima em Cadeira de Rodas	5*	-	-	5
Futebol de 5	-	1	-	1
Futebol de 7	4	-	-	4
Goalball	-	3	-	3
Halterofilismo	-	-	-	-
Hipismo	4	-	-	4
Judô	-	3	-	3
Natação	29	3	1	33
Canoagem	3	-	-	3
Triatlon	5	1	-	6
Remo	3	-	-	3
Rugby em Cadeira de Rodas	7	-	-	7
Tênis de Mesa	10	-	1	11
TCR	-	-	-	-
Tiro com Arco	3	-	-	3
Tiro Esportivo	2	1	-	3
Vela	7	3	-	10
Voleibol Sentado	9	-	-	9

Fonte: (GATTI et al., 2015).

Legenda: DF - deficiência física; DV - deficiência visual, DI - deficiência intelectual; *na esgrima em cadeira de rodas são 5 classes distribuídas em 2 categorias, mas nos Jogos Paralímpicos são apenas 3 classes e mantém duas categorias.

Nos últimos Jogos Paralímpicos Rio 2016, foram 22 esportes que agrupavam 13 formas diferentes os 10 tipos de deficiências dos atletas participantes. Os resultados foram mais de 100 tipos diferentes de provas no total. Cada esporte teve sua própria regra para avaliar os atletas e garantir que as competições fossem justas.

Estrutura Organizacional do Esporte Paraolímpico

A estrutura do esporte paraolímpico vem passando por constantes evoluções no sentido de tentar promover cada vez mais seus atletas e suas modalidades. Atualmente sua gestão encontra-se dividida por tipo de deficiência (IOSDs), por federações esportivas (International Sports Federations - IFs) e, para algumas modalidades, o IPC assume o papel de federação esportiva. Este modelo possibilita o desenvolvimento de 23 modalidades de verão e 05 de inverno e promove uma maior participação de todos os agentes envolvidos em prol do seu desenvolvimento.

As IOSDs (CP-ISRA, IBSA, INAS-FID, IWAS) apresentam como principal foco a divulgação dos seus esportes e a promoção de ações específicas para seus atletas das categorias de base ao alto rendimento através de programas de cooperação mútua com o IPC. As principais responsabilidades das ISFs (14 no total) estão na competência técnica e específica em relação à modalidade em questão e à orientação adequada em relação aos locais de competição, treinamento e equipamentos. O IPC assume organiza (supervisão e coordenação) os esportes como: atletismo, halterofilismo, tiro esportivo, dança esportiva em cadeira de rodas¹⁵, esqui

¹⁵ A dança esportiva em cadeira de rodas não faz parte do programa dos Jogos Paraolímpicos de Verão nem de Inverno sendo a World Dance Sport Federation (WDSF) responsável pela estruturação da modalidade. O CPB não desenvolve esta atividade apesar de existir uma entidade representativa, a Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (CBDCR).

alpino e hóquei sobre trenó (IPC, 2014).

O CPB tem, desde sua fundação (1995), a participação e apoio do Governo Federal, com a Lei nº8672/1993 que possibilitou sua criação; Lei nº 10.240/2001 (Agnelo Piva) que viabilizou o repasse financeiro da arrecadação de todos os Jogos de loteria geridos pela Caixa Econômica Federal e a participação efetiva nas políticas e programas do Ministério do Esporte - ME, estruturado a partir de 2003: bolsa atleta; programas, ações e projetos de fomento; lei de incentivo ao esporte e financiamentos específicos para o esporte paraolímpico (HAIACHI et al., 2013).

No Brasil, o ME, o CPB, as Associações Nacionais e as Confederações Esportivas são responsáveis pela administração do esporte paraolímpico. Os clubes, as associações, as instituições de atendimento e de ensino são responsáveis pelo desenvolvimento em nível estadual e municipal, juntamente com o poder público. O quadro 01 apresenta a estrutura administrativa diferenciada do esporte paraolímpico com as suas respectivas representações internacionais e nacionais.

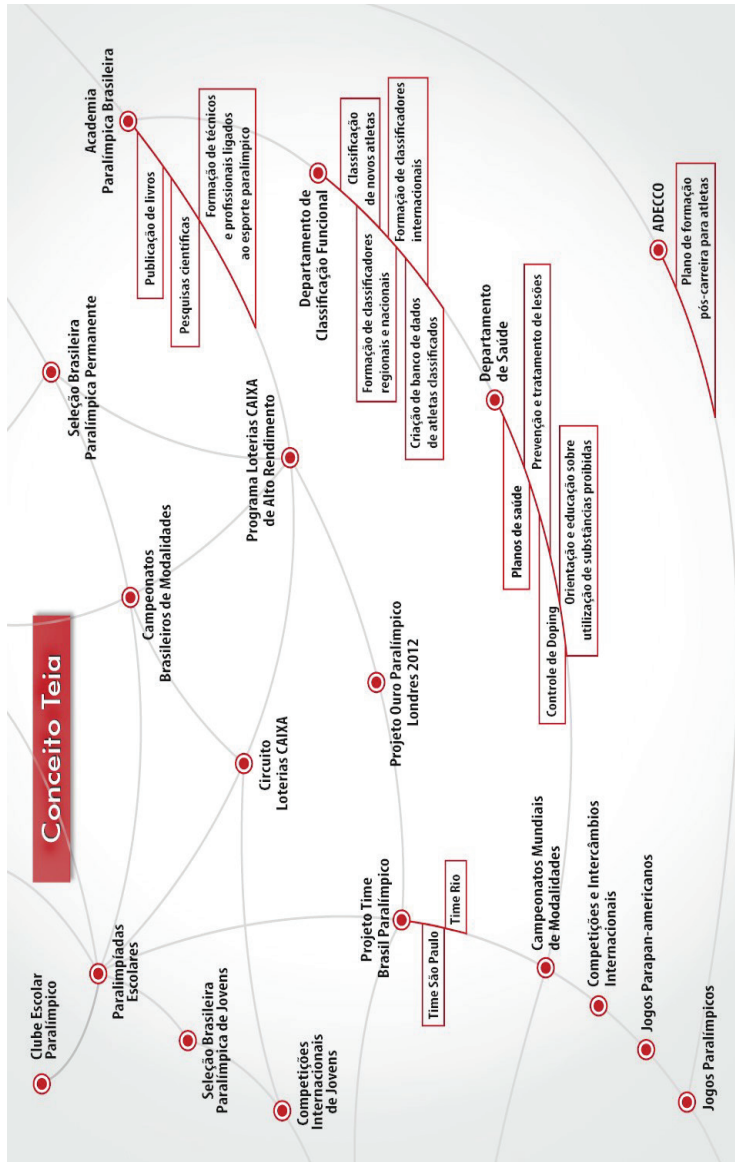
Quadro 01: Estrutura administrativa do esporte paraolímpico.

ESTRUTURA ESPORTIVA	REPRESENTAÇÃO INTERNACIONAL	REPRESENTAÇÃO NACIONAL	MODALIDADE ESPORTIVA
IOSD	Cerebral Palsy International Sports and Recreation Association (CPISRA)	Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE)	Futebol de 7
	International Blind Sport Association (IBSA)	Confederação Brasileira de Desporto de Deficientes Visuais (CBDV)	Futebol de 5, Goalball e Judo
	International Sports Federation for Persons with an Intellectual Disability (INASPID)	Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Intelectuais (ABDEM)	Atletismo e Natação
	International Wheelchair and Amputee Sports Federation (IWAS)	Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB)	Esgrima
	World Archery (WA)	Confederação Brasileira de Tiro com Arco (CBTARCO)	Tiro com arco
ISFs	International Equestrian Federation (FEI)	Confederação Brasileira de Hipismo (CBH)	Hipismo
	International Wheelchair Basketball Federation (IWBF)	Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas (CBBC)	Basquetebol em cadeira de rodas
	International Table Tennis Federation (ITTF)	Confederação Brasileira de Tênis de Mesa (CBTM)	Tênis de mesa
	International Tennis Federation (ITF)	Confederação Brasileira de Tênis (CBT)	Tênis em cadeira de rodas
	International Federation for Disabled Sailing (IFDS)	Confederação Brasileira de Vela Adaptada (CBVA)	Vela
	International Rowing Federation (FISA)	Confederação Brasileira de Remos (CBR)	Remo
	International Cycling Union (UCI)	Confederação Brasileira de Ciclismo (CBC)	Ciclismo
	World Organisation Volleyball for Disable (WOVD)	Confederação Brasileira de Vôleibol para Deficientes (CBVD)	Vôleibol sentado
	International Wheelchair Rugby Federation (IWRF)	Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas (ABRC)	Rugbi em Cadeira de rodas
	World Curling Federation (WCF)	Ainda não desenvolvida a nível nacional	Curling
IPC	International Triathlon Union (ITU)	Confederação Brasileira de Triathlon (CBTrn)	Triathlon
	International Canoe Federation (ICF)	Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa)	Canoagem
	Boccia International Sports Federation (BISFed)	Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE)	Boccia
	Alpine Skiing	Ainda não desenvolvida a nível nacional	Esqui alpino
	Athletics	CPB	Atletismo
	Ice Sledge Hockey	Ainda não desenvolvida a nível nacional	Hóquei em trenó
	Powerlifting	CPB	Halterofilismo
	Shooting	CPB	Tiro esportivo
	Swimming	CPB	Natação
	Wheelchair Dance Sport		
	World Dance Sport Federation (WDSF)	Confederação de Dança em Cadeira de Rodas (CBDCCR)	Dança em cadeira de rodas

Fonte: CPB, 2010.

No Brasil, o CPB é a entidade brasileira filiada ao IPC e segue sua estrutura organizacional, sendo responsável a nível nacional pelo desenvolvimento de esportes de forma direta ou indireta. Realiza um planejamento estratégico envolvendo todas as modalidades e promove uma maior interação entre elas, por conta da quantidade limitada de recursos. A utilização do conceito de teia de aranha (Figura 01) representa melhor a relação de cada área de trabalho: categorias de base, competições esportivas, saúde, classificação funcional, academia paraolímpica e pós-carreira. Por sinal, grande parte do investimento feito para os Jogos de Londres 2012 é oriundo da esfera pública: Lei Agnelo/Piva – nº 10.264/2001 (R\$27 milhões), da Caixa Econômica Federal (R\$11 milhões), do Governo de São Paulo (R\$5 milhões), da Prefeitura do Rio de Janeiro (R\$2,2 milhões) e do Ministério do Esporte (R\$11 milhões) (RODRIGUES, 2012).

Figura 01: Conceito de teia promovido pelo CPB.

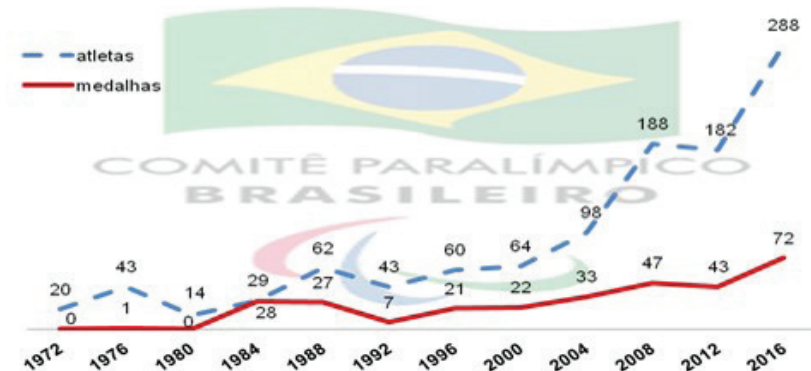


Fonte: CPB/DITEC.

O crescimento do esporte paraolímpico, assim como a organização da sua estrutura permitiu que novos profissionais fossem inseridos ao movimento. Hoje, existe uma equipe multidisciplinar que contribui para que o atleta consiga atingir melhores resultados, elevando assim o nível do atleta brasileiro. Esta equipe envolve profissionais de diversas áreas como Médicos, Fisiologistas, Fisioterapeutas, Nutricionistas, Dentistas, Psicólogos, Professores de Educação Física, Enfermeiros, Veterinários, Assistentes Sociais, Assessores de imprensa, Jornalistas, Fotógrafos, dentre outros. Em algumas modalidades são necessários profissionais específicos como o guia (atletismo), o calheiro (bocha), o timoneiro (remo), o tratador – grooms (hipismo), o taper (natação) e o mecânico (principalmente em modalidades coletivas que utilizem a cadeira de rodas). O atleta guia (atletismo), o goleiro (futebol de 5) e o timoneiro (remo), embora não obrigatoriamente com deficiência, são considerados para todos os efeitos, atletas

Todo este suporte fornecido ao atleta tem como objetivo ampliar suas condições de fazer a diferença durante uma competição, que a cada edição, passa a ser definida nos pequenos detalhes. É a vitória da estrutura e do planejamento focado em uma melhor preparação. Na figura 02 é possível perceber a crescente participação e o crescente número de medalhas conquistadas pelos atletas brasileiros em Jogos Paralímpicos.

Figura 02: Participação brasileira nos Jogos Paralímpicos em relação ao número de atletas participantes e o número de medalhas.



Fonte: Adaptado de CPB (2010).

Iniciação Esportiva Paraolímpica

O Esporte Paraolímpico caracteriza-se pela busca do rendimento máximo, do melhor desempenho em modalidades esportivas praticadas por pessoas em condições de deficiência, reconhecidas pelo IPC. A utilização do esporte como parte do processo de reabilitação de pessoas com deficiência, além de proporcionar resultados terapêuticos, contribuiu para direcioná-los ao esporte de alto rendimento paraolímpico. O caminho para o esporte paraolímpico era considerado informal e de fácil ascensão (CARDOSO, 2011).

Até meados dos anos 2000, grande parte dos atletas paraolímpicos teve contato com a prática esportiva durante seu processo de reabilitação e continuaram a se aperfeiçoar no esporte (WHELLER et al., 1999). A reabilitação busca assegurar à pessoa com deficiência, independente da natureza ou da origem da deficiência, a mais ampla participação na vida social, proporcionar a maior independência possível em atividades da vida diária e, também, possibilitar condições para o ingresso na prática esportiva (PEREIRA, 2009).

O engajamento social é outro fator importante para a iniciação no esporte. Pessoas com deficiência buscam no esporte uma oportunidade para ampliar sua socialização com pares sob a mesma condição de pessoas sem deficiência, acontecimentos que favorecem o ingresso e a permanência em um esporte para pessoas com deficiência e/ou paraolímpico (CARDOSO, 2011).

Atualmente, o profissionalismo tem sido a razão do elevado crescimento e abrangência do esporte paraolímpico brasileiro. Nos Jogos Paralímpicos de 2012 em Londres, Inglaterra, o Brasil alcançou a 7ª colocação no ranking de medalhas, a melhor colocação de sua história. Nos jogos do Rio 2016, sua classificação não alcançou a meta de 5ª colocação pela CPB, mas a delegação brasileira superou marcas relevantes e quebrou recordes históricos nos Jogos Paralímpicos. O destaque ficou por conta do total de medalhas conquistadas: 72, o maior número de pódios do país em todas as edições, superando, em muito, a marca anterior. Já em comparação com os Jogos de Londres (2012), o crescimento no número total de medalhas é ainda mais expressivo:

67% (JORNAL DO BRASIL, 2016).

Esses resultados demonstram a evolução que o esporte paraolímpico alcança no Brasil. E com o crescente número de atletas, competições e modalidades esportivas é necessário e importante que cada vez mais se aprimore o processo de desenvolvimento de talentos esportivos paraolímpicos, com objetivo de renovar novas gerações de atletas e consolidar o crescente desenvolvimento paraolímpico do país.

A busca por talentos esportivos é uma importante área de atuação dos profissionais da Educação Física e do Esporte, já que é através deste processo que novas gerações de atletas para o esporte de rendimento serão desenvolvidas.

Atualmente o esporte paraolímpico brasileiro passa por importantes transformações. São mudanças que favorecem o desenvolvimento do esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência. A regulamentação da Lei nº 10.264 (Agnelo-Piva) deu ao CPB a missão de buscar favorecer a descoberta de talentos esportivos paraolímpicos no Brasil, através de jogos escolares, campeonatos regionais e nacionais, programas e projetos de iniciação esportiva paraolímpica; dessa forma, proporcionado a renovação de gerações esportivas no país. Grande parte de seus custos foram e são cobertos por verbas públicas advindas de Leis Federais, favorecendo essas iniciativas.

Ações Que Favorecem a Iniciação Paraolímpica Brasileira

Em 1995, foi criado o CPB com objetivo de consolidar o movimento Paraolímpico no Brasil. O CPB procurou unificar as entidades paradesportivas brasileiras, difundindo o esporte de alto rendimento e proporcionando desenvolvimento do esporte paraolímpico no Brasil. (CPB, 2014).

Após a criação do CPB, um marco inicial de ações governamentais se dá em 1997, com a criação da Lei 9615, mais conhecida como Lei Pelé, que reconhece o esporte paraolímpico e inclui o CPB, e as entidades filiadas vinculadas ao Sistema Nacional do Desporto.

Em Julho de 2001, surge a Lei Agnelo/Piva, citada anteriormen-

te, que concede a autonomia financeira através de recursos oriundos de todos os Jogos de loteria geridos pela Caixa Econômica Federal. Através desta lei, 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país são repassadas ao COB (Comitê Olímpico Brasileiro) e ao CPB. Do total de recursos repassados, 85% são destinados ao COB e 15% ao CPB (BENFICA, 2012). A Lei Agnelo Piva foi um grande separador de águas no esporte paraolímpico brasileiro. Como ela foi promulgada em 2001, deu, desde então, ao CPB a possibilidade de fazer o seu planejamento com base em expectativas de receitas garantidas pela legislação.

Criado em 2006, o projeto Paraolímpicos do Futuro foi o precursor dentro do movimento paraolímpico brasileiro, este projeto buscava divulgar o Movimento Paraolímpico em todo sistema educacional além de oportunizar e facilitar a implantação, em abrangência nacional, da prática do esporte para pessoas com deficiência a partir das escolas do ensino fundamental e médio, das redes pública e privada. Através de incentivo e capacitação a professores de Educação Física de todo país, esta iniciativa se tornou uma ferramenta para encontrar alunos elegíveis para a prática esportiva paraolímpica (CONDE; SOBRINHO; SENATORE, 2006).

Em 2009, surge o Clube Escolar Paralímpico, um programa do CPB para incentivar as categorias de base do desporto paraolímpico nacional. O objetivo é promover a prática esportiva formal para crianças e jovens com deficiência, matriculadas em instituições de ensino formal. Assim espera-se que novos talentos serão detectados e desenvolvidos. Esta iniciativa contempla em 2010, 687 alunos com deficiência de 8 estados brasileiros, já em 2011 esse número cresce para 921 alunos contemplados.

Também em 2009, surgem as Paraolimpíadas Escolares criada com o objetivo de favorecer o aparecimento de novos talentos paraolímpicos, promover a integração, o intercâmbio sociocultural e aumentar a participação dos estudantes com deficiência em atividades esportivas, é a maior competição paraolímpica nacional de jovens com deficiência, de escolas públicas e privadas, reconhecidas pelo MEC. As Paraolimpíadas Escolares contam com a participação de alunos entre 12 e 21 anos de idade. Em 2011, foram 958 jovens atletas com

deficiência de 24 unidades federativas do país.

Dessa forma, o esporte paraolímpico brasileiro de alto rendimento cresce aceleradamente, os investimentos no movimento paraolímpico fazem com que nosso país se consolide e permaneça sendo uma potência paraolímpica mundial.

Perspectivas Futuras

Conhecer o caminho percorrido pelo movimento paraolímpico contribui para uma melhor compreensão sobre o panorama nacional e internacional vivido por esta parcela da população. Neste sentido, a mídia passa a se interessar em apresentar à sociedade algo além da limitação promovida pela deficiência. Esta iniciativa desperta o interesse do público que se emociona com o espetáculo proporcionado pelos atores (atletas) que passam a ser valorizados e vistos como exemplo de sucesso, heróis nacionais e, em alguns casos, super-humanos¹⁶. É o esporte para pessoas com deficiência se transformando em espetáculo esportivo, atraindo investimentos, trazendo retorno financeiro e modificando seus status para megaevento esportivo - sucesso de mídia e recorde de público (THOMAS; SMITH, 2009).

Estes eventos esportivos passam a ter um importante papel já que possibilitam, como desdobramento, uma discussão de várias temáticas, antes veladas, a respeito da deficiência. Os legados produzidos por estes eventos levam a grandes reflexões a respeito de temas como: acessibilidade e facilidades para a prática esportiva; desenvolvimento de infraestruturas e entidades esportivas; mudança na atitude da população em relação à deficiência; ampliação das oportunidades para os deficientes e debates sobre problemas antes desconhecidos por parte da população (LEGG; GILBERT, 2011).

O processo de mudança de atitude já começou. O olhar diferenciado em relação à deficiência passa a ser agora um desafio para as

¹⁶ Este foi o tema da campanha de marketing do canal de televisão Channel 4 para promover a cobertura dos Jogos Paraolímpicos de Londres 2012, com o filme conheça os super-humanos (meet the superhumans) vinculado em 78 canais de televisão do Reino Unido. Disponível em: <<http://www.channel4.com/info/press/news/channel-4-takes-over-tv-with-meet-the-superhumans-campaign>>, acessado em: 10 abril 2014

Instituições de Ensino Superior (IES), já que as mesmas são responsáveis pela formação dos futuros profissionais. O tripé trabalhado pelas IES (ensino, pesquisa e extensão) devem contemplar ações em que a pessoa com deficiência também esteja incluída. A estrutura esportiva disponível para o atleta com deficiência ainda é deficiente. Mas, como seria possível então trabalhar de forma eficiente estes atletas? E o que falar da infraestrutura de treinamento? A estratégia para solucionar estas questões nos remete a criação de projetos paradesportivos associados às IES, já que, ao aliar teoria e prática, mais pessoas poderiam ser beneficiadas: professores (produção do conhecimento), alunos (capacitação de recursos humanos), atletas (suporte as exigências do treinamento), universidade (retorno à sociedade do investimento realizado), entidades esportivas (representatividade esportiva) e gestores (melhor rendimento dos atletas).

A Academia Paralímpica Brasileira criada em 2010 pelo CPB, surge a partir de uma lacuna existente entre o campo teórico e a prática. Ao trabalhar a produção científica através da educação, da formação, da ciência e da tecnologia é possível fazer com que as IES ampliem suas atividades de extensão, projetos paradesportivos. A prática esportiva no ambiente das IES abre a possibilidade do trabalho multidisciplinar entre áreas afins (educação física, fisioterapia, nutrição, medicina, enfermagem, psicologia, assistência social, dentre outras) o que gera um maior suporte aos atletas, fato este que amplia a busca por melhores resultados esportivos.

Não podemos esquecer que nem todos estão preparados para o rendimento esportivo e que apenas cerca de 3% desta parcela apresenta as condições necessárias para cumprir este nível de exigência (WEINECK, 2005). Neste sentido faz-se necessário a promoção de atletas iniciantes de forma gradual no sentido de estruturar seu trabalho esportivo. Iniciativas para a consolidação de modalidades ainda desconhecidas ou pouco fomentadas; investimentos na formação de equipes representativas nos estados; promoção de mais competições, intercâmbios e qualificação de recursos humanos e a ampliação do trabalho desenvolvido nas categorias de base devem servir como norteadores para um planejamento em longo prazo.

A conquista do direito de sediar os Jogos Paralímpicos do Rio

em 2016¹⁷, trás sentimentos contraditórios de extrema euforia e preocupação, já que, neste curto período de tempo, estratégias que visem à construção de uma política nacional de esporte tenham que ser estruturadas. Garantir uma representatividade nacional se faz importante na perspectiva de ampliar a base formativa no país. As 301 medalhas conquistadas nestes 48 anos de participações brasileiras em Jogos Paralímpicos devem servir de exemplo para que cada vez mais atletas se inspirem nos resultados obtidos no passado servindo de referência para ampliar suas perspectivas de futuro. Ter ídolos nacionais espalhados por todas as regiões brasileiras amplia as oportunidades e cria uma estrutura sólida para a manutenção do potencial brasileiro no cenário internacional.

Mais difícil que chegar ao topo é manter-se nele. O desafio está lançado.

Referências

ARAÚJO, P. F. Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidades. 1997. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

AUSTRALIAN SPORTS COMMISSION. Australian Confederation of Sports for the Disabled. The development of a policy: Integration Conference 1990 Adelaide, December 3-5, 1990. Willoughby, N.S.W.: Australian Confederation of Sports for the Disabled.

BAILEY, S. Athlete First: A History of the Paralympic Movement. West Sussex, England: Wiley-Interscience. p.103–104, 2008.

BENFICA, D. T. Esporte Paralímpico: Analisando suas contribuições nas (Re)Significações do atleta com deficiência. 2012. Tese (Mestrado) Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Viçosa,

¹⁷ DAMO e OLIVEN (2013) descrevem detalhadamente o processo de candidatura e conquista do direito de sediar os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. No página oficial do International Olympic Committee encontramos também informações sobre a eleição da cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016 (<http://www.olympic.org/content/news/media-resources/manual-news/1999-2009/20091/10/02/rio-de-janeiro-elected-as-host-city-for-2016>). Acessado em 10 abril de 2014.

Minas Gerais, 2012.

BRASIL . Senado Federal, 2012. Paraolímpico, Paralímpico – Manual de Comunicação da Secom. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/estilo/paraolimpico-paralimpico?searchterm=paraol> Acesso em: 20.Maio.2016.

BRAULT, M. W. American with disabilities: 2010. Washington, DC: United States Census Bureau, 2012.

CARDOSO, V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. Revista Brasileira de Ciências e Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 529-539, 2011.

CARDOSO, V. D., GAYA, A. C. A classificação funcional no esporte paralímpico. Conexões. Campinas, v. 12, n. 2, p. 132-146, abr./jun. 2014.

CEREBRAL PALSY – INTERNATIONAL SPORTS AND RECREATION ASSOCIATION - CP-ISRA. Classification and sport rules manual. Wolfe, the Netherlands: 1983 p. 9–11,

CIDADE, R. E. A.; FREITAS, P. S. Introdução à Educação Física e ao Desporto para Pessoas Portadoras de Deficiência. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

CONDE, A. J. M.; SOBRINHO, P. A. S.; SENATORE, V. Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

CONDE, A.J.M. Memória Paralímpica Brasileira. 2014. Disponível em: <[http:// http://www.memoriaparalimpica.blogger.com.br/](http://http://www.memoriaparalimpica.blogger.com.br/). Acesso em 20/02/2014.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.

COSTA, A.M, SANTOS, S.S .Participação do Brasil nos Jogos Paraolímpicos de Sydney: apresentação e análise. Revista Brasileira de Medicina e Esporte, v. 8, n. 3 mai/jun, 2002.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro. Paraolímpico ou Paralímpico. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ComiteParalimpico/>

photos/a.200313466675424.45768.197730623600375/1093592974014131/?type=3&theater>, Acessado em: 20 jan 2016.

_____. Planejamento estratégico do esporte paraolímpico brasileiro 2010-2016. Gestão de recursos. 2010. Disponível em: <http://gestaorecursos.cpb.org.br/outras_planos.php> . Acessado em: 28 mai de 2014.

_____. Conheça o CPB: Institucional. 2014. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/institucional/>> Acesso em: 18. mar. 2014.

DAMO, A.S.; OLIVEN, R.G. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, a.19, n.40, p.19-63, jul/dez, 2013.

DARTCHERY. Disponível em: <40years40stories40days.blogspot.com>. Acessado em: 28 abril de 2014.

DEPAUW, K. P., GAVRON, S. J. Disability and sport. Champaign, IL: Human Kinetics. p. 120, 1995.

DOLL-TEPPER, G.; KRÖNER, M.; SONNENSCHNEIN, W. INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, SPORT SCIENCE COMMITTEE (2001). Organization and Administration of the Classification Process for the Paralympics. New Horizons in sport for athletes with a disability: proceedings of the International VISTA '99 Conference, Cologne, Germany, 28 August-1 September. Oxford (UK): Meyer & Meyer Sport, p. 289, 1999.

DUARTE, E.; WERNER, T. Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências. In: Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância. Rio de Janeiro: UGF, v. 3, 1995.

FERNANDES, A. C. et al. AACD Medicina e Reabilitação: Princípios e Práticas. São Paulo: Artes Médicas, 2007.

FREITAS, P.S. Fundamentos Básicos da Classificação Funcional do Esporte para Deficientes Físicos. ADAPTA, p.22-25, 2005.

GATTI, A.M.M., DUARTE, E., GORLA, J.I. Desenvolvimento da classificação no esporte paralímpico. In OLIVEIRA, A.F.S.; HAIACHI, M.C.; NASCIMENTO, R.C. III Ciclo de Debates em Estudos Olímpicos: da

copa do mundo aos jogos olímpicos – o esporte, seu desenvolvimento e suas consequências. São Cristóvão: Editora UFS, 2015. p. 173-185.

GONZALEZ, J.S., SILVA, R.P. Os Jogos Paraolímpicos: o contexto histórico e atual. 2014. Disponível em: olympicstudies.uab.es/brasil/pdf/91.pdf. Acesso em 24/01/2014.

GORGATTI, M. G.; GORGATTI, T. O esporte para pessoas com necessidades especiais. In GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Orgs.), Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. Barueri: Manole, 2005. p. 532-568.

HAIACHI, M.C.; KUMAKURA, R.S. Os Jogos Paraolímpicos e suas contradições. In SOUZA et al. (Orgs.), Educação física inclusiva: para além da deficiência. São Cristóvão: Editora UFS, 2013. p.211-227.

HAIACHI, M.C.; SANTOS NETO, S. C.; OLIVEIRA, A.F.S.; MATARUNA, L.; COSTA, L. P. Organizational structure of brazilian paralympic sports. In: SPLISS Conference - Elite sport success: society boost or not?, 2013, Antwerp. Conference Proceedings. Brussel: Vrije Universiteit Brussel, 2013. v. 1. p. 64-64.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF SPORTS FOR THE DEAF - ICSD. International Silent Games. 2014. Disponível em: < <http://www.deaflympics.com/games.asp?1924-s>>. Acessado em: 11 mai 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, 2012. p. 1-215.

IPC - INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. The History of Classification. 2010. Disponível em: <https://www.paralympic.org/classification>. Acessado em: 20 mar 2017.

_____. Historical results database. 2014. Disponível em: < <http://www.paralympic.org/results/historical>>. Acessado em: 11 mai 2014.

_____. Operational structure. Disponível em: <http://www.paralympic.org/the-ipc/operational-structure> . Acessado em: 27 mai 2014.

_____. Explanatory guide to Paralympic classification; Paralympic summer sports. 2015 Disponível em: <http://www.paralympic.org/the-ipc/operational-structure> . Acessado em: 27 fev 2017.

JORNAL DO BRASIL - Brasil supera marcos históricos nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 . Disponível em: <http://www.jb.com.br/paralimpiada-2016/noticias/2016/09/18/brasil-supera-marcos-historicos-nos-jogos-paralimpicos-rio-2016/> Acessado em: 20 mar 2017.

LANDRY, F. Paralympic games and social integration. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB, 1995. Disponível em: <http://olympicstudies.uab.es/pdf/wp041_eng.pdf>. Acesso em: 24/01/14.

LEGG, David; GILBERT, Keith. Paralympic Legacies. Illinois: Common Ground Publishing, 2011.

MARQUES, R. D. É ouro! A percepção do consumidor em relação aos patrocinadores dos comitês olímpico e paralímpico brasileiros. Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2015.

MARQUES, R.F., DUARTE, E., GUTIERREZ, G.L., ALMEIDA, J. J.G., MIRANDA, T.J. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.23, n.4, p.365-77, 2009.

MAUERBERG-DE-CASTRO, E. Atividade Física Adaptada. Ribeirão Preto: Tecmed, 2005.

MATTOS, E. Esportes adaptados para portadores de deficiências físicas: implicações e aplicações. Anais III Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada. São Paulo, 1990.

_____. E. Educação Física e o desporto para pessoa portadora de deficiência. Local: Ministério dos Esportes. Curso de atualização. Convênio Sesi/INDESP, 1994.

MELLO, M. T., WINCLER C. Esporte Paralímpico, 1 Ed., São Paulo, Editora Atheneu, 2012.

MIRANDA, A.A.B. Educação Especial no Brasil: Desenvolvimento Histórico. Cadernos de História da Educação, n. 7, p. 29-44, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. CIF: Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde [Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para a Família de Classi-

ficações Internacionais, org.; coordenação da tradução Cassia Maria Buchalla]. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo – EDUSP, 2003.

PAPWORTH. Disability in the United Kingdom 2012: facts and figures. Cambridge: Papworth Trust, 2012.

PEREIRA, S. O. Reabilitação de Pessoas com deficiência no SUS: Elementos para um debate sobre integralidade. 2009. 113f. Dissertação (Mestrado) Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2009.

PEREIRA, A.C.A. A história do esporte paralímpico e sua contribuição para os deficientes na sociedade: uma revisão bibliográfica. 2013. (Monografia). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013.

RODRIGUES, JORGE LUIZ. Parsons: “Nós não privilegiamos quem já esta privilegiado”. O globo edição online, seção esportes de 22 set 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/esportes/parsons-nos-nao-privilegiamos-quem-ja-esta-privilegiado-6171754>>. Acessado em: 27 mai 2014.

ROSADAS, S.C. Sucesso da pessoa portadora de deficiência através da pratica esportiva: um estudo de caso. UNICAMP- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Tese de Doutorado. CAMPINAS – 2000

SENATORE, V. Paraolímpicos do futuro. In: CONDE, A.J.M.; SOUZA SOBRINHO, P.A.; SENATORE, V. Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de Educação Física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

SIQUEIRA, S.A.O. Dinastia Paraolímpica. Beijing 2008 – A inserção social em Movimento. Editora Senac, 2008.

SILVA, A., VITAL, R., MELLO, M.T. de. Atuação da fisioterapia no esporte paralímpico. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, v. 22, n. 2, p. 157-161, 2016.

SUPERAÇÃO. Esporte entre portadores de deficiência. Rio de Janeiro, Vol. 1, Nº1.mar.1988.

THOMAS, N.; SMITH, A; Disability, sport and society: an introduction.

London and New York: Routledge, 2009.

TWEEDY, S. M., VANLANDEWIJCK, Y. C. International Paralympic Committee position stand--background and scientific principles of classification in Paralympic. *British journal of sports medicine*, v.45, n.4, p.259-269, 2011.

VERÍSSMO, A.W; RAVACHE, R. *Atletismo paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física*. - Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

VANLANDEWIJCK, Y. C., CHAPPEL, R. J. Integration and classification issues in competitive sports for athletes with disabilities. *Sports Science Review*, v.5, n.1, p.65-88, 1996.

VANLANDEWIJCK, Y., THOMPSON, W. R. *The paralympic athlete: handbook of sports medicine and science*. Handbook of sports medicine and science. Chichester, West Sussex, UK: Wiley-Blackwell. , 2011.

VERNON, W.L., CHRISTOPHER, B., DIANA, C., FREDERICK, F., LAURIE, L., MARGARET, H., INDER, P., STEVENS S., ROBERT, W. *Spinal Cord Medicine: Principles & Practice*. Demos Medical Publishing. p.810, 2010. Retrieved 21 August 2012.

VITAL, R. Lesões traumato-ortopédicas nos atletas paraolímpicos. *Revista Brasileira de Medicina e Esporte*, v. 13, n. 3, p. 165-168, 2007.

WEINECK, Jurgen. *Entrenamiento total*. 1. ed. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2005.

WHELLER, G.D., STEADWARD, R.D., LEGG, D., HUTZLER, Y., CAMPBELL, E., JOHNSON, A. Personal investment in disability sport careers: An international study. *Adapted Physical Activity Quarterly*. v.16, n.3, p. 219-237, 1999.

WINNICK, J. P. *Educação Física e Esportes Adaptados*. 3. ed. Barueri: Manole, 2004.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. *World report on disability 2011*. Genebra, 2011. p.1-350.

ESTUDOS DE MÍDIA E MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

MEDIA STUDIES AND MEGA SPORTING EVENTS

Sérgio Dorenski¹

Cristiano Mezzaroba²

Giovani De Lorenzi Pires³

dorenski@gmail.com

Briefing

This text aims at presenting a synthesis of the theoretical-methodological paths through which the LaboMídia researchers have developed studies in the perspective of reading and interpreting media in its diverse transmission, communication and circularity segments in relation to mega sporting events, specifically the 2007 Rio Pan American Games, the 2012 London Olympic Games, the 2014 Football World Cup and the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games. The methodological strategies were: selection of four works, results of several carried out research and a research under development; the organization and discussion of the baseline categories of the studies; the analysis and synthesis of the main themes which generating the research. The result of this synthesis implies a critical reflection, after the decade of the mega-events in Brazil, about the influence of the media game - in its various channels of communication - on the people, while rethinking the formation and the pedagogical treatment with/over/to the media. The research carried out presented, in a blunt way, the fallacy of investments and improvements in our country, as the justification for the conduction of these mega-events, be it in the sports, educational, economic fields or in the life of the common citizen. Thus, the economic power allied to the political power, coercive power and, above all, to symbolic power

1 Doutor em Educação/FACED/UFBA e Doutorando em Educação/CED/UFSC, respectivamente. Ambos Professores do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe.

2 Prefácio à obra "Observando o PAN RIO/2007 na Mídia" publicado pela editora Tribo da Ilha, 2009.

3 Doutor em Educação Física/Ciências do Esporte (UNICAMP); Prof. do PP-GEF/UFSC. Universidade Federal de Santa Catarina.

presented to Brazil its international agents who dictate “the rules of the game”. This is explicit in the monopoly of the media in the purchase of exclusive rights of transmission and even in the overthrow of political and legitimate representatives of the people.

Introdução

Passada a década dos megaeventos esportivos no Brasil, chegou-se a hora do exercício avaliativo e reflexivo daquilo que nós brasileiros, de forma geral, vimos e presenciamos quanto à organização e realização de múltiplos eventos esportivos, como os Jogos Pan-americanos Rio/2007, os Jogos Militares 2015, e especialmente a Copa do Mundo de Futebol 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio/2016.

Tais eventos esportivos – embora haja muitos outros – ganharam muita visibilidade, principalmente pela sua relação intrínseca com a mídia, conjunto de veículos informacionais e comunicacionais presentes em nosso modo moderno de viver que constrói e construíram discursos, representações difundindo-os para a população brasileira nessa configuração esportiva/cultural. Ainda, não só veiculam tais eventos, mas, parte de sua programação participa ativamente da produção desses espetáculos esportivos. Como expõe o professor Elenor Kunz¹ : “[...] é mais do que evidente a influência que a mídia esportiva exerce não apenas sobre indivíduos de forma isolada, mas sobre todo o contexto social”.

Kellner (2004), ao tratar sobre a “cultura do espetáculo” presente em nosso contemporâneo, via cultura midiática, ampara-se nas ideias de Guy Debord, em seu clássico livro “A sociedade do espetáculo – comentários sobre a sociedade do espetáculo” para trazer um panorama de como essa “cultura do espetáculo” vai moldando a maneira político-social de nossa sociedade se constituir. Para Kellner (2004, p.5), os espetáculos:

[...] são aqueles fenômenos de cultura da mídia que representam os valores básicos da sociedade contemporânea, determinam o comportamento dos indivíduos e dramatizam suas controvérsias e lutas, tanto quanto seus modelos para a solução de conflitos.

Eles incluem extravagâncias da mídia, eventos esportivos, fatos políticos e acontecimentos que chamam muito a atenção, os quais denominamos notícia – fenômenos que têm se submetido à lógica do espetáculo e à compactação na era do sensacionalismo da mídia [...] Dessa forma, enquanto Debord apresenta a noção do espetáculo de maneira um tanto generalizada e abstrata, chamo a atenção para exemplos específicos do espetáculo e como eles são produzidos, construídos, como circulam e funcionam na atualidade.

Podemos considerar a partir do que é apontado por Kellner (2004) que os espetáculos esportivos – e aí estariam inseridos, principalmente, Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos – se configuram como rituais culturais que celebram os valores dessa nossa sociedade atual, como a competição, a busca incessante pela vitória, pelo sucesso, pelo dinheiro:

Há tempos o esporte é uma das áreas que fazem parte do espetáculo com eventos como as Olimpíadas, o Super Bowl, a Copa do Mundo e os campeonatos da NBA, atraindo grande público e ao mesmo tempo gerando verbas publicitárias altíssimas. Esses rituais culturais celebram os mais profundos valores da sociedade (por exemplo, a competição, a vitória, o sucesso e o dinheiro), e as empresas estão dispostas a investir grandes verbas para terem seus produtos associados a esses eventos. Na verdade, parece que a lógica do espetáculo da mercadoria está inexoravelmente penetrando nos esportes profissionais, que não podem mais se realizar sem o acompanhamento dos líderes de torcidas, mascotes gigantes que brincam com os jogadores e com o público, sorteios, promoções e competições que exibem os produtos de vários patrocinadores (KELLNER, 2004, p.7).

Há uma diversidade de possibilidades para realizar o intento de refletir e avaliar esses megaeventos esportivos, seja avaliando as políticas públicas que permitiram sua realização nesse contexto sócio-histórico brasileiro, passando pela tematização daquilo que ficou bastante conhecido como “legado dos megaeventos esportivos” nas cidades-sedes e mesmo no país, ou, também, nas implicações desses megaeventos à Educação Física escolar (naquilo que poderíamos

considerar como impactos na cultura esportiva), entre tantas outras abordagens possíveis. Assim, focamos o olhar à mídia na qual vimos ocorrer a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e também com os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio/2016. Identificar, compreender e analisar os modos pelos quais a mídia opera sua construção de certa realidade quanto a algum evento, objeto ou fenômeno permite-nos refinar e ampliar o olhar para questões-chaves de nosso contemporâneo, auxiliando-nos na compreensão e entendimento do nosso tempo presente, suas contradições e ambiguidades.

Elenor Kunz² afirma que a mídia “[...] procura intensificar uma visão idealista de esporte propagada na maioria das vezes por profissionais sem a devida formação científica no esporte [...]” e que isso, aliado ao elevado valor comercial e simbólico do esporte no plano nacional, bem como a uma falta de formação científica mais abrangente daqueles sujeitos responsáveis pela produção e circulação das informações, os jornalistas, dificulta/impede “[...] o necessário distanciamento profissional para suas informações e análises.”

Em tempos de intensificação do uso da internet, e com isso, das redes sociais, aquilo que se produzia e circulava em torno de veículos midiáticos “tradicionais”, como jornais e revistas impressos, rádio e televisão certamente ajudam a nos mostrar o fenômeno com outras matizes e facetas, complexificando-as. Esse mesmo processo de intensificação da utilização da internet certamente se apresenta como algo ambíguo: pode permitir um maior acesso a visões diferentes quanto aos objetos/eventos que recebem atenção midiática, mas também pode apresentar uma banalização e perda da qualidade diante do imediatismo e da própria velocidade que é característica “natural” desse meio de informação.

Torna-se imperioso, mais do que nunca, àqueles que se dedicam a fazer mídia esportiva, bem como àqueles que a acompanham e também àqueles que realizam investigações neste campo problematizem esse “olhar” em relação ao esporte em geral, e isso inclui a questão dos megaeventos esportivos, já que é uma discussão sempre necessária diante daquilo que compreendemos pertencer ao campo da

2 Ibidem.

cultura esportiva³.

Neste cenário, o Grupo LaboMídia, presente em diversas instituições brasileiras, como na Universidade Federal de Santa Catarina (local onde surgiu em 2003), na Universidade Federal de Sergipe, na Universidade Federal de São João Del Rey e na Universidade Federal do Paraná (UFPR/Litoral), bem como com vários de seus integrantes participando à distância das atividades do grupo, tem se dedicado a focar na temática da mídia esportiva seus estudos, pesquisas e intervenções, no intuito de ampliar as possibilidades quanto às implicações da mídia na formação das subjetividades e isto tem-se ampliado na parceria com outros Grupos de pesquisa como: Mídia, Memória, Educação e Lazer (MEL), da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Laboratório de Estudos em Educação Física, Esporte e Mídia (LEFEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte (NICA), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Centro de Estudos e Pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) entre outros. Assim, o LaboMídia vem contribuindo com análises críticas, de diversas abordagens epistemológicas, num movimento já conhecido como mídia-educação (BELLONI, 2001; FANTIN, 2006; FANTIN e RIVOLTELLA, 2012) na Educação Física, em consequência, ampliando o repertório de formação e atuação pedagógica de professores de Educação Física no contexto brasileiro.

No texto em questão, o objetivo é apresentar uma síntese dos caminhos teórico-metodológicos nos quais optamos para ler, construir e interpretar a mídia em seus diversos segmentos de transmissão, comunicação e circularidade, em específico quanto aos megaeventos esportivos, aqui representados pela Copa do Mundo de Futebol de 2014, as Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2012 e também os Jogos Pan-Americanos Rio/2007. Seleccionamos, para isso, cinco obras, sendo quatro concluídas (PIRES, 2009; 2011; MEZZAROBÀ et al, 2014; PIRES e LIS-

³ “[...] conjunto de ações, valores e compreensões que representam o modo predominante de ser/estar na sociedade globalizada, em relação ao seu âmbito esportivo, cujos significados são simbolicamente incorporados através, principalmente, da mediação feita pela indústria da comunicação de massa. (PIRES, 2002, p.42)

BÔA, 2015)⁴— bem como, uma pesquisa que se encontra em andamento a respeito dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio/2016 - as quais possibilitam uma exemplificação desses caminhos e permitem que façamos um exercício de síntese diante dos dados empíricos encontrados, analisados e, agora, reavaliados neste exercício de síntese.

Tal intento justifica-se pela necessidade de organizar uma reflexão que sintetize, passada a década dos megaeventos esportivos no Brasil, formas e estratégias observadas que nos permitam “decifrar” o jogo midiático e, com isso, repensarmos no papel educativo e pedagógico que o trato com as mídias pode (e deve?) oferecer como possibilidade àqueles que se dedicam a uma Educação Física escolar pautada pela atuação reflexiva, crítica e cidadã. Inserido numa obra que aborda “Diferentes olhares sobre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio/2016: a mídia, os voluntários, os profissionais e os espectadores”, os escritos que seguem se ocupam, ao seu modo, de trazer a discussão sobre os estudos de mídia na relação com os megaeventos esportivos.

Portanto, realizamos um levantamento das pesquisas desenvolvidas pelo LaboMídia⁵ cujo objeto de análise envolveu os megaeventos esportivos, do período que antecedeu os Jogos Pan-americanos Rio/2007 até os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio/2016 perfazendo artigos, livros, dissertações e teses.

Apontaremos a seguir a construção conceitual e metodológica dessa produção e alguns aspectos conclusivos das pesquisas realizadas.

Um campo teórico-metodológico para a leitura da mídia

Para concretizar o objetivo pretendido, elegemos cinco obras que nos permitem mapear, de maneira resumida, alguns achados de pesquisas diversas quanto à relação mídia e megaeventos esportivos. São elas, na ordem cronológica de publicação concomitantemente,

4 Além dessas referências que foram basilares, trouxemos reflexões também da obra “Mídia-Educação Física em Ação: Possibilidades com as interfaces entre esporte e Copa do Mundo/2014”, publicada em 2016, organizada por Sérgio Dorenski e Cristiano Mezzaroba.

5 Toda produção do Grupo encontra-se disponível em: www.labomidia.ufsc.br

aos acontecimentos dos megaeventos:

1. “Observando” o Pan Rio/2007 na mídia: organizada por Giovani De Lorenzi Pires e publicada em 2009;
2. O Brasil na Copa, a Copa no Brasil – registros de agendamento para 2014 na cobertura midiática da Copa da África do Sul: também organizada por Giovani De Lorenzi Pires e publicada em 2011;
3. As Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana: investigando estratégias de agendamento e a mobilização da dialética global-local – organizada por Cristiano Mezzaroba; Sérgio Dorenski; Fábio Zóboli e André Quaranta, publicada em 2014.
4. Quem será “mais Brasil” em Londres/2012? Enquadramentos no telejornalismo esportivo dos Jogos Olímpicos – organizada por Giovani De Lorenzi Pires e Mariana Mendonça Lisbôa, publicada em 2015.
5. Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio/2016: mídias em convergência (?). Implicações para a cultura esportiva – pesquisa coletiva em andamento, coordenada por Luciana Fiamoncini; Rogério Santos Pereira; Giovani De Lorenzi Pires.

Que apontamentos poderíamos fazer quanto às possibilidades teórico-metodológicas em cada uma dessas pesquisas que nos permitem pensar em “chaves” de leitura da mídia? O que tais publicações nos possibilitam, hoje, em termos de “mergulho” nessa relação empírica e metodológica das questões que envolvem mídia e megaeventos esportivos?

Poderíamos iniciar considerando que a imersão nessa temática foi “abrindo portas” no caminho de descobertas importantes, muitas vezes confirmando hipóteses iniciais, outras vezes refutando essas mesmas hipóteses. A candência desses megaeventos esportivos foi inegável, mesmo quando tivemos os Jogos Pan-americanos, em 2007: nos 10 textos presentes na obra (PIRES, 2009) que analisaram a cobertura regional da mídia impressa, a cobertura televisiva do Jornal Nacional da Rede Globo, o jornalismo de opinião, os blogs e os blogueiros, o olhar para os atletas deficientes – tivemos uma diversidade de formas para acessar o fenômeno investigado que nos mostrou o quanto o Pan/2007 foi sendo preparado para corroborar a real intenção de logo em segui-

da o Brasil sediar os Jogos Olímpicos.

Esta pesquisa identificou o “agendamento” realizado para os Jogos Pan-americanos, bem como uma questão crucial ao estudo que foi a dialética global-local, estratégia “clássica” dos veículos midiáticos contarem a história do evento aos seus leitores/telespectadores:

Nosso interesse neste enfoque está ligado à questão da relação dialética entre o global/local, isto é, a interpenetração de interesses dos quais se vale a mídia para divulgar o evento global ao seu público local. [...], podemos caracterizar essa relação como uma estratégia da cobertura jornalística que visa despertar o interesse dos seus leitores pelo evento global a partir da identificação destes leitores com atletas ‘locais’ que lhe são próximos ou que proporcionem essa sensação de proximidade, pelo fato de competirem por algum clube do estado ou por terem nascido no estado. Por outro lado, reconhecida a importância do evento global por essa estratégia de aproximação, ocorre o inverso, isto é, passa a ser do interesse dos leitores acompanhar a cobertura jornalística para se manter informado sobre a participação dos ‘locais’ na competição global. (PIRES, 2009, p.20)

As pesquisas que resultaram este livro abordam vários aspectos do fenômeno esportivo em tempos de eventos internacionais – PAN Rio/2007 – com isso, mapeamos as cinco regiões do Brasil tendo como referência para observação, apenas um estado por região (Santa Catarina/SC representando a região sul; Minas Gerais/MG para representar a região sudeste, Sergipe/SE representando a região nordeste, Amazonas/AM representando a região norte, e Mato Grosso/MT representando a região centro-oeste). Dos jornais impressos (Diário Catarinense/SC; O Estado de Minas/MG; Jornal da Cidade/SE; A Crítica/AM; Gazeta de Cuiabá/MT)⁶ e seus colunistas, passando pela televisão (Jornal Nacional), pelos blogs no ciberespaço encontramos categorias⁷ que revelam a falácia do legado esportivo

6 Foram analisados 155 exemplares de jornal, dos cinco Estados, nos 31 dias do mês de julho/2007.

7 As categorias de análise deste estudo foram: Técnica (aspectos que tratam do rendimento, performance e treinamento dos atletas); Infra-estrutura (espaço físico, logística e instalações); Política (relações entre temas e personalidades políticas); Segurança (segurança pública); Econômica (negócios, orçamento e marketing – imagem de atletas); Cultural (manifestações sociais, apresentações artísticas); Turística (be-

em seu discurso, bem como o rombo nos cofres públicos que ainda paira sobre os trabalhadores brasileiros.

Foram reveladas outras categorias basilares⁸ que na fase inicial do estudo foi crucial para entender a relação da mídia com o público. Neste aspecto, as informações sobre o Pan/Rio traziam, às vezes, antagonismos, como atletas que só nasceram em determinado Estado, mas, que em toda sua vida, estavam em outro, no entanto, para a mídia local ele era o seu representante. Isto foi determinante para relacionar determinado atleta a sua região de origem. Além das contradições no tocante às reais condições de treinamento dos atletas e seus patrocinadores que, em sua maioria, são advindos de empresas estatais em um país com tanta carência social. Parece-nos que sinal fora aberto para o que ocorreria com a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas, ou seja, verba pública para saciar a insaciável fome do espetáculo esportivo em sua forma mercadoria, sob a alegação de um legado para sociedade no tocante às instalações, transporte, moradia etc., ou seja, pura falácia⁹.

Também consta na obra uma análise de discurso sobre o “herói esportivo deficiente”, algo até então pouco usual em publicações brasileiras. Outro texto presente traz um estudo de recepção, a partir das mediações culturais, com jovens escolares e a maneira como eles relataram acompanhar a construção da narrativa dos Jogos e as implicações sociais, culturais, políticas e econômicas.

Portanto, a obra “Observando o Pan...” revelou uma questão que já estava posto antes mesmo do Evento: Esses Jogos serviram de “cabide” para realização da Copa do Mundo de Futebol e também, dos

leza dos pontos turísticos do Rio); Nacionalismo (ufanismo brasileiro em relação aos medalhistas brasileiros).

8 Referência ao Local (ênfase dado aos atletas serem locais e criar uma identidade com o povo); Expectativa e realismo (expectativas e otimismo, bem como as dificuldades encontradas pelos atletas); Preparação (treinamento físico, tático e psicológico dos atletas); Retrospecto (trajetória dos atletas); Feminino (representação feminina nos jogos); Avaliando a participação (destaque das vitórias, justificativas das derrotas, eliminação dos atletas etc); Presente perpétuo (novas metas aos atletas, projeção para os Jogos Olímpicos).

9 A título de síntese desta pesquisa vale a leitura do capítulo “OBSERVANDO O PAN RIO/2007 NA MÍDIA: sínteses, comentários e novas demandas como considerações finais do estudo” elaborado por Giovani De Lorenzi Pires e Fernando Gonçalves Bitencourt, na mesma obra.

Jogos Olímpicos, no sentido de dizer ao público que “nós podemos” realizar um megaevento esportivo!

As questões sobre os gastos não contabilizados e sem licitação do Pan/Rio 2007 foram subsumidas ao apelo do espetáculo esportivo e isto estimulado pelo aumento do número de medalhas conseguidas pelo Brasil em relação ao Pan anterior, mas, poucos questionaram sobre a importância desse evento para as equipes e atletas de ponta que muitas vezes não vêm à competição, ou mesmo, vêm somente como forma de preparação. Mas, mesmo com isso posto não foi suficiente para que um país com tantas mazelas sociais (saúde, transporte, moradia etc.) impedir sua candidatura a sediar Jogos mais audazes e “vovazes”, financeiramente, no caso, Jogos Olímpicos e Copa do Mundo de Futebol.

Em relação à obra “O Brasil na Copa, a Copa no Brasil” (PIRES, 2011), constitui-se numa pesquisa em que quatro subprojetos¹⁰ foram determinantes para compreender as possíveis estratégias de agendamento na mídia nacional a respeito da Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil. São os registros dessas formas pelas quais a Copa/2010 foi sendo pautada, seja na rua, via mídias urbanas e suas polifonias; seja na mídia impressa (a Folha de São Paulo, veículo bastante utilizado para pesquisas do Grupo LaboMídia); seja no jornal televisivo de maior audiência da televisão brasileira (o Jornal Nacional, da Rede Globo); seja pelos blogs digitais.

Observa-se que a mídia, aqui nesta obra representada pelos impressos, eletrônicos, digitais e mídias urbanas, constitui-se num “complexo informacional e comunicacional cada vez mais segmentado e especializado, visando alcançar a todos e a cada um de nós por meio de um discurso próprio – o discurso midiático [...]” (PIRES, 2011, p. 170).

Esta (s) pesquisa (s) revelou questões importantes, principalmente ao demonstrar de forma explícita aquilo que Pierre Bourdieu (1997) conceituou de “circulação circular da informação” em que a mesmice jornalística pauta-se pelo o que as emissoras concorrentes

10 Materializam-se em capítulos cujos títulos são: “POLIFONIA E MÍDIAS URBANAS: o agendamento da Copa 2014 na cidade de Florianópolis”; “FOLHA DE SÃO PAULO: um jornal a serviço (da Copa) do Brasil”; “A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DA/NA GLOBO: agendando 2014 no Jornal Nacional”; “COPA DIGITAL: blogs antecipam 2014”.

expõem em sua programação e assim, vemos um “presente-perpétuo” da informação pela manhã, tarde e noite em quase todos os meios. “A manchete do jornal matutino pauta o programa do rádio do meio dia e é aprofundada no telejornal da noite” (PIRES et al, 2011, p. 171) e, em tempo de internet e redes sociais este movimento é retroalimentado continuamente.

Percebemos diferentes modos de preparar o público – agendamento – para a recepção da Copa 2014. No entanto, vimos também, uma preparação da Copa para um modelo de sociedade que é representado pela elite econômica e que traz simbolicamente importado da Europa, a cor branca como padrão e isto implica, na contramão deste processo, a banalização dos modelos próprios culturais presentes em nossa sociedade, ou seja, o importante é preparar o público para ser consumidor “padrão FIFA”, não importando que para isto, seja feita desapropriações e tornando os locais próximos aos estádios no campo especulativo para o mercado imobiliário.

O agendamento da Copa de 2014 apareceu como um grande negócio e, neste aspecto, os interesses político/econômicos são determinantes e prioritários enquanto que os interesses esportivos são silenciados. Assim, reiteramos a importância de estudar este aspecto de preparação do país para receber

um megaevento esportivo internacional em que percebemos seus reais interesses e colocamos em xeque, ou cumprimos com o compromisso de uma educação plena em que a reflexão e a autorreflexão crítica sobre os problemas ocasionados são pontos inegociáveis para autonomia e o esclarecimento.

Já o livro “As Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana” (MEZZAROBBA et al, 2014) se propôs a investigar duas questões fundamentais: a maneira como a mídia sergipana, em seu conjunto, organizou estratégias para fazer aparecer a dialética global-local na sua forma de produzir e veicular notícias e informações sobre o megaevento esportivo que ocorreria em Londres/2012 ao público de Sergipe; e a outra que foi em relação à maneira como o agendamento foi realizado. Analisamos também a partir do conceito de agenda-setting em que as notícias veiculadas pelos diversos canais de co-

municação estabeleciam uma importância aos sujeitos receptores das notícias. Enfim, ratificamos que os veículos de comunicação exercem uma influência direta sobre as pessoas no sentido de estabelecer uma opinião sobre determinado assunto.

Esta pesquisa configurou-se em análise de produto midiático e reuniu cinco frentes de trabalho (estratégias de agendamento da mídia impressa; a internet – estratégias de espetacularização e comercialização do esporte; estudo de recepção com professores da rede estadual de Sergipe em torno do megaevento esportivo a partir de sua relação com a mídia; a televisão – programa jornalístico – Jornal do Estado exibido pela Rede Record que foi a transmissora oficial dos JO e fechando o ciclo do estudo, sobre o corredor sul-africano Oscar Pistorius a partir da cobertura midiática do portal da internet <globo.com>). Neste aspecto, os estudos apontam uma característica fundamental que é o agendamento midiático da mídia nacional em torno da Olimpíada de Londres como forma de preparar o público brasileiro para as Olimpíadas Rio/2016.

Outro aspecto importante foi que o estudo tomou como referência a mídia sergipana, mas, na perspectiva da dialética global-local que significou, em certa medida, uma intensificação da mídia local para as atenções globais no sentido de criar uma cultura de mobilização para a audiência da mídia. Com isso, mesmo sendo um estudo da mídia sergipana (local) em que observamos jornais impressos, sites locais, programas televisivos, percebemos que os destaques giravam em torno de fatos ícones nacionais e internacionais, diferentemente do Jogos Pan-americanos Rio/2007 em que havia 5 (cinco) atletas sergipanos e isto foi o ingrediente para mídia local projetar o global. No local, as estratégias giraram em deixar a cidade e o comércio com “cara” de Olimpíadas.

Na obra “Quem será ‘mais Brasil’ em Londres/2012? Enquadramentos no telejornalismo esportivo dos Jogos Olímpicos” (PIRES e LISBÔA, 2015), a centralidade da investigação esteve no conceito de enquadramento e sua presença no telejornalismo esportivo. O principal interesse pela análise do telejornalismo da televisão aberta, nesse caso, decorreu do fato que, após muitos anos, a exclusividade da cobertura dos jogos olímpicos passara da rede Globo para a Re-

cord. Nosso problema de investigação, portanto, foi verificar até que ponto essa mudança impactaria o telejornalismo das emissoras (por sua tradição esportiva, incluiu-se também a Band). Isto é, buscávamos verificar se o enquadramento do telejornalismo das emissoras refletiria ou não os interesses econômicos de quem detinha e de quem não detinha o “produto” jogos olímpicos.

Paralelamente, como uma categoria a priori, decidimos investigar se o nacionalismo, comum nas coberturas midiáticas de eventos esportivos internacionais, se faria representar também no telejornalismo.

Entre outros recursos de enquadramento, foi possível verificar variações sobre o conceito de agendamento: a Record, produzindo muito auto-agendamento em seu jornalismo; as demais, praticando o que denominamos de não-agendamento. As diferenças de tempo dedicado à cobertura dos jogos olímpicos no telejornalismo das emissoras é a principal evidência disso.

Outro enquadramento significativo observado foi quanto à personificação da informação, na construção da figura do ídolo-herói. As narrativas sobre como as emissoras representaram os atletas Neymar (futebol), Diego Hypólito e Arthur Zanetti (ginastas) é um bom exemplo disso. O inverso também é verdadeiro: quando a pentatleta Yane Marques obteve a medalha de bronze (primeira latino-americana a conseguir tal feito), o telejornalismo simplesmente não soube como valorizar a informação, porque a atleta não estava “na constelação” de possíveis medalhistas olímpicos, portanto, longe da mídia.

As narrativas midiáticas dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio/2016 (JO-JP Rio/2016) estão sendo estudados pelos pesquisadores do LaboMidia/UFSC, numa ação programática do Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e Lazer de Santa Catarina (CDPEL/Rede CEDES/ME). O principal objetivo da pesquisa é tentar compreender, entre outras coisas, de que maneiras as informações sobre os JO-JP Rio/2016 foram produzidas, endereçadas, postas em circulação, recepcionadas e repercutidas tanto na mídia corporativa empresarial (tradicional e digital) quanto nas redes sociais. Nesse sentido, o problema de pesquisa pode ser resumido na seguinte questão: no contexto da cultura da convergência e sobre os JO-JP Rio-2016, quais temáticas (e como

elas) circularão nas narrativas no âmbito da mídia corporativa e das redes sociais?

Trata-se de um estudo descritivo e qualitativo cujo corpus de análise é o discurso oficial: a) dos órgãos envolvidos (entidades esportivas, governos, meio publicitário, etc.); b) dos profissionais da imprensa corporativa tradicional e digital; c) das mídias alternativas, movimentos e grupos sociais.

Os pressupostos teórico-conceituais iniciais desta investigação são a Cultura da Convergência e as Narrativas Transmídiaicas, conceitos preliminarmente anunciados no projeto de pesquisa. Entre outros autores, Jenkins (2009) sugere que há uma cultura de convergência no cenário midiático e tecnológico neste cenário contemporâneo, e que as socialidades humanas, profissionais e de lazer estão permeadas pela cultura digital e implicam transformações de toda ordem, tanto no âmbito individual como no plano das relações sociais. Conforme Jenkins (2009, p.29-30), “[...] a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos”. A convergência digital viabiliza, em relação ao conjunto midiático-empresarial, a existência de narrativas transmídiaicas (SCOLARI, 2013), construções discursivas e imagéticas as quais nos oferecem oportunidades de exploração do material comunicacional em circulação, não só daquilo que é oriundo da mídia televisiva, mas também as que estão presentes na internet, nas revistas, no rádio, no cinema, e mesmo aquelas produzidas/reproduzidas pelos sujeitos em suas redes sociais, blogs e interações diversas.

A pesquisa está orientada a partir de quatro subprojetos, a saber:

- a) charges e memes na cobertura da mídia da região sul aos Jogos Olímpicos Rio 2016;
- b) a publicidade associada aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio-2016;
- c) análise da cobertura transmídiaica dos Jogos Paralímpicos Rio 2016;
- d) imagens do Brasil representadas na solenidade de abertura dos Jogos Olímpicos Rio-2016.

No Quadro 01 que segue, podemos visualizar uma síntese diante dos dados encontrados e analisados.

Quadro I: Síntese das estratégias metodológicas e teóricas nas obras publicadas

OBRAS SÍNTESES	"Observando" o Pan Rio/2007 na mídia (2009)	O Brasil na Copa, a Copa no Brasil (2011)	As Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana (2014)	Quem será "mais Brasil" em Londres/2012? (2015)	Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio/2016: mídias em convergência (?)...(2016-2017)
Estratégias metodológicas	Análise de conteúdo (Bardin) Método compreensivo (Ferrés) Análise do discurso Estudo de recepção	Observação (Etnografia urbana) Análise de conteúdo (Bardin)	Análise de conteúdo (Bardin) Hermenêutica de profundidade (Thompson) Estudo de Recepção	Análise de conteúdo (Bardin) Teoria do Enquadramento	Análise de conteúdo Análise semiótica
Campo Conceitual	Dialética global-local Indústria cultural Agendamento midiático-esportivo	Agendamento midiático-esportivo	Agendamento midiático-esportivo Dialética global-local	Enquadramento no telejornalismo esportivo	Cultura da convergência digital Narrativas transmídia

Fonte: Produção dos autores

Considerações (In) conclusivas

Revisitando tais obras, analisamos que o próprio percurso do grupo como um todo permite constatar que há uma diversidade de formas de abordagens quanto ao objeto e isto implica também, numa diversidade conceitual para ler e interpretar a realidade. Neste aspecto, vimos a necessidade de manter vivo os estudos/pesquisas no tocante aos megaeventos, pois, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas, principalmente referente aos "legados" desses Jogos em nosso país.

As pesquisas desenvolvidas pelo LaboMídia trazem pontos importantes para uma reflexão crítica no tocante às dimensões políticas, econômicas, sociais, culturais, entre outras no tocante aos megaeventos esportivos realizados no Brasil. Foram estratégias de apreensão da realidade através de diversos canais de comunicação que estão presentes na vida das pessoas na atualidade e que expressam um

sentimento de pertencimento a determinados segmentos. Desde a utilização de blogs em que esmiuçamos os principais jornais, bem como, canais de televisão e também, blogs individuais de atletas, jornalistas etc., enfim, fica evidente que novas formas de comunicar-se também requerem novas formas de interpretação levando em consideração que são campos de apreensão da realidade que estão no dia a dia das pessoas. Há que se considerar, nesse exercício de apreensão da realidade, uma dialética que está sempre em movimento.

Aliado à esta premissa, também enveredamos pela mídia impressa – mesmo em tempos de comunicação via internet – a qual ainda se constitui um bom aporte para compreender e investigar diversos temas, principalmente o esporte. Neste aspecto, usando a estratégia de análise dos produtos da mídia (impressa), trouxemos um panorama dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 sob a construção jornalística de um jornal que representou cada uma das cinco grandes regiões do país, e, com isso, visualizamos uma dialética global-local, pelo estabelecimento de laços entre o local (específico da região; de alguns Estados; e principalmente, referente a algum atleta) para entender o global (as formas generalizantes do “fazer jornalístico”, as dimensões políticas, o poder econômico, o poder simbólico entre outros). A partir de fontes jornalísticas e também de relatos de pessoas e professores do campo da Educação Física não só fizemos uma “anamnese” da informação, como também, procuramos os diversos sentidos a qual a informação chega ao sujeito receptor. Isso implicou uma apropriação metodológica e epistemológica aprofundada e conectados com os diversos objetos de estudos tendo como pano de fundo, em particular, os Jogos Pan-americanos Rio/2007, uma “prévia” do que veria a seguir, com os principais eventos, como a Copa do Mundo/2014 e as Olimpíadas/Paraolimpíadas/2016.

Estamos convictos que o empenho para realização dos Jogos Pan Rio/2007 estava conectado a um “salto para o futuro”, ou seja, os interesses estavam projetados para algo maior, para algo que rendesse mais, para algo que desse maior visibilidade, enfim, para algo que a força do capital ligado à instituição esportiva fosse impenitente e mostrasse para o mundo quem “manda”. Referimo-nos a intenção de realização dos Jogos Olímpicos no Brasil.

A partir de 2013, com a ocorrência das manifestações populares que começaram a pipocar e a se intensificar em todo país, em especial nas grandes capitais, foram sensíveis e significativos afronto/desafronto com a população brasileira. As mazelas provocadas pela realização dos Jogos (Pan, Copa) foram subsumidas pelo espetáculo esportivo em forma de mercadoria. O grito das/nas manifestações foi silenciado por gritos de “é campeão”. Assim, o JO se materializaram e, ainda mais, fomos campeões no futebol masculino, algo até então inédito e muito aguardado pela mídia.

Não só o Pan, mas, principalmente a Copa 2014 e as Olimpíadas/2016 apresentaram um cenário de falácia quanto aos investimentos e melhorias no nosso país. Não vimos, por exemplo, nossa economia despontar (pelo contrário, em plena realização de Jogos Olímpicos, vimos um país travado, economicamente e politicamente), sofremos com um aumento da recessão provocada pelo capitalismo internacional e que teve repercussões desastrosas no Brasil.

O poder econômico apresentou ao Brasil seus agentes, principalmente, no caso da Copa do Mundo de Futebol, os quais reforçaram o poder simbólico das instituições esportivas como FIFA e COI. Vimos neste íterim, o representante maior da entidade CBF – Sr. Ricardo Teixeira – instigar a realização da Copa, pois, havia um interesse de ordem do capital explícito, como também, vimos sua derrocada de forma vergonhosa e acompanhada de seu ex-sogro o Sr. João Havelange, motivada por um punhado de dinheiro. Obviamente, a pretensão maior de ser presidente da FIFA fora frustrada, pois, sua influência política foi esvaindo-se diante de um cenário de corrupção.

O estudo dos JO de Londres 2012 apesar de ser em outro país, revelou uma realidade presente no monopólio da mídia quando uma emissora compra os direitos exclusivos para transmitir os jogos (no caso específico, a Rede Record) e com isso, vira uma retórica narrativa para o agendamento/recepção dos JO baseado nos direitos de transmissão. Em contrapartida, as outras emissoras atuam na tentativa de um “apagamento” dessa recepção. Em relação ao direito à informação por parte dos cidadãos, vimos que a concorrência midiática se sobrepõe e o que vale, são os índices de audiência.

Por fim, e ainda preliminarmente, no que se refere aos JO e JP Rio/2016, podemos destacar que, em que pese a ampla mobilização social provocada por eventos dessa magnitude, a imprensa corporativa brasileira, no decorrer das competições, dividiu sua atenção com os interesses políticos que produziram o golpe jurídico-parlamentar, que resultou no impeachment da presidente Dilma, tarefa da qual, aliás, por oportuno destacar, a mídia foi cúmplice e porta-voz.

Referências

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições70, 2009.
- BELLONI, M. L. O que é mídia-educação? Campinas: Autores Associados, 2001.
- BOURDIEU, P. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- DORENSKI, S.; MEZZAROBBA, C. (orgs.) Mídia-Educação Física em Ação: possibilidades com as interfaces entre esporte e copa do mundo/2014. Florianópolis/SC: Tribo da Ilha, 2016.
- FANTIN, M. Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.
- FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. Cultura digital e formação de professores: usos da mídia, práticas culturais e desafios educativos. In: FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. (orgs.). Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- FERRÉS, J. Televisão e educação. Porto Alegre: Artes médicas, 1996
- KELLNER, D. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. Líbero, ano VI, vol.6, n.11, abril 2004, p.4-15.
- JENKINS, H. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2009.
- LEIRO, A. C. R.; RIBEIRO, S. D. D. Queda de Ricardo Teixeira da CBF pela lente da folha de São Paulo. In: DORENSKI, S.; MEZZAROBBA, C. (orgs.). Mídia-Educação (Física) em Ação: possibilidades com as interfaces entre esporte e Copa do Mundo/2014. Florianópolis/SC: Tribo da Ilha, 2016.
- MENDES, D. S. et al. A campanha #foraricardoteixeira no twitter: in-

terações sociais e debate público a respeito do esporte. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n.4, p. 929-946, out/dez. 2013.

MEZZAROBBA, C. et al. (orgs.) As Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana: investigando estratégias de agendamento e a mobilização da dialética global-local. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

PIRES, G. De L. Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Unijí, 2002.

PIRES, G. De L. (org.). "Observando" o Pan Rio/2007 na mídia. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009.

O Brasil na Copa, a Copa no Brasil: registros de agendamento para 2014 na cobertura midiática da Copa da África do Sul. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011.

PIRES, G. De L. et al. Considerações Finais. In: PIRES, G. De L. (org.). O Brasil na Copa, a Copa no Brasil: registros de agendamento para 2014 na cobertura midiática da Copa da África do Sul. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011.

PIRES, G. De L.; BITENCOURT, F. G. Observando o Pan Rio/2007 na mídia: sínteses, comentários e novas demandas como considerações finais do estudo. In: PIRES, G.L. (org.). "Observando" o Pan Rio/2007 na mídia. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009.

PIRES, G. De L.; LISBÔA, M. M. (orgs.). Quem será "mais Brasil" em Londres/2012? Enquadramentos no telejornalismo esportivo dos Jogos Olímpicos. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2015.

SCOLARI, Carlos. Narrativas transmedia: cuando todos los medios cuentan. Barcelona: Planeta de Libros, 2013.

THOMPSON, J. Ideologia e cultura moderna. Petrópolis: Vozes, 1995.

O DOPPING NOS ESPORTES OLÍMPICOS E OS JOGOS RIO 2016

DOPING IN OLYMPIC SPORTS AND RIO 2016 GAMES

Randeanthony C. Nascimento¹

Juan José Fernández Romero²

Sarah Cristina Montes Canuto³

randy@ufs.br

Briefing

Doping is defined by the World Anti-Doping Agency Code (WADA-AMA) as the use of substances or methods capable of artificially increasing sports performance, whether they are potentially harmful to athletes health or to his opponents, or to the game spirit. The Olympic Sport deals daily with this competitor “off the beaten track” of the highest competence. This article was based on the reports on the anti-doping control situation in the Olympic Games in Brazil issued by the specialist of the division of government and finances, of the US Congressional Research Service, the IAAF sanctioned positive athletics report, of the International Olympic Committee that dealt with the fight against doping and health promotion of athletes, the Independent Observer Reports of the World Anti-Doping Agency and the Anti-Doping Division of the Court of Arbitration for Sport. A special highlight was the doping cases orchestrated by the Rússia Athletic Federation, as well as the efforts of

1 Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe das disciplinas de Handebol, Metodologia do Ensino dos Esportes; Membro Pesquisador do Grupo SCENARIOS/UFES; Coordenador de Pesquisa do Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e Lazer de Sergipe - CDPPEL da Rede CEDES do Ministério do Esporte; Membro pesquisador do IADE – (Investigação e Análise em Desporto de Equipe) da Universidade de La Coruña/Espanha.

2 Professor Titular do Instituto Nacional de Educação Física – INEF GALÍCIA/ESPANHA, e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física e Esportes da mesma Universidade, Coordenador do IADE (Investigação e Análise em Desporto de Equipe), Coordenador de Esportes da Universidade de La Coruña, Técnico Internacional de Handebol.

3 Graduanda do Curso de Ciências da Atividade Física e do Esporte da Universidade Federal de Sergipe, Bolsista de Apoio à Pesquisa do Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e Lazer de Sergipe da Rede CEDES do Ministério do Esporte, Pesquisadora do Grupo SCENARIOS/UFES.

institutions responsible for the fight against doping in the protection of clean athletes. The fight against doping in the Olympic Games in Brazil was classified as the worst anti-doping in the history of games, based on the organization of the volunteers and the effectiveness of the tests performed. WADA-AMA indicated that less than half of the planned tests were conducted at the Rio 2016 Olympic Games.

Keywords: doping, antidoping, olympic games, athletes.

Introdução

Uma das mais importantes contendidas que o Esporte Olímpico (EO) enfrenta não se dá nas quadras, campos, pistas ou piscinas, não faz parte da formação específica do fazer técnico, da busca incessante pela melhor estratégia para os melhores atletas, das estatísticas para performance humana, do material aero e hidrodinâmico, vai muito além disso, ela ocorre nos laboratórios de concepção e manipulação de dopagens.

O mundo do doping nunca dorme nem dá possibilidade de tréguas, químicos de todo mundo continuam trabalhando com novas substâncias com o intuito de produzirem efeitos positivos na performance dos atletas, e não serem detectados nos controles antidopagem. Advogados especializados em casos de doping estão preparados para encontrar as “brechas” nas legislações internacionais e nacionais que regem a matéria e os esportes, junto a isso se estende toda uma rede de tráfico que tentam diariamente sobre qualquer preço comercializar seus produtos.

A razão é que há muito em jogo, a diferença entre o ouro e a prata, entre um recorde mundial e uma melhor marca pessoal, reside em uma fração de segundo com muitas cifras envolvidas. Todas as superpotências do esporte compreendem isso e investem inúmeras quantias de dinheiro sabendo que não podem perder. Estas grandes potências sempre fazem menção que possuem os melhores métodos científicos para descobrirem os melhores atletas com as perfeitas características inatas, que possuem as melhores condições de treina-

mento, todavia é de conhecimento que junto a esta grande estrutura também estão os melhores médicos e os fármacos mais potentes, ora com incentivo estatal, ora por comprometimento individual, o doping é figura presente e marcante nos pódios dos esportes e espetáculos de alto rendimento esportivo.

Estatísticas de Doping nos Jogos Olímpicos, de 1968 a 2012				
Ano	Local	# de testes de drogas	# de casos de doping reportados	% de casos de doping reportados
2012	Londres	5,051	9	0.18%
2008	Pequim	4,770	25	0.52%
2004	Atenas	3,667	26	0.74%
2000	Sydney	2,359	11	0.47%
1996	Atlanta	1,923	2	0.10%
1992	Barcelona	1,848	5	0.27%
1988	Seul	1,598	10	0.63%
1984	Los Angeles	1,507	12	0.80%
1980	Moscou	645	0	0.00%
1976	Montreal	786	11	1.40%
1972	Munique	2,079	7	0.34%
1968	Cidade do México	667	1	0.15%
-----	Total	26,900	119	0.44%

Tabela 1- Estatísticas de Doping nos Jogos Olímpicos - 1968 a 2012.

Fonte: Relatório do Comitê Olímpico Internacional (COI), 2014.

# de casos de doping reportados	Casos de doping nos Jogos Olímpicos por país, 1968-2010
10	Áustria
9	Grécia, Rússia
8	EUA
7	Bulgária, Hungria
5	Polônia, Espanha

4	Alemanha, Suécia
3	Grã-Bretanha, Mongólia, Noruega, Ucrânia
2	Bielorrússia, Brasil, Canadá, Checoslováquia, Índia, Irlanda, Itália, Japão, Porto Rico, Roménia
1	Afeganistão, Argélia, Armênia, Austrália, Bahrein, China, Croácia, Finlândia, Irlanda, Irã, Quênia, Letônia, Líbano, Lituânia, Moldávia, Mônaco, Marrocos, Mianmar, Holanda, Coreia do Norte, Eslováquia, Turquia, Equipe Unificada (Comunidade dos Estados Independentes), URSS, Uzbequistão, Vietnã, Alemanha Ocidental
127	Total

Tabela 2- Casos de doping nos Jogos Olímpicos por país, 1968-2010.

Fonte: Relatório do Comitê Olímpico Internacional (COI), 2014.

Rio 2016: segurança, ambiente, e problemas com doping.

No relatório emitido antes dos Jogos Olímpicos do Rio 2016, por Halchin e Rollins coordenadores especialistas do serviço de pesquisa do congresso norte americano, versa sobre as preocupações que dirigentes e atletas norte-americanos, e de outras nações com o controle antidoping nos Jogos Rio 2016. O relatório questionou se as organizações encarregadas de proteger atletas limpos estariam à altura da tarefa no Brasil. O que impulsionou esta preocupação foram as revelações de que a equipe russa de pista e campo se envolveram em um esquema de doping orquestrado pela Federação Russa de Atletismo (HALCHIN e ROLLINS, 2016).

O relatório ainda apontou que a Agência Mundial Antidoping (WADA-AMA) foi lenta na resposta quando tomou conhecimento das alegações orquestradas ainda em 2010, apontando que houve “múltiplos avisos sobre o doping gerado pela Rússia” ao longo dos anos e sugeriu que possíveis conflitos de interesse poderiam ter desempenhado um papel na lenta resposta da WADA-AMA.

As preocupações de que outros esportes russos pudessem ser igualmente contaminados por doping orquestrado pelo Estado foram validadas em julho de 2016 com a publicação da primeira parte do re-

latório produzido por Richard McLaren para a WADA-AMA (McLAREN, 2016a) que descreveu, entre outras coisas, como as organizações esportivas russas e autoridades manipularam amostras de atletas russos em 2014, durante os Jogos Olímpicos de Inverno em Sochi.

Embora o governo dos Estados Unidos da América (EUA) não esteja diretamente envolvido na WADA-AMA ou em seus esforços antidoping, ele fornece apoio à agência, principalmente quando seus interesses estão ameaçados.

Como signatários da Declaração de Copenhague (WADA-AMA, 2003, 2015) sobre antidoping no Desporto, eles apoiam a WADA-AMA e o Código Mundial Antidoping (CODE), que inclui apoio financeiro através de quotas de adesão, (iniciando repasses em 2003, até o ano de 2016, tinham repassado aproximadamente 25 milhões de dólares, (HALCHIN e ROLLINS, 2016).

Com todo este investimento feito, e se sentindo ameaçados pelas as alegações envolvendo a Rússia e o papel antidoping da WADA-AMA, o Comitê do Senado para Comércio, Ciência e Transporte, bem como, o Comitê de Energia e Comércio da Câmara dos EUA começam a atuar. Em 20 de junho de 2016, o presidente da comissão do Senado observou que a WADA-AMA havia sido informada, em 2010, de que os atletas russos estavam envolvidos em um esquema de doping orquestrado pelo governo e que a independência da WADA-AMA tinha sido posta em questão. Era necessário tomar partido na questão. (HALCHIN e ROLLINS, 2016).

Representantes de atletas olímpicos dos EUA “convidaram” a WADA-AMA a expandir sua investigação para outros esportes na Rússia e em outros países. O Comitê de Energia e Comércio da Câmara mostrou preocupações semelhantes em uma carta de 12 de julho de 2016 ao Presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), reconhecendo o trabalho que o COI e a WADA-AMA fizeram para aumentar esforços para garantir que os atletas competissem em esportes livres de doping. Um dos desafios identificados pelo comitê é que “nem a WADA-AMA nem o COI estão funcionalmente organizados para alcançar o objetivo de erradicar o doping no esporte”. Esta preocupação se es-

tende até os Jogos Olímpicos Rio 2016. (HALCHIN e ROLLINS, 2016).

A Federação Atlética Russa e o doping compram passagens para o Rio 2016.

O jornal The Guardian em 03 dezembro de 2014, faz referência há um documentário que foi exibido na televisão alemã alegando “a existência de um sistema sofisticado e bem estabelecido de doping patrocinado pelo estado russo com a sua federação de atletismo”. (OLTERMANN, P. 2014).

Em consequência, a WADA-AMA formou uma Comissão Independente (IC) para investigar. O inquérito, que teve início em janeiro de 2015, concluiu com a publicação de dois relatórios, o primeiro é centrado nas alegações do documentário da TV alemã. As conclusões do relatório entregue em novembro de 2015 foram: (McLAREN, 2016a).

1. Existe uma “cultura do engano” profundamente arraigada, que significa a aceitação da fraude em todos os níveis é generalizada e de longa data.
2. A exploração de atletas é aceitável, o que resultou em comportamentos e práticas antiéticas, tornando-se a norma.
3. Muitos atletas russos participaram do uso consistente e sistemático de drogas que melhoram o desempenho.
4. Médicos, treinadores e pessoal de laboratório estiveram envolvidos em fraudes sistemáticas.

O relatório ainda incluiu duas advertências: embora existissem indicações confiáveis de que outros esportes na Rússia tinham problemas de doping, o IC declarou que esses esportes estavam fora do escopo do que tinha sido direcionado a investigação. A comissão também declarou que “a Rússia não é o único país, nem o atletismo o único esporte, enfrentando o problema do doping orquestrado no esporte. A entrega do relatório em novembro de 2015 foi imediatamente seguida de respostas do Conselho da Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF) e da WADA-AMA. A IAAF suspendeu provisoriamente a Federação Atlética da Rússia (ARAF) como membro da IAAF

com efeitos imediatos. (IAAF, 2015).

Uma consequência significativa desta suspensão foi a proibição dos atletas e do pessoal de apoio da Federação Russa de competir em competições internacionais, incluindo Jogos Olímpicos Rio 2016. A resposta da WADA-AMA foi suspender provisoriamente o Centro Antidoping de Moscou e recomendar que o chefe do centro, Dr. Grigory Rodchenkov, fosse removido permanentemente (ele renunciou imediatamente). Logo após passou a avaliar a conformidade da Agência Antidoping Russa (RUSADA) com o Código Mundial Antidopagem. Em comunicado à imprensa, a WADA-AMA anunciou que a RUSADA não estava em conformidade com o Código. (CAS, 2016).

O conselho da IAAF reuniu-se para considerar se a ARAF havia cumprido as condições de reintegração. O relatório do Grupo de Trabalho da IAAF ao conselho declarou que vários critérios de verificação não tinham sido cumpridos e incluiu várias recomendações, todas aceitas pelo Conselho da IAAF. Concordando com as recomendações, a IAAF decidiu que a ARAF não deveria ser reintegrada, uma decisão que foi apoiada tanto pelo COI como pela WADA-AMA, e que nenhum outro pessoal da ARAF (tais como funcionários e pessoal de apoio aos atletas) pudesse participar de competições da IAAF enquanto a ARAF estivesse suspensa. (IAAF, 2016).

No mesmo momento o Comitê Olímpico Russo e os atletas russos de atletismo apresentaram individualmente pedidos junto ao Tribunal de Arbitragem do Esporte (CAS) sobre as decisões da IAAF. O painel de arbitragem do CAS decidiu a favor da IAAF, confirmando assim a proibição dos atletas russos de atletismo. (CAS, OG RIO,13-2016)

Na sequência da divulgação do Relatório IC, em 24 de julho de 2016, o COI emitiu um protocolo exigindo algumas condições que os atletas russos deviam cumprir para serem elegíveis para competir na Rio 2016. O principal deles foi o registro antidoping do atleta, que deveria apresentar “somente testes internacionais confiáveis”. Além disso, as Federações Internacionais (IF), responsáveis por decidir quais atletas eram elegíveis para participar nos Jogos Olímpicos, foram avisados pelo COI de que a ausência de resultados positivos para doping não

seria considerada suficiente para estabelecer que um atleta não faz uso deste. (IOC, 2014a).

O COI aceitaria os atletas russos para participação nos Jogos do Rio somente se a IF estivesse convencida de que as provas fornecidas atendiam às condições do COI e a determinação da IF seja confirmada por um especialista da lista de árbitros do CAS. Os atletas russos que foram sancionados anteriormente por doping, ou que eram incapazes de cumprir os critérios do COI, não seriam autorizados a competir nos Jogos Rio 2016. (IOC, 2014a).

As consequências para o Comitê Olímpico Russo foi a queda de 30% no tamanho da sua equipe que estava apta para os Jogos Rio 2016. Conforme anunciado pelo COI em 4 de agosto de 2016, a Equipe Olímpica Russa (ROC) conta com 271 atletas; a lista de entrada original para a incluía 389 atletas. No entanto, o número de atletas russos ainda poderia mudar. Em 8 de agosto de 2016, a CBS News (CBS, 2016), informou que sete nadadores russos que haviam sido banidos de participar dos Jogos Rio 2016, foram autorizados a competir, embora a Federação Internacional de Natação (FINA) não tenha explicado completamente o porquê, com isso, um dos nadadores russos participou da semifinal dos 100 metros rasos em 7 de agosto de 2016.

O conflito de interesses das IF, com o COI e a WADA-AMA, permitiram este desalinhamento ético no trato com o EO. Atletas, técnicos e dirigentes ao serem sancionados recorrem aos órgãos que mesmo sem a competência específica na matéria, se vêm em condições de gerar uma opinião oficial, pelo poder que possuem junto ao COI, descreditando as instituições que controlam o doping no EO.

Em 21 de junho de 2016, o COI convocou uma Cúpula Olímpica (OC), com o objetivo de garantir “condições de igualdade para todos os atletas participantes” nos Jogos Rio 2016, recomendou às FI e aos Comitês Olímpicos Nacionais (NOC) que tomassem todas as medidas necessárias para impedir que os “atletas dopados” participassem dos Jogos Rio 2016, e para abster-se de pedir a acreditação para os jogos para “qualquer pessoa implicada atualmente em uma violação da regra antidoping.” (IOC 2016a).

A OC também declarou que os atletas da Rússia e do Quênia⁴ não têm direito à «presunção de inocência» porque nenhum dos dois países estão em conformidade com o CODE e existiam “alegações substanciais” sobre as organizações esportivas desses países.

Na primavera do hemisfério norte de 2016, o COI decidiu realizar um re-teste com amostras dos Jogos de Pequim 2008 e Londres 2012. Duas das quatro rodadas previstas de re-testes ocorreram. (IOC, 2016b). Com foco nos atletas que poderiam participar dos Jogos Rio 2016, 454 amostras obtidas durante os Jogos de Pequim 2008 foram testadas novamente na primeira rodada. Os resultados indicaram que 31 atletas de 6 esportes e 12 países tinham resultado positivo. A segunda rodada envolveu 386 amostras e resultou em 30 resultados positivos, dos quais 23 eram de atletas que receberam uma medalha durante os Jogos Olímpicos de Pequim, esses resultados positivos foram de quatro esportes e oito nações. (IOC, 2016b).

Em 27 de maio de 2016, O COI anunciou que, na primeira rodada de re-testes, a análise de 265 amostras dos Jogos de Londres 2012 resultou positivo para 23 atletas de 5 esportes e 6 nações. A segunda rodada resultou em 15 positivos de um conjunto de 138 amostras, envolvendo 2 esportes e 9 nações. A reanálise de 1.243 amostras dos Jogos de Pequim e Londres nas duas rodadas de re-testes resultou em 98 positivos. (IOC, 2016b).

As implicações desta situação, incluindo o relatório da IC, vão além das consequências para as organizações esportivas russas, atletas e funcionários. Outros atletas (em particular, atletas não russos) têm interesse nos resultados da investigação e assuntos relacionados. Após a divulgação do relatório da IC em novembro de 2015 e antes da decisão da IAAF de junho de 2016 de manter a suspensão da ARAF, várias organizações que representam os interesses dos atletas olímpicos comparilharam suas preocupações com os chefes do COI e da WADA-AMA.

4 A WADA declarou, em 12 de maio de 2016, que a Agência Antidoping do Quênia não está em conformidade com o Código. Também em 2016, um artigo de notícias informou que o presidente da associação de atletismo do Quênia, solicitou suborno de dois atletas quenianos em troca de reduzir suas suspensões para doping. HALCHIN, L.E; ROLLINS, J. W. (2016).

Geralmente, os representantes das organizações de atletas, em comunicações separadas, expressaram insatisfação com as ações da WADA-AMA ou do COI e defenderam que ambas as organizações fizessem mais para proteger os atletas limpos e para proteger os esportes em todos os países. Um tema comum era o pedido de uma investigação expandida sobre outros países e outros esportes russos. Como o presidente do Comitê de Atletas da WADA-AMA afirmou num discurso, o relatório da IC assinalou a “total e absoluta inverdade” do sistema de doping orquestrado na Rússia Servindo apenas atletas de atletismo. (WADA – Athlete Coommittee, 2016)

Um mês antes da decisão da IAAF sobre a ARAF, os presidentes da Comissão de Atletas do COI e do Comitê de Atletas da WADA-AMA expressaram, numa carta aos presidentes do COI e da WADA-AMA, a perspectiva de seu “círculo eleitoral compartilhado: ” nestes tempos, a confiança do atleta no sistema antidoping, na WADA-AMA e no COI foi quebrada. Embora a decisão da IAAF de suspender a ARAF que proibia os atletas de atletismo russos de competir nos Jogos Rio 2016, ter sido bem recebida pela Comissão de Atletas do COI e pelo Comitê de Atletas da WADA-AMA, os atletas não reagiram bem, logo depois à decisão do COI de não impor uma proibição total aos atletas russos.

Protegendo atletas limpos.

O Relatório do IC enfatiza a necessidade de fortalecer os esforços para proteger os atletas limpos, que foi iniciado pelo COI no final de dezembro de 2014. Na sequência da 127ª Sessão do COI, realizada em 9 de dezembro de 2014 em Mônaco, o COI mudou a sua filosofia em matéria de dopagem e apelou a uma maior independência da WADA-AMA. (IOC, 2014b).

Em 2 de agosto de 2015, a nova Carta Olímpica afirmou que o papel do COI é: “proteger os atletas limpos e a integridade do esporte, liderando a luta contra o doping”. Anteriormente, a Carta declarava que o papel do COI em matéria de dopagem era: “liderar a luta contra o doping no desporto”. Explicando a sua mudança de filosofia, o COI

escreveu, que: “o Movimento Olímpico é tudo sobre os atletas limpos, eles são os nossos melhores embaixadores, nossos modelos e nosso tesouro. Portanto, temos acima de tudo de proteger os atletas limpos, contra o doping, a manipulação e a corrupção, temos que mudar nossa maneira de pensar, temos de considerar cada centavo na luta contra estes males não como uma despesa, mas como um investimento no futuro do EO, temos de perceber que a captura das fraudes é extremamente importante, mas apenas um meio para um fim: a proteção dos atletas limpos”. (IOC, 2015a).

Desde a mudança da Carta Olímpica, o COI tomou medidas para melhorar a proteção de atletas limpos. Na Cúpula Olímpica de Outubro de 2015, o COI propôs que os testes dos atletas fossem independentes das organizações desportivas e solicitou que a WADA-AMA liderasse um grupo de trabalho para estudar a proposta de que a própria WADA-AMA assumisse a responsabilidade pelo teste. (IOC, 2015a).

Em dezembro de 2015, o Conselho Executivo do COI aprovou por unanimidade uma declaração que incluía propostas para a WADA-AMA e o CAS. O conselho propôs que a WADA-AMA estabelecesse uma entidade independente para testes e gestão de resultados, que a nova entidade incluísse uma unidade dedicada a recolher informações e que “as organizações desportivas transferissem as suas operações de controle de dopagem para esta nova organização”. (IOC, 2015b).

A proposta da Comissão Executiva do COI envolvendo a CAS indicou que o tribunal deve ser o órgão que proclama sanções de doping. Essa mudança, de acordo com a diretoria, centralizaria o sistema de sanções e seria eficiente em termos de custos, criando um sistema antidoping mais harmonizado entre todos os esportes e todos os países, (IOC, 2015b). Finalmente, o COI convidou a WADA-AMA a convocar uma “Conferência Mundial sobre o Doping” em 2017, mas antes disso tinha um grande teste - XXXI Jogos Olímpicos de Verão - Rio 2016.

Atletas Desqualificados dos Jogos Olímpicos Rio 2016.					
Atleta	País	Esporte	Substância proibida	Medalha	Detalhes do Teste
Izzat Artykov	Quirguistão	Levantamento de peso 69 kg	Estricnina	Bronze (69 kg)	Teste positivo para estricnina e perda da medalha anunciada pelo CAS.
Chen Xinyi	China	Natação 100 metros borboleta	Hidroclo-rotiazida		Testado positivo para o diurético hidroclorotiazida aplicada para a amostra B a ser testada e a audição a ser realizada.
Anastassya Kudinova	Cazaquistão	Atletismo 400 metros	Drostanolona		Prova fora de competição em Almaty, Cazaquistão, em 13 de julho de 2016

Kléber Ramos	Brasil	Ciclismo de estrada	EPO CERA		Pré-competição teste 31 de julho e fora de competição teste (sangue e urina) 4 de agosto. Provisoriamente suspenso pela UCI em 12 de agosto.
Serghei Tar-novschi	Moldávia	Canoagem C-1 1000 m C-2 1000 m	GHRP-2	Bronze (C-1 1000 metros)	Resultado do teste pré-competição. Provisoriamente suspenso em 18 de agosto.
Chagnaadorj Usukhbayar	Mongólia	Levantamento de peso 56 kg	Testosterona exógena		IOC fora de competição em 7 de agosto.

Tabela 3: Atletas Desqualificados dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Fonte: IAAF, 2016; CAS, 2016; UCI, 2016.

Atletas que foram selecionados, mas foram temporariamente suspensos antes do início dos jogos.				
Nome	País	Esporte	Substância proibida	Detalhes do Teste
Silvia Danekova	Bulgária	Atletismo	EPO	Provisoriamente suspenso após um teste falhado de amostra A, dado alguns dias após a chegada ao Brasil.
Theodora Giani	Grécia	Natação 50 metros livres	Não divulgado	Enviado para casa no dia da cerimônia de abertura dos jogos depois de falhar em um teste pré-jogos realizado em 25 de julho.
Antonis Martasidis	Chipre	Halterofilismo 85 kg	Não divulgado	Enviado para casa no dia da cerimônia de abertura dos jogos depois de falhar em um teste pré-jogos realizado em 25 de julho.
Michael O'Reilly	Irlanda	Boxe peso médio	Não divulgado	Admitiu tomar um suplemento diurético dado a ele por alguém alheio à sua equipe.

Narsingh Pancham Yadav	Índia	Luta Livre 74 kg	Metandienona	Originalmente limpo para competir pela Agência Nacional Antidoping da Índia após testes positivos em 25 de junho e 5 de julho. A apelação da WADA-AMA foi confirmada pelo CAS em 18 de agosto, com uma suspensão de quatro anos.
Adrian Zieliński	Polônia	Levantamento de peso 94 kg	Nandrolona	Esperando sentença
Tomasz Zieliński	Polônia	Levantamento de peso 94 kg	Nandrolona	Enviado para casa no início dos Jogos Olímpicos depois de dar positivo no teste realizado no Campeonato Polaco em julho.

Tabela 4: Atletas que foram selecionados, mas foram temporariamente suspensos antes do início dos jogos. Fonte: IAAF, 2016; CAS, 2016; UCI, 2016.

Jogos Olímpicos Rio 2016: o pior antidoping na história.

O controle Antidoping nos Jogos Olímpicos Rio 2016 foi marcado como o “pior” de todos os Jogos. Depois que o processo de coleta de amostras foi comprometido por uma onda de não comparecimentos de atletas, quantidade reduzida e treinamento adequado de voluntários e testadores, além de uma série de lapsos de segurança.

O correspondente do Jornal Telegraph Sport Ben Rumsby, afirmou que os esforços para manter os primeiros Jogos Olímpicos depois do escândalo de doping russo estavam em perigo de serem destruídos

pelo caos organizacional dos Jogos no Brasil. A integridade de todo o processo esteve sob ameaça devido à escassez de pessoal, com apenas metade dos voluntários recrutados para ajudar a executar os protocolos oficiais de controle de doping elaborados. Os organizadores também admitiram que pessoas não autorizadas tinham acesso a áreas restritas durante o processo de teste de drogas, embora negassem não ter conseguido garantir que a antidopagem nos Jogos fosse irrepreensível, (RUMSBY, 2016).

Os Jogos Rio 2016 começou menos de três semanas após a publicação de um relatório condenatório em que a Rússia foi considerada culpada de doping patrocinado pelo Estado nos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014. A investigação de McLaren também descobriu um plano de troca de amostras orquestrada pelo Kremlin no laboratório antidoping de Sochi. (McLAREN, 2016a e 2016b)

Neste sentido, os Jogos do Rio foi a oportunidade de restaurar a credibilidade do processo de teste antidoping, mas parece que não ocorreu assim, apenas os oficiais “cheios de recursos” no controle do doping de países como o Reino Unido impediram que a integridade das coletas fosse comprometida.

Outro dado alarmante foi que um grande número de voluntários tinha apanhado seus uniformes no início dos Jogos para nunca mais voltar, e outros compareciam todos os dias apenas para usufruir das “refeições grátis”. Alguns oficiais de controle de doping descreveram que “jogaram a toalha” e voltaram para casa, em meio a reivindicações que fizeram, por terem que pagar por táxis de seus próprios bolsos para chegar a tempo aos locais para coletar amostras.

O diretor de comunicações do Rio 2016, Mario Andrada, disse que não tinha conhecimento de nenhum problema causado pela escassez de pessoal, mas admitiu que voluntários permitiram que falhas de segurança ocorram durante o controle de doping em determinados locais: “no início dos Jogos, as pessoas reclamaram da falta de treinamento dos voluntários”, disse ele. “Nem todos os corredores que conduzem às áreas de doping foram limpos, os voluntários não eram suficientemente firmes e algumas pessoas estavam muito próximas

das áreas que deveriam ser restritas, mas corrigimos esse problema.” RUMSBY (2016)

O Comitê Organizador Rio 2016 admitiu que dos seus 70.000 voluntários planejados foram reduzidos para um plantel de 56.000 devido a cortes orçamentários. E destes apenas cerca de 70% realmente trabalharam. Trabalhadores não remunerados são vitais para o funcionamento bem-sucedido do processo de coleta de amostras em um evento importante como os Jogos Olímpicos, no qual serão realizados cerca de 5.000 testes de drogas. Os voluntários são muitas vezes empregados como acompanhantes dos atletas ao controle de doping para garantir que os testes não sejam evitados ou contornados de alguma outra forma. (RUMSBY, 2016).

Michele Verroken, ex-chefe de antidopagem do Reino Unido, relatou ao Telegraph Sport: “É extremamente decepcionante que tudo o que aconteceu anteriormente continue a ocorrer nos Jogos Olímpicos. É continuar a falhar com nossos atletas e lamentavelmente fazendo o antidoping ser incompetente. Quase chegamos à situação em que tivemos sorte de pegar qualquer um”. (RUMSBY, 2016).

A mesma reportagem faz destaque ao Quênia, que não só apareceu no pódio, mais em outro escândalo relacionado ao processo de teste de drogas foi evidenciado no Rio 2016, quando o treinador de atletismo do Quênia, John Anzrah, foi pego levando a credencial de Ferguson Cheruiyot Rotich quando o corredor de 800 metros estava sendo procurado para fornecer uma amostra. Anzrah foi mandado para casa, mas negou passar por Rotich, a fim de fazer um teste para ele, insistindo que ele pediu emprestado a credencial para conseguir uma refeição grátis. (RUMSBY, 2016).

O Brasil parou de realizar testes de drogas em seus principais atletas um mês antes dos Jogos depois que seu laboratório antidoping teve sua acreditação suspensa. Essa suspensão foi levantada a tempo para as Olimpíadas e, durante a primeira semana dos jogos, o laboratório havia processado 3.743 amostras.

Andrada insistiu em não ter ocorrido qualquer falha no pro-

cesso antes que a urina e o sangue dos atletas chegassem ao laboratório “não houve comprometimento em nenhuma forma ou fora dos procedimentos do teste, temos tolerância zero com o doping”, acrescentou. “Sentimos que esses Jogos são Jogos limpos. A operação de doping está funcionando como deve ser e o risco é zero de um problema endêmico ou problema do sistema ocorrer, os testes de drogas nos Jogos estão sendo monitorados por um grupo de observadores independente nomeado pela Agência Mundial Antidoping” (RUMSBY, 2016).

Consultada a WADA-AMA disse em uma declaração: “WADA-AMA não está envolvida no processo de controle de doping nos Jogos, exceto através de uma missão de observação independente que publicará seu relatório após os Jogos. O processo de controle de doping nos Jogos está sob a responsabilidade do COI, que trabalha em colaboração com o comitê organizador. Não é o papel da WADA-AMA comentar sobre questões de controle de doping nos Jogos até que o Relatório de IO seja publicado.” (RUMSBY, 2016).

Após os Jogos Rio 2016 a WADA-AMA revela que até 50% dos testes de drogas tiveram de ser abortados.

O relatório da WADA-AMA sobre a operação antidoping empregada nos Jogos Olímpicos Rio 2016 indicou “falhas graves”. Até a metade de todos os testes de drogas planejados foram abortados porque os atletas não puderam ser encontrados. O relatório de 55 páginas do IC da WADA-AMA acusou a equipe de gerenciamento do departamento antidoping Rio 2016 de “falta de coordenação”, o que contribuiu para gerar uma tensão quase incontrolável nos testes de drogas nos locais de competição e na Vila dos atletas. (WADA-AMA 2016b).

Além de uma “falta de coordenação e abordagem unificada” entre a gestão do departamento antidoping Rio 2016, o relatório culpou também as falhas em “cortes orçamentários e operacionais”, o que significou menos recursos para a luta contra o doping. As tensões entre a organização da Rio 2016 e a Agência Brasileira Antidoping,

junto às mudanças significativas de pessoal no departamento antidoping Rio 2016 um ano antes dos Jogos, contribuiu para uma abordagem amadora do problema.

O relatório foi incisivamente crítico com a falta de apoio, treinamento e informações dadas aos acompanhantes dos testes, cujo trabalho era notificar os atletas dos controles antidoping. “aos acompanhantes eram fornecidos pouca ou nenhuma informação de paradeiro para os atletas alvo de testes que estavam fora da competição na Vila dos Atletas, na maioria das vezes tiveram de recorrer aos funcionários das delegações e/ou atletas da mesma delegação que eles estavam procurando”, afirma o relatório. (WADA-AMA 2016b).

Além disso, quando as tentativas iniciais de encontrar um atleta em seu quarto eram malsucedidas, os acompanhantes muitas vezes não tinham o treinamento e/ou a confiança para acompanhar com mais perguntas e esforço para encontrar o atleta em outros locais na Vila. Em última análise, muitos atletas alvo de testes simplesmente não puderam ser encontrados e a missão teve de ser abortada. Em alguns dias até 50% dos testes de alvo planejados foram abortados.

O relatório ainda apontou para a falta de apoio para os acompanhantes, por exemplo: aqueles que saíam a busca de atletas e passavam muito tempo na missão, quando retornavam não mais encontravam alimentos, isso levou a muitos não colaborarem adequadamente. (WADA-AMA 2016b).

Sobre os meios de transporte para permitir que os agentes de controle de doping viajassem para os locais de encontro eram “frequentemente inadequados, ou mesmo inexistentes”. Observadores disseram que computadores e impressoras que precisavam receber e imprimir “ordens de missão” às vezes não funcionava, mesmo quando havia computadores em funcionamento, não foram atribuídas contas e login suficientes ao pessoal de controle de doping. (WADA-AMA 2016b).

Nenhum teste fora de competição foi realizado no futebol. De acordo com o mesmo relatório, pouco ou nenhum teste em competição foram feitos em muitos esportes e provas de alto risco como

halterofilismo. Os IO acharam isso “surpreendente”. Quase 500 testes de drogas a menos do que o planejado foi realizado no Rio 2016, segundo o relatório. O plano era fazer 5.380 testes no total, mas na realidade apenas 4.882 foram realizados. E dos 450 exames de sangue do passaporte biológico do atleta, apenas 47 foram realizados. (WADA-AMA 2016b)

O número de atletas testados no total nos Jogos foi de 3,237, 28,62% do número de participantes. No final o relatório passa a elogiar o esforço individual empreendido pelos voluntários que abraçaram realmente a tarefa. Afirmando que, se não fosse por seu “dedicado” pessoal no terreno, o programa antidoping dos Jogos teria quase certamente entrado em colapso. Devido à sua iniciativa, tenacidade e profissionalismo diante de grandes dificuldades, os inúmeros problemas identificados foram corrigidos e a coleta de amostras foi conduzida de forma a garantir a identidade e integridade das amostras, diz o relatório. (WADA-AMA 2016b).

Foi também feito elogio em particular, aos gestores das estações de controle antidoping que mesmo não recebendo formação no local sobre o papel a ser desempenhado, não dispunham de informações específicas do local e não tinham diretrizes específicas para cada desporto, muitas vezes, chegavam ao local pela primeira vez já no primeiro dia de testes, onde lhes eram apresentados um número insuficiente de acompanhantes para realizar os testes planejados da melhor forma possível.

Apesar de suas críticas condenatórias, o relatório WADA-AMA também elogiou o Laboratório Brasileiro de Controle do Doping, que tinha sido suspenso antes do início dos Jogos por não cumprir as normas internacionais. O relatório relatou que o laboratório estava bem equipado, operado de forma muito segura e eficiente, e agora representa um legado excepcional dos Jogos para o movimento antidoping na América do Sul.

À Guisa de Conclusão

O doping reflete a extraordinária dimensão que se encontram aqueles que fazem o esporte de alto rendimento. Procurar alternativas do ponto de vista ético para controlar a busca ao máximo rendimento deve ser o caminho a ser trilhado. O estado de bem-estar físico, social e psíquico está afetado por esta busca. O papel de todo profissional que trabalha com vistas ao alto rendimento, não é o de criar apenas as condições materiais para aumentar o rendimento esportivo, mas também junto a esta mesma ética evitar os prejuízos futuros, porque a busca constante dos limites do corpo supõe sempre o risco.

Quais são os outros trabalhadores que se dopam para alcançarem maiores rendimentos no trabalho? No topo da lista está o esporte de alto rendimento. Esqueceram que o esporte foi/é um esforço civilizador, e como fio de esperança apontamos que o esportista não é só aquele que fortaleceu seus músculos e desenvolveu resistências através da prática esportiva, mas também aquele que por esta mesma prática aprendeu a reprimir sua cólera, a ser tolerante com os seus companheiros, a não se aproveitar vilmente de uma vantagem, a sentir intimamente como uma desonra a mínima suspeita de uma trapaça e a suportar com a cabeça bem alta e com alegria, não só a vitória, mas também o desengano da derrota que aqui é representado pelo doping.

Referências Bibliográficas

CAS. Media Release. Court of Arbitration for Sport. Lausanne, Suíça. Disponível em: <http://www.tas-cas.org>. (2016). Acessado em 22/03/2017.

CAS ad hoc Division OG 16/013. Court of Arbitration for Sport. CAS ad hoc Division OG Rio 16/013 Anastasia Karabelshikova & Ivan Podshivalov v. FISA & IOC. Rio de Janeiro, Brasil. (2016).

CBS Interactive Inc. 7 Russian swimmers barred from competing in the Rio Olympics. Disponível em: <https://www.cbsnews.com>. (2016).

Acessado em 22/03/2017.

IAAF. Council of the International Association of Athletics Federations. Disponível em: <https://www.iaaf.org>. (2015). Acessado em 22/03/2017.

IAAF. Council of the International Association of Athletics Federations. Disponível em: <https://www.iaaf.org>. (2016). Acessado em 22/03/2017.

International Olympic Committee, IOC. The fight against doping and promotion of athletes' health. Lausanne, Suíça. (2014a).

International Olympic Committee, IOC. IOC Annual Report 2014: credibility, sustainability and youth. Lausanne, Suíça. (2014b).

International Olympic Committee, IOC. Olympic charter. Lausanne, Suíça. (2015a).

International Olympic Committee, IOC. IOC executive board meetings in Lausanne, 8 to 10 December. Disponível em: <https://www.olympic.org>. (2015b). Acessado em 22/03/2017.

International Olympic Committee, IOC. Declaration of the Olympic summit. Disponível em: <https://www.olympic.org>. (2016a). Acessado em 22/03/2017.

International Olympic Committee, IOC. The IOC takes decisive action to protect the clean athletes - doped athletes from Beijing, London and Sochi all targeted. Disponível em: <https://www.olympic.org>. (2016b). Acessado em 22/03/2017.

International Olympic Committee, IOC. Current status of work of the Samuel Schmid disciplinary commission relating to the McLaren report. Disponível em: <https://stillmed.olympic.org>. (2017). Acessado em 22/03/2017.

McLaren, R. The independent commission report-Part I. Quebec, Canadá. (2016a).

McLaren, R. The independent commission report-Part II. Quebec, Canadá. (2016b).

Oltermann, P. Russia accused of athletics doping cover-up on German TV. *The Guardian*. Disponível em: <http://www.theguardian.com>. (2014). Acessado em 22/03/2017.

Rumsby, B. Rio 2016 Olympics: Anti-doping branded 'worst' in Games history. *The Telegraph*. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk>. (2016). Acessado em 22/03/2017.

WADA, World Anti-Doping Code. (2003). The revised 2015 World Anti-Doping Code is effective as of 1 January 2015. Quebec, Canadá. (2003).

WADA. Athlete Committee Statement: Independent Investigation confirms Russian State manipulation of the doping control process. Disponível em: <https://www.wada-ama.org>. (2016a). Acessado em 22/03/2017.

WADA. Report of the Independent Observers Games of the XXXI Olympiad, Rio de Janeiro 2016. Montreal, Canadá. (2016b).

RIO OLYMPIC GAMES: A CRITICAL REVIEW FROM AN EXTERNAL PERSPECTIVE

JOGOS OLÍMPICOS DO RIO: UMA REVISÃO CRÍTICA A PARTIR DE UM OLHAR EXTERNO

Gylton Brandão DA MATTA¹
gdamatta@colostate.edu

Breve apresentação em Português

O objetivo deste capítulo é refletir criticamente as conseqüências dos Jogos Olímpicos do Rio de uma perspectiva de fora. O Brasil gastou cerca de US \$ 12 bilhões por ocasião dos Jogos Olímpicos de Verão e dos Jogos Paraolímpicos. Esse valor representa quase o mesmo volume de dinheiro gasto para a Copa do Mundo em 2014. O nível de abandono e negligência demonstrada pelo Comitê Olímpico Brasileiro e seus organizadores é chocante. Dados recentes, como imagens, sites e imagens de notícias mostram arenas em ruína. As previsões dos Jogos Olímpicos de democracia foram traduzidas no legado da dívida, do caos e da corrupção. É uma pena que durante uma época de recessão e crise política os organizadores brasileiros pudessem criar um sentimento de raiva, repulsa e consternação associados aos Jogos Olímpicos do Rio. Essa decepcionante execução será historicamente lembrada como um completo desastre econômico para a economia brasileira e talvez mais notícias tristes despertem de investigação sobre gastos excessivos. De um ponto de vista de fora, eu gostaria de perguntar “por quê” e “como” os Jogos Olímpicos no Rio continuam tendo um legado tão negativo. Centrando-se nas idéias fornecidas pela Academia Olímpica Internacional e questões contemporâneas emergentes da conceituação do Rio Olímpico, as tendências atuais representam enormes desafios e poucas oportunidades para uma geração em busca da dignidade humana, justiça social, democracia e igualdade econômica. A discussão sobre o valor do esporte para os jovens e as

1 PhD Colorado State University - School of Education, Fort Collins, CO/USA;
Coaching Masters Instructor; Youth Olympic Sports Academy – YOSA

esperanças de que o esporte ainda pode promover a consciência para os valores olímpicos é apresentado.

Becoming an Olympian Nation: A Child's Dream and a Nightmare!

Inspired by our young Greeks and many other Olympic heroes, I want to discuss the nature of expertise in sports and talk briefly about Olympic sports as a flawed human endeavor. We know that Olympians are humans but politics in sports has not been positive over the years.

"As babies" or during the initial stages of their careers, Olympians need the nurturing protection and support of their parents. Then, with time, athletes with more autonomy learn how to train, how to compete and how to win. Later in life, in their temporarily able bodies, the need of a cane becomes inevitable as we transition into an aging phase. We need a school of sports or a continuum sports academy. Using this illustration, I would like to explain the need of a better understanding of the Olympic Games and its meaning for the youth of our time.

If a parent asks: "What does my child need to do to become an Olympian?" My first answer is: "Is this a dream or a vision?" Either as a dream or a vision, an interpretation is needed with further appropriate action. A child's dreaming is very serious. A young child dreaming about winning a gold medal in the Olympic Games or a soccer player from the slums of Brazil dreaming to become a star is a true challenge. I have said last year that the Olympic dream poses the challenges of opportunity and possibilities. Therefore, I would like to discuss the Olympic Games as such in a thought-provoking way.

The understanding of how the Olympic Games poses challenges for the youth requires a deep reflection upon: (1) the meaning of the Games for youth; (2) youth perceptions of Olympic sports' participation; (3) current issues and constraints in talent selection and (4) philosophical views of how and why Olympism relates to young children, teenagers, and young adults.

First, we know that youth have a need to acquire a philosophy of life, to live dangerously, and to socialize while exploring adventures. From a sport play theory stand-point, we know that sports provide all of those needs to athletes. The Olympic Games represent a challenge

and a purpose of life for youngsters. Children love sports and its meanings. Olympism is in fact, a way of life! This is neither a linear nor a rational process, but rather unpredictable, interdependent, complex, and dialectical.

Second, with the conceptualization of the Olympic Games, children and teenagers from all over the world have a new realm of possibilities to make their dreams come true and to create an unparalleled social connection and promote Olympism in their home countries and communities (IOC, 2012; Ullrich-French, et.al., 2012). Thirdly, much effort, motivation, planning, proper utilization of resources, and quality of coaching is needed if one wishes to pursue the path to excellence in sports (Da Matta, 2004; Salmela, 1995). Furthermore, it is imperative that parents, coaches, administrators, and the athletes themselves live the Olympic values believing that it is possible to live the dream on and off court. For instance, is it possible to achieve excellence without doping? Is it possible to be on_ top of _Olympic glory and not become insane? Can the Olympics provide a philosophical stance that fosters equality, sustainability, and a true Olympic legacy of peace and prosperity? This is a matter of commitment from all stakeholders. This depends on what we believe and on what we want to believe as individuals and as a collective community. Back to the daily life of the Olympians, once one acquires the vision, the dream must be conquered through every practice, every week, and every match (blood, sweat, and tears)!

Walking on your own: the legacy of commitment, autonomy and success

The Olympic thrill is not based on the glory to win but on the will to prepare. A vision towards being successful in sports at any level requires a realistic understanding that much preparation is needed to make [the neighbors' team], the school team, the regional team, the state select high performance team, the college team, and finally, be selected and stay at the national team. Success in sports requires lots of effort, social support system and practice. And Olympic success is only possible with proper instruction, practice, and expertise (Baker & Côté, 2003; Maxwell, 2007). In this case, the vision will be the sparkle for one to take the first step towards years of enduring practice, play, training and

competitions. Procedural skills develop overtime with quality of practice, good coaching, and an intentional drive to perform. This is excellence!

The Olympics are not only games, they are something much more. It is a huge business and a very expensive one! The Olympic Games represent a wealth of possibilities for human socialization, human development, and human interaction. They are a way for the world to come together as one, enjoying a few days united, and to celebrate their countries culture, finding pride in what their countries represent. For the first night of the Olympics the world comes to a stop, while everyone watches the opening ceremony and sporting events that unfold during the games. During the Olympics, the world almost becomes one “village” instead of many “tribes”. Like in the ancient times, every day there is war [or a rumor of wars] going on in our world. We never hear about the good things that happen in the world. We never hear about friendly competition between countries, only the fatal conflicts, threats, catastrophes, and violence that arise between them. The Olympics is a time for countries to compete in a peaceful way, against each other but nonetheless practicing and playing with each other (Orlick, 1990).

According to the voices of Olympic athletes, the Olympics are a time for countries to put their differences in perspective. In the Theatre of the Oppressed the philosopher Paulo Freire elicits a new background that advances the meaning of shaking the hands of enemies in a hope that the catharsis of a sports experience might change the status quo (Burleson, 2003). We all know that we cannot be naïve about class struggles, social injustices, and international conflicts; however, the Games present an ultimate peaceful experience that can, perhaps, be transposed into prosperous relations in a pluralistic world. The Olympic Games teach democratic education!

“Democracy and democratic education are founded on faith in (humans), on the belief that they not only can but should discuss the problems of their communities and the problems of democracy itself.” (Freire cited in Jennings & Da Matta, 2009)

In fact, for those who embrace Olympism, there has been reported a mysterious but real feeling of human camaraderie on court and at the Olympic village. It is not unusual to see young and old, men and women that are competing in the games meet and greet each other, and

while some matches may not always be the nicest of confrontations, they usually bring a sense of togetherness between the athletes. This is respect!

The triad of the undone: living the dream, paying forward!

After experiencing an Olympic adventure, one must think about what is next. What is the next season? What is the next step as a player, a coach, a parent, or a person? Life must move on! The Olympic experience does not have an end, or at least it should not. This is the third stage [sphinx: three legs] where everyone needs to use the cane to face the joy or the disappointments of sports while thinking about the positive lessons acquired throughout the journey. Being optimist and not done depict a successful approach of trying your best. Olympians are humans! It is critical to live a balanced life and to honor the main reasons why one became successful: family, friends, fun, and fans. In every age and in every stage elite players have described that they play and perform their best because it is fun! So, at this stage it is so important to pass this “fun” on. Athletes sometime become inspirational speakers, journalists, business people or even Hollywood actors, but regardless what the new career is, a healthy detachment from the Olympic arena requires a certain level of counseling, support, advice, and guidance. In my opinion, this is the role of the National Governing Bodies. The dissemination of the Olympic Education, Olympism, and Olympic ideals in communities, schools, clubs, and grassroots systems as a new phase of expertise development: Being an Olympic ambassador!

We also forget that not only do men and women competing in the games meet many others from different countries, but also millions of fans come to watch these games from all parts of the world. These fans also get to encounter people from neighboring and enemy countries [Enemy countries...until when are we going to continue this nonsense?]. But for those few days they put what grudges they have behind them and enjoy the scenery around them. They enjoy the atmosphere they are in even though they may be sitting next to people they thought they did not like. These few days are a blueprint for what our world should be when it comes to democracy, youth expression and the

ways our borderless countries interact. Our humanity, the diversity of thoughts and caring for humankind should prevail and inspire us all. Through the Games and through the physical prowess of our youth role models, winning or losing, at that level, should not define who we are but it should provide teachable moments that would last a lifetime. The social integration through sports is a powerful process. To see two arch enemies shaking hands after an Olympic match and know that these later become friends for a lifetime...this is friendship!

Therefore, the Olympic ideals must be disseminated among youth so they can reap the benefits of (1) how they can become better than themselves (excellence); (2) relate to others with equality and dignity (respect), and (3) nurture strong relations that will last a lifetime (friendship). This intrinsic motivation might be a true leverage towards achieving the Olympic dream (Santo & Mildner, 2010; Andranovich, Burbank & Heying, 2010).

More Education, Less Politics and More Sports

The youth are the protagonists of the Olympics. As stated by the IOC, the Olympics should prioritize education, peace, and the awareness of global issues. "In addition to the sports competitions programme, the Youth Olympic Games (YOG) feature an extensive Culture and Education Programme (CEP), which aims to introduce young athletes to Olympism and the Olympic values in a fun and festive spirit, and to raise awareness of critical issues such as the benefits of a healthy lifestyle, the fight against doping, global challenges and their role as sports ambassadors in their communities." (IOC, 2012)

Athletes are the heroes of our time and organizers are the villains

For the youth, the performance in the sporting arena has created fascination, admiration and a true devotion to the point that Olympic athletes can even inspire children to embrace a sport as their life-long sport careers. So, sports heroes must always be presented in a perspective of being flawed humans therefore, realistically, youth will not experience the disappointment and frustration that perhaps their idols have fallen into a drug enhancement abuse, negative behavior, crimes,

or scandals of any sort. In a way, the Olympic Games are the one time that our world can come together as one and be unified by what elevates humans: The joy of human (youth) achievement! I do not understand why our countries cannot just look at what takes place at these games and build youth positive experiences/relationships on that. There is evidence that youth can benefit from social competence, practice, leadership, physical competence, self-worth, affiliation to physical activity, and hope because of physical activity participation (Maxwell, 2007; Ullrich-French, et. al., 2012).

The legacy of democracy: The challenge of dialogue through sports!

The Olympic Games show that it is possible to reach dialogue and democracy under extraneous circumstances. The human interaction during the Olympic Games and the friendship environment at the Olympic village is amazing. Holding doors for people from other countries, helping them out when they are in need, that's all we need in our world today. If we had this happen every day, there would be no war and hate in this world. We let the people decide on the outcomes that occur during the Olympic Games. By the people deciding the outcomes in a fair and equal environment, we are taking the democratic vision and applying it firsthand the way it should be. The Games are not decided by one person or one group; they are decided by thousands of people that take part in them. This shows that democracy can work without any flaws if it is used correctly in its purist form. If we let ourselves decide on the outcome by being fair and using friendly competition the world would be a much better one. Competition, cooperation, and conflicts speak a common language in any sports environment and we can learn so much through them (Andranovich, et. al., 2010).

Olympics and Youth Sports: From “Zeros” to “Heroes”!

Perhaps with few exceptions, the Olympic Games and its values bring universal challenges for a generation that has affiliation towards excellence, respect, and friendship. The sports arena offers the ideal environment that matches the needs of youth regarding the Olympic

ideals and their search for competition, adventure, and curiosity. The lessons learned in sports cannot be acquired anywhere else. More specifically, the Olympic Games invite youth to think about sports as a socialization tool, as means to promote peace, as a way of self-actualizing, and a good reason to preserve earth for future generations (IOC, 2012; IOA, 2013).

Athletes' perceptions of the Olympic Games: Becoming an expert!

The pursuit to excellence is one of the challenges experienced by Olympians. In the case of women's volleyball, at the elite level, the will to prepare implies enduring approximately 8,000 hours of deliberate practice to reach the threshold of expertise and then, from 2,000- 4,000 hours to consolidate exceptional levels of performance towards an Olympic Medal (Da Matta, 2004; Ericsson, Krampe, and Tesch-Römer, 1993). Inevitably, once an athlete reaches top levels of performances he/she will engage in at least one or two Olympic cycles depending upon the sport modality. The combination of winning the Olympics, the international world championships and then winning the Olympics again have been emphasized as criteria towards expertise in team sports. In certain cases, like in Beach Volleyball, the team Misty May-Treanor and Kerry Walsh Jennings epitomizes the example of dominance through practice after winning three consecutive gold medals in the Olympic Games. But... in which extend does May-Treanor/ Walsh Jennings 12 years of dominance impact girls participation in sports? Is it possible to win three Olympic Games? And, still have a family? The answer is yes! But there are lots of sacrifices to be made!

This is the empowering legacy. The legacy of reality being achievable! This is the bridge/challenge posed to our Olympians in regard to their social responsibility within their own community, engagement into practice and search for excellence according to the rules (Ericsson, Charness, Feltovich & Hoffman, 2009; Hellison, 2011; Maxwell, 2007).

The creation of new sports: Adapting to new Olympic events program

Another challenge posed by the Olympic Games consists of provi-

ding a sport for every person. Since the conceptualization of the modern Olympic Games we have observed that sports participation is contextual, cultural, and conventional. As such, it would be appropriate to say that there is a sport for every person. But, another point of view is: there are many sports in every culture. Sports development is a dynamic process. As we speak, there is a child playing a sport and perhaps, re-inventing one. For instance, from observing the five continents, it seems that new sports are being played as an integral part of a cultural expression. As part of this cultural context, the Olympic Program Commission (OPC) has added and dropped sports over the past Olympic Games. This certainly poses a challenge for every youth community across the globe. To add six sports at Sochi Winter Olympics, the OPC considered factors such as universality, gender equity and youth appeal (IOC, 2012).

A Critique to Rio Olympics 2016

In 2015, I have visited the Olympic aquatic center while doing a consultancy for the Olympic Committee. I mentioned that there were too many promises being made under a feeling of false pride and ostentation. Unfortunately, that description was correct. The aquatic center supposed to become a school but instead it is completely abandoned.

There were many expectations that with proper management the infrastructure remaining from the Olympic and Paralympic Games would revert into tangible benefits to the community. Such project has never happened and the perspective of more bills piling up projects more chaos and disappointment among the Brazilian people.

The Olympic Games in Rio was designed to bring interaction, sustainability, and human achievement. Furthermore, the coexistence of four distinct manifestations of the Olympic ideal (Summer Olympics, Paralympics, Winter Olympics and Youth Olympic Games) would bring to light the hope of democratization of communities, increased accessibility to sports and the acquisition of a purposeful philosophy of life carried out through Olympism.

The boldest project was the educational one. On paper, the TRANSFORMA PROJECT promised to impact the educational system of Brazil while supporting the implementation of Olympism in schools

as a transverse theme. A cross discipline approach of Olympic values in schools represented a possibility that Brazilian youth could directly identify themselves with all manifestations of the Olympic ideals now and in the future, associating sports with major humanity themes such as social justice, sustainability, citizenship, freedom and democracy.

The youth quest for identity with sports: The deception of Olympic education

To address the negative impact Rio Olympic Games and Paralympics have brought the Brazilian communities just remember how many people got displaced, got marginalized and got removed during the six year that preceded the games. Thousands of people from shanti areas had to leave their homes and be relocated into far areas away from their local schools and parents were moved away from places they used to work.

The corruption and mismanagement: A terrible monster of Olympic Legacy

There is no other way to describe the corruption and the mismanagement of resources at the Olympic Games and Paralympics in Rio other than it is a “terrible monster ready to devour a country”! To clarify, I would like to share an illustration from a young king from ancient Greece. According to Greek mythology, a Sphinx terrorized the people of Thebes, killing everyone passing by unless they answered its riddle:

_ “Decipher me or I will devour you! I have four legs in the morning, two legs at noon, and three legs in the evening, but I am weakest when I have the most legs. What am I?”

_ “Man!” [A human being!] Oedipus replied. Oedipus became a Greek hero when he explained that the Sphinx referred to the enigma of humans. The eagle winged monster was describing the developmental stages of a human being, who walks on fours as a baby, on two legs as an adult, and with a cane as a third leg when he/she grows old. The Sphinx killed herself... In essence, this drama denounces the flawed nature of humanity and human’s powerlessness facing the complexity

of life itself. **Read more: <http://www.mythencyclopedia.com/Sa-Sp/Sphinx.html#ixzz2P9gPDZmz>

The perspective of cheating during the Olympic Games is not a new phenomenon. The situation regarding Rio 2016 Legacy can be compared to the catharsis answer about Oedipus moral-story, this is a drama that denounces the flawed nature of the organizers and the naïve human's powerlessness of the poor Brazilian people. It is evident that the organizers of the Rio Olympics and specific sectors of the government has a corrupt pact that aimed to exploit the Games for their personal gain. From a spectator, Brazil should have worked towards a smaller Olympic event, like the Youth Olympics done over a longer period. It seems that sports organizers in Brazil got greedy and unrealistic. Brazil held the Pan-American Games, the World Military Games, the soccer World-Cup and both Olympics and Paralympics without any way to the balance and pause for recovery. Once again, the ego of organizer and the exploitation of the international athletic community colluded into a non-justifiable economic catastrophe.

Hopefully, the experiences lived in the Rio 2016 Olympics will be carried out into the history of Brazil that recently has confronted scandals, disappointments and rumors of unparalleled sports corruption. Sooner than later the new Summer and Winter Olympic Games and Paralympic games will bring new challenges to the Brazilian people and I truly hope that more planning, preparation and more integrity will be implemented by Brazilian sports managers and Olympic organizers.

The sad legacy of Rio Olympics will impact this generation and generations to come. The culture and education program proposed in the Transforma-Education during and after the Olympic Games is also another shameful lie. In sum, the Rio Olympics 2016 held in Brazil represents an ambitious and comprehensive false ideological and mis-managed political-pedagogical project for what organizers and participating governing bodies should be held accountable.

There is hope

The possibility of a young country like Brazil to host the Olympics leads to a critical reflection. What is the importance of the Olympic ga-

mes for our youth? What is the meaning of the Olympics for our school or more specifically, for our physical education programs?

From my perspective, the Olympic Games represents a sports academy curricula assigned as a life sports experience and closely related to the notion that sports are a unique enterprise of Olympic education. In light of the new Youth Games, this generation has an opportunity to create a mindset that embraces the person as a whole. Every time that we divide our views of a person, conceptually we create a new Sphinx. Every time we see each other as enemies instead of brothers and sisters, we reduce our humanity into a mythological beast. We are one! The Olympic Games provide our youth a challenge of self-identity, inquiry-based learning, civic purpose, and athletic bravery. Living the Olympic experience provides life skills unique to sports participation. Ontologically speaking, this is a lesson related with in a mindset of openness and commitment to fraternal relations. The new trilogy of the Games brings a new balance eliciting "let's compete together so we can achieve great things despite our differences". One must experience the Olympic Games to fully understand it. . Therefore, the Olympic Games represent a school of life through sports in which psychological outcomes lead to positive youth development, social responsibility and positive leadership (Ullrich-French, McDonough & Smith, 2012).

<http://www.youtube.com/watch?v=CQkUjpM8x9k>

New schools for the X-generation: In search of a school of sports

Schools all over the world need improvement, advancement and enrichment. Our schools are not perfect and children spend a great amount of their school time inactive. Moreover, there are still conservative-based schools that dichotomize the person and reduce knowledge to content that is not meaningful to students. In many of these institutions, athletics are viewed as a conflict to academics. Academics and athletics should be viewed and taught as one. In most schools we have eight disciplines for the mind and one for the body. In the dawn of the XXI Century we still hear the voice of the Sphinx saying: "Academics first!" Why? Is movement knowledge? Yes, it is! Procedural knowledge, the knowledge of doing, the craftsman wis-

dom has been reduced into cheap labor. Talking, thinking, and moving are human processes that represent our indivisible being. Is it the mind over matter or the matter over mind? Is the cup half empty or half full? The truth is the brain is body too!

Our temporarily able bodies represent the essence of our lives! Yet, we do not have a school that contemplates the person as a whole. The body is neglected, physical education is undermined and sports are ostracized in many schools. Schools should be a place for movement but what we have are schools out of balance. Schools must implement a balanced curriculum that makes learning fun, engaging and effective. A major challenge of our time deals with the notion that we need to provide quality education to all children and this education should embrace sports, music, arts, dance, physical education, foreign language, and humanities. Instead, we need to think about the Sphinx “the parts” are disconnected from “the whole”. We need the sum of seven B’s for an A+ in schooling! For instance, modern schools depend on the bell (quality time), the banana (nutrition), the broom (cleanliness), the bus (transportation), the black-board (instruction), the books (resources) and the ball (athletics). It is time that we value all aspects of schooling and education; however for students, many schools still exclude the body. As a physical educator and multisport coach I still see false dichotomies in our public school systems. How awesome if we could offer more balls (sports) for all of our children? I would be thrilled to see our communities transforming schools for peace through sports, culture, education, and arts! Notice that I said “transforming” suggesting a continuum... never ending! Teaching Olympic Education, in my opinion, could be a start for this transformation.

In 2006, I led the Sports Ambassadors in a study abroad program in Brazil aiming to document new sports played systematically in an organized fashion. In order to validate our criteria the observed sports need to be clearly identified as “organized” with scheduled tournaments, specific rules, regulated clubs, coaches associations of that given sport, and public recognition through a cohort of spectators. Moreover, the sport should represent a viable product for the sports management industry in order to self-sustain businesses for specta-

tors, media, and sponsors for a long run. As result, investigators found six unique sports such as Capoeira, Beach Handball, Biribol, Peteca, Futsal, and Futvolei that fulfill all the criteria for the new sports research project (Da Matta, 2010).

Finding a sport of a lifetime: Sports identification vs. talent identification

How does a person find a sport of his/her lifetime? How can we find or develop new experts? How can a club or a country search, develop, and retain expert athletes? How can a parent guide their children on the road to expertise in sports? How can athletes conciliate their athletic career with their academics? Is talent identification or sports selection a matter of genetics? Is talent development programmed in our genome?

These questions represent critical issues towards a holistic view of Olympism and empowerment through youth sports legacy. There is evidence that shows that both genetics and environment contribute to success in sports. Nonetheless, searching for sport talent is a very complex process, as complex as one trying to find a sport that will become his/her passion for a lifetime. Talent development and talent retention are two specific phenomena that sports scientists have dedicated much attention to, in order to explain youth exceptional performance in sporting arenas. From a coaching perspective, recruiting an athlete who possesses the physical characteristics, the fundamental skills, and the passion for a given sport represents a challenge; however the true challenge is a child, who dreams of being an Olympic athlete, choosing the sport that he/she loves. Researchers have studied the anthropometric measures and physical characteristics of elite youth in order to better understand the relation between sport selection, physical characteristics and physical ability (Haiachi & Da Matta, 2012). Findings were very counter intuitive due to environmental factors, maturational, motivation, and accessibility. In this study, 80 elite volleyball players U19 of three distinct levels of expertise were tested on ability, maturation, and physical characteristics. Physical characteristics were a major factor for selection but essentially only early mature athletes were starters. Although undergoing maturation, athletes with the potential to reach higher

indexes of height peak velocity in commitment, readiness, and ability were also selected. A discussion on the identification, selection, and use of the sporting talent must be revised and re-visited in some sports. When establishing parameters for understanding motor performance of young athletes the use of scientifically-based information might lead into a more reliable decision towards long-term athletes' development. The study presented results describing high capacity motor coordination combined with a provision for speed, strength, and coordination, facilitating the implementation of technical changes during practices and eliciting the optimization of long-term athletes' performance through practice and education (Haiachi & Da Matta, 2012).

Studying the volleyball national teams of Brazil from 1994 through present, researchers found that athletes were socialized into their sport because of available resources, access to specialized coaching, family support, and due the implementation of a national sports development program that prescribed the increase of amount of practice for their high performance youth programs as well as through a national standardization of sports excellence project (Da Matta, 2004).

Talent Selection: What are the criteria?

Anecdotal and research evidence shows that most the early mature players are selected, in most sports based on immediate performances. Coaches for the most part reported that the main criteria for identifying a talent are immediate performance during tryouts at all levels.

"I can see a good child playing with great skills and accuracy and that is enough for me to say that I want that athlete in my team...I know that many players might have potential but we live in a culture that winning is still the most important thing, so I know I can get parents, players and my director happy if we have a winning season."

Intermediate/ Regional Coach

Moreover, many potential players are simply eliminated because they don't have the financial support to pay for sports expenses. The economics of modern-day American youth sport programs carry with

them the high probability of exclusion of individuals of lower SES status; Such high stakes approach is not fair and it might lead into a huge waste of human capital; Loss of youth talent! To date, we have virtually little knowledge that explains how youth with minimal access to skill development opportunities become highly proficient and have access to the Olympic dream as a concrete possibility (i.e., Marta in soccer).

The need of science in youth sports: The challenge of research!

Overall, there is a major need for research, knowledge dissemination, and scientific application in youth sports. The lack of scientific grounding to most talent identification systems represents both a challenge and an opportunity. For instance, “talent identification” tends to become synonymous with immediate performance, where the early mature athletes are selected. Immediate performance is again the only criteria for selecting and detecting talent. Thus, there is a need to disseminate evidence-based studies on expertise development to practitioners in clubs, junior Olympic and other competitive youth groups. Such dissemination aims to create more opportunities, choices and increase participation, instead of excluding players that would have the potential to become great. Moreover, there is a need to research more efficient ways to select, detect, develop, maintain, and retain talent [young athletes] in sports. The traditional approaches are neither necessarily fair nor effective; however, the use of evidence-based approach represents a new paradigm in youth sports, thus being a closer bridge towards achieving the principle towards Olympism and the Olympic ideal. Physical precocity, the effects of maturational rate, and timing has rarely been addressed as leading to poor inclusion choices. Evidence of talent identification bias requires further investigation regarding the “relative-age effect” and its implications for tryouts, elite selection and other participation issues as it constrains accessibility of late mature children in a given year due to the cutoff date (Ericsson, et.al., 2009). A “continuous drive to learn” is one of the hallmarks of retrospective reports of athletes who reach elite performance as world or Olympic champions. Redefining fun is much needed. Many athletes tend to find appropriate practice enjoyable and motivating across all developmental stages. Certainly, the skill development process is a pre-requisite towards achieving the

Olympic dream but practice hard is not necessarily fun (Côté, 2003; Salmela 1995). Thus, it is appropriate to say that playing sports (having fun) without acquiring proper skills to sustain performance is actually not ideal neither (Da Matta, 2004; Helsen, Starkes, & Hodges, 1998).

“When I was 16 I was already a veteran and somehow old in my sport. Throughout my career my practices have been extremely hard. I have endured it, but it was not what I can call fun at all.” (Expert 4 – Olympic Gold Medalist 2012)

A biologically mature athlete has different practice needs than an early mature athlete. Such differentiation is even stronger when athletes’ psychological and technical development adds into the equation. “When I stopped playing, that’s when all this came crumbling down,” Capriati told the New York Daily News in 2007. “If I don’t have [tennis], who am I? What am I? I was just alive because of this. I’ve had to ask, ‘Well, who is Jennifer? What if this is gone now?’”

In summary, understanding the complexities of expertise development in sports is as important as engaging in purposeful systematic practice across ages. Learning motor skills take time therefore; young athletes increasing in maturity and skills levels will also require distinct coaching and practice regimens in order to continuously optimize their overall long-term development.

The Olympic hope: Dreaming and acting fearlessly!

The Olympic reality is a dream that the youth have chosen to dream fearlessly. Look at the example of Michael Phelps and Missy Franklin during the London 2012 Summer Olympics. Both swimmers at distinct stages of their careers decided to have fun and triumphed in their purposes. They have certainly accumulated thousands of hours of deliberate practice across their careers but without loving it they would not have endured their first month of practice. I would also like to mention Misty-May-Treanor and Kerry Walsh Jennings third gold medal achievement...they all have defied the notion that fun is not part of the equation. As a matter of fact, working hard, practicing smart and purposefully is and should be fun. It is about dreaming and doing!

We have mentioned about positive youth development so it is important to also stress the need for positive reinforcement, which is backed by years of research in various disciplines. Too often, some coaches utilize corporal punishment in young children when they miss a serve or when they “freeze” before going to a ball. Many coaches might even think that for a teenager growing a couple of millimeters per week it is easy to play a ball moving at 40 km/h, but the truth is that children are not adults in miniature. Therefore, it would be understandable for a coach to tell their players: “_Come on! Go to the ball!!!” Or, if those players would happen to have lost a match, it would be reasonable for the coaches to be upset and truly get on their players so they would not lose again. But to make them run to exhaustion, as punishment!? That is not recommended and there is no research to support this practice (NASPE, 2012)

Do young athletes (teenagers 12-18 years of age), lose on purpose? Don't they listen to their coaches? If they do, maybe they “deserve a lesson”, but if not, why punish them? If a coach makes a bad decision, or misses a time out (in volleyball), do they run sprints or do 10 “suicides” because of their mistakes? Maybe they should, but the fact is they don't? So, why are we punishing our younger players? Research show that the positive coaching is more effective and efficient than any punishment (Nakamura, 1996; Ullrich-French, et.al, 2012).

In London, Olympians from sand volleyball, soccer and swimmers performed fearlessly. They decided to live their dreams for their families, teammates and friends with an outspoken intent to enjoy the Olympic Games. Their performances were optimized by inspirational parenting. Yes, this Olympic dream for swimmers and beach volleyball players was only possible because their parents/families provided good meals, transportation, counseling, coaching, moral guidance, and financial support (Bloom, 1985). In fact, there is a wealth of evidence showing the importance of family and parental support in achieving expertise. In theory, it makes sense to utilize parent skills in talent development; however such resources are often overlooked by practitioners and sports managers (Bloom, 1985; Vianna, Jr., 2002). Indeed, both contexts (pool and beach) represent a challenging stage for our youth. Some might say that they cannot train or go to competitions because

of family constraints. Well, both Kerry Walsh Jennings and Misty-May-Treanor went to the London Olympics with their families. Kerry, mother of two, was pregnant and yet, she delivered a world-class performance that should get every girl in the world “on fire”. Their performances were sharp, “hot” and delivered with huge smiles. The only regret Missy Franklin had was not to be able to teach lessons to young kids because she had no time. In an interview to ESPN she explained:

“Those children represent the future...when you see young swimmers loving it so much it reminds me why I love it too!” (Missy Franklin – ESPN, 2012)

These young Olympic heroes are re-shaping the meaning of human movement for our youth. Yes let’s create pools so all children will learn how to swim properly and enjoy the democratic and fun endeavors of playing Olympic sports such as beach volleyball with any bathing suits of their choices (Santo and Mildner, 2010). Just to point out that the challenge here deals with universality, accessibility, and choice. Thus, it is imperative to implement Olympic sports in all levels of schooling, but first and foremost at higher education physical education programs.

Final Considerations

The Youth, Winter and Summer Olympics: The trilogy of possibilities!

In summary, the Olympic Games have everything to do with challenging our youth to strive for excellence, be respectful, nurture good relationships, and have fun! Overall, the challenges posed by the Olympic Games to youth must be seen as major opportunities to empower youth in regard to embracing Olympism and the Olympic Games legacy. Sport psychologists and sociologists have highlighted the drawbacks of using corporal punishment but even today I can still see it happening. We have banned the use of drugs but we still have long ways to go in regard to respecting the Athletes’ Bill of Rights (Martens, 1976). Fortunately, nobody has to face the Sphinx anymore. But in our generation we still have to face illiteracy, obesity, intolerance, bigotry, gun violence, youth violence, climate change, and poverty

(Banks, 2006). It is highly suggested to implement Olympic education in Physical Education programs, in Physical Education higher education and also implement Olympism in our community sports programs. After, interviewing 18 elite players and 14 Olympic gold medalists, I documented them reporting that they played and practiced for more than 16 years because they have fun and love the game. Research suggests that whether winning or losing, a follow through set of guidance (psychological, moral, and social support) should be present allowing the “super heroes” to become mere mortals again and live a healthy, happy, and active Olympian lifestyle.

The Youth, Winter, and Summer Games have created more challenges and opportunities for our youth than ever before but we are still falling short in providing sports as a fundamental right of every child and citizen. Those three events and their correspondent Paralympics represent the trilogy of challenges for our youth. It is time to get off the screens, get outside, and be active (Metheny, 1968; NASPE, 2012)!

The self-determination, self-discipline, and intrinsic motivation helps one to be responsible in the decision making process of an athlete's life. In Paralympic Games, teaching towards coaches' autonomy and basic needs satisfaction was the key factor towards empowering and developing true Olympic ambassadors (Banack, Sabiston, and Bloom, 2011). Athletes must be in charge of their own process of learning and being intrinsically motivated. Bottom up approaches truly help to develop the need of dialogue as well as the desire to achieve greatness (Hammerness, 2006). Top down approaches ignore the needs of athletes and do not help to solve problems. In addition to the Paralympics, all the Games represent a set of challenges, adventures, businesses, and lifelong endeavors that any young person, like Alexander the Great, could embrace and knowing that it is possible...knowing that it is at their reach, just go there and do it. At age of 25 Alexander, the Great, conquered the world. Perhaps, he knew he could do it. Perhaps, being a noble king he already have the resources, ambition, and the military power to face his challenges, nonetheless, he did it! Nowadays, history has documented the prowess of young people, young experts, and youth re-shaping the lines of history. The human capital and the amount of talent among youth are limitless. One way or the other, all

children and talented people across the globe are simply waiting for an opportunity.

The Olympic Games can be the symbioses of youth challenges and opportunities! And, certainly the youth will be the ambassadors of Olympism in every corner of this world carrying on the hope, peace, and ideals of the Games for the generations to come. As Rio leaps into the next Summer Games, each Olympian should promote their own "Street Olympic Games", "School Olympic Games", or even "Neighbors Olympic Games". How challenging!

Carry on. Thanks!

References

ANDRANOVICH, G., Burbank, M.J., and Heying, Ch.H. (2010) Political economy of the Olympic Games. In Santo, C. & Mildner, G.C.S. (Editors) Sports and Public Policy. Champaign, IL; Human Kinetics.

BAKER, J. & Côté, J. (2003) Resources and commitment as critical factors in the development of "gifted" athletes. *High Ability Studies*, 14:2, pp.134-140.

BANACK, H. R., Sabiston, C. M., and Bloom, G.A. (2011) Coach autonomy support, basic need satisfaction, and intrinsic motivation of Paralympic athletes. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 82: 4, 722-730.

BLOOM, B. S. (1985). *Development of talent in young people*. New York: Ballantine Books.

BOUCHARD, C., & Katzmarzyk, P. (2010) *Physical activity & obesity*. 2nd Edition. Champaign, IL: Human Kinetics.

BRUSTAD, R., & Da Matta, G. (2011). Youth Sports beyond "Zeroes and Heroes": Social and Psychological Issues in Physical Activity. Presentation at the annual National Convention of the American Alliance for Health Physical Education, Recreation and Dance (AAHPERD), San Diego, CA.

BURLESON, J. (2003) Augusto Boal's Theater of the Oppressed in the public speaking and interpersonal communications classrooms. Unpu-

blished dissertation Louisiana State University. Baton Rouge, LA.

DA MATTA, G. (2004). The influence of deliberate practice and social support systems on the development of expert and intermediate women volleyball players in Brazil. Doctoral dissertation, University of South Carolina.

DA MATTA, G. (2010) Cultural perspectives of Brazilian physical activity and sports; the sports culture of Brazil. Sports pedagogy workshop presentation at the Annual National Convention of the American Alliance for Health Physical Education Recreation and Dance (AAHPERD), Indianapolis, In: Da Matta, G., French, K., & Brustad, R. (2011). International initiatives of youth sports, social development, and expertise development. Presentation at the Annual National Convention of the American Alliance for Health Physical Education, Recreation and Dance (AAHPERD), San Diego, CA.

ERICSSON, K.A, Charness, N., Feltovich, P.J., and Hoffman, R.R. (2009) The Cambridge Handbook of Expertise and Expert Performance. New York, NY: Cambridge University Press.

ERICSSON, K. A., Krampe, R. T. and Tesch-Römer, C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychological Review*, 100, 3, 363-406.

ESPN Sports Magazine (2012) Retrieved from missy-franklin-katie-ledecky-swimming-new-generation" http://espn.go.com/olympics/summer/2012/espnw/story/_/id/8232249/2012-olympics-missy-franklin-katie-ledecky-swimming-new-generation

HAIACHI, M. & Da Matta, G. (2012). Genotype and phenotype indicators for injury prevention, performance enhancement and long-term adherence in physical activity. Poster presentation at the Annual National Convention of the American Alliance of Health, Physical Education, Recreation and Dance. Research Consortium Abstracts (AAHPERD), Boston, MA.

HAMMERNESS, K. (2006). From coherence in theory to coherence in practice. *Teachers College Record*, 108 (7) 1241-1265.

HELSEN, W. F., Starkes, J. L. & Hodges, N. J. (1998). Team sports and the concept of deliberate practice. *Journal of Sport & Exercise Psycho-*

logy, 20, 1, 12-34.

HELLISON, D. (2011) Teaching personal and Social Responsibility through Physical Activity. Champaign, IL: Human Kinetics

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (2012) Fact sheet; Youth Olympic Games Report, IOC: Lausanne, Switzerland. Retrieved from <http://www.olympic.org/news/six-new-events-added-to-the-olympic-winter-games-programme-in-sochi/124134>

JENNINGS, L., & Da Matta, G. (2009). Rooted in resistance: Women teachers constructing counter-pedagogies in post-authoritarian Brazil. *Journal of Teaching Education*, 20 (3) 215-228.

MARTENS, R. (1976) Joy and Sadness in Children's Sports. Champaign, IL: Human Kinetics.

MAXWELL, J.C. (2007) Talent is never enough! Nashville, TN: Thomas Nelson Inc.

METHENY, E. (1968) Movement and Meaning. McGraw Hill: New York, USA.

NAKAMURA, R. M. (1996) The power of positive coaching. London, UK: Johns & Barlett Publishers.

NASPE (2012) Position statement for Physical Education & Sports standards for quality physical education. NASPE: Richmond, VA, USA.

ORLICK, T. (1990) In pursuit of excellence: How to win in sport and life through mental training. 2nd Edition. Champaign, IL: Human Kinetics.

SALMELA, J. H. (1995) Learning from the development of expert coaches. *Coaching and Sport Science Journal*, 2, pp. 3-13.

SALMELA, J. H & Moraes, L. C. (2003) Development of expertise: The role of coaching, families and cultural contexts. *Expert Performance in Sports: Advances in Research on SPORT EXPERTISE* (pp 275-294). In J. L. Starkes & K. A. Ericsson (Eds.). Champaign, IL: Human Kinetics.

SANTO, C. A., and Mildner, G.C.S. (2010) Sport and Public Policy; Social political and Economic Perspectives. Champaign, IL: Human Kinetics.

ULLRICH-FRENCH, S., McDonought, M.H., & Smith, A. L. (2012) Social connection and psychological outcomes in a physical activity-ba-

sed youth development setting. *Research Quarterly for Exercise and Sports*, 83, 3, 431-441.

VIANNA Jr., N. S. (2002). The role of families and coaches in the development of aspiring expert tennis players. Unpublished master's thesis, Federal University of Minas Gerais, Brazil.

WORLD WIDE WEB. Retrieved on April 5, 2013 from <http://www.mythencyclopedia.com/Sa-Sp/Sphinx.html#ixzz2P9gPDZmz>

O OLHAR DA MÍDIA

A MÍDIA E AQUILO QUE NÃO VIMOS DOS JOGOS OLÍMPICOS E PARAOLÍMPICOS NO RIO DE JANEIRO

THE MEDIA PRESS AND WHAT WE HAVE NOT SEEN FROM THE OLYMPIC AND PARALYMPIC GAMES IN RIO DE JANEIRO

Marcos MALAFAIA¹
marcosmalafaia01@gmail.com

Briefing

In a acid and direct article, the journalist and sports businessman Marcos Malafaia analyzes the Rio 2016 Games from the point of view of marketing and communication, especially the impact caused in the small modalities of Olympic sport and in all Brazilian Paralympic sport modalities. The text tries to find a way to explain the low visibility of the Paralympic Games compared to the media boom that always are, and were once again in Rio, the Olympic Games. And it also suggests where, in your opinion, the future of this segment is pointing to. The reading becomes very interesting if takes into account the author's curriculum: sports journalist of great national communication vehicles, such as JB, Folha de São Paulo, O Globo and TV Globo, was also a high-performance athlete, sports manager, owner of marketing and communication companies, author of books on sports. And more importantly, its participation in the Brazilian Paralympic Movement, having led the marketing and communication work of the CPB for more than five years, between 2003 and 2008, exactly at the stage in which the Paralympic sport gained notoriety and changed levels in the country. Fast, incisive and easy-to-understand text, able to insert the reader in a few minutes in a universe previously unknown to him, as an explanation of how we can define media in Brazil. Or a tour of the vectors that, in the opinion of the author, were and are fundamental to understand the reality of the national Paralympic sport: the appetite of the communication vehicles for certain sports themes and the relation of this appetite with the market capacity of these themes; social prejudice in relation to sports for people with disabilities; and the fragility of management of the

1 Jornalista e empresário de esportes.

main entities of the Paralympic sport in the country. For the future, an unrealistic but hopeful prognosis. A useful text for anyone who wants to understand, intends to work or study the subject, or simply for those who like sports and backstage.

Introdução

A mídia. O que é isso? O que se entende por esta quase “entidade” criada no imaginário popular sobre quem se pode colocar muitas culpas ou creditar grandes sucessos? Como definir mídia?

Diria que, tecnicamente, seria enfadonho descrever neste espaço, tão detalhadamente, o impressionante leque de opções para explicação do termo mídia. No entanto vamos diretamente ao que interessa neste pequeno artigo que a mim foi solicitado. Do ponto de vista do público brasileiro e para o tema que vou tratar aqui, me parece que a melhor definição do que se entende por mídia é o conjunto de ações de veículos de comunicação de massa que seja capaz de transformar algo ou alguém em uma marca ou assunto muito conhecido pela maioria das pessoas em determinado lugar. Empresas de comunicação em geral: TV, rádio, jornal, revista, sites, blogs, plataformas digitais/sociais, etc.

Partindo deste pressuposto, vou tentar mostrar uma visão bem particular do que vi e senti na relação desta mídia com os Jogos que aconteceram no Rio em 2016. Por quê me vejo em condições de fazer tal análise? Não considero pretensiosa esta intenção, já que estive à frente de alguns processos importantes nestes dois segmentos – esportes e comunicação - nos últimos 30 anos. Primeiro como jornalista - repórter esportivo de grandes veículos brasileiros, como o Jornal do Brasil, a Folha de São Paulo, O Globo e TV Globo; gestor e executivo de jornalismo na TV Globo; dono de empresas de comunicação; professor de jornalismo. E também como participante do universo esportivo - atleta; gestor de entidades esportivas; gestor de clube; patrocinador de atletas e modalidades; executor de planos de marketing esportivo; dono de empresa de marketing; criador e operador de eventos.

Oportunidade Desperdiçada

A partir do momento em que me considero razoavelmente apresentado e que estamos, eu e o leitor, afinados de que definição de mídia estou usando, vamos aos fatos. A Rio 2016 me decepcionou muito no que diz respeito à divulgação, à oportunidade de massificação popular de alguns temas esportivos que, no meu entendimento, foi desperdiçada. Senti decepção, mas não surpresa. Militando no meio esportivo há tanto tempo, principalmente nos bastidores, já esperava exatamente isso. A ponto de ter um livreto escrito e publicado antes dos Jogos pontuando algumas das questões que, no fim, foram determinantes para este enorme desperdício.

O que chamo de desperdício é o fato de termos um evento desta magnitude no Brasil, na cidade mais badalada do país, e avançarmos timidamente na visibilidade para modalidades olímpicas pouco reconhecidas como esporte de competição, tais como Badminton, Taekwondo, Lutas, Levantamento de Peso, Tênis de Mesa, Ciclismo e outras. E muito pior: avançarmos de forma quase imperceptível na visibilidade e no reconhecimento das modalidades paraolímpicas e do esporte para deficientes como algo realmente grandioso e profissional.

Alguns poderão dizer que estou exagerando, que “é claro que avançamos”. Vou enfatizar então para termos cuidado com as palavras e as verdades. Sim, avançamos. Mas muito, muito menos do que poderíamos. Muito menos do que avançaram os britânicos, por exemplo, nos últimos Jogos antes do Rio de Janeiro. E isso se configura um desperdício.

A falta de cuidado da mídia com as modalidades nanicas do universo olímpico, em minha opinião, tem diagnóstico relativamente fácil de identificar. São modalidades demais nos Jogos, eventos fantásticos freneticamente acontecendo num curto espaço de tempo e, na hora de priorizar, valem o histórico, a força universal e comercial de esportes que vêm se destacando internacionalmente há décadas, como o atletismo, a natação, o voleibol, o basquete, o handebol... Aos nanicos, é dado destaque apenas em casos exóticos, em casos de emoção flagrante de alguns personagens ou ao volume de resultados de um determinado país, mas não à modalidade em si. Ou seja: esta é uma decisão midiática meramente técnica, de volume,

de audiência e de mercado. De fato, essas modalidades não deram ainda demonstrações de sucesso de números que lhes dessem o direito de reivindicar mais atenção e espaço no milionário universo dos veículos de comunicação.

Seria possível melhorar esta penetração dos nanicos no bolo midiático de uma Olimpíada? Em minha opinião sim, mas com pouco terreno a conquistar. Nas mesmas duas semanas, os concorrentes diretos das modalidades nanicas estão no apogeu de suas marcas, no melhor momento de seus personagens, histórias, recordes, emoções. Então, mesmo com um trabalho muito criativo e duro ao longo de um ciclo olímpico, uma modalidade menos conhecida poderia atrair um pouco mais de atenção das lentes e do público sim, mas dificilmente sairia do segundo plano. Parece-me uma condenação eterna para a maioria das pequenas! Ou pelo menos até o dia em que uma delas cair na graça de um número expressivo de espectadores a ponto de tirar o espaço de alguma modalidade mais tradicional e bem divulgada.

Hoje, diria que beira a insanidade acreditar que uma disputa de Taekwondo vá conseguir tirar espaço de mídia de um evento de atletismo em condições normais. E, repito ambos disputam o mesmo espaço/tempo de mídia, nos mesmos dias, diante do mesmo público.

Agora, no caso dos paraolímpicos a situação muda completamente. Vou me deter mais neste tema por alguns motivos: é o que mais domino em termos gerais e o que mais me assusta do ponto de vista do desperdício.

Como acontece duas semanas depois do fim dos Jogos Olímpicos, a Paraolimpíada não dá ao setor de mídia qualquer desculpa em relação à concorrência esportiva. É um período, esportivamente falando, morto. Ainda na ressaca dos Jogos, pouquíssimos eventos internacionais de grande porte estão disponíveis para as grades de cobertura dos veículos. E nenhum, entre todos os eventos esportivos do planeta, tem o tamanho dos Jogos Paraolímpicos hoje. No Rio, foram 160 delegações participantes, quase cinco mil atletas e mais de dez mil jornalistas credenciados.

Em resumo, a diminuição brutal de espaço midiático comparando-se olímpicos e paraolímpicos não tem como se amparar na des-

culpa de que o evento para deficientes é pequeno. Essa não cola.

Então podemos apontar nossas armas para a mídia em geral e decretar: a culpa pelo baixo nível de visibilidade dos Jogos Paraolímpicos, se comparado com os Jogos Olímpicos, é dela e pronto! Assim, encontramos um algoz e nos livramos de nossas responsabilidades em poucos segundos. Lamento dizer, mas este é um erro primário. Sobram vetores importantes para analisarmos e tentarmos alguma explicação razoável para esse certo descaso com os paraolímpicos. Definitivamente não é tão simples.

Vetores

a) Comercial

O primeiro vetor é o comercial. Empresas de comunicação, como qualquer outra atividade privada do mundo, vivem de receitas. Neste caso, a principal delas é a receita publicitária. Se pensarmos que o evento Jogos Paraolímpicos 2016 não conseguiu sequer se sustentar financeiramente, correndo riscos até de cancelamento a algumas semanas de seu início, imagine se ele seria capaz de impulsionar o mercado publicitário a anunciar, a comprar grandes pacotes de propaganda junto aos veículos em função destes mesmos Jogos. Não seria e não foi.

A falta de recursos e patrocínios para os Jogos foi resolvida com verba pública: um aporte de última hora da Petrobras e da Caixa Econômica Federal, sob a fajuta argumentação de “interesse em patrocinar os Jogos, porque isso dá retorno”. Tão de última hora que sequer havia sido produzido um material decente para a divulgação das marcas. Presenciei algumas iniciativas toscas para tentar resolver o problema emergencial, como uns bandeirões de pano esticados nas arquibancadas do Estádio Olímpico do Engenhão, com as novas marcas “patrocinadoras”. Lamentável para quem detém o título de segundo maior evento esportivo do planeta. Diria que beirando o deprimente.

Este recurso salvou o evento, porque praticamente foi todo investido para pagar as despesas de viagem de uma parte significativa das delegações estrangeiras. Pagamento que era um compromisso do Comitê Organizador, que a esta altura já não tinha um centavo sequer

para cumprir suas obrigações. No entanto, a verba chegou contada e acabou em minutos. Não mudou nada, por exemplo, em relação à estrutura de produção de conteúdo do evento, que foi mantida acanhada como já estava previsto.

O que vem a ser estrutura de produção de conteúdo num evento como este? Toda a infraestrutura necessária para capturar, transmitir, editar, distribuir e arquivar imagens e informações dos Jogos Paraolímpicos. Esta estrutura normalmente fica a cargo dos proprietários do evento (no caso dos Jogos Paraolímpicos são o COI e o IPC – International Paralympic Committee), que podem optar por vender os direitos e acesso a esse material, ceder estes direitos e acessos ou até mesmo por não produzir, liberando a cobertura para quem assim desejar.

No Rio, a opção foi produzir o material, mas de forma parcial. Foram escolhidas algumas modalidades para a transmissão completa e ao vivo (minorias), e algumas para apenas serem gravadas de forma simples, para posterior utilização pelos veículos (maioria). Vale ressaltar que este não foi um modelo brasileiro. Aconteceu de forma idêntica nas últimas três Paraolimpíadas: Atenas, Pequim e Londres. E um detalhe importante: nenhuma empresa de comunicação pode entrar nas arenas e produzir o seu próprio conteúdo livremente. Há regras muito rígidas sobre estes direitos, com permissões diferenciadas de acordo com o pacote adquirido por cada empresa.

Dentro desta lógica e diante destas informações, é possível amenizar a culpa da achincalhada mídia brasileira. Sem verbas dos anunciantes por um lado e sem o conteúdo oficial pelo outro, o negócio Paraolimpíada micava claramente. Como investir em algo tão insustentável? Jogar dinheiro próprio apenas na causa? Alguém já viu alguma empresa privada de qualquer outro setor fazer isso? Desculpem-me os que acreditam, mas eu não consigo ter esta crença. Acho até que alguns veículos se esforçaram bastante para dar mais visibilidade aos Jogos Paraolímpicos e acabaram esbarrando nas impossibilidades. O Sportv, por exemplo, foi ampliando gradativamente o seu espaço na grade para os Jogos, desde o início, mas em algum momento deu de cara com a dificuldade de transmitir mais jogos, disputas e modalidades. Simplesmente porque não havia material produzido pelos detentores dos direitos, os proprietários do evento, como manda a “regra do jogo”.

Analisando apenas o vetor comercial, podemos resumir que os Jogos Paraolímpicos do Rio, neste aspecto, foram um fracasso. E este fracasso evidentemente tem consequências na repercussão na mídia.

b) Produto ou para-produto

O segundo vetor importante a ser visto é a capacidade de venda dos agentes e gestores paraolímpicos, principalmente no Brasil. Se afirmei anteriormente estarmos diante de um megaevento internacional e que este mesmo evento foi um fracasso comercial, cabe a mim ao menos tentar encontrar alguma explicação razoável para esta situação *sui generis*.

Vamos lá! Há muitas verdades no meio dos grandes negócios esportivos. Mas uma é inabalável: sem um bom produto e um plano de marketing adequado, não há esporte que se sustente no mundo moderno. Na minha opinião, o esporte paraolímpico é um bom produto. Deu algumas demonstrações dessa força ao longo dos últimos doze anos em nosso país. Cativou pessoas, conquistou espaços nunca antes imaginados nas grades de programação de emissoras de TV, revelou ídolos, personagens marcantes, histórias relevantes. Criou valor. Atingiu patamares muito elevados num curto espaço de tempo, o que caracteriza os bons produtos.

Tive o privilégio de estar à frente de um plano do Comitê Paraolímpico Brasileiro, iniciado em 2004, para transformar o reconhecimento do esporte paraolímpico em todo o país. Nossa meta era, àquela altura, apenas sair da posição de anonimato absoluto. Pouquíssimas pessoas até então sabiam da existência do Movimento Paraolímpico, das competições internacionais organizadas, do poder de superação dos atletas, da capacidade quase sobre humana de muitos deles.

A partir do trabalho que liderei em Atenas, com uma pequena equipe e o apoio do CPB e de seus dois patrocinadores na época (Caixa Econômica e Unimed), além do governo federal, conseguimos alterar significativamente a percepção pública sobre o segmento. Do desconhecimento total às entradas ao vivo no Domingão do Faustão, no Jornal Nacional, no Fantástico e em várias outras emissoras, jornais, revistas e veículos brasileiros, levamos pouquíssimo tempo.

Desde então, estive sempre muito seguro de que o produto era

bom. Precisava crescer passo a passo para não tropeçar nas próprias pernas. Estruturar-se. Ganhar capacidade e qualidade na governança. Mas tinha um incrível potencial para conquistar mercados e explodir como setor econômico. Para dar uma ideia do que estou afirmando, a renovação de contratos de patrocínios de 2004 para 2005 gerou um aumento de 550% nas receitas do CPB, apenas com a ação de visibilidade que montamos para os Jogos de Atenas.

Quando houve a decisão de que os Jogos seriam no Rio em 2016 pensei imediatamente que seria uma chance para um crescimento quase vertical do esporte paraolímpico no Brasil. Mas, a esta altura estava fora do CPB (eu e muita gente boa que foi afastada por divergências políticas), e me preocupava a capacidade profissional de seus gestores para lidar com o tema. Meu sentimento, quase totalmente instintivo, estava vinculado a um ditado popular: “muita areia para aquele caminhãozinho...”

Infelizmente, meu instinto estava certo. E a areia quebrou o caminhão. O quadro profissional do CPB não teve capacidade de sensibilizar o mercado brasileiro para os Jogos Paraolímpicos no Rio. Foi incapaz de avaliar bem a importância de sua própria função nos desdobramentos do evento, no legado para o Movimento Paraolímpico após uma oportunidade única, absolutamente não replicável. Ficou no óbvio: mamando as generosas tetas governamentais em período pré-Jogos no país.

Era preciso leitura rápida, perspicaz e ações incisivas para instigar o mercado privado e alterar um destino que parecia evidente: maior atenção do mercado publicitário e da mídia em geral aos Jogos Olímpicos, em detrimento dos Paraolímpicos. Eram necessárias atitudes de força, de ruptura, de astúcia, de jogo de mercado nos bastidores e em público. Coragem. Ousadia. E, fundamentalmente, espírito coletivo. Trabalhar em nome do esporte e não de carreiras individuais. Nada disso aconteceu.

O que se pôde constatar foi um desfile de obviedades e subseriências. De falta de criatividade e capacidade de gestão na área de comunicação e marketing. O resultado? Bom, o resultado todos viram. E vai ficar nisso. O esporte paraolímpico brasileiro está de volta quase

ao mesmo ponto em que estava em 2005. Alguns destaques individuais, como Daniel Dias hoje e Clodoaldo Silva naquela época, uma ou outra reportagem sensacionalista dizendo que “agora sim, o país olha para estes heróis”. Balela! Bobagens temporárias.

Até o termo “heróis” me irrita. Porque me parece estar carregado de sentimento negativo. Sentimento de pobre coitado que conseguiu se superar. Para se conseguir invadir mercados e brigar de igual para igual com outros produtos midiáticos, é preciso sair do espaço do coitadinho, do exótico. Tem que ir para o espaço do orgulho nacional, da emoção pela vitória ou pela derrota, da competição, da competitividade e seus valores agregados. Enquanto o próprio Movimento Paraolímpico permitir termos como “para-atleta”, “para-atletismo”, “para-natação”, estará fadado ao segundo plano. Não estará entre os grandes produtos esportivos. Em muitas das grandes empresas patrocinadoras, estará sendo visto pela área de responsabilidade social, não de marketing ou patrocínio. E, lamentavelmente, isso tira qualquer possibilidade de lutar por espaços na mídia nas mesmas proporções em que estão os olímpicos.

Mulheres não jogam voleibol ou futebol ou basquete com homens. Não podem. Limitações físicas distintas. No entanto, são atletas. E assim são chamadas. Crianças e adolescentes não nadam com adultos, não lutam com adultos e sequer disputam os Jogos Olímpicos. No entanto, continuam sendo atletas. Por quê uma pessoa com deficiência é para-atleta? Você conhece algum para-advogado? Ou algum para-jornalista? Um empresário que usa cadeira-de-rodas é um para-empresário? Se chamarmos eles assim, vão gostar? Vão achar normal? Claro que não.

O prefixo “para” vem de “paralelo”, não de paraplégico, como tantos acreditam. Paralelo aos Jogos Olímpicos por uma questão logística. Impossível fazer os dois Jogos ao mesmo tempo. Mas do mesmo nível, com as mesmas características.

Detalhes, amigos. Detalhes que fazem toda a diferença. Cria-se cultura. Alimenta-se o problema da diferenciação. E, sendo diferente, acaba tendo tratamento diferente. Valores diferentes. Tática de venda ruim, resultado ruim.

Ao resumir este vetor, posso afirmar, por conhecimento próprio,

que o poder de venda do CPB e do Movimento Paraolímpico nos anos que antecederam os Jogos Rio 2016 foi pífio. Gestores interessados em suas carreiras pessoais contentaram-se com as polpudas verbas dadas pelo Governo Federal, pouco se preocupando com a evidente temporariedade desses recursos. E, claro, não quiseram se indispor com os organizadores ou com os mercados, brigando por espaço para o esporte paraolímpico. Se a liderança do próprio segmento interessado não se impõe, não busca soluções para o seu futuro, não seria a mídia a fazer isso.

Apenas para efeito de exemplo, cito um fato que deveria me envaidecer, mas no fundo me entristece. Em 2004, com uma equipe de cinco pessoas e condições absolutamente precárias, conseguimos que o Brasil assistisse a várias provas dos Jogos Paraolímpicos de Atenas na TV aberta, inclusive na maior delas, a TV Globo. Foram dezenas de inserções em diferentes horários mostrando as conquistas de nossos atletas em solo grego. Golaço nosso na época, com o apoio de profissionais maravilhosos dessas emissoras.

De lá pra cá, em tese, o interesse das emissoras pelo esporte paraolímpico cresceu. No entanto, com os Jogos acontecendo em nossa terra, ali do lado, não tivemos sequer uma inserção ao vivo de provas das Paraolimpíadas na TV Globo aberta. Faltou interesse da emissora? Ou faltou articulação? Venda? Capacidade do Movimento Paraolímpico de se promover, de se dar a devida importância? Ficam as perguntas...

c) Preconceito

O terceiro vetor é o preconceito. Por mais que tentemos enxergar que os tempos mudaram e muitas barreiras caíram (e isso é uma verdade!), não podemos fugir de outras questões que são também reais. Há sim muito preconceito quando o assunto é esporte para deficientes.

Para ir bem direto ao que pretendo dizer, conto uma história que é emblemática. Certa vez, nos primeiros meses de trabalho com os paraolímpicos, numa negociação para patrocínio do CPB, sentei na sala de um diretor de marketing de uma grande empresa brasileira. Papo vai, papo vem, consegui que se interessasse por uma cota de

patrocínio. Mas a condição imposta por ele era, no mínimo, absurda.

“Vamos fazer o patrocínio, mas não queremos a nossa marca exposta. Vendemos algo muito saudável, com ares de perfeição, e não podemos admitir a nossa marca ao lado de um produto podre, defeituoso” - me disse o cara, sem qualquer pudor.

Não aceitei o patrocínio. Não seria capaz de conviver com aquele cara. Mas agradeço até hoje por ele ter me dito aquelas palavras. De certa forma, foi um mantra para mim durante anos, em tantas outras reuniões buscando recursos para os paraolímpicos. Perdi a “virgindade”, a inocência de achar que todos estariam dispostos a vincular seus produtos e marcas ao paradesporto. E, como preconceito é algo difícil de admitir publicamente, passou a ser muito comum observar pessoas e empresas que faziam discurso de apoio, mas ação de esmola. Foram dez anos, exatos dez anos fazendo este trabalho e raríssimas vezes foi possível ver de fato alguém disposto a investir no esporte paraolímpico com a expectativa de retorno, com o viés do investimento de marketing.

Preconceito das marcas, preconceito das pessoas. Ou seria ao contrário?! Eventos paraolímpicos não atraem ninguém para ver. Vão às famílias, os amigos mais próximos dos competidores. Foram muitas às vezes em que estive à frente de eventos bem divulgados, claramente preparados para receber público em geral. Mas, na hora H, nada.

Como sempre trabalhei com os esportes Olímpicos e Paraolímpicos ao mesmo tempo, estas evidências iam ficando a cada dia mais claras, absurdamente claras. Quando estava na organização de um evento olímpico, recebia vários pedidos de ingressos, convites para assistir a esta ou aquela prova. Pedidos feitos por amigos ou conhecidos que tinham o desejo de ir aos eventos. Quando estava na organização de eventos paraolímpicos, implorava para que as pessoas fossem lá prestigiar, levassem seus filhos e amigos, e... raramente aparecia alguém.

Sair de casa para assistir a uma competição convencional, para a maioria das pessoas, é um programa legal, seguido de um jantar, um almoço ou um chopinho com os amigos. Sair para assistir a um

evento paraolímpico parece um peso, uma tarefa obrigatória, para não ficar chato! Foi assim que senti durante todo esse tempo. E foi assim que os fatos foram se acumulando, histórias e mais histórias que comprovavam a teoria.

Minha pergunta a esta altura do texto é: será que estou sendo exagerado? Pare para pensar bem antes de responder. E, fundamentalmente, não pense só em você. Pense em todas as pessoas que conhece. Pense se topariam ir com você assistir a uma partida de basquete em cadeiras de rodas no sábado à noite. Depois reflita sobre isso...

Partindo da premissa de que as pessoas têm um preconceito histórico, cultural, vivendo dentro delas, podemos facilmente concluir que as instituições também o tenham. As instituições são criadas e dirigidas por pessoas. Portanto, no caso deste vetor negativo para a difusão do esporte para deficientes, acho que todas as nossas baterias deveriam estar voltadas contra o preconceito generalizado, não especificamente o preconceito da mídia ou do mercado. No fundo, eles são consequência óbvia do preconceito das pessoas, de nós mesmos.

Mais uma vez então, volto ao questionamento. É tão simples assim apontar o dedo para a imprensa e para os veículos de massa como os grandes vilões da visibilidade paraolímpica? Ou da visibilidade dos esportes olímpicos menos conhecidos? Minha resposta é a minha conclusão deste pequeno ensaio. Não. Não é razoável fazer isso.

Em minha opinião, a falta de atenção dada pelos veículos a estes esportes é consequência de um emaranhado de verdades e vetores sociais que compõem o cenário. E que só vão ser alterados se algum agente interno for efetivo em suas ações de quebra de paradigmas e rupturas significativas para estes setores. O que vem a ser um agente interno? Alguém com interesse específico e imediato no tema. Ou seja, algum gestor ou operador de destaque de dentro do esporte paraolímpico ou de dentro de um dos nanicos esportes olímpicos. Com alta capacidade criativa, com ousadia e coragem. Com capacidade de enfrentar o que já foi estabelecido como “normal”.

Para isso, uma conjunção de capacitação profissional e alta capacitação emocional é necessária. Se acredito ser possível? Sim e não. Sim, porque realmente vejo chances de acontecer algo novo nes-

te sentido. Não, porque não vejo ninguém com estas características atuando neste pedaço do mundo esportivo. E mais: me parece bem claro que os personagens que ali estão preferem que as coisas fiquem assim mesmo. A incompetência gera incompetência. Os despreparados gostam de se cercar de gente menos capacitada ainda, pois temem perder seus privilégios. Estamos falando de muitos milhões de reais circulando entres essas modalidades para a gestão de entidades esportivas, por força de lei e distribuição política das verbas governamentais destinadas ao esporte. Portanto, quem está dentro não quer sair. Pelo contrário, como já vimos e ouvimos dezenas de vezes por aí, vários se perpetuam no poder por décadas.

Difícil situação. Difícil prognóstico. Difícil ser muito otimista. Se uma edição histórica dos Jogos em nossa terra não foi capaz de alterar esta realidade, como achar que o futuro será tão diferente? Não faz parte do meu estilo o pessimismo, mas faz menos ainda ficar tapando o sol com a peneira. Assim, do jeito que acabei de descrever, é o que me parece a realidade do esporte paraolímpico e dos nanicos olímpicos. Assim, foi como enxerguei os acontecimentos durante os Jogos Rio 2016. Com certeza não é a única visão, mas é uma forma de olhar, com a liberdade que (ainda bem!) impera no Brasil.

Futuro Paraolímpico

Mais especificamente falando do esporte paraolímpico, o que eu espero é um grande vazio por algum tempo, até que todos que atuam no setor percebam que a onda se foi e ninguém a surfou. Será um período bem difícil para atletas e associações que desenvolvem o esporte neste segmento. Eles são o elo frágil da cadeia e seguramente pagarão um preço caro pela falta de planejamento pré-Jogos. A maioria absoluta, quase totalidade, depende de verbas públicas para receber bolsas e ajudas de custo, o que já começou a gerar problemas: atrasos, cortes, diminuição de valores e até extinção de alguns projetos.

Com o agravamento da crise econômica nacional, os planos governamentais para apoio esportivo estão recebendo cortes como todos os outros setores de governo nos níveis federal, estadual e municipal. Sem os motores de propulsão dos Jogos Rio 2016 a empurrar

decisões favoráveis para o esporte e sem os holofotes da mídia sobre este tema, cortes na área esportiva ficam muito mais cômodos para os gestores públicos. Isto impacta diretamente na vida dos atletas e, por consequência, nos clubes e associações, já que muitos ainda vivem de repasses de seus próprios atletas, que contribuem para a manutenção das entidades. E outras entidades dependem de apoio financeiro direto de órgãos públicos.

Não tenho conhecimento de um atleta, um clube ou qualquer organização do esporte paraolímpico nacional que possa garantir a mesma qualidade de trabalho que tinha até 2016 apenas com patrocínios ou recursos privados. Ou seja: vai haver uma queda significativa na qualidade do setor.

Além disso, como sempre disse aos meus atletas e parceiros: no esporte é um grande engano achar que resultados em competições são garantia de sucesso financeiro. Mesmo que isso ocorra, o sucesso financeiro depende de outros itens, e o principal deles é o marketing. Neste assunto, amigos, a coisa está muito feia para o esporte paraolímpico.

Soluções? Bom, seria preciso rever tudo, arregaçar as mangas e começar outra vez. Quase do zero, do ponto de vista da estruturação interna, mas com a vantagem de ser um pouco mais notado pelos outros segmentos, ter mais visibilidade hoje do que há doze anos. Creio que um novo plano nacional agressivo de marketing, visibilidade contínua e adequação do produto paraolímpico ao mercado publicitário poderiam ser bem sucedidos no médio e longo prazo. Minha dúvida é se o jogo político interno do Movimento Paraolímpico permitiria que alguém comprasse essa “briga”.

No mais, fica a minha eterna gratidão a este Movimento por me acolher e permitir que mostrasse meu trabalho. Minhas amizades construídas no segmento, meus dias de felicidade com o que via, ouvia, sentia. E, sim, a minha esperança de que tudo isso não tenha sido em vão, apesar do triste hiato que vivemos nos últimos oito anos.

Referências

Texto produzido por relato de memória do autor.

COBERTURA DA MÍDIA TELEVISIVA NOS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016: DO FOCO NA DEFICIÊNCIA AO FOCO NA EFICIÊNCIA ESPORTIVA

TV MEDIA COVERAGE AT THE RIO 2016 PARALYMPICS: FROM FOCUS ON DISABILITY TO FOCUS ON SPORTS EFFICIENCY

Maria Carolina Ferreira REIS¹
mariacarolinareis1@gmail.com

Briefing

The Rio 2016 Paralympic Games demanded a deepening debate on the media's gaze on Paralympic competitions and athletes and the effects produced for the visibility of the Paralympic movement. In order to do so, a qualitative analysis of the stories and reports of two TV programs was carried on: "Jornal Nacional" (National news report) and Fantástico (a weekly news and entertainment program), with the purpose of evaluating the coverage of the Brazilian TVs, more specifically Globo TV, during the Rio 2016 Games. Beforehand, a brief exposition of some analyses on media's behavior during previous Games were presented (Pappous et al (2007) and Novais and Figueiredo (2010)). Two editions of "Jornal Nacional" and two "Fantástico" programs – broadcast during the games and soon after its closure – were analyzed. Two hypotheses were raised and have been confirmed: the first was the fact that as Globo TV coverage did not include the live broadcast of the competitions and the material was edited, the contents of several of them were filled much more by the stories of the athletes and their shortcomings, often exaggerating in the appealing tone, than by their performance in the competitions. As a result, stereotyped and unreal visions of athletes are constructed. The other hypothesis concerned the change of focus: from the focus on disability to the focus on sports efficiency. The analysis of the subjects could verify that, although many subjects are still loaded with sensationalism, there was a change or at least an intention in some of them to focus on the athlete and the sporting achievements. The re-

¹ Doutora em Linguística pela UFMG; professora de português e inglês; tradutora e revisora de textos; Escola Superior Dom Helder Câmara; Instituto Mano Down

sults of these analyzes demonstrated the need for a reassessment of focus by all: committees, sponsors and, above all, the media, aiming at bringing more investments in sponsorships so that more live coverage of the Paralympic competitions are to be made and, consequently, a greater dissemination of the sport and its athletes.

Introdução

As Paralimpíadas do Rio mostraram a necessidade de se aprofundar o debate, envolvendo toda a sociedade brasileira, sobre o olhar da mídia em relação às competições e atletas paralímpicos e os efeitos produzidos para a visibilidade do movimento paralímpico.

A TV aberta não proporcionou uma cobertura das Paralimpíadas semelhante aos Jogos Olímpicos. A TV Globo, por exemplo, não mostrou as competições e nem as cerimônias de abertura e encerramento ao vivo².

É claro que as cotas de patrocínio e o número de anunciantes também eram bem menores do que nas Olimpíadas, evidenciando uma falha na organização dos jogos por parte dos comitês. Assim, com poucos patrocinadores e também com a ideia de que grande parcela da população brasileira não se interessaria pelos jogos, as TVs abertas também não pareciam, em um primeiro momento, muito empenhadas em cobrir “esportivamente” os jogos.

Esse fato pode ter contribuído para que a abordagem adotada pelas emissoras fosse de grande apelo social e emocional, com ênfase na necessidade de superação das deficiências em detrimento à cobertura mais expressiva do desempenho esportivo em si, como foi feito na cobertura das Olimpíadas.

Em excelente artigo publicado em 2013, Marques, Gutierrez, Almeida e Menezes apresentaram uma pesquisa que investigou as formas de relação entre a mídia e a divulgação e comercialização do movimento paralímpico brasileiro. A pesquisa baseou-se em entrevis-

2 É importante ressaltar que a TV Brasil transmitiu a cerimônia de abertura e encerramento e também competições ao vivo. Houve aproximadamente 10h de cobertura diária em todos os dias de competição.

tas semiestruturadas com gestores do Comitê Paralímpico Brasileiro, relativas a processos de administração do movimento paralímpico e formas de relação deste com meios de comunicação.

Apesar de não ser o tema específico daquele trabalho, em uma das questões das entrevistas realizadas, foi abordado justamente o conteúdo da cobertura midiática (“deficiência ‘versus’ feitos atléticos”). A análise das respostas apontou para um certo incômodo dos gestores em relação à cobertura: “Existe certo incômodo em relação à notícia sensacionalista com maior destaque à deficiência, pois ela coloca a pessoa em uma posição de inferioridade. Por outro lado, o destaque aos feitos atléticos pode transmitir a ideia de que as pessoas com deficiência têm importância e destaque na sociedade”. (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA; MENEZES, 2013, p.588).

Ainda nesse trabalho, os autores concluíram que, com base nos discursos dos entrevistados, os veículos de comunicação ainda tratavam “o esporte paralímpico não como um fenômeno exatamente esportivo, mas sim, como um espaço de exposição e apresentação de pessoas que buscam se afirmar socialmente” (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA; MENEZES, 2013, p.594).

Nos Jogos do Rio, a partir do momento em que os ingressos tiveram seus valores reduzidos, a procura por ingressos cresceu rapidamente e o público lotou as competições. Apesar de, em um primeiro momento, os torcedores terem sido “motivados” pelos preços mais acessíveis, o que se constatou, já no início das competições, foi o entusiasmo de torcedores que se surpreendiam ao ver atletas de alto rendimento e disputas de alto nível, enquanto atletas também se surpreenderam com uma torcida entusiasmada e disposta a conhecer e curtir as modalidades esportivas paralímpicas. Além disso, a internet, principalmente as redes sociais, fez o importante papel de divulgação e transmissão dos eventos o que fez com que o público brasileiro, já durante a Cerimônia de Abertura, questionasse as emissoras de TVs abertas sobre o tratamento dado aos Jogos Paralímpicos.

A partir desses questionamentos e de uma breve pesquisa do próprio conteúdo veiculado, durante os jogos, pelas TVs abertas, mais especificamente pela TV Globo, este trabalho aqui desenvolvido procurou verificar em que medida houve mudanças no foco da cobertura

dos Jogos Rio 2016. Buscou-se também avaliar as causas e os efeitos dessas mudanças principalmente no que diz respeito ao processo de crescimento da visibilidade do esporte paralímpico e em relação à desconstrução de estereótipos associados aos atletas paralímpicos.

O Olhar Da Mídia Em Jogos Paralímpicos

Desde a primeira edição das Paralimpíadas em 1960, em Roma, vários estudos já foram feitos sobre a atuação da mídia nos Jogos Paralímpicos. Alguns trabalhos envolveram análises comparativas entre a cobertura das Olimpíadas e das Paralimpíadas; outros avaliaram de que maneira os atletas paralímpicos são apresentados ao público e há ainda aqueles que mostram como a mídia acaba contribuindo para a construção e desconstrução de estereótipos e visões preconceituosas dos atletas e do próprio esporte paralímpico.

Na análise da cobertura fotográfica de sete jornais impressos espanhóis durante os Jogos Paralímpicos de 1996, 2000 e 2004, feita por Pappous et al. (2007), os autores mostraram que as imagens divulgadas reforçavam estereótipos associados às pessoas com deficiência já que eram mostradas com suas deficiências ocultas. Ademais, os atletas eram sempre retratados em postura passiva e sem que aparecesse algum dos elementos que evidenciassem de que se tratava de um evento esportivo: o campo da competição, o uniforme dos atletas. (SANTOS; SOUZA, 2016).

O estudo de Novais e Figueiredo (2010) constatou, ao investigar quatro portais de informação da internet, dois do Brasil e dois de Portugal, que foram publicados em média 70% de matérias sobre os Jogos Olímpicos de Pequim e somente 30% sobre os Jogos Paralímpicos. Além disso, a análise qualitativa mostrou que:

“ao contrário dos elementos frequentes na cobertura [olímpica] que confirmam o enquadramento mitológico dos atletas olímpicos, no caso dos paratletas, se verifica a coexistência do estereótipo de coitadinho/fardo com o do super-herói confirmando a última hipótese deste estudo. De fato, a descrição dos paratletas alterna entre momentos em que apenas a deficiência está em evidência o indivíduo é visto como coitadinho, mas ao se

transformar em atleta de alto nível, recordista mundial, medalhista paraolímpico, o portador de deficiência é o herói, que superou suas próprias dificuldades. Tal constatação é consentânea com os resultados de Calvo (2001) que concluiu que, para além de exíguas, as representações midiáticas das pessoas com deficiência, transmitem, frequentemente, a imagem do incapacitado que não consegue solucionar seus problemas, ou então a do “super-herói”, com algumas capacidades mais desenvolvidas em detrimento de outras, acabando por reforçar estereótipos, estigmas e posturas preconceituosas”. (NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010, p.87)

As reflexões de Novais e Figueiredo foram corroboradas em trabalho bem recente apresentado no V Congresso Paradesportivo Internacional em Belo Horizonte. Reis (2016, p.242-248) analisou o conflito entre os discursos dos atletas e da mídia. Mais especificamente, procurou investigar de que maneira os termos “atletas de alto-rendimento” e “super-heróis paralímpicos” se constituem como manifestações linguísticas das representações das identidades do atleta paralímpico. Para análise, investigaram-se as ocorrências desses termos em matérias veiculadas no período de 3/09/2016 a 22/09/2016 em jornais e blogs.

A análise quantitativa mostrou uma frequência alta do termo “atletas de alto-rendimento”, principalmente durante o período de realização dos Jogos. Contudo, ao se analisarem as matérias de maneira qualitativa, a autora constatou que o termo é mais usado somente pelos atletas. Por outro lado, apesar de os atletas rejeitarem o “rótulo” de “super-heróis”, o termo continua sendo usado pelo público e mídia (até por pessoas envolvidas no contexto paralímpico). Dessa forma, o estudo concluiu que ainda é necessário se avançar muito na linguagem utilizada pela mídia para que não se reforcem estereótipos ainda presentes em relação aos atletas paralímpicos e que influenciam na construção da sua identidade de atleta (REIS, 2016).

Assim como foi feito para os Jogos de Londres em que o Comitê Paralímpico Inglês produziu um guia para a mídia chamado “Guide to Reporting on Paralympic Sport”, o Comitê Paralímpico Brasileiro apoiou a parceria entre a Universidade de Kent e a Universidade Federal do Paraná para que fosse elaborado um guia para os Jogos do Rio.

O objetivo do Guia era justamente “fomentar uma cobertura mais inclusiva e justa do esporte para pessoas com deficiência” e tentar evitar “uma cobertura estereotipada e irrealista dos Jogos e dos atletas” (PAPPOUS; SOUZA, 2016, p.4). Desse modo, o guia se propôs a mostrar quais seriam os termos mais adequados para a elaboração dos textos das matérias, que conteúdos deveriam ser enfatizados, que tipos de imagens deveriam ser evitadas e tipos de fotos que promoveriam o empoderamento dos atletas (PAPPOUS; SOUZA, 2016).

No que diz respeito ao conteúdo dos textos, o Guia indicava claramente que a regra básica deveria ser: “falar do atleta primeiro e depois da deficiência”. Outro aspecto importante seria não tratar o atleta como “vítima” ou “sofredor” e nem enfatizar aspectos trágicos da vida do atleta. Por último, o guia solicitava que a mídia priorizasse os feitos esportivos e não as deficiências, ou seja, que o espaço das notícias tivesse como foco o desempenho dos atletas e as competições em si.

Mesmo com todas essas informações, com o ótimo desempenho dos atletas nas edições anteriores, com a evolução tecnológica, com o crescimento do interesse da sociedade pelo esporte paralímpico que se viu desde os Jogos de Londres e com um avanço do movimento a favor das pessoas com deficiência consolidado pela Lei Brasileira da Inclusão, constataram-se ainda muitos equívocos e matérias carregadas de sensacionalismo, com foco mais na deficiência do que na eficiência esportiva.

Há, contudo, de se ressaltar que houve sim vários momentos nas TVs abertas em que se mostraram os feitos esportivos, mas, como eram editados, perdia-se a capacidade de revelar o esporte paralímpico tal como ele é.

A seguir procura-se avaliar a cobertura das Paralimpíadas pela TV Globo por meio da análise qualitativa de algumas matérias produzidas durante o período dos Jogos. O intuito é verificar qual foi o foco dado e se houve, em algum momento, alteração deste foco.

A Cobertura Das Paralimpíadas Pela TV Globo

Como os brasileiros puderam constatar, a cobertura das Para-

limpiadas pela Rede Globo, diferentemente das Olimpíadas, foi bem menor. Apesar de ser uma das emissoras oficiais dos Jogos, ela exibiu, durante as Paralimpíadas, somente um boletim depois do “Jornal da Globo”, que tratava dos destaques do dia paralímpico. O canal até teve entradas ao vivo, mas dentro de alguns de seus programas, como o Esporte Espetacular e o Globo Esporte. A cerimônia de abertura foi transmitida em um compacto, após a rodada do futebol e a cerimônia de encerramento, também em compacto, entrou na programação depois do Fantástico.

As críticas a essa cobertura foram intensas. Já durante a cerimônia de abertura, o público foi para as redes sociais protestar. Muitos disseram que, para as Olimpíadas, a Globo deixou de apresentar novelas e mudou a grade de programação e que, para as Paralimpíadas, ela não se interessou em exibir os eventos ao vivo, por receio de não ter audiência. A crítica maior ficou associada ao fato de que o discurso “inclusivo” e de valorização das diferenças propagado pela emissora em vários momentos de sua programação ao longo dos últimos anos ficou distante da prática em um dos mais importantes momentos para o esporte paralímpico brasileiro.

Na época, a Globo rebateu as críticas, em uma nota enviada ao site UOL, afirmando que:

Toda a programação da Globo está abraçada aos Jogos Paralímpicos. Durante o dia, estamos entrando com flashes para mostrar momentos especiais de atletas brasileiros e da competição. O tema está presente nos nossos programas esportivos, jornalísticos e, inclusive, nos de entretenimento. Diariamente, a Globo coloca no ar o Boletim Paralímpico, programa criado especialmente para os Jogos, comandado pela apresentadora Cristiane Dias com comentários de Fernando Fernandes.

Mas o nosso compromisso com os valores paralímpicos vai além da transmissão. Desde muito antes de os jogos começarem, incentivamos a compra de ingressos antecipadamente, mostramos a chegada das delegações e dos atletas, a preparação da cidade para receber o evento, as questões de acessibilidade e os melhores momentos da Cerimônia de abertura em horário

nobre com grande audiência³.

Ainda segundo o site UOL, tanto os atletas quanto a organização da Rio 2016 preferiram não criticar a posição da Globo em não exibir as competições ao vivo. O jogador Ricardinho, camisa 10 da seleção brasileira de futebol de 5, comentou que: “Já foi muito pior, antigamente as pessoas nem sabiam o que era futebol de cegos, agora já passa na TV a cabo”. Já o porta-voz da organização da Rio 2016, Mario Andrada, afirmou que: “Não temos recebido nenhuma outra coisa da Globo que não seja apoio. Apoio incondicional. O programa noturno da emissora é muito bom. Aos poucos, os Jogos Paralímpicos vão ganhando seu espaço e isso ficará como legado da Rio 2016”⁴.

Os principais programas jornalísticos, porém, foram generosos com os Jogos. Na noite do dia 9 de setembro, por exemplo, o Jornal Nacional dedicou mais de um terço do noticiário aos paralímpicos. As edições do Fantástico do dia 11 e do dia 18 de setembro apresentaram várias matérias relacionadas aos Jogos Paralímpicos. No dia 19 de setembro, um dia após o encerramento dos Jogos, o Jornal Nacional levou para a sua bancada o nadador Daniel Dias e o entrevistou por quase seis minutos. Isso sem considerar os programas de esportes que veicularam várias reportagens sobre os atletas e sobre as competições e matérias especiais.

Seria injusto dizer, então, que a cobertura dos Jogos pela Rede Globo foi inexpressiva? Talvez, sim. Não há dúvidas de que o esporte Paralímpico ganhou muito mais visibilidade e a Globo teve considerável participação nesse crescimento. Contudo, é preciso avaliar também em que medida “o espaço das Paralimpíadas” nos programas da emissora foi ocupado por conteúdos associados aos feitos esportivos ou se o foco permaneceu nas deficiências, nas experiências de superação e no sensacionalismo de histórias trágicas dos atletas.

Para esta avaliação analisaremos qualitativamente os conteúdos

3 Informações retiradas do site UOL. Disponível em: <http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/09/13/por-que-a-globo-nao-mostra-a-paraolimpiada-ao-vivo.htm>. Acesso em: 14 dez.2016.

4 Informações retiradas do site UOL. Disponível em: <http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/09/13/por-que-a-globo-nao-mostra-a-paraolimpiada-ao-vivo.htm>. Acesso em: 14 dez.2016.

das matérias relacionadas às Paralimpíadas no Jornal Nacional do dia 9 de setembro e 19 de setembro (um dia após o término das Paralimpíadas) e as matérias do dia 11 de setembro e 18 de setembro, veiculadas no programa semanal Fantástico.

Uma das hipóteses a ser investigada é a ideia de que, ao editar matérias e apenas dar notícias sobre os eventos das Paralimpíadas sem passar nenhuma competição ao vivo, as reportagens têm ainda em seu conteúdo muitos trechos carregados de apelo social e emocional ou ainda que foquem na deficiência ou nas histórias de “superação” dos atletas.

As datas dos programas foram assim escolhidas porque se busca verificar também a hipótese de que com os Jogos Paralímpicos em andamento e com a adesão e interesse cada vez maior do público assim como um contato maior com as competições e atletas, teria havido sim uma mudança de foco por parte da emissora, dando mais ênfase ao desempenho dos atletas e do Brasil e às competições.

Jornal Nacional do dia 9 de setembro de 2016

Como já dito, o Jornal Nacional do dia 9 de setembro dedicou, dos 35 minutos de programa, 15 minutos a notícias e matérias sobre os Jogos Paralímpicos. Os primeiros 10 minutos mostraram um resumo das provas e resultados dos atletas brasileiros, ressaltando os medalhistas do dia. Durante este resumo, a prova (400m) do medalhista de ouro no atletismo, Daniel Martins, atleta da classe T20 (deficiência intelectual), não foi mostrado na íntegra (apenas o início e a chegada), mas a história do atleta foi contada e uma pequena entrevista com ele e seus pais foi realizada. A transcrição da reportagem sobre Daniel Martins revela que, mesmo não dando ênfase a deficiência (a palavra deficiência só aparece uma vez), a matéria, seja para contextualizar ou para emocionar, não foca na prova em si e na eficiência do atleta:

“Daniel Martins bate recorde e é ouro brasileiro nos 400m da Paralimpíada”

Atleta tem deficiência intelectual e conquistou o público com seu sorriso. “Sempre foi assim. Já nasceu rindo”, conta a mãe, Yo-

landa Tavares.

William Bonner: Pelo segundo dia seguido, o Brasil conquistou o ouro no atletismo paralímpico nesta sexta-feira (9) com o Daniel Martins.

Repórter Carol Barcellos: Naquele momento em que a câmera é só deles, é a hora de deixar sua marca.

Anota aí: Brasil. Carregando o país no peito aos 20 anos. Era a estreia de Daniel Martins em Paralimpíadas.

Sério. Quase marrento. Mas só por 47 segundos e 22 centésimos. Só até conquistar o ouro nos 400 metros, na categoria T20, para atletas com deficiência intelectual, que tem dificuldade de memorizar estratégias e informações.

Daniel ainda bateu o recorde mundial, que já era dele. Mas não foi só pela velocidade que Daniel impressionou e conquistou o estádio olímpico não. Como resistir a esse sorriso?

Esta sim é a marca do Daniel. É olhar para ele e ter vontade de sorrir junto.

Na volta com a bandeira, ao se abaixar para ajudar o adversário a tirar as sapatilhas, uma cativante mistura de simplicidade e alegria. “Não para, sempre foi assim. Já nasceu rindo”, conta a mãe Yolanda Tavares.

Só na escola dona Yolanda percebeu que o caçula tinha dificuldade de aprendizado. Não conseguia prestar atenção num mesmo assunto por muito tempo.

Na raia, os movimentos parecem algo natural, instintivo. “Tem que ser feliz independente do que aconteça. Tem que mostrar o sorriso e botar as canelinhas para correr”, diz o atleta.

Que dirá depois da primeira medalha de ouro! “Acho que vou ficar o dia inteiro rindo”, comemora.

Em pouco tempo, não teria como resistir. “Eu tinha prometido para mim mesmo que não ia chorar. Mas quando eu vi ele chorando, acabei chorando também. Se todo mundo pudesse chorar por um motivo desse seria bom”, diz o pai, Delmiro Alves Martins.

Algo novo com que ele ainda não sabe muito bem como lidar. Ainda que sejam lágrimas de uma intensa alegria⁵. (grifo nosso)

No trecho destacado, pode-se perceber que, ao dizer “mas não foi só pela velocidade que Daniel conquistou...”, a repórter vê uma necessidade de mostrar outra característica do atleta que não diz respeito ao seu desempenho esportivo e, daí em diante, a reportagem não mais aborda a prova em si.

Esse trecho da reportagem com o uso do “mas” remete a discursos que, apesar de serem bem “intencionados”, são a manifestação sutil de preconceitos contra as pessoas com deficiência. Alguns exemplos podem ser citados: “A sua filha tem Síndrome de Down, mas é tão carinhosa e alegre” ou “Aquele atleta é cego, mas é muito talentoso”. Essas frases soam como se precisasse sempre haver uma “compensação” para a deficiência.

Por que enfatizar outros aspectos do atleta e não somente o lado esportivo? Uma boa reflexão seria analisar reportagens sobre corredores do atletismo das Olimpíadas. É lógico que muitas reportagens sobre Usain Bolt, por exemplo, não focavam só no seu desempenho como atleta, mas abordavam seu carisma, seu sorriso, sua animação⁶. No entanto, houve também numerosas reportagens com fisiologistas, cientistas esportivos que detalhavam e explicavam o desempenho esportivo do jamaicano, além de todas as suas provas terem sido mostradas ao vivo (com interrupção da programação, inclusive) na Rede Globo. Não se pode esquecer que isso ocorreu não só pelo fato de Bolt ser um atleta fenomenal, mas também devido aos altos valores desembolsados pelos patrocinadores para os comitês e redes de televisão.

Depois da reportagem sobre o Daniel Martins que durou quase dois minutos, o Jornal prosseguiu seu resumo do dia Paralímpico, abordando principalmente as outras medalhas conquistadas pelos brasileiros. Fez também uma reportagem sobre o tiro esportivo.

5 Transcrição da reportagem do Jornal Nacional do dia 9/09/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/09/daniel-martins-bate-recorde-e-e-ouro-brasileiro-nos-400m-da-paralimpiada.html>. Acesso em: 20 dez. 2016.

6 Ver reportagem do Jornal Nacional do dia 15/08/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/08/usain-bolt-o-homem-raio-conquista-o-coracao-dos-brasileiros.html>. Acesso em 20 dez. 2016.

Os cinco minutos finais do Jornal também foram dedicados aos Jogos, mas a matéria abordava a “volta” do movimento no Parque Olímpico que estava lotado e as atividades realizadas no Parque para o público, principalmente para as crianças, que poderiam conhecer as diversas modalidades do esporte paralímpicos. Na transcrição, observa-se que a reportagem procura mostrar que o público “abraçou” os Jogos (lotando o parque) e está se divertindo. Contudo, há ainda alguns pontos na reportagem que merecem uma atenção já que nosso intuito aqui é avaliar a “visão” da mídia e do público sobre os Jogos e sobre os atletas.

Renata Vasconcellos: O clima de festa está de volta ao Parque Olímpico, no Rio, nesses dois primeiros dias de competições da Paralimpíada:

Repórter Lília Telles: Nem precisava de música para ficar animado. Mas com ritmo de samba no Parque Olímpico a alegria aumentou muito. E ela arrastou uma multidão de todas as gerações.

“Todo mundo feliz. As crianças adorando, sambando horrores”, diz Nathália Melo, médica, de Santo Antônio de Pádua.

O preço dos ingressos, variando entre R\$ 10 e R\$ 70, ajudou a lotar o parque.

“A gente já assistiu os jogos, a gente já dançou, já brinquei. Já fiz muita coisa”, conta Maria Paula, de 8 anos.

Mais de oito mil alunos de 53 escolas públicas e particulares se juntaram à festa.

No sábado (10), deve ser o recorde de público, até da Olimpíada: 167 mil pessoas.

Tem torcedor que ainda mal se equilibra nos primeiros passos, mas já veio com a família.

“O parque está lindo, com acessibilidade. Muitas coisas para a criança fazer. Está tudo maravilhoso, excelente”, elogia o médico Vitor Albuquerque.

“Eu amei. Eu amei porque eu tenho uma especial. Vim com uma turma de seis especiais que se sentiram muito à vontade por ter

outros especiais no meio”, conta Mariana de Souza.

Com o parque lotado de crianças, elas ganharam um lugar só para elas. Um espaço foi criado para quem tem, no máximo, 12 anos de idade. É onde os pequenos se divertem e aprendem a o valor dos nossos atletas paralímpicos.

As quadras improvisadas recriam algumas modalidades da Paralimpíada.

“Tem futebol de cego ali. Tem a corrida de cego logo lá no fundo com o vôlei sentando, um outro jogo que eu não sei o nome e handebol. Handebol vendado e basquete vendado”, explica Bruno Nascimento, de 7 anos.

Assim, sem enxergar, a garotada tenta se entender com o goalball.

“Não dá para saber onde está o gol, onde está o adversário. Então eu joguei de qualquer jeito. A gente vê como é que eles sofrem, como que eles jogam, como eles vivem”, disse Gabriel Cunha, de 7 anos.

No futebol de 5, o desafio também é grande.

“Parece que fica meio perdido. Bastante difícil. Tem que ter um talento muito grande”, afirma Júlia Rocha, de 10 anos.

Um dia inteiro de diversão e respeito para ficar na memória⁷.
(grifo nosso)

Quando a repórter diz: “recorde de público, até⁸ da Olimpíada” revela-se uma certa surpresa do emissor com o fato de que os Jogos Paralímpicos interessariam a um público tão grande, inclusive maior do que o dos Jogos Olímpicos.

A matéria mostra também uma visão equivocada que a sociedade tem e que é ainda muito propagada pela mídia de que os atletas são “sofredores”, que o esporte é “bastante difícil”. Isso é duramente

7 Transcrição da reportagem do Jornal Nacional do dia 9/09/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/09/parque-olimpico-faz-sucesso-entre-criancas-na-paralimpiada.html>. Acesso em: 20 dez. 2016.

8 Segundo Koch (1992), a palavra “até” quando empregada como um operador argumentativo pode ter duas funções: introduzir enunciados pressupostos e estabelecer a hierarquia numa escala, assinalando ideia de inclusão de elementos.

criticado pelos atletas que não querem, de jeito nenhum, serem rotulados como vítimas. É claro que a reportagem não pode alterar o que foi dito por um entrevistado, mas caberia, no final da reportagem, reforçar a ideia de que os atletas não são sofrendores (como sugere o Guia).

No final da edição, foram mostradas imagens do dia Paralímpico acompanhadas por um texto em um tom emocional, sensacionalista. Todavia, as imagens focavam mais nos feitos esportivos do que nas condições de cada atleta.

Jornal Nacional do dia 19 de setembro de 2016

A edição do Jornal Nacional do dia 19 de setembro, um dia após o encerramento dos Jogos, começou mostrando um balanço do Comitê Paralímpico Brasileiro sobre a participação do Brasil nos Jogos. Na matéria, o repórter Marcos Uchôa entrevista o Presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro que aborda também o legado dos Jogos:

William Bonner: Terminada a festa, o Comitê Paralímpico Brasileiro apresentou nesta segunda-feira (19) um balanço da participação do Brasil nos Jogos do Rio.

Repórter Marcos Uchôa: Uma competição com 220 recordes mundiais, 212 recordes paralímpicos, é necessariamente de alto nível. Para os brasileiros, os números também foram superlativos. Foram 72 medalhas contra 43 na Paralimpíada de Londres, em 2012.

E se em Londres as medalhas do Brasil vieram em apenas sete modalidades, no Rio foram 13. Pela primeira vez tivemos medalhas em esportes como canoagem, ciclismo, halterofilismo, vôlei sentado. E 15 desses medalhistas tinham menos de 23 anos, quer dizer, vão longe.

“A gente fez uma base muito grande para 2020, 2024. Claro, ficamos longe da nossa meta em medalhas de ouro? Ficamos. Mas essa também, por outro ponto de vista, pode ser percebida como a melhor participação brasileira da história: 72 medalhas colocariam o Brasil em sexto pelo ranking de medalhas”, explica Andrew Parsons, presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro.

O Comitê Paralímpico Brasileiro tinha estabelecido como meta a quinta colocação no quadro de medalhas. Para tanto, precisaríamos de pelo menos mais nove medalhas de ouro, além das 14 que conquistamos. E, por isso, acabamos em oitavo.

A cerimônia de encerramento da Paralimpíada no domingo (18), no Maracanã, foi a última oportunidade de celebrar esses atletas extraordinários. Mas em que tudo isso pode ajudar os milhões de ordinários, aqueles que não são campeões? Essa uma medida de sucesso talvez ainda mais importante.

“Eu não tenho dúvida que vai mudar a sociedade brasileira, quando você tem dois milhões de pessoas lá e muitas outras pela televisão, vibrando, torcendo, colocando seu foco naquilo que essas pessoas fazem de melhor, e não na deficiência que por ventura elas tenham. Isso bota a deficiência em perspectiva, muda a cabeça, muda o coração, e a gente começa a mudar enquanto sociedade. A Paralimpíada não é um ponto final, pelo contrário, ela é um catalisador, é o ponto do início de uma mudança”, conclui Andrew Parsons⁹. (grifo nosso)

Como se percebe, desde o início da matéria, o foco é o desempenho esportivo do Brasil e as perspectivas esportivas para os próximos Jogos. Além disso, ao apresentar as palavras de Andrew Parsons, presidente do Comitê Paralímpico, que deixaram claro que a mudança de visão em relação aos atletas paralímpicos era também um dos objetivos que parece ter sido alcançado, a emissora parecia comprovar que essa mudança ocorreu também no conteúdo de suas matérias ao longo dos Jogos:

O foco na eficiência esportiva continuou no conteúdo da reportagem sobre Daniel Dias:

O recorde brasileiro de medalhas paralímpicas teve a ajuda fundamental de um fenômeno das piscinas.

Estádio aquático. Com certeza Daniel Dias vai guardar boas recordações daquele lugar. As arquibancadas viram e vibraram

⁹ Transcrição da reportagem do Jornal Nacional do dia 19/09/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/09/na-paralimpiada-do-rio-brasil-soma-72-medalhas-em-londres-foram-43.html>. Acesso em: 20 dez.2016.

com números impressionantes do nadador, que se dividiu entre a piscina e o pódio.

Ele nadou nove vezes e foi ao pódio em todas. Quatro ouros, três pratas e dois bronzes. Chegou a 24 medalhas paralímpicas na carreira. Nenhum nadador ganhou mais do que ele.

Mas as medalhas não serão as únicas lembranças desse lugar. O barulho todo quando o nome dele era anunciado vai deixar saudades. Torcida que se viu diante de um novo ídolo. Daniel começou a nadar depois que viu pela TV Clodoaldo Silva na Paralimpíada de 2004. No Rio, o nadador veterano se aposentou e virou mais um fã: “Que ele possa nadar 10, 20, 30 provas, e possa estar ganhando todas elas.”

Por causa de malformação congênita, Daniel nasceu sem parte dos braços e da perna direita. Sem as mãos, o impulso e a velocidade na água acabam prejudicados. Mas, na piscina, é difícil pensar que estamos falando de uma pessoa com deficiência ao vê-lo deixando os adversários para trás.

“A gente tem um trabalho muito forte de perna, que é o que me faz ir para a frente, vamos dizer assim. E um giro de braço muito rápido. Não tenho a mão para puxar, mas quando eu giro muito rápido, eu consigo também estar ajudando, de certa maneira, a minha perna”, explica ele.

Paralimpíada em casa e Daniel estava em família. Pai, mãe, esposa, filhos. Asaph, de 2 anos, e Danielzinho, de 10 meses. Sem a mínima dúvida, as maiores conquistas da vida do nadador supercampeão¹⁰ (grifo nosso).

Aqui, tanto o repórter quanto Daniel Dias falam da deficiência dele para explicar de que forma o atleta desenvolve o seu nado e tem os excelentes resultados que tem. Assim, o foco não é a deficiência e sim a eficiência do atleta.

A mudança de foco ficou ainda mais evidente na entrevista ao

10 Transcrição da reportagem do Jornal Nacional do dia 19/09/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/09/daniel-dias-nada-nove-vezes-na-paralimpiada-e-vai-ao-podio-em-todas.html>. Acesso em: 20 dez. 2016.

vivo com o nadador e que foi apresentada neste mesmo dia:

JN: O que você gostaria que ficasse como legado da Paralimpíada?

Daniel Dias: Fala-se muito em medalhas, mas o grande legado que a gente vai deixar é o valor da pessoa com deficiência, do atleta paraolímpico, e de entender que todos nós somos capazes, que não ter os braços e uma perna não define o que somos. O que define cada um de nós está dentro de nós.

JN Todos nós levamos muitos “nãos” na vida, somos desestimulados, “você não tem jeito para isso”, “você não vai dar certo”. Quando você decidiu ser nadador, ser atleta, como foi na sua família? O que disseram para você?

Daniel: A minha família sempre me apoiou em tudo o que eu quis fazer. Meus pais nunca colocaram limites na minha vida, de realização e capacitação. Quando adolescente quis aprender a andar de bicicleta e meus pais, quando puderam, me deram a bicicleta e eu aprendi a andar. Quando assisti a Paralimpíada de Atenas, eu disse: ‘Eu quero um dia quem sabe aprender algum esporte, praticar um esporte adaptado’. Meus pais me incentivaram e fizeram de tudo para que eu pudesse realizar esse sonho. Eu acho que eles investiram bem.

JN: Essa sua decisão tem a ver com o desempenho do Clodoaldo Silva?

Daniel: Tem. Eu pude ver o Clodoaldo conquistando seis medalhas de ouro e uma de prata em Atenas, aquilo me despertou o interesse por eu sempre gostar de esportes. Eu pensei: Poxa eu quero um representar meu país numa competição internacional, e foi assim que eu comecei a praticar natação.

JN: Muita gente diz que ao longo do tempo as Paralimpíadas têm ganhado uma importância cada vez maior. Você participou da sua terceira. Você concorda com quem diz isso?

Daniel: Sem dúvida. Aqui foi um marco para o esporte paralímpico brasileiro. E mundialmente também. Começou em Londres. Após Londres já foi algo incrível de público e de mídia. E aqui a gente mostrou o que é o torcedor brasileiro. A gente não bateu

recorde de Londres de público, mas a gente chegou muito próximo disso. Fiquei extremamente feliz com o que eu vi. Esse é um grande legado que a gente deixou também, mostrar que o esporte paralímpico é, sim, esporte de alto rendimento.

JN: Isso te emocionou? A presença enorme de crianças chegando em ônibus para ver? Os ingressos também estavam mais baratos. Houve uma presença maciça de pessoas e não necessariamente de pessoas com deficiência.

Daniel: Sim, independente da cor da medalha que a gente conquistava, independente da posição que a gente chegava, quando a gente saía, a gente olhava aquelas crianças com os olhos brilhando. Elas não se importavam se eu ia sentar numa cadeira de rodas, se eu ia colocar minha prótese, e sim, eles estravam sorrindo, vibrando por ver que, assim como nós somos capazes, elas também são capazes de realizar os sonhos delas. Eu recebi um carinho enorme. Eu olhava crianças sem nenhuma deficiência, sorrindo e vibrando comigo, me dando parabéns, e os pais juntos, vibrando também, dizendo: “Você é um exemplo para minha família”.

JN: E Tóquio? Já começou a treinar? Quais são seus planos?

Daniel: Agora quero descansar, aproveitar ao máximo essas conquistas, esse grande momento que a gente está vivendo e quero sentar com toda a minha equipe multidisciplinar e fazer um planejamento para este próximo ciclo. Com certeza que quero estar presente em Tóquio.

JN: Você pode mostrar para a gente o barulhinho da medalha?

Daniel: Cada uma tem um barulho diferente. Isso é novidade do Rio. Sempre teve o braile nas medalhas, mas o guizo foi algo espetacular, algo incrível. Eu fiquei com um eficiente visual no meu apartamento e ele ganhou uma de bronze. Ele pediu para ver a de ouro porque o barulho é diferente. Foi muito legal.

JN: Será que seus filhos vão seguir o mesmo caminho?

Daniel: Espero que eles pratiquem algum esporte. O esporte nos ensina muito, me ensinou e ensina até hoje. Eu vou incentivá-los

sem dúvida nenhuma à prática esportiva. Quero aproveitar para mandar uma mensagem para minha mãe, que é aniversário dela. ‘Mãe, não esqueci, parabéns, eu te amo muito, agradeço a Deus por ter a senhora na minha vida’¹¹.

Embora Daniel Dias tenha iniciado sua primeira resposta abordando como maior legado das Paralimpíadas a valorização da pessoa com deficiência, ele completou sua fala dizendo que não é a deficiência que define a pessoa. O mais importante da visibilidade dada com esta entrevista é constatar que Daniel Dias tornou-se um ídolo do esporte brasileiro com poder para ocupar a bancada do Jornal Nacional e isso também é essencial em relação a mudança de foco de uma cobertura do esporte paralímpico.

O programa Fantástico do dia 11 de setembro

O programa Fantástico é um programa semanal da Rede Globo exibido nas noites de Domingo, considerado “uma revista eletrônica” com matérias e reportagens especiais. No dia 11 de setembro de 2016, quatro dias depois dos Jogos começarem, exibiu quatro matérias relacionadas aos Jogos.

Na análise feita, constatou-se que o conteúdo de todas as quatro reportagens não focou nas competições que estavam ocorrendo. A primeira matéria exibida mostrou os resultados do atletismo do Brasil bem sucintamente e depois explorou a conexão entre os atentados do dia 11 de setembro de 2001 com a história da triatleta americana ferida na guerra do Iraque.

Já a segunda reportagem contou a história de Rodolfo Riskalla, adestrador do time Brasil:

Rodolpho Riskalla é um mestre de uma tradição milenar: o adestramento. Ele era uma promessa no adestramento brasileiro, mas teve meningite bacteriana e precisou amputar parte das pernas. Como um adestrador de si mesmo, ele tornou tarefas

¹¹ Transcrição da entrevista de Daniel Dias ao Jornal Nacional do dia 19/09/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/09/com-certeza-querou-estar-presente-em-toquio-diz-daniel-dias-ao-jn.html>. Acesso em: 20 dez. 2016.

complexas simples outra vez e - mais que participar da Paralimpíada - ele diz que vai atrás de medalha para o Brasil.

O animal não percebe deficiências. As habilidades inesgotáveis de Rodolpho fazem a palavra “deficiente” perder todo o seu significado. O atleta repete nossos antepassados e volta a fazer do cavalo um poderoso instrumento de conquista¹².

Mesmo que o texto da reportagem tente desconstruir a ideia de “sofrimento” ou de que a “deficiência não é percebida”, isso não altera o efeito de sentido de todo o discurso carregado de sensacionalismo justamente porque não houve um contraponto para mostrar o atleta e o esporte. O fato de se iniciar a matéria pela história trágica e não pelo esporte já impediu que o telespectador reconhecesse Rodolfo Riskalla como atleta.

Talvez, a matéria mais “fora de propósito” das Paralimpíadas tenha sido sobre os atletas Matt Stutzman e Marieke Vervoort. A matéria explorou as histórias dos atletas, principalmente a atleta Marieke, mostrando e praticamente “julgando” a sua decisão de realizar a eutanásia:

“Estou cruzando os dedos para vir um ouro agora”. Essa é uma das expressões que o americano vice-campeão paralímpico Matt Stutzman usa com todo bom humor. O arqueiro sem braços é um desses fenômenos que a Paralimpíada apresenta ao mundo. Matt aprendeu a dirigir, criou maneiras próprias de se alimentar e desenvolveu as técnicas para atirar as flechas. Se casou, teve três filhos e fez do esporte mais um motivo para ser feliz.

Felicidade e morte não costumam caminhar juntas. Mas no caso de Marieke Vervoort correm lado a lado na mesma raia. “Quero ser lembrada como a moça que sempre sorria, que mesmo sofrendo tentou ver o que há de melhor”. Parece despedida. E é. do esporte, com certeza. Os Jogos do Rio são os últimos da belga de 37 anos que sofre de uma grave doença degenerativa.

Mas o que chamou a atenção de toda a imprensa mundial esta

¹² Transcrição de matéria no Programa Fantástico do dia 11/09/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/09/adestrador-supera-doenca-e-tenta-medalha-na-paralimpiada.html>. Acesso em: 20 dez. 2016.

semana foi saber que a atleta se programou para morrer. A lei da Bélgica autoriza a eutanásia, a morte assistida por médicos. Marieke já conseguiu documentos que permitem que ela decida quando vai realizar o procedimento. Hoje, ela negou que vá fazer isso assim que a Paralimpíada terminar, como afirmou um jornal francês.

Medalhista de prata nos 400 metros, Marieke disputa os cem metros no sábado (17). É a única data marcada na agenda. A partir daí quer curtir cada dia como se fosse o último, sem se preocupar quando, de fato, esse último momento vai chegar. No fim das contas, atletas como Marieke e Matt sabem que são os momentos de alegria e emoção que ficam eternizados na vida de qualquer um¹³.

Assim como na matéria do adestrador, a ênfase foi dada nas histórias dos atletas, principalmente na decisão de Marieke de fazer eutanásia. Somente em uma frase havia uma descrição do seu feito esportivo. A reportagem completa em vídeo¹⁴ apresenta ainda toda uma discussão sobre a eutanásia no Brasil confrontando a lei brasileira com a lei belga e apresentando a opinião de juristas sobre a eutanásia.

A última matéria do programa sobre as Paralimpíadas noticiou uma medalha de Daniel Dias na natação, mas depois abordou mais a despedida das piscinas de outro nadador brasileiro, Adriano de Lima.

O programa Fantástico do dia 18 de setembro

O programa do Fantástico do dia 18 foi apresentado no último dia das Paralimpíadas. Enquanto o Sportv e a TV Brasil mostravam a festa de encerramento ao vivo, a Globo fez algumas reportagens sobre os últimos dias e mais especificamente sobre os resultados do último dia. Há de se ressaltar que o programa daquele domingo foi todo reestruturado de última hora por causa da morte trágica do ator da Rede

13 Transcrição de parte da matéria no Programa Fantástico do dia 11/09/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/09/atleta-paralimpica-com-grave-doenca-degenerativa-planeja-eutanasia.html>. Acesso em: 20 dez. 2016. Adrian

14 Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/09/atleta-paralimpica-com-grave-doenca-degenerativa-planeja-eutanasia.html>. Acesso em: 20 dez. 2016.

Globo, Domingos Montagner, na quinta-feira anterior ao programa, em um afogamento no Rio São Francisco.

Foram, ao todo, quatro matérias. Duas sobre os resultados do último dia e o quadro de medalhas, outra sobre o Daniel Dias, que havia se tornado o maior medalhista Paralímpico brasileiro e uma matéria sobre uma jogadora de esgrima, cadeirante. A matéria contou toda a história de Monica Santos, que ficou paraplégica quando decidiu prosseguir com uma gravidez e depois se tornou uma ativista da causa dos cadeirantes. Assim como na matéria sobre Marieke Vervoort, na semana anterior, o tom foi apelativo e priorizou a história da atleta sem focar muito no seu desempenho esportivo.

Por último, o apresentador Tadeu Schmidt narrou um texto que era acompanhado de imagens marcantes dos atletas em ação nas competições:

E hoje acabou as Paralimpíadas, vai deixar saudades, não é?

Você já reparou que hoje em dia a gente olha para os atletas paralímpicos com outros olhos? Caramba, como são habilidosos! Como são coordenados! Como podem controlar tantos movimentos ao mesmo tempo? Como esse cara é forte!! Como essa mulher é graciosa!!

Desde a abertura a Paralimpíada conquistou o espectador pelo que ela tem de mais olímpico...a qualidade dos atletas, as emoções do esporte, a alegria pela vitória e também a tristeza pelo fracasso...faz parte.

As grandes histórias...Quem diria que uma prova da Paralimpíada seria mais forte do que a mesma prova na Olimpíada? Quem diria que ele ganharia uma medalha exatamente na mesma data em que quinze anos antes quase morreu, perdeu as pernas. Você acredita que o ponto mais espetacular do ano foi nas Paralimpíadas? A adversária não acreditou, nem viu... Se na Olimpíada o ser humano busca o seu limite, na Paralimpíada, o ser humano mostra que não tem limite. Vá dizer para ele que ele não pode jogar tênis de mesa...Vá dizer para ele para esquecer o arco e a flecha...Vá dizer pra essa turma que eles não podem levantar uma arquibancada, superar o adver-

sário e conquistar uma medalha de ouro...Sim, comemoramos os ouros, as pratas e os bronzes, as conquistas do nosso maior medalhista e o último lugar do desconhecido...numa comunhão entre espectadores e atletas, numa festa tão feliz, numa alegria tão contagiante...Se uns são mais de um jeito e outros são mais de outro...isso são consequências da vida...Mas aqui estava todo mundo junto...unidos pela admiração...Esse pessoal é campeão¹⁵ (grifo nosso)

O tom emotivo não ficou de fora, logicamente, mas o questionamento sobre a mudança do olhar marcou presença. As palavras “deficiência” e “deficiente” não estiveram presentes e nem tampouco a ideia de que os atletas são sofredores. Enfatizou as características dos atletas e a alegria e emoção da torcida em uma inevitável comparação com as Olimpíadas.

Considerações Finais

Dedicou-se neste trabalho à análise qualitativa de matérias e reportagens de dois programas televisivos: Jornal Nacional e Fantástico, com intuito de se avaliar a cobertura da mídia televisiva brasileira, mais especificamente a Rede Globo, durante os Jogos Rio 2016.

As duas hipóteses levantadas parecem ter sido confirmadas. A primeira era a de que o fato de a cobertura da Rede Globo não ter exibido as competições ao vivo e as matérias terem sido editadas, os conteúdos de várias delas foram preenchidos mais pelas histórias dos atletas e suas deficiências, muitas vezes exagerando no tom apelativo, do que pelo seu desempenho nas competições. Isso acaba por construir visões estereotipadas e irreais dos atletas.

Esse é um dos motivos pelos quais deve-se lutar muito para que mais competições paralímpicas sejam transmitidas ao vivo. Obviamente, a competição transmitida ao vivo prioriza a competição, faz com que mais pessoas conheçam as modalidades e passem a ver o atleta como

15 Transcrição nossa do texto apresentado pelo apresentador Tadeu Schmidt no programa Fantástico do dia 18/09/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/paralimpiada-do-rio-de-janeiro-deixara-saudades/5315267/>. Acesso em: 22 dez. 2016.

atleta, um ídolo que pratica esporte de alto-rendimento, “esquecendo-se” da deficiência.

A outra hipótese diz respeito à mudança de foco: do foco na deficiência para o foco na eficiência esportiva. A análise das matérias pôde constatar que, apesar de muitas matérias ainda serem carregadas de sensacionalismo, percebe-se que houve sim uma mudança ou pelo menos uma intenção em algumas delas de se focar no atleta e nos feitos esportivos. Pela análise, isso ocorreu mais no final do período dos Jogos.

Provavelmente, à medida que o público e a mídia iam “entrando” no universo do esporte paralímpico, conhecendo os esportes e os atletas, se entusiasmando com competições de alto nível, seja nos locais de competição ou pelos canais que apresentaram as competições ao vivo, a mudança de olhar foi inevitável e a visibilidade do Movimento Paralímpico cresceu.

Não há como se verificar, agora, se essa mudança terá efeitos mais duradouros para o esporte ou para a sociedade. Porém, para os comitês, os patrocinadores e a mídia, o sucesso das Paralimpíadas pode ter exigido uma reavaliação do foco (e investimentos!) no esporte Paralímpico para os próximos anos.

Referências

KOCH, I.V. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 1992.

NOVAIS, R. A. FIGUEIREDO, T. H. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. LOGOS 33 Comunicação e Esporte. Vol.17, Nº 02, Rio de Janeiro, 2º semestre 2010.

MARQUES, R.F.R; GUTIERREZ, G.L.; ALMEIDA, M. A. B; MENEZES, R. P. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. Rev Bras Educ Fís Esporte, São Paulo, 2013 Out-Dez, 583-96.

PAPPOUS, A.S.; SOUZA, D.L. Guia para mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016. Universidade de Kent; Universidade Federal do Paraná, 2016.

PAPPOUS, A. et al. La visibilidad de la deportista paralímpica en la prensa escrita española. *Revista de Ciencias del Ejercicio*, v. 3, n. 2, p. 12–32, 2007.

REIS, M.C.F. “Atletas de alto-rendimento” X “super-heróis paralímpicos” – O conflito entre os Discursos dos atletas e do público/mídia nos Jogos Rio 2016: Reafirmação da identidade de atleta pela desconstrução de identidades socialmente manipuladas. In: *Anais do V Congresso Paradesportivo Internacional*. Belo Horizonte: APB/UFMG, 2016.

SANTOS, S.M.; SOUZA, D.L. O Esporte Paralímpico na ou da Mídia? Uma revisão da literatura. In: *Anais do VI Encontro Nacional do Observatório da Mídia Esportiva | Enome*. Aracaju, SE, 2016.

VALLE, M. P. Atletas de alto rendimento: identidades em construção, 2003. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Porto Alegre: Fac. de Psicologia, PUCRS, 2003.

OS DESAFIOS DA MÍDIA TELEVISIVA NA COBERTURA DE MEGA- EVENTOS ESPORTIVOS: EM FOCO OS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS

THE TELEVISION MEDIA CHALLENGES IN COVERING SPORTS MEGA-EVENTS: THE OLYMPIC AND PARALYMPIC GAMES IN FOCUS

Rafael BARROS¹
rafabarrosrj@gmail.com

Briefing

The article deals with the evolution of television coverage from the first Olympic Games of the Modern Era to the present day. From Berlin Olympic Games broadcast in 1936 - the first in history - to the sports and multimedia spectacle Rio 2016 Olympic Games, exposes and analyzes the main audience numbers, understanding why the event is no longer just a four-year sports meeting to become the main product of the sport. From there, traces the television media challenges to the Olympic and Paralympic Games, establishing common points and differences in the coverage of each. When studying the case of the subscription channel SporTV, the one with the largest audience in the segment in Brazil, makes na Evolution panel of the Olympic and Paralympic broadcast on the segmented television in the country that hosted the two events in 2016, and ends up proposing reflections for an increasingly quality TV coverage without losing the focus of inclusion and the mission of being didactic in events unknown to a large part of the public, especially in the Paralympic Games.

Introdução

Como se preparar para a cobertura de um evento que será acompanhado por mais da metade da população mundial? Fosse um show de rock, fosse o discurso de um líder carismático, a resposta já seria difícil. Que dizer, então, de um acontecimento que se desdobra em dezoito

¹ Jornalista; Editor de texto do programa Seleção SporTV; Editor-chefe do programa Conexão Paralímpica, do SporTV, nos Jogos de Londres 2012 e coordenador de 100 boletins paralímpicos do canal nos Jogos Rio 2016.

dias, cada qual com características peculiares e quase sempre com, ao menos, seis apresentações simultâneas em uma mesma cidade?

Quando, em 776 a.C., o povo grego estabeleceu por convenção que um ato poliesportivo seria a forma de celebrar a vitória de Zeus sobre Cronos, na cidade de Olímpia, a possibilidade de um megaevento que reunisse todos os povos do Planeta em uma única polis era ainda inconcebível. Os Jogos Olímpicos se caracterizavam, então, pelas pequenas competições que tinham o objetivo de medir a bravura de cidadãos gregos e celebrar sua condição atlética. E durante um milênio eles prosperaram como tradição, até que tiveram sua história interrompida pelo decreto de Teodósio I, em 393 d.C., só voltando à cena depois de um hiato de quase 1.500 anos.

Em mais de um século de existência em sua nova formatação, os Jogos da era moderna – idealizados pelo barão Pierre de Coubertin, em 1896 – passaram a significar não só o congraçamento quadrienal de esportistas, mas também e a um só tempo o local simbólico e prático que, além de agrupar os melhores atletas em sua(s) modalidade(s), passou a representar o ápice da divulgação de qualquer produto que desejasse ter sua marca hiperexposta. Não por outra razão, tratar da cobertura das Olimpíadas, hoje, é focar tanto no maior acontecimento esportivo quanto na mais significativa reunião programada da humanidade em determinado período de tempo – dezoito a vinte dias. E a mídia esportiva não poderia deixar de abocanhar uma fatia do bolo dessa festa.

Menos por necessidade mercadológica que por razões de propaganda de governo, a primeira transmissão dos Jogos Olímpicos se dá na Alemanha de Adolf Hitler. Precisamente, a história da televisão nos Jogos Olímpicos tem início em 1936, quando o ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels, encomenda à cineasta Leni Riefenstahl o filme “Olympia”. Era uma época de transmissões rudimentares, realizadas com equipamentos pesados, por um lado, e frágeis e pouco confiáveis, por outro. O fato explica a necessidade de escolher, com antecedência e exatidão, o local de posicionamento da câmera e a maneira de enquadramento de um plano, por exemplo. De certo modo, Riefenstahl soube capitalizar essa meticulosidade em um movimento estético único. Ainda hoje, considera-se vanguardista e de poesia

ímpar, em sua obra, o movimento em câmera lenta captado de saltadores, corredores e arremessadores. Como o objetivo do filme e das transmissões era mostrar aos próprios alemães a grandiosidade da festa do esporte capitaneada pelo regime nazista – e em grande parte, também, pela falta de tecnologia para algo mais –, as transmissões acabaram restritas ao território alemão. Não cabe, portanto, falar em “audiência”, nesse caso. A não ser do ponto de vista qualitativo, porque não era possível ainda medir para quantos se falava, embora fosse fundamental conhecer o destinatário da mensagem – estar certo do público para o qual se falava.

Foi preciso esperar vinte anos até que as transmissões dos Jogos Olímpicos ultrapassassem as fronteiras do país-sede das competições, já favorecidas pela tecnologia dos satélites geoestacionários. Se Londres 1948 e Helsinque 1952 só puderam ser vistos, respectivamente, por britânicos e suecos, os Jogos Olímpicos de Inverno de 1956, em Cortina D’Ampezzo, na Itália, inauguraram a transmissão televisiva em nível internacional. Não demorou nem um ciclo olímpico até que se percebesse quão valioso era o produto que chegava, no mesmo instante, a milhões de lares em todo o mundo. Por isso, os Jogos Olímpicos de Inverno de 1960, em Squaw Valley, nos Estados Unidos, foram os primeiros a ter seus direitos vendidos a uma emissora de televisão. À época, a CBS pagou 394 mil dólares pela exibição nos Estados Unidos, e a União de Emissoras Europeias desembolsou 660 mil dólares pela exclusividade em território europeu.

Chegou a vez de a política entrar em cena. No cenário da Guerra Fria cada vez mais tensa entre o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o bloco socialista, capitaneado pela antiga União Soviética, o interesse das superpotências pelo evento – como forma de propaganda – fez o Comitê Olímpico Internacional elevar a cifras astronômicas o valor a ser pago pelos direitos de transmissão. Em apenas 38 anos – pouco mais que o período a separar os Jogos Olímpicos de Verão, em Berlim, em 1936, dos de inverno de 1960, em Squaw Valley –, o montante pago pela CBS salta de 394 mil dólares para incríveis 375 milhões de dólares pelos direitos dos Jogos Olímpicos de Inverno de 1998, em Nagano, no Japão. Daí em diante, o aumento é ainda mais exponencial. A NBC pagou 3,5 bilhões de

dólares por todos os jogos de Verão e Inverno entre os anos de 2000 e 2012, e renovou os direitos entre os anos de 2014 e 2020 ao despendar 4,38 bilhões de dólares.

Se o valor do produto “Olimpíada” cresceu tanto ao longo de meio século, a explicação está na audiência. Potencializada, a partir de 1964, pela utilização dos satélites para a transmissão ao vivo dos Jogos, e também pela introdução da transmissão em cores, a partir de 1968 (na Cidade do México), a audiência subiu de seiscentos milhões de telespectadores, nos Jogos de 1968, para novecentos milhões, nos Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles. Em 1992, em Barcelona, 3,5 bilhões de pessoas assistiram à competição por completo. Hoje, esse número diz respeito a quem viu ao menos um evento olímpico, e a audiência global, considerado o público que acompanhou a todos os dias de jogos pela TV, certamente supera a soma da própria população mundial, uma vez que é possível assistir a vários eventos em diferentes dias, contando cada qual uma vez, para efeitos de medição.

Desenvolvimento

No Brasil, a Rede Globo exibiu os Jogos Olímpicos entre 1972 e 2008, dividindo as transmissões com a TV Cultura/Rede Brasil, TV Manchete, Rede Bandeirantes, Rede Record e SBT. Em 2012, a Record conseguiu a exclusividade da exibição dos Jogos Olímpicos de Londres na TV Aberta, mas em 2016 perdeu novamente a primazia na transmissão para a Globo. Na TV fechada, o SporTV transmite as Olimpíadas desde o ano de 1992; a ESPN, desde 1996, e o Bandsports, desde 2008. Em 2012, as três emissoras transmitiram as Olimpíadas de Londres, ganhando, em 2016, a companhia da Fox Sports, recém-chegada ao país. A estratégia de diferenciação passou a ser, então, mais qualitativa que quantitativa: o objetivo é estar presente ao maior número de eventos possível, e contando com os recursos mais modernos disponíveis no mercado. Em Atenas 2004, o SporTV, maior canal de esportes do país, inaugurou a transmissão simultânea em quatro canais. Em 2016, decidiu por um passo ousado: 16 canais ao mesmo tempo.

Na Rio 2016, dados do Comitê Olímpico Internacional (COI) dão

conta de que novecentos milhões de espectadores acompanharam a abertura dos Jogos Olímpicos, e que 3,5 bilhões de pessoas assistiram ao menos a um evento olímpico. Para atender esse público cada vez mais numeroso e seletivo, foram necessárias 350 mil horas de transmissão – duzentas mil horas a mais que nos Jogos de Londres. Na internet também foi possível perceber uma mudança significativa: a audiência on-line da NBC durante os Jogos Olímpicos foi de mais de dois bilhões de minutos via streaming – maior que a do mesmo consumo on-line das últimas cinco olimpíadas somadas. Quem voltou a comemorar foi o COI: segundo dados dessa Organização, os lucros com os direitos aumentaram 7,1% em relação a Londres 2012. Isso rendeu 4.1 bilhões de dólares de lucro.

A Kantar Ibope Media fez um levantamento dos números e índices de audiência no Brasil e apresentou os destaques com relação às principais modalidades, atletas e ao número aproximado de indivíduos e domicílios envolvidos com os Jogos Olímpicos Rio 2016. A pesquisa também apontou qual gênero mais acompanhou a Olimpíada e quais as classes sociais a que cada gênero se relacionava. Ao todo, 63,4 milhões de pessoas acompanharam ao menos um minuto dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Isso é equivalente a 93% das pessoas, ou 98,3% dos lares. O evento de maior audiência foi a Cerimônia de Abertura. Mais de 28 milhões de espectadores assistiram ao início dos Jogos, em mais de 17 milhões de domicílios. Entre eles, 38% responderam pela classe A; 48%, pela classe B, e 14%, pelas classes C e D. A maior parte pertence ao sexo feminino, com 57% de telespectadoras.

Por contarem com tamanho alcance, retorno de mídia e patrocinadores, os Jogos Olímpicos já são um evento consolidado do ponto de vista mercadológico e midiático. Quem tem mais paga cifras cada vez maiores por um produto de retorno certo. Nesse sentido, o grande desafio das TVs passa a ser estruturar com qualidade uma cobertura ampla, detalhada e inclusiva, uma vez que a maior parte dos esportes do programa olímpico não é comumente acompanhada pelos telespectadores ao longo do ciclo olímpico de quatro anos.

O salto na tecnologia das coberturas é evidente. Hoje, é impossível pensar em uma transmissão que não atenda aos padrões de alta definição (HD), sem contar um sem-número de eventos em 4K, algo

que se poderia chamar de ultrarresolução de imagem. Quanto mais o público consome tecnologia de ponta, mais seletivo e exigente se torna. O telespectador do século XXI sabe reconhecer quando há problemas na captação de uma imagem, quando ela está em baixa resolução ou quando teve seu áudio comprometido por ruídos externos. Trabalhar no detalhe é estar atento a essa demanda de excelência e entregar sempre cem por cento da qualidade possível no produto exibido. Com tanta pressão por resultados na proa do barco, a retaguarda precisa estar abastecida por completo. Não por acaso, esse tipo de megaevento no mínimo duplica a quantidade de profissionais exigidos nas redações e externas de televisão, os chamados freelances ou MOTs (mão de obra temporária). Por isso as Olimpíadas são, inegavelmente, fonte geradora de emprego, ainda que produzam como efeito colateral uma inevitável depressão (e desemprego) pós-evento.

Nos Jogos Paralímpicos, o desafio é proporcional tanto ao grau de exigência do produto que se entrega quanto ao conhecimento do público. Em que pese ao grande envolvimento do brasileiro com as Paralimpíadas Rio 2016, referimo-nos aqui a uma experiência muito mais didática e inclusiva que, digamos, a um “consumo de excelência” em grandes quantidades e alto grau de expectativa.

Quando o médico britânico Ludwig Guttmann organizou os Jogos de Stoke Mandeville, em 1948, que marcaram o início do que conhecemos como Paralimpíadas, não havia nem mesmo cobertura internacional para os Jogos Olímpicos realizados concomitantemente. Para uma ideia da diferença no interesse midiático em relação às Paralimpíadas, ainda nos Jogos de Inverno de Salt Lake City, em 2002, o sinal dos eventos paralímpicos foi produzido e distribuído sem grandes custos pela própria organizadora dos Jogos. Somente dois anos depois, em Atenas 2004, foi possível observar números superlativos em termos de Paralimpíadas: mais de três mil jornalistas foram credenciados para o evento que produz uma audiência global de 1,8 bilhão de telespectadores.

Em Londres 2012, foram vendidos 2,7 milhões de ingressos, sendo a transmissão garantida para mais de cem países. Durante os doze dias do evento, 1,3 milhão de tweets mencionaram a palavra “paralímpico” ou “paralympic” (em inglês). A audiência global de mais de quatro bilhões de telespectadores superou os números de quatro anos antes. O site lon-

don2012.com teve mais de 25 milhões de acessos e um número superior a 5,8 milhões de pessoas baixou o aplicativo London 2012 Paralympic App. No Rio 2016, chegou-se à transmissão dos Jogos para 154 países via televisão, numa audiência superior a quatro bilhões de espectadores somados os dias de evento – número nunca antes atingido.

Na TV fechada, o maior canal segmentado de esportes do Brasil, o SporTV, entregou 220 horas de transmissões ao vivo –126 horas a mais, em comparação com os jogos de Londres –, e teve como retorno 159% de audiência em relação à última Paralimpíada. O SporTV 2 foi o canal esportivo mais assistido da TV paga, alcançando a 4ª colocação geral durante o período da competição. Nas palavras de Sir Phillip Craven, presidente do Comitê Paralímpico Internacional (IPC), atingiu-se o objetivo de “transformação das percepções” quanto ao universo paralímpico, ponto-chave dos Jogos e algo já verificado quatro anos antes, quando um em cada três adultos do Reino Unido mudou sua atitude em relação às pessoas com deficiência. É natural, portanto, que, embora se reconheça o crescimento em audiência e cifras, falemos mais em quantidade de pessoas impactadas pelo universo paralímpico que, de fato, mudarão sua percepção sobre essa prática. Temos, pois, dois campos de ação e visão: a massificação do esporte paralímpico e a naturalização da percepção do desporto adaptado.

No SporTV, o desafio proposto antes das Paralimpíadas de Pequim 2008 foi claro: trocar a abordagem da superação e da vitimização pela do atleta de alto rendimento. O ponto-chave era eliminar – ou ao menos reduzir – o preconceito de que alguém cego, sem um ou mais membros, com limitação de movimentos ou dificuldade cognitiva fosse “menos atleta” que um nome qualquer do esporte não adaptado.

Em Londres, a missão passou a ser também em termos de audiência: ampliar o alcance da cobertura, utilizando a estrutura do novo canal SporTV 3, ao mesmo tempo que o consolidava e o alavancava por meio de um programa específico na grade, o Conexão SporTV. Era o segmentado do segmentado, uma aposta na inteligência e na compreensão de um público já bastante seletivo, mas que ainda não estaca tão acostumado com os esportes como bocha adaptada, voleibol sentado ou basquetebol em cadeira de rodas.

Nesse sentido, o dia 2 de setembro de 2012 foi emblemático para a mudança de percepção do público geral sobre o paralismpismo. Quando o mundo dava como certa a vitória do sul-africano biamputado de pernas, Oscar Pistorius, nos 200m – ele que já tinha disputado a mesma prova entre atletas olímpicos –, o paraense Alan Fonteles despontou com um sprint final e garantiu um improvável ouro para o Brasil. O evento, ao lado das conquistas de Clodoaldo Silva e Daniel Dias, na natação; de Terezinha Guilhermina e Rosinha, no atletismo, e de Antônio Tenório, no judô, inseriu de vez os Jogos Paralímpicos no radar de atenção do brasileiro.

Para a Rio 2016, a ideia do SporTV era fazer a maior transmissão paralímpica da história, na esteira do sucesso dos dezesseis canais olímpicos, mantendo para as Paralimpíadas quatro desses canais. Nesse sentido, fica clara a estratégia de dar aos Jogos prestígio semelhante ao das Olimpíadas, já que se manteve por quinze dias a mais, o estúdio panorâmico da Avenida Abelardo Bueno - que ancorou tanto os boletins paralímpicos na programação do SporTV, como o Conexão Paralímpica, no SporTV 2.

Em termos de linguagem televisiva, a missão passava a ser entregar o conteúdo mais didático possível. Além disso, se utilizando do padrão de excelência do canal, o objetivo era revelar o nível de excelência e competitividade dos Jogos quando contrastado com as Olimpíadas (a prova dos 1.500m T13, para deficientes visuais parciais, por exemplo, teve os tempos dos quatro primeiros colocados melhores que o do campeão olímpico). Outro viés importante na cobertura passou a ser quebrar paradigmas com relação ao preconceito. Foi o que ocorreu quando se decidiu entrevistar um campeão com deficiência intelectual – caso de Daniel Martins, recordista mundial dos 400 metros classe T20. Finalmente, havia o desafio de ser inclusivo também em relação aos atletas, que deveriam ser recebidos com conforto e naturalidade em estúdios adaptados.

As modalidades mais vistas durante o evento foram o halterofilismo, o vôlei sentado e o futebol de 7. As principais audiências registradas durante a competição foram as das cerimônias de abertura e de encerramento. No dia 7 de setembro, houve recorde de audiência, com 4,2 milhões de telespectadores alcançados.

No SporTV 2 Play, a abertura também teve a maior audiência,

com 27 mil pessoas alcançadas. Na Cerimônia de Encerramento, o canal liderou a TV paga durante três horas. Foram 1,9 milhão de pessoas alcançadas. Os acessos pela internet (PC, smartphone e tablet), através do SporTV 2, marcaram 69% mais audiência que o SporTV.

Nenhum número, no entanto, dá conta do maior legado que a transmissão dos Jogos ajudou a deixar: a naturalização da percepção do deficiente por parte do público. Nesse sentido, fica clara a evolução do paralismpismo como evento social inclusivo, tendo a cobertura midiática como coadjuvante, ainda sem a lógica excludente e hiperbólica dos direitos de transmissão adquiridos a valores inimagináveis no universo olímpico.

Considerações finais

Analisar os desafios dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos à luz dos interesses midiáticos, portanto, é estabelecer claramente dois parâmetros diferentes na cobertura de megaeventos esportivos desse porte. Por um lado, ao falarmos do esporte criado na Grécia Antiga e aprimorado nos últimos dois séculos a partir de Pierre de Coubertin, tratamos de um megaevento já massificado e inserido num universo de grandes cifras e altíssimo rendimento esportivo. Fundamental atentar para um padrão de excelência que contemple um público exigente e acostumado às melhores imagens dos atletas de ponta no desporto mundial. Por outro lado, tratar do paralimpismo em transmissões é ter um compromisso muito mais com a parte didática e inclusiva, entendendo a mídia esportiva, em especial a televisão, como coadjuvante na divulgação da causa do esporte adaptado. Dessa forma, empresas envolvidas com esse tipo de cobertura contribuem muito mais para a formação de um padrão de espectadores livre de preconceitos com o atleta deficiente, capaz de vê-lo, a um só tempo, como atleta de ponta, e cidadão plenamente capaz de integrar a sociedade. Desafios e metas que tornam a mídia televisiva muito mais do que simples mediadora de megaeventos esportivos, mas, ela própria, agente de transformação histórica, social e cultural.

Referências

O texto foi produzido por relato de memória do autor

NARRAÇÃO A PARTIR DE NOVAS EXPERIÊNCIAS: A IMPORTÂNCIA DE APURAR O OLHAR SOBRE O EVENTO ESPORTIVO

NARRATIVE FROM NEW EXPERIENCES: THE IMPORTANCE OF LOOKING INTO THE SPORTING EVENT

Clayton Oliveira CARVALHO¹
claytonolicarvalho@gmail.com

Briefing

The text was born from the challenges and transmission concepts of a sporting event. The aim is to show the transition and the differences of locution between radio and television. It includes the backstage and the results of the Olympic sports narration, Reporting the personal experience of participating in two great moments: the Olympic and Paralympic Games.

Introdução

Minha inclinação para a locução esportiva teve início ainda na infância. Sempre fui apaixonado por futebol. Meu pai e meu avô contribuíram para introduzir o vírus do esporte mais popular do Brasil nas minhas veias. Assistia transmissões sempre aos sábados à tarde na TV aberta e me lembro de estar em uma sala com meu avô vendo partidas do campeonato paulista. Eu tentava tecer alguns comentários, aos quais ele antipatizava, pois queria ouvir o narrador. Sábia decisão dele. Ali estava sendo plantada a semente da narração, pois acabava ouvindo junto.

Aos 10 anos, o vírus se alastrou quando ganhei um rádio relógio. No começo dos anos 1990, as estações em AM eram bem mais acessíveis e tinham mais popularidade. Ficava procurando resenhas esportivas e ouvia até 22h. Afinal, não podia dormir tarde. Exceto aos finais de semana, quando conseguia ter acesso aos jogos do campeonato carioca.

¹ Jornalista formado na Universidade Federal Fluminense (UFF), com passagens em jornais, assessorias de imprensa, rádio e tv. Atuação como locutor e repórter esportivo nas rádios Transamérica, Brasil e Manchete. Desde 2010, narrador dos canais Sportv.

Cinco anos depois, surgiu minha primeira experiência com um veículo de comunicação. Comecei em uma rádio comunitária, numa área de terra batida e localizada aos fundos de um local, no subúrbio do Rio de Janeiro, após uma enorme subida. Participei e colaborei em um programa de Rock and Roll, comandado por dois amigos. Meses depois, elaborei o que seria meu primeiro “projeto”: mesclar esporte com música, em um programa de uma hora, as sextas, durante horário vago na programação.

A aventura funcionou bem, pois fui convidado, após dois meses, a ficar com o horário. Mas, ainda estudante, tive que interromper a passagem, por motivos de falta de renda. Porém, serviu para esclarecer qualquer tipo de dúvida. Realmente, estava determinado a seguir a carreira de locutor.

A semente plantada em 1995 germinou 10 anos depois, quando me formei jornalista e retornei ao rádio, com foco inicial na reportagem. Aos poucos, fui crescendo e ganhando espaço, até a minha primeira narração, em 2006. Transmiti um jogo válido pelo campeonato carioca, entre América e Madureira. Depois de ter percorrido algumas rádios do Rio de Janeiro, ter trabalhado como freelancer em outras de fora do RJ, ingressei nos canais Sportv, em 2010. Desde então, a versatilidade passou a ser a palavra-chave, na busca incessante em transmitir a emoção própria de cada esporte. Sentimento ainda mais latente nos períodos de Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, onde as competições se misturam e os recordes são batidos a todo instante.

Desenvolvimento

A função de narrador existe desde o século passado. Em 1931, Nicolau Tuma, locutor da Rádio Sociedade Educadora Paulista (primeira emissora de São Paulo, fundada em 1923), foi precursor do futebol no rádio. O ponto de partida esteve na primeira transmissão na íntegra de uma partida de futebol entre as seleções paulista e paranaense, no campo da Chácara da Floresta, no bairro de Ponta Grande, em São Paulo. (SOARES, 1994).

Seu pioneirismo ajudou a construir uma grande escola para locutores consagrados como Jorge Curi, Waldir Amaral e Fiori Gigliotti. O

rádio, apesar da crise econômica, ainda hoje mexe com o imaginário de quem ouve as vozes de José Carlos Araújo, Edson Mauro, Oscar Ulisses, José Silvério e tantos outros.

Tuma trouxe uma nova paixão aos torcedores. A de poder ouvir cada detalhe, cada som e cada peculiaridade do andamento de um jogo de futebol. De colocar o imaginário a serviço de uma jogada de habilidade ou de gol de placa. A narração no rádio contribuiu para o início do trabalho dos locutores na televisão. Na telinha, eles tiveram que se adaptar ao veículo e passaram a descrever as jogadas e os momentos de cada esporte de acordo com a leitura e descrição das imagens.

Estive no rádio durante grande parte da minha trajetória. Quando narrava no rádio, minha voz estava em formação e bem diferente de hoje. Você se preocupa em ser mais detalhista, em situar onde está a bola (na defesa, no meio ou no ataque), em trazer maior riqueza de detalhes nas jogadas, em passar detalhes do entorno do estádio e, o mais importante, levar as emoções do jogo transmitido.

Nas transmissões radiofônicas, abre-se o microfone e você passa a ser “os olhos” de quem ouve. Com fala constante, interrompida apenas quando surge alguma informação a ser passada por um repórter ou quando o comentarista se manifesta a transmissão radiofônica também passou a ter uma grande interatividade, com um responsável em ler as mensagens imediatas deixadas pelos ouvintes.

Para contar os detalhes de uma partida, é necessário ter um arsenal de frases e, se possível, de alguns bordões necessários para prender a atenção. Existe uma grande liberdade para condução de um evento (com dose alta de responsabilidade) e a obrigação de falar a cartela de anunciantes.

Com a mudança para a televisão, as diferenças começam pela descrição das imagens, o que traz uma procura incessante em buscar as palavras certas durante a movimentação delas. Existe uma equipe muito maior envolvida e uma direção dada por coordenadores para o bom andamento. As responsabilidades estão também com textos – foguetes (em geral, com anúncios), com intervalos recheados de atrações e valorização do ambiente (torcida, família e situações captadas no local do evento).

Transmissão esportiva

A transição do rádio para a televisão foi bastante difícil. Primeiro, na questão da fala. Sempre tive o costume de pronunciar as palavras de uma maneira rápida. Isso ajudou na transmissão radiofônica, que requer uma velocidade e um ritmo intensos. Falar de forma mais articulada e pronunciar frases curtas e claras foram os maiores desafios, tudo para facilitar o entendimento dos interessados em ouvir jogos.

Na telinha, é necessária uma dosagem bem grande no ritmo. Afinal, não é recomendável tentar adivinhar a próxima cena sem ela ter acontecido, pois sua margem de erro desafia a matemática, ficando bem acima dos 50%. A adaptação para algo mais pausado precisou ser feita de maneira drástica, para evitar qualquer tipo de atropelo. O refino nos termos se torna bem mais veemente e ajuda a pontuar os acontecimentos.

A tentativa de prender os ouvintes no rádio está sempre nos chamados altos e baixos da narração. Quando existe um momento de perigo, a voz sobe e conta a história com a emoção própria do veículo. Nos dias atuais, o humor vem sendo muito empregado e contribui para entreter os interessados nas partidas.

Na TV, não apenas a emoção serve para fixar os telespectadores. Os estudos e informações devem ser profundos e precisos. Uma apuração voraz sobre o evento transmitido desperta curiosidades e enriquece a transmissão, deixando o clima atraente e propício a prender a atenção.

O período de transição foi bastante complicado. Sair de um veículo que preza o detalhismo de uma imagem para outro que com a imagem em destaque levou tempo. Exercício enorme de paciência, repetição, continuidade e ajustes a ser feitos a todo instante. E que são realizados até hoje. Eterna guerra pela perfeição. Algo praticamente impossível, mas que não impede a evolução constante.

O maior desafio foi realizar mudanças na velocidade de dizer as palavras durante o dia a dia. Passar a conversar de forma mais pausada ajudou na hora de descrever os detalhes do andamento de uma transmissão. Luta difícil, mas, com o tempo, gerou um progresso significativo.

Também tive que aumentar o grau de leitura. O imprevisto é fundamental dentro da vida de um locutor e ler sobre os mais variados assuntos cria um “banco” de dados importante na hora de uma transmissão ao vivo e uma grande arma contra imprevistos.

E o que parece óbvio, mas é fundamental ao decorrer do andamento de uma competição mostrada pela TV: saber a regra. Esclarecimentos sobre o que acontece no momento de uma competição, ditos de maneira objetiva contribuem para o entendimento das situações de jogo. Explicações sobre o próximo passo após a fase que se acompanha e qual o valor do que se está transmitindo (se vale medalha ou somente classificação) é indispensável para o bom andamento da relação narrador/telespectador.

Na abertura de uma transmissão, deve-se explicar a importância do que será transmitido. A partir dela, entram os detalhes: saber a regra, descrever os detalhes, emitir curiosidades, informar as classificações e o desenrolar das imagens se somam para o bom andamento da partida de futebol, da competição de ginástica ou do jogo de basquete. Interações com comentaristas trazem fluidez e naturalidade para uma transmissão e aproximam os que estão assistindo ao ambiente. E a tendência, como no rádio, será também de maior interatividade com os telespectadores via redes sociais.

Jogos Olímpicos

A transmissão de uma competição do quilate da Olimpíada é extremamente diferente. Muitos eventos ocorrem ao mesmo tempo e a adaptação do narrador ao ritmo de cada modalidade é testada a todo o momento.

Tive a oportunidade de transmitir duas olimpíadas: Londres (2012) e Rio de Janeiro (2016). Na minha primeira, tinha pouco tempo de adaptação para a televisão. A versatilidade e a importância de apresentar alguns esportes pouco conhecidos do público se aliaram para um trabalho engrandecedor e trouxeram aprendizados guardados com carinho.

Fiz jogos de tênis, competições de remo, canoagem, polo aquático e hóquei. Partidas de vôlei e basquete. Confrontos de judô. Verdadeiros suspense no levantamento de peso. Mas, o ponto alto foi a final olím-

pica do Handebol Masculino, que coroou a vitoriosa geração francesa.

No Rio, com mais bagagem, fui premiado com a honraria de ser o narrador das três medalhas do Brasil na canoagem. Todas foram alcançadas com Isaquias Queiroz na canoa: C1 (Individual) 1000m, C1 2000m e C2 (cano dupla) 1000m, em parceria com Erlon de Souza.

A preparação foi mais intensa. Houve um zelo maior com o que se estava para relatar. Ele aumentou depois que ele fez o melhor tempo nas classificatórias. Nessa hora, tive a certeza de que a medalha inédita viria. O local de transmissão estava próximo à chegada e foquei especialmente na largada, ao qual ele abriu boa vantagem, na prova de 1000m. Apesar do ritmo intenso não ter sido sustentado até o final, quando Isaquias foi ultrapassado pelo alemão Sebastian Brendel, o valor da conquista da prata em um esporte pouco praticado no Brasil foi digno de um ouro.

O foco passou longe do brilho da medalha, mas foi direcionado para a superação das dificuldades da vida de um brasileiro representante de uma maioria desfavorecida, que deposita no esporte, as chances de uma vida melhor. Confesso que me lembrei das horas em que subia as escadas de terra para a rádio comunitária e agradei ao estar presente em um momento tão marcante para o Brasil. Foi difícil conter a emoção particular, mas a prova conseguiu ser contada. Ela me rendeu uma honraria enorme ao poder acompanhar de perto não só a primeira medalha no C1 1000m, como as outras duas alcançadas pelo canoísta.

Paralimpíada

No esporte paralímpico, o enfoque foi diferente. O evento ocorre de quatro em quatro anos e atrai todo tipo de pessoas com deficiência. Mostrar as dificuldades que as pessoas tiveram durante a vida e a história particular de cada uma delas é fundamental para que o público tome ciência do grau de deficiência. Mas a competitividade deve estar em primeiro plano. Afinal, estão presentes os maiores nomes do alto rendimento, que buscam sempre um lugar no pódio.

O maior desafio em uma transmissão de paralimpíadas está na incorporação de elementos, traços da transmissão de rádio dentro da

narração televisiva. Uma narração mais descritiva se torna obrigatória em função do número maior de deficientes visuais. As explicações de cada classificação funcional (responsável por integrar atletas com a mesma deficiência) situa o telespectador para que ele possa entender com maior facilidade o grupo envolvido na disputa.

O estudo de cada modalidade se torna essencial. Existem esportes - como Goalball e Bocha – que estão presentes somente na paralympíada e exigem conhecimentos específicos. Eles requerem uma atenção especial no momento de passar a informação precisa sobre o andamento da disputa.

Como já citado, saber a regra e estar munido de informações fazem parte para um bom andamento da competição. Essa preparação ajuda na prevenção para inesperados. Um exemplo está em uma medalha de ouro ganha pelo brasileiro Alan Fonteles, na prova dos 200m rasos, classes T43/44 (para atletas com amputação e com auxílio de próteses) na edição dos jogos de 2012.

Uma prova rápida requer atenção especial aos principais nomes da prova, que aspiram a uma vaga no pódio. Nesse caso, o favorito sul-africano Oscar Pistorius buscava o bicampeonato diante de um Alan Fonteles com possibilidades grandes de pódio. A história foi contada a partir do momento em que o corte da imagem passou a focalizar o brasileiro disparando na raia oito. Ele surpreendeu Pistorius ao ficar com a medalha de ouro. E me rendeu umas maiores transmissões da minha carreira e um dos grandes momentos do Brasil nesta edição dos Jogos.

Conclusão

Desde o início da trajetória, ainda no rádio, o foco da minha carreira sempre esteve em buscar nos esportes boas histórias cercadas de emoção. No rádio, veículo eficiente na arte de mexer com a criatividade das pessoas, onde o desafio de prender os ouvintes estava nos bordões, nas palavras e nas frases bem-humoradas, tive a oportunidade de contar acontecimentos de futebol.

Na TV, onde a transição foi árdua e cuja imagem facilita o entendimento dos fatos ocorridos, o objetivo está em transmitir o que se vê, procurando seguir fielmente o que se é mostrado e colocando cargas

emotivas no exato instante em que a história se constrói. A preparação e o estudo sobre o que se narra, contribui de forma importante para o bom andamento do evento.

A partir da preparação, que envolve saber da regra e acompanhar o desenrolar dos acontecimentos mostrados ao vivo, consegui realizar boas participações em inúmeros eventos, tendo como pontos altos as narrações nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

Referências

SOARES, Edileuza. A bola no ar – O rádio esportivo em São Paulo – Summus editorial.

O JORNALISMO IMPRESSO GAÚCHO E A COBERTURA DOS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016

THE PRINT JOURNALISM OF RIO GRANDE DO SUL AND THE COVERAGE OF RIO 2016 PARALYMPIC GAMES

Janice Zarpellon Mazo¹
Tuany Defaveri Begossi²
Beatriz Dittrich Schmitt³
janice.mazo@ufrgs.br

Briefing

Brazil hosted the Paralympic Games (PG) in the city of Rio de Janeiro in 2016. This sports event boosted the dissemination of information through printed newspapers. The newspapers are composed of reports and images constructing cultural representations of different domains of society, among those the sports field. Therefore, this study aims to investigate how reports about the PG were published in a special section called ZH Paraolímpica, edited by the newspaper Zero Hora of Porto Alegre / RS, from August 7 to September 19, 2016. Zero Hora is the newspaper with the largest circulation in the state of Rio Grande do Sul and was therefore intentionally selected for this research. The reports published by the ZH Paraolímpica were collected and recorded in a spreadsheet, totaling 11 editions of this special section. Data were analyzed qualitatively and descriptively. The results were organized into two categories of analysis: a) reports with informative approach to the event and b) reports with an explanatory approach to the event. A total of 61 articles published during the PG Rio 2016 period were identified. The reports presented diverse titles and subjects referring to athletes, modalities and the PG. Many of these reports did not identify the author (n = 48) and the others (n = 9) were signed by two journalists. In relation to the modalities, 39 reports mentioned the name of at least one mo-

1 Professora Doutora da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESE-FID) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

2 Estudante do curso de mestrado do PPGCMH/UFRGS.

3 Estudante do curso de doutorado do PPGCMH/UFRGS.

dality and, in these, all 22 Paralympic modalities were contemplated. The most frequently mentioned modalities were athletics, swimming, basketball in wheelchairs and 5-a-side football. Concerning the reports with an informative approach to the event, 39 were counted with objective information about the events on a particular day of the PG, such as, the description of an episode occurring at the opening and/ or closing of the event; the account of how the game scores were; updating the medal table; the analysis of the performance of Brazilian athletes; expectations for the sale of tickets; or even highlights about the mega event schedule, linking the modality to be transmitted, the respective time and transmission channel. Otherwise, 22 reports with an explanatory approach to the event were identified, disseminating specific knowledge about Paralympic sport. In this category, the discussion on the “Paralímpica” and “Paraolímpica” nomenclature was highlighted, as well as the justification for choosing the denomination of the special “ZH Paraolímpica”. In addition, explanations have been published about technical issues of the modalities; about historical aspects of the PG; the way the functional classification of the athletes is conducted; as well as the regular and sporting life of athletes. This study intended to present a version of the press coverage of ZH Paraolímpica. However, it is necessary to mention that there is other information, which will be analyzed in future studies.

Introdução

Os jornais, por meio das reportagens e imagens veiculadas constroem representações culturais dos mais distintos domínios da sociedade. O campo esportivo usualmente é abordado por estes meios de comunicação, percebendo-se uma quantidade maior de reportagens em períodos de realização de megaeventos esportivos no país. No ano de 2016, destaca-se a veiculação de reportagens em jornais brasileiros sobre os Jogos Olímpicos e os Jogos Paralímpicos, realizados na cidade do Rio de Janeiro.

Os Jogos Olímpicos representam o maior evento esportivo do mundo, seguido pelos Jogos Paralímpicos, que ocupam a segunda colocação (SILVA, 2017). Para as pessoas com deficiência os Jogos Paralímpicos representam a maior competição mundial (COMITÊ PA-

RALÍMPICO INTERNACIONAL, 2017; JORDÁN et al., 2016). Apesar da representatividade de ambos os megaeventos para o campo esportivo, atenta-se ao fato de que, possivelmente, a mídia não ofereça a mesma visibilidade aos atletas paralímpicos, quando comparados aos atletas olímpicos (VLAK; PADJEN; PIVALICA, 2009; STONES; AHMED; WEILER, 2014).

Diante disso, o presente estudo trata de investigar como sucedeu a veiculação de reportagens sobre os Jogos Paralímpicos pelo caderno especial ZH Paraolímpica, editado pelo jornal Zero Hora de Porto Alegre/RS, no período de sete de agosto a 19 de setembro de 2016.

A escolha do Zero Hora deve-se ao fato de ser o jornal de maior circulação no estado do Rio Grande do Sul. O referido veículo de comunicação foi instituído no dia quatro de maio de 1964, na cidade de Porto Alegre e, desde então, prossegue em circulação. Conforme Fellippi (2006) com o fechamento dos jornais “Folha da Manhã” e “Diário de Notícias”, como também em virtude da crise do jornal “Correio do Povo” entre as décadas de 1970 e 1980, o jornal Zero Hora encontrou condições para sua ascensão.

Para a elaboração da presente pesquisa, foram coletadas e registradas as reportagens veiculadas pelo ZH Paraolímpica em planilha do Programa Microsoft Excel® (versão 2010). A primeira edição desta seção especial foi publicada no dia 07/09/2016 e a última no dia 19/09/2016, totalizando 11 edições, identificadas nas seguintes datas: 07/09; 08/09; 09/09; 10/09 e 11/09 (sábado e domingo); 12/09; 13/09; 14/09; 15/09; 16/09; 17 e 18/09 (sábado e domingo) e 19/09. Cabe esclarecer que no final de semana publicava-se uma edição única para o sábado e domingo. As informações extraídas das reportagens foram analisadas sob a perspectiva qualitativa, buscando-se delinear a forma adotada pelo caderno especial ZH Paraolímpica para divulgar as reportagens. Acrescenta-se que as análises foram delineadas a partir de aspectos relacionados ao conteúdo das notícias.

Tendo em vista que em uma mesma edição do ZH Paraolímpica, os assuntos tratados nas reportagens foram diversificados, tais informações foram organizadas em duas categorias de análise que emergiram a partir da apreciação do conteúdo localizado no ZH Paraolímpica: a) Reportagens com abordagem informativa do acontecimento, as quais

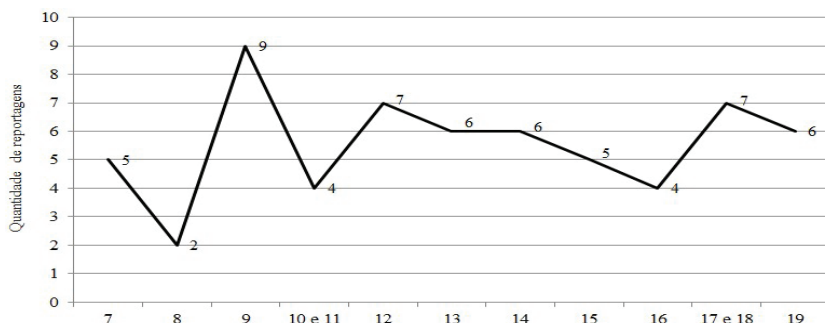
buscavam relatar de modo sucinto, os fatos ocorridos em determinado dia dos Jogos Paralímpicos, como por exemplo, a descrição de um episódio ocorrido na abertura e/ou encerramento do evento; o relato de como havia sido os placares dos jogos do dia anterior; a atualização do quadro de medalhas; a análise do desempenho dos atletas brasileiros; as expectativas para a venda de ingressos; ou mesmo um destaque acerca da programação do megaevento, vinculando a modalidade a ser transmitida, o horário de ocorrência e o canal de transmissão; e, b) Reportagens com abordagem explicativa do acontecimento, as quais objetivavam divulgar um conhecimento específico acerca do universo do esporte paralímpico, tais como a discussão em torno da nomenclatura “Paralímpica” e “Paraolímpica”, bem como a justificativa para escolha da denominação do caderno especial “ZH Paraolímpica”; esclarecimentos sobre questões técnicas das modalidades; explanação sobre determinados aspectos históricos dos Jogos; explicação acerca de como ocorre a classificação funcional dos atletas, além de abordar a trajetória de vida e esportiva de alguns atletas. Os resultados da análise documental serão apresentados na sequência.

As abordagens dos acontecimentos pela zh paraolímpica

Com base nos objetivos desta pesquisa, é válido apresentar um mapeamento geral das reportagens que foram veiculadas no caderno especial denominado “ZH Paraolímpica”, durante o período em que permaneceu em circulação. O levantamento realizado identificou 61 reportagens distribuídas e publicadas durante o período de realização dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Salienta-se que o megaevento ocorreu do dia sete de setembro de 2016 até o dia 18 de setembro de 2016. O ZH Paraolímpica, por sua vez, manteve-se em circulação do dia sete até o dia 19 de setembro, ou seja, do dia da cerimônia de abertura até um dia após o encerramento do referido megaevento esportivo.

A frequência das publicações durante o período acima especificado foi contínua, apesar de não ter sido regular, pois houve edições com número de reportagens distinto. Para melhor visualização da distribuição das reportagens veiculadas ao caderno especial ZH Paraolímpica por edição, apresenta-se a figura abaixo.

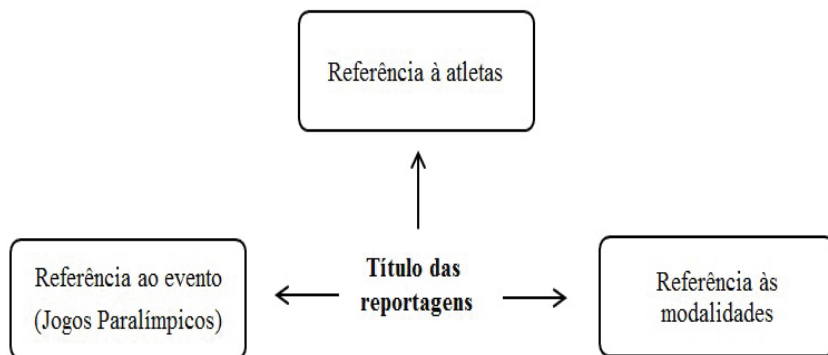
Figura 1 – Distribuição das reportagens do ZH Paraolímpica por edição (dia).



Fonte: Caderno Especial ZH Paraolímpico

No que se refere aos títulos das reportagens do ZH Paraolímpica, as análises visaram compreender não só se os escritos que encabeçam o texto expunham uma visão global da notícia, mas também averiguar se havia ou não equivalência dos títulos com o teor da notícia. Para tanto, foram identificados três vieses que caracterizaram o conteúdo dos títulos. Sendo assim, os títulos das reportagens poderiam fazer referência aos atletas, às modalidades paraolímpicas ou ao megaevento Jogos Paralímpicos, conforme apresentado na Figura 2. Cada um desses vieses será abordado nos parágrafos subsequentes.

Figura 2 – Títulos das reportagens do ZH Paraolímpica referenciaram atletas, modalidades e os Jogos Paralímpicos.



Fonte: baseado nas reportagem do ZH Paraolímpico

Dos 61 títulos localizados, nove faziam referência aos atletas, conforme a seguir.

Quadro 1 – Títulos das reportagens com referência aos atletas.

Títulos relacionados aos atletas	Contexto da reportagem
“O Phelps Paraolímpico”	Refere-se ao percurso de conquistas do atleta da natação Daniel Dias.
“Gaúcho fica em 15º no tiro”	Cita a colocação conquistada pelo atleta do tiro esportivo, o gaúcho Geraldo Von Rosenthal.
“O pódio é a casa dele há 24 anos”	Evidencia a trajetória vitoriosa do atleta Antônio Tenório do judô paralímpico.
“Gaúcho em quinto, Daniel leva a prata”	Destaca o desempenho do atleta gaúcho Roberto Alcalde Rodriguez na disputa dos 100 metros (classe SB5) da natação e de Daniel Dias nos 100 metros peito (classe SB4).
“Exemplo belga - Ela só quer curtir a vida”	Menciona a história de vida e o percurso esportivo da belga Marieke Vervoort, que possui doenças degenerativas e divulgou sua aposentadoria após os Jogos do Rio 2016.
“Segundo ouro de Daniel Dias”	Notícia o desejo do atleta em se tornar o maior nadador da história paralímpica.
“A luta continua - Não te mixa, Jovane”	Refere-se a derrota do atleta gaúcho no jogo de quartas de final e que, por isso, ficou sem chances de medalha na categoria B da espada, a mesma que ele havia sido campeão em Londres 2012.
“Mais um ouro para Daniel Dias”	Destaca o desempenho do atleta que se tornou o maior medalhista paralímpico do Brasil.
“Daniel Dias e sua coleção de medalhas”	Enfatizando que o atleta atingiu a marca de 24 medalhas e tornou-se o oitavo maior medalhista dos Jogos Paralímpicos e o maior medalhista masculino da natação paralímpica.

Fonte: baseado nas reportagem do ZH Paraolímpico

Ao mesmo tempo foram listados os títulos que se relacionavam diretamente aos atletas, enfocando o conteúdo das reportagens. Neste momento, percebeu-se uma variedade de conteúdos. Enquanto alguns escritos se dedicaram a explicar sobre como havia sido o desempenho dos atletas em suas disputas no Rio de Janeiro, outros descreviam o caminho percorrido pelos(as) atletas para chegarem ao maior evento esportivo do mundo para as pessoas com deficiência. Apesar disso, a totalidade de reportagens manteve uma relação entre o conteúdo explicitado no título e a escrita que se seguiu. O que se tornou sobresaliente, no entanto, foi a recorrência de notícias dedicadas ao atleta da natação paralímpica, Daniel Dias, que totalizou cinco dentre as nove

identificadas nessa categoria. Ressalta-se que este atleta foi capa da Revista brasileira GQ (Ano 6, no 69, dezembro de 2016), além de ser escolhido Homem do Ano de 2016 pela revista, que dedicou quatro páginas a reportagem sobre Daniel Dias (p. 118-121).

No que concerne ao conjunto de títulos que mencionaram, explicitamente, as modalidades paralímpicas, foram localizadas um total de 11, conforme evidencia-se abaixo

Quadro 2: conjunto de títulos nas modalidades paralímpicas.

Títulos relacionados às modalidades	Contexto da reportagem
“Gaúcho fica em 15ª no Tiro”	Refere-se ao desempenho do atleta Geraldo Von Rosenthal na modalidade de tiro esportivo.
“Ouvir vale ouro - silêncio, o golbol vai começar”	Evidencia detalhes do esporte criado especialmente para as pessoas com deficiência visual e retrata a impressão dos espectadores.
“O Brasil sobe ao pódio - Bocha nada convencional”	Descreve como se dá o jogo, bem como o desempenho da equipe brasileira da classe BC3, para atletas com paralisia cerebral ou deficiência severa, na qual o Brasil conquistou o ouro.
“Dia de medalhas no atletismo”	Destaca o desempenho dos atletas brasileiros que conquistaram medalhas nas provas de lançamento de disco (classe F11), nos 200 metros (classe T35), no salto em distância (classe T36) e no revezamento masculino 4x100 (classe T42-47).
“Atletismo em alta”	Evidencia o bom desempenho da equipe brasileira de atletismo que superou os pódios de Londres 2012.
“Medalha inédita no halterofilismo”	Referencia a conquista do baiano Evânio da Silva que conquistou a primeira medalha para o halterofilismo do Brasil, na história dos Jogos Paraolímpicos.
“Brasil na semi do Futebol de 5 hoje”	Referem-se ao caminho de conquistas que o Futebol de 5 vem traçando desde que esta modalidade foi incluída no programa dos Jogos. A equipe brasileira não perdeu um jogo sequer em Jogos Paralímpicos e nos últimos dez anos ganhou todos os campeonatos que disputou.
“Futebol de 5 - Brasil na final, de novo”	
“Futebol de 5 pode dar ouro”	
“Futebol de cinco - Brasil é tetra”	
“Sob forte calor, bronze na maratona”	Destaca a conquista da atleta brasileira Edneusa Dorta que cruzou a linha de chegada da maratona (classe T12 - atletas com deficiência visual) em terceiro lugar e conquistou mais um bronze para o Brasil.

Fonte: ZH PARAOLÍMPICA, 2016, p. 10-11, 12-13, 33, 41, 44, 46, 48.

Ressalta-se que na relação acima discriminada constam apenas os títulos que fazem menção direta as modalidades paralímpicas em sua escrita. Há, portanto, outros títulos de reportagens do ZH Paraolímpica que,

de forma menos direta, também se referem aos esportes disputados nos jogos Rio 2016, no entanto, para fins de análise dos títulos nesse estudo, optamos por incluir apenas os que se apresentaram de modo explícito.

Os esportes paralímpicos que foram mencionados nos títulos do caderno especial em questão foram: tiro esportivo, *goalball*⁴, bocha paralímpica, atletismo (duas vezes), halterofilismo, futebol de 5 (quatro vezes) e maratona. No conteúdo das reportagens propriamente dito, tais modalidades foram abordadas de distintas maneiras, descrevendo-se desde aspectos históricos, até as regras de funcionamento e desempenho dos atletas.

No que tange aos títulos que fazem menção explícita ao megaevento esportivo, ou seja, aos aspectos vinculados aos Jogos Paralímpicos, identificou-se 15 ocorrências, conforme Quadro 3.

Quadro 3 – Títulos das reportagens com referência aos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro

Títulos relacionados aos Jogos Paralímpicos	Contexto da reportagem
“De volta ao Rio – Os Jogos da superação”	Divulga o início dos Jogos Paralímpicos dias após o encerramento dos Jogos Olímpicos.
“Os Jogos da inclusão – Uma festa para todos os sentidos”	Refere-se a cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016.
“Entenda a sopa de letras e números dos Jogos”	Destaca brevemente como ocorre a classificação funcional dos atletas paralímpicos.
“É Paraolimpíada ou Paralimpíada?”	Discute sobre a nomenclatura e justificando a escolha do jornal Zero Hora em adotar o termo para o caderno especial “ZH Paraolímpica”.
“Dispara a venda de ingressos”	Evidencia a marca de 1,8 milhões de ingressos vendidos.
“Patrocínios são liberados nos Jogos Paraolímpicos”	Esclarece que, diferentemente dos Jogos Olímpicos, nos locais de disputa dos Jogos Paralímpicos é permitida a publicidade no piso das quadras, perto das pistas e em volta da piscina.
“O sucesso de 2 milhões de ingressos”	Aborda a venda de ingressos nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro.
“Aquece para Tóquio - Brasil não alcança a classificação desejada, mas celebra recorde de medalhas nos Jogos Paraolímpicos do Rio”	Avalia o desempenho da delegação brasileira na competição.
“Os Jogos na TV”	Destaca a programação dos jogos que seriam televisionados no referido dia, bem como aos canais de transmissão. Essa notícia foi recorrente no caderno especial ZH Paraolímpica nos dias: 09/09, 12/09, 13/09, 14/09, 15/09, 16/09 e 17 e 18/09.

Fonte: ZH PARAOLÍMPICA, 2016, p. 10-13, 33, 40-41, 44- 48.

4 Ao longo do texto foi adotado o uso do termo “*goalball*” para se referir a única modalidade criada para atender as necessidades das pessoas com deficiência (AMORIM et al, 2010; MORATO; GOMES; ALMEIDA, 2012). Contudo, destaca-se que em duas ocasiões foram citados o título da reportagem ou o conteúdo literal da reportagem e o termo utilizado foi “goalbol”.

Salienta-se que os demais títulos não relacionados nas categorias descritas anteriormente trazem uma compreensão restrita da notícia, ou seja, para se entender sobre o que trata a reportagem é preciso se debruçar na leitura de suas linhas. Como exemplos, citam-se os títulos: “Atrações cariocas” (ZH PARAOLÍMPICA, 2016, p. 40-41) e “Com a bandeira Russa, não” (ZH PARAOLÍMPICA, 2016, p. 41).

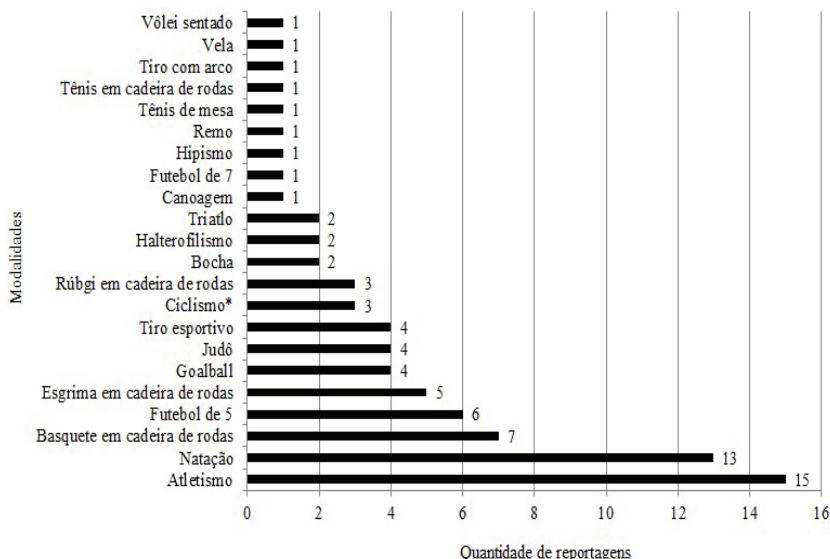
A reportagem que se vincula ao primeiro título elucidado busca informar ao leitor fatos que marcarão, de certa forma, o evento do Rio 2016, tais como o favoritismo de determinados países em certos esportes, o encerramento da carreira esportiva de atletas de renome internacional, bem como faz menção aos atletas brasileiros que buscam conquistar o lugar mais alto do pódio. A notícia encabeçada pelo segundo título descrito visa informar a decisão do Comitê Paralímpico Internacional, cuja sigla em inglês é IPC, de punir um membro da delegação de Belarus por carregar a bandeira da Rússia durante a cerimônia de abertura do megaevento esportivo, uma vez que o referido país foi banido dos Jogos por decisão do IPC devido a casos de doping. Estas reportagens que apresentam títulos mais limitados no que concerne ao entendimento geral da notícia, serão mais bem analisadas nos tópicos de resultados que seguem.

Outro aspecto que pode auxiliar na compreensão da organização utilizada pelo ZH Paraolímpica para publicar suas reportagens, refere-se à autoria dos textos que foram veiculados neste caderno especial. Das 61 reportagens presentes, em 48 (78,7%) não constaram a identificação do autor, quatro (6,6%) são de autoria do jornalista André Baibich e nove (14,8%) foram assinadas por Cristiel Gasparetto, jornalista enviado aos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro. É oportuno acrescentar que o jornal Zero Hora foi o único jornal do estado do Rio Grande do Sul a enviar um representante de sua equipe para fazer a cobertura do referido megaevento esportivo.

Paraolímpica, foram identificados nos títulos e no conteúdo das 61 reportagens catalogadas pelas pesquisadoras, quais foram as modalidades esportivas noticiadas. Do total, 39 (63,9%) citaram o nome de pelo menos uma modalidade. Nas publicações, 22 modalidades distintas foram mencionadas. Para melhor visualização, apresenta-se a Figura 3, onde se evidencia o número de reportagens que mencionam

cada uma das modalidades esportivas.

Figura 3 – Quantidade de reportagens sobre as modalidades esportivas



Fonte: Produzido pelo autor.

*Observação: A modalidade de ciclismo é apresentada na figura sem estratificar entre pista e estrada porque as próprias fontes consultadas nem sempre especificam a qual se referem.

Para justificar o elevado número de ocorrências de menções as modalidades de atletismo, natação, basquete em cadeira de rodas e futebol de 5 nas reportagens analisadas, utilizam-se diferentes argumentos. As modalidades de atletismo e de natação por si só possuem inúmeras provas, fato ainda mais evidente no esporte paralímpico em decorrência da variedade de classes funcionais⁵ dos atletas. O atletismo se divide em provas de pista (corridas de curta e de longa distância) e provas de campo (saltos, lançamentos e arremessos) (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2017a). Já as provas da natação se dividem em provas de curtas ou longas distâncias, bem como individual

⁵ Sobre a classificação funcional no esporte paralímpico sugere-se ver o estudo de Cardoso e Gaya (2014).

ou revezamentos (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2017b). O basquete em cadeira de rodas, por sua vez, foi uma das primeiras práticas esportivas adaptadas para as pessoas com deficiência estando, portanto, fortemente atrelada à história do esporte adaptado mundial. Sobre o futebol de 5, a expressiva recorrência nas reportagens do ZH Paraolímpica talvez possa ser justificada em razão de seu desempenho em competições mundiais que tornam a equipe brasileira a mais representativa em nível internacional.

A seguir, serão apresentados em dois tópicos, os resultados da análise documental acerca do conteúdo das reportagens, sendo: a) Reportagens com abordagem informativa do acontecimento e, b) Reportagens com abordagem explicativa do acontecimento.

a) Reportagens com abordagem informativa do acontecimento

Neste tópico de resultados serão apresentadas as análises vinculadas às reportagens elencadas na categoria que se caracterizou por uma abordagem informativa de determinado acontecimento. Logo, foi analisado o conteúdo das 61 notícias publicadas pelo caderno especial ZH Paraolímpica de modo a identificar tais elementos para apresentá-los neste estudo. De todas as reportagens catalogadas para a pesquisa, 39 (63,9%) apresentaram um viés informativo em suas linhas e abordaram assuntos diversos em suas publicações.

Dentre essas temáticas, dá-se ênfase aquelas que objetivaram apresentar aos leitores generalidades sobre o maior megaevento esportivo para pessoas com deficiência do mundo: os Jogos Paralímpicos. Na edição do caderno especial ZH Paraolímpica, datada no dia 07/09/2016, veiculou-se a reportagem intitulada “De volta ao Rio – Os Jogos da Superação” de autoria do jornalista Cristiel Gasparetto (ZH PARAOLÍMPICA, 2016, p. 40-41). O conteúdo da referida notícia convidava o leitor a regressar ao Rio de Janeiro após o encerramento dos Jogos Olímpicos para prestigiar também os Jogos Paralímpicos. Em suas primeiras linhas evidenciava a “essência” dos Jogos Paralímpicos, caracterizando-os como os jogos da “confraternização, das disputas e da superação para ultrapassar limites” (p. 40-41). Além disso, a reportagem descreveu a proporção do evento esportivo no que se

referia ao número de países (160) e de atletas participantes (4.350), além de informar algumas das metas que o Brasil pretendia alcançar, sendo uma delas a de finalizar a competição na quinta colocação no quadro geral de medalhas, superando a sétima posição alcançada nos Jogos de 2012 em Londres (Inglaterra).

Com a mesma finalidade de apresentar questões gerais sobre os Jogos Paralímpicos, na mesma edição do ZH Paraolímpica do dia 07/09/2016, veiculou-se a reportagem “Atrações cariocas” (ZH PARAOLÍMPICA, 2016, p. 40-41). Diferentemente da notícia evidenciada acima, esta trazia questões pontuais subdivididas em sete sucintos tópicos. Em seus conteúdos retratavam-se curiosidades sobre os adversários do Brasil no goalball, sobre a aposentadoria do sueco Jonas Jacobsson que desde os seus 15 anos participava de Jogos Paralímpicos, relatava o favoritismo do Brasil no futebol de 5, do italiano Alex Zanardi no ciclismo e do brasileiro Alan Fonteles, que surpreendeu em Londres 2012 ao vencer o sul-africano Oscar Pistorius, nos 100 metros na classe T43. Por fim, comentou sobre o aguardado jogo de basquete em cadeira de rodas entre a Austrália e o Canadá e a esperança do brasileiro Antônio Tenório subir ao pódio mais uma vez.

A intenção de ambas as reportagens destacadas acima foi a de informar o leitor sobre o que estaria por vir durante a competição. Talvez, seja em razão disso que a primeira reportagem elucidada demonstrou a proporção do megaevento, por meio da indicação do número de participantes e de países que estariam no Rio de Janeiro, bem como da preparação e das metas da delegação brasileira. A reportagem citada posteriormente, por sua vez, tratou aspectos distintos sobre os Jogos, uns relacionados aos atletas, outros as modalidades, mas ambos, talvez, com a intenção de convidar o leitor para prestigiar o evento. Ademais, não coincidentemente, essas notícias foram publicadas na primeira edição do caderno especial ZH Paraolímpica o que reforça a intenção dos editores em atrair os leitores para o evento esportivo.

Outro viés identificado nas reportagens que informaram um acontecimento refere-se àquelas que descreveram fatos ocorridos durante as cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Paralímpicos. Na reportagem publicada no ZH Paraolímpica do dia 08/09/2016, intitulada “Os Jogos da Inclusão - Uma festa para todos os sentidos”,

de autoria de Cristiel Gasparetto (p. 45), o enfoque foi dado ao fato de a cerimônia de abertura permitir momentos de reflexão ao público, que foi convidado a perceber o mundo como um cadeirante, um deficiente visual ou um amputado (ZH PARAOLÍMPICA, 2016). O autor também mencionou o pronunciamento do presidente do Comitê Organizador, Carlos Arthur Nuzman e a performance da atleta paralímpica e atriz norte-americana Amy Purdy. O ápice da cerimônia foi o acendimento da pira pelo nadador Clodoaldo Silva que dividiu a atenção do público com a atleta paralímpica dos anos de 1980, Márcia Malsar, que chegou a cair carregando a tocha, mas se levantou e foi aplaudida de pé pelos espectadores presentes no estádio do Maracanã.

Acrescenta-se que a cerimônia de abertura também foi o cenário de manifestação de protesto. Na reportagem datada de 09/09/2016, intitulada “Com a bandeira russa, não” (p. 41), aludiu-se a punição que o IPC concedeu a um membro da delegação de Belarus por carregar a bandeira da Rússia durante a cerimônia de abertura dos Jogos Paraolímpicos. A Rússia foi banida do megaevento devido a casos de doping de atletas do país. O membro da delegação bielorrussa teve sua credencial cancelada e, segundo o IPC, ele era convidado do Comitê de Belarus e nem deveria estar desfilando (ZH PARAOLÍMPICA, 2016).

Já a cerimônia de encerramento dos Jogos Paralímpicos foi abordada a partir do prisma de divulgar o grandioso espetáculo que findaria no Rio de Janeiro. A reportagem publicada no ZH Paraolímpica do dia 17 e 18/09, respectivamente sábado e domingo, intitulada “Despedida com casa cheia” (p. 46), informou que o tom do megaevento seria de espetáculo musical. Destacou diferenças entre a cerimônia preparada para os Jogos do Rio 2016 e as ocorridas em edições anteriores, dentre elas esteve o fato de ser extinto o desfile das delegações e, em razão disso, os atletas apenas assistiriam o espetáculo. O que ainda era enigma para a reportagem era o modo como a pira paralímpica seria extinta. Ao final, destacou-se que a exibição nos telões da fala dos artistas e demais autoridades para que não se repetisse a gafe cerimônia de abertura.

Para além das cerimônias de abertura e encerramento, o relato sobre as competições/jogos e o desempenho dos atletas compôs o assunto mais recorrente nas reportagens com abordagem informa-

tiva. Das 39 publicações que compuseram esta categoria, 16 notícias (41,0%) se dedicaram a informar o leitor acerca desses dados. Com exceção das edições do ZH Paraolímpica dos dias 08/09/2016; 15/09/2016 e 16/09/2016 que não publicaram conteúdos veiculados a este viés de análise, todas as demais edições publicaram ao menos uma notícia informando o leitor sobre o desempenho dos atletas em suas modalidades.

No dia 07/09/2016, primeiro dias de competições, o ZH Paraolímpica publicou a reportagem intitulada “O Phelps Paraolímpico” (p. 40-41) se referido ao atleta brasileiro da natação, Daniel Dias. O conteúdo da notícia buscou apresentar o atleta e, para isso, recorreu a dados de identificação como a sua idade (28 anos) e a sua naturalidade (Campinas/SP). Nas linhas seguintes, o foco recaiu sobre a sua trajetória esportiva e, conseqüentemente, a questão da deficiência veio à tona. Na reportagem está descrito: “Com má formação cong nita dos membros superiores e da perna direita, o nadador tornou-se o maior atleta paraolímpico brasileiro” (ZH PARAOLÍMPICA, 2016, p. 40-41).

Para além do cont  do descrito no interior da reportagem, o que mais nos chama a atenção   que o seu título faz menção ao “Phelps Paraolímpico”, para se referir ao nadador brasileiro Daniel Dias. O apelo da média em comparar atletas com elevado número de medalhas aos atletas americanos, no caso Michael Phelps, ocorreu não são nos Jogos Paralímpicos, no exemplo de Daniel Dias; mas também nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, quando utilizaram esta mesma comparação para aludir   ginasta norte-americana, Simone Biles, citando-a como “o Michael Phelps da ginástica”. Em resposta, a jovem ginástica declarou: “Eu não sou o próximo Usain Bolt ou Michael Phelps. Eu sou a primeira Simone Biles”, disse a uma emissora de TV dos Estados Unidos (<http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2016/08/ginasta-campea-nao-sou-o-proximo-bolt-ou-phelps-sou-primeira-simone-biles.html>).

Até o início da competição no Rio de Janeiro, Daniel Dias havia competido em duas edições dos Jogos Paralímpicos e já havia somado 15 medalhas, sendo dez de ouro. Havia a expectativa que seu desempenho nos Jogos do Rio 2016 fosse acompanhado pela m dia

televisiva e impressa. O ZH Paraolímpica voltou a dedicar suas linhas ao atleta na edição do dia 12/09/2016, na reportagem intitulada “Gaúcho em quinto, Daniel leva a prata” (p. 10-11). No conteúdo da notícia, evidencia-se o desempenho do atleta gaúcho Roberto Alcalde Rodriguez que finalizou a prova dos 100 metros (classe SB5) na quinta colocação. E, também, se deu destaque a conquista da prata de Daniel Dias, nos 100 metros peito (classe SB4). De acordo com o ZH Paraolímpica (2016, p. 10-11): “esta foi a quarta medalha do brasileiro no Rio e a 19a em Jogos Paraolímpicos”.

As medalhas de ouro conquistadas por Daniel Dias no Rio 2016 também mereceram reportagens exclusivas nas páginas do ZH Paraolímpica. Na edição do 09/09/2016 foi informada a conquista do primeiro ouro do atleta, na prova dos 200 metros livre (classe S5). Posteriormente, no dia 13/09/2016, na notícia intitulada “Segundo ouro de Daniel Dias” (p. 33), evidenciou-se a meta do atleta em se tornar o maior nadador da história paralímpica, já que havia vencido também a final dos 50 metros (classe S5). Esta havia sido a 20a medalha deste atleta em Jogos Paralímpicos e a quinta a ser conquistada no Rio 2016. A outra reportagem que se dedicou a enfatizar os feitos do atleta nos Jogos foi a publicada no dia 17 e 18/09/2016, intitulada “Mais um ouro para Daniel Dias” (p. 46). Já nas primeiras palavras, destaca-se o título de “maior medalhista do Brasil” (p. 46) ao chegar ao seu 22o pódio na carreira, em Jogos Paralímpicos. Na ocasião ela havia vencido a prova de 50 metros costas (classe S5) e ao final totalizou sete medalhas na competição.

Os atletas do basquetebol em cadeira de rodas também foram foco das reportagens informativas veiculadas pelo ZH Paraolímpica. Na edição publicada no dia 09/09/2016 duas notícias se dedicaram a informar como havia sido o desempenho das seleções masculina e feminina nesta modalidade. Na reportagem intitulada “Donos das quadras Dream team sobre rodas” (p. 40), de autoria de Cristiel Gasparetto, evidenciou-se a derrota da equipe masculina perante os Estados Unidos. Apesar do resultado negativo, o autor chamou a atenção dos leitores para os espectadores que assistiam à partida que, segundo ele, “vibravam intensamente” (p. 40). Gasparetto ainda retomou em sua matéria a trajetória dos Estados Unidos em Jogos Paralímpicos que, apesar de terem sido os criadores da referida modalidade pa-

ralímpica, foram perdendo o protagonismo para a Austrália e o Canadá. O desempenho da equipe feminina, por sua vez, foi informado na reportagem sob o título “Gurias brilham” (ZH PARAOLÍMPICA, 2016, p. 40). Em um texto bastante sucinto e muito distinto da matéria dedicada a informar o desempenho do time masculino, especialmente, nos que diz respeito aos detalhes da partida, evidenciou-se a vitória da equipe brasileira sobre a Argentina, por uma larga diferença de 85 a 19.

O atletismo paralímpico também triunfou dentre as reportagens informativas de maior recorrência no caderno especial ZH Paraolímpica, na categoria informativa de análise. Conteúdo principal de quatro reportagens, a modalidade foi veiculada nas edições dos dias 09/09/2016 sob o título “O primeiro ouro veio na areia...” (p. 41), destacando o desempenho dos atletas Ricardo Costa de Oliveira, do salto em distância que garantiu a primeira medalha de ouro para o Brasil e do paulista Odair Santos que ganhou a primeira medalha brasileira nos Jogos, a prata, na prova dos 5.000 metros.

Na edição do ZH Paraolímpica do dia 12/09/2016 o atletismo foi novamente destaque, desta vez com as conquistas dos atletas Claudiney Batista dos Santos, que quebrou o recorde paralímpico no lançamento de disco (classe F56), para cadeirantes e lesões similares; Shirleane Coelho, que conquistou o bicampeonato paralímpico no lançamento de dardo (na categoria F37 - paralisia cerebral) e a “dobradinha” de Petrúcio Ferreira dos Santos e Yohansson Nascimento que conquistaram, respectivamente, medalhas de ouro e bronze na prova dos 100 metros (classe T47 - amputados). No dia seguinte, 13/09/2016 o atletismo voltou a ser evidência no ZH Paraolímpica em razão da conquista da medalha de ouro por Alessandro Silva no lançamento de disco (classe F11 - para cegos), da medalha de prata por Fábio Bordignon nos 200 metros (classe T35), da medalha de prata por Rodrigo Parreira, no salto em distância (classe T36) e, também, medalha de prata da equipe masculina de revezamento 4x100 (classe T42-47).

Por fim, na edição datada de 14/09/2016 destacou-se na reportagem intitulada “Atletismo em alta” (p. 41) o expressivo desempenho dos atletas desta modalidade nos Jogos do Rio 2016. A notícia enfatizava os resultados positivos obtidos e, especialmente, a evolução do

desempenho quando comparado aos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012. Na ocasião o atletismo brasileiro havia conquistado 18 pódios, número que foi ultrapassado nos Jogos do Rio, já que a equipe de atletismo chegou a 21 pódios, sendo conquistadas sete medalhas de ouro, nove de prata e cinco de bronze. Esses dados demonstram um avanço da modalidade que, segundo o ZH Paraolímpica, tornaram-na “o carro-chefe do Brasil no Rio”, desbancando a natação (p. 41).

O desempenho dos atletas do judô paralímpico também mereceu destaque nas linhas do caderno especial do jornal Zero Hora. As edições dos dias 10 e 11/09/2016 e 12/09/2016 destacaram a participação da atleta Lúcia da Silva Teixeira Araújo que conquistou a medalha de prata na categoria até 57 Kg e do atleta Antônio Tenório, que também conquistou medalha de prata na categoria B1 até 100 Kg. Apesar de dar destaque a ambos os atletas, a edição do dia 12/09/2016 dedica um espaço maior para comentar a conquista de Antônio Tenório. Nas linhas da notícia é evidenciada, principalmente, a trajetória vitoriosa do atleta, destacando que são “24 anos em cima do pódio”, já que foi medalhista de ouro nas edições dos Jogos Paralímpicos de 1996, 2000, 2004 e 2008 (p. 10-11).

Em menor proporção se comparada às demais notícias com viés informativo, destacamos a menção feita aos esportes de tiro esportivo, futebol de 5 e maratona. O primeiro esporte elucidado teve destaque no ZH Paraolímpica do dia 10 e 11/09/2016, com a reportagem intitulada “Gaúcho fica em 15º no tiro” (p. 44). O texto destaca a estreia do atleta gaúcho Geraldo Von Rosenthal na prova de tiro esportivo, com a pistola de ar 10m e a sua classificação na 15a posição. No que concerne a reportagem dedicada a modalidade de futebol de 5, um pouco mais de espaço foi reservado nas páginas do ZH. Sob o título “Futebol de 5 pode dar ouro” (p. 46) a notícia informou os leitores sobre a possibilidade da equipe brasileira subir mais uma vez ao lugar mais alto do pódio, já que venceu as últimas quatro edições dos Jogos Paralímpicos. A maratona, por sua vez, foi elencada dentre as reportagens informativas no último dia de veiculação do ZH Paraolímpica. Na edição do dia 19/09/2016, a reportagem intitulada “Sob forte calor, bronze na maratona”, aborda a conquista de Edneusa Dorta, que cruzou a linha de chegada em terceiro lugar, na classe T12 (atletas com deficiência visual). Segundo a reportagem, Edneusa sagrou-se a primeira medalhista do Brasil em uma mara-

tona paralímpica feminina (p. 12-13).

Para além de dar espaço a reportagens informativas sobre os atletas, associadas aos seus desempenhos nas provas que disputaram, o ZH Paraolímpica ainda reservou espaço para divulgar as competições que aconteceriam. Sob os títulos “Destaques na TV” e “Os Jogos na TV” o conteúdo que divulgava a programação dos jogos e os canais de transmissão foi veiculado em oito edições do ZH, a saber: 08/09/2016, p. 45; 09/09/2016, p. 41; 12/09/2016, p. 10 e 11; 13/09/2016, p. 33; 14/09/2016, p. 41; 15/09/2016, p. 46; 16/09/2016, p. 48; 17 e 18/09/2016, p. 46. Os principais canais de transmissão elencados foram os seguintes: TV BRASIL, TVE, SPORTV, SPORTV2, SPORTV3 E SPORTV4.

A venda de ingressos também foi uma questão que mereceu destaque nas linhas do ZH Paraolímpica. As reportagens que possuíam viés informativo foram veiculadas em duas edições do referido caderno especial. A primeira no dia 10 e 11/09/2016, sob o título “Dispara a venda de ingressos” (p. 44), ratificando o número de 1,8 milhões de ingressos comercializados. A segunda, sob o título de “Curiosidades” (p. 46) foi publicada na edição do dia 17 e 18/09/2016. Nesta o número de ingressos vendidos anunciado anteriormente em 1,8 milhões aumentou para 2 milhões, o que tornou os Jogos do Rio 2016 o segundo com maior venda de bilhetes, ficando atrás apenas dos Jogos Paralímpicos de Londres 2012, com 2,5 milhões de vendas. As modalidades com maior procura de ingressos pelo público, segundo a reportagem, foram basquetebol em cadeira de rodas, atletismo, natação, goalball e rúgbi em cadeira de rodas (p. 46).

As reportagens ainda mantiveram atualizado o quadro de medalhas e consequentemente, a classificação dos dez primeiros países nos Jogos Paralímpicos. A reportagem sob o título “Quadro de medalhas”, foi veiculada em oito edições do ZH Paraolímpica, sendo elas as referentes aos dias 09/09/2016, p. 41; 12/09/2016, p. 10 e 11; 13/09/2016, p. 33; 14/09/2016, p. 41; 15/09/2016, p. 46; 16/09/2016, p. 48; 17 e 18/09/2016, p. 46; 19/09/2016, p. 12 e 13. A classificação final dos países foi a seguinte: “1o China, 2o Grã-Bretanha, 3o Ucrânia, 4o Estados Unidos da América, 5o Austrália, 6o Alemanha, 7o Holanda, 8o Brasil, 9o Itália e 10o Polónia” (ZH PARAOLÍMPICA, 2016, p. 12-13).

b) Reportagens com abordagem explicativa do acontecimento

Neste tópico serão apresentadas considerações relacionadas às notícias que possuíram uma abordagem explicativa de determinado acontecimento. Isto posto, verificou-se a incidência de conteúdos explicativos, os quais foram selecionados a partir da interpretação das 61 reportagens que compuseram o corpus documental deste estudo. Diante disso, para esta categoria foi selecionado um total de 22 (36,1%) reportagens, as quais apresentaram uma variedade no que se relaciona aos conteúdos apresentados.

Com exceção da edição publicada no dia 08/09/2016 que não apresentou reportagens com abordagem explicativa, todas as demais veicularam ao menos uma notícia com esta característica. Já no primeiro dia que o caderno especial ZH Paraolímpica entrou em circulação (07/09/2016), forneceu um breve histórico acerca da criação dos Jogos Paralímpicos, bem como referiu quais eram os países e os atletas com maior número de medalhas conquistadas na competição (p. 40-41). Nesta mesma edição, publicou-se ainda uma extensa matéria relacionada aos esportes paralímpicos. O seu conteúdo fazia explanações gerais acerca dos 22 esportes que fazem parte do programa dos Jogos Paralímpicos (ZH PARAOLÍMPICA, 2016, p. 40-41).

Explicações sobre as características de determinada modalidade e seus aspectos históricos, voltaram a ser relacionados como pauta na edição do dia 12/09/2016. A extensa reportagem intitulada “Ouvir vale ouro – Silêncio, o goalball vai começar” (p. 10-11) de Cristiel Gasparetto, destacou questões relacionadas à criação da modalidade e, também, aspectos técnicos do jogo. À percepção dos espectadores que prestigiaram a partida entre o Brasil e a Argélia recebeu especial atenção nas palavras do jornalista que, segundo ele “para a maioria do público presente na Arena do Futuro, a realidade era a mesma. Quase ninguém já havia assistido a um jogo de goalball. E, por isso, quase tudo era novidade” (p. 10-11).

A publicação de reportagens que explanaram questões vinculadas às características das modalidades foi recorrente no ZH Paraolímpica. A notícia veiculada na edição do dia 13/09/2016, de autoria de Cristiel Gasparetto, buscou chamar a atenção dos leitores para as singularidades da bocha paralímpica. Segundo o jornalista, a “bocha

nada convencional” (p. 33) tem seus princípios de jogo muito semelhantes com a bocha que “estamos acostumados a ver” (p. 33). No entanto, a utilização de varetas acopladas em capacetes ou colocadas entre os dentes, com o intuito de sinalizar onde os atletas desejam colocar a bocha em uma calha, tornam o jogo “nada convencional” (p. 33). Praticada por atletas com paralisia cerebral ou deficiência severa (classe BC3), a bocha paralímpica mereceu um explicação detalhada na matéria de Cristiel Gasparetto, que explicou como ocorre o jogo, a pontuação e deu destaque para a conquista da medalha de ouro da equipe brasileira na classe BC3, formada pelos atletas Antônio Leme, Evani Silva e Evelyn de Oliveira.

A modalidade de futebol de 5 foi relacionada dentre as edições do ZH Paraolímpica que possuíam abordagem explicativa, nos dias 15/09/2016, 16/09/2016 e 19/09/2016. No conteúdo das reportagens intituladas “Brasil na semi do futebol de 5 hoje” (p. 46), “Futebol de 5 – Brasil na final, de novo” (p. 48) e “Futebol de cinco – Brasil é tetra” (p. 12-13), observamos a recorrência de informações que aludiam a trajetória de vitórias da equipe brasileira que, desde que a modalidade foi incluída no programa dos Jogos Paralímpicos, em Atenas 2004, sagrou-se campeã. No Rio 2016 não foi diferente. A equipe brasileira venceu o Irã por 1 a 0 e conquistou a medalha de ouro.

De igual forma, a modalidade de rúgbi em cadeira de rodas também foi referenciada pelo jornalista Cristiel Gasparetto, na edição do ZH Paraolímpica do dia 15/09/2016. Sob o título “Força nas cadeiras” (p. 46), a reportagem tratou de explicar como ocorre o jogo e também algumas de suas diferenças perante as outras modalidades paralímpicas, tais como o fato de a equipe poder ser mista, ou seja, homens e mulheres poderem jogar juntos. Outro aspecto evidenciado nas linhas da notícia foi a questão da classificação funcional dos atletas que, segundo o jornalista “para que as equipes fiquem parelhas, os competidores passam por testes que os classificam conforme a mobilidade e resquícios de movimentos” (p. 46).

A temática relacionada à classificação funcional dos atletas também mereceu destaque especial na edição do dia 09/09/2016 do ZH Paraolímpica. Esta questão pode estar alocada dentre os aspectos mais característicos do universo dos esportes paralímpicos, já que

é a partir da classificação funcional que os atletas são designados a competir em determinada categoria. Na referida reportagem, evidenciaram-se ainda os distintos critérios de classificação das modalidades esportivas paralímpicas, com especial atenção para sua respectiva nomenclatura e explicação (letras e números das classes).

Para além das características que diferenciam a parte organizacional das modalidades olímpicas e paralímpicas, há outras questões que também demarcam certa distinção entre os dois megaeventos esportivos. Na reportagem veiculada ao ZH Paraolímpica do dia 16/09/2016, por exemplo, explana-se acerca da permissão e/ou proibição da publicidade no interior das arenas. A notícia intitulada “Patrocínios são liberados nos Jogos Paraolímpicos” (p. 48) descreve exatamente a ideia intrínseca ao seu título e evidencia a presença de marcas como Bradesco, Nissan e Powerade, que já eram patrocinadoras dos Jogos Olímpicos e que ganharam a companhia de Embratur, Caixa Econômica Federal e Petrobrás nas placas de publicidade dos locais de competição dos Jogos Paralímpicos.

As diferenças, no entanto, não se alocam apenas entre os aspectos relacionados aos dois megaeventos esportivos, mas, também, estão concentradas na nomenclatura dos Jogos: Paraolímpicos ou Paralímpicos. O caderno especial ZH Paraolímpica trouxe à tona essa discussão na edição do dia 09/09/2016, com a reportagem intitulada “É Paraolimpíada ou Paralimpíada?” (p. 41). Na ocasião, utilizou o espaço também para justificar a adoção do termo “Paraolímpica” para o seu caderno especial, no entanto, reconheceu que a terminologia para designar o esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência é ambígua. Conforme destacado na reportagem, a problemática sobre o termo mais adequado já tinha sido abordada pelo jornal em texto de autoria de Claudio Moreno, datado de 2011, quando ocorreu a mudança oficial da terminologia pelo Comitê Paralímpico Internacional.

Em novembro de 2011, o termo “paraolímpico” foi alterado para “paralímpico”. Essa mudança foi oficializada pela presidência do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e ocorreu a pedido do Comitê Paralímpico Internacional, cujo objetivo foi alcançar a universalização do termo e suas derivações. Posteriormente, aos Jogos Paralímpicos de 2012, em Londres, a então presidenta da República Federativa do Brasil,

Dilma Rousseff, por meio da Lei no. 13.284, permitiu o uso em documentos oficiais do termo “paraolímpico” (BRASIL, 2016). Todavia, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) recomendou a utilização do termo “paralímpico”, durante a realização dos Jogos Paralímpicos.

Outro viés de análise identificado nas reportagens com abordagem explicativa de seus conteúdos foi à valorização dos atletas, bem como a superação de seus limites. Os atletas brasileiros figuraram de forma majoritária nas notícias, no entanto, atletas de outros países também foram destaques nas linhas do ZH Paraolímpica. Nas edições dos dias 10 e 11/09/2016, 12/09/2016, 13/09/2016, 14/09/2016 e 19/09/2016, salientam-se os méritos dos atletas reportando, em sua maioria, parte de suas trajetórias de vida e esportiva.

Entre os atletas estrangeiros lembrados nas reportagens do ZH Paraolímpica de modo geral estão Oscar Pistorius, Lex Gillete, Jeff Henderson, Ruslan Katyshev, Markus Rehm do atletismo; Elena Congost e Misato Michishita da maratona; Thanh Tung Vo, Junsheng Li, Roy Perkins, Andrew Mullen, Denys Dubrov, Maksym Krypak, Trischa Zorm, Béatrice Hess, Claudia Hengst e Matthew Cowdrey da natação; Michaela Balcova e Samuel Andrejczik da bocha; Inna Cherniak, Shirin Sharipov, Gwanggeu Choi do judô; Mohammed Khalaf e Sodnompiljee Enkhbayar do halterofilismo; Alex Zanardi e Bahman Golbarnezhad do ciclismo; Brian Bell do basquete em cadeira de rodas; Chuncui Zhang da esgrima de cadeira de rodas; Yang Yafeng e Meysam Shojaeiyan do futebol de 5. O sueco Jonas Jacobsson do tiro esportivo e a belga Marieke Vervoort do atletismo foram tratados a partir da perspectiva da despedida do esporte/aposentadoria (ZH PARAOLÍMPICA, 2016).

Entre os atletas brasileiros mencionados, estavam os nadadores Daniel Dias, André Brasil, Italo Pereira e Roberto Alcalde Rodriguez. Do atletismo menções a Alan Fonteles, Fábio Bordignon da Silva, Odair Santos, Daniel Martins e à equipe do revezamento 4x100 metros, da classe T11 - T13, composta por Diogo Jerônimo Ualisson, Gustavo Araújo, Daniel Silva e Felipe Gomes com os guias Heitor Oliveira Sales e Jonas Silva. Para além desses, foram lembrados ainda Silvana Costa, Lorena Spoladore, Ricardo Costa de Oliveira, Rodrigo Parreira, Izabela Campos, Alessandro Silva e Thiago Braz todos do atletismo. Edneusa Dorta da maratona também recebeu destaque, assim como

Ricardinho e Jefinho do futebol de 5; Jovane Guissone, Fabio Luiz Damasceno, Vanderson Luis e Mônica Santos da esgrima em cadeira de rodas; Antônio Leme, Dirceu Pinto, Eliseu Santos, Evani Silva, Evelyn de Oliveira e Marcelo Santos da bocha paralímpica; Marcos Candido Sanchez, Leandro de Miranda e Gelson Júnior da Silva, do basquete em cadeira de rodas; Lúcia da Silva Teixeira Araújo e Antônio Tenório do judô; Leomon Moreno e seus dois irmãos, Leandro e Leonardo, do goalball; Evânio da Silva do halterofilismo e Geraldo Von Rosenthal do tiro esportivo.

Na edição de encerramento do ZH Paraolímpica, veiculada no dia 19/09/2016, a notícia intitulada “Aquece para Tóquio - Brasil não alcança a classificação desejada, mas celebra recorde de medalhas nos Jogos Paraolímpicos do Rio” (p. 12-13), o jornalista André Baibich faz uma análise acerca do satisfatório resultado do Brasil nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, dando especial atenção aos atletas brasileiros que iniciaram a competição com pouca visibilidade e que, em razão de seus desempenhos, tornaram-se protagonistas nos pódios. As medalhas paralímpicas, por sua vez, também foram foco da reportagem de André Baibich no dia 15/09/2016. Na notícia intitulada “Sons que valem ouro, prata e bronze” (p. 46), o referido jornalista explanou acerca do designer inovador das medalhas do Rio 2016, as quais emitiam som aos serem chacoalhadas, pois possuíam guizos em seu interior, além da inscrição “Rio 2016” em braile para os atletas com deficiência visual (ZH PARAOLÍMPICA, 2016).

Considerações Finais

A fim de contemplar os objetivos dessa pesquisa, identificaram-se 61 reportagens vinculadas ao ZH Paraolímpica durante os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, as quais eram veiculadas diariamente contemplando assuntos diversificados. Os resultados da análise das reportagens foram organizados em categorias de acordo com os dados obtidos na pesquisa documental. Assim, percebeu-se que os títulos das reportagens se relacionaram com os atletas, com as modalidades esportivas ou com o megaevento em sua totalidade. Nesse panorama é inegável o notório espaço reservado ao medalhista paralímpico Daniel Dias na natação. E, além da natação, observou-se que

as modalidades recorrentes nas reportagens foram o atletismo e o basquete em cadeira de rodas. No que se refere a autoria das reportagens, a maior parte não identificou o autor, outras foram assinadas por apenas dois jornalistas.

Da análise das reportagens originaram-se duas categorias relativas à abordagem do acontecimento, uma informativa e a outra explicativa. Enquadraram-se no viés informativo 39 reportagens que relataram fatos ocorridos em determinado dia dos Jogos Paralímpicos sobre os seguintes assuntos: resultados das partidas do dia anterior, quadro de medalhas, desempenho dos atletas brasileiros, expectativas para a venda de ingressos ou programação dos Jogos, com ênfase à transmissão das modalidades (canal e horário da transmissão). No viés explicativo enquadraram-se 22 reportagens que problematizaram sobre a nomenclatura “Paralímpica” e “Paraolímpica”, bem como apresentaram esclarecimentos sobre a classificação funcional dos atletas, questões técnicas das modalidades e aspectos históricos dos Jogos, além de abordar a trajetória de vida e esportiva de alguns atletas.

Por meio deste estudo espera-se contribuir apresentando uma das possíveis interpretações da cobertura jornalística do caderno ZH Paraolímpica. Salienta-se que outras informações podem ser analisadas a partir dos dados coletados como, por exemplo, o uso de imagens nas reportagens, mas isto será feito em estudos futuros. Para, além dos resultados explanados, consideramos que o presente estudo, também, oportunizou coletar e preservar memórias do esporte paralímpico brasileiro produzidas pela cobertura jornalística.

Referências

AMORIM, M.; CORREDEIRA, R.; SAMPAIO, E.; BASTOS, T.; BOTE-LHO, M. Goalball: uma modalidade desportiva de competição. *Rev Port Cien Desp*, Porto, v. 10, n. 1, p. 221-229, 2010.

BRASIL. Lei no. 13.284, de 10 de maio de 2016.

CARDOSO, V. D.; GAYA, A. C. A classificação funcional no Esporte Paralímpico. *Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde*, Campinas,

São Paulo, v. 12, n. 2, p. 132-146, jul. 2014.

Cristiel Gasparetto (Enviado especial ao Rio) 08/09/2016 ZH PARAOLÍMPICA 45 Os Jogos da Inclusão - Uma festa para todos OS SENTIDOS.

08/09/2016 ZH PARAOLÍMPICA 45 DESTAQUES NA TV.

Cristiel Gasparetto (Enviado especial ao Rio) 09/09/2016 ZH PARAOLÍMPICA 40 Donos das quadras Dream team sobre RODAS.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (2016a). Atletismo. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/modalidades/atletismo>>. Acessado em 03 de janeiro de 2017 às 22 horas.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (2016b). Natação. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/modalidades/natacao>>. Acessado em 03 de janeiro de 2017 as 22 horas.

COMITÊ PARALÍMPICO INTERNACIONAL. (2017). Paralympic Sports. Disponível em: < <http://www.paralympic.org/sports>>. Acessado em 03 de janeiro de 2017 as 21 horas.

FELIPPI, A. Jornalismo e identidade cultural: construção da identidade gaúcha em Zero Hora. 2006.

GQ Brasil Gentlemen's Quarterly. Ano 6, no 69, dezembro de 2016.

JORDÁN, M. A. T.; RIU, J. M. P.; LÓPEZ, J. L. L.; AMO, J. L. L. del. Alternativa ecológica en la evaluación del salto de longitud de atletas paralímpicos. Cuadernos de Psicología del Deporte, Murcia, v. 16, n. 1, p. 69-76, jan. 2016.

JORNAL ZERO HORA, ZH Paraolímpica, Porto Alegre, 07 de setembro, 2016.

JORNAL ZERO HORA, ZH Paraolímpica, Porto Alegre, 08 de setembro, 2016.

JORNAL ZERO HORA, ZH Paraolímpica, Porto Alegre, 09 de setembro, 2016.

JORNAL ZERO HORA, ZH Paraolímpica, Porto Alegre, 10 e 11 de setembro, 2016.

JORNAL ZERO HORA, ZH Paraolímpica, Porto Alegre, 12 de setembro, 2016.

JORNAL ZERO HORA, ZH Paraolímpica, Porto Alegre, 13 de setembro, 2016.

JORNAL ZERO HORA, ZH Paraolímpica, Porto Alegre, 14 de setembro, 2016.

JORNAL ZERO HORA, ZH Paraolímpica, Porto Alegre, 15 de setembro, 2016.

JORNAL ZERO HORA, ZH Paraolímpica, Porto Alegre, 16 de setembro, 2016.

JORNAL ZERO HORA, ZH Paraolímpica, Porto Alegre, 17 e 18 de setembro, 2016.

JORNAL ZERO HORA, ZH Paraolímpica, Porto Alegre, 19 de setembro, 2016.

MORATO, M. P.; GOMES, M. S. P.; ALMEIDA, J. J. G. OS PROCESSOS AUTO-ORGANIZACIONAIS DO GOALBALL. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 741-760, jul./set. 2012.

STONES, R.; AHMED, O. H.; WEILER, R. How disability can win England the World Cup. British Journal of General Practice, Londres, v. 64, n. 623, p.298, jun. 2014.

SILVA, J.B.C. (s.d.). Histórico [5]. Comitê Paraolímpico Brasileiro. Disponível: < <http://www.brasilparaolimpico.org.br> >. Acessado em: 04 de janeiro de 2017 as 10 horas.

VLAK, T.; PADJEN, I.; PIVALICA, D. Paralympians—unknown heroes next door. Croatian Medical Journal, Zagreb, v. 50, n. 6, p. 527-530, dez. 2009.

**OS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016 E A (NÃO)
MOBILIZAÇÃO DA DIALÉTICA GLOBAL-LOCAL:
UM ESTUDO COM O JORNAL GAZETA DO POVO DO
ESTADO DO PARANÁ**

**PARALYMPIC GAMES RIO/2016 AND THE (NO)
GLOBAL-LOCAL DIALECTIC MOBILIZATION: A STUDY WITH THE
NEWSPAPER GAZETA DO POVO OF THE STATE OF PARANÁ**

Silvan Menezes dos Santos¹

Diego Polhmann dos Anjos²

Doralice Lange de Sousa³

bammenezes90@gmail.com

Briefing

The adapted sport has as its main and largest manifestation in society, the Paralympic Games (PG). The International Paralympic Committee (IPC), a bureaucratic institution that represents and manages the Paralympic sport worldwide as well as organizes and promotes the PG, has among the objectives of its strategic planning for the 2015-2018 period to consolidate the PG as an event premier. This organization has been working to make this sporting event more attractive to the public and reach a global scale, transforming it into a mass media spectacle. The partnership agreement between the IPC and the International Olympic Committee (IOC), starting in 2000, for the holding of PG always after the Olympic Games, in the same host city and using the same facilities has helped to consolidate the paralympic sport in the sports media agenda. Considering the recent approximation between paralympic sport and the media, and considering the relevance that the mediation of journalism has in the sociocultural conformation

1 Mestre em Educação Física. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná e membro pesquisador júnior da Academia Paralímpica Brasileira.

2 Graduado em Educação Física. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

3 Doutora em Educação. Professora Associada do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná e membro pesquisadora da Academia Paralímpica Brasileira.

of different sports manifestations, this work had the following goals: (1) to present a brief review of the literature on how the Paralympic sport has been portrayed by the media; and (2) to verify some characteristics of the coverage of the newspaper *Gazeta do Povo*, local print media of the state of Paraná, Brazil, with a focus on the mobilization of global-local dialectics during the Rio/2016 Paralympic Games. We used the printed editions of the newspaper *Gazeta do Povo*, analyzing the published news about the Paralympic Games Rio 2016 from August 31 to September 25, contemplating the week before the opening of the Games and the week that followed the closing ceremony. We found a total of 21 news related to athletes and Paralympic Games during the 25 days that we have analyzed. Our conclusion is that, in spite of the increased interest by the big media in the purchase of the broadcast rights of the mega event, as it has happened in the case of the Channel 4 in Great Britain, and Globosat in Brazil, when it comes to the insertion of the Paralympic Games in local or regional spheres, as a product of consumption to be conveyed in the different medias, the PG seem not yet to be a part of the rituals and relations of sociability established in the sphere of the national sports culture, at least in the context of the newspaper of greater circulation of the state of Paraná. In other words, the media still does not seem to have much interest in promoting and disseminating the main manifestation of sports for people with disabilities to the local population in the analyzed context. Finally, the various formats in which the Paralympic sport has been mediated reveal conflicting perspectives on how to best report on this sporting event and its main actors, the athletes.

Introdução

O esporte paralímpico, tendo nos Jogos Paralímpicos (JP) a sua principal e maior manifestação na sociedade, se instituiu no âmbito esportivo a partir da criação do *International Paralympic Committee* (IPC) em 1989. Atualmente, além de realizar os JP de Verão e Inverno e gerenciar como federação nove modalidades paralímpicas, o IPC tem entre os objetivos do seu planejamento estratégico para o período de 2015-2018, consolidar os JP como um evento “premier”. A instituição espera tornar os JP mais atrativos para o público e expandi-los para uma escala global, transformando-o em um espetáculo midiático

de massa (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2015). Até a conclusão deste texto não foram encontrados dados que nos permitissem confirmar a materialização desse objetivo durante os Jogos Rio/2016, contudo os esforços imbuídos pelo IPC têm colocado os rumos do esporte paralímpico nesse sentido.

O contrato de parceria entre o IPC e o Comitê Olímpico Internacional (COI), a partir dos anos 2000, para a realização dos JP sempre posteriormente aos Jogos Olímpicos, na mesma cidade-sede e com a utilização das mesmas instalações esportivas, tem ajudado a consolidar o esporte paralímpico na agenda midiático-esportiva. O esporte paralímpico hoje, conforme apontam Marques e Gutierrez (2015), se configura eminentemente pelo seu caráter espetacularizado e mercadológico. Atualmente é uma manifestação esportiva que em muitos casos depende de alta tecnologia para a sua prática no nível de alto rendimento (ex. próteses e cadeiras de rodas especializadas), o que demanda um alto custo financeiro. Isto, conseqüentemente, aumenta a necessidade de o mesmo se comercializar e se associar ao universo midiático como forma de captar mais recursos financeiros, sobretudo através das cotas publicitárias.

Com vistas à eminente associação entre mídia e esporte paralímpico, e compreendendo que há uma tendência de sobreposição dos interesses do campo midiático aos do campo esportivo (SANFELICE, 2010), afirma-se que um dos fatores impeditivos para um maior investimento da mídia nessa manifestação esportiva está no modo de classificação dos atletas (COAKLEY, 2009; HOWE, 2008; MARQUES; GUTIERREZ, 2015). Isso aparentemente não implica na extinção, mas sim no aprimoramento desse sistema, pois de acordo com a lógica do esporte espetáculo, existe um número excessivo de classes para acomodar os atletas em competições de acordo com o seu tipo e grau de deficiência. Isso faz com que se distribua um grande volume de medalhas nas competições, o que acaba por desvalorizar e, de certa forma, banalizar o capital simbólico que predomina no campo esportivo, que é o mérito esportivo, a conquista de medalhas⁴ e, consequen-

4 Por exemplo, nos Jogos Paralímpicos se tem dez vencedores da prova clássica da natação que são os 100 metros nado livre. Esse fator, do ponto de vista do espetáculo midiático, acaba por dificultar a eleição de ídolos, que se caracterizam pelos seus feitos

temente, reduz o interesse da mídia pelo produto (MARQUES; GUTIERREZ, 2015). Falta de interesse este que ocorre, pois, a mídia busca no esporte eleger alguns poucos ícones, ídolos, heróis, celebridades que garantam a excepcionalidade do produto midiático, neste caso o fenômeno esportivo (KELLNER, 2003; MARCHI JÚNIOR, 2001; PIRES, 2002).

O que podemos ver no contexto do esporte paralímpico hoje, é que há uma forte tentativa em se adaptar às demandas da mídia para que possa se tornar cada vez mais um espetáculo midiático. Há um movimento interno no IPC de tentar reduzir o número de classes nas competições paralímpicas para que o esporte se torne mais fácil de ser explicado pela mídia e compreendido pelo público consumidor (MARQUES; GUTIERREZ, 2015). Teoricamente, a redução de classes promoveria automaticamente uma redução no tempo das competições, tornando-as menos longas do que são atualmente e aumentaria a dinamicidade das disputas. No caso do vôlei, essa mudança de normas funcionou e foi fundamental para a espetacularização da modalidade (MARCHI JÚNIOR, 2001). Assim, é possível verificar que existe um esforço das instituições burocráticas do esporte paralímpico em pautá-lo na mídia defendendo interesses esportivos, tais como a descoberta de talentos e a formação de novos atletas, de modo que o discurso midiático enfatize aspectos técnicos e táticos, o desempenho dos atletas e seus resultados em competição (HOWE, 2008). Como exemplo disso podemos citar os guias de orientações à mídia que foram desenvolvidos pela British Paralympic Association (BPA) (BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION, 2012) e pelo IPC (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014). No entanto, parece que as exigências da mídia para aceitá-lo e transformá-lo em espetáculo midiático ainda são predominantes com relação aos pressupostos e interesses do fenômeno esportivo em questão.

A associação do esporte paralímpico com a mídia é um fenômeno relativamente novo no âmbito da cultura esportiva. Os estudos sobre as especificidades e particularidades dessa relação ainda são incipientes no Brasil. Alguns fizeram análise da cobertura jornalística

únicos e extraordinários, estratégia midiática que é dificultada no exemplo citado pois, se tem dez atletas com o mesmo feito no ambiente esportivo em questão.

sobre este tema na mídia nacional (FIGUEIREDO, 2014; GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; HILGEMBERG, 2014a, 2014b; NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010; ZOBOLI; QUARANTA; MEZZAROBBA, 2013; ZOBOLI et al., 2014, 2016), outros investigaram a abordagem midiática do esporte paralímpico sob o ponto de vista dos próprios atletas e gestores (MARQUES et al., 2013, 2014) e outros estudaram o potencial publicitário dos atletas paralímpicos (FARIA; CARVALHO, 2010). Já no contexto internacional, podemos encontrar uma produção um pouco maior (os autores internacionais reclamam que a produção é ainda muito pequena) discutindo a cobertura jornalística do esporte para pessoas com deficiência (BRUCE, 2014; BUYASSE; BORCHERDING, 2010; CHANG et al., 2011; DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009; DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010; HARDIN; HARDIN, 2003, 2004, 2005; HARDIN, 2003; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011a, 2011b; PAPPOUS et al., 2009; SILVA; HOWE, 2012a; THOMAS; SMITH, 2003; ZHAO, 2008). Embora os estudos sobre mídia e esporte paralímpico sejam mais recentes, existe uma produção mais abundante que explora a associação entre mídia e esporte sob uma abordagem mais ampla no contexto brasileiro.

Entre a diversidade de formatos em que pode se materializar o discurso midiático-esportivo representando o processo de espetacularização do esporte, tais como as transmissões dos jogos e campeonatos via rádio, televisão ou internet, assim como a publicidade esportiva, tem-se também o jornalismo esportivo, que noticiava fatos, narra o cotidiano do esporte e o institui na/para a sociedade (BORELLI; FAUSTO NETO, 2002). O jornalismo esportivo é, então, uma das principais formas dos meios de comunicação de massa conformarem modos de se compreender, ser e estar com relação ao âmbito esportivo na sociedade, ou seja, um tipo hegemônico de mediação comunicativa da mídia para a formação da cultura esportiva na contemporaneidade (PIRES, 2002). No jornalismo esportivo existem ainda diferentes estratégias e formatos de promoção da mediação cultural do fenômeno junto à sociedade, dentre elas estão o agendamento midiático-esportivo, os enquadramentos, a criação de heróis e a dialética global-local. Esta última se configura como uma das principais formas de se estabelecer relações de identidade, de aproximação e de reconhecimento do público para com as manifestações globais do espetáculo esportivo, tal como os Jogos Paralímpicos.

Diante do cenário descrito, ao considerarmos a recente aproximação do esporte paralímpico com a mídia e a relevância que a mediação do jornalismo tem na conformação sociocultural das diferentes manifestações esportivas, este trabalho teve dois objetivos principais: (1) apresentar uma breve revisão de literatura sobre como o esporte paralímpico têm sido retratado pela mídia; e (2) verificar algumas características da cobertura do jornal Gazeta do Povo, através da versão impressa dessa mídia local do estado do Paraná, focando especificamente na mobilização da dialética local-global durante os Jogos Paralímpicos Rio/2016.

Na sequência do texto apresentamos uma revisão de literatura não sistemática de investigações realizadas sobre a cobertura midiática do esporte paralímpico. Em seguida apresentamos também os elementos teóricos e conceituais da estratégia jornalística denominada de dialética local-global, assim como alguns dados empíricos de investigações realizadas sobre o tema no âmbito esportivo. Por fim, apresentamos o percurso metodológico e os dados encontrados neste trabalho com o jornal local de maior circulação do estado do Paraná, Brasil, a Gazeta do Povo, com relação à cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio/2016.

O espaço e a abordagem do esporte paralímpico na mídia - uma revisão da literatura

De modo geral, o objetivo dos estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre mídia e esporte paralímpico é avaliar, a partir de diferentes variáveis e critérios, de que modo e em qual proporção o esporte paralímpico vem ganhando visibilidade na mídia. Além do espaço midiático destinado ao esporte paralímpico, as pesquisas também têm sido desenvolvidas com o intuito de identificar possíveis estigmas que normalmente são associados às pessoas/atletas com deficiência.

Conforme De Léséleuc, Pappous e Marcellini (2009), as pesquisas sobre o assunto têm buscado averiguar o que se valoriza e o que é desvalorizado no contexto da produção midiática sobre o esporte para pessoas com deficiência. Ou seja, tem-se buscado entender como a mídia tem se apropriado do esporte paralímpico, objetivando-se revelar

a abordagem que a narrativa jornalística tem feito dessa manifestação esportiva e de seus atletas.

De acordo com a literatura, a mídia tem se referido aos atletas com deficiência de diferentes formas. Para De Pauw (1997), existem três abordagens principais: a) invisibility of disability in sport, no qual os atletas com algum tipo de deficiência são invisíveis ou excluídos do esporte; b) visibility of disability in sport, no qual as pessoas com deficiência tornam-se visíveis no esporte, vistos como atletas, porém ainda com foco nas deficiências; e c) (in)Visibility of disAbility in sport, situação em que eles ganham visibilidade no esporte, agora enfocados como atletas, com a deficiência ainda visível, porém em segundo plano (DEPAUW, 1997).

Thomas e Smith (2003) analisaram quatro jornais britânicos durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos de Sydney/2000, o The Sun, o The Daily Mail, o The Times e o The Guardian e encontraram 62 artigos que se referiam aos atletas com deficiência. Os autores concluíram que a cobertura valorizou, em parte, os feitos esportivos dos atletas. Eles também verificaram que a mesma reproduziu estereótipos medicalizantes (perspectiva que percebe as deficiências como patologias que precisam de cura) e comparou os padrões de capacidade corporal de atletas com deficiência e sem deficiência.

Hardin e Hardin (2005) fizeram uma análise do conteúdo fotográfico publicado por uma revista especializada em esporte nos Estados Unidos, a Sports 'n Spokes. De modo geral, os autores identificaram que os atletas com deficiência foram retratados predominantemente em posturas ativas, caracterizados como esportistas e praticando uma multiplicidade de modalidades esportivas. De acordo com os autores esse tipo de imagem das pessoas e atletas com deficiência pode ajudar a romper com o paradigma de que corpos deficientes são incapazes ou inválidos.

Pappous et al. (2007) analisaram a cobertura fotográfica de sete jornais impressos espanhóis durante os Jogos Paralímpicos de 1996, 2000 e 2004 e encontraram 306 imagens neste período. Os autores identificaram que a imprensa espanhola perdeu uma ótima oportunidade de, durante os Jogos Paralímpicos, romper com estereótipos associados às pessoas com deficiência. Na ocasião, os atletas foram retratados com as suas deficiências ocultadas na maior parte das fotos

e também com a esportividade encenada, imagens em que os atletas eram retratados sem que aparecesse um dos elementos que representam a competitividade deles, como o campo de competição, a ação de disputa ou o uniforme.

De Léséleuc, Pappous e Marcellini (2009; 2010) analisaram a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de Sydney/2000 em oito jornais impressos de quatro países europeus (Espanha, Inglaterra, Alemanha e França) com o intuito de identificar possíveis formas de estigmatização das esportistas com deficiência. Eles encontraram 108 artigos de jornal, contando com 58 fotos no total. Pautados em estudos de gênero, os autores encontraram que, do ponto de vista do espaço midiático, as atletas com deficiência não são estigmatizadas ou ocultas da cobertura, pois apareceram na mídia nas mesmas proporções que participaram das delegações e na mesma proporção de medalhas que conquistaram. Entretanto, com relação à abordagem da narrativa jornalística, os autores revelaram que os atletas paralímpicos tendem a ser estigmatizados com atributos que os infantilizam, destacando suas fragilidades e vulnerabilidades, que trivializam seus feitos esportivos, enfocando suas vidas pessoais e relacionamentos afetivos, e no caso das mulheres, com narrativas voltadas para a feminilidade das mesmas, sexualizando-as (com imagens das partes genitais do corpo) (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009; DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010).

Em estudo sobre a cobertura fotográfica de onze jornais de cinco países e continentes diferentes durante os Jogos Paralímpicos de Pequim/2008, Buysse e Borcharding (2010) analisaram elementos que compunham as fotos, comparando-as a partir dos modos como retratavam atletas com deficiência dos gêneros masculino e feminino. Os autores verificaram que, de modo geral, há uma tendência em se retratar mais os homens do que as mulheres em quadra. Eles destacaram ainda que a mídia analisada veiculou um número maior de imagens de homens em momentos de ação na competição (53%) do que de mulheres (40%). De acordo com os autores, quanto menos se retrata mulheres em espaços de disputa, mais se perpetua a crença de que o esporte e o esporte para pessoas com deficiência são práticas predominantemente masculinas. Buysse e Borcharding (2010) ressaltam

que a cobertura midiática não tem acompanhado o crescimento do esporte paralímpico pelo mundo, sobretudo por continuarem escondendo simbolicamente os atletas com deficiência. Esta tendência não valoriza os mesmos pelas suas competências atléticas, da mesma forma que não legitima o esporte paralímpico como manifestação esportiva de alto rendimento.

Pappous, Marcellini e De Léséleuc (2011b) compararam as coberturas fotográficas dos jogos de Sydney/2000 e Pequim/2008 em 10 jornais de cinco países europeus (Alemanha, Inglaterra, Espanha, Grécia e França) e encontraram um crescimento do volume de imagens publicadas pela mídia europeia. No entanto, eles identificaram também um aumento da “invisibilidade” das deficiências dos atletas nestas imagens. Durante os Jogos de 2000, 18% das fotografias ocultavam as deficiências dos atletas. Já em 2008 esse ocultamento aumentou para 58% das publicações. Da mesma forma, as imagens de atletas paralímpicos em posturas passivas (ou seja, de atletas parados, estando fora de disputa) aumentaram de 2000 para 2008 de 40% para 62%. Para os autores, essa tendência contraria o símbolo do movimento paralímpico que são os três Agitos, pois a palavra agito no latim significa “eu me movo”.

Chang et al. (2011) compararam a cobertura jornalística dos atletas que competiram os Jogos Olímpicos com a cobertura dos que disputaram os Jogos Paralímpicos de Pequim/2008 feita por um jornal impresso canadense, The Globe and Mail. Foram catalogados 302 artigos publicados sobre os JO e 11 artigos sobre os JP. Os autores identificaram que alguns temas foram recorrentes nas narrativas veiculadas sobre ambos os megaeventos esportivos, tais como os resultados dos jogos, a dimensão atlética e questões éticas do esporte. Porém, outros temas apareceram somente em cada um deles. No caso dos JO foram encontradas narrativas sobre economia, política, nacionalismo e sobre a própria mídia. Já no caso dos JP foram veiculadas algumas notícias comparando os JO com os JP. A principal conclusão dos pesquisadores foi que não houve a reprodução de uma narrativa hegemônica da capacidade dos corpos atléticos olímpicos sobre os paralímpicos e muito menos estes últimos foram retratados como vítimas e sofrendores das

suas deficiências, ou como *supercrips*⁵ (super-deficientes), mas sim como atletas reais de alto rendimento, focados nas suas participações e desempenhos esportivos. Os resultados obtidos neste estudo demonstram um cenário mais positivo com relação à forma midiática de retratar os atletas, pois dão enfoque aos feitos esportivos dos atletas em detrimento de veicular uma narrativa estereotipada dos mesmos.

Gonçalves, Albino e Vaz (2009) se propuseram a analisar a construção cultural a respeito dos atletas com deficiência feita por três mídias impressas brasileiras durante os Jogos Para-Panamericanos de 2007, a revista A+ e os jornais Lance e Folha de São Paulo. Os autores destacam que, do modo como se constrói a narrativa em torno do esporte paralímpico, parece uma necessidade midiática e/ou esportiva colocá-lo em paralelo equitativo com o seu correlato olímpico. Da mesma forma que no discurso do esporte convencional, o qual parece buscar as histórias dramáticas da infância e adolescência permeadas pelo sofrimento com a pobreza e com a violência urbana das periferias do país, para depois ressaltar a superação dos atletas em alcançar um lugar social através do esporte e do pódio olímpico, não é de um todo diferente no esporte paralímpico. No caso deste segundo, foram narradas primeiramente as tragédias que levaram os sujeitos ao “sofrimento” de ter e de conviver com algum tipo de deficiência, para depois alçá-los à posição de mito e de herói por terem superado essas barreiras que parecem intransponíveis, sendo colocados como exemplos a serem seguidos pela sociedade.

De acordo com Gonçalves, Albino e Vaz (2009), aparentemente o discurso midiático visa legitimar o esporte para pessoas com deficiência através de narrativas sobre as barreiras encontradas pelos atletas em sua trajetória de vida e/ou sobre seus feitos anteriormente considerados inatingíveis considerando as suas deficiências. Essas narrativas tendem a representar os atletas ou como vítimas ou como super-heróis, em uma tentativa de retratá-los como “bons moços”. Este tipo de narrativa, segundo os autores:

acaba em alguma medida retirando a dimensão de humanidade

5 Apresentaremos a discussão conceitual sobre a questão do supercrip mais a frente nesta seção do trabalho.

desses sujeitos. Dito de outro modo, o fato de alguém ter determinada deficiência, por esse único motivo, é tomado como suficiente para que esse seja apresentado às pessoas como moralmente correto, incapaz de cometer equívocos ou atos de crueldade. Novamente emerge a perspectiva de compensação – essa sempre associada ao “mas” –, expressando que é deficiente, mas é um excelente sujeito (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009, p. 164).

De acordo com os autores supracitados, a lógica de compensação expressa no tipo de construção da narrativa midiática relacionada ao esporte paralímpico reforça um imaginário de que os atletas com deficiência, sobretudo os ídolos e heróis paralímpicos não são capazes de cometer atos ilícitos. Ou ainda, além disso, essa narrativa de compensação pode revelar o entendimento de que as pessoas com deficiência são muitas vezes consideradas inúteis na/para a sociedade, e assim reproduzir e reforçar a baixa expectativa, a desvalorização e a marginalização que esse grupo social sofre no cotidiano.

O paralelo entre o imaginário de vítimas e super-heróis em torno dos atletas com deficiência foi investigado por Hilgemberg (2014b) em um estudo comparativo e longitudinal da mídia brasileira e portuguesa durante o período de realização dos Jogos Paralímpicos de Atlanta/1996 a Pequim/2008. A pesquisadora concluiu que a mídia, tanto do Brasil como de Portugal, tende a retratar os atletas paralímpicos primeiramente como vítimas, dignos de pena, e posteriormente como heróis e exemplos de superação e coragem. Segundo a autora, essa tendência pode ser considerada um modelo positivo de veiculação do esporte e dos atletas paralímpicos, pois lhes atribui valor e reconhecimento social (HILGEMBERG, 2014b).

Em uma análise longitudinal da cobertura do New York Times (NYT) sobre os temas Olímpicos e Paralímpicos no período entre 1955 e 2012, Tynedal e Wolbring (2013) mapearam 246 notícias relacionadas aos Paralímpicos e 10.487 artigos sobre os Olímpicos. Os autores identificaram uma tendência ao reforço de estereótipos similares aos apontados por Hilgemberg (2014b) com relação aos atletas com deficiência, como vítimas ou super-heróis, porém fazem uma crítica a este modelo. Para eles, essa forma de se representar os atletas não

contribui para a consolidação do esporte paralímpico na sociedade, muito menos para a revelação de barreiras sociais enfrentadas pelas pessoas com deficiência para desenvolver a prática esportiva em seus diferentes níveis no dia a dia delas.

A abordagem dos atletas com deficiência como supercrips, normalmente feita de forma sensacionalista, reforça a ideia de que o atleta é uma espécie de super-herói que, “apesar” de suas deficiências, com o seu próprio esforço, dedicação e vontade, consegue superar obstáculos e vencer (HARDIN; HARDIN, 2004; SILVA; HOWE, 2012). De acordo com Silva e Howe (2012a), a abordagem do “supercrip” se constitui em uma estratégia de marketing social que busca dar visibilidade e agregar valor de mercado aos atletas paralímpicos. Porém, os autores questionam a validade dessa estratégia discursiva levada a cabo por instituições esportivas e midiáticas relacionadas ao movimento paralímpico, pois reconhecem que há um paradoxo existente nos possíveis efeitos esportivos e sociais que essa construção midiática pode provocar. O fenômeno do supercrip pode gerar um mal estar social, pois o exemplo dos atletas tratados como heróis pode gerar a expectativa de que todas as pessoas com deficiência deveriam alcançar grandes feitos esportivos. Isto, por sua vez, poderia fazer também com que as próprias pessoas com deficiência se sintam pressionadas a realizar feitos similares, o que pode fomentar um temor ou uma obsessão em relação à realização esportiva.

Ainda sobre a estratégia da utilização do modelo de supercrip, outros autores lembram que o reforço da imagem do atleta como um herói a partir de uma perspectiva que enfatiza esforços e méritos individuais é recorrente na mídia esportiva e não se aplica somente no caso do esporte paralímpico. Muitos atletas paralímpicos não percebem esta abordagem como problemática. Eles a veem como uma oportunidade para o aumento da visibilidade de pessoas com deficiência na mídia e para se melhorar as opiniões sobre as mesmas por parte da sociedade (HARDIN; HARDIN, 2004). Isto, no entanto, não é um consenso entre os atletas. No caso de atletas brasileiros e portugueses, alguns deles relatam que prefeririam, ao invés de serem abordados como supercrips, serem simplesmente valorizados pelos seus feitos atléticos (MARQUES et al., 2014, 2015).

O que podemos constatar com a caracterização que as investigações sobre a relação mídia e esporte paralímpico vêm fazendo é que não há um consenso e um modelo padrão do espaço e da abordagem que é destinada a referida manifestação esportiva. Outro fator que parece implicar na irregularidade da abordagem do esporte e dos atletas paralímpicos são as constantes mudanças linguísticas nos modos de se referir às pessoas e atletas com deficiência, o que pode acabar gerando estigmatizações dos mesmos. Nesse sentido, podemos considerar como possível fator desse imbróglcio algumas especificidades culturais dos diferentes países, tais como questões linguísticas, valores e símbolos expressos nos discursos dos meios de comunicação de massa dessas diferentes localidades. Outros fatores que podem ser elencados são: o preparo - ou não - dos jornalistas esportivos para as características do esporte paralímpico; as interferências das agências esportivas e da academia, com a produção de guias de orientações para a mídia; assim como também o crescente interesse de patrocinadores, buscando assim intervir nos modos de se midiatar o esporte paralímpico.

Referencial teórico - a dialética global-local no jornalismo esportivo

Existem algumas estratégias e modos de pautar o conteúdo esportivo no âmbito midiático. Entre elas está a dialética global-local que é mais uma estratégia já identificada por pesquisas como critério de noticiabilidade e como filtro cultural determinante para a construção das notícias no âmbito do jornalismo esportivo, sobretudo no que se refere à mídia impressa. Bitencourt et al. (2005, p. 30), em estudo sobre a cobertura jornalística de atletas catarinense nos Jogos Olímpicos de Atenas/2004, concluem que:

A Mídia, então, parece operar a relação local-universal agenciando discursos diversos, entre eles o esportivo, para tal efeito. Recorrendo ao sentimento de pertença ligado a um atleta local – preferencialmente se este é também um ídolo transnacional – provoca a identificação do local com o universal e a incorporação, em nosso caso pelo local, do discurso ideológico universalizante constituído pelo esporte olímpicamente ritualizado.

Em uma lógica operacional de criação ou reforço de identidades muitas vezes não necessariamente existentes entre o produto jornalístico e o leitor/espectador/consumidor, a dialética global-local é utilizada como forma de atrair e fidelizar audiências para a mídia. Ao explanar sobre o conceito de forma objetiva, revelando o movimento dialético exercido pelo discurso jornalístico na construção da notícia, Pires (2009, p. 20) afirma que a dialética global-local é:

a interpenetração de interesses dos quais se vale a mídia para divulgar o evento global ao seu público local. Sumariamente, podemos caracterizar essa relação como uma estratégia da cobertura jornalística que visa despertar o interesse dos seus leitores pelo evento global a partir da identificação destes leitores com atletas “locais”, que lhes são próximos ou que proporcionem essa sensação de proximidade, pelo fato de competirem por algum clube do estado ou por terem nascido no estado. Por outro lado, reconhecida a importância do evento global por essa estratégia de aproximação, ocorre o inverso, isto é, passa a ser do interesse dos leitores acompanhar a cobertura jornalística para se manter informado sobre a participação dos “locais” na competição global.

Em estudo com o jornal impresso mineiro, “Estado de Minas”, na cobertura dos Jogos Pan-americanos Rio/2007, Antunes et al. (2009) identificaram que a referência ao atleta local e a expectativa pelas medalhas foram os elementos mais recorrentes no discurso jornalístico da mídia analisada. Embutido nessas categorias, os autores verificaram que o atleta com o maior número de menções foi o nadador Thiago Pereira, que naquela edição dos Jogos confirmou as expectativas como um dos maiores medalhistas da competição. Entretanto, o fato a ser destacado na utilização da dialética global-local pela mídia mineira é que o nadador multimetalista sequer era natural do estado de Minas Gerais. O atleta é carioca, nascido em Resende, Rio de Janeiro, porém na época treinava pelo Minas Tênis Clube, e por isso acabou sendo veiculado pelo jornal como representante da identidade esportiva mineira naquela competição (ANTUNES et al., 2009).

Uma cobertura jornalística semelhante foi realizada por uma mídia impressa sergipana durante a edição carioca dos Jogos Pan-ame-

ricanos em 2007. O “Jornal da Cidade” utilizou de um neologismo para operar a dialética global-local e aproximar o evento esportivo do público sergipano, fazendo a cobertura da competição sempre com menção aos atletas “sergipanamericanos”. O que se ressalta desta pesquisa é que entre os cinco atletas sergipanos que foram enfocados na cobertura da mídia local, praticamente todos eles apenas nasceram no estado e ao iniciarem a trajetória esportiva logo se mudaram para outras localidades em busca de melhores condições e oportunidades. Nesse sentido, o vínculo territorial e cultural dos atletas utilizados na operação dialética da estratégia jornalística é apenas esporádico, consolidando uma identidade mais construída pela mídia do que a necessariamente existente (RIBEIRO et al., 2009).

Em estudo organizado por Mezzaroba et al. (2014) sobre a cobertura dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Londres/2012 por diferentes veículos midiáticos do estado de Sergipe, telejornal, jornal impresso e portais de notícias locais, foi identificado que por falta de atletas representantes da região que participariam dos referidos megaeventos globais, foram mobilizados outros elementos e personagens para estabelecer a relação dialética entre o global e o local. No caso da mídia impressa e dos portais de notícias, a realização de uma etapa do campeonato nacional de boxe na capital do estado de Sergipe, Aracaju, no período que antecedeu os Jogos Olímpicos, se tornou a conexão direta com a dimensão global do referido megaevento (ARAGÃO; SANTOS, 2014; QUARANTA; MENEZES; CORREIA, 2014). O fato de atletas que compunham a equipe olímpica de boxe que disputaria os Jogos de Londres estarem em Aracaju para a última competição, como forma de preparação, se tornou o elemento mais enfático na construção das notícias durante o período. Foram mencionados também os atletas que apareciam como promessas de Sergipe para o futuro do boxe brasileiro e que comporiam a equipe brasileira da modalidade para o ciclo olímpico seguinte, do Rio/2016. Além disso, em alguns momentos foram noticiados dirigentes e/ou técnicos sergipanos que iriam ou que poderiam ir aos Jogos de Londres, como o caso da técnica de ginástica rítmica, Cristina Vidal, que foi convocada para ser árbitra na competição, e o dirigente da Federação Sergipana de Boxe que poderia ir representando a delegação brasileira nos Jogos Olímpicos. No caso do telejornal, nenhuma menção aos Jogos Olímpicos e/

ou Paraolímpicos foi feita durante o período analisado, o que segundo os autores caracteriza a submissão do telejornal e da retransmissora local às diretrizes e interesses comerciais nacionais da emissora, pois ficou a cargo do telejornal nacional utilizar o tempo de TV do telejornal local para veicular as informações sobre os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos (GARCIA; SILVA; SANTOS, 2014).

O que podemos considerar com as dimensões conceituais e empíricas da mobilização da dialética global-local pelo jornalismo esportivo é que se trata de uma estratégia básica de busca pela aproximação e criação de identidade com o público leitor, sobretudo na imprensa escrita do impresso e da internet, sendo diferente no caso da televisão. Isto se deve, possivelmente, ao fato de a imprensa escrita investir muito em elementos linguísticos que atraiam a atenção do consumidor por usar basicamente linguagem textual, o que é diferente com a televisão que tem os elementos audiovisuais para captar os seus telespectadores. A dialética global-local pode ser considerada, portanto, uma potente forma de criação de sentimentos nacionalistas, regionalistas e localistas em torno do esporte, assim como também de modos de ser, estar e compreender o mesmo diante de situações por vezes abstratas ou destituídas de sentido para determinados públicos consumidores como o caso dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos que não fazem parte das tradições da brasilidade assim como as Copas do Mundo de futebol masculino (BITENCOURT, 2009).

Dois estudos relacionados ao esporte paralímpico podem ser aproximados do que se caracteriza por dialética global-local. O primeiro é o estudo de Bruce (2014) sobre as diferenças na cobertura midiática de atletas paralímpicos neozelandeses e estrangeiros pela mídia da Nova Zelândia. O segundo é o estudo comparativo de Novais e Figueiredo (2010) sobre a cobertura de mídias brasileiras e portuguesas acerca de ídolos olímpicos e paralímpicos de ambos os países.

No estudo desenvolvido por Bruce (2014) sobre a cobertura fotográfica da mídia na Nova Zelândia, foram analisados quatro jornais impressos durante os Jogos de 2008. Para os Jogos de 2012, a autora incluiu na análise um portal digital de notícias. A pesquisadora identificou que a exposição das deficiências esteve mais recorrente nas imagens dos atletas internacionais, de outros países, do que quando se tratava

dos atletas nacionais, neozelandeses. Segundo a autora, esse tipo de opção jornalística esteve associada ao discurso e imagem nacionalista que a mídia local procurou veicular acerca dos atletas e do esporte paralímpico no país. Essa foi uma forma de ressaltar a esportividade e a competitividade dos atletas nacionais, tendo como contraponto o foco nas limitações, nos comprometimentos e nas deficiências dos atletas internacionais adversários. Bruce (2014) conclui que essa abordagem nacionalista da cobertura midiática no caso do esporte paralímpico, que oculta as deficiências dos atletas, pode dificultar a construção da normalidade desse fenômeno na convivência social. Ou seja, o ocultamento das deficiências dos atletas em nada contribui para com a ruptura do estranhamento, do mal estar e da dificuldade que as pessoas ainda têm em lidar com pessoas com deficiência em muitas situações na sociedade. Neste caso, a dialética global-local buscou veicular uma imagem dos atletas paralímpicos neozelandeses que fosse passível de estabelecer uma relação identitária com o público leitor local. Ao retratar e focar a alegria e celebração dos atletas locais, a mídia neozelandesa procurou desenvolver o sentimento de pertença ao fenômeno global do esporte paralímpico - os Jogos Paralímpicos - no contexto cultural da Nova Zelândia. De acordo com os dados apresentados pela autora, foi criada, inclusive, uma imagem de oposição entre os atletas de outros países e os atletas locais, o que acaba reforçando a imagem de atletas locais fortes, competitivos e vencedores.

Novais e Figueiredo (2010) investigaram quatro portais de informação na internet, sendo dois do Brasil e dois de Portugal, para comparar a cobertura jornalística de atletas olímpicos e paralímpicos medalhados, brasileiros e portugueses, durante os Jogos de Pequim/2008. Com relação ao volume total de notícias catalogadas, proporcionalmente nos dois países, foram publicados em torno de 70% dos artigos sobre atletas olímpicos e os 30% restantes sobre atletas paralímpicos. Do ponto de vista da abordagem feita sobre os dois grupos, os autores revelam que tanto no Brasil como em Portugal, os atletas olímpicos tendem a ser endeusados ou mitificados pelos seus feitos esportivos. Por outro lado, os feitos esportivos dos atletas paralímpicos são em um primeiro momento banalizados. Os mesmos tendem a ser primeiro enfocados pela via de suas condições médicas, tratados como pacientes de algum tipo de patologia e que buscam a cura. Depois, no

caso de conquistas de medalhas, os atletas paralímpicos tendem a ser valorizados não necessariamente pelos seus feitos atléticos, mas pela superação das dificuldades para chegar até uma medalha devido às suas deficiências. Neste caso da pesquisa de Novais e Figueiredo (2010), fica evidente como a mobilização da dialética global-local é mais utilizada para noticiar atletas olímpicos do que paralímpicos. De acordo com os dados apresentados, tanto no Brasil como em Portugal, os atletas olímpicos locais de cada país foram significativamente mais citados na narrativa midiática dos respectivos portais de notícias do que os atletas paralímpicos. Estes só apareceram em 30% das publicações que aproximavam os ídolos locais ao evento global, no caso os Jogos Paralímpicos de 2008.

Apresentação e discussão dos dados

Em nossa pesquisa utilizamos as edições do jornal Gazeta do Povo, analisando as notícias publicadas acerca dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, no período compreendido entre 31 de agosto a 25 de setembro, contemplando, portanto, a semana anterior à abertura dos Jogos, o período de realização e a semana que seguiu após a cerimônia de encerramento.

Durante o período de nossa análise que totalizou 25 dias, foram publicadas um total de 21 notícias relacionadas aos atletas e aos Jogos Paralímpicos. Em nove destes 25 dias não houve notícias a respeito. O período de menor número de notícias ocorreu na semana anterior à abertura, no qual foram publicadas 4,7% das reportagens. Já durante os Jogos – do dia 07/09 ao dia 18/09 – foram publicadas 76,2% (apenas o dia 16 ficou sem notícia) das notícias. Na semana após o encerramento foram publicadas 19,1% das notícias.

Quanto ao espaço destinado pelas publicações relacionadas aos Jogos Paralímpicos, elas ocuparam um total de 21 páginas, sendo nove em páginas pares e doze ímpares. O maior volume de publicações em páginas ímpares, mesmo que com uma diferença pequena em relação as pares, representa certa valorização do conteúdo dos Jogos Paralímpicos na composição dos espaços nas páginas do jornal. As páginas ímpares possuem maior valor simbólico e, consequen-

temente, econômico na composição dos jornais impressos, pois são as páginas que primeiro ocupam o campo visual do leitor no momento de folheá-las e por isso costumam custar maior valor para a divulgação de publicidades (FARIA, 2001).

Foram 21 imagens publicadas entre as 21 notícias, as quais ocuparam uma área aproximada de 4202,41 cm² do jornal, com uma área média de 200,11 cm² cada uma. Essa área média das notícias corresponde a 11% da área relativa de uma página inteira da Gazeta do Povo atualmente, que é veiculada em formato berliner (53,7cm x 40,9cm). Segundo os critérios de análise de Faria (2001), uma área relativa das matérias que ocupe entre 11 e 20% da página do jornal pode ser considerada uma cobertura média do conteúdo.

As notícias publicadas se concentraram em sua maioria no Caderno de Esportes (17), contudo se fizeram presentes também nos Cadernos Opinião (2), Ponto de Vista (1) e, Economia (1), conforme demonstrado abaixo na tabela de notícias por caderno da Gazeta do Povo:

Tabela 1: Notícias por caderno da Gazeta do Povo

Período	Caderno Esportivo	Caderno Opinião	Caderno Ponto de Vista	Caderno Economia	Total de notícias	%
Pré JP	1	0	0	0	1	4,7
Durante os JP	14	2	0	0	16	76,2
Pós JP	2	0	1	1	4	19,1
Total	17	2	1	1	21	100

Legenda: JP – Jogos Paralímpicos.

Fonte: autores

Normalmente, segundo Borelli e Fausto Neto (2002), a cobertura de megaeventos esportivos é feita através de um caderno especial, com uma mobilização de toda a redação, envolvendo praticamente todas as editorias de um jornal. Quando da cobertura jornalística da Copa do Mundo FIFA 2014, a mesma Gazeta do Povo veiculou um

caderno especial da Copa e publicou 2183 notícias sobre os mais variados temas acerca do megaevento esportivo (SANTOS et al., 2016). Esta realidade não se repetiu no caso da cobertura dos Jogos Paralímpicos pelo mesmo jornal, o que pode reforçar o baixo ou incipiente valor midiático e comercial dessa manifestação esportiva para um veículo de mídia de alcance local como a Gazeta do Povo. Outro fator que também pode ser associado a esta pequena cobertura dos Jogos Paralímpicos pelo jornal analisado é a crise econômica vivida pelo país durante os últimos anos, o que acarreta em não enviar jornalistas para fazer a cobertura in loco. No caso da Gazeta, das 21 notícias publicadas oito foram de agências de notícias e as outras 13 produzidas por jornalistas direto da redação.

Feita esta breve apresentação sobre algumas das características da cobertura da Gazeta, focaremos agora na discussão sobre o modo como foi mobilizada a dialética global-local pelo referido jornal. Ou seja, discorreremos se houve - ou não - uma exaltação acerca do desempenho e/ou dos resultados alcançados por atletas da cidade de Curitiba e do estado do Paraná, região onde o jornal tem sua sede e território por onde alcança sua circulação.

Os paranaenses competiram em 13 diferentes modalidades esportivas individuais e coletivas nos Jogos Paralímpicos, em um total de 23 atletas, o que representa quase o dobro de competidores, se comparados aos 13 que estiveram na edição anterior em Londres. Quanto aos resultados por eles obtidos, foram responsáveis pela conquista de 7 medalhas (uma de ouro, três de prata e três de bronze), o estado melhor posicionado da região Sul do país, ficando atrás apenas dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Mato Grosso do Sul respectivamente, cuja participação por modalidade podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 1: Participação dos atletas paranaenses nos Jogos Paralímpicos Rio 2016

Modalidade	Quantidade de atletas
Atletismo	5
Bocha	2
Canoagem	2
Ciclismo	1
Esgrima de cadeira de rodas	2
Futebol de 5	1
Halterofilismo	1
Natação	1
Rúgby em cadeira de rodas	1
Tênis de mesa	2
Tiro com arco	1
Vela	1
Vôlei sentado	3
Total	23

Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/olimpiadas/2016/conheca-a-historia-dos-23-paranaenses-na-paralimpiada-do-rio> 2rb-cr8nto0k0m37t1xiw7m5g8

Apesar desse volume de atletas participando ativamente dos jogos Paralímpicos, a Gazeta do povo não fez uma cobertura no sentido de focar os paranaenses, se restringindo em veicular um número limitado de três notícias fazendo referência ao local. Isto é, a cobertura com mobilização da dialética global-local não condiz nem ao menos com a quantidade de medalhas obtidas pelos atletas do estado.

Dentre as notícias que compunham características da dialética

global-local que dizem respeito ao Paraná nos Jogos Paralímpicos, podemos encontrar indícios em uma delas que não se referia a nenhum atleta no dia 19/09. A notícia trouxe informações sobre uma empresa da região Metropolitana de Curitiba, da cidade de Campo Largo, uma mineradora que teve participação na confecção das medalhas Paralímpicas, ressaltando como uma contribuição paranaense para a realização dos Jogos. Em outra notícia, no dia 13/09, é exaltado o resultado dos atletas paranaenses na bocha por equipe, que conquistaram uma medalha de prata, destacando que eles sempre costumam trazer medalhas para casa. Já a outra matéria é mais factual, da edição dos dias 10 e 11/09, e conta um pouco da trajetória de vida de um jogador de futebol de 5 angolano, que mora em Curitiba e se naturalizou brasileiro. A matéria também conta a reação desse jogador ao receber a convocação para os Jogos Paralímpicos Rio 2016 de última hora. Contudo, foi um número pequeno de notícias nessa categoria, que não nos permite constatar um enfoque maior aos atletas da região.

Diante do pouco espaço destinado aos Jogos Paralímpicos na cobertura da Gazeta do Povo, assim como a quase inexistente mobilização da dialética global-local na abordagem dos atletas e das conquistas dos mesmos durante a competição, levantamos a hipótese de que mesmo com o eminente processo de midiaticização do esporte paralímpico no Brasil e em muitos outros países (MARQUES; GUTIERREZ, 2015), do ponto de vista local e regional ainda há uma série de obstáculos, preconceitos e entraves a serem superados para maior valorização da mídia com a referida manifestação esportiva. Conforme supracitado, a dialética global-local é uma das principais estratégias para se desenvolver o sentimento de pertença do público com relação a determinada manifestação ou ídolo esportivo (BITENCOURT, 2009), e assim, conseqüentemente, uma mobilização potencial para atração do público consumidor e fidelização do mesmo para a leitura das páginas de um jornal em busca da informação esportiva e, sobretudo, da posição e situação dos locais dentro do fenômeno global (PIRES, 2009). Neste caso da Gazeta do Povo com relação aos Jogos Paralímpicos Rio/2016 não foi possível identificar e nem caracterizar evidências de um esforço midiático pela criação de uma identidade, por um reconhecimento social e pelo intuito de despertar o interesse do leitor local por essa manifestação esportiva global.

Sem desconsiderarmos o fator da crise econômica que citamos anteriormente e que pode ter sido determinante para o tamanho da cobertura jornalística que o jornal se dispôs a realizar ou até mesmo que pôde fazer dos Jogos Paralímpicos, a diferença de espaço e de conteúdo produzido pela Gazeta do Povo sobre a Copa do Mundo de Futebol FIFA/2014 em comparação com a competição paralímpica reafirma as distinções ritualísticas existentes na cultura esportiva brasileira entre o futebol e as outras manifestações esportivas (BITENCOURT, 2009). Essa discrepância midiático-esportiva que destacamos reforça também a monocultura esportiva da mídia nacional há tanto já denunciada por Betti (2001).

Considerações Finais

A projeção do IPC de transformar os Jogos Paralímpicos em um evento premier até 2018 parece estar se consolidando com a eminente midiatização e interesse de grandes mídias pela compra dos direitos de transmissão do megaevento, assim como tem sido com o Channel 4, na Grã-Bretanha, e a Globosat, aqui no Brasil. Entretanto, em se tratando da inserção dos Jogos Paralímpicos em esferas locais, ou regionais, como produto de consumo a ser lido e assistido nos diferentes meios de comunicação, parece ainda não fazer parte dos rituais e das relações de sociabilidade estabelecidas no âmbito da cultura esportiva nacional, ao menos no que diz respeito ao contexto do estado do Paraná.

Consideramos a dialética global-local como uma potente técnica comunicativa de instituições da mídia para conformar novos produtos midiáticos nas matrizes culturais de determinado povo, assim como o espetáculo esportivo e, conseqüentemente, o esporte paralímpico. Por conta disso, identificar que uma importante e influente mídia local, como a Gazeta do Povo para o estado do Paraná, pouco noticiou os Jogos Paralímpicos, e pouco mobilizou a dialética global-local na cobertura destes jogos, significa que ainda não é de todo interesse da mídia promover e disseminar a principal manifestação do esporte para pessoas com deficiência junto a população local. Essa postura também significa muito menos que a referida manifestação esportiva tenha despertado o interesse comercial da mídia em captar cotas pu-

blicitárias com esse espetáculo esportivo.

Os diversos formatos em que vem sendo midiaticizado o esporte paralímpico revela conflitos de perspectivas acerca da melhor forma de se noticiar esta manifestação esportiva e seus principais atores: os atletas. Representantes do campo esportivo, através de suas instituições burocráticas, tem proposto uma forma que valoriza o caráter espetacular do alto rendimento e das capacidades dos atletas. Esse formato difere da preferência de jornalistas que têm coberto o esporte paralímpico de forma sensacionalista, enfatizando histórias de supostas vítimas e/ou super-heróis que, “apesar de suas deficiências” superaram obstáculos e buscam feitos presumidamente inalcançáveis dado às suas supostas fragilidades dificuldades. Pesquisadores têm também participado deste debate sugerindo uma abordagem que retrate a complexidade dessa manifestação esportiva, tal como a trajetória esportiva dos atletas com deficiência de modo a revelar as condições, o esforço e o mérito dos mesmos como atletas de alto rendimento, e não apenas como pessoas com deficiência que venceram barreiras.

Referências

ANTUNES, S. E. et al. O Pan/Rio - 2007 na perspectiva da mídia impressa mineira. In: PIRES, G. D. L. (Org.). “Observando” o Pan Rio/2007 na mídia. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 115–127.

ARAGÃO, P.; SANTOS, S. M. “Sua internet com muito mais vantagens e sabendo de tudo sobre notícias, esportes e entretenimento”: investigando dois portais digitais sergipanos e o conteúdo sobre as Olimpíadas de Londres/2012. In: MEZZAROBBA, C. et al. (Orgs.). As Olimpíadas e as Paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana: investigando estratégias de agendamento e a mobilização da dialética global-local. São Cristóvão: Editora da UFS, 2014. p. 69–99.

BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia? *Motrivivência*, n. 17, p. 1–3, 2001.

BITENCOURT, F. G. et al. Ritual olímpico e os mitos da modernidade: Implicações midiáticas na dialética Universal / Local. *Pensar a Prática*, v. 8, n. 1, p. 2277–2277, 2005.

BITENCOURT, F. G. Esboço sobre algumas implicações do futebol da Copa do Mundo para o Brasil: Identidade e ritos de autoridade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 30, n. 3, p. 174–189, 2009.

BORELLI, V.; FAUSTO NETO, A. Jornalismo esportivo como construção. *Cadernos de Comunicação*, n. 7, p. 61–74, 2002.

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION. Guide to Reporting on Paralympic Sport. Reino Unido, ParalympicsGB, 2012. Disponível em: <http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/Paralympics-GB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf>

BRUCE, T. Us and them: the influence of discourses of nationalism on media coverage of the Paralympics. *Disability & Society*, v. 29, n. 9, p. 1443–1459, 2014.

BUYSSE, J. A. M.; BORCHERDING, B. Framing Gender and Disability: A Cross-Cultural Analysis of Photographs From the 2008 Paralympic Games. *International Journal of Sport Communication*, v. 3, n. 3, p. 308–321, 2010.

CHANG, I. Y. et al. One world, One dream: A Qualitative Comparison of the Newspaper Coverage of the 2008 Olympic and Paralympic Games. *International Journal of Sport Communication*, v. 4, n. 1, p. 26–49, 2011.

COAKLEY, J. Age and Ability: Barriers to participation and inclusion? In: *Sports in Society: Issues and Controversies*. 11. ed. New York: McGraw Hill Education, 2009. p. 302–349.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. La cobertura mediática de las mujeres deportistas con discapacidad: Análisis de la prensa diaria de cuatro países europeos durante los Juegos Paralímpicos de Sidney 2000. *Apunts, Educación Física y Deportes*, v. 97, n. 3, p. 80–88, 2009.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. The media coverage of female athletes with disability: Analysis of the daily press of four European counties during the 2000 Sidney Paralympic Games. *European Journal for Sport and Society*, v. 7, n. 3-4, p. 283–296, 2010.

DEPAUW, K. P. The (In)Visibility of DisAbility: Cultural Contexts and “Sporting Bodies”. *Quest*, v. 49, p. 416–430, 1997.

FARIA, M. D. DE; CARVALHO, J. L. F. Uma análise semiótica do potencial mercadológico da imagem de atletas paraolímpicos. *Revista Eletrônica Gestão e Sociedade*, v. 4, n. 9, p. 657–688, 2010.

FARIA, M. A. O jornal na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2001.

FIGUEIREDO, T. H. Gênero e Deficiência – uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 11, n. 2, p. 484–497, 2014.

GARCIA, L. C. P.; SILVA, R. I. DA; SANTOS, A. P. Olimpíadas de Londres 2012: o que não se fala e o que não se vê no “Jornal do Estado” em Sergipe. In: MEZZAROBIA, C. et al. (Orgs.). *As Olimpíadas e as Paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana: investigando estratégias de agendamento e a mobilização da dialética global-local*. São Cristóvão: Editora da UFS, 2014. p. 101–115.

GONÇALVES, G. C.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007. In: PIRES, G. DE L. (Org.). “Observando” o Pan Rio/2007 na mídia. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 149–167.

HARDIN, B.; HARDIN, M. Conformity and conflict: Wheelchair athletes discuss sport media. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 20, n. 3, p. 246–259, 2003.

HARDIN, M. Marketing the Acceptably Athletic Image: Wheelchair Athletes, Sport-Related Advertising and Capitalist Hegemony. *Disability Studies Quarterly*, v. 23, n. 1, p. 108–125, 2003.

HARDIN, M.; HARDIN, B. The “Superscrip” in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony’s disabled hero. *SOSOL: Sociology of Sport Online*, v. 7, n. 1, p. 1–14, 2004.

HARDIN, M.; HARDIN, B. Performance or Participation...Pluralism or Hegemony? Images of Disability and Gender in Sports ‘n Spokes Magazine. *Disability Studies Quarterly*, v. 25, n. 4, p. 1–18, 2005.

HILGEMBERG, T. Primeiro o esporte, depois a deficiência? Análise da cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de 2012. *Intercom. Anais... Foz do Iguaçu: Intercom, 2014a* Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0142-1.pdf>>

HILGEMBERG, T. Do Coitadinho ao Super-heroi Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. *Ciberlegenda*, n. 30, p. 48–58, 2014b.

HOWE, P. D. From Inside the Newsroom: Paralympic Media and the 'Production' of Elite Disability. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 43, n. 2, p. 135–150, 2008.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. Guide to reporting on persons with an impairment. Bonn, International Paralympic Committee, 2014. Disponível em: <https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/141027103527844_2014_10_31+Guide+to+reporting+on+persons+with+an+impairment.pdf>

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. Strategic plan 2015 to 2018: strategic outlook for the International Paralympic Committee. Bonn, IPC, 2015.

KELLNER, D. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. *Libero*, v. 6, n. 11, p. 4–15, 2003.

MARCHI JÚNIOR, W. "Sacando" o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 - 2000). [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MARQUES, R. F. R. et al. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 27, n. 4, p. 583–596, 2013.

MARQUES, R. F. R. et al. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico : o ponto de vista de atletas brasileiros. *Movimento*, v. 20, n. 3, p. 989–1015, 2014.

MARQUES, R. F. R. et al. A abordagem mediática sobre o desporto paralímpico : perspectivas de atletas portugueses. *Motricidade*, v. 11, p. 123–147, 2015.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. O Esporte Paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas. São Paulo: Phorte Editora, 2015.

MEZZAROBBA, C. et al. As Olimpíadas e as Paraolimpíadas de 2012 na

mídia sergipana: investigando estratégias de agendamento e a mobilização da dialética global-local. São Cristóvão: Editora da UFS, 2014.

NOVAIS, R. A.; FIGUEIREDO, T. H. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. Logos 33, v. 17, n. 2, p. 78–89, 2010.

PAPPOUS, A. et al. La visibilidad de la deportista paralímpica en la prensa escrita española. Revista de Ciencias del Ejercicio, v. 3, n. 2, p. 12–32, 2007.

PAPPOUS, A. et al. La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación. Ágora para la EF y el Deporte, n. 9, p. 31–42, 2009.

PAPPOUS, A. S.; MARCELLINI, A.; DE LÉSÉLEUC, E. Contested issues in research on the media coverage of female Paralympic athletes. Sport in Society, v. 14, n. 9, p. 1182–1191, 2011a.

PAPPOUS, A. S.; MARCELLINI, A.; DE LÉSÉLEUC, E. From Sydney to Beijing: the evolution of the photographic coverage of Paralympic Games in five European countries. Sport in Society, v. 14, n. 3, p. 345–354, 2011b.

PIRES, G. D. L. A Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Unijuí, 2002.

PIRES, G. D. L. Introdução. In: PIRES, G. D. L. (Org.). “Observando” o Pan Rio/2007 na mídia. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 15–26.

QUARANTA, A. M.; MENEZES, E. C. G. DE; CORREIA, E. S. Diante das Olimpíadas de Londres/2012: observando a dialética global-local na mídia impressa sergipana. In: MEZZAROBIA, C. et al. (Orgs.). As Olimpíadas e as Paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana: investigando estratégias de agendamento e a mobilização da dialética global-local. São Cristóvão: Editora da UFS, 2014. p. 43–67.

RIBEIRO, S. D. D. et al. OS ATLETAS SERGIPANOS EM DEBATE: análise da cobertura jornalística do PAN RIO-2007. In: PIRES, G. D. L. (Org.). “Observando” o Pan Rio/2007 na mídia. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 129–148.

SANFELICE, G. R. Campo midiático e campo esportivo: suas relações

e construções simbólicas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 31, n. 2, p. 137–153, 3 mar. 2010.

SANTOS, S. M. DOS et al. Um panorama da cobertura jornalística esportiva da Copa do Mundo FIFA 2014 na Gazeta do Povo. In: RIBEIRO, S. D.; MEZZAROBBA, C. (Orgs.). *Mídia-Educação Física em ação: possibilidades com as interfaces entre Esporte e Copa do Mundo/2014*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2016. p. 59–82.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. *Journal of Sport & Social Issues*, v. 36, n. 2, p. 174–194, 2012a.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. Difference, adapted physical activity and human development: Potential contribution of capabilities approach. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 29, n. 1, p. 25–43, 2012b.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the British media coverage of the 2000 Paralympic Games. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 20, n. 2, p. 166–181, 2003.

TYNEDAL, J.; WOLBRING, G. Paralympics and Its Athletes Through the Lens of the New York Times. *Sports*, v. 1, n. 1, p. 13–36, 2013.

ZHAO, B. H. The representation of disabled athletes in the Chinese and UK press during Beijing 2008: A comparison. *Sport & Society*, p. 1–6, 2008.

ZOBOLI, F. et al. Um Olímpico Paraolímpico: uma análise midiática da participação de Oscar Pistorius nas Olimpíadas de Londres 2012. In: MEZZAROBBA, C. et al. (Orgs.). *As Olimpíadas e as Paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana*. São Cristóvão: Editora da UFS, 2014. p. 153–188.

ZOBOLI, F. et al. O corpo híbrido: análise midiática da participação do atleta Oscar Pistorius no Mundial de Atletismo de 2011. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 38, n. 1, p. 26–33, 2016.

ZOBOLI, F.; QUARANTA, A. M.; MEZZAROBBA, C. Oscar Pistóriu, um deficiente eficiente? Considerações sobre a segregação/inclusão no paradesporto: um olhar a partir da mídia. *Atos de Pesquisa em Educação PPGE/ME FURB*, v. 8, n. 1, p. 259–286, 2013.

A COBERTURA DOS PORTAIS ELETRÔNICOS DE NOTÍCIAS MINEIROS SOBRE OS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS RIO 2016

THE COVERAGE OF THE ELECTRONIC NEWS PORTALS OF MINAS ON THE RIO 2016 OLYMPIC AND PARALYMPIC GAMES

Carolina Fernandes da Silva¹

Mayara Carneiro²

Jaqueline Marinho³

carol_ed.fis@hotmail.com

Briefing

This manuscript seeks analysis how Olympic (OG) and Paralympic Games (PG) held in the city of Rio de Janeiro in 2016 were portrayed in the newspaper O Tempo. Through its electronic portal, reports were extracted in the period from August 1 to September 30, 2016 and analyzed with the assistance of ATLAS.ti software. In all, 199 reports dealt with the theme, 164 about OG and 35 about PG. The reports revealed that, in addition to the numerical difference, the themes that portrayed the OG brought curiosities about Brazilian and foreign athletes, while JP, highlighted mainly the results of Brazilians on foreigners. Olympic athletes are deified and portrayed as heroes, myths and idols of the sport, their performances and life stories fill most of the reporting. In relation to Olympic athletes, to the athletes with deficiency still have to be in the scenery background in the same period that the events of PG, as reports are loaded with sentimentalisms and marked by expressions that denote to the heroism and overcoming. However, it is perceived that the scenario is gaining new formats and the Paralympic universe more and more space.

1 Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa – UFV;

2 Graduada em Educação Física, Universidade Federal de Viçosa – UFV;

3 Mestranda em Educação Física, Universidade Federal de Viçosa – UFV.

Introdução

A Rio2016 foi o período compreendido entre os dias 5 de agosto e 18 de setembro de 2016, no qual foram realizados os Jogos Olímpicos (JO) e os Jogos Paralímpicos (JP) na cidade do Rio de Janeiro, os primeiros ocorridos no continente Sul-Americano. São considerados os maiores megaventos esportivos mundiais. Apesar de existir diversas discussões sobre o conceito de megaevento (TAVARES, 2011) um dos mais utilizados academicamente é o de Hall (2006, p. 59), o qual caracteriza o evento pela “grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro, do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da comunidade anfitriã”.

O Brasil é composto por 27 estados mais o Distrito Federal assim, cercado diferentes culturas. Uma das maneiras de conhecer a cultura de determinada região é por seus veículos de comunicação, como jornais, onde os discursos são voltados para o público específico. De acordo com De Luca (2008, p. 18), “os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que o cercam”, assim, não é por acaso que é dada ênfase em certos temas, formas de linguagem e a natureza do conteúdo, pois estes são escolhidos para o público que o jornal pretende atingir. Portanto, os jornais revelam o imaginário presente na cultura estudada, no caso da presente pesquisa, o estado de Minas Gerais. Para a captura do imaginário mineiro sobre JO e JP foi eleito o jornal O Tempo, que dedicou um espaço específico para a cobertura da Rio2016.

Conforme Bianchi e Hatje (2006), atualmente é impossível pensar em jornalismo sem que haja espaço para as notícias esportivas assim como, um evento esportivo não acontece sem a presença dos meios de comunicação, coexistindo uma interdependência entre mídia, exposição e acúmulo financeiro no esporte-espetáculo. Nessa relação, os meios de comunicação precisam do esporte como conteúdo a ser comercializado e o esporte precisa ser divulgado de modo a gerar lucros (MULLER, 1996; MARQUES et al, 2014). De acordo com Marques (2009), é possível observar pontos de aproximação e distanciamento entre os JO e JP, dentre eles está o econômico, pois “o esporte olímpico encontra-se mais desenvolvido do que o paralímpico, ou numa

situação de maior aproveitamento das possibilidades de atuação frente ao esporte-espetáculo”. Isto colabora para que, historicamente, o movimento paralímpico encontre no movimento olímpico um modelo a seguir, bem como a própria imprensa ao mesmo tempo em que cria elementos de identificação para cada um, estes criam representações de alteridade.

Apesar do Brasil já ter sido sede de outros megaeventos esportivos, como os Jogos Panamericanos e o Parapanamericanos de 2007, assim como a Copa do Mundo de 2014, os JO ainda carregam um imaginário diferenciado. Pois, segundo Curi (2013), os Jogos Panamericanos e o Parapanamericanos de 2007, ocorridos no Rio de Janeiro, foram uma forma do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) comprovar a capacidade de organização de megaeventos esportivos no Brasil perante o Comitê Olímpico Internacional (COI), assim como preparar a cidade para a candidatura a país-sede dos JO.

Tais Jogos desenvolvem diferentes imaginários nos países onde ocorrem. No Brasil, o assunto permanece polêmico, com grupos de opiniões contrárias a realização destes eventos. A mídia televisiva, impressa e on-line são os principais meios de divulgação desses acontecimentos. Quanto aos JP, de acordo com Cambruzzi (2011) reúnem milhares de espectadores e telespectadores. Tendo no Brasil, a partir dos Jogos de Londres/2012 a transmissão em tempo real de boa parte das modalidades, contribuindo irrefutavelmente para visibilidade da pessoa com deficiência (PCD).

Estudos sobre edições anteriores a Rio2016 mostram que a visibilidade para esses atletas ainda se restringe a sobrevalorização daqueles que chegam ao pódio e a superação das barreiras da deficiência (CAMBRUZZI, 2011). Esse discurso refletia a redefinição do sentido do esporte paralímpico, o alto rendimento. Com isso, a mídia assume caráter totalmente comercial estabelecendo regras que vão de encontro aos interesses dos telespectadores e financiadores, acabando por suprimir aquilo que julga não ser rentável.

Estas representações dos atletas são construídas por meio de discursos, que são disseminados pela mídia e reproduzidas pelos leitores. Chartier (1994, p. 8) lembra que “as representações mentais, as

práticas sociais, são sempre governadas por mecanismos e dependências desconhecidos dos próprios sujeitos”. Por isso a necessidade de interpretá-las e analisá-las, para compreender o mundo criado por esses agentes sociais e pelo fato de as representações terem o poder de modificarem a realidade que parecem refletir (BURKE, 2005).

Desta maneira, o presente manuscrito busca compreender como os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio2016 são representados no jornal O Tempo. Para tal, por meio do portal eletrônico do jornal, foram coletadas reportagens entre os dias 1 de agosto e 30 de setembro de 2016. Estas, foram digitalizadas e inseridas no software de análise qualitativa dos dados ATLAS.ti, o qual auxiliou na interpretação das fontes e na e o cruzamento dos dados, ou seja, a comparação entre informações. O Tempo está entre os principais jornais de Minas Gerais, ficando atrás apenas de tabloides, e no cenário nacional está na 13ª posição, com uma média de circulação impressa de 60.055 exemplares (ANJ, 13/12/2016). Assim, suas informações alcançam uma grande parte da população mineira, onde a mídia exerce um importante papel quanto à formação de opinião na sociedade.

Este estudo busca pensar os megaeventos esportivos como uma construção cultural, realizada a partir de representações, as quais a mídia produz e reproduz. Além disso, destaca-se a importância da reflexão do papel da mídia ao lançar um olhar sobre a vitória e a derrota dos atletas olímpicos e paralímpicos, enquanto personagens de superação e construção de heróis. Ademais, o presente estudo possibilita conhecer quais representações foram construídas pela sociedade mineira sobre os JO e JP de 2016, no Rio de Janeiro, como alguns dos principais eventos esportivos mundiais e como os esportes estão inseridos neste imaginário.

O imaginário no jornal o Tempo

A maneira como os veículos de comunicação disseminam informações revelam qual o imaginário vigente em determinado período. Segundo Cambruzzi (2011):

À medida que estabelecemos relações com a mídia, somos influenciados em nosso comportamento, pois ao nos relacionar-

mos com nossos pares e o meio, elaboramos novos significados, formulando e desenvolvendo representações de si e do mundo (p. 43).

Entretanto, Novais e Figueiredo (2010) afirmam que nesta relação se estabelece um duplo movimento, onde “a mídia, enquanto reflexo da sociedade (ou o inverso), constrói uma realidade para ser consumida pelo público ou que vai de encontro às expectativas da audiência”. Assim, a mídia pode, também, refletir a cultura de determinado espaço e tempo.

Tal cultura também é representada no imaginário. Segundo Barros (2007, p. 31), estudar o imaginário perpassa por relacionar as imagens, os símbolos, os mitos, as visões de mundo a questões sociais e políticas de maior interesse, bem como “trabalha os elementos do imaginário não como um fim em si mesmos, mas como elementos para a compreensão da vida social e cultural”. Neste sentido, o imaginário é a manifestação dos significados dados a determinados fatos e manifestações culturais e sociais. Ainda, conforme Pesavento (1995):

O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer (p. 24).

O imaginário deve fornecer materiais para o estabelecimento de inter-conexões diversas. Para Barros (2007, p. 12) “os discursos visuais e os circuitos da imaginação passaram a desempenhar um papel tão significativo como os discursos verbais no que se refere à produção de um conhecimento sobre a vida humana”, sendo o visual e o verbal, discursos que, cada vez mais, se entrelaçam enfaticamente.

A noção de imaginário é polêmica. Para o presente estudo, está vinculada a uma realidade tão presente quanto aquilo que poderíamos chamar vida real, ou seja, mostra-se como “uma dimensão tão significativa das sociedades humanas quanto aquilo que corriqueiramente é encarado como a realidade efetiva” (BARROS, 2007, p. 26). Imaginário

e representação são conceitos que possuem interfaces e podem invadir-se reciprocamente. Para Le Goff (1980, p. 12) “o imaginário pertence ao campo da representação, mas ocupa nele a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transposta em imagem do espírito, mas criadora, poética no sentido etimológico da palavra”.

Encontramos nas palavras de Chartier (1994), sobre o conceito de representação, as apreciações mais adequadas, pois para ele as representações coletivas incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e de apreciação, a partir dos quais estes indivíduos classificam, julgam e agem; relacionam-se com as formas de exibição do ser social. Tais representações são expressas por meio da linguagem, seja oral, imagética ou escrita, e encontram nos jornais uma forma de disseminação. Assim, o pesquisador dos jornais trabalha com o que se tornou notícia, que por si só abarca um espectro de questões, pois é preciso interpretar as motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa e não a outra (DE LUCA, 2008). Ainda nesta direção, De Luca (2008, p. 140) afirma que para determinado assunto ter sido publicado “implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação”. Deste modo, é preciso interpretar a fonte da notícia e como ela foi constituída, pois cabe ao pesquisador negar a transparência da realidade que estes documentos pretendem passar, pois “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177).

O contexto em que os discursos são elaborados oferecem sinais para estes sejam analisados. Conforme Carvalho e Magalhães (2009), o jornal O Tempo pertence ao grupo Sempre Editora, do Deputado Federal Vittorio Medioli, ex-PSDB e atualmente filiado ao PV e prefeito da cidade de Betim, Minas Gerais. Este surgiu em 1996, devido às denúncias publicadas pelo jornal Estado de Minas contra o então deputado. Imigrante italiano que fez fortuna no Brasil transportando veículos montados pela concessionária Fiat, na cidade mineira de Betim, resolveu criar o referido jornal para concorrer com o Estado de Minas, jornal mineiro mais antigo (CPDOC, 12/01/2016).

Segundo Carrato (2002), o jornal de Medioli investe na análise elaborada por profissionais locais, e também atribui destaque aos arti-

culistas nacionais e do exterior. No que diz respeito ao perfil dos leitores, O Tempo abarca em sua maioria leitores do sexo masculino (55%), compreendendo uma faixa etária entre 20 a 29 anos (28%), prevalecendo à classe social B (46%). Quanto à tiragem, o jornal apresenta uma vendagem de 35 mil exemplares nos dias úteis e 38 mil exemplares aos domingos. Além disso, circula em 320 municípios de Minas Gerais, além das capitais: Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Surgido ao mesmo tempo em que as primeiras iniciativas brasileiras de jornalismo na Internet, O Tempo também tem um site (RIBEIRO, 2008, p. 95).

Assim, por meio do jornal O Tempo, não emergiram apenas os modos de pensar e de sentir de uma determinada cultura, mas, também, “da articulação das imagens visuais, verbais e mentais com a própria vida que flui em uma determinada sociedade” (BARROS, 2007, p. 28).

As representações da Rio2016 no imaginário de Minas Gerais

O esporte está na ordem do dia em diversas pautas nacionais. A escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 continuam presentes na mídia. Veículos de comunicação, normalmente, dão destaque para os vitoriosos, mas como estes são construídos difere nos discursos das reportagens sobre JO e JP (NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010). “No esporte moderno a melhor performance passou a se associar à conquista da primeira colocação, ou ainda ao recorde, distinguindo seu executor dos demais participantes da competição” (RUBIO, 2006, p. 86). Nas páginas do jornal O Tempo, o esporte teve ainda mais destaque durante a Rio2016, quando este dedicou diversas páginas para a cobertura dos Jogos.

No entanto, analisando as reportagens do Jornal O Tempo, observamos que houve diferença na divulgação das informações sobre os cenários olímpicos e paralímpicos, sendo 164 reportagens para os Jogos Olímpicos e 35 para os Paralímpicos.

Outro fator interessante foi quanto ao design da página. Para destacar e diferenciar as matérias sobre a Rio2016, o jornal utilizou os anéis olímpicos no alto da página a partir do dia 26 de julho de 2016,

tanto para o período olímpico, quanto para o período paralímpico, sendo os “Agitos”, símbolo dos JP, ignorados nas páginas do jornal, associando os eventos como algo único e não paralelos.

Os anéis olímpicos são exclusividade do COI, portanto, como imagem possui seus próprios significados simbólicos (BARROS, 2007). Almeida, Vlastuin e Marchi Júnior (2011, p. 10) afirmam que, de acordo com a Carta Olímpica, “entre as propriedades olímpicas estão: símbolo olímpico (cinco anéis), bandeira, lema, hino, identificações (inclusas, mas não limitadas a Jogos Olímpicos e Jogos da Olimpíada), designações, emblemas, chama e tocha”. Os cinco anéis olímpicos formam a bandeira olímpica, criada pelo seu idealizador, Barão Pierre de Coubertin, com os cinco anéis e hasteada pela primeira vez em cerimônias de abertura dos JO de 1920. Segundo Rubio (2010), “consta que os anéis nas cores azul, verde, amarela, preta e vermelha representam todos os continentes, uma vez que pelo menos uma dessas cores fazem parte de todas as bandeiras nacionais”.

Para Simson e Jennings (1992, p. 181), em termos financeiros, os cinco anéis olímpicos são hoje uma das mercadorias mais valiosas do mundo. Os valores de contratos assinados pelo COI têm crescido exponencialmente, tornando-se numa marca mundialmente mercantilizada (PAYNE, 2006). Na imagem 1 pode-se perceber a utilização dos anéis olímpicos para ilustrar a página na qual estão reportagens sobre o JP, com a imagem de um atleta do goalball e notas sobre o desempenho do Brasil, bem como a denominação Paralimpíadas no canto esquerdo.

Imagem 1: Anéis Olímpicos



Fonte– Página do jornal O Tempo do dia 17 de setembro de 2016. (PARALIMPIADAS, 17/09/2016, p. 33).

O primeiro evento a contar com simbologias paralímpicas foram os JP de 1988, em Seul, quando o hino, a bandeira e o símbolo (Tae-Geuks) foram introduzidos no cenário. Com a fundação do Comitê Paralímpico Internacional (CPI) em 1989, na Alemanha, os Tae-Geuks, que foram a logomarca da edição de Seul, foram adotados oficialmente. Estes são cinco figuras coloridas alinhadas em formato W (inicial da palavra World) e representavam os cinco oceanos e os cinco continentes, “além de significar a harmonia e a unidade das pessoas com deficiência através do esporte ao redor do mundo” (BAILEY apud PARSONS; WINCKLER, 2012, p. 6).

O CPI inseriu novos significados aos Jogos, tanto que na edição seguinte, em Barcelona/1992, estes “viraram um espetáculo que valorizava o desempenho dos atletas com deficiência e não somente a participação como forma de integração social” (PARSONS; WINCKLER, 2012, p. 6). Apesar de existir movimentos que aproximam os JP dos JO, principalmente em questões administrativas e estruturais, simbolicamente inicia-se um afastamento em 1994, quando os Tae-Geuks são reduzidos de cinco para três. Nas cores verde, azul e vermelho, os Tae-Geuks foram resignificados para representar os elementos que constituem o ser humano: mente, corpo e espírito, mas principalmente para se diferenciar dos JO, em razão do formato anterior ser muito

parecido com os anéis olímpicos (PARSONS; WINCKLER, 2012, p. 6), dando unicidade aos JP, tornando-o mais atrativo para mídia e expectadores. Poucos anos mais tarde, surge o terceiro logotipo, Agitos, o qual foi instituído a partir do JP de Atenas, em 2004. De acordo com Parsons e Winckler (2012, p. 8), “o símbolo é composto por três Agitos, cuja expressão tem origem na equivalente expressão latina *Eu movo*, dando ênfase na capacidade dos atletas”.

No entanto, percebe-se pelo jornal *O Tempo*, que no imaginário social, ainda existe um vínculo entre os JO e JP, como um sendo parte do outro. Mesmo com diferentes elementos, como: organização, modalidades, classificação, público, entre outros, o fato destes ocorrerem no mesmo local, um na sequência do outro, dão uma ideia de continuidade. Que são reforçados pela ilustração dos anéis olímpicos retratando os JP, suscitando a ideia de um único megaevento, ou seja, existência de um período olímpico que abarca os JP.

Além disso, o movimento paralímpico surgiu quando o movimento olímpico estava legitimado no cenário esportivo. Segundo Marques et al (2009), este fato colaborou para que os JP se desenvolvessem pautados “nos ideais olímpicos de ‘fair play’, busca por melhora de performances, autocontrole, rejeição à discriminação, promoção do respeito mútuo, cooperação e paz entre as nações”. Outra manifestação deste ideário de JO e JP estarem envolvidos em um período diferenciado é a caracterização dos atletas pela mídia.

Os atletas olímpicos no imaginário mineiro

Os JO são o principal evento esportivo competitivo internacional, principalmente referindo-se a índices de desempenho atlético, número de provas, de modalidades, de esportistas e de países participantes, além de ser um evento com forte apelo turístico e comercial. A transmissão televisiva contribuiu fortemente para a expansão e divulgação desse megaevento esportivo por possibilitar o acompanhamento da atuação dos atletas durante as competições (RUBIO, 2002).

Outro ponto importante, constatado por Bourdieu (1997), é que os jornalistas e os demais profissionais de mídia procuram sempre por atletas capazes de satisfazer o orgulho nacional, transformando even-

tos como as Olimpíadas em jogos de campeões e apresentando ao público os momentos e imagens que denotem a bravura, coragem e espírito de luta ou então a vontade de vencer do mito. Esta maneira de escrita ocorre historicamente quando se fala de JO (CARMONA et al., 2014), onde diversos ídolos são construídos (RUBIO, 2001).

Tais afirmações vão ao encontro do estudo de Novais e Figueiredo (2010), o qual mostrou que a abordagem midiática on-line do Brasil e de Portugal sobre JO e JP de 2008, em Pequim, tratou de maneira diferenciada estes eventos. De acordo com os autores (2010) esta variação alcançou diversos formatos, o número de artigos relacionados aos atletas olímpicos foi consideravelmente superior em ambos os países; a abordagem das vitórias dos atletas nos JO ocorreu de forma a enaltecer seus feitos; foram criadas imagem de deuses olímpicos e o sucesso dos atletas paralímpicos, banalizado. Além disso, ao contrário dos elementos frequentes na cobertura que confirmam o enquadramento mitológico dos atletas olímpicos, no caso dos atletas paralímpicos, verificou a coexistência do estereótipo de coitadinho/fardo com o super-herói. As representações construídas nas reportagens do jornal O Tempo posuíam elementos semelhantes quanto aos atletas olímpicos.

A cobertura midiática dos JO retratou o desempenho dos atletas com o uso frequente de adjetivos, imprimindo-lhes condições de super-heróis com base nos feitos em cada modalidade, a superação dos desafios diários buscando a glória e o seu lugar no Olimpo (morada dos deuses gregos) por meio da conquista de medalhas. Tal representação ainda busca perpetuar uma relação dos atletas olímpicos com os competidores dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, quando o atleta competia com o objetivo de superar os próprios limites, ou seja, “ao alcançar o seu máximo na competição havia a experimentação de uma condição divina, a afirmação da permanência” (RUBIO, 2006, p. 86).

Diferentemente dos dias atuais, no qual a meta é vencer os adversários e alcançar o recorde e, com isso, conseguir novos patrocinadores, “o atleta profissional não é apenas aquele que tem ganhos financeiros pelo seu trabalho. Ele é também a representação vitoriosa de marcas e produtos que querem estar vinculados à vitória, à conquista de resultados” (RUBIO, 2006, p. 86).

Como ocorreu na modalidade do futebol, tanto feminino, quanto

masculino, onde os maiores destaques nas reportagens foram para os atletas Marta e Neymar, reforçando o imaginário da importância do atleta que faz o gol e não em como, nos esportes coletivos, o conjunto leva à vitória. Assim, na reportagem intitulada “BH escreve página na vida da Rainha” (03/08/2016, p.4), foi designada uma página inteira, relatando a passagem de Marta por um dos clubes do estado e enaltecendo a performance da atleta: “cinco vezes a melhor do mundo, duas pratas olímpicas e com título de Rainha do Futebol” (BH ESCREVE PÁGINA..., 03/08/2016, p.4).

O bom desempenho da seleção feminina no início da competição e a desconfiança quanto à capacidade de vitória do Brasil no futebol masculino, fez com que os olhares se voltassem para elas. As vitórias do time feminino nos primeiros dias de competição foram relatadas de forma entusiasmada ao longo dos dias que iniciaram os JO, exaltando os grandes feitos das jogadoras nas partidas e as aproximando cada vez mais do objetivo de conquistar a medalha olímpica e escrever seus nomes na história do esporte (HOJE TEM A SELEÇÃO..., 09/08/2016, p.5; EM TESTE PARA CARDÍACO..., 13/08/2016, p.3).

Para Godói (2011, p. 640) “o universo esportivo é pródigo na formação de ídolos e heróis, isto sempre fez com que atletas e jogadores de futebol percorressem um terreno muito propício para a produção de mitos, num processo intensamente estabelecido por construções midiáticas”. Assim se fez com Marta até a seleção feminina sofrer a derrota que a tirou a medalha de bronze. De acordo com Rubio (2006b, p. 87), “essa lógica de valorização extrema do resultado esportivo é uma construção ideológica que circula por meio de impacto midiático”. A mídia também constrói o imaginário em torno da vitória como bom e da derrota como ruim, manifestação impressa não apenas no meio esportivo, mas na vida em sociedade.

Quanto ao futebol masculino, tendo sua estreia marcada por empate, as reportagens relatavam dúvidas sobre a atuação do time e o receio em não conseguir o tão desejado ouro olímpico. Mesmo com este cenário, as reportagens mostravam principalmente a figura do jogador Neymar, o qual era capitão e considerado craque do time (DUCHA DE ÁGUA FRIA..., 05/08/2016, p.4). Ao mesmo tempo em que o jornal reforçava a representação deste enquanto ídolo, também avultava as atua-

ções discretas, criticava-o pelo individualismo em jogo e o classificavam com um mau futebol (BRASIL DESENCANTA NA RIO..., 11/08/2016, p.5). Apesar dos primeiros resultados nas partidas não tão satisfatórios, a equipe brasileira finalizou as Olimpíadas com a conquista do título inédito, o ouro olímpico, o que permitiu a construção de um discurso entusiasmado e, possivelmente, a venda de mais exemplares:

Na batida do coração, nos pênaltis, nas mãos de Weverton e nos pés de seu craque Neymar, o ouro olímpico enfim, reluz no peito brasileiro no futebol, a engasgada conquista que faltava ao pentacampeão mundial. O país criador do futebol arte, agora tem sua galeria de glórias completa (A COROAÇÃO DE UM..., 21/08/2016 p.4).

Outras modalidades, não tão divulgadas midiaticamente, como judô, atletismo, natação, boxe, ginástica artística, canoagem, também foram marcadas por grandes atuações tanto de atletas brasileiros como de atletas estrangeiros e, desta forma, conquistaram espaço nas páginas do jornal. As características dos atletas que os levaram a condição de favoritos à conquista da medalha olímpica foram marcantes na construção das reportagens, conferindo-lhes um papel de destaque durante os JO (GRATA SURPRESA NO LUGAR, 16/08/2016 p.4; OURO COM A MARCA..., 09/08/2016 p.6; A CAMINHO DO OLIMPO, 12/08/2016 p. 5; PHELPS CONSEGUE MAIS..., 12/08/2016, p.9; ELE REMOUE PARA..., 17/08/2016, p. 3; ROBSON VAI DAS LUTAS..., 13/08/2016, p.5).

Estas representações dos atletas nas reportagens vão de encontro ao pensamento de Novais e Figueiredo (2010), os quais afirmam que constituindo histórias dentro desse espetáculo, atletas que realizam performances acima da média por norma merecem o destaque midiático, os vencedores das Olimpíadas se convertem em verdadeiros deuses do Olimpo, ídolos, heróis venerados. Tal afirmação também está na reportagem que relata o desempenho da atleta de judô, Rafaela Silva, a qual foi transformada em uma heroína, seguindo as etapas da construção do mito do herói, a saber: o herói sai do mundo ordinário e vai se aventurar em uma região extraordinária, onde encontra grandes desafios, mas descobre como vencê-los e obtém a vitória almejada, quando volta para onde saiu, agora com mais força e benefícios (CAMPBELL, 1995).

Seguindo estas etapas, o jornal O Tempo construiu representações da figura de uma menina pobre, negra e campeã mundial de judô. A história da judoca Rafaela Silva foi caracterizada por superação: a menina que conheceu o judô porque brigava muito nas ruas e conseguiu chegar nos JO, porém nas Olimpíadas de Londres 2012 sofreu duras críticas após a derrota na disputa por um lugar no pódio, entretanto, se superou na Rio 2016:

A primeira medalha de ouro do Brasil tinha que vir por meio de um exemplo de superação. Rafaela Silva já nasceu guerreira e como toda batalhadora, renasceu como uma fênix e alcançou o topo com o ouro no Rio. Se sua história fosse contada em filme ou um seriado, teria de se enquadrar na estrutura da “saga do herói”. Ou melhor, de uma heroína brasileira. (A HISTÓRIA DA MEDALHA, 09/08/2016 p.12).

O mesmo imaginário do herói também foi instaurado em torno de outros atletas brasileiros, como Maicon de Andrade Siqueira, no taekwondo, e Isaquias Queiroz, na canoagem. Para Maicon, o jornal apenas retratou uma pequena parte da trajetória do atleta e, de forma breve, o caracterizou como deus olímpico:

É como se o espaço de herói olímpico estivesse esperando por ele. Depois de rodar o mundo lutando, foi “em casa”, nas Olimpíadas do Rio, ao lado da família e da torcida brasileira, que ele passou a ser reconhecido, subiu ao pódio e adquiriu a sua vaga no Olimpo entre os heróis brasileiros (ELE JÁ SABIA..., 23/08/2016 p.29).

Todavia, as reportagens de Maicon e Rafaela tiveram outra semelhança, a questão em torno do racismo vivido por ambos os atletas. O texto que retrata a trajetória de Maicon mostra que ele sofreu preconceito antes de iniciar no esporte e traz novamente o imaginário em torno da superação com informações retiradas de uma entrevista concedida por sua mãe ao jornal: “Moradores do próprio bairro, que antes o julgavam e o isolavam por causa de sua cor quando ele era mais jovem, agora se desculpam e recebem o atleta de braços abertos” (ELE JÁ SABIA..., 23/08/2016 p.29). Na reportagem de Rafaela, o preconceito ocorreu no momento dos JO de Londres, em 2012, no qual, após perder, ela foi chamada de “macaca” na rede social Twitter.

Na entrevista concedida ao jornal, a atleta afirma:

Lembrando do sofrimento que passei em Londres, que me criticaram, que eu era uma vergonha para minha família, e hoje eu pude fazer todos os brasileiros com essa medalha aqui dentro da minha casa. O macaco que tinha que estar na jaula em Londres hoje é campeão olímpico dentro de casa e hoje eu não fui uma vergonha para a minha família (A HISTÓRIA DA MEDALHA, 09/08/2016 p.12).

Tal fato demonstra como a derrota não é bem aceita na sociedade brasileira, tanto que neste “início do século XXI prevalece a vitória a qualquer custo, pois somente ela tem o poder de encobrir a sombra do esporte de alto rendimento chamada derrota” (RUBIO, 2006, p. 91). A busca incessante pela vitória pode ser vista na reação dos espectadores ao agredir a atleta Rafaela Silva por meio das redes sociais e até mesmo nas páginas do próprio jornal O Tempo, o qual destacou os medalhistas e ignorou os demais atletas brasileiros, dando atenção apenas para alguns representantes mineiros, que chegaram aos JO, mas não subiram ao pódio.

Afirmções mais enfáticas e cheias de entusiasmo foram dedicadas a Isaquias, tendo sua performance magnificada e os ideais olímpicos, Citius, Altius e Fortius, utilizados para descrevê-lo: “o mais rápido, o mais alto, o mais forte entre os canoístas virou orgulho nacional logo em sua primeira Olimpíadas” (ISAQUIAS SE TRANSFORMA..., 21/08/2016, p.6). Além disso, a reportagem assevera que ele foi um dos atletas que em sua estreia em JO deixou seu nome na história do esporte brasileiro pelo número de medalhas conquistadas. O imaginário mineiro em torno da figura do herói olímpico também foi revelado:

Um herói olímpico não precisa de ouro, não precisa ser o melhor. Um herói olímpico não pensa só nele, não vive apenas do resultado. Um herói olímpico tem garra, compaixão e sabe compartilhar as alegrias e os feitos com a família, a torcida e uma nação (ISAQUIAS SE TRANSFORMA..., 21/08/2016, p.6).

Esta construção segue o pensamento de que o culto do herói

esportivo provém um modelo social para desenvolver paradoxos e dramas na sociedade, assim como reconhecer e questionar valores-chaves (ARCHETTI, 2001).

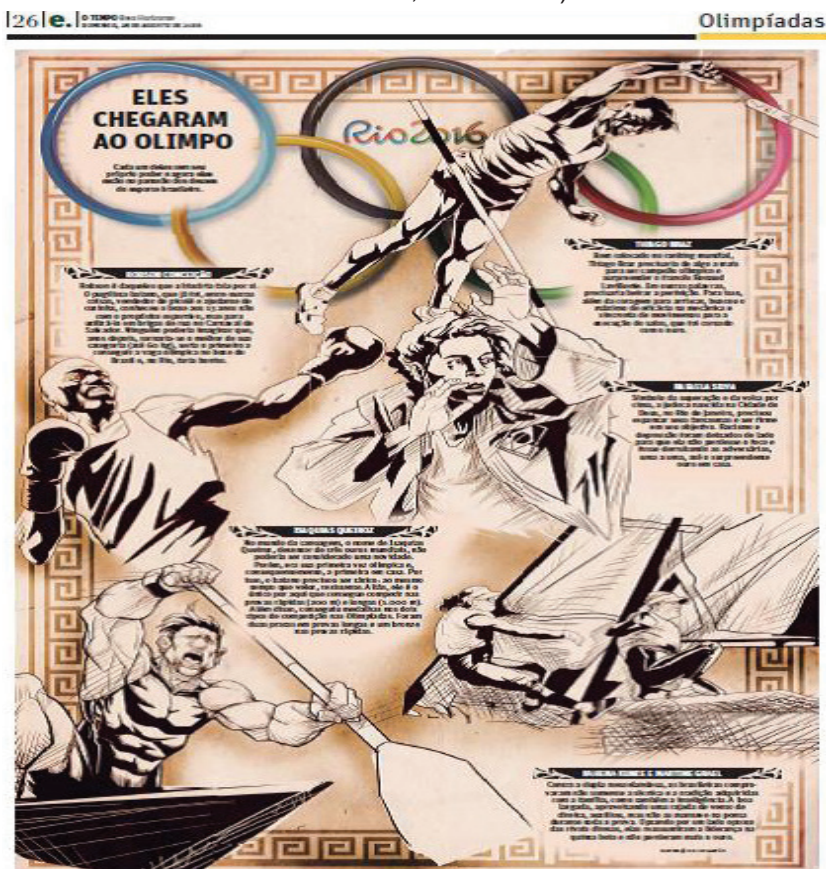
Outros exemplos de superação construídos pelo jornal foram dos pugilistas Michel e Robson Conceição. De origens simples, eles ingressaram no boxe através de projetos sociais (PODER DE SUPERAÇÃO, 11/08/2016 p.3; ROBSON VAI DAS LUTAS..., 13/08/2016, p.5). Em entrevista ao jornal, Robson se comparou à Rafaela e sua trajetória de superação: “A Rafaela Silva (judoca, medalhista de ouro) veio de baixo, da favela como eu. Nada melhor do que tê-la como referência daqui por diante e seguir seu exemplo” (A HISTÓRIA DA MEDALHA, 17/08/2016, p. 8).

Os atletas estrangeiros também tiveram espaço nas páginas do jornal, mais uma vez, apenas os que se destacaram nas competições por sua alta performance. A natação foi marcada pela atuação de Michael Phelps, maior medalhista de todos os tempos e favorito à medalha de ouro nas Olimpíadas no Rio de Janeiro, no jornal O Tempo foi elucidado como uma lenda das piscinas (A HISTÓRIA DA MEDALHA, 10/08/2016, p. 8). A ginástica artística contou com grandes performances de atletas brasileiros e estrangeiros, contudo a maior atenção foi dedicada a Simone Biles, atleta norte-americana, que se destacou em sua primeira atuação nas Olimpíadas. Os textos sobre esta atleta buscavam valorizar suas habilidades, além de muitos elogios às suas apresentações (MUITO ACIMA, 10/08/2016 p.4). Além destes personagens dos JO, a aposentadoria de Usain Bolt também foi um dos assuntos selecionados para serem abordados pelo jornal (RIO 2016 MARCARÁ..., 09/08/2016, p. 8).

Após a finalização dos JO de 2016, o jornal O Tempo trouxe uma reportagem de página inteira, na qual fala do endeusamento dos atletas brasileiros pela conquista da medalha de ouro nas suas modalidades, Robson Conceição (boxe), Thiago Braz (salto em altura), Rafaela Silva (judô), Isaquias Queiroz (canoagem), Kahena Kunze e Martine Grael (vela), “cada um deles tem seu próprio poder e agora eles estão

no panteão dos deuses do esporte brasileiro” (ELES CHEGARAM AO OLIMPO, 28/08/2016 p.26).

Imagem 2: Os brasileiros medalhistas de ouro olímpico na Rio 2016 retratados como heróis de gibi e deuses gregos (ELES CHEGARAM AO OLIMPO, 28/08/2016).



Fonte; Jornal O Tempo de 28/08/2016, p.26

Em cada texto sobre os atletas foram destacadas as suas qualidades, as relacionando com superpoderes, bem como a sua caracterização por meio de desenhos característicos de gibis de super-heróis, onde os atletas estão em ação e nas suas feições é possível ver a tensão que existe na competição. Desta forma, mais do que usar palavras para clas-

sificá-los como heróis, as imagens falaram para o público. Além disso, as imagens foram emolduradas por desenhos característicos da Grécia Antiga, vinculando-os aos deuses da antiguidade, venerados pelos gregos (ELES CHEGARAM AO OLIMPO, 28/08/2016, p.26).

Os atletas paralímpicos no imaginário mineiro

No imaginário social, o esporte é dotado de beleza, força, vitalidade e perfeição o que pode não condizer quando se tem como atores dessa prática, pessoas com deficiência, geralmente indivíduos estigmatizados e colocados à margem da sociedade, sendo vistos quase que rotineiramente com olhares de desconfianças sobre suas capacidades e potencialidades.

Considerando as Paralimpíadas como um evento altamente lucrativo e os meios de comunicação inegavelmente exercerem influência sobre os comportamentos adotados pela sociedade moderna (CAMBRUZZI, 2011), a mídia exerce um papel de proporções grandiosas na sociedade, dita regras, muda concepções, forma opiniões e age como “balcão de exposição”, comercializando o corpo deficiente como atração em panorama mundial. Sua nova roupagem que antes acontecia em vias públicas hoje é transmitida e estampada em tempo real nas páginas de jornais, em sites, blogs, redes sociais atingindo milhões de pessoas em proporções gigantes.

Nos últimos anos, os números de reportagens acerca dos JP têm aumentado gradualmente, porém quando comparadas aos JO em termos numéricos e de conteúdos ainda se diferem (FIGUEIREDO, 2014). Isso porque as reportagens veiculadas ainda denotam aos estereótipos da deficiência abordando frequentemente discursos de condescendência, escassos comentários sobre estratégias, regras, elegibilidade, performances. E, se restringem apenas aos períodos de competição, excluindo outros eventos esportivos importantes para o ciclo de preparação paralímpica (MARQUES et al, 2009; PEREIRA; MONTEIRO; PEREIRA, 2011; MAUERBERG-DE-CASTRO; CAMPBELL; TAVARES, 2016).

O esporte enquanto fenômeno sociocultural se modifica de acordo com as necessidades de seus atores sociais. Desta forma, o esporte

adaptado que inicialmente surgiu como uma alternativa para reabilitação e reinserção social de pessoas com deficiência – em sua maioria, marcadas pelas sequelas provenientes das guerras ocorridas no século XX – atualmente, por meio do esporte paralímpico está atrelado ao alto rendimento, onde são necessários dedicação, treinamento e busca pela excelência para superar seus adversários e melhorar cada vez mais seus próprios resultados, ou seja, a vitória e o reconhecimento esportivo são as metas a serem alcançadas (HAIACHI et al, 2016).

Logo, o caráter de rendimento do esporte paralímpico traz consigo certa dose de segregacionismo, evidenciados na medida em que são vivenciados somente por grupos de pessoas com deficiência (COSTA; SOUSA, 2004) e excluem aqueles que não atingem resultados expressivos ou ainda, que não se enquadram em seus critérios de classificação e deficiência (COSTA; WINCKLER, 2012).

Como conta a história dos JP, estes surgiram baseados no modelo olímpico (MELLO; WINCKLER, 2012), desta maneira possuem muitas semelhanças (MARQUES et al., 2009), as quais são frequentemente comparadas pela mídia. O jornal O Tempo iniciou a cobertura dos JP com uma reportagem de quase uma página inteira sobre a delegação paralímpica brasileira e sua chegada à capital sede dos Jogos (COM SAMBA E MUITA..., 1º/09/2016, p. 38). Nesta mesma página destaca-se uma foto de Rafaela Silva com a medalha de ouro olímpica ilustrando o texto que fala do percurso da tocha paralímpica, a qual a judoca conduziu juntamente com o judoca medalhista olímpico, Rafael Silva, o Baby (TOCHA PASSA A PERCORRER..., 1º/09/2016, p. 38), isso demonstra a valorização do feito da atleta brasileira e a conexão estabelecida entre os Jogos.

Já a segunda reportagem demonstra a regionalização do jornal ao dedicar uma página completa a comentários sobre a delegação britânica, a qual fez a sua preparação anterior aos JP em Belo Horizonte, capital do estado (ATLETISMO BRITÂNICO CONTRASTA..., 2/09/2016, p. 34). Esta reportagem mostra como a deficiência começa a ser encarada no contexto paralímpico, inclusive pela mídia, ao utilizar a denominação médica sem esquecer a classificação funcional na modalidade, como no exemplo a seguir: “A mais jovem do time é a cadeirante Kare Adenegan, de apenas 15 anos. Competidora da categoria

T34, [...] nos 400 m e 800 m. No esporte desde 2012, ela tem paralisia cerebral e não movimenta as pernas [...]” (ATLETISMO BRITÂNICO CONTRASTA..., 2/09/2016, p. 34). A classificação funcional é utilizada no esporte paralímpico para “um nivelamento entre os aspectos da capacidade física e competitiva, colocando as deficiências semelhantes em um grupo determinado” (CARDOSO; GAYA, 2014, p. 132), desta maneira no esporte paralímpico o mais importante é a igualdade de competição entre os atletas e não qual a deficiência destes.

Contudo, nem todas as reportagens seguem essa direção. Na edição seguinte, uma página inteira do jornal foi dedicada aos atletas favoritos nas competições, nacionais e internacionais, e ao narrar pequenas histórias de suas trajetórias, estas sempre fizeram referência à deficiência de cada um deles (PANTEÃO PARALÍMPICO, 4/09/2016, p. 29). Outro ponto importante desta reportagem foi a relação feita ao utilizarem a palavra Panteão, ou seja, conjunto de deuses. O título mostra uma aproximação com o imaginário impresso na última reportagem sobre os JO (ELES CHEGARAM AO OLIMPO, 28/08/2016, p.26), mas ao ler os textos percebem-se diferenciações nas representações entre os atletas olímpicos e paralímpicos, enquanto os olímpicos são retratados como heróis, os paralímpicos ainda estão vinculados à superação da deficiência pelo esporte, como relatou o texto sobre o ciclista Alex Zanardi: “Nome conhecido no automobilismo, Alex Zanardi foi piloto de Formula 1, WTCC e kart. Sofreu um grave acidente em 2001 e teve as pernas amputadas. Em 2007, adotou o paraciclismo como novo esporte. Em Londres, conquistou três medalhas [...]” (PANTEÃO PARALÍMPICO, 4/09/2016, p. 29).

Por outro lado, as imagens que ilustram a página e retratam os atletas os mostram em ação no esporte ou em algum momento de glória esportiva, como no caso do atirador Jonas Jacobsson, da Suécia, e do nadador He Junquan, da China, onde eles estão com o uniforme das específicas delegações, medalhas de ouro no peito e ramos de flores dados aos vencedores (Imagem 3).

Imagem 3 Descrição da trajetória dos atletas favoritos à medalha nos JP.

PANTEÃO PARALÍMPICO

Fies são grandes estrelas e afirmam o esporte paralímpico a oculto nível. Batem recordes e não se cansam de coletar medalhas em competições nacionais e internacionais. Atletas com histórias, são capazes de superar a dor e os desafios, por isso precisam estar sempre em sua melhor forma para manter a hegemonia e ser das equipes para outros competidores brilharem. Esses superatletas estarão presentes nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro. Para nessa sorte, três dos são brasileiros e prometem se destacar em suas modalidades. São eles: o nadador brasileiro, o atleta paralímpico, o atleta paralímpico, o atleta paralímpico e o atleta paralímpico.

1 ZAHRA NEMATI (IRAN)
A atleta iraniana conseguiu a primeira medalha de ouro de uma mulher do seu país, tanto em Jogos Olímpicos quanto em Paralímpicos. Ela usa uma prótese de braço e venceu o 400 metros livre em 2008, que a levou a ser a primeira atleta iraniana a ganhar uma medalha olímpica. Dois anos depois, ela ganhou o ouro em 400 metros livre em Londres 2012. Ela também ganhou o ouro em 400 metros livre em Rio de Janeiro 2016 e foi a porta-bandeira do seu país.

2 JACQUELINE FRENEY (AUSTRÁLIA)
Nadadora com uma deficiência pigmentar, nasceu com uma deficiência pigmentar, conhecida como albinismo. Ela ganhou o ouro em 400 metros livre em 2008 e 2012, e também ganhou o ouro em 400 metros livre em Rio de Janeiro 2016.

3 ALEX ZANARDI (ITÁLIA)
Nadador paralímpico, nasceu com uma deficiência pigmentar, conhecida como albinismo. Ele ganhou o ouro em 400 metros livre em 2008 e 2012, e também ganhou o ouro em 400 metros livre em Rio de Janeiro 2016.

4 JACQUELINE FRENEY (AUSTRÁLIA)
Nadadora com uma deficiência pigmentar, nasceu com uma deficiência pigmentar, conhecida como albinismo. Ela ganhou o ouro em 400 metros livre em 2008 e 2012, e também ganhou o ouro em 400 metros livre em Rio de Janeiro 2016.

5 NATALIA PIETRYA (POLÓNIAS)
A polonesa, que nasceu com uma deficiência pigmentar, conhecida como albinismo. Ela ganhou o ouro em 400 metros livre em 2008 e 2012, e também ganhou o ouro em 400 metros livre em Rio de Janeiro 2016.

6 JONAS JACOBSSON (SUÉCIA)
Um dos grandes nomes da história paralímpica, o sueco ganhou o ouro em 400 metros livre em 2008 e 2012, e também ganhou o ouro em 400 metros livre em Rio de Janeiro 2016.

7 HE JINQUAN (CHINA)
O nadador chinês ganhou o ouro em 400 metros livre em 2008 e 2012, e também ganhou o ouro em 400 metros livre em Rio de Janeiro 2016.

8 JAMES DAVIS (IRLÂNDIA)
Com uma deficiência pigmentar, nasceu com uma deficiência pigmentar, conhecida como albinismo. Ele ganhou o ouro em 400 metros livre em 2008 e 2012, e também ganhou o ouro em 400 metros livre em Rio de Janeiro 2016.

9 TATIANA MCKAGGON (REINO UNIDO)
Nascida na Irlanda, a atleta foi selecionada por uma família americana. Ela ganhou o ouro em 400 metros livre em 2008 e 2012, e também ganhou o ouro em 400 metros livre em Rio de Janeiro 2016.

Fonte: PANTEÃO PARALÍMPICO, 4/09/2016, p. 29.

No dia seguinte a reportagem intitulada Panteão Paralímpico (4/09/2016, p. 29), O Tempo publicou textos sobre os atletas brasileiros, os classificando como heróis e a visibilidade conquistada por meio da transmissão televisiva (TRINDADE, 5/09/2016, p. 23). De acordo com a matéria jornalística, os JP no Rio2016 foram transmitidos para 206 países, comparado com a última edição, em Londres no ano de 2012, mais 91 países tiveram acesso às competições, seja por meio de rádio, TV ou internet (TRINDADE, 5/09/2016, p. 23). Dois pontos importantes quanto ao contexto do esporte paralímpico no imaginário mineiro são levantados nesta reportagem: a) os atletas são chamados de heróis; e b) a importância da mídia para a visibilidade dos atletas paralímpicos. Considerar os atletas paralímpicos heróis mostra uma modificação da representação construída para estes, pois segundo Novais e Figueiredo (2010), a mídia brasileira tinha baixa expectativa quanto ao desempenho destes atletas na cobertura do JP de 2008, em Pequim.

Já quanto à visibilidade oportunizada pela mídia, a própria reportagem traz dados que mostram as estratégias elaboradas pelo CPB

começaram a reverter a proporção da diferença do interesse da mídia pelos JO e JP:

O jeito encontrado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) para difundir o esporte e criar uma maior consciência social foi comprar os direitos de transmissão nos Jogos de Atenas (2004) e Pequim (2008) e sublicenciá-los para uma TV brasileira (TRINDADE, 5/09/2016, p. 23).

Tal estratégia de divulgação visou expandir ideais inclusivos, esportivos e comerciais, sendo o capital econômico um dos principais focos desta manobra, uma vez que “o interesse comercial no esporte se pauta por sua proximidade com espectadores, que se tornam consumidores, e o desejo das empresas de se aproximarem dessas pessoas para vender seus produtos” (MARQUES et al., 2014). Desta maneira, os JP estão caminhando pelo viés da reinvenção dos JO, onde “a sociedade de consumo propiciou os catalisadores para que o espetáculo esportivo se convertesse em veículo de propaganda de produtos destinados a mercados de massa” (PRONI, 2008, p. 32). Desta maneira, na perspectiva do jornal, mais de 100 emissoras de rádio cobriram o evento, 1.800 repórteres e profissionais da mídia estavam nos JP e estes contribuíram para que 4 bilhões de pessoas fizessem a audiência da TV (TRINDADE, 5/09/2016, p. 23). Portanto, os JP tornaram-se um importante espaço para divulgação de produtos.

Nesta direção de argumentação também seguiu a reportagem do dia seguinte, a qual é intitulada “Por que somos uma potência?” (TRINDADE, 7/09/2016, p. 32), busca uma explicação para a frase de Andrew Parsons, presidente do CPB, em destaque na página no centro de um dos anéis olímpicos: “Hoje, o Brasil é uma potência paralímpica. Ainda não é como Rússia e China, mas, desde os Jogos de Pequim, figura entre os dez primeiros do quadro de medalhas” (TRINDADE, 7/09/2016, p. 32). Como potência, o sentido da palavra utiliza é o de o quê é potente, ou seja, que possui poder. Tal poder é explicado a partir dos investimentos financeiros nos atletas paralímpicos e na estruturação elaborada pelo CPB, como a Lei Agnello/Piva⁴, a qual visa

4 Esta lei é assim denominada em razão dos seus autores: Senador Pedro Piva (PSDB-SP) e o Deputado Federal Agnello Queiroz (PC do B-DF).

destinar 2% da arrecadação bruta das loterias do país para o COB e o CPB, respectivamente, 85% e 15% do total desses recursos (BRASIL, 2001). No depoimento do presidente do CPB sobre este investimento governamental, o qual “permitiu que o CPB montasse um calendário de treinamentos e competições e planejasse suas atividades com maior segurança” (TRINDADE, 7/09/2016, p. 32), como a elaboração de um plano para a descoberta de novos talentos até o alto rendimento, chamado de Caminho do Atleta. Possivelmente, tal organização tenha sido idealizada a partir da Medida Provisória n°. 502, de 20 de setembro de 2010 (BRASIL, 2010), que determina que o “o repasse desses valores às confederações e federações ocorre com base em contratos firmados entre COB, CPB e esses órgãos, que determinam metas a serem cumpridas em contrapartida ao valor recebido” (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012), cabe destacar que esta Medida Provisória foi convertida na Lei n°. 12.395, de 11 de março de 2011 (BRASIL, 2011).

Como menor destaque na página, mas com continuidade ao assunto de políticas públicas no esporte paralímpico, está uma nota intitulada “90% dos atletas tem bolsa” (7/09/2016, p. 32). O texto cita que 90,6% dos atletas paralímpicos são contemplados pelo Programa Bolsa-Atleta. Este programa foi instituído em 2004, pela Lei n°. 10.891, de 9 de julho de 2004, em que seu Art. 1º diz:

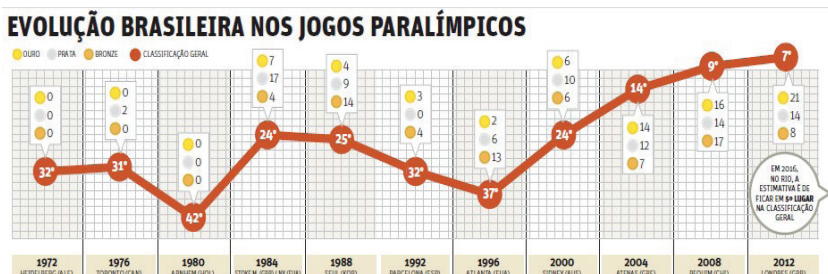
Fica instituída a Bolsa-Atleta, destinada prioritariamente aos atletas praticantes do esporte de alto rendimento em modalidades olímpicas e paraolímpicas, sem prejuízo da análise e deliberação acerca das demais modalidades (BRASIL, 2004).

Este programa de bolsas possui seis categorias: “Os atletas das categorias Base e Estudantil recebem R\$ 370,00; da Nacional, R\$ 925,00; da Internacional, R\$ 1.850,00; do Olímpico/Paralímpico, R\$ 3.100,00, e da categoria Pódio, de R\$ 5 mil a R\$ 15 mil” (TRINDADE, 7/09/2016, p. 32). Conforme o estudo de Estevam (2014), o Programa Bolsa Atleta cumpre com seu papel, pois tem como objetivo ser um auxílio ao atleta brasileiro, assim não exclui a possibilidade de o atleta ter um salário ou patrocínios.

O gráfico abaixo (Imagem 4) também estava na mesma página, foi utilizado para responder à questão elaborada para o título e mostra o desempenho das delegações paralímpica ao longo das edições que

participou. A imagem mostra que o Brasil conquistou posições importantes no ranking de número de medalhas, entretanto isto é preocupante enquanto argumento para a permanência de incentivos governamentais, pois o CPB buscava o quinto lugar na Rio 2016, porém assumiu a oitava colocação.

Imagem 4 Gráfico que demonstra o desempenho das participações do Brasil em JP



Fonte:EVOLUÇÃO BRASILEIRA, 7/09/2016, p. 32).

O número de medalhas conquistadas foi um assunto constante, normalmente, a cada edição do jornal tinha um quadro com o número de medalhas conquistadas e a colocação do Brasil no ranking. O maior medalhista paralímpico foi Daniel Dias na natação, isto rendeu-lhe uma página inteira no jornal do último dia dos JP (DANIEL DIAS É O NOVO..., 18/09/2016, p. 28). Como o título “Daniel Dias é o novo rei”, O Tempo trata o nadador como um fenômeno, “Com total de 24 medalhas, sendo 14 de ouro, Daniel tornou-se um dos dez maiores medalhistas da história dos Jogos Paralímpicos e o homem com os melhores resultados da trajetória de seu esporte” (DANIEL DIAS É O NOVO..., 18/09/2016, p. 28). Ao lado desse texto está outra referência ao nadador, “A história de um supermedalhista” (18/09/2016, p. 28) traz a trajetória do atleta, desde o nascimento com má formação congênita dos membros superiores e da perna direita, passando por como iniciou no esporte e seus ídolos, até às conquistas esportivas. Cabe destacar que na mesma página existem duas notas sobre outros nadadores: a medalha de bronze conquistada por Joana Neves no dia anterior à reportagem (JOANA É TRI, 18/09/2016, p. 28) e a despedida de Clodoaldo Silva, que se aposentou na Rio2016 (DESPEDIDA ESPECIAL DE CLODOALDO..., 18/09/2016, p. 28), todavia os textos são pequenos

se comparados ao de Daniel Dias. Para Novais e Figueiredo (2010) o maior espaço a Daniel Dias é previsível visto que o destaque na mídia é dado aqueles que realizam performances acima da média, no caso de Daniel recordista de medalhas.

A superação de um desacreditado atleta recordista de conquistas e participação em edições de JP ganhou destaque na intitulada reportagem “Rio faz Tenório se reerguer” (TRINDADE, 11/09/2017, p. 25), a mesma atribui a perda de patrocínios do atleta dias antes de iniciarem os JP a sua idade considerada avançada, evidenciando que seu desempenho poderia ser prejudicado. Mas, diante das incertezas “A conquista da prata e a volta por cima ontem deixaram o judoca ainda mais animado, garantindo que a carreira continua e que estará presente no Mundial da modalidade, em 2018” (TRINDADE, 11/09/2016, p. 25).

Em linhas gerais, as páginas do jornal O Tempo abordaram quase que integralmente a superação como tema central de suas reportagens relacionada aos atletas com deficiência, seja por terem nascido ou adquirido a deficiência e mesmo assim através do esporte venceram as barreiras encontradas no decorrer da vida ou por alcançarem resultados que visualmente eram inesperados.

Conclusão

A análise sobre a cobertura do Jornal mineiro O Tempo aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos apontaram maior ênfase às Olimpíadas, uma vez que, o portal eletrônico dedicou maior número de reportagens para noticiar os feitos dos atletas durante os jogos. Além da diferença numérica, também foram percebidas diferenças entre os conteúdos, aquelas que abordavam os JO contextualizam e traziam curiosidades sobre os atletas brasileiros e estrangeiros, as dos JP destacavam principalmente os resultados dos brasileiros versus os estrangeiros.

Atletas que alcançaram suas melhores marcas, que conquistaram o tão sonhado ouro olímpico ou superaram derrotas de Olimpíadas anteriores receberam grande atenção noticiosa e elogios por suas habilidades e performance durante as competições. O jornal também fez preferência ao uso dos Anéis Olímpicos para representar as reportagens dos JO e JP, deixando de lado a simbologia das Paralimpíadas que são

representadas pelos Agitos, desconhecida por grande parte da população, reforçando a ideia de um megaevento sendo parte do outro.

Quando comparado à divulgação dos feitos dos atletas nas Olimpíadas e Paralimpíadas, no primeiro megaevento o jornal mineiro relatou tanto os atletas brasileiros quanto estrangeiros, mostrando trajetórias, resultados já alcançados e o favoritismo a campeões olímpicos. Já no segundo megaevento foi possível notar que atenção noticiosa esteve voltada aos atletas brasileiros, principalmente aos favoritos à medalha, descrevendo de forma sucinta os resultados de medalhas e recordes de atletas estrangeiros. Entretanto, percebe-se o JP indo na mesma direção dos JO, quando se utilizam da divulgação midiática mesmo que voltada para a superação da deficiência para conquistar espaço na sociedade, na busca de capital social, econômico e simbólico.

Na sociedade contemporânea, o esporte se traduz em competição, onde a vitória se configura como elemento indispensável para aqueles que almejam obter reconhecimento e afirmação social. Quando nos deparamos com atletas que carregam algum tipo de deficiência, o pré-julgamento sobre suas capacidades são sempre evidenciadas, tendo como marco central a incredulidade nos seus possíveis resultados, por esta razão o simples fato de um cego jogar futebol, realizar dribles e firulas ou uma pessoa com deficiência física sem os membros superiores que participa de competições de tênis de mesa manipulando com a boca a raquete causa surpresa, admiração e enaltecimento do atleta que diante das dificuldades adaptou o esporte a sua vida.

Em comparação com os atletas olímpicos, os paralímpicos em sua maioria não são reconhecidos pelos seus resultados, mas pelas suas histórias desenhadas e transformadas em superação. Os laços da mídia estão atrelados exclusivamente ao capitalismo, com isso, os meios de comunicação divulgarão o que se faz rentável e interessante a massa. Se o assunto é desconhecido não fará parte dos noticiários, isso acontece com os JP, talvez o pequeno espaço concedido muito se deve a esse desconhecimento do que de fato é o esporte para pessoas com deficiência, ao relatar a história de vida desses atletas é possível aproximar o público entoando doses de sentimentalismos, surpresas, admiração e superação. Aos atletas com deficiência cabe ainda serem coadjuvantes mesmo em período que acontece os JP, as reportagens

são carregadas de sentimentalismos e marcadas por expressões que denotam ao heroísmo.

Referências

ALMEIDA, B; VLASTUIN, J.; MARCHI JUNIOR, W. Proteção à marca versus liberdade de expressão? Discursos emergentes a partir dos megaventos esportivos no Brasil. *Esporte e Sociedade*, ano 6, n. 18, 2011.

ANJ – Associação Nacional dos Jornais. Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>. Acesso em: 13/12/2016.

ARCHETTI, E.P. The spectacle of a heroic life: the case of Diego Maradona. In: ANDREWS, D.L.; JACKSON, S. J. (Eds.), *Sport stars: The cultural politics of sporting celebrity*. London, NY: Routledge, 2001.

BARROS, J. A. História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis. *Conexões - Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, 2007.

BIANCHI, P.; HATJE, M. Mídia e Esporte: os valores-notícia e suas repercussões na sociedade contemporânea. *Motrivivência*, n. 27, p. 165-178, 2006.

BOURDIEU, P. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL DESENCANTA NA Rio 2016 e enfrentará a Colômbia, *O Tempo*, Belo Horizonte, 11/08/2016, p.5.

BRASIL. Lei n°. 10.264, 16 de julho de 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10264.htm. Acesso em: 05/01/2016.

BRASIL. Lei n°12.395, de 11 de março de 2011. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12395.htm. Acesso em: 05/01/2016.

BRASIL. Medida Provisória n°. 502, de 20 de setembro de 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/mpv/502.htm. Acesso em: 05/01/2016.

BRASIL, Lei n°. 10.891, 9 de julho de 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.891.htm. Acesso em: 05/01/2016.

BURKE, P. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAMBRUZZI, G. M. A. S. O discurso da mídia sobre a cobertura das Paraolimpíadas de Pequim 2008 e a inclusão de pessoas com deficiência. Monografia (Especialista em Educação Inclusiva). Centro de Educação a Distância. Universidade Estadual de Santa Catarina, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

CAMPBELL, J. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix, 1995.

CARDOSO, V.; GAYA, A. A classificação funcional do esporte paralímpico. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 12, n. 2, p. 132-146, abr./jun., 2014.

CARMONA, E.; MARTINI, S.; SILVA, C. F.; PEREIRA, E.; MAZO, J. Histórias das primeiras participações de atletas Sul-Rio-Grandenses nos Jogos Olímpicos. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, v.14, p.183-195, 2014.

CARRATO, A. Imprensa mineira, um monopólio próximo ao fim. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (Org.). O Jornal: da forma ao sentido. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2002.

CARVALHO, F.; MAGALHÃES, C. Mídia impressa e multimodalidade: os significados composicionais na primeira página de jornais mineiros. Revista da Anpoll, v. 2, n. 27, 2009.

CHARTIER, R. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.

COSTA, A.M.; WINCLKER, C. A Educação Física e o Esporte Paralímpico. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. Esporte Paralímpico. São Paulo: Atheneu, 2012.

CPDOC – FGV, Vittorio Mediolí. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/medioli-vittorio>. Acesso em: 12/01/2016.

CURI, M. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil.

Horizontes Antropológicos, ano 19, n.40, 2013.

DE LUCA, T. A história dos, nos por meio de periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

ESTEVAM, R. Políticas públicas para o esporte paralímpico brasileiro. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Paraná, 2014.

FIGUEIREDO, T. H. Gênero e Deficiência – uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 11, n. 2, 2014.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. IN: GINZBURG, C. Mitos, emblemas e sinais. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.

GODOI, M. A mídia e a construção do herói esportivo: análise de publicidades com Ronaldo “fenômeno”. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 33, n. 3, 2011.

HAIACHI, M. C. et al. Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. Ciência & Saúde Coletiva. v. 21, n. 4, p. 2999-3006, 2016.

HALL, C. M. Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism. In: HORNE, J; MANZENREITER, W. (Ed.). Sports Mega-Events: social scientific analyses of a global phenomenon. (Special Issue: The Sociological Review Monograph Series) V. 54, Issue Supplement s2, December 2006. p. 59-70.

LE GOFF, J. O imaginário medieval. Lisboa: Edições 70, 1980.

MARQUES, R. F. R. et al. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico; o ponto de vista de atletas brasileiros. Movimento, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 989-1015, 2014.

MARQUES, R. F. R. et al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (Impresso), v. 23, n. 4, p. 365-377, 2009.

MAUERBERG DE CASTRO, E.; CAMPBELL, D. F.; TAVARES, C. P. The global reality of the Paralympic Movement: challenges and opportunities in disability sports. Motriz, Rio Claro, v. 22, n. 3, p. July/Sept, 2016.

MULLER, U. Esporte e Mídia: um pequeno esboço. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 17, n. 3, 1996.

NOVAIS, R.A.N.; FIGUEIREDO, T. H. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. *Revista Comunicação e Esporte*. Vol.17, Nº02, 2º semestre 2010.

PARSONS, A. WINCKLER, C. Esporte e a Pessoa com Deficiência – Contexto Histórico. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. *Esporte paralímpico*. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

PAYNE, M. *Olympic Turnaround: How the Olympic Games Stepped Back from the Brink of Extinction to Become the World's Best Known Brand* Westport. Praeger Publishers, 2006.

PEREIRA, O; MONTEIRO, I; PEREIRA, A. L. A visibilidade da deficiência – uma revisão sobre as representações sociais das pessoas com deficiência e atletas paralímpicos nos media impressos. *Sociedade: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. XXII, p. 199-217, 2011.

PESAVENTO, S. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PRONI, M. A reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de Marketing. *Esporte e Sociedade*, v. 3, n. 9, 2008.

RIBEIRO, A. E. Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

RUBIO, K. Do Olimpo ao Pós-Olimpismo: Elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. *Revista paulista Educação Física*, São Paulo, v. 16, n. 2, p.130-43, jul/dez, 2002.

RUBIO, K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 24, n. 1, 2010.

RUBIO, K. *Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006a.

RUBIO, K. O Imaginário da Derrota no Esporte Contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*; v. 18 n. 1, jan/abr. 2006b.

RUBIO, K. O Imaginário esportivo: o atleta contemporâneo e o mito do herói. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SIMSON, V.; JENNINGS, A. Os senhores dos anéis. Nova Cultural, 1992.

TAVARES, O. Megaeventos Esportivos. Movimento (UFRGS. Impresso), v. 17, p. 11-35, 2011.

TRINDADE, B. Heróis Paralímpicos ganham visibilidade com transmissões, O Tempo, Belo Horizonte, 5/09/2016, p. 23.

Rio faz Tenório se reerguer. O Tempo, Belo Horizonte, 11/09/2016, p. 25.

Por que somos uma potência? O Tempo, Belo Horizonte, 7/09/2016, p. 32.

BH ESCREVE PÁGINA na vida da rainha, O Tempo, Belo Horizonte, 03/08/2016, p.4.

DUCHA DE ÁGUA FRIA na estreia da seleção, O Tempo, Belo Horizonte, 05/08/2016, p. 4.

OURO COM A MARCA da superação, O Tempo, Belo Horizonte, 09/08/2016 p.6.

A HISTÓRIA DE UM supermedalhista, O Tempo, Belo Horizonte, 7/09/2016, p. 28

A HISTÓRIA DA MEDALHA, O Tempo, Belo Horizonte, 09/08/2016 p.12.

HOJE TEM A SELEÇÃO a seleção que dá orgulho, O Tempo, Belo Horizonte, 09/08/2016, p.5.

RIO 2016 MARCARÁ A DESPEDIDA de Usain Bolt, O Tempo, Belo Horizonte, 09/08/2016, p.8.

A HISTÓRIA DA MEDALHA, O Tempo, Belo Horizonte, 10/08/2016, p. 8.

MUITO ACIMA, O Tempo, Belo Horizonte, 10/08/2016 p.4

PODER DE SUPERAÇÃO, O Tempo, Belo Horizonte, 11/08/2016 p.3

A CAMINHO DO OLIMPO, O Tempo, Belo Horizonte, 12/08/2016 p. 5.

PHELPS CONSEGUE MAIS um feito inédito no Rio, O Tempo, Belo Horizonte, 12/08/2016, p.9.

ROBSON VAI DAS LUTAS de rua para uma medalha olímpica, O Tempo, Belo Horizonte, 13/08/2016, p.5.

EM TESTE PARA CARDÍACO, Brasil bate a Austrália nos pênaltis, O Tempo, Belo Horizonte, 13/08/2016, p.3.

ELE REMOU PARA a prata, mas ainda quer mais, O Tempo, Belo Horizonte, 17/08/2016, p. 3.

A HISTÓRIA DA MEDALHA, O Tempo, Belo Horizonte, 17/08/2016, p. 8.

ISAQUIAS SE TRANSFORMA no novo herói olímpico nacional, O Tempo, Belo Horizonte, 21/08/2016, p.6.

ELE JÁ SABIA que um dia seria herói, O Tempo, Belo Horizonte, 23/08/2016, p.29.

ELES CHEGARAM AO OLIMPO, O Tempo, Belo Horizonte, 28/08/2016 p.26

TOCHA PASSA A PERCORRER país, O Tempo, Belo Horizonte, 1º/09/2016, p. 38.

COM SAMBA E MUITA festa, Brasil chega para fazer história, O Tempo, Belo Horizonte, 1º/09/2016, p. 38.

ATLETISMO BRITÂNICO CONTRASTA juventude com experiência, O Tempo, Belo Horizonte, 2/09/2016, p. 34.

PANTEÃO PARALÍMPICO, O Tempo, Belo Horizonte, 4/09/2016, p. 29.

90% DOS ATLETAS tem bolsa, O Tempo, Belo Horizonte, 7/09/2016, p. 32.

DANIEL DIAS é o novo rei, O Tempo, Belo Horizonte, 18/09/2016, p. 28.

JOANA É TRI, O Tempo, Belo Horizonte, 18/09/2016, p. 28.

DESPEDIDA ESPECIAL DE CLODOALDO Silva, O Tempo, Belo Horizonte, 18/09/2016, p. 28.

A COROAÇÃO DE UM sonho dourado, O Tempo, Belo Horizonte, 21/08/2016 p.4.

GRATA SURPRESA NO LUGAR mais alto do pódio, O Tempo, Belo Horizonte, 16/08/2016 p.4.

DOPING NO ESPORTE PARAOLÍMPICO: A COBERTURA DA MÍDIA ONLINE DURANTE OS JOGOS RIO 2016

DOPING IN PARALYMPIC SPORT: THE MEDIA COVERAGE IN RIO 2016 PARALYMPIC GAMES

Paulo Rodrigo Pedroso da Silva¹

Luciano Leal Loureiro²

Adriana Lemes³

rodrigomettrica@gmail.com

Briefing

Doping in sport raises issues of constant interest in the media, especially during the Paralympics Games (PLG). Highlighting for instance the most recent doping scandal involving the Russian Paralympic athletes who were prevented from participating in the Rio 2016 Paralympic Games. The objective of this work was to investigate the online doping news published by the Brazilian Official Broadcast- which includes the following television network: Rede Globo, Rede Record and Rede Bandeirantes - during the Rio 2016 Paralympic Games (PLG). The keywords used for this search were: doping and Paralympic Games of Rio 2016, which were selected and classified during the period from September 7th to 18th, 2016. In the initial search conducted in Google News (language: Portuguese), within the mentioned period, there were 349 reports, resulting in the inclusion of 60 reports after the first analysis. News of other events, videos and repeated material were excluded, reaching a total of eight publishing articles reviewed based on the in-depth reading centered on Laurence Bardin's content analysis. The results indicated that the concept of the expression "doping" was present only in two reports related with the use of the substance (ta-

1 Doutor em Ciências do Exercício e do Esporte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Professor Adjunto da Universidade Luterana do Brasil - Campus Guaíba.

2 Especialista em Personal Training pela Universidade Gama Filho-RJ; Coordenador do Curso de Educação Física da Universidade Luterana do Brasil - Campus Guaíba.

3 Mestre em Estudos Culturais em Educação pela Universidade Luterana do Brasil; Coordenadora de Pesquisa e Extensão-Campus Guaíba.

moxifen) or the prohibited boosting method. In the headlines analyzed three titles were pointed out indicating suspicions to the performance of Chinese swimming athletes, two that presented tragicomic elements per episode of ammonia inhalation and by the description of the boosting method. In the content evaluated, prevailed the category of distrust regarding the resources used for the success of the Chinese delegation under the comments of the International Paralympic Committee that justified or legitimized the extraordinary performances of these athletes. In summary, the results of the analyzes indicates the need for improvement in the quality of the doping journalistic content in the official media at the PLG. This means a scientific journalism aimed at presenting facts and evidences in sports to the detriment of police journalism focused on the dissemination of criminal events.

Introdução

Existe um consenso na literatura que o uso de doping é um problema histórico presente desde os Jogos Olímpicos da antiguidade iniciados Circa de 800 a. C. Naquela época, eventualmente, os atletas ingeriam testículos, cogumelos alucinógenos e bebidas estimulantes para aumentar o desempenho físico nas competições (AQUINO NETO, 2001; YESALIS; BAHRKE, 2002; BARON; MARTIN; MAGD, 2007).

Nos Jogos Olímpicos da Era moderna, entre 1896-1936, as substâncias mais utilizadas eram estimulantes compostos por substâncias como: álcool, estricnina, cafeína, cocaína e nitroglicerina. Posteriormente, entre 1936-1988 houve o surgimento da testosterona e seus derivados, os esteroides anabolizantes (AQUINO NETO, 2001; BAHRKE; YESALIS, 2002; BARON; MARTIN; MAGD, 2007).

A partir da Criação da Comissão Médica do Comitê Olímpico Internacional em 1967 deu início os controles de doping em competições (DE ROSE & NÓBREGA, 1999). Nos Jogos Olímpicos de Munique em 1972 oficializou-se o controle de doping, iniciando pelas anfetaminas e estimulantes (BARON; MARTIN; MAGD, 2007).

Em 1976, nos Jogos de Montreal já era nítida a utilização de esteroides anabolizantes, revelada pela hipertrofia exagerada dos corpos dos atletas, mas somente em 1984 efetivamente começaram os exa-

mes de detecção desses hormônios. Na década de 1980, surgiu o Hormônio do Crescimento Humano (HGH) e anos de 1990, a Eritropoietina (EPO), substâncias que permaneceram por muitos anos indetectáveis (AQUINO NETO, 2001).

O Comitê Olímpico Internacional - COI motivado por toda a problemática do doping, em 1999 promoveu a criação da Agência Mundial Antidoping (AMA) uma organização independente proposta para gerir toda a ação antidoping, dentro do esporte olímpico e paraolímpico, com o propósito de garantir a todos o “fair play” e o esporte livre de doping dentro e fora das competições (AMA, 2016).

Contudo, o doping não é apenas um sacrilégio evidenciado no esporte olímpico, de fato é uma prática recorrente também no cenário paraolímpico. Neste sentido, os escândalos e a corrupção promovem o crescimento ilícito e pouco duradouro dos atletas que se aventuram por esta jornada. É importante ressaltar que apesar dessas peculiaridades, todos são atletas (olímpicos e paraolímpicos) e por essa razão estão sujeitos indistintamente às regras do Código Mundial Antidoping (AMA, 2016).

Existem algumas diferenças nos casos de doping envolvendo os Paraolímpicos, entre elas estão à manipulação por cateter bioquímico, utilização de novas tecnologias, a disreflexia autonômica medular ou boosting⁴. Outro fato em destaque é a realização de controle de doping simultânea na dupla do atleta deficiente visual e de seu guia.

Desde 2000, foram registradas pelo IPC no total, 60 violações às regras antidoping sendo 37 advindas do levantamento de peso. As violações as regras antidoping têm resultado em 1% das estatísticas oficiais do IPC em ocasião das amostras coletadas em competições (VLIET, 2012).

Conforme estatísticas anuais publicadas no site do International Paralympic Committee (IPC, 2015), dos 1201 testes de sangue e urina realizados em competição obtiveram-se quatro atletas com os resultados de doping confirmados três para esteroides anabolizantes e um para cannabis.

4 É uma prática utilizada por alguns atletas afetados por lesão medular para provocar o aumento da pressão arterial através do sofrimento corporal, é proibido pelo IPC. Disponível em: <https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/160502112605157_2016_04_15_Sec%2Bii%2Bchapter%2B4_3_Position%2Bstatement%2Bon%2BAutonomic%2BDysreflexia%2Band%2BBoosting_FINAL.pdf> Acessado em 10 jan. 2017.

Entrando no campo da mídia em momento que antecede os Jogos Paralímpicos Rio 2016 (JPL), se destaca a exclusão de toda delegação russa pelo IPC dos JPL Rio 2016 pelo envolvimento no esquema de fraudes envolvendo a Agência Antidoping da Rússia em Jogos Paralímpicos de Sochi (IPC, 2016).

É dentro desse emaranhado de questões de doping que se situa o campo de estudos deste trabalho, elegendo neste momento o mass media para problematizar as questões ligadas ao setor industrial específico dos JPL e para entender as pessoas que investem parte do seu tempo consumindo os produtos desse meio (WOLF, 1995).

Sendo assim, o objetivo da presente investigação será analisar os conteúdos de doping veiculados nas emissoras oficiais durante a realização dos JPL Rio 2016. Para isto, foi utilizado o buscador e diretório “Google notícias” as palavras-chave: doping, jogos paralímpicos, rio 2016. Para refinar a pesquisa selecionou se no site as opções: língua portuguesa e Brasil e o período de sete a dezoito de setembro de 2016.

Gostaria de pontuar inicialmente que houve uma escassez de material produzido pelas emissoras oficiais dos JPL Rio 2016, em comparação aos Jogos Olímpicos do Rio 2016. Em rede aberta, por exemplo, somente a TV Brasil, apresentou 10 horas diárias dos JPL. O Grupo Globo, inclusive deixou para exibir num compacto os destaques do dia logo após o “Jornal da Globo”. As Redes Bandeirantes e Record se resumiram às coberturas jornalísticas do evento (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016).

Nos canais fechados como: “(...) o Sport TV terá cerca de 150 horas de transmissão do evento em quatro canais, número bem menor em relação à Olimpíada, quando a emissora teve 2.400 horas em 16 canais. ESPN e Fox Sports se restringirão à cobertura jornalística” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016).

Esse fato impactou na produção de conteúdo jornalístico nesse período sobre JPL Rio 2016 em si e consequentemente dos conteúdos de doping de toda a pesquisa restaram oito matérias publicadas exclusivamente no Grupo Globo.

Esta escassez de matérias sobre doping não é nenhuma novidade na mídia impressa brasileira, por exemplo, na Revista Tatame em análise realizada entre 1996 e 2010, foram encontradas apenas cinco

reportagens que abordavam essa temática (CECHETTO et. al., 2012).

Em outra análise compreendida no decênio da Revista Veja novamente foram encontradas cinco matérias respectivas ao doping (MEDEIROS & SANTOS, 2008). Pode-se supor que o silêncio em relação ao assunto estaria expressando o estigma que tais práticas carregam, seguindo o mesmo padrão proibicionista que abrange o uso de drogas ilícitas (CECHETTO et. al., 2012).

Esporte paraolímpico e o doping: uma leitura abrangente

Na busca inicial ao “Google notícias”, foram apresentados aproximadamente 349 resultados nesse material foi realizada a leitura abrangente, com o propósito de incluir os conteúdos das emissoras detentoras dos direitos oficiais de transmissão, examinando para isto títulos, datas, citações de doping, conteúdos, imagens e links.

Dessa análise resultaram aproximadamente em 60 resultados, das quais excetuaram-se notícias de outros eventos, vídeos e matérias repetidas chegando ao total de oito matérias ao final.

Os recursos online mais utilizados nas matérias foram: mídias sociais (para compartilhar os textos), imagens, hiperlinks para outras reportagens (nas próprias matérias), outras matérias (à direita das reportagens) e publicidade (sempre ao final das páginas).

As imagens das matérias marcam três episódios, são eles:

I- os atletas em celebração da vitória, exibindo suas medalhas durante a cerimônia de premiação, os chineses na natação 4X50 metros livre misto (ouro)⁵, e a comemorações no local de competição dos brasileiros no revezamento 4x100 metros rasos T11-13 (prata)⁶.

II- protesto de membro⁷ da delegação de Belarus na Cerimônia

5 Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2016/09/ipc-promete-averiguar-performances-fenomenais-de-chineses-desconhecidos.html> >. Acessado em: 04 jan. 2017

6 Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2016/09/apos-doping-de-guia-brasileira-festeja-prata-no-4x100m-muita-turbulencia.html> >. Acessado em: 04 de jan. 2017

7 Disponível em: < <http://epocanegocios.globo.com/Olimpiada/noticia/2016/09/membro-de-delegacao-olimpica-e-punido-por-erguer-bandeira-russa-no-desfile.html> >.

de Abertura ao fundo da imagem.

III- métodos aterrorizantes de aumentar o desempenho, o primeiro apresenta a face de atleta⁸ da Ucrânia sob o efeito da amônia e, na segunda reportagem apresenta o martelo⁹ como a ferramenta escolhida para provocar fraturas.

Na literatura encontraram-se em análise de imagens o que os autores denominaram de caricaturas do doping desenhos aludidos a atletas de Mixed Martial Arts, Jiu-Jitsu pela utilização de anabolizantes e estimulantes (CECHETTO et. al., 2012) e a praticante de musculação esquelético na execução de exercício de supino reto (FARIAS et. al., 2014).

No corpo das matérias: conteúdos de doping nos JPL Rio 2016

Observando nas matérias a expressão “doping”, somente duas reportagens se referiam à substância ou método proibido, uma mencionava utilização não intencional de tamoxifeno, pelo guia da velocista brasileira (tratamento de ginecomastia)¹⁰, a outra descrevia minuciosamente a disreflexia autonômica ou boosting⁶, método proibido utilizado por atleta lesionados da medula.

Seguindo a máxima do lendário publicitário inglês David Ogilvy apud Beleli (2007): **“o título é mais da metade de uma propaganda impressa”**, analisaram-se os títulos das matérias, percebendo que três manchetes de doping incidiam sobre as “suspeitas” do desempenho dos atletas, da seguinte forma: **“Comitê Paralímpico ‘vai acompanhar’ acusações de doping contra chineses”** (O GLOBO, 2016)¹¹; **“Sucesso de chineses na natação paraolímpica levanta suspeita**

Acesso em: 04 de jan. 2017

8 Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2016/09/cheirinho-de-atleta-do-halterofilismo-inala-amonia-e-faz-cara-hilaria-assista.html> >. Acesso em: 04 de jan. 2017

9 Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2016/09/martelada-nos-pes-e-estrangulamento-dos-testiculos-como-sao-algumas-das-perigosas-tecnicas-de-doping-de-paratletas.html> >. Acesso em: 04 de jan. 2017

10 Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2016/09/apos-doping-de-guia-brasileira-festeja-prata-no-4x100m-muita-turbulencia.html> >. Acesso em: 01 de jan. 2017

11 Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/esportes/comite-paralimpico-vai-acompanhar-acusacoes-de-doping-contra-chineses-20096327> >. Acesso em 28 de dez. 2016.

de doping na Rio-2016” (EXTRA, 2016)¹².

Para Silva et. al. (2013), as expressões, de apelo emocional, encontradas nas manchetes dos Jogos Olímpicos de Londres 2012, foram recursos utilizados para transmitir aos leitores eficiência e rapidez de um sistema antidoping infalível, conforme análise no Portal G1 relativa aos Jogos Olímpicos de Londres 2012.

Outra constatação nos títulos foi à necessidade de colocação do elemento tragicômico, em duas reportagens, primeiro relatando um incidente por inalação de amônia em prova de halterofilismo: **“Cheirinho de... Atleta do halterofilismo inala amônia e faz cara hilária”** (GLOBO ESPORTE, 2016)⁵; em seguida comparando técnicas de doping às práticas da tortura e da autoflagelação: **“Martelada nos pés e estrangulamento dos testículos: como são algumas das perigosas técnicas de doping de paratletas”** (GLOBOESPORTE, 2016)⁶.

Destacaram-se ainda em dois títulos “protestos” relativos à exclusão da delegação Russa dos JPL Rio 2016 em: **“Canal público da Rússia se recusa a transmitir Paralimpíada do Rio”** (O GLOBO, 2016)¹³; **“Membro de delegação olímpica é punido por erguer bandeira russa no desfile”** (EPOCA NEGÓCIOS, 2016)⁴, relativa à militância de dirigente de Belarus que desafiou os acenando a bandeira da Rússia contrariando a Carta Olímpica na aplicação da norma 69 (Cerimônia de Abertura e Encerramento dos Jogos Olímpicos), especificamente: **“...1.4 Ningún participante en el desfile tendrá derecho a introducir en el estadio Banderas, ...u otros objetos visibles que no formen parte del uniforme oficial”** (COI, 2001; p.98).

O passo seguinte consiste da leitura em profundidade utilizando referencial teórico da análise dos significados simbólicos da ação social (GEERTZ, 1989) e a análise temática de conteúdo proposta por Minayo (2008), com o propósito de descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação.

Através da leitura e análise de conteúdo destacaram-se as repor-

12 Disponível em:< <http://extra.globo.com/esporte/rio-2016/sucesso-de-chineses-na-natacao-paralimpica-levanta-suspeita-de-doping-na-rio-2016-20099679.html>>. Acesso em: 28 de dez. 2016

13 Disponível em:< <http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/canal-publico-da-russia-se-recusa-transmitir-paralimpiada-do-rio.html>. Acessado em: 28 de dez. 2016.

tagens que abordavam o desempenho da delegação chinesa nos JPL, apresentando a classificação geral do país, o número de medalhas de ouro, os recordes quebrados e os novos talentos. Porém, os destaques da China traziam ao mesmo tempo ressalvas que questionavam os resultados alcançados pelos atletas.

Desempenhos extraordinários x desconfianças

À medida que eram apresentados desempenhos extraordinários sobretudo na natação, à mídia oficial de plantão respondia com comentários afiados de desconfiança. As motivações para esses comentários incidiram sobre duas motivações, uma relacionando ao desempenho dos atletas chineses ao doping. Conforme ratifica o trecho selecionado abaixo:

Nadadores desconhecidos, medalhas de ouro e recordes mundiais passaram a ser sinônimo de chineses nos Jogos Paralímpicos Rio-2016. Afinal, ao fim do quinto dia de competições, das 76 novas marcas estabelecidas, 32 são de atletas do país asiático e o sucesso já levantou suspeitas quanto a possibilidade de doping (EXTRA, 2016)⁹.

(...) Líder absoluto do quadro de medalhas da natação com 41, sendo 16 de ouro, o país asiático tem se destacado com jovens atletas desconhecidos do público e dos demais nadadores, causando mal-estar e desconfiança com quebras de recorde surpreendentes mesmo para os padrões paralímpicos (GLOBOESPORTE, 2016)².

A outra possibilidade aventada para a hipótese que os competidores estariam disfarçando o grau de deficiência para concorrerem em vantagem desleal com aqueles de maior deficiência. Isso pode ser visto nos trechos abaixo:

(...) O choque maior foi na prova de natação no revezamento 4x50m livre até 20 pontos. Os chineses venceram batendo recorde anterior por 11 segundos [grifo autor]. A marca anterior, feita pelo Brasil, era 2m29s80. Agora, o novo recorde é de 2m18s03 (O GLOBO, 2016)⁸.

- Não é normal você baixar seis segundos em uma prova de 50m. A marca que esse S3 fez é muito surpreendente. Temos de procurar entender, analisar a classificação dele com muito cuidado [grifo autor] - ressaltou o chefe de missão e diretor técnico do CPB, Edilson Alves da Rocha, o Tubiba (EXTRA, 2016) .

(...) Além da grande diferença total, o desempenho surpreendente foi, em grande parte, responsabilidade do nadador Wenpan Huang, que na sua parcial no 50m livres foi de 36s64, seis segundos abaixo do recorde na prova individual, que é de 42s60. Ele foi mais veloz que o rival brasileiro, Daniel Dias, que é duas classes a cima do Chinês [grifo autor] (O GLOBO)⁸.

Incidentes envolvendo atletas em fraudes nos testes de classificação são evidenciados na mídia e na literatura científica, geralmente apontando para a fragilidade de burlar o sistema de classificação dos atletas. Nos Jogos Paralímpicos de 2000, por exemplo, ocorreu incidente envolvendo toda equipe de basquete da Espanha que acabou perdendo a medalha de ouro nos jogos por ter fraudado os testes de classificação para competir na classe de deficientes intelectuais. Por conta desse episódio o IPC suspendeu das Paralimpíadas a classe de deficientes intelectuais até o ano de 2012 (SAKAMOTO, 2014).

Mediante as declarações na imprensa autoridades do Esporte Paraolímpico responderam o seguinte:

— Sobre o doping, não tenho nenhuma informação. Por isso, não posso responder. Tivemos uma reunião informal no IPC, e essa questão foi levantada, não exatamente relacionada ao doping. Sempre investigamos essas questões independentemente de qualquer coisa. Os atletas brasileiros e ucranianos têm declarado, e claro que vamos levar em conta, porque somos uma entidade centrada nos atletas. Então, se for o caso, claro que vamos averiguar — disse o presidente do IPC, Sir Philip Craven (O GLOBO)⁸.

- Com certeza, vamos examinar no futuro. Sempre investigamos essas questões independente de qualquer coisa. Os atletas brasileiros tem declarado, claro que vamos averiguar - afirmou o presidente do Comitê Paralímpico Internacional (IPC), Philip

Craven (EXTRA, 2016)⁹.

— A China tem seu próprio controle de dopagem. Os atletas paralímpicos chineses participam de controles como todos os atletas de outros países. Não temos por que desconfiar e nem não desconfiar — disse Craig Spenc, diretor de comunicação do IPC (O GLOBO)⁸.

O presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), Andrew Parsons, lembrou que os chineses têm a mania de esconder atletas e só apresentá-los nos Jogos (EXTRA, 2016)⁸.

Apesar do impasse gerado pelas desconfianças de atletas e dirigentes, o IPC se apresenta politicamente correto nas declarações emitidas pelo presidente da entidade, respondendo aos rumores direcionados à delegação chinesa.

Contudo há divergência entre as palavras do presidente do IPC em comparação as do diretor de comunicação do IPC, Craig Spencer: “Não temos por que desconfiar e nem não desconfiar” (O GLOBO)⁸. Em outro trecho declara o seguinte:

(...) que os chineses não passam por controle antidoping tão rigoroso quanto os demais atletas, visto que só competem internacionalmente em meetings específicos para obter a classificação funcional necessária para disputar a Paralimpíada (O GLOBO, 2016)².

No mínimo vem à tona a sensação de perplexidade ao decodificar as afirmações do diretor de comunicação do IPC, Craig Spencer, ora sua postura deixa público o descrédito em relação aos chineses, tornando no mínimo contraditório seu discurso em relação ao posicionamento do seu presidente.

Porém, apesar das suspeitas e das declarações do CPI não foram abertas investigações para apurar o caso até o final dos JPL Rio 2016. Esse tipo de atitude reforça a compreensão de que “o segredo” constitui um terceiro aspecto além da ótica do contraditório “puro e impuro” que serviria para ocultar ou transformar, algumas vezes, o impuro em puro (PEREIRA E GLEYSE, 2005).

Silva et. al. (2013), identificaram em análise os conteúdos de do-

ping na mídia dos Jogos Olímpicos de Londres, a ampla desconfiança nas declarações -técnicos e dirigentes esportivos rivais- precedia dos recordes da nadadora chinesa Ye Shimen de 16 anos. Inclusive que um ambiente alimentado pela desconfiança convalidava ações de combate, controle e opressão mesmo que essas não passassem “apenas” de declarações.

Considerações finais

Os JPL, ainda não apresentam a mídia e o apelo popular que conseguimos evidenciar nos Jogos Olímpicos, com poucas inserções, o que ocorre na maioria das vezes é pequenos momentos em horários que não são os considerados nobres, no caso da TV aberta, e uma diminuição significativa nas transmissões realizadas em canais fechados. Sendo assim, a ferramenta que pode nos dar mais subsídios são as mídias digitais e redes sociais, que apresentam mais informações acerca do tema JPL, bem como as suas relações como doping.

Ao analisarmos o desempenho extraordinário de alguns atletas ficou claro que o doping é um tema velado em muitos países, que a dificuldade em entrar na realidade chinesa, por exemplo, dificulta um controle maior em relação às práticas de doping que supostamente são realizadas em períodos fora das principais competições.

Além disso, existe a falta de ética de algumas delegações, que vão além da utilização de doping na tentativa de fraudar o IPC pela classificação de atletas e seus níveis de comprometimento físico, intelectual ou motor, para que dessa forma seus atletas se apresentem com algum tipo de vantagem em relação à seus adversários.

Estamos diante da compreensão de que o limite humano para a conquista de novos recordes está se aproximando do problema da legitimidade de tais ocorrências. Dentro deste posicionamento teórico seria possível aventarmos que as “vitórias” – desempenho de destaque e controle de doping negativo - do atleta paraolímpico de hoje poderão ser as “derrotas” - perda de medalha e controle de doping positivo - do amanhã.

Essa percepção de fato veio à tona em investigação recente da AMA que confirmou um esquema de doping em larga escala envol-

vendo a Agencia Nacional Antidoping russa e seu governo, culminado assim na exclusão da delegação de atletismo dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e banimento de todos atletas dos JPL¹⁴ pelo IPC.

Sendo assim, a desconfiança em relação aos recursos utilizados para obter o máximo desempenho continuará prevalecendo enquanto não houver maior comprometimento de “todos” os membros das organizações envolvidas em todos os processos: seleção, desenvolvimento e preparação dos atletas para os JPL; permitindo o controle e fiscalização permanente de seus atletas, inclusive auxiliando na promoção de campanhas que valorizem a imagem do atleta limpo.

Cabe a mídia a divulgação de conteúdos com linguagem menos sensacionalista (repressão, do controle e das desconfianças) mais informativa, educativa para a valorização dos atletas como seres humanos portadores de valores, fortalecidos na máxima do esporte livre do doping.

Referências

AMA. Agência Mundial Antidoping. Disponível em: <<https://www.wada-ama.org/>> Acessado em: 29 de out. 2016.

AQUINO NETO, F. R. O papel do atleta na sociedade e o controle de dopagem no esporte. Rev Bras Med Esporte, v. 7, n. 4, jul/ago, 2001.

VLIET, P. V. Editorial: Paralympic athlete's health. Br J Sports Med bjsports-2012-091192 Published Online First: 4 May, 2012.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITE. Testing Statistics. Disponível em:< <https://www.paralympic.org/the-ipc/anti-doping/testing>> Acesso em 02 de jan. 2017.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITE. The IPC opens suspension proceedings against NPC Russia. Disponível em:< <https://www.paralympic.org/news/ipc-opens-suspension-proceedings-against-npc-russia>>. Acesso em 02 de jan. 2017

14 Disponível em:< <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2016/08/russia-e-banida-da-paralimpiada-do-rio-de-janeiro-por-suspeita-de-doping.html>>. Acesso em: 04 de jan. 2017

WOLF, M. Teorias da comunicação. Tradução Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 4.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

YESALIS, C.; BAHARKE, M. S. History of Doping in Sport. *International Sports Studies*, v. 24, n. 1, p. 42-76, 2002.

BARON, D. A.; MARTIN, D. M.; MAGD, S. A. Doping in sports and its spread to at-risk populations: an international review. *World Psychiatry*, v. 6, n. 2, p.118-123, 2007.

MEDEIROS, A. G. A.; SANTOS, D. S. O doping no Discurso Midiático. *Motrivivência*. Ano XX, n.31, p. 333-345, 2008.

FOLHA DE SÃO PAULO. Diferente da Olimpíada transmissão da paraolimpíada será enxuta na televisão. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/09/1810512-diferente-da-olimpiada-transmissao-da-paraolimpiada-sera-enxuta-na-televisao.shtml>>. Acesso em 14 de jan. 2017.

CECCHETTO, F.R.; FARIAS, P. S.; SILVA, P. R. P.; CORREA, J. S. Onde os fracos não têm vez: discursos sobre anabolizantes, corpo e masculinidades em uma revista especializada. *Physis (UERJ. Impreso)*, v. 22, p. 873-893, 2012.

FARIAS, P.; CECCHETTO, F.; DA SILVA, P. R.P. Homens e mulheres com H(GH). *Cadernos Pagu*, v. 42, p. 417-446, janeiro-junho de 2014.

SILVA, P. R. P.; RIBEIRO, C. H. V.; COSTA, L. P. A cobertura esportiva dos Jogos Olímpicos de Londres 2012: a tematização do 'doping' no portal de notícias G1. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (Impresso)*, v. 27, p. 437-446, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v27n3/aop_1813.pdf>. Acessado em: 18 de out. 2016.

BELELI, I. Corpo e identidade na propaganda. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n.1, p. 193-215, 2007.

COMITE OLIMPICO INTERNACIONAL. Carta Olímpica. Lausana. Suíça. Ed. Comité Olímpico Internacional. Septiembre de 2001.

GUEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, p.323, 1989.

MINAYO, M.C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 2ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro. Ed. Hucitec-Abrasco, 2008.

SAKAMOTO, K. PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos. São Paulo, Képos, 2014.

PERERA, E.; GLEYSE, J. O doping ao longo do século XX na França: representações do puro, do impuro e do segredo. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 27, n. 1, p. 55-74, set. 2005.

**DIFERENTES
EXPERIÊNCIAS**

PERCEPÇÕES SOBRE MEGA-EVENTOS ESPORTIVOS: O CASO DOS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS RIO 2016 NA ÓTICA DE DIFERENTES ATORES

MEGA-SPORTING EVENTS PERCEPTIONS: OLYMPIC AND PARALYMPIC RIO 2016 CASE FROM THE PERSPECTIVE OF DIFFERENT ACTORS

Leonardo José MATARUNA-DOS-SANTOS ¹

Andressa Fontes GUIMARÃES-MATARUNA ²

Bianca Gama PENA ³

mataruna@gmail.com

Briefing

Rio de Janeiro became the first South American city to host the Olympic and Paralympic Games editions. These Games were expected in the Brazilian society to incite changes and improvements into the country. According the programme schedules the Games was a success. Nonetheless, from various perspectives the event presented different interpretations. The method used was the “After Reaction Review” (Darling, 2005) based on the “experience report” of the people. The data was collected about the experience reported from one volunteer (Goalball Venue – Future Arena and Olympic Village), one Associate Venue Producer (Basketball, Wheelchair basketball and Wheelchair rugby - Arena Carioca 1) and one sport coach (Judo Venue – Carioca 2, and Olympic Venue). The aim is to investigate the perception of the sample involved into the Rio 2016 Games reporting points to improve and posi-

¹ Pós-Doutor em Cultura Contemporânea (UFRJ); Pós-Doutor em Esporte e Desenvolvimento (Coventry University), Marie Curie Visiting Research Fellow in Sport Mega Events and Legacies at TUM - Technische Universität München, Fakultät für Sport und Gesundheitswissenschaften – Carnival Project (Alemanha); Professor da American University in the Emirates; Pesquisador Visitante da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PACC-EEFD) e Doutor em Educação Física (UGF);

² Doutoranda em Gerenciamento do Esporte (UERJ). Mestrado em Ciências do Exercício e do Esporte (UERJ). Especialista em Administração e Marketing (FAMATH). Graduação em Educação Física (UFRJ); Marie Curie Visiting Research Fellow in Sport Mega Events and Legacies at TUM;

³ Doutoranda em Gestão do Esporte (Coventry University), Mestre em Relações Internacionais (CovUni), Bacharel em Jornalismo (UNESA), Marie Curie Visiting Research Fellow in Sport Mega Events and Legacies at TUM.

tive achievements. Some positive aspects were: the engagement of the workforce and their feeling of belonging of the Mega-event; various cases of hospitality houses in the city, cheaper tickets for the Paralympic Games; security provided by the armed force; Some points to be improved: Short period to contract and training staffs and volunteers; expensive tickets for the Olympic Games; difficulty to accessing the venues and delay payments to the workforce. The interaction among different level of workforce must be longer than one month before the event start to achieve the synchronism in the actions; the workforce hired from abroad focusing on reduce the lack of acknowledge in some areas was essential. The points to be improved and also the positive achievements will be reported to the Rio 2016 Olympic Games as well as to the IOC Committee in order to help the planning for the future Sport Mega- events.

Introdução

O Rio de Janeiro se tornou a primeira cidade da América do Sul a sediar uma edição de Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão (JOPV). Estes megaeventos foram muito aguardados pela sociedade brasileira e latino-americana, e foram uma excelente oportunidade para o desenvolvimento de uma Educação Olímpica, conforme destacam Kinijnik e Tavares (2012). O programa Transforma criado em 2014, pelo Comitê Organizador dos Jogos Rio 2016 esteve presente em praticamente 2.200 escolas, apenas nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Brasília. Este fator limitou muito o potencial projeto e a oportunidade do megaevento para o desenvolvimento de uma intervenção mais abrangente no que tange ao território nacional, mas sobretudo, duradoura na forma de legado.

Incitados pelo evento a comunidade acadêmica, e a sociedade em geral, se debruçaram sobre as promessas políticas e as esperanças de mudança que poderiam colocar o país em um novo patamar. O momento apontava para mudanças, progresso e uma nova chance para a transformação da cidade; um novo momento para o país e sobretudo para o povo brasileiro diante de diversos megaeventos esportivos (Darnell, 2012; Kinijnik e Tavares, 2012). “O papel dos megaeventos esportivos tem sido associado ao desenvolvimento

econômico, à regeneração urbana, à impactos sociais positivos (Hall, 1992), ao crescimento ou consolidação de coalisões urbanas (Jonas, 1992), úteis para o gerenciamento da cidade em todos os seus aspectos”, (Costa, 2013, p.160). Este tipo de comportamento social associado aos mega eventos não é novidade, e segundo Teigland (1999), quando nos Jogos de Lillehammer em 1994 esperava-se um aumento, por exemplo, no número de turista e um avanço do legado para a prosperidade local, ocorreu um déficit de mais de 40% das expectativas. De acordo com o autor o esperado ‘big tourist boom theories’ falhou, fato que no Brasil com os Jogos Pan-Americanos já havia acontecido, quando super-dimensionaram a condição do turismo internacional para um evento continental.

O discurso sobre legados após a realização de megaeventos vem sendo debatido, estudado e planejado, pois podem afetar positivamente ou negativamente a cidade e país sede (Preuss, 2000). De acordo com García (2004) o principal discurso das cidades que se candidatam a um evento como Jogos Olímpicos e Paralímpicos fica em torno dos benefícios para as comunidades locais, tais como a melhora estrutural em transporte, empregabilidade, moradia ou instalações esportivas. Contudo, existem autores que argumentam que um evento olímpico estimula a geração de conflitos sociais, devido às diferentes opiniões acerca do mesmo (Coakley e Souza, 2015; Hiller, 2003; Preuss, 2000). Por vezes, o custo financeiro e o número de obras são altíssimos para um evento que dura poucos dias o que reflete a insatisfação de uma parte da população podendo ocasionar uma manifestação popular contra esses eventos (Hiller, 2003). Protestos contra a organização de megaeventos no Brasil foram marcados durante a realização da Copa das Confederações em 2013, do início do evento até o término foram registrados 24 protestos ocorrendo nos arredores dos estádios da copa e inclusive dentro desses (Oliveira e Leão, 2014).

Apesar da forte cultura de adoração ao futebol e consequentemente à Copa do Mundo da FIFA, onde temos a seleção mais vencedora do campeonato e orgulho do feito, vimos a população questionar a forma como foi organizado o megaevento esportivo e em detrimento eram relegados investimentos em áreas que eram primordiais para a redução da desigualdade, como a saúde e a educação (Oliveira e Leão, 2014 p.10)

Outros episódios de manifestações também ocorreram contra a construção do campo de Golf na Lagoa de Marapendi e a demolição de casas na Vila Autódromo por parte da organização dos Jogos do Rio (G1, 2013; El País, 2015). Em relação aos megaeventos no Brasil, a população não chegou a rejeitar, ou demonstrar insatisfação com a candidatura, conforme outras possíveis cidades-sede negaram ou interromperam a proposição dos bids, como Munique (Alemanha) e Estocolmo (Suécia) para os Jogos de Inverno de 2022, Hamburgo (Alemanha) e Roma (Itália) para os Jogos de Verão de 2024. No entanto, Coakley e Souza (2015) enfatizam que os “megaeventos esportivos estão profundamente enraizados em nossa sociedade e vão continuar acontecendo, independentemente de protestos.” Os autores afirmam que estes eventos são atrativos e tem alto poder de mobilização, há muitos benefícios que podem ser explorados em prol do bem comum, a decisão de sediar os jogos deve estar alinhada com as metas de desenvolvimento das cidades sede.

O Brasil vivenciou um momento histórico de sequenciados eventos esportivos, culturais e religiosos que alguns autores chamaram de ‘Tsunami de mega-eventos’ (Guimaraes-Mataruna, Wanick e Mataruna, 2016; Mascarenhas 2012) e ‘Cometa do Desporto’ (Silva, 2011; Tavares 2011), que dificilmente se repetirá com menos de um século, vide quadro 1. No debate do senso comum acredita-se que o furacão de mega-eventos começou em 2007 após os Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro, mas a verdade é que o passo inicial foi dado em 2002 quando o Brasil assumiu de última hora a organização dos Jogos Sul-Americanos, realizando uma das melhores edições da história. Foi a primeira vez que o evento foi realizado no país e quebrou um longo período sem eventos desde os Jogos Pan-Americanos de São Paulo e a Universidade de Porto Alegre, ambos em 1963 e com legados importantes até os presentes dias.

Quadro 1. Mega-eventos internacionais por ano no Brasil 2002-2016

Ano	Evento	Tipologia	Cidade Sede	Avaliação Pós-Evento
2002	Jogos Sul-Americanos (ODESUR)	Esportivo - Olímpico	Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Belém	Positiva - considerado os melhores até então
2005	Jogos Mundiais da IBSA (International Blind Sport Federation)	Esportivo - Paralímpico	São Paulo	Negativa - gerou uma enorme dívida para os organizadores o que causou a extinção da ABDC - Associação Brasileira de Desportos para Cegos
2007	Jogos Pan e Para-Pan Americanos (ODEPA)	Esportivo - Olímpico e Paralímpico	Rio de Janeiro	Positiva - uma repetição de ineditismo e excelente organização. Pela primeira vez em Jogos Continentais, Olímpicos e Paralímpicos juntos seguindo o modelo dos JOPV.
2011	Jogos Mundiais Militares (CISM)	Esportivo	Rio de Janeiro	Positivo - excelente legado de instalações e aparelhamento das Forças Armadas Brasileiras. Apenas baixa participação do público e falhas na transmissão de TV.
2011	Rock in Rio	Musical	Rio de Janeiro	Positivo - reinserção cultural da cidade no cenário internacional.
2012	Rio +20 - United Nations Conference on Sustainable Development	Político	Rio de Janeiro	Positivo - Depois da realização da ECO 92' o tema da sustentabilidade volta ao Brasil para debates sobre o futuro do planeta e do Brasil.
2013	30. Jogos Mundiais dos Trabalhador (III CSIT - Confédération Sportive Internationale Travailleuse et Amateu - World Sports Games).	Esportivo	Rio de Janeiro	Negativa - Evento Cancelado e transferido para Varna na Bulgária por falta de recursos. O mesmo seria organizado pelo SESI no Brasil. Era o início da quebra do <i>iceberg</i> financeiro. A imagem do país ficou danificada após declarar a não possibilidade de realização do evento.
2013	Jornada Mundial da Juventude (World Youth Day 2013),	Religioso	Rio de Janeiro	Positivo - um dos eventos com maior número de público.
2013	Rock In Rio	Musical	Rio de Janeiro	Positivo - Exploração do legado cultural e musical da primeira edição do evento em 1985.
2013	Copa das Confederações de Futebol - FIFA	Esportivo	Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Recife, Brasília, Fortaleza,	Positivo e Negativo - A organização do evento foi impecável, entretanto as manifestações pelo país levaram dúvidas da realização da Copa e JOPV Rio 2016.

2014	Copa do Mundo FIFA 2014	Esportivo	Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Natal, Manaus, Curitiba, Brasília, Fortaleza, e São Paulo.	Positivo e Negativo - A organização seguiu todas os protocolos internacionais e contratou grande parte do staff vindo de outros países. Apesar dos protestos realizados no ano anterior o governo brasileiro fez uso das Forças Armadas para garantir a ordem e realizar o evento. Entretanto, existem muitas críticas em relação aos as várias críticas com relação aos estádios, que hoje, estão desocupados e em condições de precariedade como por exemplo a Arena Pantanal, Arena das Dunas e Maracanã.
2016	Jogos Olímpicos de Verão - IOC	Esportivo	Rio de Janeiro	Positivo - Apesar da mídia internacional e de uma série de acontecimentos relatados neste artigo, os Jogos Olímpicos podem ser considerados como de pleno sucesso. Para a segurança seguiu-se o modelo já adotado na Copa do Mundo FIFA 2014. A mídia internacional supervalorizou os problemas encontrados em relação aos encanamentos na vila e outras problemáticas encontradas na finalização deste espaço. Vale lembrar que os Jogos de Seul, Barcelona, Atlanta e Atenas também apresentaram problemas de natureza similar em suas vilas olímpicas, que não comprometeram a realização do evento.
2016	Jogos Paralímpicos de Verão - IPC	Esportivo	Rio de Janeiro	Positivo - considerado de grande sucesso pelo comparecimento do público, com 2.1M de ingressos vendidos, os Jogos Paralímpicos quando comparados a outras edições não deixou nada a desejar. Como em qualquer edição anterior deste evento, excetuando-se Londres 2012, os Jogos Paralímpicos sempre sofreram dificuldades para atrair público. A campanha de marketing reservada para o intervalo entre os eventos foi fundamental para alavancar as vendas que eram baixas até então, fazendo com que o evento fosse um sucesso de público. Ocorreu uma expansão em número de horas de transmissão pela TV fechada e aberta, mas houve uma redução por parte da OBS - Olympic Broadcast System na transmissão do evento. Vale destacar que a discussão do conteúdo a ser transmitido faz parte de um acordo entre OBS, Rio 2016, Comitê Paralímpico Brasileiro e o Internacional, juntamente com as emissoras oficiais responsáveis por apoiar a transmissão.

Fonte: autores do estudo.

O país acostumado com os grandes eventos sazonais no seu calendário atual, como o carnaval em diferentes partes do país, as festas de São João, os campeonatos de futebol pelo extenso país, as

festas de ano novo em Copacabana no Rio de Janeiro e na Av. Paulista em São Paulo, e sobretudo os eventos religiosos como o Círio de Nazaré em Belém que reúne mais de 2 milhões de pessoas, adotou os mega-eventos esportivos, culturais e religiosos de âmbito internacional em seu calendário, alterando a percepção, os olhares e sobretudo, as expectativas a respeito dos Jogos Rio 2016.

O Cenário dos Jogos

Nesse contexto, nos poucos meses que antecederam a realização dos Jogos no Rio de Janeiro, alguns eventos inesperados, como por exemplo o impeachment de Dilma Rousseff presidente desde 2011, a grande crise econômica, falhas na segurança pública refletindo altos indicadores de violência urbana, e a epidemia do Zica Vírus aumentaram as discussões quanto a tranquilidade na consolidação dos eventos (Mataruna-Dos-Santos, 2016a; Mataruna-Dos-Santos, 2016b; Talbot, 2016).

Inicialmente as preocupações com o Zica Vírus geraram dúvidas quanto a realização do evento, segundo Petersen et al (2016) e Mataruna-Dos-Santos (2016b). As notícias sobre o Zica Virus circularam mais na imprensa internacional do que nacional, de acordo com pesquisa em andamento do Prof. Renan Petersen-Wagner. Entre 646 notícias analisadas em jornais brasileiros e estrangeiros, 113 mencionaram os efeitos negativos do Zica Virus no período pré-evento, sendo que apenas 4 jornais eram brasileiros e 99 estrangeiros, mostrando ainda, uma tendência sensacionalista de depreciação da imagem do país (comunicado pessoal). No entanto, diante dos alertas e pronunciamentos da WHO (2016) e do Rio 2016 OCOG (2016), para tranquilizar a população, sabia-se que ocorreria uma redução no número de turistas e visitantes no Rio de Janeiro (Burattini et al, 2016; Wilson et al, 2014,), mas sem dimensionar o impacto a ser causado pelo problema e sobretudo pelas notícias. Ximenes et al, (2016) relatam que mais de 400.000 turistas estrangeiros não-imunes eram esperados para os Jogos e que este número pode ter sido reduzido pelos alertas antes do evento. Algumas semanas antes dos Jogos, o Governo do Estado do Rio de Janeiro declarou estado de calamidade pública na ad-

ministração financeira ameaçando o não cumprimento de prazos para entrega das instalações (Phillips, 2016; Talbot, 2016).

Horne e Whannel (2016, p. 10) comentavam que o criticismo oriundo dos protestos na Copa das Confederações em 2013 e na Copa do Mundo de Futebol em 2014, era outro problema que poderia se arrastar pelos Jogos Olímpicos. As manifestações também foram observadas entre os espectadores e integrantes do evento Paralímpico, principalmente quando um músico na cerimônia de encerramento exibiu na parte posterior da guitarra, um cartaz contra o atual presidente da república, mas os números de protestos foram menores quando comparados com os Jogos Olímpicos (ver Figura 1). No entanto, o momento mais marcante nos Jogos Olímpicos foi a prova de Maratona que acontecia na Rua. Na prova feminina de maratona cartazes pelas ruas, invasões no circuito e (vide Figura 1 e 2). O peso das mídias sociais hoje é grande na proliferação de notícias e logo que os protestos surgiram, foram sendo divulgados massificados pelo Twitter, Youtube e Facebook, uma vez que a Olympic Broadcast Service - OBS, geradora internacional dos sinais de TV, tentava a todo momento cortar tais manifestações no repasse das imagens para emissoras de todo o mundo. Essa era uma preocupação geral, sempre focada nos Jogos Olímpicos, mas, não ventilada tanto nos bastidores da organização nos Jogos Paralímpicos. Durante os Jogos Olímpicos a torcida ainda puxava gritos de guerra dentro de arenas como a do voleibol de praia, Maracanã e no Engenhão com o termo Ziiiiii-ca (leia-se: Zica, com prolongamento vocálico na letra 'i'), sempre antes de saques, saltos, chutes e outros movimentos.

Mesmo, com todas essas problemáticas que acometeram a cidade do Rio a agenda programada foi cumprida com sucesso. E a partir de várias perspectivas o evento apresentou diferentes interpretações como descreve este capítulo. O Comitê Organizador Rio 2016 seguiu os procedimentos oficiais dos manuais para realizarem os Jogos com sucesso. Com 11.237 atletas de 207 países (IOC, 2016), 50 mil voluntários, 25.100 profissionais de mídia credenciados, 7.000 integrantes das delegações dos CONs, 3.200 oficiais técnicos - árbitros e assistentes (Relatório de Sustentabili-

dade dos Jogos Olímpicos Rio 2016, 2016) os Jogos aconteceram. Dos 50 mil voluntários, 30% dos recrutados não compareceram para trabalhar nos eventos de acordo com o levantamento do Comitê Rio 2016, por motivos variados não definidos, mas estimados, como por exemplo a alta dos preços para estada na cidade do Rio de Janeiro, a crise econômica do país e a dificuldade de comunicação entre comitê organizador e voluntários, principalmente os internacionais como constatado pelos autores (Folha de São Paulo, 2016).

Figura 1. Manifestações nos Jogos Paralímpicos Rio 2016



Fonte: Twitter

Figura 2. Protestos na Maratona feminina Rio 2016, reproduzidas pelas redes sociais (Twitter).



Buchada de Bode
@Buchada_de_Bode

Seguir

O #ForaTemer na maratona das mulheres! 42km de protesto.

Via @MidiaNINJA

17: 04 - 14 ago 2016

47 56



Midia NINJA
@MidiaNINJA

Seguir

Por onde a maratona passa tem #ForaTemer! O Rio de Janeiro hoje é todo contra o golpe

16: 33 - 14 ago 2016

144 229



Midia NINJA
@MidiaNINJA

Seguir

Lutar Sempre, Temer Jamais! Esquerda Alvinegra presente na Maratona #ForaTemer #Rio2016

17: 19 - 14 ago 2016

123 184



Buchada de Bode
@Buchada_de_Bode

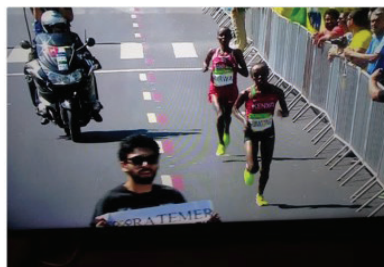
Seguir

Por onde a maratona passa tem #ForaTemer ! O Rio de Janeiro hoje é todo contra o golpe.

Via @MidiaNINJA

17: 03 - 14 ago 2016

40 40



Gil Cabral
@GIC_13

Seguir

Ao vivo. #FORA

TEMER @Doce_Vicio @DCM_online @GracieusaBritto @CheZeGueva

17: 06 - 14 ago 2016

20 14



Lourival Borges @Lourival_Borges · 21 Aug 2016

E a medalha de ouro da #maratona foi para...

#Rio2016 #ForaTemer #Golpista

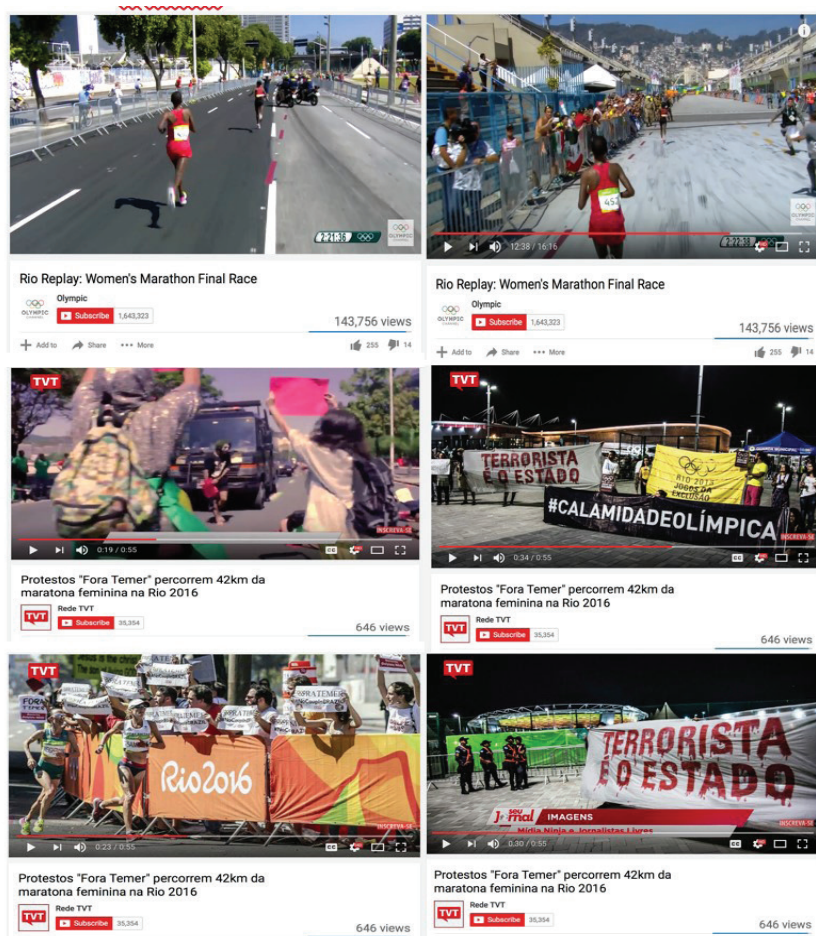
Translate from Portuguese



1 0 0

Fonte: Twitter

Figura 3. Manifestações registradas e flagradas no Canal do International Olympic Committee e na emissora TVT durante a prova Maratona Feminina nos Jogos Olímpicos Rio 2016.



Fonte: produzido pelos autores

Objetivo

O objetivo deste estudo foi investigar a percepção de pessoas envolvidas nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, relatando pontos a melhorar e pontos positivos. É necessário enfatizar que os

pontos selecionados refletem questões gerais que podem ser repetidas em outras edições. Aspectos culturais, casos isolados, características ou problemas esportivos foram descartados da coleta de dados.

Metodologia

O método utilizado nesta investigação foi o “After Reaction Review” (Darling, 2005) baseado no “relatório de experiência” de três posições diferentes - um produtor de arena “Associate Venue Producer” e um voluntário da força de trabalho e um participante do evento (um treinador). A After Action Review (AAR) é uma técnica de processo que utiliza uma revisão da experiência para evitar erros recorrentes e reproduzir o sucesso. Inicialmente desenvolvido pelo Exército dos Estados Unidos, muitas organizações adotaram a AAR; e as organizações militares, governamentais, industriais e sem fins lucrativos tem abraçado e empregaram o processo. A AAR tem ganhado aceitação generalizada entre as organizações cujo pessoal trabalha em ambientes de alto risco; Aquelas em que o erro humano comum pode produzir consequências inaceitáveis (Mataruna-Dos-Santos, Pena, Guimarães-Mataruna, 2017).

Amostra

A amostra é descrita como de conveniência, por aglomerados, segundo Babbie (2001), quando é impossível ou impraticável compilar uma lista exaustiva dos elementos que compõem a população-alvo. Contudo, geralmente os elementos da população já estão agrupados em subpopulações e listas dessas sub-elementos que podem já existir ou ser criadas de acordo com a demanda da análise.

Resultados e Discussão

Para facilitar a apresentação dos resultados desta pesquisa, se dividiu as respostas por setores amostrais com o intuito de facilitar a linguagem interpretativa que apareceu ao longo da coleta de dados. A discussão foi transcrita com base nas experiências práticas de cada um dos abordados.

Mídia

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional (2017) os Jogos no Rio de Janeiro foram os mais consumidos de toda história, em termos de cobertura midiática, conteúdo digital e o engajamento com redes sociais. Foram 350.000 horas de cobertura televisiva e digital, e quando comparado com Londres 2012 que tiveram 200,000 horas, percebe-se que houve um aumento de 75% de conteúdo disponibilizado (IOC, 2017). Os Jogos Rio 2016 e Sochi 2014 foram os primeiros na história em que a cidade sede entrou na negociação da transmissão para o mercado americano, o que gerou um aumento no número de horas de transmissão (Peña e Gila, 2017, p.221). No Brasil, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos foram televisionados nas TVs aberta e fechada, porém com proporções diferentes. A empresa Rede Globo de televisão/Globosat obteve os direitos de transmissão dos Jogos Olímpicos até 2032, contudo esse direito permite que o conteúdo seja exibido de forma não exclusiva na TV aberta e conteúdo exclusivo por canais de assinatura, internet e telefones celulares (UOL, 2015). O canal o SPORTV da Globosat apresentou a maior cobertura da história da TV brasileira com 16 canais durante os Jogos Olímpicos e 4 canais para os Jogos Paralímpicos. A disparidade no número de canais e geração de conteúdo de um evento para o outro, causou uma grande discussão nas redes sociais por espectadores que cobravam a mesma cobertura para ambos os eventos (ver figura 4).

Figura 4. Manifestos comparativos críticos entre Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 no Twitter.



Fonte: Twitter

Pelo SPORTV foram mais de 16 horas por dia de transmissão por cada canal durante as paralimpíadas com acompanhamento ao vivo, boletins informativos durante as competições, entrevistas e comentaristas profissionais para cada um dos esportes. O canal disponibilizou também o conteúdo pelo aplicativo SPORTV Rio 2016 gratuitamente, com atualizações constantes onde os usuários poderiam ativar alertas e receber notificações das principais disputas de medalhas (SporTV, 2016). A TV Brasil foi a única TV aberta a transmitir o evento Paralímpico com 10 horas de conteúdo disponibilizados diariamente, mas esta

informação não foi bem divulgada e telespectadores cobravam pelo conteúdo na TV aberta nas redes sociais e nas arenas do Parque Olímpico quando encontravam com algum repórter ou jornalista.

Segundo o IOC (2017) metade da população de todo o mundo assistiram a cobertura dos Jogos, e o número de pessoas que acompanharam o evento online foi maior que em Londres. Este número de espectadores vem aumentando consideravelmente, Schultz e Wei (2013) indicam que a quantidade de conteúdo digital possibilita alcançar mais espectadores. Cerca de 7 bilhões de vídeos oficiais foram postados nas plataformas de redes sociais durante os megaeventos (IOC, 2017). Nas recomendações escritas na Agenda 2020, documento que propõe mudanças na organização do evento segundo, o Comitê Olímpico Internacional, a rede social também foi incluída e receberá impactos para os próximos anos (IOC, 2014). A tendência é que o IOC passe a investir mais na interação e diversidade de conteúdo, disponibilizando em formato de áudio, vídeo, fotos e mensagens e ainda utilizando diferentes plataformas de mídias sociais (Mataruna et al., 2015).

Além de acompanharem as transmissões pelos veículos de comunicação tradicionais e digitais, o público deu grande suporte ao evento. Nos Jogos Paralímpicos, por exemplo, houve recorde de público que podem ter sido estimulados por dois fatores: o primeiro foram os preços dos ingressos que chegaram a dez reais no preço mínimo e o segundo pelo grande interesse em se sentir parte do evento. Rojas (2016) relata que como antropólogo pode analisar um grande interesse da população brasileira em se sentir parte do evento. A necessidade simbólica impressa pelas mídias sociais, alterou o sentido de torcer ou fazer parte, estampado na utilização de selfies e ou postagens nas mídias do que se explorava sobre o evento (Rojas, 2016). Percebeu-se que visitar o Parque Olímpico era um dos grandes atrativos das Paralimpiadas para os brasileiros e que a distância entre os clusters era grande o que reduzia a possibilidade de movimentação entre dois ou mais unidades por dia, ou seja, era muito difícil para o público ir para Deodoro, Barra e Copacabana no mesmo dia, tanto nos Jogos Olímpicos, quanto nos Paralímpicos.

Um outro detalhe, que sabe-se que faz parte do plano de segurança, mas as distâncias do terminal de ônibus até a entrada do parque

olímpico era muito grande. Mesmo com um auxílio dentro do Parque com um número reduzidos de carros elétricos para campos de golfe, cedidos pela organização para o auxílio da locomoção de idosos e pessoas com deficiências, o ponto de partida não era bem sinalizado e poucas pessoas sabiam da existência do serviço, reclamando assim das distâncias entre os espaços de competição e o sistema de transporte.

Voluntários

Quando o assunto se refere ao trabalho não remunerado, o Brasil não tem muita tradição como nos países do Reino Unido, Alemanha, Estados Unidos da América e Canadá. (European Volunteer Centre, 2004). No reino unido 33.4% da população adulta realiza atividades voluntárias durante o ano, isso representa cerca de 22 milhões de pessoas, idem. Ao contrário dos Jogos Pan-Americanos que o número de pessoas interessadas era muito alto, os Jogos Para-Panamericanos já sentiram o efeito de ações que não foram bem administradas a época. No entanto, no caso dos JOPV esperava-se uma mudança neste cenário.

Circulou um boato que o número de inscritos foi muito abaixo das necessidades para cada arena, e que de forma se confirmou no início dos Jogos alguns desajustes na organização e lacunas perceptíveis aos espectadores, imprensa e atletas. Dois anos antes aos Jogos, o programa de voluntários recebeu uma enorme procura nos primeiros meses. Internacionalmente, muitas pessoas desistiram de ir por falta de comunicação com o comitê organizador, dados identificados. Os contatos tardios para as vagas disponíveis mostraram certo nível de desorganização e desmotivaram muitas pessoas de atenderem ao voluntariado. Os cursos gratuitos de capacitação e de línguas tiveram propostas interessantes, assim como as dinâmicas de entrevistas via Skype. Contudo, o número de desistências foi mais alto do que esperado. De acordo com Mattoso e Martins (2016), pelo menos 30% dos 50 mil voluntários convocados não compareceram aos Jogos Olímpicos e cerca de cem credenciais de voluntários foram repassadas a outras pessoas ou vendidas, gerando um alerta de segurança.

Mattoso, Villas Boas e Oliveira (2016) reportaram para a Fo-

Iha de São Paulo, entrevistas feitas a voluntários durante os JOPV. Sobre a dinâmica, curso de línguas e treinamentos, os entrevistados relataram que os organizadores se esforçaram para realizar um bom trabalho. No entanto, o curso de línguas era muito limitado, como a fala de um dos entrevistados: “Era muito básico, tipo ‘the book is on the table’. Sei pouco e continuei sem aprender nada”, *idem*. A comunicação com turistas estrangeiros era um dos obstáculos em alguns espaços, apesar de muitos brasileiros dominarem o básico da língua inglesa suficiente para fornecer informações. No entanto, a desinformação chegava a afetar a comunicação básica sobre os locais de competição, segundo os autores que queriam saber onde era a arena do Badminton na barraca de boas vindas do parque olímpico: “‘Acho que é em Deodoro. Nunca me perguntaram. Mas olha, não vai pra lá. Se eu estiver errada, você vai ficar brava’, disse uma voluntária” (Mattoso, Villas Boas e Oliveira, 2016). Enquanto em Deodoro os mesmos autores foram informados por um outro voluntário:

“Esse aqui é estádio de futebol americano. Tem aquelas traves grandes, sabe?”, disse o voluntário, fazendo com os braços um formato de “U” para representar o travessão de conversão do rúgbi de sete. No Centro Olímpico de Tiros, uma voluntária sugeria que os torcedores perguntassem a um agente da Força Nacional sobre onde ficava um setor da arquibancada, das provas de fossa olímpica (tiro ao prato) (Mattoso, Villas Boas e Oliveira, 2016).

Apesar deste tipo de problema e das desistências de voluntários após ter começado o trabalho, os JOPV aconteceram dentro do esperado. Mesmo com o número reduzido de pessoal, os gestores de arenas conseguiram realocar os recursos humanos nas posições estratégicas e sensíveis para que a operação tivesse êxito. Para que os JOPV se tornem mais atrativos para o voluntariado no futuro, ações de hospitalidade devem ser repensadas. Se o modelo de hospedagem, fornecido pelos Jogos Olímpicos de Inverno forem oferecidas aos voluntários, o número de envolvidos aumentará significativamente. Nos Jogos de Torino, o Comitê Organizador alugou apartamentos nas regiões das montanhas de Bardonecchia, Pragelato, Sestriere (que eram locais de competições) e outros em locais mais afastados como por exemplo,

em Fenestrelle. No entanto, foi ofertado gratuitamente aos voluntários uma possibilidade de hospedagem, principalmente para voluntários estrangeiros, apesar de se encontrarem hospedados residentes daquele país de regiões mais distantes. Já nos Jogos de Vancouver, o Comitê Organizador alugou um navio que ficava fundeado em Squamish para os voluntários que atuavam em Whistler e em outras montanhas, tudo gratuito. Por que não encampar esta ideia nos Jogos de Verão?

Profissionais

Neste segmento abordar-se-ão as percepções de técnicos, de gestores, de produtores envolvidos com o comitê organizador ou apenas prestadores de serviços para os Jogos. Antes da entrada das delegações na Vila Olímpica, problemas de infraestrutura já haviam sido detectados e começaram a ser reparados. O incidente com o Austrália havia sido reportado por inúmeros jornais, uma vez que o Comitê Olímpico deste país se manifestou publicamente alegando que a Vila não era um lugar seguro. Tais alegações se basearam na falta de mangueiras de incêndio, escadas escuras sem iluminação, e alguns prédios com vazamentos. Problemas de natureza similar já foram encontrados por ex-atletas experientes e aposentados no momento, como nos Jogos de Seul 1988 e Barcelona 1992, este último, com alguns apartamentos que tinham goteiras. De um modo geral os apartamentos, eram amplos, e com a estrutura material mais simples nos acabamentos, mas que não acometeu a estada dos residentes neste espaço.

Três meses antes dos Jogos começarem ainda não havia convergência dos documentos na área de produção de arena, e muitas informações ainda estavam sendo elaboradas, sendo que a maioria da força de trabalho foi contratada neste período, conforme relatado por um profissional da área de gestão do evento. Com alguns dos departamentos o sincronismo foi instantâneo e aprimorado de forma assertiva durante o planejamento e execução dos Jogos, como por exemplo os setores: Venue Management por motivo dos horários de abertura e de fechamento dos portões para início e término das atividades assim como o anúncio de informações importantes para os espectadores. O setor de Cerimônia para garantir as premiações, Event Services, precisou de alocação de voluntários nos postos sensíveis, que precisaram

melhorar a segurança da área de competição. Outras áreas também careciam de voluntários como o setor de Press para nortear as áreas de exposição dentro da área de competição, o departamento de Resultados para anúncio dos locutores; e o departamento de Sport Competition com a sua respectiva Federação para alinhamento referente ao tempo de ação e integração de cada setor antes, durante e depois da competição. No caso do setor de Alimentos e Bebidas, as escalas de trabalho, por causa dos horários de competição, não coincidiam muitas vezes com os horários de almoço e jantar do refeitório. Por diversas vezes a equipe teve de substituir a refeição por lanche.

No caso da remuneração da Força de Trabalho (workforce), alguns funcionários estrangeiros, trabalharam tanto nos Jogos Olímpicos, quanto nos Paralímpicos e receberam os seus respectivos salários apenas por um dos eventos. Para os funcionários nacionais, foram reportados atrasos nos pagamentos. Pela falta de pagamento, terceirizados fizeram manifestações e greve durante as obras do Parque Olímpico queimando contêineres e fechando ruas nos arredores da Barra da Tijuca (SportV, 2016). Como na maioria dos megaeventos as escalas extrapolavam doze horas de trabalho por dia, sem intervalos de folga. Por questões trabalhistas, estes profissionais não podiam fazer check-in no 7º dia da semana, porém trabalhavam normalmente.

Do ponto de vista da Segurança da Arena, a Força Nacional teve dificuldades em controlar as relações, por exemplo, entre voluntários e espectadores, quando por parte da organização do evento, os colaboradores tentavam administrar o fluxo de pessoas, a organização dos assentos de acordo com os tickets, e a gestão do público, entre outros.

A comunicação dos setores que era efetuada pelo rádio de comunicação através do VCC, Venue Communication Centre, por diversas vezes foi ineficaz pois havia muitas áreas dentro da arena onde não havia cobertura de sinal, o que compromete a comunicação.

Um dos setores com o maior número de “chamados para atendimento” certamente foi o Venue Technology Services. Por ter havido dois tipos diferentes de patrocinadores de tecnologia, o processo de resolução de problemas em equipamentos de informática não era tão

eficiente. Muitas configurações não aconteciam a tempo do esperado.

Como sugestões para os Jogos Paralímpicos futuros, algo que não ocorreu nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 e que poderia ser mais explorado é a comunicação assertiva antes, durante e depois do evento. Antes, poderia ter sido explorado uma campanha pública de marketing em televisão e em todas as escolas do país, não apenas no Rio de Janeiro, ao modelo do que foi feito em Beijing 2008. Durante os Jogos, a audiodescrição das competições auxiliaria os cegos, assim como a linguagem dos sinais seria uma importante contribuição para os surdos. No intervalo dos Jogos Olímpicos para os Jogos Paralímpicos a entrega de folhetos explicativos, bem como campanhas informativas das modalidades, facilitaria a disseminação do conhecimento acerca das deficiências e suas respectivas particularidades.

Espectadores

Nos dois primeiros dias de competição, muitas reclamações surgiram a respeito do controle excessivo da segurança, das revisitas e do acesso do público na entrada do Parque Olímpico. Alguns expectadores perderam os jogos por atrasos de até três horas no acesso as instalações. Este fato foi corrigido no terceiro dia de competição após críticas severas da imprensa e reajustes na parte de segurança.

Outro problema foi o fornecimento de comidas, falta de alimentos, filas longas, pouca opções e demora no atendimento. Foi solicitado apoio logístico aos Correios (patrocinador do evento) para a chegada dos alimentos e “foram instalados food trucks para aumentar a oferta de pontos de venda de mercadorias para o público” (Magaalhães, 2016).

Os valores dos ingressos também tinham um preço elevado, acima da media salarial do país o que inviabilizou a participação de muitas pessoas nos Jogos Olímpicos. O interessante foi que até o fim dos Jogos Olímpicos, poucos ingressos para os Jogos Paralímpicos

tinham sido vendidos. Mas uma excelente campanha de marketing envolvendo os atletas convocando o público via redes sociais e mídia televisiva foi disparado no intervalo entre os eventos e o valor reduzido das entradas. A incidência de ingressos falsificados foi baixa, mas foi percebido cambitas no lado de fora no parque olímpico e, nos terminais de ônibus (Alvorada e Rio Centro) revendendo entradas como já visto em outras edições. Veja o Quadro 2 e encontre um resumo dos problemas mais recorrentes nos quatro grupos que compuseram a amostra.

Quadro 2. Análise de pontos positivos e negativos por voluntários o Jogos Rio 2016.

Pontos Negativos:	Pontos Positivos:
Falta de autonomia para selecionar e contratar sua própria equipe de trabalho	Bilhetes mais baratos para os Jogos Paraolímpicos
Omissão de pagamentos às empresas privadas	Alimentação da força de trabalho
Falha no treinamento do voluntário	Casos excessivos de casas de hospitalidade na cidade
Falha tecnológica: equipamentos incompatíveis	Segurança fornecida pelas Forças Armadas
Ingressos caros para os Jogos Olímpicos	Mobilidade e Acessibilidade
Dificuldade de acesso aos locais de competição Falta de informações gerais no primeiro dia das Olimpíadas e Paraolimpíadas Os motoristas de ônibus não receberam treinamento adequado	Mídias Sociais e aplicações móveis para uma comunicação eficiente
Distâncias longas dentro do Parque Olímpico e entre as arenas de competição	Transporte funcionando perfeitamente
Falta de sincronização nos horários de alimentação da força de trabalho	Todo o tempo com o mesmo espírito olímpico
Área de treinamento fora da Vila Olímpica	Envolvimento da força de trabalho
Atrasos nos pagamentos da força de trabalho	Excelente comida no local mas número de pessoas muito restritivo
Barreira linguística	Hospitalidade
Falta de segurança nos transportes públicos fora das rotas das arenas de competição	Muitas ações motivacionais da força de trabalho Sentimento de pertencimento: Participar e fazer a história dos Mega-eventos
Curto período de contratação e treinamento dos funcionários e voluntários	A comunicação interna era essencial
Contratação tardia: Pouco tempo de trabalho em equipe antes do início dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos	Pacificação de Comunidades
Falha no gerenciamento de continuidade das Unidades de Polícia Pacificadora	Vários casos de casas de hospitalidade na cidade
Falta de um planejamento de legado cultural para a cidade do Rio de Janeiro	Apoio ao voluntário

Fonte: autores do trabalho

Os casos de casas de hospitalidade na cidade

Durante os Jogos, o Rio se tornou a casa do mundo. Cariocas e turistas que vieram de outros países para acompanhar a competição visitaram espaços de hospitalidade temáticos de cada nação. No total, 1,17 milhão de turistas estiveram no Rio de Janeiro durante a Olimpíada. Nesse período, gastaram, em média, R\$ 424,6 por dia. Já nos Jogos Paralímpicos, foram 243 mil turistas que deixaram cerca de R\$ 410 milhões na cidade (Brasil, 2016). Foram 52 casas (27 abertas ao público) em diversas áreas da cidade (Cidade Olímpica, 2016).

As casas dos países e patrocinadores caracterizam-se como uma tradição dos Jogos Olímpicos. De acordo com a Associação Comercial do Rio de Janeiro, ACRIO, no caso do Rio:

“Os espaços se popularizaram e se tornaram os principais pontos de encontro para assistir às competições ao vivo em telões, reunir a torcida de cada nação e receber os atletas para comemorar suas vitórias, jornalistas e turistas do mundo todo. Além de promover a cultura, turismo, gastronomia, comércio e de receberem as delegações, proporcionaram a consolidação de uma rede internacional de contatos e negócios, que ficará de legado para a cidade e para o Brasil. (ACRIO, 2016)

A referida Instituição promoveu inclusive o prêmio “Casa de Hospitalidade Rio 2016” para prestigiar as ações dos organizadores das Casas conforma algumas categorias (ACRIO, 2016). A iniciativa teve a parceria da Empresa Olímpica Municipal (EOM), da Subsecretaria de Relações Internacionais do Estado do Rio de Janeiro e da Coordenadoria de Relações Internacionais da Prefeitura do Rio de Janeiro. Das 52 casas, 34 participaram do concurso. Diferentemente de outras edições de Jogos Olímpicos, as casas de hospitalidades superaram em grande número a todos na cidade. Sem conectividade entre estas, e sem relações com a organização dos Jogos criam um certo problema para a mobilização das massas, para a segurança pública e para o próprio funcionamento das casas. Com o número elevado de eventos paralelos, era possível um expectador aproveitar as casas de hospitalidades, umas gratuitas e outras pagas. Esta nova forma de business nos Jogos Olímpicos serviu para promover os países, os atletas e suas conquistas, e também empresas esportivas,

patrocinadores e ações políticas. Vale destacar que há um paralelismo ou mesmo uma onda retrô surgindo do que foram os Jogos Olímpicos de 1900, 1904 e os seguintes, dentro de feiras ou Exposições Universais, onde o evento esportivo tinha menos valor do que as demais atividades culturais e comerciais. No entanto, o momento é que os Jogos do Rio 2016 tiveram maior prestígio que as casas, mas no futuro, pode haver uma inversão novamente sobre o que pode gerar novos atrativos, e os Jogos voltarem a papel secundário, alertou o Prof. Lamartine P. DaCosta em comunicação pessoal aos pesquisadores sobre este novo projeto de investigação.

Conclusões

O tempo de preparação deve ser maior do que apenas um ano de evento. Envolver especialistas em diferentes setores, como os realizados nos Jogos Paraolímpicos Rio 2016 para as Olimpíadas, pode reduzir impactos negativos. Às vezes é necessário convidar mão de obra do exterior com foco em reduzir a falta de reconhecimento em algumas áreas. A interação entre diferentes níveis de força de trabalho deve ser superior a um mês para alcançar o sincronismo nas ações. Para a Família Olímpica, o feedback deve acelerar respostas e soluções acessíveis para problemas imprevisíveis.

Um debate com a sociedade e o acesso aos megaeventos deve ser revisto o quanto antes com a cidade sede. Os investimentos são inúmeros quando se tem um evento da natureza dos JOPV. No entanto, a respeito do que cidades como Hamburgo e Munique na Alemanha fizeram para se comunicar com os cidadãos deve ser levado em consideração. Ter uma forma de plebiscito e ou abrir o diálogo democrático com o povo pode ser uma saída para diminuir protestos e insatisfações. Garantir o acesso das camadas mais desfavorecidas economicamente através de programas de acesso é uma outra ação inclusiva e que vai de encontro com os valores Olímpicos.

A mídia gerou maior visibilidade ao esporte Paralímpico, mas ainda ficou a desejar do que podemos otimizar nas transmissões e levar informações ao público com quebra de paradigmas e preconceitos. Os Voluntários quando respeitados e orientados sob forte

motivação e comunicação constante tendem a oferecer bons resultados de trabalho.

Os Jogos Rio 2016 possivelmente caracterizam-se como os últimos Jogos Olímpicos da era do Gigantismo. À luz das recomendações 1, 2 e 3 da Agenda 2020 (Olympic Agenda 2020) a escolha da cidade sede dos Jogos será modificada quando a partir do documento a prerrogativa é a eliminação das propostas de custos elevados em instalações e concentração de meios em um único local; prevê adaptação de cada evento à cidade sede e não ao contrário como, com objetivo de redução dos custos. Quanto às instalações, chamadas de estruturas primárias (Preuss, 2004) muitas delas são construídas especialmente para a realização dos Jogos, representando números de investimentos que impressionam. Porém, é importante planejar a utilização pós jogos destas instalações. Interessante o que Pierre de Coubertin já em 1911 pensava sobre esta questão delicada:

“Seria muita infelicidade se os exagerados gastos acontecessem para os Jogos Modernos. A parte considerável que representa a construção de instalações permanentes, as quais são desnecessárias - estruturas temporárias seriam totalmente suficiente.” (Coubertin, 1911)

O que serão os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do futuro não dá para se especular diante do novo formato que o International Olympic Committee vem querendo adotar. Entretanto, diante de inúmeras situações adversas, os Jogos do Rio geraram cases de estudo e reflexão, muito diferente do que fora produzido até o momento em algumas áreas. Apenas, fica registrado que os Jogos da América Latina foram marcados pela emoção gerada dentro de quadras, piscinas e ginásios, mas sobretudo, pelo um dos elementos que fez parte da campanha de candidatura da cidade: o sorriso, a simpatia, a amizade e o modo acolhedor do povo brasileiro. Mesmo diante de situações adversas, estes elementos unidos eram lançados para superar qualquer adversidade, não deixando de ser uma forma do jeitinho brasileiro. Seja na mídia, no voluntariado, no trabalhador ou mesmo no espectador, a característica cultural do país ficou muito marcada e registrada neste evento.

Referências

- Associação Comercial do Rio de Janeiro, 2016. Divulgados os vencedores do Prêmio “Casas de Hospitalidade Rio 2016”. Available at: <http://www.ac.rio/divulgados-os-vencedores-do-premio-casas-de-hospitalidade-rio-2016/>. Accessed on 23 Dec 2016.
- Babbie, E. (2001). *The Practice of Social Research: 9th Edition*. Belmont, CA: Wadsworth Thomson.
- Burattini, M.N.; Coutinho, F.A.B.; Lopez, L.F.; Ximenes, R.; Quam, M.; Wilder-Smith A., Massad E. (2016). Potential exposure to Zika virus for foreign tourists during the 2016 Carnival and Olympic Games in Rio de Janeiro, Brazil. *Epidemiology and Infection*. Cambridge, 144.9 (Jul 2016): 1904-1906.
- Cidade Olímpica Rio 2016. Pagina Oficial. Disponível em: <http://www.cidadeolimpica.rio/noticia/casas-dos-paises-um-pouco-de-todo-o-mundo-nos-jogos-rio-2016/>. Acessado em agosto de 2016.
- Coubertin, P. de (1911), *Olympic Review*, 6 (April), 59-62.
- Costa, G. (2013). Sedar megaeventos esportivos vale à pena? O Social em Questão, Ano XVI, n. 29, 2013, p.159-178.
- Darnell, S.C. (2012). *Olympism in Action*, Olympic hosting and the politics of ‘Sport for Development and Peace’: investigating the development discourses of Rio 2016. *Sport In Society* Vol. 15 , Iss. 6, 2012
- El País. (2015). Remoções na Vila Autódromo expõem o lado B das Olimpíadas do Rio. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/20/politica/1434753946_363539.html Acessado em: 20 Janeiro 2017.
- European Volunteer Centre (2004). *Volunteer activities in the United Kingdom: facts and figures*. Disponível em: <http://www.kansalaisareena.fi/Voluntary%20activities%20in%20the%20United%20Kingdom.pdf>. Acessado em: 22 Janeiro 2017.
- Ferrand, A., Chappelet, J-L., and Séguin, B. (2012). *Olympic Marketing*, London: Routledge.
- Folha de São Paulo (2016) Pelo menos 30% dos voluntários não compareceram a Olimpíada. Disponível em: <http://www1.folha.uol>.

com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1803295-pelo-menos-30-dos-voluntarios-nao-compareceram-a-olimpiada.shtml Acessado em: 24 Janeiro 2017.

García, B. (2004). La dimensión cultural de los macro-eventos em el 2004. Potenciales y limitaciones para una experiencia sostenible. Portal Iberoamericano de Gestión Cultural. Available at: <http://www.gestioncultural.org>. Accessed on 10 Jan 2017.

G1 (2013) Grupo faz ato contra construção de campo de golfe na Zona Oeste do Rio. Disponível em : <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/12/grupo-faz-ato-contra-construcao-de-campo-de-golfe-na-zona-oeste-do-rio.html> Acessado em: 20 janeiro 2017.

Guimaraes-Mataruna, A. Wanick, V. and Mataruna-Dos-Santos, L.J. (2016) Sports Mega-events and Advergaming, an analysis of Mario and Sonic in Rio 2016 Olympic Games. In: VIII ABEP Conference 2016, London, United Kingdom.

Hall, C. M. (1992). Hallmark Tourist Events: impacts, management and planning. London: Bellhaven.

Hiller, H. H. Toward a science of Olympic outcomes: the urban legacy. In.: M. Moragas, C. Kennett e N. Puig (eds) The legacy of the Olympic Games 1984-2000. Barcelona/Lausanne: Olympic Studies Centre of the Autonomous University of Barcelona/ Olympic Studies Centre of the International Olympic Committee, 2003.

Horne, J.; Whannel, G. (2016). Understanding the Olympics. London: Routledge.

IOC - International Olympic Committee. (2017). IOC webpage. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/-a-much-better-rio-de-janeiro-after-the-olympic-games>. Acessado 24 janeiro de 2017.

IOC. (2017) Rio 2016. Disponível em : <https://www.olympic.org/rio-2016> Acessado em 25 janeiro de 2017.

IOC. (2014). Olympic Agenda 2020 – 20+20 Recommendations. Lausanne: International Olympic Committee, 18 Nov 2014.

Jonas, A. E. G. (1992). A Place For Politics in Urban Theory - the Organization and Strategies of Urban Coalitions. Urban Geography, 13(3), 280-290.

Magalhães, L.E. (2016). Rio-2016 diz que fornecimento de comida nas arenas foi normalizado: Comitê pediu ajuda dos Correios para logística de transporte. O Globo. Publicado em 09 Ago 2016. Available at: <http://oglobo.globo.com/esportes/rio-2016-diz-que-fornecimento-de-comida-nas-arenas-foi-normalizado-19888680#ixzz4XEhPi1yE>. Accessed on: 12 Dec 2016.

Mascarenhas, F., 2012. Megaeventos esportivos e Educação Física: alerta de tsunami. *Movimento*, 18(1), pp.39-67.

Mattoso, C. e Martins, M.A. (2016). Pelo menos 30% dos voluntários não compareceram à Olimpíada. *Caderno Rio 2016*. Folha de São Paulo. Publicado em 18 Ago 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1803295-pelo-menos-30-dos-voluntarios-nao-compareceram-a-olimpiada.shtml>. Acessado em: 12 de Janeiro de 2016.

Mattoso, C.; Villas Boas, B; Oliveira, R. (2016). Voluntários têm dificuldade para ajudar turistas e reclamam de falta de treino. *Folha de São Paulo*, 09 Aug 2016. Available at: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1800593-voluntarios-tem-dificuldade-para-ajudar-turistas-e-reclamam-de-falta-de-treino.shtml>. Accessed on: 20 Jan 2016.

Knijnik, J; Tavares, O. (2012). Educating Copacabana: a critical analysis of the “Second Half”, an Olympic education program of Rio 2016. *Educational Review* Vol. 64 , Iss. 3, 2012.

Mataruna-dos-Santos, L.J. (2016a). Will Brazil be able to overcome domestic turmoil ahead of the Olympic Games? Available at: <http://theconversation.com/will-brazil-be-able-to-overcome-domestic-turmoil-ahead-of-the-olympic-games-59326>. The Conversation. Accessed on 12 Jan 2017.

Mataruna-dos-Santos, L.J. (2016b). Rio reaches crisis point ahead of the Olympic Games. Available at: <https://theconversation.com/rio-reaches-crisis-point-ahead-of-the-olympic-games-61819>. The Conversation. Accessed on 12 Jan 2017.

Mataruna, L. Melo, T. Guimarães, A. Petersen-Wagner, R. Range, D. (2015). *Olympic Agenda 2020, Social Media and Online Strategies for*

the Social Value of the Olympic Games. Em: Futuro dos Megaventos esportivos (2015) Deslandes, A., DaCosta, L.P. & Miragaya, A.

Mataruna, L.; Pena, B; Guimaraes-Mataruna, A.; (2017). Rio 2016 Olympic and Paralympic Games: positive and negative cases for staff, volunteers and participants. PhD week poster presentation. Munich: TUM.

Olympic Agenda 2020. Disponível em: http://www.olympic.org/Documents/Olympic_Agenda_2020/Olympic_Agenda_2020-20-20_Recommendations-ENG.pdf. Acessado em: dezembro de 2016.

Oliveira, H.C.N.; Leao, A.L.M.S. (2014) Uma Multidão de Manifestações. VII Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD. Disponível em: http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEO/eneo_2014/2014_EnEO204.pdf Acessado em: 22 Janeiro 2017.

Peña, E.F.; Gila, J.M.P. (2017). Olympic TV rights evolution and management. In: Wacker, C.; Wassong, S.; Camps y Wilant, N. (2017). Olympic & Paralympic Discourses. Kassel: Agon Sportverlag, p.217-235.

Petersen, E.; Wilson, M.E.; Touch, S.; McCloskey, B.; Mwaba, P., Bates, M.; Dar, O., Mattes, F., Kidd, M.; Ippolito, G.; Azhar, E.I.; Zumla, A. (2016). Rapid Spread of Zika Virus in the Americas - Implications for Public Health Preparedness for Mass Gatherings at the 2016 Brazil Olympic Games. International Journal of Infectious Diseases, v.44, March 2016, p. 11–15.

Preuss, H. The Economics of Staging the Olympics. A Comparison of the Games 1972 - 2008. Edward Elgar Publishing Limited. USA, 2004. p. 72

Preuss, H. (2000). Economics of the Olympic Games. Walla Press.

Quester, P. and Bal, C. (2012). Sport Sponsorship: definitions and objectives' in L. Robinson, P. Chelladurai, G. Bodet, and P. Downward (eds.), Routledge handbook of Sport Management, Abingdon, Oxon: Routledge.

Rojas, L (2016). Paralimpíadas 2016. II Seminário de Antropologia do Esporte. Niterói: UFF.

Rio 2016 OCOG (2016). Organizing Committee for the Games of the XXXI Olympiad. The official website of the 2016 Rio Olympic Games. Available at: <http://www.rio2016.com/en/olympic-games>. Accessed

March 24th 2016.

Schultz, B. e Wei, W. (2013) Sports broadcasting; History, technology and implications. In Pedersen, P.M. (2013) ed. Routledge Handbook of Sport Communication. London: Routledge.

SILVA, F. A, e 5o. Jogos mundiais militares. Motriz, Rio Claro, v. 17, n. 1 (Supl.1), p. S1-S523, jan./mar. 2011.

SPORTV, 2016. Disponível em: <http://sportv.globo.com/olimpiadas/videos/v/obras-do-parque-olimpico-seguem-paralisadas-por-conta-de-greve-dos-operarios/3268274/>. Acessado em: Dezembro de 2016.

SPORTV. (2016) SporTV entrega a maior cobertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/07/sportv-entrega-maior-cobertura-dos-jogos-olimpicos-rio-2016.html> Acessado em: 20 Janeiro 2017.

Talbot, A. (2016). Rio 2016 Olympics will be a success – but just who will benefit? Available at: <https://theconversation.com/rio-2016-olympics-will-be-a-success-but-just-who-will-benefit-56951>. The Conversation, Accessed on 12 Jan 2017.

Tavares, O. (2011). Megaeventos Esportivos. Movimento. Porto Alegre, v. 17, n. 03, p.11-35.

Teigland, J. (1999). Mega-events and impacts on tourism; the predictions and realities of the Lillehammer Olympics. Impact Assessment And Project Appraisal. Vol. 17, Iss. 4, 1999.

UOL. (2015). Globo assegura direitos de transmissão das Olimpíadas até 2032. Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/2015/12/10/globo-assegura-direitos-de-transmissao-das-olimpiadas-ate-2032.htm> Acessado em: 10 Janeiro de 2016.

WHO - World Health Organization (2016). Zika virus. Available at: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/zika/en/>-. Accessed April 03rd 2016.

Wilson, M.E.; Lin H. Chen, Pauline V. Han, Jay S. Keystone, Jakob P. Cramer, Aluisio Segurado, DeVon Hale, Mogens Jensenius, Eli Schwartz, Frank von Sonnenburg, Karin Leder, and for the GeoSentinel Surveillance Network. Illness in Travelers Returned From Brazil:

The GeoSentinel Experience and Implications for the 2014 FIFA World Cup and the 2016 Summer Olympics. *Clinical Infectious Diseases* 2014 58: 1347-1356.

Ximenes, R; Amaku, M.; Lopez, L.F.; Coutinho, F.A.B.; Burattini, M.N.; Greenhalgh, D.; Wilder-Smith, A.; Struchiner, C.J.; Massad, E. (2016). The risk of dengue for non-immune foreign visitors to the 2016 summer olympic games in Rio de Janeiro, Brazil. *BMC Infectious Diseases - BMC series – open, inclusive and trusted*, 2016, v.16, p.186.

A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COMO SPORT PRESENTATION NOS JOGOS RIO 2016

PROFESSIONAL EXPERIENCE AS SPORT PRESENTATION AT RIO 2016 GAMES

Virgílio Franceschi NETO¹
vergilioneto@yahoo.com

Briefing

The chapter deals with the author's professional experience with Sports Presentation during the 2016 Olympic and Paralympic Games in Rio de Janeiro. The Sport Presentation work is complex and requires communication and telecommunication professionals with wide knowledge in order to provide the best experience for the sports fans, either at the venue or through a transmission by the enabled vehicles, in addition to making them Active participants of the sporting event. Sports Presentation involves speakers (more than one language), disc jockeys, video production, field animators, field talent in the stands and aims to inform, entertain and engage viewers through a work methodology that requires planning and knowledge of the venue, the sport and the spectators interested in watching it. As a result, this chapter defines the work of the Sports Presentation and gathers quotes from various players, whether from the Organizing Committee of the Games or from the International Sports Federations, as well as from the television stations. In summary, Sports Presentation seeks to create more fans and bring them closer to sports and athletes.

Introdução

A linguagem do esporte é universal. Desta máxima é possível relacionar que a comunicação do esporte é muito mais do que simplesmente a mensagem em si. Na verdade, vai além do produto final, que é

¹ Professor Convidado da FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas / Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Comunicação e Marketing do Esporte da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo/GEPECOM EEFÉ-USP

o espetáculo esportivo. É neste sentido que está inserido o trabalho do Sport Presentation, que será chamado neste capítulo de “Apresentação do Esporte”, em como a modalidade é apresentada para o público.

Para Pedersen et al. (2007), a Comunicação do Esporte é um processo pelo qual os agentes, as pessoas envolvidas com o esporte (torcedores, dirigentes, organizadores de eventos, atletas), em um contexto ou através de um esforço esportivo compartilham símbolos, enquanto eles criam significados através de uma interação. A partir destas relações se estabelece este processo de comunicação, que, como dito anteriormente, vai além do produto do esporte.

Um dos grandes desafios do gestor do esporte e dos seus comunicadores é transformar o torcedor em consumidor dos seus produtos/marcas e, o consumidor, em torcedor destes produtos, ou marcas. O consumidor escolhe entre diferentes ofertas considerando qual parece proporcionar o maior valor. Este valor, que é o conceito central do marketing, é a relação entre a somatória dos benefícios tangíveis e intangíveis proporcionados pelo produto e a somatória dos custos financeiros e emocionais envolvidos na aquisição deste produto. O valor pode ser considerado como uma combinação de qualidade, serviço e preço. As percepções de valor aumentam com a qualidade e o serviço, mas diminuem com o preço. É no trabalho do marketing do esporte que está envolvida a comunicação do produto final, além da sua criação, entrega e monitoramento do valor proporcionado ao cliente. Se o desempenho deste produto fica aquém das expectativas, o consumidor se decepciona. Alcançadas as expectativas, o cliente fica satisfeito. Superadas as expectativas, o cliente fica encantado (Kotler; Keller, 2012). No marketing, proporcionar experiência única para o consumidor é um dos objetivos centrais de um produto. Logo, proporcionar esta experiência é também objetivo dos produtos finais do esporte (Rein, Kotler; Shields, 2006).

O trabalho de Apresentação do Esporte trata-se da utilização da locução oficial, comentários, música, vídeo, artifícios de iluminação e entretenimento ao vivo. Este trabalho está relacionado a uma estratégia de proporcionar experiência e promover um engajamento mais amplo dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, inseridos em uma jornada

do torcedor, que é quem adquire o bilhete de ingresso, ou melhor, é ele o consumidor do produto final do esporte. Ademais, exige uma produção complexa e sofisticada, que precisa ser programada e executada no momento exato.

Christophe Dubi, Diretor Executivo dos Jogos Olímpicos, reforça: “A Apresentação do Esporte é a camada extra que conduz o desempenho esportivo para a experiência global. O desempenho sempre será importante, mas o torcedor participa ativamente.”²

O papel desta área dentro dos Jogos Rio 2016 não se restringe apenas a anunciar os resultados corretamente. Envolve muita pesquisa, conhecimento, experiência e produção, em coordenação com os gestores dos recintos esportivos e as federações internacionais das modalidades em questão.

É parte da equipe de Apresentação do Esporte contar com locutores, que farão os anúncios oficiais e comentários sobre as competições. Nas cerimônias de vitória, são três: um que fala em Francês, outro em Inglês e o terceiro, na língua oficial da cidade-sede, neste caso, o Português. Em função do meu envolvimento com o esporte e a minha formação e atuação também como Radialista, fui selecionado para trabalhar como locutor em Português em quatro modalidades: Rúgbi de Sete³ (que voltava ao programa Olímpico após 92 anos de ausência), Pentatlo Moderno, Basquete em Cadeira de Rodas e Rúgbi em Cadeira de Rodas.

Desenvolvimento

A Comunicação do Esporte, área em que está inserida a Apresentação do Esporte se caracteriza por ser dinâmica. É ativa e interativa ao mesmo tempo. É interdependente e permite uma resposta instantânea, como um contato visual, comportamentos corporais e manifestações verbais (Pedersen, Miloch, Laucella; 2007). Vai ao encontro dos objetivos da Apresentação do Esporte, que é de engajar os torcedores e

2 Extraído de [youtube.com/watch?list=PLX9eJ_kgiRLapD6fznp9CYIVColdEUC3D&v=FBZzxnsRWI4](https://www.youtube.com/watch?list=PLX9eJ_kgiRLapD6fznp9CYIVColdEUC3D&v=FBZzxnsRWI4) - visualizado em 26 Dez 2016

3 Diferente da variante de XV, o Rúgbi de Sete é disputado com as equipes tendo sete jogadores, com os jogos em dois tempos de sete minutos;

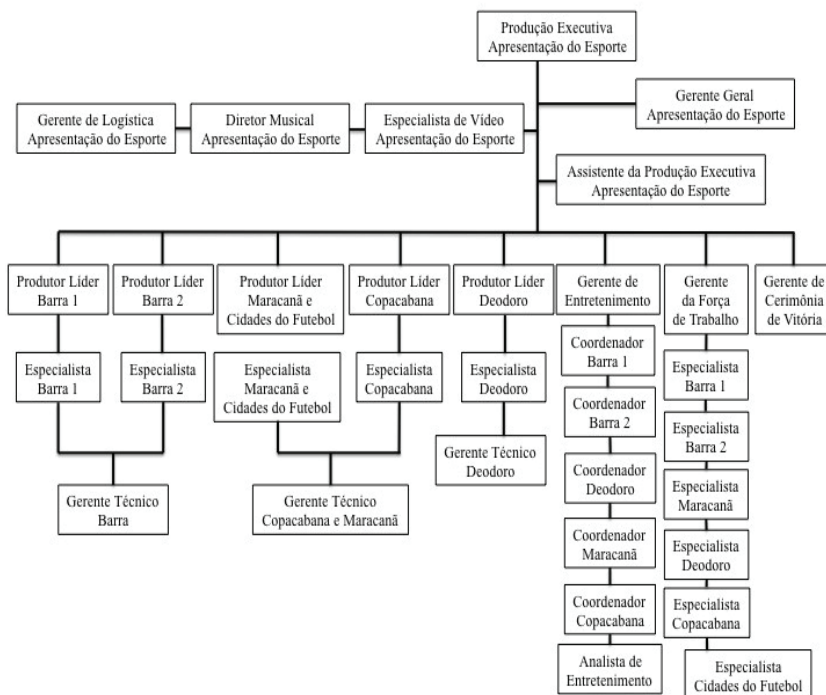
promover experiência com base no produto esportivo final.

Nessa linha de trabalho, a Apresentação do Esporte demanda uma equipe numerosa de pessoas, com bastante conteúdo, experientes e que trabalham com uma tecnologia bastante sofisticada. Esses recursos devem estar devidamente orçados e planejados. Christy Nicolay, Produtora Executiva de Apresentação do Esporte e Cerimônias de Vitória nos Jogos Rio 2016, afirma: “Os integrantes da Apresentação do Esporte precisam conhecer a modalidade e manter boas relações com as demais pessoas e as Federações Internacionais.”⁴

A Figura 1 nos mostra a estrutura de Apresentação do Esporte, em função dos Parques Olímpicos (Maracanã e cidades-sede de jogos de futebol, Barra, Deodoro e Copacabana). Houve um produtor executivo, um gerente geral, diretor musical, gerente de logística e especialista de vídeo responsável nos quatro parques, e um deles também pelas cidades do futebol (Manaus, Salvador, Brasília, Belo Horizonte e São Paulo). Cada parque tinha uma equipe e os recintos esportivos nele localizados possuía uma equipe própria de operação (Figura 2).

4 Extraído de [youtube.com/watch?list=PLX9eJ_kgiRLapD6fznp9CYIVColdEUC3D&v=FBZzxsRWI4](https://www.youtube.com/watch?list=PLX9eJ_kgiRLapD6fznp9CYIVColdEUC3D&v=FBZzxsRWI4) - visualizado em 26 Dez 2016

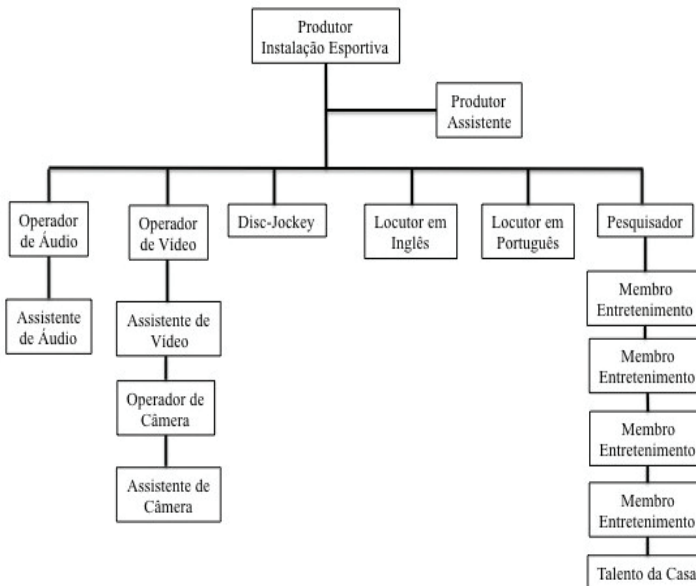
Figura 1 - Estrutura Base da Apresentação do Esporte



Fonte: Sport Presentation Roadbook (2016)

A Figura 2 mostra que dentro de cada instalação esportiva (e.g.: no Parque Olímpico da Barra, a Arena Carioca 1, a Arena Carioca 2, a Arena Olímpica, a Arena do Futuro; em Deodoro a Arena da Juventude, o complexo de BMX, o Estádio de Rúgbi e o Estádio de Hóquei sobre grama), trabalhou uma equipe de Apresentação do Esporte, especificamente responsável por todos os anúncios oficiais e comentários do evento através dos locutores; além da música, dos efeitos luminosos, dos vídeos e do entretenimento ao vivo.

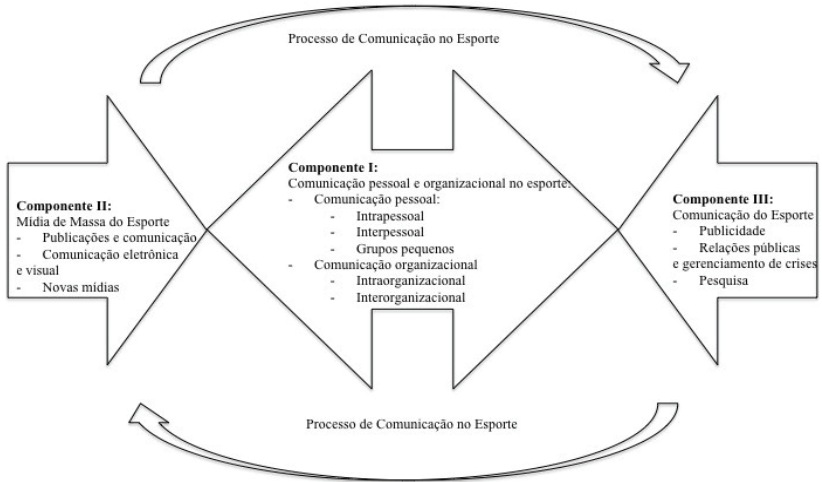
Figura 2 – Estrutura da Apresentação do Esporte na Instalação Esportiva



Fonte: Virgílio Franceschi Neto (2016)

A Figura 3 apresenta o processo do Modelo de Comunicação Estratégica do Esporte (Pedersen et al, 2007). Dentro dele, a Apresentação do Esporte é parte das três componentes. No componente número 1, a modalidade presente no programa dos Jogos se comunica através de recursos eletrônicos e visuais (a existência obrigatória de um telão em cada recinto esportivo demonstra isso). No componente número 2, o conteúdo divulgado nos vídeos veiculados no telão, além dos anúncios proferidos pelos locutores têm que – obrigatoriamente – ir em conformidade com as exigências das federações internacionais de cada esporte, tornando-as oficiais e organizacionais, uma vez que tudo o que for veiculado, publicado e anunciado deve ter a aprovação prévia da autoridade máxima de cada esporte. Finalmente, no componente número 3, a área de Apresentação do Esporte contribui com a prestação de serviços do evento em questão, dentro da instalação esportiva, através de informações audiovisuais.

Figura 3 – Modelo de Comunicação Estratégica no Esporte



Fonte: Pedersen, Miloch, Laucella; 2007 (p. 85).

Na minha função específica, o processo seletivo de locutores começou com dezoito (18) meses de antecedência em relação ao mês de início dos Jogos Olímpicos, ou seja, em Fevereiro de 2015. A prospecção de profissionais se deu com base na realização de eventos prévios em cada modalidade, em nível nacional para os locutores em Português e em nível internacional para os locutores em Inglês. A primeira fase consistiu em enviar currículo profissional, vídeos e sonoras de trabalhos realizados, além de uma carta de recomendação e testes de voz em quantos idiomas possíveis (eram obrigatórios, além do Português, o Inglês e o Francês). Por fim, em quais modalidades seriam do interesse do candidato em trabalhar, quer seja nas Olimpíadas, ou nas Paralimpíadas. Em função do meu envolvimento com a modalidade, optei pelo Rúgbi-de-Sete e Rúgbi em Cadeira de Rodas. Posteriormente fui convidado para trabalhar no Pentatlo Moderno e no Basquete em Cadeira de Rodas.

Terminada esta fase de seleção e uma vez aprovado, fui convidado para atuar no evento-teste, que fora realizado seis (6) meses antes dos Jogos Olímpicos. Como o próprio nome demonstra, o evento procurou reproduzir iguais condições que encontraríamos no evento

principal, com toda a equipe de Apresentação do Esporte no recinto em questão (operadores de áudio, vídeo, disc-jockey, produtor, produtor-assistente e locutores). O trabalho no evento-teste consistiu de muita pesquisa sobre as equipes, regulamento da competição, atletas, e também seus respectivos históricos. Para um locutor ter bom desempenho, os cuidados com a saúde, com a voz e a estrutura fornecida para a execução do trabalho são bastante importantes. Ademais, o entrosamento com a equipe é fundamental, sobretudo com o Produtor – quem comanda os trabalhos nas instalações esportivas – e com o locutor em Inglês. Nessa linha de pensamento, estávamos sempre próximos, o que ajudou bastante para trabalharmos em conjunto.

Passado o evento-teste e aprovado - a carta-convite para ser parte dos Jogos Rio 2016 foi por mim recebida no mês de Maio, a preparação passou a ser diária, uma vez que já era pública toda a programação esportiva dos Jogos. Os cuidados com o corpo e com a voz, além de acompanhar diariamente as notícias das equipes e dos jogadores, passavam a fazer ainda mais parte da minha rotina. No entanto, para um locutor, o primeiro a ser feito é a leitura do regulamento da competição. Entre Maio e Agosto são três meses, e uma boa e diária preparação é mais que fundamental, uma vez que no universo do esporte acontecem muitas coisas todos os dias.

À medida que chegava o início dos Jogos Rio 2016, éramos informados pelos colegas do Comitê Organizador sobre nosso cotidiano de trabalho durante o evento. Questões sobre transporte, alojamento e alimentação, uniforme de trabalho eram sempre comunicados com antecedência, o que permitiu melhor preparação. Com uma semana antes do início do Rúgbi de Sete – começou dia 6 de Agosto, a primeira modalidade com que trabalhei tanto nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos – cheguei ao Rio de Janeiro e já começamos a nos reunir com os demais integrantes da equipe de Apresentação do Esporte no estádio de rúgbi de Deodoro. A partir do terceiro dia, passamos a ensaiar já no estádio. O contato com o local dos jogos, os atletas e os profissionais da instalação esportiva permitem melhor entendimento e ambientação para transmitir ao público o produto esportivo e, conseqüentemente proporcionar aos torcedores uma melhor experiência. Em termos de alojamento, nos Jogos Olímpicos a equipe de Apresentação do Esporte

te ficou hospedada em um hotel; já nos Jogos Paralímpicos, na Vila Paralímpica, que permite maior imersão no dia-a-dia do evento.

A partir do dia zero (0) dos Jogos Rio 2016 (5 de Agosto) até seu final (ao término das Paralimpíadas), o ritmo foi bastante intenso. Chegávamos com três (3) horas antes da abertura dos portões porque prezávamos em fazer a primeira refeição da manhã com todos juntos. Cada instalação esportiva tinha uma estação de check-in onde nos apresentávamos quando da nossa chegada, e um refeitório. Em seguida íamos para a nossa sala de apoio – próximo ao refeitório e a caminho do estádio, onde tínhamos acesso à internet –, nos preparávamos (alongamento e aquecimento de voz), recordávamos a atividade do dia que estava por vir e fazíamos nossas pesquisas de última hora.

Nossa estação de trabalho consistia de uma posição frontal ao campo para cada integrante da equipe de Apresentação do Esporte, em uma estrutura similar a de um contêiner, com aparelhos de ar condicionado, mesa e cadeiras (uma por pessoa). Lá, permanentemente ficavam: dois operadores de áudio, dois operadores de vídeo, o disc-jockey, o produtor, o assistente de produção, o pesquisador e os locutores (com um espaço para um terceiro locutor, em Francês, quando da cerimônia de vitória). Durante a sessão dos jogos a concentração, entendimento e compreensão do torneio eram prioridade máxima. Nesse sentido, o acesso à estação de trabalho no estádio era restrito, para que pudéssemos atuar da maneira mais tranquila possível, a fim de otimizar nosso desempenho e que pudéssemos proporcionar o melhor para os agentes envolvidos no evento.

E são esses agentes (stakeholders) que a área de Apresentação do Esporte tem que zelar porque eles são partes interessadas no evento. Em primeiro lugar e com prioridade máxima, os atletas, que são o coração dos Jogos Olímpicos. Chris Brown, atleta Jamaicano do atletismo, considera que “Uma vez que escutamos a música dentro do estádio, isso nos leva para outros níveis. A torcida se envolve e isso nos ajuda a correr melhor, você vê tempos mais rápidos.”⁵

Interessante ressaltar que as músicas executadas durante os

5 Extraído de [youtube.com/watch?list=PLX9eJ_kgiRLapD6fznp9CYIVColdEUC3D&v=FBZxnsRWI4](https://www.youtube.com/watch?list=PLX9eJ_kgiRLapD6fznp9CYIVColdEUC3D&v=FBZxnsRWI4) - visualizado em 26 Dez 2016

Jogos Rio 2016 só são depois de minuciosa pesquisa da letra da canção e do histórico da banda. Devem estar de acordo com o Olimpismo e seus valores: Excelência, Respeito e Amizade. A biblioteca musical da Apresentação do Esporte aumentou consideravelmente com os Jogos Rio 2016 muito em função do rico cenário da música no Brasil. Kirsty Coventry, ex-Atleta de natação do Zimbábue, bicampeã Olímpica nos 200m costas (2004 e 2008) e membro da Comissão de Atletas do Comitê Olímpico Internacional, acrescenta: “Ouvir o seu nome, ser ovacionado, perceber todo o ambiente, é único...e acrescenta um pouco de drama também.”⁵

Em segundo lugar, a equipe de Apresentação do Esporte preza pelos torcedores. É função dela educar, engajar, inspirar e entreter. Juan Carlos Holgado, Diretor de Operações do Centro de Excelência e Desenvolvimento da Federação Internacional de Arco e Flecha, diz: “Se os torcedores curtem, os arqueiros curtem muito mais. Quando você vê três ou quatro mil pessoas na arena se divertindo com tudo o que está acontecendo, você de fato tem um desempenho melhor.”⁵

As Federações Internacionais formam uma terceira parte interessada no evento esportivo que a Apresentação do Esporte deve levar bastante em consideração. Existe uma necessidade muito grande de mostrar o esporte em seu melhor, em uma oportunidade poderosa de aumentar a base de fãs da modalidade, e promover a participação pós-Jogos. Juan Carlos Holgado, Diretor de Operações do Centro de Excelência e Desenvolvimento da Federação Internacional de Arco e Flecha, diz: “Desde que inserimos a Apresentação do Esporte na modalidade, isso transformou o nosso esporte. O tornou mais dinâmico, mais fácil de ser compreendido e divertido.”⁵

Já Guido Betti, Diretor de Marketing e TV da Federação Internacional de Voleibol, afirma: “Tudo aqui foi construído para transformar um espectador comum. Nosso objetivo foi transformar essas pessoas em futuros consumidores de voleibol.”

Por último, as emissoras de televisão. Os tempos podem ter consequências substanciais em suas operações, e que a energia e a reação dos torcedores podem ter um profundo impacto nas imagens transmitidas pelo mundo todo. Segundo Yannis Exarchos, CEO da OBS (Olympic Broadcasting System), a Apresentação do Esporte desempenha importante papel:

A Apresentação do Esporte torna-se imensamente importante na entrega dos eventos esportivos modernos. A pior coisa que pode existir para a transmissão de um evento esportivo é ter um estádio vazio ou com torcedores que não se importam ou não entendem da modalidade.⁵

Ao final da sessão de Jogos, fazíamos uma rápida reunião sobre as atividades do dia seguinte. Também levantávamos os pontos altos do dia e qual linha seguir para as próximas sessões de eventos. Em resumo, as atividades começavam às sete da manhã (7h) e terminavam às nove da noite (21h).

Considerações Finais

A Apresentação do Esporte requer muito conteúdo, pessoas experientes e tecnologia sofisticada. Além disso, é preciso construir com a Federação Internacional de cada modalidade uma relação forte e duradoura.

É um trabalho que proporciona grande satisfação, que demanda bastante pesquisa, estudo e máximo envolvimento, com o objetivo principal de proporcionar experiência ótima para todas as partes interessadas (atletas, torcedores, federações internacionais e televisão).

Torcedores que estão engajados ajudam a produzir uma atmosfera eletrizante para atletas e televisão. Guido Betti, Diretor de Marketing e Televisão da Federação Internacional de Voleibol, acrescenta: “Cria-se uma narrativa de quando o torcedor entra no estádio e nós dizemos a ele que o seu papel é crucial no espetáculo. Eles não são meros torcedores, são participantes ativos.”⁶

A preocupação com o nível de excelência é bastante alta e se reflete com a realização de treinamentos para a equipe de Apresentação do Esporte. É preciso sensibilidade, saber como se comporta e as exigências do público local. Christophe Dubi, Diretor Executivo dos Jogos Rio 2016, coloca:

O toque local é o que torna a entrega-padrão de um espetáculo esportivo para uma entrega própria e característica dos Jogos do Rio

6 Extraído de [youtube.com/watch?list=PLX9eJ_kgiRLapD6fznp9CYIVColdEUC3D&v=FBZxnsRWI4](https://www.youtube.com/watch?list=PLX9eJ_kgiRLapD6fznp9CYIVColdEUC3D&v=FBZxnsRWI4) - visualizado em 26 Dez 2016

de Janeiro, diferente dos Jogos de Londres em 2012. Temos que estar certos de que há o mesmo clima, e o mesmo nível de informação para o público, com um toque local.⁶

Christy Nicolay, Produtora Executiva de Apresentação do Esporte e Cerimônias de Vitória nos Jogos Rio 2016, diz: “Nós temos a habilidade de fazer surgir mais torcedores, educá-los e conectá-los aos atletas e ao esporte. E, com isso, o esporte continua a crescer”⁶. Portanto, o trabalho como locutor na equipe de Apresentação do Esporte foi desafiador porque trabalhou-se todo o tempo para ajudar a entregar uma experiência esportiva excepcional, única dos Jogos Rio 2016.

Referências

IOC Media – Sport Presentation. Disponível em: <[youtube.com/watch?list=PLX9eJ_kgiRLapD6fznp9CYIVColdEUC3D&v=FBZzxnsRWI4](https://www.youtube.com/watch?list=PLX9eJ_kgiRLapD6fznp9CYIVColdEUC3D&v=FBZzxnsRWI4)>. Acesso em 26 Dez 2016.

KOTLER, P.; KELLER, K. Administração de Marketing. 14a ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012. 766p.

PEDERSEN, P.; MILOCH, K.; LAUCELLA, P. Strategic Sport Communication. Champaign: Human Kinetics, 2007. 394p.

REIN, I; KOTLER P.; SHIELDS, B. Marketing Esportivo: a reinvenção do esporte na busca de torcedores. Porto Alegre: Bookman, 2008. 360p.

RIO 2016. Sport Presentation Roadbook

**PARTICIPAÇÃO DA MARINHA DO BRASIL NAS
CERIMÔNIAS DE PREMIAÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS
E PARALÍMPICOS RIO 2016**

**BRAZILIAN NAVY PARTICIPATION IN OLYMPIC AND
PARALYMPIC GAMES RIO 2016 AWARDS CEREMONIES**

Erik Bueno de ÁVILA¹

Fernanda dos Santos GUEDES²

eb.avila@yahoo.com.br

Briefing

The Brazilian Armed Forces (Navy, Army and Air Force) were summoned for another mission, in addition to the already established constitution, which was still in the planning and preparation phase, on the eve of the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games. (Maracanã, Copacabana, Deodoro and Barra da Tijuca), all the interconnected areas, this new and noble mission. It was then the participation of soldiers of the three Forces in the Flag Ceremony, an integral part of the Award Ceremony of the Athletes champions of the XXXI Summer Olympic Games of the Modern Era and XV Paralympic Summer Games held in the city of Rio de Janeiro. The preparation, the operational apparatus of the military personnel involved directly or indirectly in this great work reflected well what was presented during the Games, that the maximum moment of the athlete really is the crowning of the well developed work, of the validity and valorization of the daily training, Days and days without rest, seeking the unique moment, to have an Olympic medal in the chest and the flag of his country fluttering, rising while his anthem is played and sung by all in the place of the competition. The military also ensured presence at this sublime moment. To realize in loco that to prepare and to deliver the Olympic Games does not form an easy mission but of extreme complexity, with details unimaginable. The various perspectives, the various angles of vision that an event of this size provides, being the moment of the award and the delivery of the medal along with the hoisting of the national flag of the winning countries is the crowning

of all this preparation from the point of view of the athletes and coaches. The Rio 2016 Olympic Games were a success. No one discusses such a statement, since all sporting events have taken place within what has been established, including within the stipulated time limits, by the International Olympic Committee, Local Organizing Committee (Rio 2016), Federal, States and Municipal bodies. The experiences of the military who participated in this sublime moment, reporting the excitement, the daily life, training, training, effective participation in one of the biggest sporting events on the planet, such as the possibility of being close to the greatest idols of the modalities presented in the Games, mix of emotions and patriotism, with the possibility of representing not only our country, but also the institutions to which they are linked.

Introdução

No ano de 2015, como parte integrante do apoio prestado pelo Ministério da Defesa, por intermédio das Forças Armadas na preparação da cidade do Rio de Janeiro para mais uma edição dos Jogos Olímpicos de Verão, as Forças Singulares compostas pela Marinha, Exército e Força Aérea foram convidados para mais uma missão, além das muitas já convocadas, como no caso da atuação na Segurança Pública do megaevento.

Nossa missão foi constituir equipes para manusear as bandeiras das Nações dos atletas que subiriam aos pódios, em todas as cerimônias de premiação das competições realizadas, com elegância e a marcialidade peculiares as Forças Armadas, levando em conta a excepcional exposição dessas cerimônias nos Jogos Olímpicos e Jogos Paralímpicos Rio 2016. Historicamente, os militares têm sido os responsáveis pelo hasteamento dos pavilhões nacionais em homenagem aos atletas medalhistas, participando do cerimonial alusivo ao momento máximo, o ápice da festa olímpica. Durante as Olimpíadas de Londres, Sebastian Coe, presidente do Comitê Organizador, disse que o hasteamento da bandeira é “visto como uma honra, mas é nos que estamos, de fato, honrados em contar com esses homens e mulheres inspiradoras e que eles façam parte da Olimpíada de Londres”. Assim como, é indiscutível que o garbo e os diferentes uniformes conferem a uma cerimônia conduzida por militares, o padrão de excelência e plas-

ticidade do nível do maior espetáculo desportivo da terra.

Entende-se, ainda, que a participação de Organizações Militares em cerimônias com exigências e execuções típicas militares, e de uma exposição com o quilate dos Jogos Olímpicos, são excelentes oportunidades, não só para demonstrar a disciplina quanto à marcialidade.

Tratava-se então da composição de equipes militares (das três forças) para o Cerimonial de hasteamento e premiação dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.

Prontamente aceito pelo Comandante da Marinha e consequentemente das autoridades das outras Forças, esse trabalho incorporado pelo Comando do Corpo de Fuzileiros Navais (CGCFN), mais precisamente pelo Batalhão Naval (BtlNav) e seu Comandante, o Capitão de Mar-e- Guerra Góis, Organização Militar responsável, dentro do âmbito da Força Naval, no seu envolvimento em cerimônias e representações pelo Brasil afora, além de selecionar os mais competentes militares.

Através de intensa troca de documentos, meios de comunicação diversificada como, e-mail, cartas, ofícios, chegou-se a constituição de um grupo de trabalho composto por militares de várias OM da Marinha, dos quais, Oficiais e Praças, qualificados em ofício externo de resposta ao CGCFN ao Comitê Rio 2016 de número Of. Ext. nº 435/2016, designando o Capitão de Fragata (FN) Navi, do BtlNav como responsável pelo grupo de trabalho.

Mas qual era a missão?

Nossa missão foi constituir equipes para manusear as bandeiras das Nações dos atletas que subiriam aos pódios, em todas as cerimônias de premiação das competições realizadas, com elegância e a marcialidade peculiares as Forças Armadas, levando em conta a excepcional exposição dessas cerimônias nos Jogos Olímpicos e Jogos Paralímpicos Rio 2016.

Mas por que a escolha das Forças Armadas?

Como dito anteriormente, o garbo, a marcialidade, o comprometimento e o cumprimento do dever foram, dentre outros, os motivos que

levaram por parte do Comitê Organizador Rio 2016, à escolha pela composição militar em um momento tão especial nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

A guarda do símbolo máximo de cada país, seu pavilhão nacional, também influenciou a escolha para a escolta deste item tão precioso quanto à medalha dada ao atleta no seu momento mágico. Apresento isso por que, nos momentos de treinamento, nos alertaram da problemática que seria se hasteássemos a bandeira errada, de forma errônea ou até mesmo, trocássemos as bandeiras dos países no ato da premiação. Imagine um país inteiro a espera do ápice do atleta, ao receber a tão sonhada medalha e ergue-se no mastro principal a bandeira de outro país? Qual não seria o incidente diplomático no qual os organizadores estariam envolvidos?

Os locais de competição – Arenas Esportivas.

Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos dividiram a cidade em macro regiões, os chamados “Clusters”, o que significa informalmente um grupo de coisas ou de atividades semelhantes que se desenvolvem conjuntamente. Entende-se como uma ideia de junção, união, agregação e integração, sendo elas:

- 01) Barra da Tijuca;
- 02) Deodoro;
- 03) Maracanã; e
- 04) Copacabana

Cada cluster continha um contingente de militares, responsáveis pela preparação, condução e hasteamento das bandeiras nas cerimônias de premiação de todas as modalidades esportivas listada no programa olímpico. A formação desses Clusters era composta por: um Oficial e mais seis ou oito militares, dependendo do critério da premiação do local de cerimônia, tipo de premiação e esporte, subordinados de forças diferentes. Com isso, ocasionou uma interação e troca de experiências que eram vivenciadas todos os dias pelos militares envolvidos, pois cada um tinha sua ordem de comando, cada um com seu estilo de marcha e outras pequenas diferenças que ocorrem, tiveram que ser padronizados

para uma exibição mais formatada do hasteamento.

Preparação, Recepção, Treinamento e Execução

As equipes, em um primeiro momento, foram escolhidas dentro de suas organizações militares, nomes esses que foram submetidos à apreciação do comitê organizador das cerimônias – Olympics Cerimony.

Posteriormente, os militares foram agrupados de maneira que as três forças compusessem uma mesma equipe, ou seja, ocorreu uma mistura de forças, o que acabou proporcionando uma maior e melhor integração entre todos, facilitando e abrilhando ainda mais a missão.

Depois de vencida esta primeira etapa, de seleção e agrupamento, fomos convidados a participarmos de treinamentos in loco, ou seja, dentro das próprias arenas esportivas, algumas ainda em fase final de preparação, nos proporcionando com isso, entrarmos efetivamente nos bastidores dos jogos, conhecendo lugares que passaram longe das vistas do grande público.

Essa expertise nos foi passada por toda equipe de cerimônias olímpicas, dos quais faziam parte, pessoas de todas as partes do Brasil, que lá estavam de maneira voluntária e também como parte integrante do próprio Comitê, sob a supervisão de um “cabeça”, do qual se tratava de pessoa vinda de outro país, mais precisamente Norte Americana, dos Estados Unidos, especialista na área da qual estávamos lotados.

O Cluster do qual participei com minha equipe foi o Cluster – Barra, no Parque Olímpico e estávamos em 14 militares, contando comigo, pois eu era o que podemos chamar de “líder” do grupo, por ser o Oficial mais antigo dentro da formação. Estivemos com seis militares da Marinha do Brasil, quatro militares do Exército Brasileiro e quatro militares da Força Aérea.

Estávamos todos imbuídos, preparados e treinados para as cerimônias de premiação da modalidade de Natação, portanto, ficamos por todo período Olímpico e Paralímpico do Estádio Aquático Olímpico –Olympic Aquatic Stadium (OAS).

A sistemática da premiação envolvia todo o grupo de cerimonial,

dentre eles as “bandeiras” ou “Equipe de Bandeiras” como éramos carinhosamente chamados pela organização da “Rio 2016”.

Logo ao término de cada competição ou bateria, os resultados eram apurados pela comissão de arbitragem e apuração, que divulgava o resultado oficial. Entre uma prova e outra, dava-se o tempo necessário para separarmos as bandeiras dos países que seriam premiados. Não poderia haver nenhum erro, correndo o risco de incidirmos em acidentes diplomáticos na escolha ou hasteamento do pavilhão nacional errado, do país premiado.

Tínhamos nossa própria “coreografia” ensaiada, nossa entrada era triunfal e sempre acompanhada de aplausos, pois o público vibrava com o momento, em que consistia nossa marcha militar até o local específico do hasteamento, posteriormente a colocação adequada dos pavilhões a serem içadas, as honras em continência pelo símbolo nacional daquele país.

Tão logo essa cerimônia encerrava-se, nos recolhíamos, também marchando, pois o garbo era necessário do início ao fim, nos preparando então para a próxima premiação.

Um dado interessante que cabe ser ressaltado, de que nos Jogos Olímpicos, no Estádio Aquático, premiamos quatro vezes por noite, enquanto que nos Jogos Paralímpicos, foram em média 16 premiações diárias.

Tudo isso por que a modalidade de natação nos jogos paralímpicos possui muitas categorias, premiando vários atletas por dia.

Figura 1: Militares das Forças Armadas posando com o mascote dos Jogos Paralímpicos Rio 2016.



Fonte: Acervo do autor

Aceitação do público e desafios

Uma das coisas que chamou a atenção do grupo de militares que atuou diretamente com os eventos foi à aceitação do público que acompanhou todo o período dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Por onde passávamos ganhávamos elogios pela elegância, apresentação pessoal e coletiva, pois todas as outras forças também se esforçaram em mandar para a missão seus melhores militares e seus uniformes representativos.

Outro ponto importante a ser citado foi à escolha acertada pelo Comandante Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, optando pelo uso do uniforme 5.3 (Dólmã), mesmo que à época, vigorava o uniforme branco de verão, ou 5.5. Essa escolha propiciou melhor e maior visibilidade e presença da Marinha, atribuindo um destaque especial a nossa presença nas Arenas esportivas, pois o branco completo chamava muito mais a atenção do público presente. Por outro lado, aumentou a responsabilidade dos militares da Marinha, pois com esse uniforme o destaque era maior diante das câmeras de televisão do mundo todo.

Figura 2: Equipe de militares do Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes no uniforme 5.3 (Dolmã)



Fonte: 1º Ten. (RM2-T) Erik Ávila – Acervo pessoal

A entrega da medalha seja ela de ouro para o primeiro colocado, prata e bronze para os respectivos participantes, são de um momento único, momento esse que o atleta espera praticamente por toda sua vida, feita de lutas e conquistas, de abnegação e escolhas, muito delas com suor, lágrimas e às vezes sangue. Um momento único na carreira do atleta de alto rendimento, onde milésimos de segundo podem significar uma derrota para a história ou uma vitória para a eternidade.

Esse momento “mágico” de subir ao pódio, poder ouvir o hino do seu País e vislumbrar o hastear da sua bandeira-pátria, num momento dignificante para toda uma nação é de excepcional importância e nada disso pode dar errado, com a possibilidade de representar um fiasco total para os organizadores, algo que ecoaria para a história dos jogos como uma falha.

Além de todas as funções assumidas pelas Forças Armadas, dentre elas, segurança, condução de autoridades e atletas pelas ruas do Rio de Janeiro, cessão de espaços esportivos militares para treinamento de equipes estrangeiras e nacionais, mais essa “missão” foi de-

legada a um seleto grupo, qual representou com todo orgulho, garbo e elegância de um dos momentos mais importantes dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, das premiações, do láureo do atleta.

Legado para os participantes

O que ficou de legado para os participantes deste grande evento, mais especificamente na área de cerimonial, foi à oportunidade de contribuir com a grande festa do esporte, de presenciar superatletas, ícones do esporte nacional e mundial, olímpicos e paralímpicos. Momentos que ficarão na memória de todos os envolvidos.

Foi um período em que tivemos a oportunidade de verificar com funciona internamente um megaevento esportivo, com seus pormenores, detalhes pouco conhecido do público geral. Dos acertos e também das falhas, pequenas, mas que às vezes causariam grandes transtornos aos organizadores. O convívio com os voluntários, conhecendo pessoas de todos os cantos do Brasil e também do exterior, pessoas que deixaram suas vidas e o conforto dos seus lares, por um curto período vivenciando os primeiros jogos olímpicos da América do Sul, sendo realizada na cidade do Rio de Janeiro, trazendo toda sua ansiedade, angústia, medos em troca de poder participar como voluntário dessa grande festa.

Estar próximo das maiores e melhores delegações do mundo esportivo, tanto nos Jogos Olímpicos quanto nos Paralímpicos, ficará para sempre guardada na memória dos participantes direta ou indiretamente envolvidos.

Figura 3: Premiação da modalidade de Boxe, no qual o atleta brasileiro da Marinha do Brasil - 3º SG-EP Robson Conceição, sagrou-se campeão e conquistou a medalha de ouro.



Foto: 1º Ten. (RM2-T) Erik Ávila – Acervo pessoal.

Por atuarmos diretamente no Estádio Aquático Olímpico, nosso grupo esteve próximo, bem próximo mesmo dos fenômenos da natação, tais como Michel Phelps e Katie Ledeck, ambos representando os Estados Unidos, Tiago Pereira, Ethiene Medeiros, Bruno Fratus, além de outros, representando a natação brasileira e mesmo sem resultados expressivos, fazem parte do imaginário nacional, pois são ídolos do esporte brasileiro. Outro fenômeno que merece destaque foi a húngara Katinka Hosszu, quebrando vários recordes na natação. Pessoalmente, classifico como a melhor experiência foi a vivenciada durante os Jogos Paralímpicos, nesse evento tivemos a oportunidade de estarmos perto de multi-campeões, tais como, Daniel Dias e Clodoaldo Silva, além de muitos outros que tão brilhantemente representaram seus países nessa festa esportiva que são os Jogos.

Figura 4: Representantes da Marinha do Brasil com o atleta paralímpico Clodoaldo Silva



Foto: 1º Ten. (RM2-T) Erik Ávila – Acervo pessoal.

Tenho três fatos a destacar desta experiência marcante, o primeiro, de poder representar meu país, representando a Marinha do Brasil, instituição centenária e detentora das maiores virtudes e com elevado grau de profissionalismo naquilo que se propõe a fazer, em segundo lugar, poder garantir o momento máximo do atleta que recebe uma premiação, vislumbrando seu pavilhão nacional sendo erguido e por último, participar dos dois maiores congraçamentos esportivo do planeta, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, acontecidos no Brasil, em 2016, celebrando com isso a diversidade, a oportunidade de, mesmo nas adversidades, mostramos que somos capazes de organizarmos um evento de tamanha envergadura. Problemas ocorreram, sim, muitos, mas creio ter ficado de lição aprendida para todos os envolvidos.

Que venham os próximos Jogos, Rumo a Tóquio 2020!!

Referência

Texto produzido por relato de memória dos autores

SER OLÍMPICO

BE OLYMPIC

Gladston Lisboa de MENEZES¹
gladstonlm@gmail.com

Briefing

The purpose of this article is to present to the reader, in a succinct way, the process of discovering the Badminton modality by the author and the ways that led him to participate in Rio 2016 as a member of the arbitration team of the modality. He reports on his first experiments as a practitioner, involvement with the founding of the Sergipe Badminton Federation, training of referee and participation as line referee in the Olympics.

A descoberta

Participar da Rio 2016 integrando a equipe de arbitragem do Badminton foi uma experiência fantástica, alçar essa condição deu-se da combinação de acasos e empenhos. Pois é, o Badminton um dos esportes mais praticados no mundo ainda é pouco conhecido pelos brasileiros, foi esta situação que atçou minha curiosidade.

Tomado pela curiosidade, busquei aprofundar conhecimento por meio de textos que versavam sobre os aspectos técnicos, táticos e as regras do jogo, mais informações vieram também observação de fotos e vídeos disponíveis no mundo virtual. No início de 2006 me deparei numa loja de equipamentos esportivos com um kit de Badminton composto por quatro raquetes, um tubo de petecas, uma rede e postes desmontáveis, vi então a oportunidade de concretizar de fato uma experiência na modalidade. Adquiri o mesmo e parti para os primeiros experimentos práticos que ocorreram na quadra do condomínio onde morava com o meu filho, estes aconteceram de forma despreocupada e lúdica, porém, desde já o esporte mostrou-se contagiante.

¹ Licenciatura Plena em Educação Física / UFS, Mestre em Educação / UFRGS, Professor da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe.

No ano de 2010 com a implementação do Badminton nos Jogos Escolares da Juventude, professores que desenvolviam um projeto de extensão na Universidade Federal de Sergipe de fomento ao Badminton, procuraram o Departamento de Educação Física da Secretaria de Estado da Educação / SE (SEED), órgão em que trabalho e que tem como uma de suas responsabilidades o desenvolvimento dos Jogos da Primavera, evento promotor do esporte escolar em Sergipe e seletivo para os Jogos Escolares da Juventude, jogos estes promovidos pelo Comitê Olímpico do Brasil, destinados a escolares entre 12 e 17 de todo território brasileiro. O propósito, a inclusão do Badminton nos Jogos da Primavera a fim de que pudéssemos ter representação do estado no evento nacional.

Grata surpresa, de imediato vislumbrei a possibilidade de dar prosseguimento a experiência passada de maneira sistematizada, passei então a frequentar as atividades do grupo onde pude aprimorar conhecimentos e praticar o esporte com frequência.

O movimento tomou corpo e organização e novos passos foram dados nesse sentido, parcerias estabelecidas, conseguimos inserir dentro da programação do Encontro Estadual de Educação Física, evento também promovido pelo Departamento de Educação Física da Secretaria de Estado de Educação, curso de iniciação ao esporte.

Este curso foi um dos marcos propulsores do Badminton no nosso estado, doravante diversos profissionais se interessaram pela modalidade e iniciaram trabalhos nas suas unidades de ensino. Como consequência ocorreu o que fora proposto, neste ano dentro dos Jogos da Primavera aconteceu competição de Badminton e o estado levou representantes para a competição nacional.

Todo este contexto levou ao grupo de professores envolvidos com o projeto na universidade em promover condições para a formalização da prática da modalidade no estado com a fundação da Federação Sergipana de Badminton, fato que se concretizou em 2011.

Deste ponto em diante o meu envolvimento com a modalidade tomou volume, junto com os demais colegas integrei a primeira diretoria da nossa federação, participei da organização de diversos torneios e campeonatos e participei de cursos de formação com o intuito de

aprimorar o conhecimento e qualificar a prática.

A já então Federação Sergipana de Badminton, estreitou entendimentos com o Departamento de Educação Física / SEED, e estabeleceu parceria para utilização sistemática de espaço sobre a responsabilidade deste, para a prática do Badminton, cabia a mesma disponibilizar profissionais e material para a prática da modalidade fato que possibilitou o crescimento e a qualificação da referida.

Juiz de linha – primeiros passos

No início do ano de 2015, surgiu a oportunidade de participar do Curso de Formação Internacional de Juizes de Linha promovido pela Confederação Brasileira de Badminton, ocorrido na cidade de Recife, o curso reuniu cerca 40 interessados e foi desenvolvido nas dependências da Universidade Estadual de Pernambuco, a sua condução esteve sob a responsabilidade da árbitra internacional Shirly Gabay que de forma descontraída e didática apresentou as regras da modalidade e os procedimentos e responsabilidade específicos dos juizes de linha dentro de um jogo. Este primeiro passo para a concretização da minha participação na Olimpíada Rio 2016.

Na sequência do processo de qualificação aconteceram as participações nos eventos de natureza internacional considerados qualificatórios para alçar a condição de compor a equipe de arbitragem na Olimpíada, eram necessárias ao menos três participações para concorrer a vaga destinada aos árbitros brasileiros.

Nestas participações, duas delas nas edições 30ª e 31ª do Brasil Internacional de Badminton ocorridas no clube Pinheiros na cidade de São Paulo e a terceira no evento teste para a Olimpíada na cidade do Rio de Janeiro, tive a oportunidade de apreciar o desempenho de atletas de renome no cenário internacional e constatar o desempenho técnico, tático bem como a beleza e a plasticidade do Badminton jogado por eles, que se mostram significativamente ricos em detalhes quando apreciados ao vivo a poucos metros de distância.

Os meses que antecederam o evento foram marcados pela expectativa da confirmação da participação, fato somente superado

quando recebida a convocação oficial dos organizadores. Ciente da responsabilidade sigo na preparação, participando de competições locais, assistindo vídeos, e acompanhando por meio da internet torneios internacionais a fim de somar conhecimento.

Badminton e olimpíada

A Olimpíada é um momento especial para qualquer um apreciador do esporte, para mim além desta condição, tenho este constante no meu dia a dia seja na condição de “suposto praticante”, todavia, certamente, como um promotor do mesmo, visto que a minha formação e atuação profissional ocorre no âmbito da Educação Física, ora na sua essência lidando diretamente com alunos, ora nos bastidores em instituições promotoras desta e do esporte.

Olimpíada (do latim *Olympias*), conforme Carta Olímpica grega de 1896, é o período de quatro anos civis entre a realização de dois Jogos Olímpicos consecutivos, ou Jogos da Olimpíada.[1] Cada Olimpíada ou Período Olímpico inicia no primeiro dia de janeiro (01/01) do primeiro ano de realização dos Jogos e segue até o trigésimo primeiro dia de dezembro do quarto ano (31/12), véspera do próximo evento.[2][3]

Ou seja, desde 1º de janeiro de 2016 até 31 de dezembro de 2019 o mundo vive a XXXI Olimpíada (Rio 2016).[2] Já os Jogos Olímpicos do Rio, realizados em agosto de 2016, foram os Jogos da XXXI Olimpíada

O plural - Olimpíadas - é considerado como a soma de todas as edições de Jogos Olímpicos, tanto de verão quanto de inverno, realizadas até hoje².

A Rio 2016 aconteceu no período de 5 a 21 de agosto de 2017, na cidade do Rio de Janeiro capital do estado homônimo envolvendo 207 países, 11237 atletas de 42 modalidades esportivas, dentre elas o Badminton.

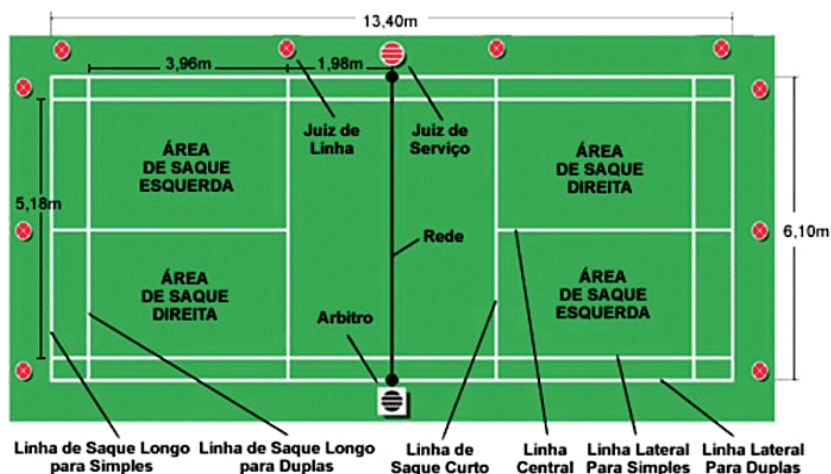
O Badminton originou-se de um jogo praticado na Índia com o nome de Poona, os oficiais do exército inglês foram os responsáveis por levá-lo ao continente Europeu, lá desenvolveu-se e recebeu a de-

2 <https://pt.wikipedia.org/wiki/Olimp%C3%ADada> – consultada em 12/12/2016 as 10:45Sergipe.

nominação atual. Em 1934 foi fundada a Federação Mundial de Badminton e a estreia do esporte em uma Olimpíada ocorreu na Espanha / Barcelona em 1992.

O Jogo é desenvolvido numa quadra de 13,40 x 6,10m quando jogado por duplas e de 13,40 x 5,18m na modalidade individual, a mesma é dividida ao meio por uma rede estendida a 1,55m do solo. Neste espaço os jogadores rebatem com suas raquetes uma peteca objetivando atingir o solo do lado do seu adversário, a partida é disputada em melhor de três games de 21 pontos.

Figura 1 – Quadra de Badminton



Fonte: <http://www.monolitonimbus.com.br/wp-content/uploads/2016/03/quadra-de-badminton.gif>

A arbitragem do Badminton é composta por 12 árbitros: um árbitro principal (círculo negro na parte de baixo), um árbitro de serviço (círculo vermelho na parte superior da) e dez árbitros de linha, distribuídos no entorno da quadra nas interseções das linhas de saque, lateral e central (figura 1).

Chegou a hora

É chegada a hora, no dia 5 de agosto às 20 horas, ainda na minha cidade, assisto pela TV a inédita e bela cerimônia de abertura,

agora é fato começaram as Olimpíadas, nos dias seguintes passo a acompanhar sempre que possível as competições que estão sendo transmitidas em caráter especial nos canais por assinatura de televisão especializados em esportes enquanto aguardo o dia marcado para a viagem. Finalmente, acompanhado do contêrrâneo o também professor Cleber Pinheiro, embarcamos no aeroporto Santa Maria em Aracaju/SE no dia 09/08 rumo ao Rio de Janeiro, viagem tranquila excetuando-se à espera da conexão que triplicou o tempo que levamos para chegar a “cidade maravilhosa” caso tivéssemos a sorte de ter viajado em um voo direto. Já em solo carioca respiramos os ares olímpicos no saguão do aeroporto, grande o frenesi com a imensa movimentação de passageiros oriundos de diversas partes do mundo, num aguçar de olhos e ouvidos percebia-se claramente um matiz de peles, idiomas e vestimentas que marcam a singularidade do evento.

Seguindo a orientação que recebemos nos dirigimos ao receptivo que validou a nossa presença no sistema administrativo e forneceu pulseiras de passe livre ao transporte oficial. Encaminhados por um dos voluntários, fomos ao ponto de embarque de onde partimos em carro oficial da competição rumo ao hotel onde ficamos hospedados, nesse trajeto gozamos do privilégio de usar a via expressa criada para atender a todos os envolvidos no evento, com certeza uma providência essencial para o deslocamento de atletas, árbitros e demais envolvidos na operacionalização. Cidade grande em pleno horário de trabalho o trânsito é caótico.

Ao chegarmos ao hotel, acontecem os primeiros encontros com os demais colegas que participaram do processo de preparação e que também foram selecionados para desenvolver a função de juizes de linha, ou melhor, árbitros de linha, felicitações, e abraços de boas-vindas se multiplicam. No rol de entrada, afixadas em um cavalete as primeiras orientações ao grupo para a manhã do dia 10/08. O quarto partilhado com outro componente da equipe de arbitragem é relativamente amplo e confortável com uma bela vista para o oceano.

No café da manhã do dia 10/08 o primeiro grande encontro com todos, desta feita além dos brasileiros o contato com os estrangeiros que compõem a equipe, aproximações estabelecidas, desjejum encerrado, embarcamos nos ônibus que estavam à nos-

sa disposição rumo a “Cidade do Samba”, local onde ocorreu a distribuição dos uniformes que usamos. De posse da indumentária voltamos ao hotel e tivemos o restante do dia livre, aproveitamos então para realizarmos a primeira incursão ao Parque Olímpico, partimos em um grupo de aproximadamente sete pessoas, primeiro tomamos um ônibus com destino ao terminal de integração com o BRT, e neste, seguimos até o Parque Olímpico, no desembarque começamos a tomar ciência da dimensão do evento, uma quantidade expressiva de pessoas se dirigiam ao parque, do alto de uma das passarelas tivemos uma visão privilegiada do local nos dando a percepção da sua grandiosidade, seguindo o fluxo da “procissão” fomos em busca das bilheterias na esperança de conseguirmos acesso uma das arenas. Encontramos então entradas para a competição de handebol masculino que se encontrava na fase de grupos, não interessava qual o jogo que iríamos assistir, mas sim a possibilidade de vivenciar aquele instante singular, entretanto tivemos uma grata surpresa com os dois belos jogos tivemos a satisfação de acompanhar – Egito x Suécia e Argentina x Croácia, no primeiro uma vitória inesperada da equipe do Egito definida na prorrogação e no segundo jogo lá estavam eles, nossos “Hermanos” eternos rivais de disputas esportivas seja lá em que modalidade for, depois de algumas brincadeiras com torcedores argentinos que estavam ao nosso lado, mesmo relutantes, tomamos partido ao lado dos nossos vizinhos, afinal de contas era a Croácia, lá do outro lado do mundo que mal sabemos onde fica. Porém nossa torcida (no âmagô suspeita) não fez o diferencial, ao final do jogo com um placar apertado, a Croácia saiu vitoriosa.

Na manhã seguinte 11/08, partimos do hotel rumo ao Rio Centro, especificamente ao pavilhão 4 desse complexo, onde tivemos o primeiro contato com a arena onde a competição foi realizada, diferente da estrutura montada para o evento teste, desta feita o pavilhão ganhou incrementos, uma “mine cidade do Badminton”. Uma grande arquibancada montada em torno das 3 quadras para receber o público, nos bastidores inúmeras salas para as diversas equipes de trabalho envolvidas e mais quadras para aquecimento dos atletas. Além de nós o ambiente estava repleto de profissionais efetuando os últimos ajustes nos equipamentos esportivos instalados, testes na sonoriza-

ção e na produção das imagens que serão mostradas ao mundo.

Na sala destinada aos árbitros de linha nos reunimos para receber as orientações da coordenação sobre os procedimentos a serem adotados. Uma ampla sala equipada com três monitores de TV que recebem o sinal direto do que acontece na arena como também a programação oficial da Olimpíada, sanitários exclusivos para o nosso uso, poltronas, cadeiras, mesas e refrigeradores abastecidos com sucos, água e refrigerantes.

Após uma ligeira reunião no auditório do pavilhão onde fomos apresentados aos árbitros chefes de quem recebemos as boas-vindas e esclarecimentos sobre o desenvolvimento da competição, realizamos uma dinâmica de grupo onde nos apresentamos uns aos outros identificando nossa nacionalidade e nome, uma verdadeira “babel”, havia árbitros de diversos locais: Nepal, Austrália, Inglaterra, Iran, Tibet, Macau, Guatemala, Argentina, México, Chile entre outros. O inglês, idioma universal, otimizava a comunicação aos fluentes, o “portanhol” aquela de mistura de português e espanhol, aproximou muitos os latino-americanos.

O resto do dia foi dedicado ao reconhecimento da arena e a ensaios do nosso protocolo de entrada e saída das quadras sob orientação da nossa coordenadora a brasileira Shirly Gabay que estabeleceu a escala de trabalho para os primeiros dias da competição.

Figura 2 – Reconhecimento da Arena



Fonte: Arquivo pessoal de fotos do autor.

Às sete horas da manhã do dia 11/8 já estávamos de partida para o pavilhão 4 do Rio Centro, chegou o dia tão esperado. A ansiedade toma conta de todos para a estreia às oito em ponto são iniciados os primeiros jogos e a jornada de trabalho se estende até a noite com os últimos jogos previstos para serem iniciados as vinte e uma horas e cinco minutos. Neste dia trabalhei nos três turnos em diferentes posições entre as dez possíveis que os árbitros de linha podem ocupar não me recordo o número exato de jogos que fiz, mas um em especial marcou o dia, a estreia de um brasileiro no Badminton numa Olimpíada, ou melhor, de uma brasileira a atleta Lohaynny Vicente, sob a minha vigília ficou a linha de fundo à direita do árbitro principal. Nossa atleta desenvolveu um bom jogo com a sua adversária indiana, porém não obteve êxito, em alguns momentos a sua expressão demonstrava o peso da responsabilidade que lhe cabia, fato que acredito interferiu no seu desempenho, em competições anteriores que a vi participar, o jogo da Lohaynny foi mais suave e eficiente, nada disso desmerece a sua participação, pelo contrário, ser representante do Brasil na Olimpíada em um esporte desconhecido de muitos no país e por seu mérito próprio, marcará juntamente com o nosso representante do sexo masculino, Ygor Coelho os anais do Badminton brasileiro.

É interessante ressaltar que na Olimpíada contamos com dispositivos tecnológicos que auxiliam a arbitragem e permitem aos atletas levantarem contestações quando dúvida é estabelecida sobre a marcação efetuada. O dispositivo é composto por uma série de câmeras dispostas ao longo das linhas delimitadoras das quadras e no teto da arena sobre as mesmas, as imagens capturadas são analisadas por um software e apresentado o resultado no telão da arena indicando o ponto real de contato da peteca com o solo, implicando na validação ou não do que foi marcado pelos árbitros de linha. Estes olhos eletrônicos ora parceiros, ora algozes, fomentaram uma saudável disputa do nosso grupo com os mesmos em busca da excelência (100 % de acertos), ao longo da competição caminhamos nessa direção, foi decrescente o percentual de erro e chegando a zero em todas as finais. Para os espectadores menos avisados é surpreendente a quantidade de árbitros de linha envolvidos numa partida de badminton, uma dezena, esta surpresa torna-se maior quando descobrem que o Badminton é o esporte de raquete mais veloz que existe, ou seja, a velocidade

alcançada pela peteca numa sucessão de golpes rápidos, facilmente supera os 300 Km/h, portanto os “olhos de lince” dos árbitros e a ajuda dos dispositivos eletrônicos são imprescindíveis para a fiel aplicação das regras do jogo.

Parêntese fechado para esta questão específica da arbitragem, segue a nossa saga ao longo dos dez dias de competição, os quatro primeiros onde aconteceram as disputas nas chaves, a jornada de trabalho deu-se nos três turnos, os grupos de árbitros de linha estabelecidos para os primeiros dias se revezavam para atender a demanda da competição.

Conhecendo a cidade do badminton

A nossa credencial permitia o livre circular pelas dependências da “cidade do badminton”, tirei proveito desta situação para observar as entranhas da competição com o intuito de aprender sobre os variados aspectos de organização da mesma, a logística e muito bem pensada, os espaços bem definidos, simples, porém confortáveis permitiam a atletas, árbitros, equipes de apoio e demais envolvidos trabalhar com tranquilidade. Na área de aquecimento dos atletas era possível de maneira sutil observar as preparações que antecedem uma partida, as últimas instruções dos técnicos, a concentração e a ansiedade expressa no olhar de cada um, seja o favorito ao título ou coadjuvante nos momentos que antecedem ao cerimonial de entrada a área de jogo.

Seguindo no quesito das observações sempre que tinha tempo livre entre as rodadas de trabalho buscava assistir aos jogos como espectador. No lado contrário ao grande público, encontrava-se uma arquibancada reservada para os que trabalhavam na competição, dela era possível visualizar a bancada dos árbitros chefes e dos técnicos de apoio repletas de computadores de onde saíam todas as coordenadas para o evento.

Foi dada a largada

Vencido o perplexo de estar imerso no universo Olímpico voltei as atenções para os aspectos técnicos e táticos das participações dos

atletas, a oportunidade é sublime e não poderia deixar passar este quesito em vão, ao vivo e em altíssimo nível o jogo e disputado nos detalhes, é fato que ali estava a elite do Badminton mundial, diversos são os estilos, ora mais agressivos, ora mais táticos, porém o detalhe é que faz a diferença, as falhas técnicas são raras então prevalece os aspectos físicos e táticos, nas partidas de simples os golpes são feitos procurando colocar o adversário numa situação de desconforto que impossibilite a sua recuperação para a jogada posterior expondo dessa maneira um ponto de vulnerabilidade na quadra para onde a peteca será direcionada. Nas duplas a frequência da troca de golpes é frenética, os movimentos são feitos com incrível precisão, smash e rebotes impressionantes. O Badminton jogado desta maneira requer de seus praticantes um condicionamento físico excelente, muitas das disputas de pontos definem-se quando este chega ao limite. Os atletas usam artifícios diversos para prolongar o tempo de recuperação entre as disputas dos pontos, atrasam a devolução da peteca, solicitam enxugar o suor, a troca da peteca entre outros, nos excessos são advertidos pela arbitragem.

Esta vivência me proporcionou um entendimento mais profundo da dinâmica do jogo do Badminton, uma aprendizagem verdadeira que será incorporada a minha prática e objeto de estudo, contudo, certamente compartilhada com os amigos professores e atletas sergipanos na busca da qualificação do nosso infante Badminton que sonha ascender no cenário nacional.

Seguem-se os dias de competição e o funil se estreita, vencida a fase de grupos tem início as quartas de final onde os confrontos passam a ser eliminatórios, cresce a tensão e a qualidade dos jogos, infelizmente nossos representantes não chegaram até esta fase.

Com a diminuição dos jogos consequentemente diminui a nossa jornada de trabalho e sobra mais tempo livre para acompanhar os jogos como espectador, sem a responsabilidade da arbitragem, nas arquibancadas encontro com outros sergipanos aficionados pelo esporte com quem divido as considerações e o encanto da participação na Olimpíada.

Figura 3 - Conterrâneos



Fonte: Arquivo pessoal de fotos do autor.

Nos últimos quatro dias do torneio os jogos se restringiram ao turno da manhã, então após o compromisso aproveitei o tempo livre para conhecer os espaços públicos que foram construídos para ressaltar o espírito olímpico de congraçamento. O Boulevard Olímpico edificado na antiga zona portuária do Rio de Janeiro que se encontrava degradada trouxe nova vida ao local, repleto de pessoas a qualquer hora do dia que desfrutavam das atrações diversas dispostas pelo ambiente, monumentos históricos e de vanguarda, a Pira Olímpica e da bela vista da Baía da Guanabara. Tive o privilégio de presenciar um belíssimo pôr do sol neste espaço maravilhoso.

Reta final

Chegamos a reta final, na nova escala de trabalho coube a mim participar da disputa do ouro modalidade simples masculina, bela notícia. Enquanto aguardava o grande momento acompanhei as demais disputas das medalhas, um jogo vibrante na dupla feminina onde as pequenas japonesas (Misaki MATSUTOMO e Ayaka TAKAHASHI) se impuseram sobre as gigantes dinamarquesas (Christinna PEDERSEN e Kamilla RYTTER JUHL), na dupla mista o time indonésio (Tontowi AHMAD e Liliyana NATSIR) de maneira surpreendente vencem a dupla malaia (Peng Soon CHAN e Liu Ying GOH), os chineses (FU Haifeng

e ZHANG Nan) repetem o feito pelos seus compatriotas na Olimpíada passada e conquista a medalha de ouro frente aos malaaios (V Shem GOH e Wee Kiong TAN), a final da simples feminina é vencida pela favorita a espanhola Carolina MARIN num belo jogo com a indiana PUSARLA V. Sindhu, nona no ranking mundial que chegou de maneira inesperada a este ponto.

- Final da simples feminina



Fonte: Arquivo pessoal de fotos do autor.

O confronto mais esperado por todos nesta Olimpíada, ocorreu na partida semifinal entre os dois atletas supostamente de maior destaque neste ciclo olímpico, o chinês LIN Dan e o malaio LEE Chong Wei, finalmente o malaio supera o seu oponente e credencia-se pela primeira vez a participar de uma final olímpica.

O grande momento a final na modalidade simples masculina, aconteceu na manhã do dia vinte de agosto, as arquibancadas repletas de torcedores de ambas as nacionalidades torciam fervorosamente para os seus representantes a cada rali concluído. Vivenciei de perto ponto a ponto a vitória do chinês CHEN Long sobre o malaio LEE Chong Wei, compunha a equipe de arbitragem escalada para tanto, o ponto final adveio de um golpe para fora da quadra desferido pelo ma-

laio, o chinês deita-se em prantos na quadra parecendo não acreditar no seu feito, a torcida encantada aplaude de pé seu compatriota que é abraçado pelos seus técnicos.

A imagem do podium da simples masculina composto pelos atletas: CHEN Long, LEE Chong Wei e Viktor AXELSEN, respectivamente medalhistas de ouro, prata e bronze, marca o encerramento da competição de Badminton da Olimpíada Rio 2016.

No dia seguinte, 21 de agosto, embarcamos de volta a nossa querida Aracaju em tempo de a noite assistir pela televisão a cerimônia de encerramento.

Consumado o fato, Ser Olímpico, ratificando o dito no primeiro parágrafo, experiência sublime e um tanto inesperada que marcará para sempre a minha vida profissional.

Referência

Texto produzido por relato de memória do próprio autor

REVEZAMENTO DA TOCHA OLÍMPICA

OLYMPIC TORCH RELAY

Diego Viana GOMES¹
diegoefd@gmail.com

Briefing

The Olympic torch relay precedes the Olympic Games, in order to announce to the world the beginning of the most well-known sports competitions in history. Two secular symbols mark this event: the flame and the Olympic torch. To keep the flame burning throughout the course, which lasted 100 days in Brazil, hundreds of people worked hard 24 hours a day, among them are the Guardians of the flame, where I fit. I spent 100 nights sleeping in the light of the Olympic flame and witnessed all the stories surrounding this symbol. In this chapter, I tell you how I got there and a little bit of what happened in the passage through the 329 cities of Brazil.

Guardião da Chama Olímpica

A partir desta publicação contarei detalhes do Revezamento da Tocha Olímpica, que vivenciei nos jogos Rio 2016. Depois que tive a honra de ser guardião da chama olímpica, que percorreu todo o Brasil desde a Grécia, minha vida mudou. Conheci pessoas do Brasil inteiro, corri em todas as 26 capitais do Brasil mais o Distrito Federal e vi um país totalmente diferente do que estava dentro da minha “caixa”. Foram praticamente 100 dias viajando de van e avião com praticamente 12.000 condutores do fogo que queimou nesse percurso de 20 mil quilômetros de corrida, somado com 16mil km de avião.

¹ Graduado em Educação Física UFRJ; Especialista em Treinamento Desportivo UFRJ; Mestrado em Educação Física UFRJ; Doutorando em Endocrinologia - Medicina UFRJ; Guardião da Chama Olímpica Rio 2016.

Figura 1 - Parte do grupo que viajou comigo nessa história louca.



Fonte: acervo pessoal do autor

Figura 2 - grupo em viagem



Fonte: acervo pessoal do autor.

Breve histórico do Revezamento da Tocha Olímpica

Antes de contar os meus relatos pessoais, vou explicar resumidamente a história do revezamento da tocha olímpica.

A chama olímpica apareceu pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928, por sugestão de Theodore Lewald, um

membro alemão do COI. O Relatório Oficial destes Jogos afirmava simplesmente que “uma chama alta indicaria a milhas em torno de onde estavam em Amsterdã os Jogos Olímpicos” (Comité Olímpico dos Países Baixos, 1928, p.189). Na verdade, a chama não teve significado real até os Jogos Olímpicos de Berlim de 1936. Dois anos antes, Carl Diem (secretário-geral do Comitê Organizador Alemão) havia apresentado uma proposta ao COI para sancionar uma cerimônia de iluminação de chamas em Olímpia, que era um local-chave para os Jogos Antigos, com uma tocha para ser levada por Revezamento para a arena dos Jogos com a finalidade de iluminar um caldeirão olímpico. O COI encarou com entusiasmo esta proposta: para Coubertin, o presidente, este ritual oferecia a perspectiva de uma cerimônia sagrada seguida de uma procissão que combinava espetáculo com testemunho público, culminando na transferência de uma venerada chama olímpica para o local sagrado Da Olimpíada (Durantez, 1985)

O estabelecimento de um revezamento da tocha, que teve o propósito, ou pelo menos o efeito, de mostrar o regime nazista, dificilmente foi um começo edificante para o que hoje é considerado pelo COI como um “símbolo olímpico transcendente” (Durantez, 1985, Página 620). Não obstante o valor da propaganda da cerimônia da chama e do revezamento da tocha para os Jogos Nazistas, foi (re) apropriado para os Jogos Olímpicos de Londres de 1948 como um símbolo da paz do pós-guerra (Durantez, 1988). Este ritual de três estádios cresceu em escala, escopo e estatura, de modo que a viagem de Olímpia para a iluminação do caldeirão no local olímpico é agora um evento de exibição, seguido avidamente pela mídia. Costumes cerimoniais foram (re) inventados para se adequar a uma narrativa olímpica moderna, e protocolos estabelecidos para a gestão desses procedimentos. O que se segue é uma breve visão geral do simbolismo e da prática.

Como indicado na Regra 13 da Carta Olímpica, o revezamento da tocha é precedido pelo cerimonial de acendimento da chama em Olímpia. O fogo e a chama tinham papéis religiosos importantes para os gregos antigos. No entanto, seu uso nos Jogos Olímpicos de hoje não está associado a uma presença sobrenatural ou crença particular de vida após a morte. Há, no entanto, muito teatro associado à reconstrução dramática da iluminação da chama em Olímpia: é originado dos raios do sol

usando um espelho parabólico e capturado por um ator ungido com óleo como a “Alta Sacerdotisa” de Olímpia, adequadamente vestido em traje da época, acompanhado por uma comitiva de assistentes feminino semelhantemente vestidas no contexto evocativo do Templo de Hera.

Um menino e uma menina, vestindo ramos de oliveira (um antigo marcador de vitória nos Jogos), carregam a chama em procissão lenta até onde ela está envolvida com a tocha especialmente concebida para aquelas Olimpíadas em particular (Durantez, 1985, 1988). Em termos de gestão desta cerimônia, o COI tem historicamente transferido a responsabilidade para o Comité Olímpico Grego (HOC), que também organiza o transporte da chama com corredores para Atenas ou, mais precisamente, para o antigo estádio Panathinaiko que foi utilizado Para os Jogos de 1896 (Comité Olímpico Internacional, 2011).

Tal como acontece com a cerimônia de acendimento da chama em Olímpia, o revezamento da tocha olímpica (OTR) não é responsabilidade do COI. A regra 55 da Carta Olímpica terceiriza essa tarefa para “O comitê organizador dos Jogos Olímpicos que é responsável por levar a chama olímpica para o estádio olímpico” (Comité Olímpico Internacional, 2011). Uma vez que a tocha se mova para além de Atenas, o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos tem a liberdade de planejar uma rota de revezamento, conceber meios de transporte adequados (isto é, sobre terra, ar e água) e um sistema para reacender a chama se ela for extinta e escolher quem tem a honra de carregar a tocha no revezamento. Durantez (1988) e Borgers (1996) produziram extensos relatos da conduta das procissões da tocha ao longo dos anos.

A escala e o escopo destes desempenhos pretendem impressionar. Essa exibição da tocha acesa é mais do que apenas uma demonstração de que os Jogos são iminentes; são formas de mostrar a importância cultural do Movimento Olímpico e dos ideais olímpicos. Seja através de um senso de igualdade, admiração ou mera curiosidade, os espectadores se reúnem e dão testemunho ao longo de rotas designadas, e as narrativas da mídia em torno dos eventos têm geralmente retratado-los de forma brilhante. Como ocasiões fora do comum, altamente publicitadas, sancionadas pelo estado, os OTRs (Revezamentos da Tocha Olímpica) tornaram-se balizas para o Movimento Olímpico e a cidade anfitriã dos Jogos.

Entenda como chegamos - candidatura e eleição do Brasil/Rio de Janeiro

Após 3 tentativas anteriores fracassadas devido às questões políticas, o COB resolveu contratar a Event Knowledge Services (EKS - empresa de consultoria internacional) para apontar os pontos importantes nas eleições da cidade sede. Em junho de 2008 o COI escolheu quatro cidades finalistas: Chicago, nos Estados Unidos, Tóquio, no Japão, Rio de Janeiro, no Brasil, e Madri, na Espanha. E em 2 de outubro de 2009, em Copenhague, na Dinamarca, o Rio de Janeiro foi eleito a cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2016.

A Olimpíada no Brasil foi marcada por muitas manifestações, principalmente no âmbito político, resolvi replicar essas informações jornalísticas, para relembrar o movimento popular e político pró olímpico na época da candidatura. Fiz um cronograma ordenado pela data e coloquei os fatos mais marcantes. Durante as buscas com datas específicas no Google, encontrei quase nenhum argumento contrário à olimpíada.

Na pré-candidatura, em 2006, tínhamos Lula como presidente da República do Brasil, Rosinha como Governadora do Estado do RJ, César Maia como prefeito do município do Rio de Janeiro e Carlos Nuzman como presidente do COB. No período da candidatura, já em 2007, o quadro era um pouco diferente, Lula presidente, Sérgio Cabral como Governador, Eduardo Paes como prefeito e Nuzman como presidente do COB.

Achei bastante interessante começar com esse diálogo, para que entendamos nas próximas postagens, algumas retaliações que sofreremos ao longo do Revezamento da Tocha Olímpica, devido à manipulação de informação e as deturpações que ocorrem com a mesma, muito em função da velocidade da informação gerada pela internet (Whatsapp, Facebook, Youtube).

Desde já, declaro que sou apartidário, e não tenho nenhum interesse político, nem partidário, muito menos vínculo institucional com o COB/COI. Meu interesse aqui, é apenas registrar e fazer uma descrição dos acontecimentos do revezamento, sob o meu ponto de vista (operacional). A partir desse ponto, vou começar a

comentar minha participação e minha convocação para participar do Revezamento.

Como fui parar na Tocha

A pergunta mais frequente das pessoas quando me encontram é: como você foi para na Tocha?

Aquela velha história do amigo que tem um amigo...rs. Então, meu amigo de infância Gustavo, tem um amigo que era do RH da empresa Cerimônias Cariocas 2016 (CC2016), fundada em 2011, pela união da agência de comunicação e eventos SRCOM e a holding italiana de eventos Filmmaster, que fizeram desde a passagem da bandeira olímpica e paralímpica para o Brasil em Londres 2012, até o Revezamento da Tocha Olímpica, abertura e encerramento dos jogos Rio 2016. Pois bem, entrei em contato com Kleber (gente finíssima, que não conhecia até o momento), e o mesmo me enviou o seguinte email:

“O Revezamento da Tocha é uma etapa fundamental dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos”. Marcado por simbolismo e história, o ritual de acendimento da Chama Olímpica e sua entrega para o Brasil representará o início dos Jogos 2016, o primeiro a ser realizado na América do Sul. O Profissional será responsável por acompanhar os carregadores da tocha durante o seu trajeto no revezamento da tocha olímpica. Procuramos atletas profissionais ou amadores com interesse de fazer parte do evento Olímpico.

Runner

Requisitos:

- Bom preparo físico;
- Inglês avançado/fluente;
- Desejável experiência em corridas de longa distância;
- Disponibilidade para viagem durante o revezamento;

Responsabilidades

- Acompanhar os condutores da tocha durante o trajeto do revezamento;
- Garantir o bem-estar dos condutores da tocha durante o revezamento;
- Esclarecer dúvidas dos condutores da tocha durante o percurso.

Estaria interessado ou conhece alguém que se interessaria?"

No dia 23 de março de 2016 fui à entrevista no Centro da cidade do Rio de Janeiro para entrevista com o Kleber, fiquei muito entusiasmado com a proposta, mas haviam pendências a resolver na vida pessoal e profissional. No entanto, no mesmo dia recebi um email dele para outra entrevista no dia seguinte com a simpática gerente geral, e imediatamente após fui finalmente direcionado à terceira e última etapa com o gringo australiano (chefe operacional). Quase uma semana depois, no dia 29 de março, recebi uma ligação do Kleber, confirmando minha contratação e convidando para o evento teste que aconteceu em Cabo Frio.

Treinamento e evento teste em Cabo Frio

Após a confirmação da convocação, fui convidado, dia 29 de março de 2016, para ir ao treinamento da empresa no dia seguinte, 30 de março, onde conhecemos toda a equipe e como seria o dia a dia do revezamento (bem mais complexo do que eu poderia imaginar). Nesse dia, vi e peguei na tocha pela primeira vez e fui convidado para ir ao Maracanã, no dia seguinte, 31/03/2016, para fazer um treinamento com o diretor operacional que explicaria a logística do revezamento, quais seriam as nossas funções, como iríamos conduzir o condutor da chama (torchbearer em inglês), como nos posicionaríamos no comboio, o que fazer caso houvesse queda, e não menos importante, como é o funcionamento da Tocha e lamparina olímpicas, pois até esse momento, não tínhamos a mínima ideia de que essa seria nossa função, só sabíamos que íamos correr com o condutor da tocha olímpica. Essa parte merece um adendo, pois é nesses itens que consta a essência do Revezamento Olímpico.

Figura 3: Treinamento e evento teste em Cabo Frio



Fonte: acervo pessoal do autor.

Uma das maiores missões das manifestações anti olímpicas, era apagar a tocha, no entanto, essa tentativa frustrada de acabar com o revezamento apagando o fogo da tocha estava equivocada desde a primeira tentativa, por dois motivos simples:

1. A fonte da chama olímpica fica na lamparina e não na tocha. Após ser aceso na Grécia, são acesas 4 lamparinas que mantêm a chama acesa até o Brasil, onde foram acesas mais 5 lamparinas (total de 9). É a chama dessas lamparinas que acendem as tochas. Quanto as tochas, as mesmas possuem um cilindro com gás butano e propano, que após acionados e aproximados da chama permanecem em combustão em torno de 15min. Lembrando que foram produzidas cerca de 12 mil tochas (informação não oficial) na Espanha, empresa RecamLà-ser S. L., mas desenhadas no Brasil pela empresa Chelles&Hayashi após submeter o projeto ao edital da Rio 2016 que foi lançado no dia 3 de junho de 2014. Portanto, quando a tocha possui defeito, não acende ou mesmo apaga, basta trocar a tocha ou acender novamente, como foi feito em todo o Brasil. Ademais o nome deveria ser Revezamento da Chama Olímpica e não da Tocha, pois a chama que é a mesma, não a tocha.

2. Existe um regulamento do COI, que deixa, sobre o comitê

olímpico local, a responsabilidade e a forma de reacendimento, caso a chama apague. (http://www.gamesmonitor.org.uk/files/Technical_Manual_on_Ceremonies.pdf)

Depois do esclarecimento a respeito da Tocha e Lamparina olímpicas, podemos dar continuidade ao evento teste. A partir dessa reunião, não parei de viver o Revezamento Olímpico, fui informado que viajaria no dia seguinte para Macaé, era o final de semana do dia 1 ao dia 3 de abril, pois faríamos o evento teste, uma simulação do dia 91 do Revezamento, que aconteceria no dia 1 de agosto de 2016, começando em Rio das Ostras e acabando em Cabo Frio.

Saímos de Rio no dia 1 de abril e fomos até Macaé, pois Macaé era a última cidade do dia 90, e quase sempre dormíamos na cidade que encerrava o dia. Almoçamos em Macaé e jantamos no hotel, onde pegamos nossa vestimenta, rádio de comunicação e recebemos as últimas informações sobre o horário do dia seguinte.

O evento teste foi realizado com pessoas convidadas (funcionários, parentes dos funcionários e pessoas convidadas da cidade). Acorramos bem cedo e fomos em direção à Rio das Ostras, onde o caos começou a ser instalado, pois saímos com muito atraso e como era a primeira vez, a segurança também não sabia com todos os detalhes o que ia acontecer, o trânsito simplesmente ficou parado, era esperado pelos organizadores que houvessem problemas devido à complexidade da operação, mas não pela população que perde seu direito de ir e vir.

Começando pela primeira vez a operação: entramos numa van com 5 lugares disponíveis, como na foto. Nesse primeiro momento, éramos apenas 4 guardiões da chama, nome que recebemos pela mídia no meio do revezamento, pois até então éramos chamados de Flame Runners (Corredores da Chama). Entretanto, além dos 4 guardiões, tinha o motorista, e toda equipe de segurança, 2 delegados federais da Senasp, um comandante da PM, um comandante do Corpo de bombeiros, o chefe da Guarda municipal, o chefe da PRF e um coronel reformado do exército (que também trabalhava na segurança), ou seja, muita gente para pouco lugar. Esse foi um legado do evento teste, pois houve um ajuste para o evento e foi adicionada uma van para equipe de segurança.

Apesar de toda preparação, tudo era novo para todos, pois pela primeira vez, tudo estava sendo posto em prática. De repente a van pára, todos descem rápido e é momento de acender a primeira tocha, mas antes acendemos a lamparina com fósforo comum, depois tiramos o fogo da lamparina com um palito acendedor de churrasco e acendemos a tocha! Primeira tocha acesa em Revezamento! Que emoção. Vários fotógrafos, muitos espectadores e começamos a correr. No mesmo momento dois seguranças, que não conhecíamos ainda, nos colocaram para fora do comboio, era a Força Nacional (que também não tinham a mínima ideia de como ia funcionar), imediatamente o diretor de operações abriu caminho e nos colocou de volta na “célula”.

Reajustado, seguimos correndo, e ao final do revezamento em cada cidade, apagávamos a tocha do último condutor, mostrávamos a lamparina acesa (para população entender que a chama não apaga), retornávamos a van com a lamparina e seguíamos no comboio até a próxima cidade. Assim, passamos por Búzios, São Pedro da Aldeia, Iguaba Grande, Araruama até chegar em Cabo Frio, totalmente exaustos, após percorrer um total de 28 km no sol quente, com pouca água e van desconfortável. Chegamos no hotel, jantamos, confraternizamos e voltamos mortos no dia seguinte para casa imaginando como seria fazer isso por 95 dias. Agora que sabíamos “exatamente” como seria, ficou mais fácil entender a logística do revezamento e como funciona tudo.

Detalhes sobre a tocha encontra-se disponível nos endereços eletrônicos:

-<http://infograficos.estadao.com.br/esportes/jogos-olimpicos/2016/por-dentro-da-tocha-olimpica/>

- http://www.gamesmonitor.org.uk/files/Technical_Manual_on_Ceremonies.pdf

-https://portaldesuprimentos.rio2016.com/wp-content/themes/mercado/anexos_status_concorrenca/900440514_RFP.pdf

O revezamento da cidade começa bem antes da passagem da tocha

Aos poucos fomos conhecendo toda a equipe e logística, descobri que o diretor operacional era uma pessoa muito experiente em

Revezamento de Tocha, e os mesmos fizeram quase todos os revezamentos que conhecemos. Existe uma equipe que serve de base e todo o restante da equipe é formado por pessoas contratadas no país sede. As primeiras contratadas, são pessoas que ajudam o diretor com a parte de tradução e contratação. Todos os contratados são entrevistados em Português e Inglês pelo RH e a última entrevista sempre era com o Diretor Operacional.

Cerca de dois anos antes do Revezamento Olímpico, começaram a contratação dos gerentes Regionais, brasileiros extremamente competentes que trabalham com produção de eventos e são os cabeças da logística operacional. O revezamento foi dividido em 6 Regiões, com exceção do RJ, cada região tinha 2 gerentes, responsáveis pela “ádua tarefa” de viajar pelos estados da região designada, escolher as cidades que melhor representam sua região (tamanho populacional, principais pontos turísticos) e por vezes, atender questões políticas. Os gerentes se reuniam com os prefeitos e secretários para discutir questões, como: logística de trânsito, segurança e divulgação, elaborando desta forma rota da tocha, incluindo local de passagem do comboio, levando em consideração o tamanho dos veículos (caminhões dos patrocinadores e ônibus), restaurante para almoço e a distribuição nos hotéis das quase 400 pessoas que compunham o comboio.

Depois que a rota é estabelecida, os gerentes escrevem o Daybook (diário) com todos os detalhes do dia. Desde a saída do hotel até a hora do término da janta, ou seja, nossa rotina do início ao fim do dia. O único momento que não tínhamos nada planejado, era o momento de dormir, na verdade, esse era o planejamento - DORMIR. As duplas sempre andavam juntas durante o revezamento, quando o comboio estava na sua região, o gerente ficava no carro de comando, à frente do comboio para demonstrar rota, indicar o ponto em que o ônibus deveria deixar cada condutor e dar ritmo ao restante do grupo (dá para fazer analogia ao primeiro vagão do trem).

Levando em consideração o tamanho da cidade, distribuição geográfica e número de habitantes, era estipulado o número de condutores da cidade. O ponto onde cada um seria desembarcado estava marcado e descrito no Daybook. Para garantir que não houvesse erro, os gerentes que não era responsável pela cidade que estava sediando

o revezamento naquele momento chegavam três dias antes na mesma, para garantir que estava tudo certo e colavam adesivos em ordem numérica nos pontos pré-estabelecidos pelos gerentes da região, para facilitar a visualização do carro comando no dia do evento.

Outros fatores extremamente importantes eram: o almoço; não há reclamação nesse quesito, comemos muito bem; mas o gerente precisava atentar à qualidade do restaurante, lugar para estacionar caminhões e carros que levavam aproximadamente 400 pessoas, assim como estacionar os veículos no fim do dia, e encontrar um local com estrutura para montar o palco gigante que marca a cerimônia do fim do dia, por incrível que pareça, não é missão fácil.

O Comboio - revezamento em modo ON

A complexidade da operação é grande, vide a ponta do Iceberg, que se chama comboio. O comboio é o conjunto de pessoas e carros (caminhões, ônibus e viaturas) que dão visibilidade e segurança a condução da Chama Olímpica. Quem vê pela televisão, tem apenas a imagem do condutor de roupa branca segurando a tocha, os guardiões da chama e os seguranças da Força Nacional, que são uma parte micro do Revezamento. No capítulo anterior, descrevi todo o trabalho que antecede o revezamento, mas para que a chama olímpica tenha o seu devido efeito de chamar a atenção de todo o país para o início dos jogos olímpicos, tem muita gente e dinheiro envolvido.

Havia variação na conformação do comboio, em função do estado ou cidade que passávamos, mas basicamente essa formação de 18 carros era mantida: Safety car, Pilot car, Drop off, Coca-Cola Truck (Caravan), Nissan Truck, Bradesco Truck, Staff Bus, Security Van, Media One, Comand car, Flame Van, Força Nacional Bus, Pick Up, Broom Car, Correios Van, Polícia Militar Bus (choque), Bombeiros Van, PRF car.

O carro piloto (pilotcar) era pilotado pelos gerentes regionais locais que montaram o percurso e foram responsáveis por todos os trajetos, inclusive, rotas alternativas, caso fosse necessário mudar o caminho.

À frente ou na retaguarda do carro piloto sempre ia um carro da PRF ou Polícia Militar para fazer a segurança, além dos batedores de moto que fazem um trabalho excepcional, cansativo e perigoso de fe-

char as vias para passagem do comboio, pois o atraso em qualquer via poderia inviabilizar toda operação, devido à espera das outras cidades e da confraternização de fim do dia.

O ônibus de desembarque (drop off) dos condutores é responsável por chegar na cidade antes do comboio com o HOST, um grupo excepcional, com pessoas extremamente inteligentes, animadas e responsável por passar todas as informações sobre o revezamento², assim como distribuir o uniforme, orientar sobre a compra de tochas, compartilhar as histórias de vida e desembarcar o condutor com a tocha no ponto demarcado anteriormente. E assim que acaba de desembarcar o último condutor, esse ônibus passa para trás na fila e torna-se Pick-Up, que recolherá o condutor e deixará no ponto de encontro marcado com os condutores.

Logo depois do Drop off bus, vinha o Caravan, o caminhão da Coca-Cola com música, e seus embaixadores/promotores super animados, dançando, distribuindo brindes, abraços e sorrisos. Seguido do caminhão da Nissan com o Batubatê, grupo de batucada, com instrumentos musicais de diferentes materiais muito motivante e um telão de cada lado do caminhão com propaganda em vídeos e o nome dos condutores patrocinados por ele aparecia na hora que passava pelo condutor. Logo após o Nissan Truck, vinha o “trio elétrico do Bradesco”, com sua música, artistas circenses fazendo acrobacias e bailarinos muito bem coreografados e sorridentes entregando as “tochinhas” (batescos infláveis), que se tornaram a sensação do público por representar o principal símbolo do revezamento olímpico. E por fim, o Staff bus, o ônibus que transportava todos os integrantes dos patrocinadores nas viagens entre uma cidade e outra, pois ao contrário do que muitos pensam, não percorríamos todo o trajeto à pé, entre uma cidade e outra viajávamos dentro dos veículos.

Expliquei que no evento teste, dividíamos a van com os chefes de segurança, pois bem, depois do fiasco no evento teste, os chefes de

² obs. Para conduzir a tocha, é necessário ter indicação de um dos 3 patrocinadores ou da Rio2016. Cada um tinha uma cota de participantes e foram feitas promoções antes do revezamento para convocar essas pessoas. A Coca-Cola e o Bradesco compravam as tochas e davam aos seus condutores, já os condutores da Rio2016 e da Nissan teriam que comprar por uma bagatela de aproximadamente R\$2000 (\$600) na época.

segurança ganharam uma van só pra eles, e a mesma ficava logo atrás do Staff bus, recebendo e distribuindo informações sobre segurança, cabe ressaltar que havia grupos de inteligência adiantados, ou seja, antes de chegarmos na cidade, haviam grupos de chegavam 3 dias antes para reconhecer o terreno e saber como estava o ânimo da cidade para recepção da tocha, isso possibilitou a segurança prévia nas cidades com grandes manifestações e desviar a rota em caso de riscos.

O Media Truck, situava-se logo atrás da security van, era um caminhão baú, que ficava na frente do condutor. Nele tocavam as músicas que embalavam o condutor e “carregava” a imprensa responsável pelas medias inesquecíveis do revezamento. Os fotógrafos viajavam sentados num banco muito desconfortável e quando o revezamento estava acontecendo, os mesmos se locomoviam sentados no chão do caminhão captando as imagens, assim como os câmeras e repórteres dos grandes jornais. Importante ressaltar que o condutor da tocha é quem dita a velocidade do comboio, ou seja, o motorista tinha uma câmera dentro da cabine para ajustar a velocidade de acordo com o ritmo do condutor, com exceção de alguns casos especiais, que éramos obrigados a diminuir a velocidade do comboio para algum ajuste ou ir mais rápidos, devido aos atrasos e fuga das manifestações, nesses casos, nós, guardiões da chama, incentivávamos os condutores para ir mais rápido ou mais devagar.

Finalmente chegamos ao foco do revezamento, onde a tocha é conduzida pelo condutor e onde eu trabalhava na maior parte do tempo. No início a tocha era acompanhada por dois guardiões e sete agentes da força nacional, mas em virtude de maior segurança, aumentava o número de agentes da força, que totalizavam 23 (3 grupos de 7, 1 grupo acompanhando o condutor, enquanto os outros dois descansavam no ônibus para substituir de tempo em tempo, os dois agentes que sobravam eram o comandante e o subcomandante). Depois da primeira semana, tínhamos feito uma média de 30kms de corrida por dia, alternando entre 7 diferentes funções (manter a lamparina acesa, acender a primeira tocha com a chama da lamparina, acompanhar o condutor durante a corrida, inserir os condutores na célula do comboio, fazer a transição da chama para o condutor inserido, apagar a tocha e retirar o condutor que acabou de conduzir).

A primeira função, e que durava às 24h do dia, manter a lamparina acesa, era realizada adicionando querosene ou zipo (combustíveis), trocando o pavio ou limpando o filtro, que fica muito sujo com os resíduos da oxidação do querosene, assim como as nossas vias aéreas, mas a ANAC não permite outro fluido, que não seja querosene, por isso iniciamos na Grécia com querosene e depois da rota aérea começamos a usar zipo (fluido de isqueiro). A preocupação da ANAC foi tão grande, que 4 guardiões, tivemos que viajar para central de treinamento da LATAM com supervisão da ANAC para mostrar como era o funcionamento da lamparina e participar de um treinamento para conhecer a segurança interna do avião, para que, caso houvesse incêndio, fôssemos capazes de extinguir o fogo.

Lembrando que fomos 4 em Cabo Frio, mas devido ao desgaste, o RH da empresa contratante levou 7 guardiões para o evento, e fazíamos um rodízio de funções. No início todos trabalhavam de forma independente e desorganizada, mas depois que passou a empolgação e a fadiga começou a prevalecer na nossa rotina, reajustamos as tarefas, passamos a ter 1 dia de folga na semana e trabalhávamos em dupla. Uma dupla corria na frente, levando em consideração que cada condutor percorre 200m com a tocha, os guardiões avançados intercalam a busca do condutor que desce do drop off, realizando tiros de 400m, para orientar e inserir o condutor na célula quando a mesma passasse no seu ponto de coleta.

A outra dupla corria ao lado do condutor, e quando o guardião avançado inseria o condutor na célula, o guardião da esquerda acionava o dispositivo da tocha que libera o gás, e era realizado o “beijo da tocha” (momento que o condutor com a tocha acesa encosta a parte superior da tocha acesa na tocha do próximo condutor que está com o gás acionado, similar a aproximar um fósforo aceso na boca de um fogão com o gás aberto). Após o beijo, o guardião da direita desligava o dispositivo do gás e entregava o condutor com a tocha apagada para o guardião que vinha correndo buscar o condutor e levar até o ônibus de recolhimento (pickup bus). Esse recolhimento era feito alternado pela dupla que estava na van atrás da célula, mas no início tivemos problemas porque após deixar o condutor no ônibus, precisávamos realizar corridas de 200 a 300m entre 15 e 20km/h.

Essa logística ainda não estava boa para nossa recuperação e começamos a organizar outra forma de economizar energia. Arrumamos duas bicicletas com a força nacional, e a dupla da frente começou a fazer o adiantado de bicicleta, deixamos apenas um guardião correndo com o condutor, que era responsável pelo beijo e o guardião de recolhimento da van apagava a tocha do condutor, importante ressaltar quando corre o último condutor de cada cidade, nós apagávamos a tocha e mostrávamos a lamparina acesa para ficar claro que a chama continua viva. Dessa forma, sempre teria um descansando na van. Entre a nossa van (Flame van) e a célula, fica o carro do patrocinador (commandcar), com o diretor operacional, sua assessora e o motorista (que também é um assessor). O diretor operacional é o chefe do comboio, ele que dá a última palavra na operação.

A Flame Van é onde fica o chama olímpica e nós guardiões (também conhecidos como Flamerunners ou Flame Keepers), que éramos responsáveis pela mesma. Essa era a melhor e a pior van, pois nosso grupo era muito divertido, entretanto, o cheiro do querosene nos deixava com dor de cabeça, o ar condicionado quebrou logo no começo, porque nosso deslocamento era de porta aberta e a porta não travava mais, tivemos que improvisar com um pedaço de fita. Além dos 6 guardiões, nos fazia companhia o representante da Rio2016, que foi um dos responsáveis pela montagem e importação das tochas.

Imediatamente atrás da Flame Van estava o ônibus da Força Nacional com os 14 agentes em descanso. Seguidos do Pick-Up bus (ônibus de recolhimento), BroomCar ou Carro vassoura (carro utilizado para qualquer tarefa extra, como pegar alguém que tenha ficado para trás), depois a van dos correios (essa van só representava os correios, mas era a mais confortável, usávamos para descansar nas viagens), e para encerrar o comboio vinha o carro da PRF. No entanto, em cada cidade, havia mais ou menos carros da segurança, incluindo carros do batalhão de choque da polícia militar, van dos bombeiros, às vezes polícia civil e guarda municipal.

Agora que foi explicado como funciona parte da logística do revezamento e do comboio, fica mais fácil entender alguns pontos importantes e curiosos.

Curiosidades do revezamento – sob o ponto de vista do guardião

Quando a jornada começou, eu não tinha noção da grandiosidade da minha função, achei que seria um mero corredor, todavia no dia 31 de março de 2016, após o primeiro treinamento de acendimento da tocha e manutenção da lamparina, percebi que seria responsável pelo maior símbolo do revezamento olímpico.

A chama olímpica foi acesa em Olímpia, na Grécia, no dia 21 de abril de 2016, onde começou o tradicional revezamento grego com duração de 6 dias (até 27 de abril) sob responsabilidade do comitê grego até viajar para sede da ONU em Genebra e depois para o COI em Lausanne, ambas cidades da Suíça e lá permaneceu até o dia 2 de maio, quando embarcou para o Brasil. A minha participação efetiva como guardião da chama começou no dia 30 de abril, quando embarquei para Suíça, com escala na Alemanha.

Dentre os 4 guardiões que participaram do evento teste, estávamos inicialmente eu (Diego), Alice (atleta casca grossa de ironman - alemã filha de brasileiros), Glauber (ex jogador de futebol) e Danilo (ex jogador de futebol). Mas na verdade já éramos cinco, no entanto, a Rachel (jogadora de Beach tênis) não pode comparecer no primeiro momento. Depois vieram João Paulo (ex-atleta de decathlon) e Verônica (vulga Beka – atleta da seleção brasileira de Hockey na grama) para fortalecer o elenco. Para viajar à Europa a empresa “selecionou” dois guardiões, primeiro foi a Alice depois eu. Alice viajou primeiro para acompanhar a chama desde a Grécia, eu só cheguei dia 1 de maio para ajudar na vinda para o Brasil que seria no dia seguinte (2 de maio), num avião fretado da LATAM.

Figura 4: As Lamparinas



Fonte: acervo pessoal do autor.

Quando cheguei na Suíça sozinho, me perdi andando de trem, mas depois consegui retornar para estação correta, que me levaria até o hotel e cheguei ao anoitecer. No dia seguinte fui nadar numa piscina pública com Alice e voltei para acender a Pira na frente do COI, foi bastante emocionante ter o primeiro contato com a pira olímpica e entrei no COI com a sensação que fazia parte de algo muito especial e que poucos teriam tal privilégio. Segui para as instalações internas do COI e tive a breve oportunidade de conhecer o museu com o simpático segurança suíço casado com uma brasileira. Ao retornar da volta pelo museu para almoçar, estava com a lamparina e fui rodeado de fotógrafos de todo o mundo para tirar fotos da Chama Olímpica. Não estava entendendo todo aquele alvoroço e como disse antes, não tinha dimensão do tamanho do evento.

Após algumas palavras do presidente do COI e do COB, fomos em direção ao aeroporto para pegar o avião de volta ao Brasil. Impossível dormir com toda imprensa filmando e fazendo fotos durante o voo e ao chegar em Brasília (03/05/2016), dois caças da FAB começaram a voar ao nosso lado (emocionante). Desembarcamos no aeroporto, ao vivo para todo o mundo, com as principais autoridades para nos

receber na descida do avião.

Primeiro, chegamos com a Presidente Dilma Rousseff no cargo, que foi a primeira brasileira a acender a tocha olímpica no Brasil. Nesse período, havia muita manifestação em função da crise financeira e política que passávamos, inclusive o pedido de impeachment estava em andamento. Por esses fatores houve muita manifestação contrária a olimpíada logo na descida do planalto, e muita agressão entre os manifestantes e integrantes do comboio. Foi tenso demais.

Depois de um dia inteiro de tensão, começamos o dia seguinte ainda preocupados, mas tudo começou a se resolver e a polícia conseguiu conter os agressores, porque ninguém era impedido de manifestar e havia tudo que é tipo de manifestação, algumas eram engraçadas e não tinham nada a ver com a tocha ou a política, como o caso da senhora que reclamava de agressão contra as mulheres e partia para cima dos seguranças da tocha.

No dia 12 de maio, a presidente foi afastada do cargo e as manifestações contra o PT, tornaram-se manifestações contra o golpe. Às vezes, tinham duas manifestações, uma contra o PT e outra contra o golpe político. Importante ressaltar que não estou caracterizando o aspecto político, mas descrevendo o contexto do que ouvíamos nos gritos e liamos nas placas.

No dia seguinte à Brasília (04/05/2016) seguimos para Goiás (Corumbá de Goiás, Pirenópolis e Anápolis) e continuamos com aquela empolgação e vibração da novidade e comoção da população pela passagem da tocha, que era aguardada com muita expectativa. Assim foram as sucessivas viagens pelas cidades do Brasil como segue na lista abaixo:

03/05/2016 – DF – Brasília

04/05/2016 – GO – Corumbá de Goiás, Pirenópolis, Anápolis

05/05/2016 – GO – Itaberaí, Cidade de Goiás, Inhumas, Goiânia

06/05/2016 – GO – Trindade, Aparecida de Goiânia, Piracanjuba, Morinhos, Caldas Novas

07/05/2016 – GO – Pires do Rio, Ipameri, Goiandira

07/05/2016- MG – Araguari, Uberlândia

08/05/2016 – MG – Uberaba, Araxá, Serra do Salitre, Patrocínio, Patos de Minas
 09/05/2016 – MG – Varjão de Minas, Pirapora, Montes Claros
 10/05/2016 – MG – Bocaiúva, Couto de Magalhães de Minas, Diamantina, Curvelo
 11/05/2016 – MG – Gouveia, Datas, Serro, Guanhães, Governador Valadares
 12/05/2016 – MG – Naque, Ipatinga, Coronel Fabriciano, Itabira
 13/05/2016 – MG – Ouro Preto, Itabirito
 14/05/2016 – MG – Betim, Contagem, Belo Horizonte
 15/05/2016 – MG – São João Del Rei, Tiradentes, Barbacena, Juiz de Fora
 16/05/2016 – MG – Bicas Leopoldina, Muriaé
 16/05/2016 – RJ – Itaperuna, Bom Jesus do Itabapoana
 16/05/2016 – ES – Cachoeiro de Itapemirim
 17/05/2016 – ES – Guarapari, Vila Velha, Vitória
 18/05/2016 – ES – Serra, Aracruz, Colatina, Linhares, São Mateus
 19/05/2016 – BA – Teixeira de Freitas, Itamaraju, Santa Cruz Cabralia, Porto Seguro
 20/05/2016 – BA – Eunápolis, Itapetinga, Vitória da Conquista
 21/05/2016 – BA – Itambé, Floresta Azul, Ibicaraí, Itabuna, Ilhéus
 22/05/2016 – BA – Itacaré, Camamu, Ituberá, Cairu, Valença
 23/05/2016 – BA – Lençóis
 24/05/2016 – BA – Salvador
 25/05/2016 – BA – Feira de Santana, Riachão do Jacuípe, Capim Grosso, Senhor do Bonfim
 26/05/2016 – BA – Jaguarari, Juazeiro, Sobradinho
 26/05/2016 – PE – Petrolina
 27/05/2016 – PE – Lagoa Grande, Santa Maria da Boa Vista, Orocó, Cabrobó
 27/05/2016 – BA – Paulo Afonso
 28/05/2016 – SE – Canindé de São Francisco, Poço Redondo, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora das Dores, Aracaju
 29/05/2016 – SE – Propriá
 29/05/2016 AL – São Sebastião, Arapiraca, São Miguel dos Campos, Maceió
 30/05/2016 – AL – Murici, União dos Palmares

30/05/2016 – PE – Garanhuns, Lajedo, Caruaru
31/05/2016 – PE – Gravatá, Jaboatão dos Guararapes, Recife
01/06/2016 – PE – Ipojuca
02/06/2016 – PE – Olinda, Igarassu, Goiana
02/06/2016 – PB – Pedras de Fogo, Itabaiana, Campina Grande
03/06/2016 – PB – Guarabira, Sapé, João Pessoa
04/06/2016 – PB – Mamanguape
04/06/2016 – RN - São José de Mipibu, Parnamirim, Natal
06/06/2016 – RN – Lajes, Angicos, Assu, Mossoró
07/06/2016 – CE – Aracati, Aquiraz, Fortaleza
08/06/2016 – CE – Caucaia, Itapajé, Irauçuba, Forquilha, Sobral
09/06/2016 – CE – Massapê, Granja, Camocim, Barroquinha
09/06/2016 PI - Parnaíba
10/06/2016 – PI – Pirarucuca, Piripiri, Campo Maior Altos, Teresina
11/06/2016 – TO – Palmas
12/06/2016 – MA – São Luís
13/06/2016 – MA – Barreirinhas
14/06/2016 – MA – Imperatriz
15/06/2016 – PA – Belém
16/06/2016 – AP – Macapá
17/06/2016 – PA – Santarém
18/06/2016 – RR – Boa Vista
19/06/2016 – AM – Manaus
20/06/2016 – AM – Iranduba, Presidente Figueiredo
21/06/2016 – AC – Rio Branco
22/06/2016 – RO – Porto Velho
23/06/2016 – MT – Várzea Grande, Cuiabá
25/06/2016 – MS – Campo Grande
26/06/2016 – MS – Sidrolândia, Maracaju, Rio Brilhante, Itaporã, Dourados,
27/06/2016 – MS – Nova Andradina, Bataguassu
27/06/2016 SP – Presidente Prudente,
28/06/2016 – SP – Paraguançu Paulista, Marília, Assis
28/06/2016 PR – Londrina
29/06/2016 – PR – Arapongas, Maringá, Campo Mourão, Cascavel
30/06/2016 – PR – Matelândia, Medianeira, São Miguel do Iguaçu,

Santa Terezinha de Itaipu, Foz do Iguaçu

02/07/2016 – PR – Céu Azul, Santa Tereza do Oeste, Realeza, Francisco Beltrão, Pato Branco

03/07/2016 – SC – São Lourenço do Oeste, Chapecó, Concórdia

03/07/2016 - RS – Erechim, Passo Fundo

04/07/2016 – RS – São Miguel das Missões, Santo Ângelo, Ijuí, Cruz Alta

05/07/2016 – RS – Encantado, Lajeado, Santa Cruz do Sul, Santa Maria

06/07/2016 – RS – São Sepé, Caçapava do Sul, Canguçu, Rio Grande/Cassino, Pelotas

07/07/2016 – RS – São Lourenço do Sul, Camaquã, Guaíba, Porto Alegre

08/07/2016 – RS – Canoas, Esteio, Novo Hamburgo, Gramado, Canela, Nova Petrópolis, Caxias do Sul

09/07/2016 – RS – Bento Gonçalves, Torres

09/07/2016 SC – Sombrio, Araranguá, Criciúma

10/07/2016 – SC – Tubarão, Laguna, Palhoça, São José, Florianópolis

12/07/2016 – SC – Biguaçu, Balneário Camboriú, Itajaí, Ilhota, Gaspar, Blumenau

13/07/2016 – SC – Massaranduba, Jaraguá do Sul, São Francisco do Sul, Joinville

14/07/2016 – PR – São José dos Pinhais, Curitiba

15/07/2016 – PR – Fazenda Rio Grande, Araucária, Campo Largo, Ponta Grossa

16/07/2016 – PR – Castro

16/07/2016 SP – Itararé, Itapeva, Capão Bonito, Itapetinga

17/07/2016 – SP – Sorocaba, Tatuí, Botucatu, Lençóis Paulista, Bauru

18/07/2016 – SP – Jaú, Araraquara, São Carlos, Ribeirão Preto

19/07/2016 – SP – Sertãozinho, Jaboticabal, Bebedouro, Barretos, Franca

20/07/2016 – SP – Rio Claro, Limeira, Americana, Campinas

21/07/2016 – SP – Indaiatuba, Itu, Jundiaí, Osasco

22/07/2016 – SP – Praia Grande, São Vicente, Guarujá, Santos

23/07/2016 – SP – Guarulhos, São Caetano do Sul, Santo André, São Bernardo do Campo

24/07/2016 – SP – São Paulo

26/07/2016 – SP – Suzano, Mogi das Cruzes, Jacareí, São José

dos Campos

27/07/2016 – SP – Taubaté, São Luiz do Paraitinga, Ubatuba

27/07/2016 – RJ – Paraty, Angra dos Reis

28/07/2016 – RJ – Rio Claro, Resende, Barra Mansa, Volta Redonda

29/07/2016 – RJ – Piraí, Barra do Piraí, Vassouras, Paraíba do Sul, Três Rios, Petrópolis

30/07/2016 – RJ – Teresópolis, Guapimirim, Cachoeiras de Macacu, Nova Friburgo

31/07/2016 – RJ – Cordeiro, Itaocara, São Fidélis, Campos dos Goytacazes, Conceição de Macabu, Macaé

01/08/2016 – RJ – Rio das Ostras, Búzios, São Pedro da Aldeia, Iguaçu Grande, Araruama, Arraial do Cabo, Cabo Frio

02/08/2016 – RJ – Saquarema, Rio Bonito, Tanguá, Itaboraí, São Gonçalo, Niterói

03/08/2016 – RJ – Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Nova Iguaçu

04/08/2016 – RJ – Rio de Janeiro

05/05/2016 – Abertura dos Jogos Olímpicos

Foram 329 cidades durante os 95 dias intensos de revezamento, 12mil condutores com histórias brilhantes (muito emocionados e entusiasmados para conduzir a chama olímpica) e a expectativa da primeira olimpíada na América do Sul. Dia após dia acordávamos às 5h da manhã para entrarmos no comboio alinhado e chegávamos ao hotel da cidade em que dormiríamos por volta das 21 ou 22h, para pegar a bagagem, fazer o check in e jantar, quando não havia atraso.

A população sempre nos aguardava nas ruas muito empolgadas, das crianças nas calçadas aos prefeitos que corriam entre os cidadãos empolgados para assistir a combustão olímpica. Ninguém, além do condutor, podia segurar na tocha acesa, isso inclui as autoridades políticas, que ficavam em frenesi quando chegávamos, e alguns não continham a empolgação e tinham que ser contidos pelos agentes da força nacional.

Quando passávamos nas cidades, as pessoas estavam pintadas, faziam os arcos olímpicos com bambolês, vários cartazes com desenhos olímpicos e percebemos que houve um trabalho de educação nas escolas prévio a nossa passagem. Em contrapartida, a expectativa

criada era tão grande que por vezes ouvíamos “é só isso?”. Como a velocidade de condução da chama era ditada pelo condutor da tocha, por vezes o cidadão corria com muita velocidade e a população não tinha uma visão muito boa, principalmente durante a manhã, que a claridade dificultava visualizar a chama.

O alcance dos valores olímpicos e admiração dos atletas é tão grande, que até as pessoas que manifestavam contra a olimpíada pediam para tirar fotos com a tocha. Talvez seja imensurável o alcance do público e não haja explicação para descrever essa atração do público pelo pedaço de ferro com fogo em cima, mas que existe uma mágica ali, ninguém pode negar. Apesar das manifestações, a maioria do Brasil foi muito favorável aos jogos olímpicos. As pessoas se emocionavam, choravam, se fantasiavam e corriam atrás da tocha até o limite da fadiga.

Nós dormíamos e acordávamos com a lamparina olímpica acesa todos os dias, o encanto e admiração diminui com o passar do tempo, apesar de não acabar. É como àquela vontade muito grande de ver alguém, no primeiro momento é aquela alegria, às vezes até choro, mas depois de uma hora a emoção já está mais contida, no segundo dia a novidade deixa de ser nova, depois de uma semana você nem lembra da saudade e depois de 95 dias quase não tem mais novidade. Essa analogia é para fazer comparação às pessoas que nos encontravam com a lamparina no saguão dos hotéis e ficavam perplexas com a nossa falta de euforia depois de um dia inteiro correndo no sol e chuva com a lamparina.

O que move o revezamento olímpico e mantêm vivo o espírito e valores olímpicos, assim como nossa vontade de permanecer ali, não é a chama que arde no topo da tocha, mas sim a felicidade das pessoas que conduziam e principalmente das que assistiam (que era a maioria) a nossa passagem, pois esses cidadãos são responsáveis por conduzir e propagar a mensagem contida por trás de toda essa festa. Lembro quando chegamos em Ouro Preto, que mesmo correndo no meio daquela rua de pedras com ladeiras íngremes da cidade histórica, a população corria alvoroçada e quase não tinha por onde passar.

Em Teixeira de Freitas, primeira cidade baiana, foi uma surpresa, muitas crianças descalças e com pouca vestimenta correram por muito tempo com o comboio, inclusive, ficou marcado um menino que foi ao lado da nossa van com uma bicicleta com metade do guidon e pedal só de um lado até o término da cidade. Quando entramos em terras sergipanas, por Canindé do São Francisco, navegamos até os exuberantes cânions de Xingó, que nos deixaram boquiabertos com tamanha beleza.

Cada estado e cidade faziam demonstrações das suas culturas locais, e além de conhecer melhor o Brasil, pudemos ver de perto grandes símbolos, como os bonecos de Olinda, em Pernambuco. Toda a recepção à caráter, principalmente quando começamos a rota aérea em Teresina (PI) em direção à Palmas (TO), que começamos a ser recepcionados por grandes comitivas na pista de pouso do avião, cada descida era uma nova expectativa.

Estava tudo muito lindo, mas quanto mais chegávamos perto de casa, maior era a vontade de ver a festa começar. Quando chegamos no Rio de Janeiro dia 27 de julho por Angra dos Reis, depois de São José dos Campos (SP), estávamos nos sentindo em casa, tivemos uma recepção calorosa, inclusive, a equipe teve que interromper o revezamento e seguir para continuar mais à frente devido à uma manifestação sem precedentes à nível de agressão aos Staffs e condutores, mas seguimos com a chama acesa e seguimos para Rio Claro (Interior do Rio) no dia seguinte.

Percorremos todo o estado do Rio de Janeiro até o dia 5 de agosto no Maracanã, onde encerrávamos nossa brilhante jornada e começavam os tão esperados Jogos Olímpicos. Turistas e atletas em terras cariocas, prontos para estrear as arenas. Chegamos com a chama depois de 95 dia e continuamos a nos surpreender com o Maracá lotado. Até então não sabíamos quem acenderia a pira no estádio e descobrimos logo que seria nosso ex-atletas Vanderlei Cordeiro de Lima. Eu e o guardião João tivemos o privilégio de acender a tocha do Guga dentro do gramado e assistir de camarote a chama se afastando, e pela primeira vez ela não voltaria, deixando àquela felicidade de dever cumprido, mas também a saudade dos momentos que nunca mais sairão da memória.

Referências

Tradução livre do livro: Managing the Olympics (2013); Editors: Stephen Frawley, Daryl Adair; ISBN: 978-1-349-35119-0 (Print) 978-0-230-38958-8 (Online); Site: <http://link.springer.com/book/10.1057/9780230389588>

<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Olimpiadas/0,,MUL1327272-17698,00-RIO+TRANSFORMA+O+SONHO+OLIMPICO+EM+REALIDADE+E+CONQUISTA+OS+JOGOS+DE.html>

<https://noticias.uol.com.br/ultnot/2006/09/01/ult27u57592.jhtm>

http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas_respostas/olimpia-da_2016/index.shtml

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2306200707.htm>

<http://www.b9.com.br/1131/diversos/rio-2016-marca-da-candidatura/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Candidatura_do_Rio_de_Janeiro_para_os_Jogos_Ol%C3%ADmpicos_de_Ver%C3%A3o_de_2016

JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO

RIO 2016 OLYMPIC GAMES: EXPERIENCE REPORT AT THE AWARD CEREMONY

Ivo Lourenço Rodrigues NETO¹
ivo_fla@outlook.com

Briefing

The Olympic games of the modern era officially began with the creation of the International Olympic Committee (IOC) in 1890 with Baron Pierre de Coubertin as founder. The first participation of Brazil was in 1920, in Antuérpia. The pioneering Brazilian Alberto Santos Dumont reminds us the history of the athletes who had participated and contributed to the growth of the sport. The military have always been present in the Olympic deeds, currently, the Armed Forces present many athletes in their ranks to compete and fight for medals. Rio de Janeiro hosted major international events such as the Pan American Games in 2007, the 2011 Military World Games and the 2014 World Cup, thus beginning the movement towards the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games. The Armed Forces participated in the Olympics in competitions, in the fight against terrorism and in the awards ceremonies. Each Military Organization (OM) had to choose a quantity of military in order to participate in the event. Various training was done before and during the Games. We saw the greatness of the event regarding structure and organization. The competitions took place simultaneously and there were prizes every day, several times in different places. My participation took place in the Sambódromo, the Carnival Carioca site, Maracanã, Maracanãzinho and “Beach Arena” in Copacabana. As the games took place, we military, adjusted to the particularities of each place. The ceremony of hoisting flags of the winning countries was a time of great responsibility and nervousness took over us, but we performed tranquilly with discipline and dedication. There were seconds of tension waiting for the hymn to be played so that the first rope hoisted. The timing of raising

1 Historiador, aluno de pós graduação em História do Brasil Contemporâneo pela Estácio de Sá e Terceiro Sargento da Força Aérea Brasileira.

the flag next to the sound of the country's anthem was a source of great excitement. Rewarding the Brazilian Olympic champions to the world, watching us, stepping on the lawn and attending the ceremony was something unimaginable and was a unique experience, since Maracanã was the showcase of the games. The noblest Olympics competition was thrilling, Kenya dominated the marathon and was crowned Olympic champion both in the women's and men's competition. The closing ceremony was our last participation. It was the moment of awards from athletes who reached, there, the apex of their physical conditioning. The flame that came out of Greece, cradle of the Olympians, traveled the world and Brazil outside until arriving in one of the biggest stadiums of sporting events in the world, Maracanã. It brought the Olympic spirit where the opening and closing ceremonies of the games would be held.

Introdução

As competições olímpicas da era moderna tiveram início oficialmente com a criação do Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1890 e aconteceram em Atenas em 1896, (DA CA, 2016). A primeira participação do Brasil foi em 1920, na Antuérpia com a criação do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) em 1914, e as primeiras medalhas foram do Tenente Guilherme Paraense, ouro na pistola rápida e bronze na pistola por equipes, (MATARUNA, 2016). Vale pontuar que em 1905, Alberto Santos Dumont, o Pai da Aviação Brasileira, foi pioneiro nos Jogos por ter sido o primeiro brasileiro homenageado com um Diploma Olímpico:

Na ocasião, Pierre de Coubertin, então presidente do recém-inaugurado COI descreveu o Diploma Olímpico pelo significado atribuído aos laureados cujas as escolhas revelam raridade da premiação, não para recompensar a vitória esportiva, o recorde superado, o desempenho realizado, mas para atribuir a um homem por suas qualidades atléticas e, sobretudo, suas realizações que ele poderia ter feito. (...)

De acordo com Pierre de Coubertin, Alberto Santos Dumont representava o ideal olímpico, pois buscava constantemente superar os limites, procurando descobrir caminhos que ainda não haviam sido trilhados. Este era para Pierre de Coubertin, um dos

princípios essenciais do esporte. (DACOSTA, p. 16).

Esse pioneirismo do Brasil ligado à Alberto Santos Dumont nos remete a história dos atletas que participaram e contribuíram para o crescimento do esporte. Os militares estiveram sempre presentes nos feitos olímpicos.

Atualmente, as Forças Armadas apresentam muitos atletas em seu efetivo devido ao Programa Atletas de Alto Rendimento, que é uma parceria do Ministério da Defesa junto com o Ministério dos Esportes e visa a incorporação de atletas na graduação de Terceiro Sargento para representar a sua Força em torneios desportivos nacionais e internacionais (PROGRAMA, 2016). Além da participação dos atletas militares, as Forças Armadas atuaram no combate à defesa na garantia da Lei e da Ordem e também estavam envolvidos nas cerimônias de premiação dos Jogos.

Diante disso e somado à experiência da Cidade do Rio de Janeiro na realização de grandes eventos internacionais como os Jogos Pan Americanos de 2007, os Jogos Mundiais Militares de 2011 e a Copa do Mundo de 2014, começa o movimento olímpico rumo aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.

Assim, cada Organização Militar (OM) ficou responsável por designar um quantitativo de militares para serem compostas equipes, com isso, a Comissão de Desportos da Aeronáutica (CDA) designou-me para participar das cerimônias de hasteamento das bandeiras.

Desenvolvimento

A minha carreira na Força Aérea começou com o Curso de Formação de Soldados (CFSD) realizado no Batalhão de Infantaria Especial do Rio de Janeiro (BINFAE-RJ), no ano de 2009. Nesse período, tive a experiência de conhecer a vida no quartel e aprendi desde o início que as palavras hierarquia e disciplina são os pilares das Forças Armadas. A atividade física, sempre exercida com muito rigor pelas tropas da Companhia de Polícia da Aeronáutica (CPA), me estimulava a querer conhecer mais sobre o treinamento físico militar. Após a realização do CFSD, escolhi pertencer à tropa da Polícia da Aeronáutica

(P.A.) do BINFAE-RJ. Foi por pouco tempo, em torno de um ano e meio, porém, tive a felicidade de conhecer e conviver com militares altamente capacitados para o exercício de suas funções, seja ela, operacional ou desportiva. Continuei minha trajetória na Força Aérea, estudando e me preparando para futuro concursos internos. No ano de 2010, fui aprovado em dois concursos, um para realizar o Curso de Especialização de Soldados (CESD), na Universidade da Força Aérea (UNIFA) e outro para o Estágio de Adaptação à Graduação de Sargentos (EAGS), na Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAR).

O campus da UNIFA agrega outras unidades militares, dentre elas, a CDA. Diariamente, após o término das aulas do CESD, eu ia para o Centro de Excelência Olímpica do Campo dos Afonsos (CEO-CAF) para treinar na pista de atletismo, utilizava a academia e a piscina, e por fim, aproveitava para ver os atletas de alto rendimento treinarem. Com isso, meu interesse pelo desporto aumentou, à medida que eu conhecia os profissionais da área. No ano de 2011, fui cursar o EAGS na EEAR, que fica localizada na cidade de Guaratinguetá - SP. A rotina do aluno especialista exige muita disciplina e preparo físico. Posso dizer que na EEAR conheci o verdadeiro espírito olímpico. Mesmo não participando, tive contato com as competições desportivas que eram realizadas na escola. Na mesma época, foi realizada uma competição entre as três Forças, chamada MAREXAER (Marinha, Exército e Aeronáutica), aonde encontrei um irmão de farda e amigo de infância, o então aluno Cavalcante, que cinco anos depois estaria trabalhando comigo na Rio 2016.

Depois de formado como Terceiro Sargento, servi na Comissão de Promoções de Oficiais (CPO), em Brasília. Realizei os cursos na área de educação física ministrados pela CDA, como o Curso de Aplicação do Condicionamento Físico (CATF), no ano de 2012, em Brasília, no qual avalia o estado físico do militar, e o Curso para Orientação do Treinamento Físico Profissional Militar (COTF), que trabalha com a prática da educação física em todo Comando da Aeronáutica, também no ano de 2012, na sede da CDA. A realização desses cursos foi motivo para solicitar transferência para a CDA, onde fui classificado para servir no ano de 2014. Em meu cotidiano, atuo nessa área e pratico diversos esportes, principalmente, atletismo e lutas. Além disso, sou

formado em História e também trabalho com pesquisas historiográficas sobre o desporto na Força Aérea Brasileira. O fato de ter sido escolhido para representar minha Unidade e meu país na cerimônia de premiação dos Jogos Olímpicos Rio 2016, me fez muito honrado, ainda mais pela grande responsabilidade. Participar do maior evento de esportes do mundo e estar próximo de atletas de alto rendimento de todas as partes do mundo foi, sem dúvida, a maior experiência que eu poderia ter na minha carreira.

As equipes foram formadas a partir dos dias iniciais de treinamento no pátio do Terceiro Comando Aéreo Regional. Desde o início demonstramos amizade, companheirismo, camaradagem e muito espírito de corpo. Ao término dos treinamentos, fomos destinados às cerimônias que aconteceriam no Maracanã, Sambódromo e Copacabana.

As competições aconteciam simultaneamente e houve premiações todos os dias, por várias vezes e em lugares diferentes. A estrutura do evento era grandiosa e os nossos esforços também. Tínhamos muita responsabilidade e comprometimento com as regras e horários para a realização da premiação.

A minha primeira participação aconteceu no Sambódromo, palco do Carnaval Carioca, com a cerimônia do Tiro com Arco. Os atletas brasileiros dessa modalidade eram militares recém convocados pelo Programa de Alto Rendimento. O meu contato com eles era pouco, não conhecia sobre as regras, nem o esporte. Ao decorrer das competições pude conhecer os atletas, os treinamentos, os técnicos e sentir a emoção a cada acerto da flecha no alvo. Era impressionante a precisão, frieza e concentração que os atletas tinham para executar o movimento. Infelizmente, o Brasil não conseguiu medalhas nessa modalidade, mas deixou todo o público curioso por conhecer ainda mais esse esporte. Todas essas eram características que um atleta de Tiro com Arco precisava ter, e foram muito bem representados pelos sul-coreanos, vencedores na maioria das categorias. Era impressionante a sua performance, acertando o centro do alvo inúmeras vezes e conquistando a nota dez.

Durante as competições não tínhamos acesso à área de premiação, local onde ficavam os mastros, então, era uma surpresa saber se estava tudo em ordem. Entre as competições o tempo era cronometra-

do para averiguar se tudo estava perfeito, afinal, este é simplesmente o maior evento de esportes e o mundo estava nos assistindo. Mas nem tudo saiu como o esperado pela organização. Ao chegarmos aos mastros, percebemos que os mosquetões² simplesmente não eram apropriados ao tamanho da corda. Graças ao Primeiro Sargento Ricardo Stocco, da Marinha do Brasil, que levou mosquetões extras e com o tamanho apropriado, conseguimos engatar as bandeiras nas respectivas cordas.

No momento mais marcante, a cerimônia de hasteamento das Bandeiras dos países vencedores, o nervosismo tomou conta de nós, mesmo assim, conseguimos executar o hasteamento com sincronia junto ao som do Hino. Assim foi nossa primeira cerimônia.

Figura 1 Pista do Tiro com Arco



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

² Mosquetões são peças metálicas que prendem a bandeira à corda para que ela seja hasteada.

A cada dia a interação com as pessoas dos outros países era maior. Os estrangeiros ficavam maravilhados quando nos viam fardados. Quando menos esperávamos alguém pedia uma fotografia conosco e nesse clima de respeito e descontração aconteceram as competições no sambódromo.

As premiações do futebol de campo masculino e feminino ocorreram no Maracanã e as do Voleibol de quadra e praia aconteceram no Maracanãzinho e na “Beach Arena”, respectivamente. Precisávamos conhecer os locais antes dos eventos e a primeira visita ao estádio foi, infelizmente, frustrada. Não conseguimos acessar a área do campo devido à falta de autorização da organização. Sendo assim, fomos para Copacabana conhecer a “Beach Arena”, onde as competições eram realizadas sempre à noite e com um clima muito agradável. O Brasil era um dos favoritos à conquista da Medalha de Ouro, tanto na dupla masculina quanto na feminina.

No dia seguinte, retornamos ao Maracanã e ao entrarmos ficamos encantados com a imponência, a pira olímpica, o gramado... Enfim, conseguimos conhecer o local onde seria a premiação do futebol de campo, fizemos nosso primeiro treinamento, conhecemos seus bastidores, vestiários e cabines de imprensa. Ele abrigou eventos importantes e desta vez não foi diferente, a chama olímpica acesa na Grécia estava presente. Para mim e para todos os meus companheiros, pisar no gramado e participar da cerimônia era algo inimaginável e foi uma experiência única, pois, o Maracanã era vitrine dos jogos.

Na “Beach Arena”, as duas duplas Agatha e Bárbara e Bruno Smith e Alisson empolgavam a torcida. Durante as partidas, ficávamos nos corredores, embaixo das arquibancadas, que davam acesso à quadra de areia, com as Bandeiras e as medalhas à espera da partida terminar. Não tínhamos como assistir aos jogos, somente alguns lances, pois o espaço da quadra era pequeno e restrito ao pessoal envolvido com as partidas. No entanto, a vibração da torcida deixava nítida que a cada ponto, o Brasil estava mais perto de uma medalha.

A sensação de estar perto da premiação deixou toda a equipe da cerimônia apreensiva para que tudo ocorresse perfeitamente. Mesmo assim, havia descontração e brincadeiras. Este foi nosso primeiro

contato com as medalhas olímpicas e ficamos admirados com o seu formato, o detalhe da escrita, em braile e a logo dos jogos. Um desses momentos de descontração foi quando a ex-jogadora da seleção brasileira de voleibol, Ana Paula, que durante as partidas, era repórter da emissora oficial da Rio 2016, ficou conosco no dia da final feminina, aguardando a chuva diminuir. Nesse momento, conversamos, nos divertimos e tiramos até uma fotografia.

Figura 2: Premiação do Voleibol de Praia Feminino na Beach Arena.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

A dupla Agatha e Bárbara, ficou com a prata em uma disputa emocionante contra a dupla alemã, Ludwig e Kira Walkenhorst. Foi nossa primeira cerimônia com medalha olímpica para o Brasil. O espaço para marchar era pequeno, os mastros ficavam muito próximo das arquibancadas e dos fios das câmeras de transmissão. Mesmo com esses empecilhos, realizamos o hasteamento das Bandeiras. Já no voleibol masculino, com a dupla Bruno e Alisson, o vento e a chuva não foram impedimentos para derrotar os adversários. Foi preciso usar uma capa para proteger a farda da chuva e das bebidas que eram derramadas pelos torcedores eufóricos. O grito de campeão olímpico ecoou. A torcida vibrou, e pela primeira vez, fizemos o hasteamento da Bandeira do Brasil ao som do Hino Nacional.

Sabíamos da importância do evento e à medida que os jogos ocorriam, nós militares, nos adaptávamos às particularidades de cada local. Cada cerimônia era muita responsabilidade. Tudo era feito sempre com muito comprometimento, garbo, elegância, vibração e respeito. Não faltaram todas essas qualidades no hasteamento da Bandeira do Brasil, com um detalhe, a emoção ao premiar os jogadores brasileiros, campeões olímpicos perante ao mundo, que nos observava. Marchamos, paramos em frente aos mastros e fizemos “voltas volver”. Foram segundos de tensão à espera do Hino, que, então, tocou para darmos a primeira içada na corda. Hasteamos pela primeira vez a Bandeira do Brasil no lugar mais alto do pódio. Assim, nossa missão na “beach arena” foi encerrada.

Os jogos não paravam e o tempo parecia passar mais rápido. Tudo era muito intenso, tínhamos que chegar cedo e sem hora para voltar. E assim, se estendeu até o fim dos jogos.

A premiação seguinte foi a do voleibol de quadra feminino. Infelizmente, a equipe brasileira não conseguiu a chance de disputar uma medalha, mas isso não tirou o brilho nem o talento das “meninas”, que foram derrotadas pela seleção da China, que terminou como a campeã olímpica.

O voleibol masculino comandado pelo grande campeão, o técnico Bernardinho, passou por dificuldades no começo, mas conseguiu se classificar para a disputa de medalha com muita luta, entrega e dedicação dos atletas. O Brasil conquistou o direito de jogar a final olímpica contra a forte seleção da Itália. O Maracanãzinho estava lindo e a torcida fazia o seu show à parte. A cada ponto do Brasil, a cada bloqueio, os chamados “monster blocks”, vibravam a torcida, que empurravam os jogadores para a vitória. A seleção de Bernardinho conseguiu o que parecia ser impossível, chegar à final e derrotar os italianos. O clima era maravilhoso e vibramos juntos com cada jogador. Foi, então, chegada a nossa hora, hastear a Bandeira do Brasil. Mais uma vez, marchamos rumo às hastes de ferro, e dessa vez, para engatá-la e vê-la subir no lugar mais alto do pódio. Prestamos nossa continência ao som do Hino Nacional. A torcida estava extasiada com a conquista. Após a cerimônia, a quadra virou uma festa dos jogadores e organizadores, aproveitei esse momento para registrar em uma fotografia esse grande dia.

Figura 3: Premiação do Voleibol de quadra masculino no Maracanãzinho.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 4: Premiação do Voleibol de quadra masculino.



Fonte: Arquivo pessoal.

O Maracanã ainda reservava mais emoções e elas vieram com o futebol. A seleção feminina comandada por Marta, infelizmente não conseguiu uma medalha olímpica. Ainda assim, sua garra, determinação e vontade de vencer contagiou e empolgou a todos. Ao final, a Alemanha conquistou a medalha de ouro.

Pensar que neste mesmo local passaram grandes nomes do futebol mundial era motivo de muita orgulho e honra. Quando passei pelos corredores que davam acesso ao gramado, imaginei como poderia ser a sensação de ser um jogador e representar meu país. Era diferente de tudo que havia passado até então. A organização tinha pouco tempo para montar a estrutura no meio do campo. Nós fomos os primeiros a entrar, pois estávamos com as Bandeiras, logo em seguida, entraram as jogadoras em direção ao pódio. Eu carreguei a bandeira da terceira colocada e, por isso, o primeiro a pisar no campo até chegar ao mastro. Foi emocionante marchar com todas as câmeras focando esse momento e hastear as Bandeiras.

A seleção masculina de futebol, comandada pelo técnico Micale, tinha o objetivo de levar o Brasil ao inédito ouro olímpico. O futebol brasileiro obteve grandes conquistas ao longo dos anos, mas ainda não tinha a tão cobiçada medalha. O Brasil disputou a final contra a Alemanha. Mais uma vez, o “fantasma” da Copa do Mundo pairou sobre a torcida, mas o Maracanã estava lotado, a torcida fez sua parte e nós estávamos observando tudo dos bastidores. Acompanhamos a vitória sofrida nos pênaltis. A realização do sonho olímpico foi concretizada. O único título que faltava ao futebol brasileiro foi conquistado, e nós, mais uma vez, tínhamos a oportunidade de hastear a Bandeira do Brasil. Logo, vimos os jogadores brasileiros nos corredores vibrando com a conquista e isso só aumentou o nosso desejo de executar a cerimônia com perfeição. Marchamos pelo gramado e a torcida vibrava, pois, o grande palco do futebol recebia uma das mais empolgantes premiações das Olimpíadas.

A sensação de estar junto aos jogadores vencedores e ser o primeiro a entrar na cerimônia foi novamente motivo de orgulho e responsabilidade. Carreguei junto ao Sargento Rafael, do Exército Brasileiro, a bandeira da Nigéria, que conquistou a terceira posição, portanto a medalha de bronze. A Bandeira do Brasil foi carregada pelos Sargen-

tos Ricardo Stocco, da Marinha do Brasil e Sandro, da Aeronáutica, a primeira colocada e medalha de ouro. Com a Bandeira da Alemanha, segunda colocada e medalha de prata, estavam os Sargentos Cavalcante, do Exército e Aline, da Marinha. A cada içada na corda sentia a vibração da torcida no canto do Hino. A emoção da cerimônia contagiou a todos nós. E assim, essa noite mágica aconteceu, com a vitória brasileira no país do futebol.

Já a cerimônia de premiação da Maratona feminina foi realizada no Sambódromo, em pleno inverno carioca o sol “castigou” as atletas maratonistas. A competição mais nobre das Olimpíadas foi igualmente emocionante e, pela primeira vez, o Quênia venceu a Maratona feminina. O início e a chegada aconteceram no Sambódromo. Diferentemente do que aconteceu no Tiro com Arco, tínhamos acesso ao local da prova. Nesse dia foi difícil estarmos com a farda de representação, pois estava muito quente. Houve uma situação inusitada, não era comum ter contato com os representantes que faziam a entrega das medalhas, mas um deles veio até mim, e em inglês, disse que também se chamava Ivo, dei uma risada sem graça, pois não consegui entender muito bem o que ele havia falado, então pedi ao Sargento Rafael para traduzir, infelizmente não lembro sua nacionalidade nem ao órgão que pertencia, mas foi um momento de descontração e gerou boas risadas.

Os 42 quilômetros foram percorridos pela região do Centro do Rio, que foi revitalizada e possui vista para a Baía de Guanabara. Foi emocionante ver as atletas superando seus limites e diminuindo seus tempos de realização da prova. O cansaço do percurso era perceptível devido ao clima muito quente e ao desgaste físico impressionante. Assim que cruzavam a linha de chegada, algumas atletas precisavam ser atendidas pelo apoio médico.

O evento estava chegando ao fim e a nossa participação também. A cerimônia de encerramento foi motivo de muita alegria e festa para todos nós. Estávamos preparados para cumprir nossa última etapa nos Jogos, o hasteamento das bandeiras dos primeiros colocados na Maratona masculina. O Quênia dominou a maratona e sagrou-se campeão olímpico, tanto na disputa feminina quanto na masculina.

Esse dia foi tumultuado, a chuva atrapalhou a organização do evento. Eram muitos bailarinos, atletas, celebridades da música, moda

e televisão que aguardavam para entrar no campo, assim como nós. Percebemos que éramos “estranhos” aos olhos dos bailarinos pelo uso da farda engomada e postura, mas tudo foi encarado como mais um momento de descontração. Quando chegou a nossa hora de entrar, marchamos, pela última vez, no gramado do Maracanã, foram as nossas últimas “passadas”. A chuva e os fortes ventos deixaram as bandeiras altivas e vibrantes no lugar mais alto do mastro realçando a beleza da cerimônia.

Figura 5: Premiação do Tiro com Arco no Sambódromo



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Considerações Finais

A experiência de participar do maior evento esportivo do mundo realizado no Brasil foi um momento único. Os maiores atletas passaram pelas arenas, ruas, pistas, piscinas, tatames, quadras e etc. Vimos de perto o verdadeiro espírito olímpico, superação, entrega, determinação, coragem, e sabedoria. Recordes foram batidos, novas conquistas se concretizaram, e o mais importante sem nenhuma ocorrência de atentado ou crime de alta periculosidade. O Rio de Janeiro recebeu pessoas do mundo inteiro e quem passou por aqui se sentiu acolhido e em casa. O momento em que nós carregávamos as Bandeiras dos países vencedores era de muito comprometimento e responsabilidade, pois ela é o símbolo que representa toda uma nação, e nós, militares, tínhamos essa incumbência, de levá-la ao mastro e prestar nosso total respeito. O sentimento do dever cumprido se fez após a última participação na cerimônia de encerramento dos Jogos Rio 2016.

Referências

DACOSTA, Lamartine. MIRAGAYA, Ana. Santos-Dumont: Pioneiro da aviação esportiva e primeiro herói olímpico do Brasil. Rio de Janeiro: Engenho e Arte, 2016.

MATARUNA-DOS-SANTOS, Leonardo José. Apresentação do Dossiê. Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 9-12, 2016.

PROGRAMA de Alto Rendimento é assegurado pelos Ministérios do Esporte e da Defesa. In: Esporte. Portal Brasil. 2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2016/10/programa-de-alto-rendimento-e-assegurado-pelos-ministerios-do-esporte-e-da-defesa/05-10-2016-debate_programa_alto_rendimento2.jpeg/view>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Tiragem	500 exemplares
Formato	16x22 cm
Tipologia	Arial, 12 Berlin Sans FB, 22
Papel	Off-set 75g/m ² (miolo) Cartão Triplex 250g/m ² (capa)



Secretaria do Estado de
Esporte, Lazer e da Juventude



GOVERNO DE
SERGIPE
A GENTE CUIDA COM TRABALHO



SCENARIOS
CENTRO DE PESQUISAS EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA,
ESPORTE, LAZER E ESPORTE ADAPTADO DO ESTADO DE SERGIPE

GPEOP
Grupo de Pesquisa em Estudos
Olimpícos e Paraolímpicos

SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE
Segrase